



Migración - Choque y Adaptación Sociocultural
Migração - Choque e Adaptação Sociocultural

SONIA GENI RIBEIRO DE LUCA

-2015-

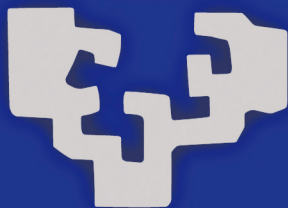


emian ta zabal zazu
Universidad
del País Vasco

Euskal Herriko
Unibertsitatea

MDe
Master eta Doktorego Eskola
Escuela de Máster y Doctorado
Master and doctoral School

eman ta zabal zazu



Universidad
del País Vasco

Euskal Herriko
Unibertsitatea

Sonia Geni Ribeiro De Luca

Migración - Choque y Adaptación Sociocultural
Migração - Choque e Adaptação Sociocultural

Directora: Nekane Basabe Barañano

Codirectora: Saioa Telletxea Artzamendi



-2015-



*A arte de viver consiste em compreender que
somos de todas as partes ao mesmo tempo
em que não pertencemos a nenhuma delas!*

*!El arte de vivir consiste en comprender que
somos de todas las partes al mismo tiempo
que no pertenecemos a ninguna de ellas!*

*Bizi izateko trebetasuna datza leku guztietakoak
garela ulertzea aldi berean inongoak ez garelarik!*

Sonia Geni Padoan Ribeiro De Luca





meus ancestrais...

meus Pais Nelson e Maria (em Memoria)...

meus irmãos...

meus sogros Pompeo (em Memoria) e Cecilia...

meu esposo Carlos...

meus filhos Carlos e Gustavo...

existência em si mesma!

Agradecimentos

Comecei fazendo uma lista das pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para que eu conseguisse realizar este trabalho de tese. Na realidade iniciei com as pessoas que estão mais presentes neste momento e um nome levou ao outro... ao outro...ao outro... quando percebi estava empreendendo uma viagem através do tempo onde estes nomes se transformaram em encontros, alguns doces e tranquilos e outros nem tanto, mas foram estes encontros que possibilitaram este momento.

Foram e são muitos os encontros...

Embora seja possível separar cronologicamente estes encontros, eles se intercalam em espaços físicos muito diversos, por isto manifesto meus agradecimentos em função da localização geográfica.

Inicialmente quero agradecer a Loli Alonso Crespo e a Sabino Ayestaran Etxeberria, pela forma profissional e carinhosa com a qual me receberam proporcionando meu ingresso no curso de doutorado na UPV (Universidade do País Vasco, Espanha), seguidamente aos professores com os quais tive contato durante o período acadêmico, em especial a Dario Páez Rovira e Nekane Basabe Barañano, os quais me contagiaram com sua paixão pela investigação e me permitiram realizar os primeiros estudos em imigração admitindo-me em sua equipe; também a Saioa Telletxea Artzamendi e Cristina Martinez de Taboada pelas quais guardo muita consideração, assim como pelas companheiras Anya Zlobina e Mirian Campos e Magdalena Bobowik com as quais realizei algumas publicações, à sempre presente e atenta Inês Marcos. Agradeço também a Isabela Souza Almeida pela ajuda e pelas horas de dedicação; a Julia Pitsch de Farias e Anna Wlodarczyk pela colaboração; a Iker Alegria Lertxundi e Mathias Gimenez Arabi pelo apoio informático; a Ana Rocandio e Alberto Amuito Kareaga pelos ânimos e pela companhia; Antonio Gómez (do Ikuspegi), por proporcionar contatos e informações estatísticas; e aos “protagonistas” anônimos que incondicionalmente participaram nos grupos de discussão e nas entrevistas.

E como não podia deixar de mencionar agradeço aos companheiros com os quais comparti escritório durante muitas horas nestes últimos tempos: Nekane Basabe, Saioa Telletxea, Isabel Robres, José Felix Aispiazua Irabien, Priscila Comino González, Daniella Alves, Angel Beldarrain e Alberto Amuito, pela boa acolhida, consideração, respeito, companheirismo e pelo bom ambiente gerado.

Tenho muita alegria de poder transmitir também meus agradecimentos a Geronimo Mendoza Meraz e Guillermo Hernandez Orozco que me receberam na UACH (Universidade Autônoma de Chihuahua, México) e, com muita atenção e dedicação me brindaram a oportunidade de viver uma experiência impar, na qual pude entrar em contato com culturas bastante diversificadas, também quero agradecer a Gabriel Ortiz, a Loli Mendoza, Gabriela Noriega Acosta e as comunidades Menotita e Tarahumara, pela colaboração e amabilidade durante minha permanência no México.

Com muito carinho agradeço a Gerval Almeida, Lucia Regina Martins de Souza da UNITAU (Universidade de Taubaté, Brasil), Vera Lucia Pereira Ribeiro, Osni Moura, Walkiria Vasconcellos e Denise Peneluppi Rosa pelas horas dedicadas em apoio e orientação neste processo. À diretoria e os associados do Centro Vasco Eusko Alkartasuna de São Paulo, que desde o primeiro contato que mantivemos se mostraram sempre dispostos, entre eles os mais veteranos, a nova geração e alguns que já não fazem parte mais da associação: José Antonio Alava Ugarte, Elias Echegoyen Tabar, Isidoro Riezu Azurmendi, Bernard Otondo, Simon Aguirre Charterina, Jon Lizabarburu, Oskar Goitia, Estebe Ormazabal, Maribel Garcia, Francisco Alava, Maria Ines Olanar Mugica, José Inacio Perez Ecurra, Fernando Lancho Aguirre, Amable Conde y Elustondo, Andres Arrasti, Luis Villaba, Maria Elizabete Suano Nuin, Francisco Xabier Nuin, Ivan Zumalde, Jaione Badiola e a atual direção Pilar Garcia Alava, Jon Andoni Lizaraburu, Maite Garcia Alava e Bernard Dominique Otondo e a todos os vascos e vascas que no momento não estão nomeados, mas que merecem os meus mais sinceros agradecimentos.

De igual importância porém que não são do meio acadêmico e que indiretamente têm parte de responsabilidade neste resultado, por seu auxílio pontual em outras esferas da minha existência durante este período, sinto a satisfação de agradecer a Alfonso Aizpun, Javier Zubiaurre, Nerea Txurruka, Marcio Padoan, Manuel e Anne Arozamena, Lucia de Oliveira, Maria do Carmo Pereira, Rosa Danek, Maria Alice Reis, Florida De Luca, Paulo Peneluppi, a meus tios Zenaide, Marcilia, Antonia e Otavio (in memória) e a todos os que fizeram parte destes encontros!

E não termina..... Agradeço....

Por sempre estarem presentes, mesmo distantes... aos meus irmãos Osni Moura Ribeiro, Benedito Moura Ribeiro, Zuleica Padoan Ribeiro, Maria do Carmo Reis, Arlete Padoan Ribeiro e Pedro Moura Ribeiro, pelo apoio, pela disponibilidade, afeto e dedicação.

Aos meus amados Gustavo Ribeiro De Luca, por haver elaborado pacientemente a arte gráfica da capa e entre capas desta edição, a Carlos Pompeo De Luca Junior e a Carlos Pompeo De Luca pela boa vontade, interesse, paciência, apoio criativo e por estarem sempre atentos cuidando de mim.

E para finalizar volto a agradecer a:

Saioa Telletxea Artzamendi pelos meses de orientação e contribuição nos estudos desta tese, pela disposição, dedicação, alegria e constante bom humor.

Nekane Basabe Barañano, que me acompanhou durante todos estes anos...orientando-me nas atividades acadêmicas, dando-me ânimos nos momentos em que eu não me considerava capaz de seguir e ensinando-me por um lado com sua competência, exigência e humildade e por outro lado com o seu caráter observador, constante, dedicado, perfeccionista, carinhoso e amigo.

Obrigada!

Obrigada a todos vocês, por permitirem que estes encontros não fossem desencontros!

Sonia Geni Padoan Ribeiro De Luca

ÍNDICE DE CONTENIDOS - ÍNDICE DE CONTEÚDOS

INTRODUCCIÓN - INTRODUÇÃO	1
INTRODUCCIÓN	3
INTRODUÇÃO	11
I. ANTECEDENTES	19
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO: BRASIL E ESPANHA	21
1.1. PARA ESPANHA: IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA ESPANHA E NO PAÍS VASCO	21
1.1.1. Imigração brasileira na Espanha	21
1.1.2. Imigração brasileira no País Vasco	24
1.2. PARA O BRASIL: IMIGRAÇÃO ESPANHOLA E VASCA NO BRASIL	25
1.2.1. Brasil e região Sudeste	25
1.2.2. Imigração espanhola no Brasil	26
1.2.3. Imigração basca no Brasil.....	29
2. CULTURA, DIMENSÕES CULTURAIS E CHOQUE CULTURAL	31
2.1. MODELO DE HOFSTEDE	33
2.1.1. Distancia Hierárquica	34
2.1.2. Individualismo e Coletivismo	35
2.1.3. Masculinidade e Feminilidade	37
2.1.4. Evitar as incertezas	38
2.1.5. Orientação temporal	40
2.1.6. Nova perspectiva da orientação temporal	41
2.1.7. Culturas Indulgentes versus Restritivas	41
2.1.8. Diferenças culturais: Espanha e países de origem dos imigrantes residentes no País Vasco	42
2.1.8.1. Distância Hierárquica: Espanha e países da amostra	43
2.1.8.2. Individualismo e Coletivismo: Espanha e países da amostra	43
2.1.8.3. Masculinidade e Feminilidade: Espanha e países da amostra	44
2.1.8.4. Evitar a Incerteza: Espanha e países da amostra	44
2.1.8.5. Orientação Temporal: Espanha e países da amostra	45
2.1.8.6. Indulgência versus Restrição: Espanha e países da amostra	45
2.2. MODELO DE TRIANDIS	46
2.3. MODELO DE TROMPENAARS	47
2.3.1. Universalismo versus Particularismo	47
2.3.2. Individualismo versus coletivismo	47
2.3.3. Neutra versus Afetiva	48
2.3.4. Específica versus Difusa	48
2.3.5. Logro versus Adscrição	49
2.3.6. Orientação Temporal: Sequencial versus Sincrônica	50
2.3.7. Controle interno versus controle externo	50
2.4. MODELO DE SCHWARTZ	51
2.5. COMUNICAÇÃO E DIFERENÇAS CULTURAIS	53
2.5.1. Diferenças na comunicação segundo o contexto: Alto, Baixo e Misto	53
2.5.1.1. Culturas de Baixo Contexto (LC)	53
2.5.1.2. Culturas de Alto Contexto (HC)	54
2.5.1.3. Culturas Mistas: de Alto e Baixo Contexto	54
2.5.2. Diferenças na comunicação segundo o Âmbito: Público ou Privado	54
2.5.3. Diferenças na comunicação segundo a Expressão da afetividade	55
2.5.4. Diferenças na comunicação segundo a Forma de falar	55
2.5.4.1. Comunicação Diferente e Ritual	55
2.5.4.2. Estilos Sucinto e Exato versus Exagerado	55
2.5.5. Diferenças na comunicação marcadas pelo: Silêncio, Sorriso e o Contato visual	56
2.5.6. Diferenças na comunicação marcadas pelo contato físico	57
2.5.6.1. Culturas de Alto Contato	57
2.5.6.2. Culturas de Baixo Contato	57
2.5.7. Diferenças na comunicação segundo a forma de dirigir-se aos demais	58

2.5.8. Diferenças na comunicação em relação a noção do tempo	58
2.6. FAMILISMO E ACULTURAÇÃO	59
2.6.1. Valores Familistas e Aculturação	60
2.7. CHOQUE CULTURAL	61
2.7.1. Distancia cultural percebida.....	62
2.7.2. Fazes ou Etapas do Choque cultural	63
2.7.3. Adaptação Sociocultural: Escala de dificuldades de adaptação sociocultural (SCAS)	65
3. ACULTURAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO	67
3.1. ACULTURAÇÃO	69
3.2. ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO: MODELOS TEÓRICOS	70
3.3. STRESS ACULTURATIVO E AJUSTE PSICOSSOCIAL	72
3.4. ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO E ADAPTAÇÃO PSICOSSOCIAL: META ANALISE	73
4. EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA	75
4.1. ESTEREÓTIPOS	75
4.1.1. Estereótipos e seus conteúdos	75
4.1.2. Estereótipos em relação ao Brasil e aos brasileiros	78
4.1.3. Meta estereótipos: percepção que os brasileiros tem de como são percebidos pelos espanhóis	78
4.1.4. Brasil e os brasileiros no imaginário das pessoas espanholas	79
4.1.5. Estereótipos em relação á Espanha e aos espanhóis	79
4.1.6. Espanha e os espanhóis no imaginário das pessoas brasileiras	80
4.1.7. Espanha e os espanhóis no imaginário das pessoas espanholas	80
4.1.8. Estereótipos regionais	81
4.1.9. Atitudes dos espanhóis e dos bascos em relação aos grupos de imigrantes	81
4.2. ESTRATÉGIAS DO MANEJO DA IDENTIDADE NEGATIVA E DO ESTIGMA SOCIAL DA IMIGRAÇÃO	82
4.2.1. Tipologia exaustiva das formas de afrontamento	83
4.2.1.1. Formas de afrontamento individual	83
4.2.1.1.1. Formas de afrontamento individual condutual	84
4.2.1.1.2. Formas de afrontamento individual cognitiva	84
4.2.1.2. Formas de afrontamento coletiva	85
4.2.1.2.1. Formas de afrontamento coletiva cognitiva	86
4.2.1.2.2. Formas de afrontamento coletiva condutual	86
4.2.2. Formas de afrontamento perante a imigração no País vascos: Estudo quantitativo	87
II. ESTUDIOS	89
ESTUDIO 1.	91
TRANSCULTURACIÓN E IDENTIDAD ÉTNICO-CULTURAL: INMIGRACIÓN EXTRA-COMUNITARIA EL PAÍS VASCO.....	93
RESUMEN	93
1. INTRODUCCIÓN	94
2. HIPÓTESIS	101
3. MÉTODO Y PROCEDIMIENTO	102
4. RESULTADOS	105
5. DISCUSIÓN	113
ESTUDIO 2.	119
ADAPTACIÓN SOCIOCULTURAL DE INMIGRANTES BRASILEÑOS EN EL PAÍS VASCO: BIENESTAR Y ACULTURACIÓN	121
RESUMEN	121
1. INTRODUCCIÓN	122
2. OBJETIVOS E HIPÓTESIS	126
3. MÉTODO Y PROCEDIMIENTO	127
4. RESULTADOS	130
5. DISCUSIÓN	135
ESTUDIO 3.	141
CHOQUE Y ADAPTACIÓN SOCIO-CULTURAL UNA VISIÓN EN ESPEJO: VASCOS Y BRASILEÑOS	143
RESUMEN.....	143
1. INTRODUCCIÓN	144
2. OBJETIVOS E HIPÓTESIS	151
3. MÉTODO Y PROCEDIMIENTO	154

4. RESULTADOS	161
5. DISCUSIÓN	182
ESTUDO 4	197
CHOQUE CULTURAL E EXPERIÊNCIA DE MINORIA DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PAÍS VASCO: UM ESTUDO QUALITATIVO	199
RESUMEN	199
1. INTRODUÇÃO	201
2. OBJETIVOS E HIPÓTESES	208
3. MÉTODO E PROCEDIMENTO	210
4. RESULTADOS	218
5. CONCLUSÃO E DISCUSSÃO	279
CONCLUSIONES - CONCLUSÕES	293
CONCLUSIONES: DISCUSIÓN GENERAL	295
CONCLUSÕES: DISCUSSÃO GERAL	321
REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA	349
ANEXOS	369
ANTECEDENTES	371
Anexo 1. Escala de Adaptación Sociocultural (SCAS) Reducida	371
ESTUDIO 1, ESTUDIO 2 y ESTUDIO 3	373
Anexo 1. Escalas: cuestionario	373
ESTUDO 4	385
Anexo 1. Sistema inicial de categorização.....	385

ÍNDICE DE ANEXOS EM CD

ESTUDO 4

ANEXO 1. ESTUDO 4. GRUPO A, B Y C. QUESTÕES 01 A 11 E 21
ANEXO 2. ESTUDO 4. GRUPO A, B Y C. QUESTÕES 12 A 19
ANEXO 3. ACORDO INTER JUÍZES
ANEXO 4. IDEIAS TEXTUAIS
ANEXO 5. BASE DE DADOS - GRUPOS DE DISCUSSÃO

ÍNDICE DE TABLAS - ÍNDICE DE TABELAS

INTRODUCCIÓN - INTRODUÇÃO

Tabla 1. MIGRACIÓN: CHOQUE Y ADAPTACIÓN SOCIOCULTURAL	09
Tabela 1. MIGRAÇÃO: CHOQUE E ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL	17
ANTECEDENTES	
Tabela 1. Brasileiros registrados como residentes na Espanha entre os anos de 1966 e 2014	23
Tabela 2. Comunidades espanholas com mais brasileiros registrados como residentes entre 1998 e 2014	24
Tabela 3. Brasileiros registrados como residentes no País Vasco entre 2003 e 2014	25
Tabela 4. Espanhóis inscritos no CERA como residentes no Brasil entre 2006 e 2014	29
Tabela 5. Cidadãos bascos inscritos no CERA como residentes no exterior entre 2006 e 2014 (Brasil e demais países).	31
Tabela 6. Pontuações nas Dimensões Culturais de Hofstede por regiões e países	42
Tabela 7. Modelo de Triandis (1995)	46
Tabela 8. Universalismo versus Particularismo	48
Tabela 9. Individualismo versus Coletivismo	48
Tabela 10. Neutra versus afetiva	49
Tabela 11. Específico versus difusa	49
Tabela 12. Logro versus Adscripción	49
Tabela 13. Orientação Temporal: Sequencial versus Sincrônica	50
Tabela 14. Controle Interno versus Controle Externo	51
Tabela 15. Objetivos, tipos motivacionais e características principais do Modelo de Schwartz	52
Tabela 16. Comparação entre a tipologia dos valores de Schwartz e Hofstede	53

Tabela 17. Descrição das dimensões da SCAS: análise fatorial exploratório	67
ESTUDIO 1.	
Tabla 1. Países de procedencia y distribución según género.....	105
Tabla 2. Componentes de la identidad de Origen y de Acogida: Análisis Factorial exploratorio	109
ESTUDIO 2.	
Tabla 1. Escala de Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS). Análisis factorial exploratório	131
Tabla 2. Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS): análisis de medidas repetidas (Tiempo 1vs. Tiempo 2)	132
Tabla 3. Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS tiempo 2) y Bienestar: Correlaciones	133
Tabla 4. Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS) y Conductas de Aculturación: ANCOVA	134
Tabla 5. Dificultades de Adaptación Sociocultural y Actitudes de Aculturación en la Esfera Privada: ANCOVA	135
ESTUDIO 3.	
Tabla 1. Provincia de nacimiento, origen migratoria y residencia de los inmigrantes	155
Tabla 2. Características socio-demográficas de muestras divididas: Grupo 1 y Grupo 2	156
Tabla 3. Escala de adaptación socio cultural : ítems con diferencias significativas entre los dos grupos de inmigrantes...	164
Tabla 4. SCAS Todos los ítems - medias y SD retrospectiva y actual	165
Tabla 5. Variables asociadas descriptivos y diferencia medias	171
Tabla 6. Contraste- Estudio autóctonos y inmigrantes	173
Tabla 7. Estrategias de aculturación	175
Tabla 8. Correlaciones entre valores personales y escala de adaptación sociocultural	177
Tabla 9. Efectos condicionales de la percepción de prejuicio (actitud positiva de los autóctonos) en las SCAS D2 para valores específico de los moderadores (estimulación)	179
ESTUDO 4.	
Tabela 1. Mostra Grupos de discussão	210
Tabela 2. Descrição da mostra	211
Tabela 3. Entrevista semi estruturada - 1º encontro	212
Tabela 4. Roteiro semi estruturado - 2º encontro	213
Tabela 5. Datas dos encontros	214
Tabela 6. Exemplo da tabela de acordo inter juízes	219
Tabela 7. Numero e porcentagem: de acordos, desacordos e ideias por grupo de discussão	219
Tabela 8. Coeficientes de Fiabilidade do sistema de categorização	220
Tabela 9. Frequências e números de ideias por macro categorias, categorias e códigos - primeira redução	221
Tabela 10. Formas de afrontamiento más prevalentes	252
Tabela 11. Formas de afrontamiento excluídas	253
Tabela 12. Formas de afrontamiento individuales y colectivas: comparación entre resultados cualitativos y cuantitativos.....	254

ÍNDICE DE FIGURAS - ÍNDICE DAS FIGURAS

ANTECEDENTES

Figura 1. Distancia Hierárquica – Espanha e países da mostra	43
Figura 2. Individualismo e Colectivismo: Espanha e países da mostra	43
Figura 3. Masculinidade e Feminilidade : Espanha e países da mostra	44
Figura 4. Evitar as incertezas: Espanha e países da mostra	44
Figura 5. Orientação Temporal: Espanha e países da mostra	45
Figura 6. Indulgencia versus Restrição: Espanha e países da mostra	45
Figura 7. Aculturação: Mudanças producidas a nivel grupal e individual como resultado do contato entre culturas	70
Figura 8. Estratégias de aculturação segundo o Modelo Bidimensional de Aculturação de Berry	71
ESTUDIO 1.	
Figura 1. Componentes de la identidad (pertenencia, conductual y actitudes) país de origen y acogida	106
Figura 2. Actitudes de aculturación: estrategias de adaptación	107
Figura 3. Orientaciones y Actitudes: diferencia entre país de origen y acogida, por países	108
Figura 4. Percepción de discriminación por países/regiones	110
Figura 5. Índice de dificultad de adaptación-total por país/región	111
Figura 6. Estrategias de adaptación y ajuste psicológico y social	111

ESTUDIO 3.

Índice General

Figura 1. SCAS (13) Entender el acento y el idioma local	166
Figura 2. SCAS (18) Ir al médico	167
Figura 3. SCAS(12) Tratar con personas que lo miran fijamente	168
Figura 4. Valores de Tradición por tiempo de estancia y grupo	169
Figura 5. Jerarquía de valores: comparación.....	170
Figura 6. Prácticas culturales de la sociedad de acogida según tiempo de estancia y grupo	174
Figura 7. Actitudes hacia la sociedad de origen según tiempo de estancia y grupo	175
Figura 8. Familismo: obediencia y respeto según estrategias de aculturación y grupos	176
Figura 9. Actitud positiva hacia inmigrantes y SCAS – Distancia social en función de la Motivación de Estimulación	180
Figura 10. Modelo de mediación del apoyo social entre Prejuicio y Balanza de afectos	181
ESTUDO 4.	
Figura 1. Exemplo de codificação (programa Atlas.ti)	215
Figura 2. Tela inicial do programa Atlas.ti v.7	216
Figura 3. Frequência de ideias por macro categoria.....	223
Figura 4. Rede de Ideias - I. Percepção de diferenças	225
Figura 5. Rede de ideias co-ocorrentes - I. Percepção de diferenças	228
Figura 6. Rede de Ideias - II. Motivos para migrar	230
Figura 7. Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos	233
Figura 8. Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos (lado 1)	234
Figura 9. Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos (lado 2)	235
Figura 10. III. Estratégias de adaptação	237
Figura 11. Rede de ideias co-ocorrentes - Estratégias de adaptação entre suas esferas	242
Figura 12. Rede de ideias co-ocorrentes - Estratégias de adaptação e demais categorias	243
Figura 13. Experiência de minoria étnica	244
Figura 14. Estereótipos	245
Figura 15. Discriminação	246
Figura 16. Rede de ideias: Discriminação	251
Figura 17. Formas de afrontamento destacadas nos discursos: Frequências	252
Figura 18. Rede de Ideias: Afrontamento	256
Figura 19. Rede de Ideias: Formas de afrontamento individual condutual	258
Figura 20. Rede de Ideias - Formas de afrontamento cognitiva individual	259
Figura 21. Rede de Ideias - Formas de afrontamento coletiva cognitiva	265
Figura 22. Rede de Ideias: Formas de afrontamento coletiva – condutual	266
Figura 23. Rede de Ideias: Formas de afrontamento com maior numero de frequências	267
Figura 24. Rede de ideias co-ocorrentes - Mobilidade individual	270
Figura 25. Rede de ideias co-ocorrentes - Diferenciação - Eu/Nós	271
Figura 26. Rede de ideias co-ocorrentes - Comparação social vantajosa intra grupos	275
Figura 27. Rede de ideias co-ocorrentes - Regulação e controle emocional	276
Figura 28. Rede de ideias co-ocorrentes - prejuízo grupal	277
Figura 29. Rede de ideias co-ocorrentes: Competição Social	278

Introducción Introdução



Migración - Choque y Adaptación Sociocultural
Migração - Choque e Adaptação Sociocultural

INTRODUCCIÓN

La Migración, entendida en un sentido general como “movimiento”, lleva implícito en su significado la necesidad que tiene “el que existe”, de moverse de un lugar a otro, de buscar nuevas fuentes de vida, de romper fronteras, de obtener, dejar, mezclar y desparramar semillas, de cambiar y de mejorar.

Se dice “del que existe” porque de este movimiento participan y tienen necesidad los seres vivos de todas las especies, como las aves, los animales, los árboles... y también los humanos. Todos, tienen necesidad de moverse, sea por el motivo que sea, en el grado, en la distancia y en el tiempo que le corresponda. Desde siempre “el que existe” se mueve y es este movimiento el que hace posible su existencia, mezcla y preservación. Las aves en temperaturas frías vuelan en busca de lugares cálidos, los árboles lanzan sus semillas al viento, el hombre busca nuevos hogares...y, la existencia se cría a cada instante, cada vez más diversificada y sin límites.

Aunque, tan antigua como la aparición de los seres vivos, la migración se presenta hoy como un tema muy actual y que en cierta manera afecta a todas las dimensiones de la vida de las personas. Son muchos los motivos para moverse, gran parte de las personas salen en busca de una vida mejor, por ejemplo, muchas salen buscando suplir sus necesidades primarias (alimentación, vivienda, etc.), otros salen en busca de aventura, otros en busca de una situación financiera mejor y otros porque han oído hablar que en otro lugar se está mejor. Pero, en todas las situaciones, salen de lo conocido para desembarcar en lo desconocido, y lo que les caracteriza es la diversidad de motivos y oportunidades que llevan al ser humano a salir de su lugar de origen y moverse en el espacio que se presenta como posible, o muchas veces como imposible; de estar en un constante proceso de instalación, cambio, modificación, adaptación, construcción y reconstrucción de su realidad psicológica, social y cultural y de estar a merced no sólo de sus límites, deseos, necesidades y expectativas sino también de los límites, deseos, necesidades y expectativas del otro así como del sistema social y político del nuevo suelo donde van a estar, de la “sociedad de acogida”. Ruiz Olabuénaga (2000) refería que vivimos en una sociedad “migracionalizada”, donde son muy pocas las personas que viven y mueren en el lugar en que nacieron, y que el fenómeno migratorio se presenta como una alternativa cotidiana en la sociedad actual. Y, es en lo

cotidiano donde se desarrolla la identidad social, un proceso en continua construcción y que representa un trabajo tanto individual como colectivo, asociado a la historia de cada grupo, de cada ciudad, de cada nación.

Interesados en el estudio de estos movimientos, más concretamente en las diferencias culturales que existen entre los espacios sociales y las consecuencias que estas diferencias acarrearán en la adaptación de los inmigrantes así como en la población autóctona, se proyectaron cuatro estudios para explorar: el choque cultural, las dificultades de adaptación, las estrategias de aculturación y la experiencia de minoría que viven las personas en un nuevo contexto cultural. En estos estudios participaron colectivos de inmigrantes de diversos orígenes étnicos que residen en España y principalmente de brasileños, y también un pequeño colectivo de inmigrantes vascos residentes en Brasil: Se han combinado metodologías cuantitativas y cualitativas.

Las partes de esta tesis se configuran del siguiente modo: el apartado uno, se dedica a contextualizar la migración en España y Brasil y a revisar la teoría que sustenta los estudios. En el apartado dos se describen los estudios y en la discusión final se ofrece una visión triangular de los principales resultados de los cuatro estudios realizados.

En concreto, el apartado uno se ha dividido en cuatro sub-apartados. El primero de ellos sitúa el fenómeno de la migración extranjera y extra-comunitaria en España y en Brasil, en cuanto que los sub-apartados dos, tres y cuatro se ocupan de exponer las teorías sobre el choque cultural, las estrategias de adaptación y la experiencia de minoría étnica.

Las migraciones internacionales han alcanzado niveles muy elevados a principios del siglo XXI y siguen creciendo. En el año 2000 apenas sobrepasaban los 120 millones de personas (Badi, 2000) y actualmente se acercan a los 240 millones de personas, o sea, 3% de la humanidad se encontraron en la necesidad o han optado por abandonar su país de origen, para instalarse en otro país (Campbell, et al. 2015)

España ha sido tradicionalmente un país de emigrantes y en la última década del siglo XX e inicio del actual ha pasado de ser un país de emigración a ser un país receptor de inmigrantes. Paralela a esta creciente ola inmigratoria, en los últimos años, y debido a la crisis económica internacional, por los elevados costos de las materias primas, la inflación y la sobrevalorización de los productos, acrecentada por la crisis hipotecaria y descrédito en los mercados externos, España llega al año 2008 envuelta por una gran recesión con una media de 25% de personas desempleadas (Gives, 2013), lo que favorece un incremento en el número de españoles que se ven obligados a emigrar para otros países en busca de una vida mejor. Por su parte, Brasil, fue un país caracterizado por los movimientos inmigratorios desde su descubrimiento por los portugueses (22 de abril de 1500).

Los mayores flujos de personas españolas en dirección a Brasil se dieron en tres periodos, 1880 a 1939, 1946 a 1962 y a partir de 2008 (Bassanezi, 2008). El principal motivo de Brasil para ser el destino elegido por gran parte de personas extranjeras, incluyendo las españolas, a finales del siglo XIX y principios del XX se debió principalmente a las subvenciones proporcionadas por el Gobierno de este país para captar mano de obra externa para las plantaciones de café; posteriormente, a mediados del siglo XX para suplir los puestos de trabajo originados a partir de su creciente proceso de industrialización; y en este siglo

debido a su entrada en el MERCOSUL, convirtiéndose en una gran potencia a ser explorada por inversores extranjeros y por facilitar acuerdos de colaboración e intercambios internacionales como los científicos y tecnológicos entre otros (Romero, 2013; Sallé, 2009; Medina, 1999). Por otra parte, entre las décadas de 70 y 80 del siglo XX, Brasil pasa a ser un importante emisor de emigrantes debido a la hiperinflación, el desempleo y a los bajos sueldos. Desde entonces, para huir de esta realidad una media de 2.5 a 3.0 millones de brasileños han dejado su país dirigiéndose a más de 190 países en el mundo. Entre los seis países con más de 100.000 inmigrantes brasileños, España en 2013 ocupaba el quinto puesto con un total de 119.000 residentes originarios de Brasil, precedida por EUA, Paraguay, Japón, y Portugal¹ (Itamaraty, 2013).

El contenido expuesto en el segundo sub-apartado, focaliza la Cultura, sus Diferencias y el Choque Cultural. Presenta una breve recapitulación de los modelos teóricos que han sido considerados relevantes para este estudio. Inicia por lo tanto retomando los estudios sobre diferencias culturales entre las naciones (Hofstede, 2001), que describen algunas de las dimensiones que diferencian una cultura de otras, comenzando por la distancia jerárquica, el individualismo y colectivismo, la masculinidad y feminidad, la reducción de la incertidumbre, siguiendo por la orientación temporal (Hofstede & Bond 1988, 2001), y añadiendo la última propuesta sobre culturas Indulgentes versus Restrictivas (Hofstede, Hofstede y Minkov, 2010). Asimismo se repasan las aportaciones de otros autores como Triandis (1995), la propuesta de tipos motivacionales de Schwartz (1990, 2001a; Schwartz & Bardi, 2001). Así como el modelo que ha desarrollado Trompenaars (1994), partiendo de la tipología de Parsons sugiere siete orientaciones para estructurar los valores, y para explicar cómo las personas de diferentes culturas interactúan entre sí, se enfrentan y resuelven los problemas: *Universalismo versus Particularismo; Individualismo versus colectivismo; Neutra versus afectiva; Específico versus difusa; Logro versus adscripción; Orientación temporal - secuencial versus a sincrónica y Control interno versus control externo.*

Debido a la importancia de la comunicación en las relaciones se hará énfasis en las diferencias comunicativas relativas al contexto, si es alto o bajo; al ámbito público o privado; a la expresión de la afectividad; la forma de hablar; al silencio, la sonrisa, la mirada y al contacto visual; al contacto físico; a las formas de dirigirse a los demás y a la noción del tiempo (Fernández & Basabe, 2007; Trompenaars, 1994, Ward, Bochner & Furnham, 2001).

Sigue, con el familismo, esto es, los valores que implican en una fuerte identificación y vinculación de los miembros de la familia nuclear y extensa, así como fuertes sentimientos de lealtad, reciprocidad y solidaridad (Marín & Gamba, 2003), hacia los miembros de la *familia extensa*, que puede estar compuesta por personas con relaciones de *sangre* o por familiares *ficticios* como los compadres o comadres y los amigos cercanos de la familia, a los que se les da el status de parientes (Marín & VanOss, 1991). La familia extensa representa una categoría especial de relaciones familiares que existe entre los latinos y en otras culturas colectivistas.

¹ 1º Estados Unidos con 1.006.842, 2º Paraguay con 459.760, 3º Japón con 186.051, 4º Portugal con 162.190, 5º España con 119.000 y 6º Alemania con 113.310. (itamaraty.gov.br).

A continuación se profundiza en el concepto de Choque Cultural. Adaptarse a un nuevo contexto conlleva percibir, comprender y ajustarse a las diferencias existentes entre la cultura de origen y de acogida. Estos cambios pueden representar para el inmigrante tanto un proceso doloroso como una oportunidad de crecimiento. Este proceso de adquisición de una nueva cultura o la transculturación se asocia al choque cultural y al estrés aculturativo (Smith & Bond, 1998). La intensidad del choque cultural sufre alteraciones en función del tiempo de estancia, para algunos autores se producen de forma lineal y progresiva, disminuyendo con el paso del tiempo (LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993). Para otros autores dichos cambios ocurren por etapas (Moghaddam, et al. 1993; Sabatier & Berry, 1996; Ward, Bochner & Furnham, 2001). Se repasan los estudios sobre choque cultural e inmigración, que contemplan la distancia cultural percibida por las personas migrantes. Para evaluar estas diferencias Furnham y Bochner (1986) desarrollaron un índice (Escala de Adaptación Socio Cultural – SCAS) y mostraron que las dificultades socioculturales de adaptación aumentaban conforme la distancia cultural entre los grupos era mayor. En esta tesis se partió de esta medida (SCAS) proponiendo una nueva escala.

En el tercer subapartado, están expuestos los estudios desarrollados sobre Aculturación y Estrategias de Aculturación que apoyan los estudios realizados. En términos generales, la aculturación es un proceso del cambio cultural y psicológico que resulta del continuo contacto entre las personas procedentes de diferentes culturas (Liebkind, (2001); Berry, 2005; Sam & Berry, 2006). La aculturación puede ser analizada tanto a nivel colectivo y social, como individual, puede producir cambios tanto en los grupos minoritarios como en los grupos mayoritarios, así como en sus elementos a nivel individual (Berry, 2002, 2006; Graves, 1967). Se revisan los modelos más conocidos sobre aculturación, partiendo de la propuesta de Berry del *Modelo Bidimensional de Aculturación* (Berry, 1974, 1980, 1990, 1997, 2003; Berry & Kim, 1988; Berry, Kim, Power, Young & Bujaki, 1989), siguiendo por el *Modelo Interactivo de Aculturación* (Bourhis, Moïse, Perreault & Senécal (1997); para pasar al *Modelo Extendido de la Aculturación Relativa* (MAAR) (Navas, Rojas, García & Pumares, 2007), y finalizar con el *Modelo de Identidad Bicultural Integrada* postulado por Benet-Martínez (2002,2005). Se repasan los correlatos psicosociales asociados a las distintas opciones de aculturación y su relación con el ajuste sociocultural.

En el cuarto subapartado, se recoge la perspectiva de la migración que considera las relaciones intergrupales. En el momento en que la persona abandona su cultura de origen y se instala en una cultura diferente, generalmente pasan a formar parte de un colectivo minoritario, y se experimentan nuevas situaciones en las que la pertenencia grupal, el fenotipo, y otros signos culturales se hacen destacables. Los estereotipos juegan un rol importante en imágenes recíprocas entre mayorías y minorías y en la percepción del prejuicio. En esta parte se han revisado especialmente los estudios sobre los estereotipos recíprocos entre brasileños y españoles (Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006a, 2006b)

Estos rasgos se convierten en estigmas sociales, que acaban definiendo las identidades étnicas. Es aquí donde se retoman los estudios psicosociales sobre las formas de afrontar las situaciones de minorías étnicas y la perspectiva del estigma social (Crocker, Major & Steele,

1998; Major & O'Brien, 2005, Miller & Kaiser, 2001), la perspectiva de la TIS y la Teoría de la Comparación social (Haslam, Jetten, Postmes, & Haslam, 2009; Tajfel & Turner, 1979), así como los estudios sobre formas de afrontamiento de la identidad social (Blanz, Mummendey, Mielke, & Klink, 1998; Bobowik, Basabe, Páez, 2014; Crocker, et al. 1998; Mummendey, Kessler, Klink, & Mielke, 1999; Outten, Schmitt, Garcia, & Branscombe, 2009; Shinnar, 2008). Todas estas propuestas han orientado el último estudio (4) y más extenso de esta tesis.

El segundo apartado, corresponde a la parte central de esta tesis se compone de los cuatro estudios realizados, en la Tabla 1, están expuestos los títulos, los objetivos, las preguntas de investigación y los métodos de dichos estudios.

Uno de los primeros trabajos de investigación realizados por la autora de esta tesis en conjunto con su directora, se publicó en 2004, en la revista de Sociología Inguruak (Basabe & de Luca, 2004), y corresponde al Estudio 1, en el cual se analiza el proceso de transculturación en los grupos de inmigrantes extranjeros en la CAV y pone en relación los componentes de la identidad étnica y con el estatus del grupo inmigrante, destacando los puntos que caracterizan a los inmigrantes brasileños.

El segundo Estudio, recoge la propuesta de investigación sobre el choque cultural y las dificultades socioculturales de adaptación, en el que se propone una escala (SCAS) que está compuesta por dos dimensiones. Se analiza la relación entre dichas dimensiones y las variables de aculturación, así como la variación de las SCAS en función del tiempo de estancia en el país de acogida. Este trabajo fue publicado en la Revista de Psicología social (De Luca, Basabe & Bobowik, 2011).

Siguiendo esta línea de trabajo, se proyectó otro estudio que buscaba responder a la cuestión sobre cómo sería la adaptación según el contexto cultural. Para ello se escogió comparar la experiencia de los brasileños que residían en el País vasco, con la experiencia que los vascos que emigraban a Brasil podían reportar. Para ello se contactó con las asociaciones vascas de Brasil y se decidió finalmente seleccionar la casa vasca de Sao Paulo, porque la mayoría de las personas brasileñas que han participado en estas investigaciones pertenecían a esta región e Brasil. Este trabajo constituye el fruto de la estancia internacional desarrollada por la doctoranda en la Universidad de Taubaté. Con un diseño de casos y controles y una muestra apareada, se contrastan las similitudes y diferencias en la adaptación sociocultural de dos grupos migrantes en función del estatus del grupo y el contexto cultural de recepción y origen (Brasil vs. País vasco).

Las escalas en forma de cuestionarios utilizadas en los Estudios 1, 2 y 3 estarán anexadas en este documento y sus bases de datos en el CD adjunto.

Desde nuestro grupo de investigación ya habíamos realizado estudios previos sobre el choque cultural, la percepción de diferencias culturales, y también sobre el afrontamiento de la experiencia de minoría étnica (Basabe, Páez, Aierdi y Jiménez-Aristizabal, 2009; Basabe & Bobowik, 2011; Campo, Basabe, Zlobina & de Luca, 2003; de Luca, 2003; González, Ubillos, Bilbao, Techio & Basabe, 2009; Zlobina, Basabe & Páez, 2004). El cuarto Estudio, cambia la perspectiva de análisis, en este caso se buscaba evaluar las experiencias relatadas por los inmigrantes en los grupos de discusión, sin las limitaciones que supone usar cuestionarios cerrados que imponen unas determinadas medidas a los participantes. Este trabajo partía de

un guión básico, con preguntas e hipótesis de investigación. Las ideas o unidades de análisis que fueron codificadas por acuerdo inter-jueces, y posteriormente analizadas para establecer las redes de relaciones entre ellas. Todo este ingente trabajo se recoge en este apartado, y también en los anexos y el CD que acompaña como complemento a esta tesis (transcripciones de las narraciones de las discusiones de grupo, base de datos del programa Atlas-ti, descripción de los participantes, el sistema de códigos y la clasificación de todas las ideas). Los resultados de este estudio cualitativo han permitido la triangulación con los resultados previos constatados por medio de métodos cuantitativos.

En el último apartado, se recogen las conclusiones más importantes de los cuatro estudios y se discuten las mismas, se indican cuáles son las aportaciones y novedades de este trabajo, así como se consideran sus limitaciones.

Se ha optado por incluir todas las referencias bibliográficas al final, aunque los dos primeros estudios corresponden a artículos ya publicados. También se incluyen varios anexos con las escalas e instrumentos principales, guión de los grupos de discusión, y la tabla de acuerdo inter-jueces correspondiente al estudio 4.

Desde una perspectiva personal, gracias a mi origen tuve la oportunidad de vivir la experiencia inmigratoria en primera persona y desde varios enfoques. Comparto con una gran parte de la población brasileña el privilegio de haber nacido en una tierra extranjera y a la vez nativa, escogida por mis antecesores inmigrantes para afincar raíces. Asimismo, mi historia de vida me ha llevado a instalarme en diferentes lugares, proporcionando el contacto directo con diferentes culturas y grupos étnicos. Por un lado, en función de mi interés nato por conocer más allá de las fronteras de mi ciudad natal y de maravillarme con la multiculturalidad; por otro lado debido a mis actividades laborales, que consistían en integrar en la sociedad de acogida y en el puesto laboral a trabajadores desplazados a regiones o países distintos al de su origen, así como a sus familiares. En este sentido, estas actividades se han sumado a mi interés por conocer y comprender tanto los aspectos que igualan y diversifican cada sociedad, como la manera con que estas similitudes y diferencias interfieren positiva o negativamente en el contacto entre las personas inmigrantes y autóctonas. No me he limitado solamente a los colectivos de trabajadores y sus familiares, mi curiosidad me ha llevado a estudiar a otros grupos con características y objetivos muy diversos. Además, he podido experimentar la migración desde una doble visión, la del grupo dominante y la del dominado, o sea, como autóctona acogiendo a colectivos y personas inmigrantes, y como inmigrante, siendo acogida por sociedades autóctonas y por sus nativos. Sin embargo, los constantes traslados y prolongadas ausencias de España entre los años 2002 y 2013 han provocado que mi trabajo de tesis se haya alargado, y también han incentivado que mantuviese una mayor implicación con el proceso migratorio. Implicación que no finaliza con el término de esta, etapa, más que se inicia de manera más consistente y segura, ya que reafirma que los contactos migratorios funcionan como agentes favorecedores y reconstructores continuos de las sociedades y de las identidades culturales y personales.

Tabla 1. **Migración: Choque y Adaptación Sociocultural**

ESTUDIO	1	2	3	4
TITULO	Transculturación e identidad étnico-cultural: inmigración extra-comunitaria en el País Vasco	Adaptación sociocultural de inmigrantes brasileños en el País Vasco: Bienestar y Aculturación	Choque y adaptación socio-cultural una visión en espejo: vascos y brasileños	Choque cultural y experiencia de minoría de inmigrantes brasileños en el País Vasco: un estudio cualitativo
OBJETIVOS	Analizar el proceso de transculturación en los grupos de inmigrantes extranjeros en la CAV incluidos los brasileños	Examinar el proceso de adaptación sociocultural de los inmigrantes y su relación con la adaptación psicológica y las estrategias de aculturación	Contrastar las similitudes y diferencias en la adaptación sociocultural de dos grupos migrantes en función del estatus del grupo y el contexto cultural de recepción (Brasil vs País vasco).	Analizar las narraciones de los grupos de discusión que ponen en relación las fuentes de choque cultural, las estrategias de aculturación y las formas de afrontamiento de la experiencia de minoría étnica en la sociedad vasca de grupos de inmigrantes brasileños.
PREGUNTAS DE INVESTIGACIÓN	<p>¿Los componentes de la identidad étnica, sentido de pertenencia, actitudes y prácticas culturales, siguen patrones de evolución distintos?</p> <p>¿Varían según el estatus del grupo inmigrante?</p> <p>¿El ajuste psicosocial varía según el tipo de estrategia de aculturación?</p>	<p>¿Cuáles son las dimensiones del constructo de adaptación sociocultural (SCAS)?</p> <p>¿Las SCAS varían con el tiempo de estancia, será máximo el primero año?</p> <p>¿Las SCAS se asociarán a mayores dificultades socio-económicas, menor bienestar hedónico y menor bienestar eudaimónico?</p> <p>¿Las SCAS dependen de la estrategia de aculturación elegida?</p>	<p>¿Las SCAS, (1) las Relaciones interpersonales y comunicativas, y (2) Manejo de la Distancia Social y las relaciones jerárquicas, serán más altas durante el primer año y disminuirán con los años de estancia en el país de acogida?</p> <p>¿Las SCAS y sus dimensiones varían en función del estatus de la minoría étnica: brasileños en el País vasco vs vascos en Brasil?</p> <p>¿La cultura a través de los valores compartidos por los grupos de inmigrantes definirá distintas fuentes de choque cultural (brasileños más colectivistas, familistas y jerárquicos vs vascos más individualistas y al mismo tiempo con una fuerte identidad étnica)?</p>	<p>¿Cuáles serán las similitudes y las diferencias entre las fuentes de choque cultural y las formas de afrontar la experiencia de minoría étnica mostradas en los estudios cuantitativos con los del presente análisis cualitativo?</p> <p>¿Las fuentes de choque cultural varían según el contraste entre valores de la sociedad de origen y la de acogida?</p> <p>¿Cuáles son los estereotipos percibidos por los inmigrantes brasileños: auto, hetero y meta-estereotipo?</p> <p>¿Se encontraran formas de afrontar la experiencia de minoría étnica de tipo individual y de tipo colectivo? ¿Cuáles serán más usuales? ¿Cómo se relacionarán entre sí?</p>
MÉTODO	Correlacional N = 642, (inmigrantes en la CAV, procedentes de Iberoamérica, Europa del Este, Países Árabes y África Subsahariana.	Retrospectivo: Escala SCAS N = 91, inmigrantes brasileños en el País vasco	Retrospectivo Casos (brasileños en el País vasco) y controles (vascos en Brasil), equiparados en edad, sexo, y nivel de estudios N = 94, (n1 = 47 y n2 = 47)	Cualitativo: análisis de ideas 3 Grupos de discusión inmigrantes brasileños en el País vasco N = 16, segmentados por edad

INTRODUÇÃO

A migração, entendida num sentido geral como “movimento”, carrega implícita em seu significado a necessidade que tem “o que existe” de mover-se de um lugar para outro, de buscar novas fontes de vida, de romper fronteiras, de obter, deixar, misturar e esparramar sementes, de mudar e de melhorar.

Diz-se “do que existe” porque deste movimento participam e tem necessidade os seres vivos de todas as espécies, como as aves, os animais, as árvores... e também os seres humanos. Todos têm necessidade de mover-se, seja pelo motivo que seja, no grau, na distância e no tempo que lhe corresponda. Desde o princípio dos tempos “o que existe” se move, e é esse movimento que faz possível sua existência, mescla e preservação. As aves em temperatura frias voam em busca de lugares cálidos, as árvores lançam suas sementes ao vento, o homem busca novos lares... e, a existência se cria a cada instante, cada vez mais diversificada e sem limites.

Ainda que, tão antiga como o surgimento dos seres vivos, a migração se apresenta hoje como um tema muito atual e que de certa maneira afeta todas as dimensões da vida das pessoas. São muitos os motivos para mover-se, grande parte das pessoas saem em busca de uma vida melhor, por exemplo, muitas saem buscando suprir necessidades primárias (alimentação, moradia, etc.), outros em busca de aventura, outros em busca de uma situação financeira melhor e outros porque ouviram falar que em outro lugar está melhor. Porém, em todas as situações, saem do conhecido para desembarcar no desconhecido, e o que lhes caracteriza é a diversidade de motivos e de oportunidades que levam o ser humano a sair de seu lugar de origem e mover-se em um espaço que se apresenta como possível, ou muitas vezes como impossível; de estar num constante processo de instalação, mudança, modificação, adaptação, construção e reconstrução de sua realidade psicológica, social e cultural, e de estar à mercê não só dos seus limites, desejos, necessidades e expectativas, mas também dos limites, desejos, necessidades e expectativas do outro assim como do sistema social e político do novo solo onde estarão na “sociedade de acolhida”.

Ruiz Olabuénaga (2000) aludia que vivemos numa sociedade “migracionalizada”, onde são muito poucas as pessoas que vivem e morrem no lugar em que nasceram, e que o fenômeno migratório se apresenta como uma alternativa cotidiana na sociedade atual. E é no

cotidiano onde se desenvolve a identidade social, processo em contínua construção e que representa um trabalho tanto individual como coletivo, associado à história de cada grupo, de cada cidade, de cada nação.

Interessados nos estudos destes movimentos, mais concretamente nas diferenças culturais que existem entre os espaços sociais e nas consequências que estas diferenças acarretam na adaptação dos imigrantes assim como na população autóctone neste trabalho se projetaram quatro estudos para explorar: o choque cultural, as dificuldades de adaptação, as estratégias de aculturação e as experiências de minoria que vivem as pessoas num novo contexto cultural. Nesses estudos participaram coletivos de imigrantes de diversas origens étnicas que residem na Espanha, principalmente de brasileiros, e também um pequeno coletivo de imigrantes vascos residentes no Brasil. Foram combinadas metodologias quantitativas e qualitativas.

As partes desta tese se configuram do seguinte modo: O capítulo um se dedica a contextualizar a migração na Espanha e no Brasil e a revisar a teoria que sustenta os estudos. No capítulo dois estão descritos os estudos e na discussão final se oferece uma visão triangular dos principais resultados dos quatro estudos realizados.

Concretamente, o capítulo um foi dividido em quatro sub-capítulos. O primeiro deles situa o fenômeno da imigração estrangeira na Espanha e no Brasil, enquanto que os sub-capítulos dois, três e quatro se ocupam de expor as teorias sobre o choque cultural, as estratégias de adaptação e a experiência de minoria étnica.

As migrações internacionais alcançaram níveis muito elevados a princípio do século XXI e seguem crescendo. No ano 2000 passavam de 120 milhões de pessoas (Badi, 2000) e atualmente se aproximam aos 240 milhões de pessoas, ou seja, 3% da humanidade encontraram-se na necessidade ou optou por abandonar seu país de origem para instalar-se em outro país (Campbell, et al. 2015).

A Espanha tem sido tradicionalmente um país de emigrantes e nas últimas décadas do século XX e início do atual passou de ser um país de emigração a ser um país receptor de imigrantes. Paralela a esta crescente onda imigratória, nos últimos anos, e devido à crise econômica internacional, pelos elevados custos das matérias primas, inflação e a sobrevalorização dos produtos, acrescentada pela crise hipotecária e descrédito nos mercados externos, Espanha chega ao ano de 2008 envolvida por uma grande recessão com uma média de 25% de pessoas desempregadas (Gives, 2013), o que favorece um incremento no número de espanhóis que se veem obrigados a emigrar para outros países em busca de uma vida melhor. Por sua parte, o Brasil foi um país caracterizado pelos movimentos imigratórios desde seu descobrimento pelos portugueses (22 de abril de 1500).

Os maiores fluxos de pessoas espanholas em direção ao Brasil se deram em três períodos, 1880 a 1939, 1946 a 1962 e a partir de 2008 (Bassanezi, 2008). O motivo principal para que o Brasil fosse o destino eleito por grande parte das pessoas estrangeiras, incluindo as espanholas, no final do século XIX e princípio do XX se deu principalmente pelos subsídios concedidos pelo governo deste país para captar mão de obra externa para as plantações de café. Posteriormente, na metade do século XX para suprir os postos de trabalho originados a partir de seu crescente processo de industrialização e neste século devido a sua entrada no

MERCOSUL, convertendo-se numa grande potência a ser explorada por invasores estrangeiros e por facilitar acordos de colaboração e intercâmbios internacionais como os científicos e tecnológicos entre outros (Romero, 2013; Sallé, 2009; Medina, 1999). Por outra parte, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, o Brasil passa a ser um importante emissor de emigrantes devido à hiperinflação, o desemprego e aos baixos salários. A partir disto, para fugir desta realidade, uma média de 2.5 a 3.0 milhões de brasileiros deixaram seu país dirigindo-se a mais de 190 países no mundo. Entre os seis países com mais de 100.000 imigrantes brasileiros, Espanha ocupa o quinto posto, com um total de 119.000 residentes originários do Brasil, precedida por EUA, Paraguai, Japão e Portugal¹ (Itamaraty, 2013).

O conteúdo exposto no segundo sub-capítulo, focaliza a Cultura, suas Diferenças e o Choque Cultural. Apresenta uma breve recapitulação dos modelos teóricos que foram considerados relevantes para este estudo. Inicia, portanto, retomando os estudos sobre as diferenças culturais entre as nações (Hofstede, 2001), que descrevem algumas das dimensões que diferenciam uma cultura das outras, começando pela *distância hierárquica*, o *individualismo e o coletivismo*, a *masculinidade e a feminilidade*, a *redução da incerteza*, seguindo pela *orientação temporal* (Hofstede & Bond, 1988, 2001), e acrescentando a última proposta sobre culturas *indulgentes versus restritivas* (Hofstede, Hofstede & Minkov, 2010). Ademais estão repassadas as contribuições de outros autores como Triandis (1995), a proposta de tipos motivacionais de Schwartz (1990, 2001a; Schwartz & Bardi, 2001). Assim como o modelo desenvolvido por Trompenaars (1994), que partindo da tipologia de Parsons, sugere sete orientações para estruturar valores e para explicar como as pessoas de diferentes culturas interagem entre si, se enfrentam e resolvem seus problemas: *universalismo versus particularismo*; *individualismo versus coletivismo*; *neutra versus afetiva*; *específica versus difusa*; *ganhos versus atribuição*; *orientação temporal-sequencial versus sincrônica*; e *controle interno versus controle externo*.

Devido à importância da comunicação nas relações, foi dada ênfase às diferenças comunicativas relativas ao *contexto*, se é *alto ou baixo*; ao *âmbito público ou privado*; à *expressão da afetividade*; à *forma de falar*; o *silêncio*, o *sorriso*, o *olhar*, e ao *contato visual*; ao *contato físico*, às *formas de dirigir-se aos demais* e à *noção de tempo* (Fernández & Basabe, 2007; Trompenaars, 1994; Ward, Bochner & Furnham, 2001).

Seguidamente o foco gira em torno ao familismo, ou seja, aos valores que implicam uma forte identificação e vinculação dos membros da família nuclear e extensa; assim como fortes sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade (Marín & Gamba, 2003), com relação aos membros da *família extensa*, que pode estar composta por pessoas com relação de *sangue* ou por *familiares fictícios*, como os compadres ou comadres e os amigos íntimos da família, aos que se outorga o status de parentes (Martin & VanOss, 1991). A família extensa representa uma categoria especial de relações familiares que existe entre os latinos e em outras culturas coletivistas.

¹ 1º Estados unidos com 1.006.842, 2º Paraguai com 459.760, 3º Japão com 186.051, 4º Portugal com 162.190, 5º Espanha com 119.000 y 6º Alemanha com 113.310. (itamaraty.gov.br).

A continuação se aprofunda no conceito de choque cultural. Adaptar-se a um novo contexto envolve perceber, compreender e ajustar-se às diferenças existentes entre a cultural de origem e a de acolhida. Estas mudanças podem representar para o imigrante tanto um processo doloroso, quanto uma oportunidade de crescimento. Este processo de aquisição de uma nova cultura ou a transculturação se associa ao choque cultural e ao stress aculturativo (Smith & Bond, 1998). A intensidade do choque cultural sofre alterações em função do tempo de residência, para alguns autores se produzem de forma linear e progressiva, diminuindo com o passar do tempo (LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993), para outros autores, essas mudanças ocorrem por etapas (Moghaddamet al. 1993; Sabatier & Berry, 1996; Ward, Bochner & Furham, 2001). Foram repassados os estudos sobre choque cultural e imigração, que contemplam a distância cultural percebida pelas pessoas imigrantes. Para avaliar estas diferenças Furnham e Bochner (1996) desenvolveram um índice (Escala de Adaptação Sócio Cultural – SCAS) e mostraram que as dificuldades socioculturais de adaptação eram maiores conforme a distância cultural entre os grupos. Considerando inicialmente este índice (SCAS) esta tese apresenta uma nova escala.

No terceiro subcapítulo, estão expostos os estudos desenvolvidos sobre Aculturação e Estratégias de Aculturação que também apoiam os estudos realizados. Em termos gerais, a aculturação é um processo da mudança cultural e psicológica que é resultado do contínuo contato entre pessoas procedentes de diferentes culturas (Liebkind, 2001; Berry, 2005; Sam & Berry, 2006). A aculturação pode ser analisada tanto em nível coletivo e social como individual, pode produzir mudanças tanto nos grupos minoritários quanto nos grupos majoritários, assim como em seus elementos em nível individual (Berry, 2002, 2006; Graves, 1967). Revisam-se os modelos mais conhecidos sobre a aculturação, partindo das propostas de Berry do *Modelo Bidimensional de Aculturação* (Berry, 1974, 1980, 1990, 1997, 2003; Berry & Kim, 1988; Berry, Kim, Power, Young & Bujaki, 1989), seguindo pelo *Modelo Interativo de Aculturação* (Bourhis, Moise, Perreault & Senécal, 1997); para logo passar ao *Modelo Estendido de Aculturação Relativa* (MAAR) (Navas, Rojas, García & Pumares, 2007), e finalizar com o *Modelo de Identidade Bicultural Integrada* postulado por Benet-Martínez (2002,2005). Por último, se repassam os correlatos psicossociais associados às diferentes opções de aculturação e suas relações com o ajuste sociocultural.

No quarto subcapítulo, examinou-se a perspectiva da imigração que considera as relações inter-grupais. No momento em que as pessoas abandonam sua cultura de origem e se instalam em uma cultura diferente, geralmente passam a formar parte de um coletivo minoritário, e experimentam novas situações nas quais a filiação grupal, o fenótipo, e outros signos culturais se fazem destacáveis. Os estereótipos jogam um papel importante nas imagens recíprocas entre as majorias e as minorias e na percepção do preconceito. Nesta parte foram revistas especialmente os estudos sobre os estereótipos recíprocos entre brasileiros e espanhóis (Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006a, 2006b)

Estas imagens se convertem em estigmas sociais, que acabam definindo as identidades étnicas. É aqui onde se retomam os estudos psicossociais sobre as formas de afrontar as situações de minoria étnica e a perspectiva do estigma social (Crocker, Major & Steele, 1998; Major & O'Brien, 2005; Miller & Kaiser, 2001), a perspectiva da TIS e da Teoria

de Comparação Social (Haslam, Jetten, Postmes & Haslam, 2009; Tajfel & Turner, 1979), assim como os estudos sobre formas de afrontamento da identidade social (Blanz, Mummendey, Kessler, Klink & Mielke, 1999; Outten, Schmitt, García, & Branscombe, 2009; Shinnar, 2008). Todas estas propostas orientaram o último estudo (4), o mais extenso da tese.

O segundo capítulo, corresponde a parte central desta tese e esta composto pelos estudos realizados. De forma sintetizada, na Tabela 1 estão expostos os títulos, os objetivos, as perguntas de investigação e os métodos dos quatro estudos.

Um dos primeiros trabalhos de investigação realizados pela autora desta tese juntamente com sua diretora, foi publicado em 2004, na revista de Sociologia Inguruak (Basabe & de Luca, 2004) e corresponde ao Estudo 1; no qual se analisa o processo de transculturação em grupos de imigrantes estrangeiros na Comunidade Autônoma Vasca (CAV), e põe em relação os componentes de identidade étnica com o status dos grupos imigrantes, destacando também os pontos que caracterizam os imigrantes brasileiros.

O segundo Estudo reúne propostas de investigação sobre o choque cultural e as dificuldades socioculturais de adaptação. Neste estudo se propõe uma nova escala de adaptação sociocultural (SCAS) que está composta por duas dimensões. Analisa-se a relação entre ditas dimensões e as variáveis de aculturação, assim como a variação das SCAS em função do tempo de estância no país de acolhida. Este trabalho foi publicado na Revista de Psicologia Social (De Luca, Basabe e Bobowik, 2011).

Seguindo esta linha de trabalho, foi projetado outro estudo que buscava responder à questão sobre como seria a adaptação conforme o contexto cultural. Para isto, escolheu-se comparar a experiência dos brasileiros que residiam no País Vasco com a experiência dos vascos que emigraram para o Brasil, com isso se contactou com as associações vascas no Brasil. Finalmente foi selecionada a Casa Vasca de São Paulo, porque a maioria das pessoas brasileiras que participaram nas investigações pertencia a esta região. Este trabalho constitui o fruto da estância internacional desenvolvida pela doutoranda na Universidade de Taubaté. Com um delineamento de casos e controles e uma amostra pareada, foram controladas as similaridades e as diferenças na adaptação sociocultural dos grupos de imigrantes em função do status do grupo e o contexto cultural de recepção e de origem (Brasil versus País Vasco).

As escalas em forma de questionários, utilizadas nos Estudos 1, 2 e 3 estão anexadas neste documento e suas bases de dados em o CD adjunto.

Desde nosso grupo de investigação já havíamos realizado estudos prévios sobre o choque cultural, a percepção de diferenças culturais e também sobre o afrontamento da experiência de minoria étnica (Basabe, Páez, Aierdi & Jiménez-Aristizabal, 2009; Basabe & Bobowik, 2011; Campo, Basabe, Zlobina & de Luca, 2003; de Luca, 2003; González, Ubillos, Bilbao, Techio & Basabe, 2009; Zlobina, Basabe & Páez, 2004). O Quarto estudo muda a perspectiva da análise, neste caso buscava-se avaliar as experiências relatadas pelos imigrantes nos grupos de discussão, sem as limitações que supõe usar questionários fechados que impõe certas medidas aos participantes. Este trabalho partiu de um roteiro básico, com perguntas e hipóteses de investigação. O discurso manifestado foi categorizado em ideias ou unidades de análise por um acordo interjuízes, e posteriormente analisadas para estabelecer as redes de relações entre elas. Todo esse ingente trabalho está exposto na sessão dedicado

ao Estudo 4, e também nos anexos que seguem a bibliografia e no anexo em CD que acompanha como complemento desta tese (transcrições das narrações das discussões grupais, base de dados do programa Atlas-ti, descrição dos participantes, o sistema de códigos e a classificação de todas as ideias). Os resultados deste estudo qualitativo permitiram a triangulação com os resultados prévios constatados por meio de métodos quantitativos.

Esta tese se encerra, com a apresentação das conclusões mais importantes dos quatro estudos e discussão das mesmas, avalia as contribuições e novidades que aporta este trabalho, assim como considera suas limitações.

Optou-se por incluir todas as referências bibliográficas no final, ainda que os primeiros estudos correspondam a artigos já publicados, assim como, vários anexos com as escalas e instrumentos principais, roteiro dos grupos de discussão e a tabela de acordo interjuízes.

A partir de uma perspectiva pessoal, devido a minha origem tive a oportunidade de viver a experiência migratória em primeira pessoa em vários enfoques. Compartilho com grande parte da população brasileira o privilégio de ter nascido em terra estrangeira e ao mesmo tempo nativa, que foi escolhida por meus antecessores para encavar raízes. Assim mesmo, minha história de vida me levou a instalar-me em diferentes lugares proporcionando-me o contato direto com diferentes culturas e grupos étnicos. Em função do meu interesse nato por conhecer mais além das fronteiras de minha cidade natal e de maravilhar-me com o multiculturalismo, e devido as minhas atividades laborais, que consistiam em integrar na sociedade de acolhida e no posto de trabalho, profissionais trasladados a regiões ou países distintos aos de sua origem, assim como a seus familiares. Neste sentido, estas atividades somadas com o meu interesse em conhecer e compreender tanto os aspectos que igualam e diversificam cada sociedade, como a maneira com que estas semelhanças e diferenças interferem positiva ou negativamente no contato entre as pessoas imigrantes e autóctones. Não me limitei somente aos coletivos de trabalhadores e seus familiares, minha curiosidade me levaram a estudar outros grupos com características e objetivos muito diversificados. Ademais pude experimentar a migração numa dupla visão, a do grupo dominante e a do grupo dominado, ou seja, como autóctone acolhendo coletivos e pessoas imigrantes, e como imigrantes, sendo acolhida por sociedades autóctones e por seus nativos. No entanto, os constantes traslados e prolongadas ausências do País Vasco entre os anos de 2002 e 2013 provocaram um alargamento na concretização do meu trabalho de tese, mas incentivaram meu envolvimento com o processo migratório. Envolver este que não encerra com o término desta, etapa, mas que inicia de maneira mais consistente e segura, pois reafirma que os contatos migratórios funcionam como agentes favorecedores e reconstrutores contínuos das sociedades e das identidades culturais e pessoais.

Tabela 1. **MIGRAÇÃO: CHOQUE E ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL**

ESTUDO	1	2	3	4
TÍTULO	Transculturização e identidade étnico-cultural: imigração extra comunitária no País Vasco	Adaptação sociocultural de imigrantes brasileiros no País Vasco: Bem-estar e Aculturação	Choque e adaptação sociocultural uma visão em espelho: vascos e brasileiros	Choque cultural e experiência de minoria dos imigrantes brasileiros no País Vasco: um estudo qualitativo
OBJETIVOS	Analisar o processo de transculturização dos grupos de imigrantes estrangeiros na CAV, incluídos os brasileiros.	Examinar o processo de adaptação sociocultural dos imigrantes e sua relação com a adaptação psicológica e as estratégias de adaptação.	Contrastar as semelhanças e diferenças na adaptação sociocultural de dois grupos migrantes em função do status do grupo e do contexto cultural de recepção (Brasil vs. País Vasco).	Analisar as narrativas dos grupos de discussão que colocam em relação às fontes de choque cultural, as estratégias de aculturação e as formas de afrontamento da experiência de minoria étnica na sociedade vasca de grupos de imigrantes brasileiros.
PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO	Os componentes da identidade étnica, sentido de pertença, atitudes e práticas culturais seguem padrões diferentes de evolução? , Variam segundo o status do grupo migrante? O ajuste psicossocial varia conforme o tipo de estratégia de aculturação?	Quais são as dimensões do construto de adaptação (SCAS)? As SCAS variam com o tempo de residência, será máxima nos primeiros anos? As SCAS se associarão com maiores dificuldades socioeconômicas, menor bem-estar hedônico e menor bem-estar eudaimônico? As SCAS dependem da estratégia de aculturação eleita?	As SCAS, (1) as Relações interpessoais e comunicativas, e (2) Manejo da Distância Social e das relações hierárquicas, serão mais altas durante o primeiro ano diminuirão com os anos de residência no país de acolha? As SCAS e suas dimensões variam em função do status de minoria étnica: brasileiros no País Vasco vs. vascos no Brasil? A cultura através dos valores compartilhados pelos grupos de imigrantes definirão diferentes fontes de choque cultural, brasileiros mais coletivistas, familistas e hierárquicos vs. vascos mais individualistas e ao mesmo tempo com uma forte identidade étnica?	Quais serão as semelhanças e diferenças entre as fontes de choque cultural e as formas de afrontar a experiência de minoria étnica mostradas nos estudos quantitativos com os da presente análise qualitativa? ¿As fontes de choque cultural variam segundo o contraste entre os valores da sociedade de origem e de acolhida? Quais são os estereótipos percebidos pelos imigrantes brasileiros: auto, hetero e meta estereótipos? Encontrar-se-ão formas de afrontar a experiência de minoria étnica do tipo individual e do tipo coletivo? Quais serão as mais usuais? Como se relacionam entre si?
MÉTODO	Correlacional N = 642, (imigrantes na CAV, procedentes de Iberoamérica, Europa do Leste, Países Árabes e África Subsaariana).	Retrospectivo: Escala SCAS N = 91, imigrantes brasileiros no País Vasco.	Retrospectivo Casos (brasileiros no País Vasco) e controles (vascos no Brasil), equiparados por idade, sexo e nível de estudos. N = 94, (n1 = 47 e n2 = 47)	Qualitativo: análises de ideias 3 Grupos de discussão imigrantes brasileiros no País Vasco N = 16, segmentados por idade.



Antecedentes

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO: BRASIL E ESPANHA

MIGRAÇÃO: ESPANHA E BRASIL

As migrações internacionais alcançaram níveis muito elevados, em 2013 231.522.215 pessoas (3% da humanidade em 21 de janeiro de 2015; Campbell, et al. 2015) encontraram a necessidade ou optaram por abandonar seu país de origem. Investigações realizadas na Espanha e no Brasil por seus órgãos oficiais (PERE, 2014; Itamaraty, 2013) indicam que os dois países ocupam o 5º lugar, ou seja, o mesmo lugar na preferência de destino estrangeiro de seus emigrantes, assim como o número dos residentes imigrantes procedentes de ambos os países compreendem cifras similares. Segundo a estimativa do PERE (2014) e do Itamaraty (2013), na Espanha atualmente residem cerca de 119.000 imigrantes brasileiros e no Brasil perto de 117.523 imigrantes espanhóis.

1.1. PARA ESPANHA: IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA ESPANHA E NO PAÍS VASCO

1.1.1. *Imigração brasileira na Espanha*

Espanha é um país caracterizado por diversos ciclos migratórios, nos quais estão presentes tanto na emigração quanto na imigração. Por um lado, as saídas de nacionais espanhóis com destino a outros países foi muito numerosa até os anos 70 do século passado, a partir de aí houve um período quase de estancamento, voltando a intensificar-se a princípios deste século (Gives, 2013). Por outro lado, a entrada de imigrantes em território espanhol, que durante décadas foi gradual ao final do século XX e princípio do século XXI, sofreu um aumento repentino. Nos anos 50, o número de residentes estrangeiros na Espanha se aproximava a 66 mil, a mediados dos anos 90 alcançava cerca de um milhão, e em 2013 chegou a rondar os 6.5 milhões. Em comparação com a população autóctone, a população imigrante, que nos anos 90, representava 2.5% da população total, em 2013 passou a representar 13.8%¹.

¹ Anuário Estadístico de extranjería, 2014

Chacón (2003) indica que o movimento de imigrantes com destino a Espanha pode ser identificado segundo três, etapas. A *primeira, etapa* é menos impactante e produziu-se ao largo do tempo, estava composta principalmente por pessoas oriundas de outros países da Europa (65%), da América Latina (18%), África e Ásia (17%). Na metade dos anos 80 esta primeira, etapa é substituída por uma *segunda, etapa* que se inicia, com a entrada da Espanha na União Europeia, a transição do tipo de governo e o desenvolvimento econômico, que marcam o início de uma época próspera. O país passa a ser reconhecido como um “sementeiro de oportunidades” e começa um considerável fluxo migratório com destino à Península Ibérica entre os anos 1986 a 1999. Neste período se inicia também a formação de redes migratórias de alguns países à Espanha. Neste sentido, no ano 2000, a partir da consolidação destas redes migratórias e a possibilidade de reagrupação familiar, a entrada de imigrantes na Espanha se intensificou. Isto, somado aos nascimentos de pessoas de segunda geração, marca o início da *terceira, etapa*, onde se pode considerar a imigração como um processo institucionalizado, que por uma parte representa um “encontro de culturas” e por outra, um “problema social”.

Mullor (2011) considera que as causas desta grande onda migratória se devem principalmente a dois fatores: um relativo ao súbito crescimento econômico e a necessidade de mão de obra gerada pela transformação de Espanha num Estado democrático, que marcam uma próspera Espanha entre os anos 90 e princípios do ano de 2008, com o começo da crise, que ainda está instalada no país; e, outro através da adoção de políticas migratórias liberais e permissivas, que facilitaram a entrada de imigrantes irregulares, proporcionando-lhes amparo e direitos sociais através do registro de domicilio (“empadronamiento”) e de possibilidades de regularização documental. Este fluxo migratório se compõe na sua maioria por pessoas procedentes da América Latina, Marrocos e Europa do Este.

Neste panorama, a imigração brasileira que até a última década do século XX ocupava uma posição pouco acentuada, começa a adquirir força no território espanhol, principalmente impulsada por motivos materialistas (Masanet & Padilla, 2010). Assim, a grande onda de imigração brasileira na Espanha é um fenômeno recente, que conta com poucos estudos, entre eles os realizados por Masanet e Padilla (2010) e Almeida (2011), que discutem sobre os estereótipos e os motivos que impulsionam a migração deste coletivo de seu país à Península Ibérica. Contudo, ditos trabalhos não se aprofundam sobre as diferenças culturais e as estratégias de aculturação.

Neste ponto, é importante abrir um parêntesis e, dedicar um par de parágrafos aos movimentos migratórios brasileiros. Para compreender de maneira mais clara no processo migratório no Brasil, Solé, et al. (2011) fazem uma contextualização panorâmica dos movimentos migratórios sucedidos neste país, caracterizando quatro “idades”. A *primeira idade* está marcada pela recepção de mais 5 milhões de imigrantes estrangeiros de diversas origens entre os anos 1808 do século XIX e 1972 do século XX (Bassanezi, 2008; Girard, 2009). A *segunda idade* começa a princípios do século XX e representa os movimentos migratórios internos do campo às grandes cidades. Estes traslados que inicialmente não traspassavam os limites provinciais, a partir dos anos 50 ampliam o âmbito geográfico para outros estados e regiões. Em 1920, um 83% da população brasileira residia no campo (22.853

milhões de pessoas) e 17% que residia nas grandes cidades. Estes 4.6 milhões de pessoas (1920) passaram a ser 138 milhões a mediados do século XX. Entre 1960 e 1980 se estima que se mudaram do campo às cidades mais de 43 milhões de pessoas (Brito 2005, 2006 em Solé, et al. 2011, pp. 31 e 32). A *terceira idade* começa a partir das duas últimas décadas do século XX, e devido às repetidas crises financeiras, e o conseqüente empobrecimento da classe média, provoca a existência de intensas desigualdades sociais, econômicas, educacionais, habitacionais e sanitárias. Este novo panorama provoca a diminuição na entrada de imigrantes estrangeiros ao mesmo tempo que um estancamento nas migrações internas, e o início de um importante fluxo migratório de brasileiros com destino a Estados Unidos, Europa e Ásia, em busca de melhores condições econômicas e qualidade de vida.

A denominada *terceira idade* (Solé, et al. 2011) coincide com a crise econômica dos anos 80, também chamada “*década perdida*”, que se associa a democratização política (Masanet, Baeninger & Mateo, 2012). Aqui a migração interna deixa de ser um atrativo e os brasileiros começaram a olhar mais além das fronteiras de seu país decidindo transladar-se aos países que percebem como fontes de oportunidades econômicas, de identidade pessoal e de cidadania. Almeida (2011) descreve que “... o deterioro das condições de vida nas cidades, a violência e o caos urbano, o elevado crescimento demográfico, a pobreza, a violação dos direitos humanos, a desestabilização social, a precariedade das condições de vida, o medo a viver nas grandes e médias cidades do Brasil, além da falta de oportunidades, a discriminação, o atraso cultural, o sexismo, a estratificação social, a intolerância e o racismo” (Almeida, 2011, pp. 209 e 210), foram os principais fatores que motivaram a emigração dos brasileiros nesta, etapa.

A *quarta idade*, discorre sobre a emigração brasileira na atualidade, como um fenômeno em crescimento caracterizado tanto pela emissão de emigrantes quanto pela recepção de imigrantes. Em 2013 as pessoas originárias do Brasil residentes no estrangeiro alcançavam o número de 2.801.249. Entre os cinco países com maior número de imigrantes brasileiros se encontravam Estados Unidos (1.006.842), Paraguai (459.460), Japão (186.051), Portugal (162.190) e Espanha (119.000) (Itamaraty, 2013). Segundo se pode observar na Tabela 1, no ano 1996 o número de imigrantes brasileiros com domicílio no território espanhol mal alcançava a cifra de 2.000, em 2006 se obteve um aumento de 70.000 e em 2009 se alcançou o máximo registrado até hoje (más de 126.000). Contudo, a discrepância entre os dados de 2013 oferecidos pelo INE (2015a) e pelo Itamaraty (2013), se corresponde a que o primeiro indica o número de imigrantes brasileiros com domicílio na Espanha e, o segundo ao número de brasileiros que informaram ao governo brasileiro sobre sua instalação na Espanha.

Tabela 1. **Brasileiros com registro de domicílio na Espanha entre 1996 e 2014**

Ano	1996	1998	2000	2002	2004	2006	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Numero	2.032	6.709	11.125	23.719	37.448	72.441	116.548	126.185	117.808	111.535	99.870	89.356	81.132

Fonte: elaboração própria a partir de dados do INE (2015a)

Voltando aos estudos realizados sobre a imigração brasileira na Espanha durante os anos 2005 a 2007 de Masanet, et al. (2012), há diversos aspectos que caracterizam os

brasileiros residentes em Alicante e Madrid. Os motivos mais destacados para escolher Espanha como destino migratório foram a existência de redes sociais instaladas no país de acolhida, que funcionavam como facilitadores para a inserção social e, de similar importância, os vínculos históricos familiares, as motivações culturais, as imagens positivas com relação ao país e aos autóctones, e também as facilidades de entrada ao território espanhol (comparadas com Estados Unidos, por exemplo). Também o referente salarial foi um fator de total importância para estes imigrantes, já que a ascensão econômica é um dos principais fatores que motivaram sua saída do Brasil. Por outra parte, as principais dificuldades de adaptação reportadas por este coletivo ao instalar-se na Espanha relatam as questões relacionadas com a subsistência, como conseguir moradia, trabalho e documentação seguidas do incomodo produzido pela diferença climática e pelo idioma. Da mesma maneira, se referiram à falta de informação prévia com relação à sociedade receptora, principalmente em relação à realidade salarial. Além disso, indicaram que as dificuldades reais vividas na Espanha são maiores do que haviam imaginado antes de emigrar.

1.1.2. Imigração brasileira no País Vasco

Na Espanha segundo os dados do INE (2015a), as sete comunidades autônomas com mais imigrantes brasileiros domiciliados, entre os anos de 1998 e 2014, foram Barcelona e Madrid que encabeçavam o ranking, o País Vasco ocupava entre o sexto e sétimo posto coincidindo com Castela e Leão e Baleares (Tabela 2).

Tabela 2. *Comunidades espanholas com mais brasileiros com registro de domicílio entre 1998 e 2014*

Ano	Ranking de preferência						
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º
1998	Madri	Catalunha	Valencia	Galícia	Andaluzia	País Vasco	Baleares
2005	Catalunha	Madri	Valencia	Andaluzia	Galícia	País Vasco	Castela e Leão
2006	Catalunha	Madri	Valencia	Andaluzia	Galícia	Castela e Leão	País Vasco
2010	Catalunha	Madri	Galícia	Andaluzia	Valencia	Castela e Leão	País Vasco
2011	Catalunha	Madri	Galícia	Andaluzia	Valencia	País Vasco	Castela e Leão
2014	Catalunha	Madri	Andaluzia	Galícia	Valencia	País Vasco	Castela e Leão

Fonte: elaboração própria a partir de dados do INE (2015a)

Um estudo qualitativo realizado por Almeida (2011), sobre as mulheres brasileiras residentes no País Vasco, que contraíram matrimônio ou vivem em companhia de homens de origem vasca. Um 84% da amostra havia conhecido seu par depois de emigrar e um 16% antes e, os motivos principais que as levaram a emigrar foram a estabilidade que acreditam que proporciona viver na Europa e a formação de uma família. Mesmo assim, um 90% declarou que vivem presas entre Brasil e Espanha, já que quando visitavam Brasil queriam retornar ao País Vasco e quando estavam no País Vasco sentiam saudades do Brasil.

Através de estudos prévios realizados com imigrantes de diversas nacionalidades instalados no País Vasco, se pode descrever ao imigrante brasileiro como um coletivo de maioria jovem (83% ≥ 40 anos de idade e 17% < 40 anos de idade), em sua totalidade escolarizado (66% divididos entre formação secundária, técnica e universitária e um 34% formação básica). Conjuntamente com os demais imigrantes latino-americanos a necessidade

(32%) e a melhora econômica (38%) estão entre os principais motivos que levaram os brasileiros a optar por emigrar ao País Vasco (Aierdi, Basabe, Blanco & Oleaga, 2008). No entanto, devido a um acordo de colaboração tecnológica firmado entre as empresas aeronáuticas Gamesa (Espanha) e Embraer (Brasil) na década de noventa, o coletivo de origem brasileira que fixou residência no País Vasco entre o final do século XX e começo do século XXI, estava composto na sua maioria por técnicos, engenheiros e suas famílias, que saíam do Brasil com documentação legalizada, contrato de trabalho e apartamento alugado entre outros benefícios. Contudo, muitos destes contratos possuíam uma duração inicial de seis meses e se iam renovando de acordo as necessidades da empresa, o que gerava uma grande incerteza neste coletivo. Parte deste grupo foi absorvida como quadro permanente da empresa espanhola, parte mudou de empresa, de atividade ou se instalou como trabalhador autônomo, e uma terceira parte encontrou trabalho em outro país ou bem regressou ao Brasil. Estes trabalhadores e suas famílias criaram redes de apoio que facilitaram a instalação de outros familiares e compatriotas no País Vasco, muitos deles alheios à aeronáutica ou a qualquer outra qualificação profissional. Segundo dados de IKUSPEGUI (2015) o número de brasileiros domiciliados no País Vasco aumentou consideravelmente entre os anos de 2003 e 2010, e de 2011 até 2014 sofreu um descenso (ver Tabela 3).

Tabela 3. **Brasileiros com registro de domicílio no País Vasco entre 2003 e 2014**

Ano	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Numero	2.014	2.269	3.047	3.790	4.320	5.125	5.855	5.824	5.782	5.554	5.077	4.491

Fonte: elaboração própria a partir de dados do IKUSPEGUI (2015)

1.2. PARA O BRASIL: IMIGRAÇÃO ESPANHOLA E VASCA NO BRASIL

1.2.1. Brasil e a Região Sudeste

Com cidades cheias de contrastes, com fortes tradições culturais e históricas e grande biodiversidade, o Brasil (com uma superfície estimada em mais de 8,5 milhões de km²) é o maior país da América do Sul e o quinto maior país do mundo em área total (equivalente a 47 % do território sul americano). Seu litoral está banhado, exclusivamente, pelo oceano Atlântico e apresenta um clima predominantemente tropical. Sua língua oficial é o idioma Português; está dividido em 26 estados e um Distrito Federal, agrupados em cinco regiões. Os estados têm administração independente e soberana, submetidos à constituição brasileira, e ao código de leis brasileiras e a sua constituição estatal. A divisão por regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) se fez para responder as necessidades de administração de impostos e para o processamento das estatísticas nacionais.

Os participantes brasileiros nos estudos desta tese procedem da *Região Sudeste*. Esta conta com ao redor de 77 milhões de habitantes, a maior porcentagem de população do país (42,63%), divididas em mais de 920 mil quilômetros quadrados de área (10,85% do território nacional). Com um clima tropical atlântico está formada por bosques tropicais (Mata

Atlântica), vegetação semiárida (no norte), vegetação de savana (no oeste) e cerrado (no noroeste). Apresenta uma economia bastante diversificada, que engloba entre outros o sector industrial (maquinaria, eletrônica, automobilismo, aviação, etc.), o sector agrícola (café, cana de açúcar, etc.) e o turismo. É considerada o centro comercial e econômico do Brasil, e onde se encontram a maioria das grandes empresas nacionais e multinacionais instaladas neste país (Schneeberger, 2003).

1.2.2. Imigração espanhola no Brasil

A imigração é considerada como um fator importante na formação do povo brasileiro e determinante em sua história devido a influencia direta em seus aspectos sociais, culturais e econômicos. Também é responsável pela heterogeneidade nos traços físicos característicos de sua população, a maioria dos brasileiros descendem dos povos indígenas do país, colonos portugueses, imigrantes europeus e escravos africanos (Brasilecola, 2009; Girard, 2009).

Podemos datar o início da imigração² no Brasil, na própria data de seu descobrimento (no dia 22 de abril de 1.500) quando os Portugueses desembarcaram no que hoje é o Nordeste brasileiro e começaram o processo de colonização dos nativos indígenas que aí encontraram, mas foi no século XIX, devido à abolição da escravidão e da necessidade de mão de obra que suprisse este serviço, que Brasil abriu suas fronteiras aos imigrantes. Entre 1808 e 1972, cerca de cinco milhões de pessoas de mais de 60 países emigraram ao Brasil, a maioria procedente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão. Deste total de imigrantes mais da metade (ao redor de três milhões) se instalaram em São Paulo capital e estado (Bassanezi, 2008; Brasilecola, 2009).

Entretanto foi entre 1880 a 1930 que o Brasil passou a ser um dos destinos preferidos dos espanhóis, que migravam em busca dos benefícios oferecidos pela política migratória deste país naquela época. Dos milhões de pessoas espanholas que se dirigiram a outros países americanos durante os séculos XIX e XX, ao redor de 750.000 espanhóis escolheram este país como destino (Klein, 1996), cerca de 600.000 entre 1880 e 1930 (Girard, 2009; Medina, 1999; Romero, et al. 2013). No geral, foi uma migração inicialmente (até 1.900) caracterizada por pessoas do sexo masculino, jovens, solteiras ou que viajavam sozinhas (Alonso, 2009) e se dirigiam aos grandes centros urbanos como Paraná, Rio Grande do Sul ou Rio de Janeiro, mas principalmente a São Paulo e região (entre 66% e 78%). As condições as quais se submetiam costumavam ser extremadamente precárias e as atividades exercidas pelo geral eram de baixa qualificação, mais comumente nas plantações de café. Em meio a esta realidade eram poucos os que conseguiam ascender socialmente, convertendo-se em pequenos proprietários rurais (Girard, 2009; Klein, 1996). Foi entre os anos de 1908 e 1926, quando a imigração espanhola, com destino a este país, se acentuou devido aos subsídios proporcionados pelo governo brasileiro e paulista para suprir a necessidade de mão de obra

² Considera-se que as pessoas que entraram no Brasil até o ano de 1822, não eram imigrantes e sim colonizadores. <http://infojovem.org.br>

nas plantações de café, que anteriormente era realizada por imigrantes (que havia substituído a mão de obra escrava em função de sua abolição). Estes imigrantes eram na sua maioria provenientes de outras nacionalidades, principalmente italianos (Medina, 1999; Romero 2013), que em uns casos haviam conseguido melhorar economicamente e retornar a sua terra ou bem converter-se em importantes proprietários agrícolas, e em outros casos substituíram a agricultura, por trabalhos menos sacrificados nos centros urbanos. Nestas décadas a imigração espanhola se constituía na sua maioria (81%) por agricultores e famílias camponesas de baixa renda, os subsídios que recebiam compreendiam a passagem gratuita, contrato de trabalho de um ano na plantação de café e alojamento (Sallé, 2009), não permitiam liberdade de mobilidade e eram enviadas diretamente às plantações de café, principalmente no estado de São Paulo (Andreazza, 1994). Em geral, estas plantações já não proporcionavam uma fonte de renda que lhes permitisse ascender economicamente como os imigrantes de outras origens que lhes antecederam (Klein, 1996) ou como a minoria de seus compatriotas que se dirigiram a outros estados brasileiros instalando-se fora do meio rural e dedicando-se a sectores distintos da agricultura, como o comércio ou a prestação de serviços. Em geral, os imigrantes espanhóis que se dirigiam à zona urbana de São Paulo e não encontravam um emprego, terminavam executando trabalhos artesanais de serralheria, carpintaria, sapataria, e costura em pequenas oficinas improvisadas no jardim de suas casas e muitas vezes ajudados por seus familiares ou conterrâneos próximos (Santos de Matos, 2013).

Até a década dos anos trinta, devido a sua característica rural, a precariedade econômica e formativa, e por outra parte, a dificuldade de associação para a realização de atividades sociais e culturais, e ademais a facilidade de contrair matrimônio com pessoas de origem brasileira ou outras origens, ao coletivo espanhol residente no Brasil, não lhes restou outra alternativa que adotar os usos e costumes deste país, assimilando sua cultura que já estava marcada pelas influências portuguesas e italianas (Brasilecola, 2009; Klein, 1996). A partir desta década São Paulo desponta como um cenário onde a cultura espanhola não passou despercebida, principalmente através da arte, da música e da gastronomia. Os espanhóis aproveitavam seus talentos para “ganhar a vida” como atores e autores de teatro, pintores ou escultores; como cantores e professores de canto ou de instrumentos musicais principalmente de violão; ou como cozinheiros em restaurantes, pensões ou entrega á domicílio (Santos de Matos, 2013).

Houve dois importantes fluxos de movimento de pessoas espanholas em direção ao Brasil, o primeiro entre 1880 e 1939, e o segundo entre 1946 e 1962. Os anos de descenso se deram devido à baixada no preço do café e a consequente retirada dos subsídios proporcionados pelo governo brasileiro (a princípios de 1930), e por outra parte, a guerra Civil espanhola (1936 a 1939) e a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). A situação crítica socioeconômica do pós-guerra na Espanha, acrescentada à recuperação econômica do Brasil pela subida no preço do café e seu crescente processo de industrialização principalmente no automobilismo (ao redor de 1945), favoreceram a reativar o aumento desta corrente migratória nas décadas dos anos 40, 50 e 60. Aumento que foi seguido de um descenso entre as três últimas décadas do século XX e princípios do XXI, devido a uma ascensão socioeconômica na Espanha e o descenso da economia brasileira, chegando inclusive a não

somar segundo o INE (Instituto Espanhol de Imigração, em Romero, 2013) a 50 saídas anuais de imigrantes espanhóis que se instalaram no Brasil entre os anos de 1985 e 2001. Segundo Romero (2013), este descenso da migração espanhola no Brasil, somado aos retornos e a mortalidade dos imigrantes anciãos, resultou numa importante diminuição da comunidade espanhola residente no Brasil, entre os anos de 1970 a 2010, este declive se corresponde a uma média anual de -3%, o que representou uma diminuição de 100 mil pessoas espanholas residentes no Brasil entre estes anos.

Paralelamente a esta situação, na década dos 90 Espanha e Brasil assinaram um acordo bilateral³, de cooperação nos âmbitos político, econômico e financeiro, de cooperação técnica e científico-tecnológica, educativa e cultural, jurídica e consular, com o objetivo de fomentar as relações e vínculos entre ambos os países. A raiz de este acordo se criaram programas de cooperação em diversas áreas, como na de educação, facilitando o intercâmbio acadêmico, como por exemplo, através de programas de cooperação Inter universitária (MECD - Espanha e CAPES – Brasil)⁴ ou promovendo o ensino da língua espanhola no Brasil e da língua portuguesa na Espanha, (desde 2005 é efetiva a obrigatoriedade do ensino da língua espanhola nos cursos de primaria e secundaria no Brasil); na cultura, fomentando a criação de novos centros culturais em cidades dos dois países, assim como a promoção de jornadas culturais e eventos que contribuíam para a propagação e manutenção das tradições de interesse mútuo; ou na técnica realizando, entre outras atividades, projetos conjuntos de investigação científica, de desenvolvimento tecnológico e inovação, intercambio de experiências e de profissionais⁵ (como por exemplo, o acordo de aeronáutica, estruturados entre EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica) e GAMESA - atualmente AERNNOVA). Convertendo assim o Brasil num importante sócio da Espanha na América Latina, como destino de muitos inversores e como sede de uma média de 180 empresas espanholas que englobam diversos sectores como engenharia, construção, siderúrgica, recursos humanos, transportes, têxtil, fabricação e montagem de maquinarias, entre outros e representadas, por exemplo, por ADECCO, BBVA, Banco Santander, ENDESA, Grupo ROCA, Grupo Mondragón, Grupo Antolin-Irausa, GESTAMP, MAPFRE, Telefónica e ZIGOR (ICEX 2010⁶).

Este acordo bilateral, unido por um lado, (2007) à implementação de um programa de Aceleração do Crescimento (PAC)⁷ pelo governo brasileiro e ao campeonato mundial de futebol de 2014 e os jogos Olímpicos de 2016 e por outra (2008) o início da crise econômica na Espanha, favoreceram o aumento da emigração espanhola com destino ao Brasil, a partir de 2008. Em 2011 o número de pessoas espanholas que deixaram a Espanha para instalar-se neste país, superou o número de 1200, e se equipararam com as saídas produzidas em 1971

³ Em julho de 1992, foi assinado o Tratado Geral de Cooperação e Amizade entre o Reino de Espanha e a Republica Federativa do Brasil, entrando em vigor no ano de 1994 «BOE núm. 162/1994, de 8 de julho de 1994» (<http://www.judicatura.com/Legislacion/1189.pdf>).

⁴ MECD (Ministério de Educação Cultura e Esporte) - CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

⁵ (<http://www.judicatura.com/Legislacion/1189.pdf>).

⁶ ICEX -Diretório Empresas Espanholas no Brasil - Atualização setembro 2010.

⁷ Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), foi implantado pelo governo de Lula da Silva em 28 de janeiro de 2007 – constituído de medidas para estimular a inversão privada e a ampliação da inversão pública, tendo como uma das principais prioridades a inversão na infraestrutura. <http://www.spainbusiness.pt/icex/cma/contentTypes/common/records/mostrarDocumento/?doc=4595888>

rumo ao mesmo destino. Em 2011 os vistos de trabalho emitidos a espanhóis pelo governo do Brasil superaram os 1800 (Romero 2013).

Atualmente, os espanhóis estão entre o grupo de imigrantes (portugueses, italianos, alemães e japoneses) que compõe um 80% de estrangeiros no Brasil. Dos 6 milhões de imigrantes residentes no Brasil, os espanhóis representam ao redor de 14% desta população e ocupam o terceiro lugar, os portugueses e os italianos (representam ao redor de 66%), divididos de maneira equivalente, ocupam os primeiros postos, os alemães e japoneses com um 5% cada um, estão posicionados no quarto e quinto lugar, e os demais países compõe o 10% restante (Brasilecola, 2009). Segundo dados do Registro de domicilio de espanhóis residentes no estrangeiro de 2013, no Brasil residiam 110.442 espanhóis, situando este país no quinto com maior número de imigrantes espanhóis instalados oficialmente (Romero, 2013). Em 2014 este número se incrementou em 7.081 (Portal da Cidadania Espanhola no Exterior⁸), que representa um total de 117.523 mil residentes espanhóis no Brasil. Também segundo dados da Oficina do Censo Eleitoral CERA (INE, 2015b)⁹, os espanhóis inscritos como ausentes, que declararam residência no Brasil aumentaram em aproximadamente 100% no ano de 2014 em comparação com o ano de 2006, conforme se pode apreciar na Tabela 4.

Tabela 4. **Espanhóis inscritos no CERA como residentes no Brasil entre 2006 e 2014**

Ano	2006	2008	2010	2012	2014
Inscritos	57.437	66.789	72.635	87.529	101.200

Fonte: elaboração própria a partir de dados do CERA (INE, 2015b).

Segundo um dos titulares do programa documental “EN TIERRA HOSTIL”¹⁰ realizado por uma emissora da televisão espanhola em 2015, “Brasil é o país com mais residentes espanhóis ilegais do mundo” (Luz, Sierra & Andrade, 2015). Sobre a situação documental os espanhóis que emigraram a Brasil e participaram no documental manifestam:

“... Muitos são os espanhóis que, devido à situação do nosso país, se vêm obrigados a fazer suas malas e mudar-se em busca de trabalho fora de nossas fronteiras. Mas o que muitos não sabem, é que para entrar em países como Brasil não basta com ter o passaporte em dia, mas que são necessárias uma série de permissões especiais sem as quais a entrada fica restringida, como resposta às exigências que os brasileiros tiveram que respeitar até agora para entrar na Espanha. Dilma Rousseff Chamou isto de 'Lei de reciprocidade’¹¹.

1.2.3. Imigração Vasca no Brasil

Segundo estudos realizados por Ormazabal (2004), as primeiras referências da imigração vasca no Brasil se reporta ao período de sua colonização, no ano de 1548, em Salvador de Bahia pela presença militar do capitão mor Domingo Arios de Aguirre e em Maranhão (Marañón), por Pedro de Urzua e Lope de Aguirre que faziam parte de uma

⁸ <http://www.ciudadaniaexterior.empleo.gob.es/es/portada/mapa/america/index.htm>

⁹ <http://www.ine.es/ss/Satellite?c=Pageecid=1254735791904epagename=CensoElectoral%2FINELayouteL=0>

¹⁰ <http://www.antena3.com/programas/en-tierra-hostil/programas/programa-6-rio-de-janeiro/>

¹¹ http://www.antena3.com/programas/en-tierra-hostil/las-claves/las-claves-rio-de-janeiro/ley-reciprocidad-brasil_2015030400389.html

expedição em busca de ouro e, em 1549, em Porto Seguro (Bahia) o Jesuíta José de Azpilicueta Navarro. Nos anos posteriores chegaram mais pessoas de origem vasca, mas as chegadas massivas se deram em concordância com o exposto no capítulo anterior sobre a imigração espanhola no Brasil, desta maneira, as pessoas vascas em sua maioria se instalaram no Brasil nos períodos dos dois grandes fluxos migratórios compreendidos entre os anos de 1880 a 1939 e os anos de 1946 a 1962, e recentemente a partir do ano de 2008. Cabe destacar que até 1901, o maior destino dos vascos na América latina era Argentina, Guatemala e Chile, devido a que as embarcações que saíam dos portos mais próximos geograficamente, como Bilbao, Bayona ou Burdeos se dirigiam naquela época a estes países, foi a partir deste ano que se incorporou a rota Bilbao- Brasil, anteriormente realizada a partir dos portos de Barcelona e Vigo (Olaran, 2007).

De maneira geral, os imigrantes que desembarcavam no Brasil o faziam nos seus três principais portos: o de Santos (em São Paulo), o do Rio de Janeiro e o de Salvador (na Bahia). Com relação ao primeiro fluxo migratório, assim como seus nacionais espanhóis, os vascos em sua maioria eram destinados para trabalhar nas plantações de café localizadas em São Paulo e região e, com relação ao segundo fluxo, que ia dirigido também à agricultura e a indústria, os imigrantes eram destinados às localidades que necessitassem mão de obra (em geral paulista), ou ficavam perto da zona do desembarque devido à grande extensão territorial e a escassa oferta de transportes (Olaran, 2007; Ormazábal, 2004).

Entre os imigrantes espanhóis de outras comunidades, e italianos, as pessoas vascas representavam uma minoria, em razão do que sua possibilidade de criação de um grupo coesivo se diluísse em prol da assimilação das culturas dominantes e o matrimônio com pessoas de outras origens, até que em 1959, com o objetivo de resgatar e manter sua cultura e a de seus antepassados, 56 imigrantes vascos residentes se organizaram e fundaram em São Paulo a primeira associação vasca no Brasil, que recebeu oficialmente o nome de “Eusko Alkartasuna”¹² (Olaran, 2007; Ormazábal, 2004). Em 30 de novembro de 2014 comemorou seus mais de 50 anos de existência, anos que fizeram possível a fusão de gerações e manter vivo o desejo de conservar suas tradições, propaga-las e compartilha-las entre a comunidade brasileira.

Entre a documentação e estudos sobre a migração espanhola na América latina, não há constância de materiais oficiais que indiquem em números exatos a origem por estado dos imigrantes espanhóis residentes no Brasil entre os anos de 1822 até 1978. Através da internet se pode consultar o memorial do imigrante¹³, e obter informações sobre as pessoas imigrantes de diversas origens, que desembarcaram no porto de Santos (São Paulo) entre estes anos, ainda que estas informações não contenham dados que possibilitem identificar suas comunidades de origem no caso do coletivo espanhol (Olaran, 2007).

Segundo Ormazábal (2004) *“(...) Os vascos estivemos nestas formosas terras do Brasil desde seu descobrimento (...) e no final do século XX e início do XXI, as coisas não foram diferentes. As empresas vascas “descobriram” um mercado de 150 milhões de consumidores*

¹² Eusko Alkartasuna de São Paulo – Data da fundação 1959 - Fecha reconhecimento 18-06-1996 - Endereço: R. Fonte do Salgueiro, 173 -Código postal 04826-250.

¹³ <http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/>

(...) sobretudo depois que o plano real trouxe (...) estabilidade à economia brasileira (...) depois da viagem realizado pelo Lendakari (...) em 1997 (...) muitas empresas vascas se instalaram no Brasil: Sidenor, Arteche, Bellota(...) Izarbarri, Kondia, Sagola, ULMA e muitas outras. (...) 500 anos depois cruzaram o mar e vieram a estas terras em busca de sorte” (pp. 131 e 132).

Conforme a nota de imprensa do Diário Vasco¹⁴ (21 de março), em 2014 o número de vascos residentes no estrangeiro ascendia a um total de 76.340, 4.475 pessoas mais que no ano de 2013. Também segundo dados do CERA (INE, 2015b), houve um aumento progressivo no número das pessoas vascas inscritas no censo eleitoral, como residentes em países distintos da Espanha, sem embargo, este aumento não foi considerável se observamos (Tabela 5) os nacionais vascos que declararam o Brasil como país de destino entre os anos de 2008 e 2014. Assim mesmo é importante considerar que os dados oficiais encontrados correspondem a anos recentes.

Tabela 5. **Cidadãos vascos inscritos no CERA como residentes no exterior entre 2006 e 2014 (Brasil e demais países)**

Ano	Demais países	Brasil
2006	38.922	*
2008	42.330	419
2010	42.330	406
2012	50.803	534
2014	61.667	534

Fonte: elaboração própria a partir de dados do CERA (INE, 2015). * Não se encontrou encontrados dados oficiais.

¹⁴ <http://www.ikuspegiinmigracion.net/es/prensa/prensa.php>

2. CULTURA, DIMENSÕES CULTURAIS E CHOQUE CULTURAL

Partindo do suposto defendido por antropólogos sociais na metade do século XX, de que as sociedades enfrentam os mesmos problemas e se diferenciam na forma de resolvê-los, vários estudiosos desenvolveram diversas linhas de pesquisa que resultaram em importantes modelos teóricos. Neste subcapítulo, dedicado às dimensões culturais, estão expostos os modelos que foram considerados relevantes para este estudo (1) o modelo de Hofstede (2001) das dimensões culturais, (2) o modelo de Triandis (1995) do individualismo e coletivismo - vertical e horizontal, (3) o modelo de Trompenaars (1994) das cinco orientações, (4) o modelo de Schwartz (2001) dos valores individuais, assim como os estudos referentes (5) aos estilos de comunicação, (6) ao Familismo e (7) ao Choque Cultural.

2.1 MODELO DE HOFSTEDE

Hofstede (1999, 2001, 2010) definiu a cultura como a programação cultural da mente que diferencia um grupo do outro. No seu estudo a respeito dos valores coletivos associados ao trabalho em 53 grupos culturais (50 países e 3 regiões), este autor na tentativa de averiguar aspectos básicos que pudessem ser comuns a qualquer cultura e viáveis de serem medidos em relação a outras culturas, identificou quatro dimensões que diferenciam as culturas, e que coincidem com quatro tarefas básicas que deve resolver toda sociedade, segundo Inkeles e Levinson (1969, citada in Hofstede, 2001, pp. 47).

O sociólogo Inkeles e o psicólogo Levinson, propuseram que (1) *Relação com a autoridade*, (2 e 3) *Concepção de si mesmo*, (que inclui: Relação entre a pessoa e a sociedade e, Diferenças entre homem e mulher) e (4) *Conflitos e sua resolução* (expressão versus inibição de emoções, incluindo o controle da agressão), são temas comuns a todas as culturas, representam os problemas a resolver e causam consequências sobre o funcionamento social tanto nos âmbitos grupais quanto individuais. Hofstede (2001) em seu trabalho sobre valores, analisando estatisticamente respostas sobre os valores de trabalhadores da IBM, em diversos países, descobriu a existência de quatro questões comuns às distintas sociedades, porém tratadas de diferentes maneiras por cada uma delas e que coincidiam com os temas propostos por Inkeles e Levinson. Estas questões se referiam a *Desigualdade social incluindo a relação com a autoridade*,

(2) *Relação entre indivíduo e grupo* (3) *Implicações sociais de ser homem ou mulher*, e (4) *Maneiras de relacionar com a incerteza*.

De este modo, Hofstede (1999, 2001) encontram quatro dimensões¹ (1) *Distância hierárquica*, (2) *Individualismo-Coletivismo*, (3) *Masculinidade-Feminilidade* e (4) *Evitar a incerteza*. Posteriormente, foi adicionada uma nova dimensão (5) *Orientação temporal a curto e longo prazo*, a qual foi incorporada a partir dos resultados de uma pesquisa realizada por Bond (1987 em Hofstede 2001) em 23 países, no qual utilizou um questionário desenvolvido por cientistas orientais com o objetivo de avaliar as diferenças culturais sobre valores chineses (LTO/CVS). Recentemente, a partir das análises feitas por Minkov (2007) do questionário mundial de valores (WVS) foi reestruturado esta quinta dimensão (WVS) e incorporada uma sexta dimensão (6) *Indulgência frente à Restrição* (IVR).

2.1.1. Distância Hierárquica

As sociedades podem diferenciar-se no grau em que assumem a existência de diferenciais de poder. Hofstede (2001, pp. 66-67) define distância hierárquica como “*o grau em que os membros com menos poder das instituições e organizações de um país esperam e aceitam que o poder esteja distribuído de maneira desigual*”, neste sentido, a distância hierárquica poder ser explicada a partir dos sistemas de valores das pessoas que possuem menos poder. Podemos dizer que, as culturas com alta distância de poder valorizam a hierarquia social e o respeito à autoridade, promovem a diferença e indicam uma relação de dependência de certas pessoas ou grupo aos quais se atribui poder social, por exemplo, “os ricos, as pessoas cultas, os idosos” ou até mesmo determinados profissionais como “médicos, sacerdotes e professores”.

As culturas com alta distância hierárquica destacam as relações de poder em todos os âmbitos de socialização, como a família, a escola, o trabalho e o Estado. Nestas culturas, se valoriza a obediência e o respeito, já no seio da família, que costuma ser o primeiro agente socializador, se infunde aos filhos desde que nasce o dever da obediência aos pais. Na medida em que crescem e ampliam sua área de contato, automaticamente vão adicionando “representantes do poder” aos que devem obediência e respeito e dos que dependem. Em culturas com alta distância de poder, são avaliadas a conformidade e a obediência e se apoia em atitudes autocráticas e autoritárias aos que estão à frente de organizações e instituições. Nestas culturas, manter o respeito pessoal nas relações interpessoais faz com que os indivíduos sintam que seu poder pessoal é reconhecido (Páez, Fernández, Ubillos & Zubieta, 2003), neste sentido, a América Latina compõe um cenário típico associado em parte a esta dimensão que é da dignidade e do respeito. As críticas se percebem como uma falta de respeito à pessoa a que se dirige. Mesmo assim, o tuteo é censurado já que apaga todos os tratamentos de cortesia e de respeito. Várias pesquisas com hispanos mostraram que estes valorizam mais que os anglo-

¹ Por meio de análise fatorial coletiva com as nações como unidade de análise e as médias como pontuações a partir de dados obtidos em um questionário aplicado a trabalhadores da IBM. As pontuações médias ou agregadas de amostras nacionais sobre valores do trabalho são um indicador macro psicológico que representa o constructo coletivo de cultura subjetiva e que Hofstede (2001) avaliou mediante sua correlação com indicadores macrossociais objetivos, subjetivos e macro psicológicos.

saxões o respeito e o trato diferencial para com os outros (Albert, 1996; citado in Páez, Fernández, Ubillós & Zubieta, 2003). Outros estudos sobre diferenças culturais, entre imigrantes de procedência latina radicados na Espanha coincidem em atribuir à cultura local os traços de uma menor distância hierárquica (Angel, 2007; Basabe, Zlobina & Páez, 2003). Nas culturas com alta distância hierárquica se consideram menos típicas as reações internas intensas, desta maneira são mais salientes as regras de autocontrole e mais contida a exibição extrema de emoções (Smith & Bond, 1998), além disso, nestas culturas as emoções negativas estão ameaçadas pela hierarquia e a coesão social e as regras para decifrar as emoções preservam os sujeitos da produção e percepção de emoções negativas intensas (Basabe, Páez, Valencia, Rimé, Pennebaker, Diener & González, 2000; Basabe, Páez, Valencia, Gonzalez, Rimé & Diener, 2002).

A Espanha apresenta uma pontuação médio-baixa em distância ao poder e ocupa a 31ª posição e, o Brasil apresenta uma pontuação média-alta em distância ao poder, e ocupa a 14ª² posição (Hofstede, 2001, pp. 500).

2.1.2. Individualismo - Coletivismo

Esta dimensão trata sobre a relação entre o indivíduo e o grupo. Hofstede se refere à sociedade coletivista, quando o interesse do grupo prevalece sobre o interesse do indivíduo, e sociedade individualista quando o interesse individual prevalece sobre o interesse grupal. Descreve um contínuo entre relações sociais voluntárias, onde as pessoas que pertencem às *culturas coletivistas* priorizam as relações de dependência ao grupo, tendo por referência o “nós”, enquanto que as pessoas que pertencem às *culturas individualistas* têm por referência o “eu”, priorizando seus próprios objetivos e interesses.

Nas sociedades coletivistas, a estrutura familiar (reconhecida como família extensa) (Hofstede, 2001) geralmente está formada por parentes de sangue (pais, filhos, avós, tios, primos,, etc.), parentes políticos (nora, genro, sogros,, etc.) e por agregados (funcionários do lar, amigos próximos, afilhados, compadres, comadres,, etc.), os quais estabelecem uma relação de lealdade e proteção, buscam sempre o bem-estar e a harmonia do grupo evitando confrontos diretos sem importar o custo, priorizam o grupo de permanência em detrimento dos outros grupos; neste contexto, as pessoas acostumadas a centrar-se nas necessidades e interesses do grupo estabelecem relações de interdependência e apoio mútuo (Markus & Kitayama, 1991). Enquanto que nas sociedades individualistas, a estrutura familiar (reconhecida como família nuclear) comumente está formada pelos pais e filhos, as relações priorizam o crescimento e a independência do indivíduo. Na comunicação valoriza-se confrontar as opiniões, já que conduzem ao crescimento e fortalecem a pessoa como entidade independente.

Nas culturas coletivistas, é comum que a família extensa faça cargo financeiro da formação de seus integrantes, esperando que no futuro a pessoa beneficiada lhes agradeça o apoio da mesma maneira. Também se espera que as pessoas que ocupem um posto destacado em alguma organização ou instituição tenham uma atitude de distinção e favoreçam aos membros que pertencem ao seu grupo. Nas culturas individualistas, a família nuclear costuma

² Classificação dos países de maior a menor distância hierárquica – nesta dimensão o ranking considerado foi entre 01 e 53 – onde 01 corresponde à máxima e 53 a mínima distância hierárquica.

preparar seus integrantes para que sejam autossuficientes e ao contrário dos coletivistas, para os individualistas, não é habitual que se espere ajuda financeira (Stefanenko, 1991), qualquer insinuação de favorecimento por parte dos familiares e ou conhecidos no âmbito laboral ou institucional é visto como algo negativo.

A vergonha é um sentimento compartilhado pelas pessoas socializadas em comunidades coletivistas, em situações nas quais um dos membros que pertence ao grupo atue de maneira contrária aos princípios éticos estabelecidos, e este ato chegue a ter conhecimento público. Nas comunidades individualistas quando alguém comete um ato que vai contra aos princípios demarcados socialmente provoca no autor um sentimento de culpa derivado da sua própria consciência.

Em estudos prévios, sobre choque cultural, realizados na Espanha com imigrantes residentes em seu território, procedentes da África, América Latina e Europa do Leste (Ángel, 2007; Zlobina, Basabe, & Páez, 2004) observou-se que a cultura espanhola se considerava mais individualista que as dos imigrantes e isso criava fontes de choque cultural. Para os africanos a maior diferença residia entre a sociabilidade obrigatória no país de origem frente ao compromisso individual enfatizado na sociedade espanhola. Para os latino-americanos as diferenças estavam associadas à socialização mais individualista na Espanha, e menor importância atribuída à família e ao contato com os parentes. E por fim encontrou-se que os europeus do Leste percebiam que as relações estabelecidas por autóctones eram mais superficiais e distantes existindo uma menor importância outorgada aos amigos como grupo de referência e apoio em seu país de origem.

Entre os países latino-americanos que participaram nos estudos desenvolvidos por Hofstede, o Brasil segundo sua classificação (posição 26^a-27^a e pontuação 38) na escala apresentada por este autor, se encontra em uma posição média de coletivismo em relação ao país mais coletivista o Equador (posição 54^a e pontuação 8) e ao país menos coletivista a Argentina (posição 20^a - 21^a e pontuação 46). Mesmo assim, cabe destacar, que a Espanha apresenta um individualismo médio com uma posição 20^a e pontuação 51³ (Hofstede 2001, pp. 500).

Segundo Páez (Páez, et al. 2003), a cultura latino-americana coletivista se caracteriza por: (1) Ser uma cultura que valoriza as relações familiares, provocando o fenômeno *familismo* (valor cultural associado ao coletivismo e típico da América Latina), que implica em uma forte identificação e vinculação das pessoas com sua família nuclear e extensa. Desde o ponto de vista da (2) *percepção e pensamento*, tem presente que “tem que fazer o que a outra pessoa espera” e “que se tem que ver a vida de forma amistosa e leal, respeitando e valorizando os outros”. Desde o ponto de vista da (3) *ação ou da conduta*, predomina a cooperação e a busca de harmonia frente à competição e a defesa assertiva dos interesses e opiniões individuais. Demonstram preferência por um (4) *tratamento personalizado ou individualizado*, frente a um tratamento *estandardizado e impessoal*. É comum a (5) *resolução de problemas* e acesso a postos de trabalho mediante “contatos”, “recomendações” ou “alavancas”. A respeito à (6)

³ Classificação dos países em Individualismo - Coletivismo - nesta dimensão o ranking considerado foi entre 01 e 100 - Quanto mais alta a classificação do país em escala, mais individualista é considerada a sua cultura e quanto mais baixa, mais coletivista.

conduta social, se caracterizam por uma maior proximidade física, por um maior contato tátil e por uma maior gestualidade. Referente aos (7) *padrões de comunicação*, além da importância gestual, se caracteriza porque “não se expressa o que um pensa, senão o que o outro espera”. Considera-se tanto a forma quanto o conteúdo que se comunica. Além disso, a intervenção verbal é altamente dependente do contexto: não se explicitam todos os conteúdos da comunicação, espera-se que o outro deduza o contexto e dê sinais para linguísticos e não verbais. Ou seja, “que a outra pessoa saiba ler nas entrelinhas” (Albert, 1996 in Páez, et al. 2003).

2.1.3. Masculinidade - Feminilidade

A dimensão *Masculinidade e Feminilidade* refere-se em primeira instância aos estereótipos que atribuem significado aos papéis masculinos e femininos e apesar de que existam distintos matizes em cada sociedade a respeito à função a desempenhar por homens e mulheres, segundo Hofstede (2001) uma cultura masculina está centrada na autoafirmação, na ambição, no ganho individual, no confronto direto, na realização de tarefas, enfatiza as diferenças de gênero e os valores masculinos dominantes como o êxito, o dinheiro, a competição e a assertividade, enquanto uma cultura feminina apresenta comportamentos mais modestos, está direcionada ao compartilhamento afetivo, a ternura, a harmonia interpessoal, a cooperação, ao cuidado dos frágeis e não atribui importância às diferenças de gênero ou à competição (Páez, González, & Aguilera, 2000).

Nos papéis desenvolvidos no seio das famílias também se veem influenciados por esta dimensão, onde nas culturas feministas prevalece a ternura no trato oferecido pela figura do pai e da mãe (ou das pessoas que ocupam postos hierarquicamente considerados de mais poder dentro da família) aos seus filhos, nas culturas masculinas o trato oferecido por estas mesmas figuras é mais duro. As pessoas socializadas nas culturas masculinas aprendem a ser ambiciosas e competitivas. Enquanto que as pessoas socializadas nas culturas femininas, aprendem a ser modestas, a manter-se no mesmo nível dos demais, a evitar conflitos ou brigas, e independentemente do gênero lhe está permitido demonstrar sentimentos (o menino ou a menina podem chorar).

Nas culturas femininas valoriza e se vê como uma obrigação prover o contato e o apoio afetivo aos demais. Entretanto, nas culturas masculinas se enfatizam as diferenças entre os gêneros, somente as mulheres devem brindar o apoio emocional (as expressões emotivas são aceitas para elas), em contraponto, os homens devem controlar sua expressividade com a exceção da raiva e da soberbia (Páez, et al. 2000).

Nas culturas femininas o trabalho é considerado um aspecto mais da vida e importante para viver, valoriza-se a solidariedade, os executivos de uma empresa costumam usar a intuição e para tomar decisões buscam o consenso entre seus subordinados, os conflitos se solucionam por meio da negociação entre as partes, valoriza-se a qualidade de vida e a igualdade laboral, as recompensas econômicas costumam ser distribuídas com igualdade entre as pessoas de uma equipe. Em contraponto nas culturas masculinas o trabalho ocupa um posto de central importância na vida e as pessoas costumam viver por ele, os executivos em geral são pessoas decididas, auto afirmativas e demonstram determinação

nas tomadas de decisão, os conflitos costumam solucionar-se por enfrentamento entre as partes, valoriza-se a equidade e é frequente que um incremento salarial ou bonificação financeira ocorra como resposta à competência e rendimento individual.

Enquanto que as sociedades femininas se regem por um ideal de bem-estar, a ajuda ao próximo e a permissividade. As sociedades masculinas são mais estritas, buscam o rendimento objetivando o crescimento econômico, valorizam os mais fortes e enfatizam a correção disciplinar.

Estudos realizados com imigrantes na Espanha apontam que a sociedade anfitriã é notada (imigrantes latinos, africanos e procedentes da Europa do Leste) como mais igualitária em nível de relações entre os gêneros por todos os três grupos. A mulher é percebida como mais independente e livre. O estilo comunicativo se aprecia como mais indireto e, portanto, como “falso” (Zlobina, et al. 2004). O estudo de Ángel (2007) indicou que na percepção dos latino-americanos a cultura espanhola é mais masculina, as relações são mais instrumentais, as pessoas menos afetivas e apresentam um estilo comunicativo mais duro. Assim mesmo, para as culturas femininas da América Latina, um cenário cultural típico é de “simpatia”. Nestas sociedades se valoriza a capacidade de “ser simpático” de demonstrar interesse, consideração e empatia pelas pessoas, de espontaneamente manter relações afetivas assim como ser capaz de respeitar e compartilhar os sentimentos dos demais (Páez, et al. 2003). A seguinte citação exemplifica as características de “ser simpático”:

Ser cortês na América Latina quer dizer ser simpático, fazer-se amar. Em um contexto em que a opinião dos demais é tão importante, a sedução se inscreve nas normas de convivência, quando um diz “bom dia” o acompanha de uma frase valorizadora (“você está ótimo!”), fazem comentários agradáveis, ainda que ninguém os acredite realmente, fazem porque o costume é assim. Da mesma maneira, certas frases afirmativas não implicam um compromisso, os quais são somente um ritual (“te chamo um dia destes”, ou “espero que voltemos a nos ver”), ninguém as interpreta como mentiras; assim como um aprende a não dizer claramente o que quer, porque há um código tangencial para expressá-lo, sabe também que não deve dizer um “não” cortante, basta com um “olha, talvez, mas...” ou “veremos algum outro dia...” (Vázquez & Araujo, 1990, Páez, et al. 2003).

Espanha com uma posição 38^a-37^a apresenta uma pontuação (42) mais alta que o Brasil (posição 27^a e pontuação 49⁴) em feminidade.

2.1.4. Evitar a Incerteza e Controlar a Incerteza

Evitar ou controlar a incerteza pode ser definido como “a intensidade em que as pessoas se sentem ameaçadas pelas situações ambíguas, que tentam evitar por meio de códigos e crenças estritas ou não” (Hofstede 2001).

⁴ Classificação dos países em Masculinidade – Feminilidade – nesta dimensão o ranking considerado foi entre 01 e 53 – Quanto menor o ranking mais masculino (ou menos feminino) é considerado o país, por outra parte quanto mais o ranking, mais feminino (ou menos masculino) é considerado o país.

Nas sociedades com baixo controle da incerteza as situações ambíguas são consideradas como parte da vida e não provocam incômodo. As novas circunstâncias e os riscos que podem representar não ocasionam ansiedade, nestas culturas os níveis de estresse são baixos e há um maior índice de bem-estar subjetivo. Enquanto nas sociedades com alto controle da incerteza as situações ambíguas são consideradas ameaçadoras e provocam incômodo. As novas circunstâncias representam um risco que se deve vigiar, combater e antepor-se a elas para “mantê-las baixo controle”, isto ocasiona um alto nível de ansiedade, produzindo estresse e um menor índice de bem-estar subjetivo (Basabe, et al. 2004; Basabe, Páez, Valencia, et. al. 2000).

No âmbito laboral, nas culturas com alto controle da incerteza o tempo ocupa um posto central em aspectos que variam desde a pontualidade até preenchê-lo com ocupação, “trabalhando o tempo todo”. Da mesma forma que na família ou na escola, os incumprimentos das normas são evitados. Nestas sociedades o limite entre o bem e o mal está bem demarcado, as regras estão para cumpri-las, são estritas e não está permitido contesta-las, tudo o que é diferente representa perigo e deve ser evitado. Assim, por um lado, a oposição por novas ideias unida ao fato de que os riscos devem ser evitados provocam como consequência a resistência à inovação e por outro a reprodução constante das técnicas de trabalho estabelecidas convertem estas sociedades em especialistas da produção e da implantação. Pelo contrário, nas culturas com baixo controle da incerteza, o tempo é relativo e considerado como um fator de orientação tem que praticar a pontualidade e o trabalho deve ocupar somente o tempo indispensável para sua realização. No ambiente do trabalho, também se reproduz aspectos aprendidos no seio familiar e na escola como possibilidade de mudanças e flexibilidade nas normas estabelecidas, em função de ajustes ou de novas diretrizes. A avaliação positiva dirigida às novas ideias unidas por uma motivação pela conquista favorece que no âmbito laboral estas culturas se destaquem pelo alto poder de inovação.

Resultados de estudos realizados com imigrantes de procedência latina instalados na Espanha indicam que estes percebem a sociedade espanhola como mais preocupada em planificar seu futuro com o objetivo de tê-lo assegurado, além disso, que o diferente lhes causa insegurança enquanto que os latino-americanos em sua cultura de origem estão mais acostumados a tratar com a diversidade, pelo menos cultural, como é o caso do Brasil que estão acostumados a tratar com pessoas de diferentes raças, distinta cor e cultura e que estes fatores não são causa de incerteza como são na população autóctone (Ángel, 2007; Zlobina, et al. 2004).

Espanha é um país considerado alto em controle e em evitar a incerteza (posição 10^a - 15^a e pontuação 86) e, o Brasil é considerado médio alto no controle e em evitar a incerteza (posição 21^a - 22^a e pontuação 76⁵) (Hofstede, 2001, pp. 500).

⁵ Classificação dos países em Controle ou Evitação da incerteza – nesta dimensão o ranking foi entre 01 e 53 3 pontuação entre 08 e 112 – Quanto menor o ranking e maior a pontuação mais alta é a necessidade de controle da incerteza e quanto maior o ranking e menor a pontuação, mais alto é o controle da incerteza que necessita o país.

2.1.5. Orientação temporal

Representa a orientação social em relação ao tempo, seja a longo ou curto prazo. A orientação em longo prazo se associa a valores vinculados ao futuro como a perseverança e a economia, enquanto que a orientação em curto prazo é mais vinculada ao presente e se associa a valores como “salvar a cara”.

Esta dimensão foi adicionada às quatro anteriores, a partir de uma pesquisa realizada por Bond (1987 em Hofstede, 2001), em 23 países (20 dos quais formavam parte da amostra de IBM), na qual utilizou como instrumento um questionário desenvolvido por cientistas orientais (*The Chinese Culture Connection, CVS*).

Os resultados indicaram a existência de quatro dimensões, três das quais guardam uma relação significativa com as três primeiras dimensões descritas por Hofstede, (1) disciplina moral com Distância hierárquica (2) Integração com individualismo/coletivismo e (3) Calor humano Masculinidade/Feminilidade. A correlação encontrada entre estas três dimensões, *englobam os problemas universais comuns a todas as sociedades*, já que compreendem três categorias básicas, consideradas fundamentais do comportamento social (1) atitude frente aos superiores e inferiores, (2) atitude frente ao grupo e (3) conduta em função do sexo.

A quarta dimensão encontrada por Bond foi dominada como “Dinamismo Confuciano”. Fundamentada nos ensinamentos de Confúcio⁶, assinala a existência de dois extremos, um mais dinâmico, baseado em valores como perseverança e austeridade, indicando orientação para o futuro e outro mais estático, baseado em valores como seriedade e respeito pela tradição, indicando uma orientação dirigida ao passado. Hofstede considerou que esta quarta dimensão abarca aspectos relevantes que não haviam sido contemplados nas quatro dimensões dos valores ocidentais. Geert Hofstede denominou esta dimensão como Orientações em Longo Prazo, vinculadas a valores futuros e por outro como Orientações em Curto Prazo, vinculadas a valores do presente (Hofstede & Bond 1988, 2001) esta dimensão se, etiqueta como LTO/CVS⁷.

As pessoas socializadas em uma cultura com orientação em curto prazo têm seus objetivos centrados no presente, buscam somente cumprir com suas obrigações sociais, vivem o momento e valorizam o consumo imediato, não atribuindo importância, por exemplo, a economizar para sua aposentadoria, comprar uma casa ou estudos dos filhos, e provavelmente quando surja um imprevisto econômico ou socializadas em uma cultura com orientação em longo prazo orientam suas metas para o futuro, valorizam a economia e a constância, buscam planificar sua economia pautando objetivos duradouros e asseguram dispor de meios econômicos que lhes permitam cumprir com possíveis imprevistos (Fernández, 2007).

⁶ Os ensinamentos de Confúcio: compreendem ensinamentos práticos para a vida cotidiana, de caráter ético, compostos por normas que seguem quatro princípios básicos (1) As relações de desigualdade entre as pessoas, como fator responsável pela estabilidade das sociedades, (2) A família, como modelo de todas as organizações sociais, (3) Benevolência, como uma virtude dirigida aos demais, respondendo à premissa: não tratar os demais da maneira que não gostaria que te tratassem, (4) Moderação, como uma virtude dirigida ao propósito de vida de si mesmo, incluindo: trabalho, educação, desenvolvimento de habilidades, paciência, perseverança.

⁷ LTO/CVS - Long Term Orientation/Chinese Value Survey

2.1.5.1. Nova perspectiva da Orientação Temporal

Minkov (2007) através de análises dos dados do Word Value Survey (WVS) descreve três novas dimensões culturais: (1) *Exclusivismo frente Universalismo*, (2) *Monumentalismo frente Flexumility* (*Flexumility*, uma combinação de flexibilidade e humildade) e (3) *Indulgência frente Restrição*.

Estas três dimensões descritas por Minkov, por uma parte apresentam correlações com as dimensões de Hofstede e por outra indicam a existência de novos elementos. Assim, Hofstede, Hofstede e Minkov (2010) adaptando e unindo as dimensões encontradas por Minkov a seus estudos sobre valores, propuseram um modelo revisado de diferenças culturais, na qual (1) integraram o exclusivismo frente Universalismo na dimensão Individualismo e coletivismo pela similaridade de suas características. (2) A dimensão *monometalismo frente Flexumility* (Minkov) apresentou moderada, mas significativa correlação com a dimensão de Orientação Temporal (Hofstede). Combinando elementos da dimensão orientação a curto e longo prazo com base nos valores chinês (LTO/CVS⁸), com três itens do questionário mundial de valores (WVS) considerados por Minkov (inculcar às crianças o valor de economizar, o orgulho nacional, e a alta importância do serviço para os demais), converteram estas dimensões em uma nova versão da *Orientação Temporal* (LTO/WVS⁹). Esta nova dimensão, previu 42% das diferenças entre países em LTO/CVS. No entanto, os valores aportados por ambos os estudos resultam contraditórios para o caso do Brasil e da Espanha, com pontuações: 65 LTO/CVS versus 19 LTO/CVS (Hofstede, 2001) e 44 LTO/WVS versus 48¹⁰ LTO/WVS (Hofstede, et al. 2010). Segundo os valores dos estudos de 2001 (LTO/CVS), estes dois países estariam localizados em extremos opostos em orientação temporal, enquanto que segundo os valores dos estudos de 2010 (LTO/WVS), o Brasil e a Espanha ocupam uma posição média em orientação temporal. Por último, (3) a *Indulgência frente à Restrição* não foi correlacionada com nenhuma dimensão anterior, sendo adicionada como uma sexta dimensão.

2.1.6. Culturas Indulgentes versus Restritivas (IVR)

Esta dimensão mede a capacidade de uma cultura para satisfazer as necessidades imediatas e os desejos pessoais de seus membros.

A partir das descobertas de Minkov (Hofstede, et al. 2010) adicionam como uma sexta dimensão nos estudos sobre valores culturais a *Indulgência frente à Restrição* (IVR). Esta dimensão se centra em aspectos não considerados nas outras cinco dimensões. Relacionados com a *Felicidade*, onde Indulgência representa uma sociedade, que permite a gratificação relativamente livre dos impulsos humanos básicos e naturais, que são relacionados com o desfrutar da vida e divertir-se. A restrição representa uma sociedade que suprime ou controla a gratificação das necessidades regulando por meio de estritas normas sociais.

⁸ LTO/CVS - Long Term Orientation/Chinese Value Survey

⁹ LTO/WVS - Long Term Orientation / World Value Survey.

¹⁰ (LTO/WVS) Orientação em Curto Prazo – nesta dimensão o ranking considerado foi entre 01 e 93 - pontuação entre 00 e 100 – menor ranking e maior pontuação representam orientação em longo prazo e maior ranking e menor pontuação, representa orientação em curto prazo.

A indulgência cultural se associa negativamente com a orientação em longo prazo ($r = -.46, p < .01$). Esta dimensão construiu-se com as perguntas do WVS, (1) porcentagem de gente que se sente muito feliz e (2) com alta percepção de controle pessoal, e (3) importância alta dada a manter laços sociais, em especial com amigos, familiares e (4) no tempo livre. Esta dimensão é próxima à divisão proposta desde a Antropologia de culturas relaxadas (onde as normas podem expressar-se de muitas maneiras e a conduta desviada se tolera bem) frente às culturas estritas (que mantém fortes valores para a organização dos grupos como são a formalidade, permanência, durabilidade). A indulgência correlaciona com extroversão e baixo neocriticismo pelo o que é mais provável que se recordem emoções positivas em determinadas culturas (Hofstede, et al. 2010).

A indulgência tende a prevalecer na América do Sul e do Norte, na Europa Ocidental e em partes da África Subsaariana. Restrição prevalece na Europa do Leste, na Ásia e no mundo muçulmano. Europa mediterrânea toma uma posição intermediária nesta dimensão (Hofstede, 2011).

Por conseguinte, e de acordo às dimensões baseadas nos índices do WVS, o Brasil representa uma cultura mais relaxada e mais centrada no curto prazo em comparação com a Espanha que seria mais restritiva e mais orientada em longo prazo. Relativizando as posições de ambos os países no ranking mundial, a orientação em longo prazo é meio baixa para ambos, e destaca o Brasil por sua alta indulgência. Nesta dimensão (IVR) o Brasil pontua 59, posição 26^ª e a Espanha pontua 44, posição 45^a¹¹ (Hofsted, et al. 2010, pp. 282 e 283).

2.1.7. Diferenças culturais: Espanha e países de origem dos imigrantes no País Vasco

Na Tabela 6 pode-se observar as pontuações das Dimensões Culturais encontradas nos estudos realizados por Hofstede, et al. (2001, 2010), para a Espanha e os principais países de procedência da imigração no País Vasco.

Tabela 6. **Pontuações das Dimensões Culturais de Hofstede por regiões e países**

	Distância Hierárquica ¹	Individualismo Coletivismo ¹	Masculinidade Feminilidade ¹	Evitar a Incerteza ¹	Orientação Temporal ² LTO/WVS	Indulgência Restrição ² IVR
Europa do Leste ³	93	39	36	95	81	20
Brasil	69	38	49	76	44	59
Colômbia	67	13	64	80	13	83
Equador	78	8	63	67	-	-
Países Árabes	80	38	53	68	36	52
Marrocos	70	46	53	68	14	25
África Oeste ⁴	77	20	46	54	-	-
África Leste ⁴	64	27	41	52	-	-
Espanha	57	51	42	86	49	44

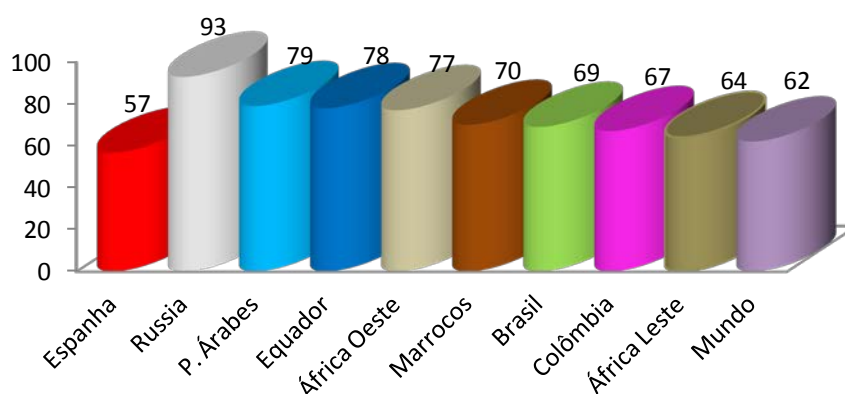
Fonte: adaptado de Hofstede, 2010; ¹ dados publicados em 2001; ² dados publicados em 2010; ³ pontuações da Rússia; ⁴ pontuações extrapoladas

¹¹ (IVR) Indulgência versus Restrição – nesta dimensão o ranking considerado foi entre 01 e 93 - pontuação entre 00 e 100 – menor ranking e maior pontuação representa a cultura mais relaxada e maior ranking e menor pontuação, representa a cultura mais indulgente.

2.1.7.1. Distância Hierárquica: Espanha e países da amostra

África Oriental (64), Colômbia (67), Brasil (69) e Marrocos (70), são mais hierárquicos que a Espanha, mas tem pontuações menos distantes da Espanha (51), que outros países: África Ocidental (77) e Países Árabes (80) e Europa do Leste - Rússia - (93), que é o que apresenta maior distância. Portanto, como se pode ver no gráfico adjunto a África (a África Oriental é menos hierárquica que a África Ocidental), os Países Árabes e Europa do Leste são mais hierárquicos que a Espanha.

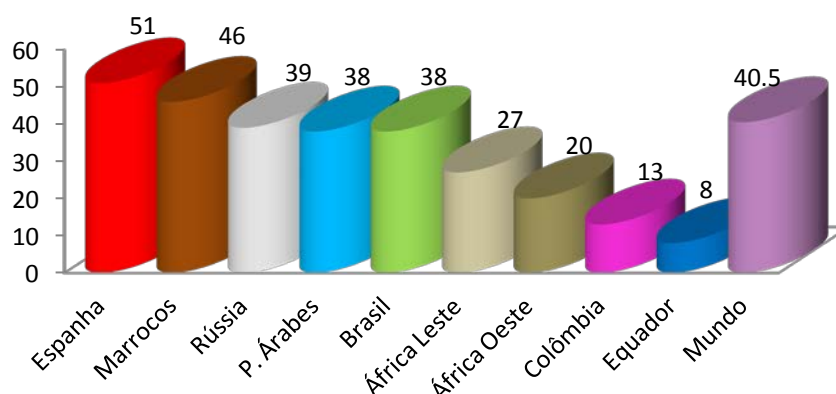
Figura 1. **Distancia Hierárquica: Espanha e países da mostra**



2.1.7.2. Individualismo e Coletivismo: Espanha e países da amostra

Como podemos apreciar na Figura 2, na variável de Hofstede referente ao individualismo e coletivismo, podemos dizer que a Espanha é mais individualista (51) que o Equador (8), o qual é o país com a pontuação mais alta em coletivismo. Em segundo lugar, está a Colômbia (13), seguida da África Oeste (20) e África do Leste (27). Mais próximos à Espanha, estão o Brasil e os Países Árabes com a mesma pontuação (38), muito próxima a estes se encontra a Europa do Leste (39), e o mais próximo é o Marrocos (46).

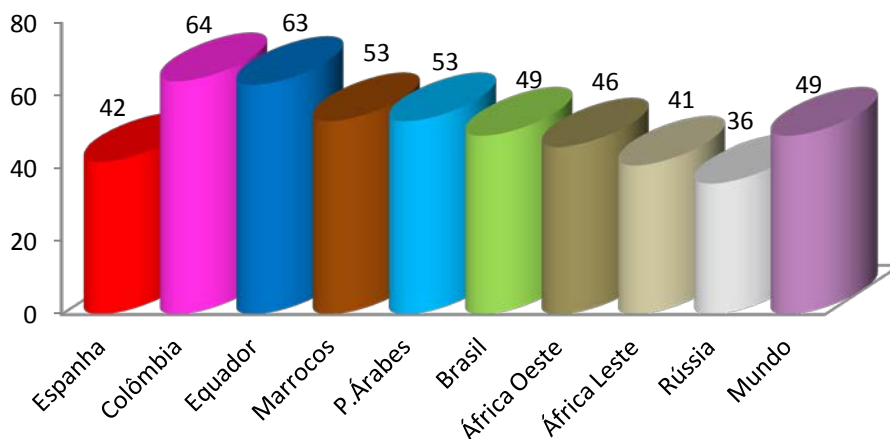
Figura 2. **Individualismo e Coletivismo: Espanha e países da amostra**



2.1.7.3. Masculinidade e Feminilidade: Espanha e países da amostra

Com relação à masculinidade e feminilidade, a Espanha (42) é um país que apresenta pontuações mais femininas que masculinas, como se pode apreciar na Figura 3, Europa do Leste (36), África Oriental (41), África Ocidental (46) e Brasil (49) são mais femininos que a Espanha. Enquanto que os Países Árabes (53), Colômbia (64) e Equador (63) são mais masculinos.

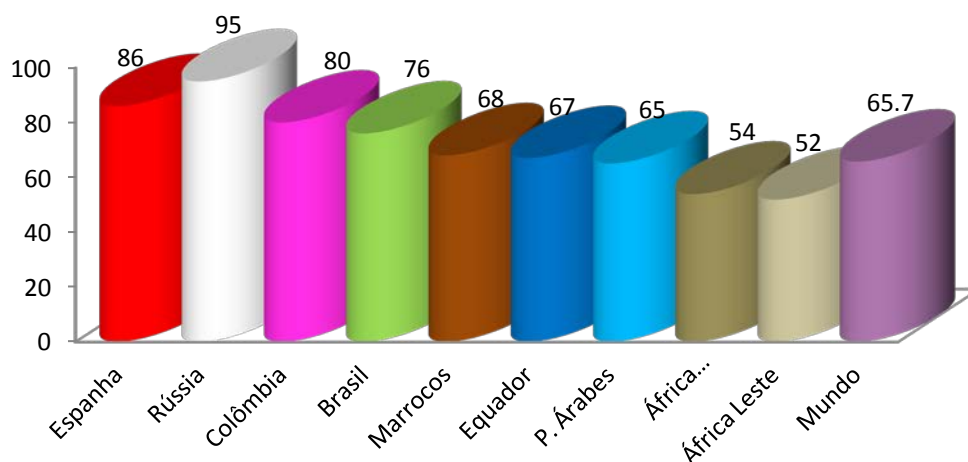
Figura 3. **Masculinidade e Feminilidade: Espanha e países da amostra**



2.1.7.4. Evitar a Incerteza: Espanha e países da amostra

Observando a Figura 4, podemos apreciar como a Espanha (86), Rússia (95) e os países latinos têm pontuações altas, enquanto que a África [África Oriental (52), África Ocidental (54)] e os Países Árabes (68) apresentam menores pontuações.

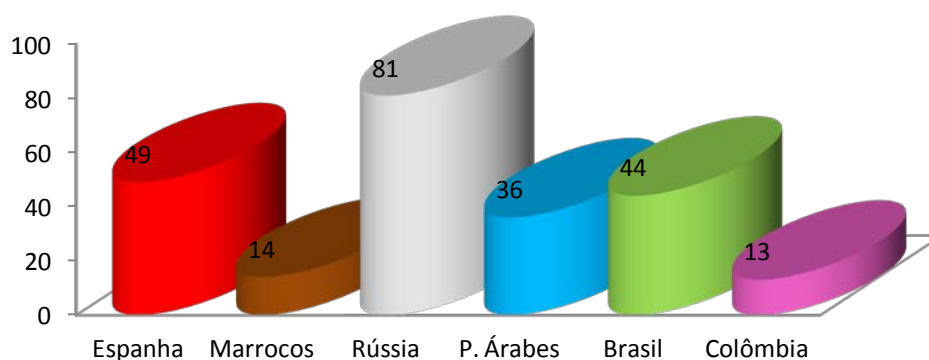
Figura 4. **Evitar a Incerteza: Espanha e países da amostra**



2.1.7.5. Orientação Temporal: Espanha e países da amostra

Em relação à orientação temporal (LTO/WVS), Colômbia (13) e Marrocos (14), apresentam uma orientação temporal em maior medida em curto prazo, que os Países Árabes (36), enquanto a Europa do Leste, representada pela Rússia (82), está mais orientada em longo prazo. Espanha (46) e Brasil (44) se situam em uma posição intermédia Figura 5.

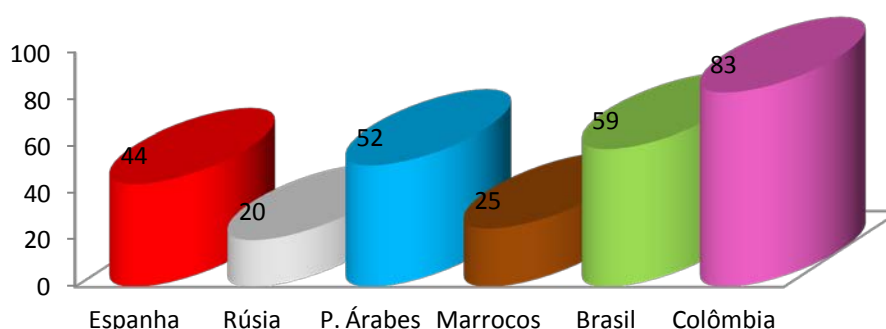
Figura 5. **Orientação Temporal: Espanha e países da amostra**



2.1.7.6. Indulgência versus Restrição: Espanha e países da amostra

Segundo as pontuações, o Brasil (59) e os Países árabes (52) apresentam uma cultura mais relaxada que a Espanha (44). Colômbia (83) é a mais indulgente frente ao Marrocos (25) e a Rússia (20) que são mais restritivos, ver Figura 6.

Figura 6. **Indulgência versus Restrição: Espanha e países da amostra**



Em síntese; o Brasil apresenta pontuações maiores em Distância Hierárquica e menos em Individualismo que a Espanha, as diferenças em masculinidade/feminilidade e em evitar a incerteza são pequenas. Comparados com os outros países latinos, Colômbia ou Equador são fortemente coletivistas e o Brasil e a Espanha são mais individualistas. A respeito da

orientação em Longo/Curto Prazo (LTO/WVS), o Brasil e a Espanha apresentam uma posição média. O Brasil apresenta uma cultura mais relaxada e mais centrada em curto prazo em comparação com a Espanha, que seria mais restritiva e mais orientada em longo prazo.

2.2. MODELO DE TRIANDIS

Triandis (1995) propõe um modelo, no qual combinado às noções básicas de individualismo e coletivismo e de hierarquia, identifica a existência de duas dimensões, uma vertical e outra horizontal, como atributos chave para diferenciar os principais tipos de individualismo e coletivismo (Basabe, 2007; Ros & Gouveia, 2001,).

A partir destas combinações, Triandis indica quatro orientações sociais que as pessoas podem seguir:

- A- *Individualismo Horizontal (IH)*: Indica o grau em que os indivíduos se esforçam por ser distintos, construindo um eu independente, mas sem diferenciar-se dos demais membros do seu grupo cultural e sem desejar status especial.
- B- *Coletivismo Horizontal (HC)*: Indica o grau em que os indivíduos dão ênfase à interdependência, se reconhecem como semelhantes, realçam objetivos comuns, mas “não são submetidos facilmente à autoridade”.
- C- *Individualismo Vertical (VI)*: Determina o grau em que os indivíduos se esforçam por ser distintos, construir um eu independente, distinto dos demais e alcançar um status especial.
- D- *Coletivismo Vertical (VC)*: Indica o grau em que os indivíduos se empenham em servir e fazer sacrifícios por outras pessoas, ser independentes e ao mesmo tempo distintos dos demais.

Para cada tipo de orientação social descrita acima, Triandis identifica uma característica com o objetivo de descrever a pessoa que a adota: (a) Individualismo horizontal: Unicidade; (b) Individualismo vertical: orientação no sentido de Logro (alcançar benefícios); (c) Coletivismo horizontal: Cooperação; (d) Coletivismo vertical: Cumprimento (Ver Tabela 7).

Tabela 7. **Modelo de Triandis (1995)**

Individualismo horizontal	Unicidade	Ter espaço próprio; Identidade própria; Ser diferente dos demais.
Individualismo vertical	Orientação na direção do Logro	Valorizar a vitória; Hedonismo.
Coletivismo Horizontal	Cooperação	Prestar atenção às relações com os iguais dentro do grupo; Valorizar a harmonia grupal.
Coletivismo vertical	Cumprimento	Respeito e obediência ao poder

Fonte: adaptado de Basabe 2007

2.3. MODELO DE TROMPENAARS

O estudo de Trompenaars foi realizado entre 1980-1990, com trabalhadores de multinacionais em 53-47 países (Trompenaars, 1994; Smith, Dugan & Trompenaars, 1996), por meio de entrevistas ($n = 14993$) e grupos de discussão. As regiões mundiais compreendem América do Norte 5%, América do Sul 4,7%, Europa 57,3%, África 4,5%, Austrália e Nova Zelândia 1,8%, Ásia 7% e, outros 19,6%. Propunha-se uma série de dilemas de decisão aos participantes frente aos que tinham que tomar decisão, em duas alternativas opostas entre si.

O modelo que desenvolveu Trompenaars (1994) tenta explicar como as pessoas de diferentes culturas interagem entre si, se enfrentam e resolvem os problemas. Em seus estudos encontrou a existência de três categorias: (1) *as relações com outras pessoas*, se mais instrumentais ou mais expressivas (2) *a relação com o tempo*, se linear ou circular, (3) *a relação com o entorno*, se as motivações provêm de fatores internos ou externos (Fernández & Basabe, 2007).

Partindo da tipologia do sociólogo Parsons (1968)¹² sugere que os valores se estruturam em torno a cinco orientações às que adiciona outras duas:

2.3.1. *Universalismo versus Particularismo*

Faz referência às normas que regulam as ações sociais, as sociedades universalistas se regem por regras gerais que se aplicam a todos igualmente, assim todas as pessoas que ocupam um papel serão tratadas do mesmo modo. Pelo contrário, as particularistas enfatizam a natureza excepcional das circunstâncias presentes, às relações específicas, e a lealdade às pessoas, familiares, amigos e conhecidos prevalecem sobre as funções institucionais, deste modo à resposta a uma situação mudará de acordo as circunstâncias e as pessoas envolvidas. Os países fortemente universalistas têm a resolver os conflitos por meio de tribunais, e compartilham a necessidade de uma instituição que defenda “a verdade”(Ver Tabela 8).

2.3.2. *Individualismo versus Coletivismo*

Refere-se ao conflito entre os desejos do indivíduo e os interesses do grupo. Em uma cultura individualista, se espera que as pessoas tomem suas próprias decisões para cuidar de si mesmas e de sua família nuclear. Opõe os valores de liberdade e a promoção pessoal frente à lealdade ao grupo que proporciona ajuda e proteção à mudança de um forte sentido de lealdade, e as pessoas se orientam principalmente em direção às metas e objetivos comuns (Ver Tabela 9).

¹² Segundo Parsons, os cinco dilemas ou pautas-variáveis podem esquematizar-se da seguinte maneira:

1. O dilema gratificação disciplina. Afetividade frente à neutralidade afetiva.
2. O dilema interesse privado frente ao interesse da coletividade. Auto-orientação frente à orientação coletiva.
3. A eleição entre tipos de critérios de orientação de valor. Universalismo frente ao particularismo.
4. A eleição entre “modalidades” do objeto social. Aquisição frente à Atribuição.
5. A definição da dimensão do interesse no objeto. Especificidade frente à difusividade.

Tabela 8. *Universalismo versus Particularismo*

	Universalismo	Particularismo
Reconhecer as diferenças	Centrado nos papéis Lealdade à lei e a norma Respeitam-se os contratos legais Há uma perspectiva da situação Buscar a consistência e procedimentos uniformes Estar atentos a tratar todos os casos igualmente Pontuação Alta: p.e. USA (83) Espanha = 51 Venezuela = 41	Centrado nas relações Lealdade à pessoa Modificam-se os contratos legais Há muitos pontos de vista dependendo dos participantes Construir redes informais e conhecer-se privadamente Estar atentos a tratar todos os casos em função de seus méritos especiais Pontuação Baixa: p.e. Rússia (27)

Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 39)

Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994

Tabela 9. *Individualismo versus Coletivismo*

	Individualismo	Coletivismo
Reconhecer as diferenças	Usam-se mais as formas "EU" Os ganhos são pessoais e se assume a responsabilidade pessoal Dar às pessoas liberdade para ter iniciativas individuais. Fazer negócios somente implica que a pessoa seja respeitada e tenha apoio da companhia Tomar decisões rápidas, e as negociações se fazem no âmbito das reuniões formais da empresa. Pontuação Alta: p.e., USA = 79* Espanha = 73*	Usam-se mais as formas "Nós" Buscam-se ganhos grupais e a responsabilidade é conjunta Estabelecer metas supra-ordenadas a lograr entre todos. Fazem-se negócios quando a pessoa tem um status alto na companhia Ceder seu tempo para ganhar o consenso. As negociações são feitas cara a cara. Pontuação Baixa: p.e., Nepal = 31* Brasil = 56*

* Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 48)

Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994

2.3.3. Neutra versus afetiva

Trata do modo e forma em que as pessoas de uma cultura expressam suas emoções e afetos. As culturas neutras têm um forte controle das emoções, censura-se a expressão aberta das emoções, pelo contrário as condutas afetivas socializam as pessoas para mostrar espontaneamente suas emoções (Ver Tabela 10).

2.3.4. Específica versus difusa

Nas culturas específicas as pessoas analisam os elementos separadamente para depois vê-los em conjunto, centram-se em fatos concretos. Nos âmbitos da vida separam-se as esferas privadas das públicas, as laborais das famílias e privadas. Pelo contrário, nas culturas difusas mesclam-se as esferas privadas e públicas e os distintos âmbitos da vida (Tabela 11).

2.3.5. Logro versus Adscrição

Obtêm-se o status baseado aos ganhos pessoais ou se concedem por filiação, vêm dados pela herança, pela família, classe social, gênero ou idade (Ver Tabela 12).

Tabela 10. *Neutra versus afetiva*

	Neutra	Afetiva
Reconhecer as diferenças	<p>Não expressar o que se sente ou pensa. A emoção frequentemente se reprime, com explosões ocasionais. Admiram-se as posturas frias.</p> <p>O contato físico, os gestos e as expressões faciais são tabus.</p> <p>As condutas entusiastas se interpretam como descontroladas.</p> <p>O tom é monótono</p> <p>Pontuação Alta: p.e. ,Japão = 83*</p>	<p>Mostrar os sentimentos de forma verbal e não verbal. A emoção flui facilmente. Admiram-se as expressões vitais, animadas.</p> <p>O contato físico, os gestos e as expressões faciais são frequentes.</p> <p>As atitudes frias ou ambíguas se interpretam como desdém e se excluem da família.</p> <p>Fala-se de maneira fluida e dramática. Pontuação Baixa: p.e., Itália = 29*</p>
<p>* Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 64) (não há pontuações para América Latina nem Espanha)</p>		
<p>Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994</p>		

Tabela 11. *Específica versus difusa*

	Específica	Difusa
Reconhecer as diferenças	<p>Estilo direto, centrado em objetivos. Preciso, definitivo, transparente.</p> <p>A agenda privada e de negócios estão separadas.</p> <p>Estruturar as reuniões de trabalho por tempos, e agenda. Não usar títulos irrelevantes para o que se discute. Não se ofender pelos confrontos: não são assuntos pessoais.</p> <p>Pontuação Alta: p.e. Suécia =89*</p>	<p>Indireto, formas amáveis de relação. Evasivo, com tato, ambíguo, opaco.</p> <p>Os negócios e os âmbitos privados são interdependentes.</p> <p>Deixar que as reuniões fluam, centrar-se no processo. Respeitar os títulos, a idade e os contatos prévios. Não ser impacientes quando as pessoas são indiretas ou dão voltas.</p> <p>Pontuação Baixa: p.e. China =18*</p>
<p>* Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 85) (não há pontuações para América Latina nem Espanha)</p>		
<p>Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994</p>		


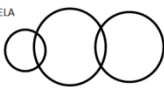
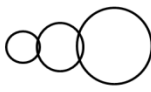

Tabela 12. *Logro versus Adscrição*

	Logro	Adscrição
Reconhecer as diferenças	<p>Usar os títulos somente quando são relevantes para a tarefa. O respeito aos superiores hierárquicos baseia-se na eficácia do desempenho.</p> <p>Pontuação Alta: p.e. Noruega=63*</p>	<p>Uso extensivo dos títulos.</p> <p>O respeito aos superiores reflete o compromisso com a organização.</p> <p>Pontuação Baixa: p.e. Egito =13* Espanha= 23* Brasil=30*</p>
<p>* Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 95)</p>		
<p>Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994</p>		

2.3.6. Orientação Temporal: Sequencial versus Sincrônica

Esta dimensão refere-se à estruturação do tempo segundo dois enfoques, (1) em função da importância concedida pela cultura ao passado, presente e futuro, (2) em função da orientação sequencial ou sincrônica. Em uma cultura orientada ao passado, o futuro pode ser previsto como uma repetição das experiências anteriores, em uma cultura orientada ao presente as circunstâncias cotidianas orientam a vida das pessoas e, nas culturas orientadas para o futuro as ações se dirigem ao que está por vir. As pessoas que estruturam o tempo de maneira sequencial costumam fazer uma coisa de cada vez, planejam suas ações, cumprem com seus compromissos de acordo com os cronogramas estabelecidos, enquanto que as pessoas que estruturam o tempo sincronicamente costumam fazer várias coisas ao mesmo tempo, tanto os planos quanto aos compromissos podem mudar e as datas e os horários são flexíveis (Ver Tabela 13).

Tabela 13. **Orientação Temporal: Sequencial versus Sincrônica**

	Passado	Presente	Futuro
Reconhecer as diferenças	Todo o contexto é reflexo da tradição e da história.	O contexto é visto em termos de impacto contemporâneo.	O contexto é visto em termos de perspectiva futura.
	Importância de falar sobre as origens da família e da empresa. Respeito pelos antepassados, predecessores, e pessoas idosas.	Importância de falar das atividades vinculadas ao desfrute do momento. Interesse intenso no presente, relação aqui e agora.	Importância de falar das perspectivas, potencialidades, aspirações, e ganhos futuros. Interesse nos potenciais jovens e futuros.
	Sequencial	Sincrônica	
Reconhecer as diferenças	Somente uma coisa cada vez. O tempo é mensurável. Relações subordinadas ao horário. O ideal corporativo é o caminho mais direto, eficiente e rápido aos objetivos.	Mais de uma coisa ao mesmo tempo. Os horários marcados são aproximados. O horário subordinado às relações. O ideal corporativo é interagir em círculo onde se cruzam as experiências passadas, as oportunidades presentes e as possibilidades futuras.	
	MALÁSIA 	VENEZUELA 	USA  ESPAÑA 

Malásia, é um país onde o passado e o futuro exercem importantes influências no presente; Venezuela está menos marcada por estas influências; USA, está um pouco menos desconectado ao passado e conectado ao futuro, enquanto que Espanha considera mais o passado e afasta um pouco o futuro do momento presente.

* Representações de pessoas de distintos países: “Desenhe três círculos que representem o passado, o presente e o futuro” (Trompenaars, 1994, p. 112-114)

Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994

2.3.7. Controle Interno versus Controle Externo

Trata-se da medida em que a sociedade percebe que possui o controle do entorno e da natureza, ou que se sente controlada por forças externas, naturais. As culturas que mantêm uma visão de controle externo, apresentam um ponto vista ecológico, concedem

poder e controle à natureza, se centram mais no meio ambiente que em si mesmas e costumam orientar suas ações “para os outros”. Enquanto que as culturas que mantêm uma ideia de controle interno, apresentam uma visão mecanicista, uma percepção de poder e domínio sobre a natureza e costuma ser o ponto de partida das ações (locus de controle interno) (Ver Tabela 14).

Tabela 14. **Controle Interno versus Controle Externo**

	Controle Externo	Controle Interno
Reconhecer as diferenças	O destino é guiado por Deus ou pelo meio ambiente.	Ver a si mesmo como o capitão do seu destino.
	Centrar-se e confiar na comunidade, o sócio, o cliente, o colega. Manter a vida e harmonia com a natureza e o entorno social: mostrar sensibilidade.	Centrar-se e confiar em si mesmo. Mostrar a própria força. Manter seu ponto de vista, ainda que represente um conflito com a maioria.
	Aceitar o meio ambiente.	Tratar de projetar e mudar o ambiente.
	Com persistência, cortesia e muita paciência obterão recompensas.	É válido por a prova a capacidade de resistência do oponente.
	É mais importante manter uma relação.	É mais importante conquistar um objetivo.
	Vencer juntos.	Vencer alguns e perder outros.
	Pontuação Alta: p.e. Brasil = 53 (máxima), Espanha=42	Pontuação Baixa: p.e. Japão=10
Pontuações médias por países procedentes das respostas aos dilemas discutidos em grupos (Trompenaars, 1994, p. 127)		

Fonte: Adaptado de Trompenaars, 1994

Uma análise individual das respostas dos funcionários a um conjunto de 79 itens resultou nas seguintes dimensões que obtiveram índices altos de consistência interna/segurança: Universalismo-Particularismo (.75), Individualismo-Coletivismo (.52), Afetivo-Neutral (.64), Específica-Difusa (.61), Logro-Adscrição (.77), Interno-Externo (.86). Não se avaliou a orientação temporal porque se media através de desenhos-gráficos. As dimensões Universalismo-Particularismo correlaciona com Individualismo-Coletivismo ($r = .43$), com Logro-Adscrição ($r = .47$), por sua vez a orientação Interna-Externa correlaciona com Logro-Adscrição ($r = .53$), Neutro-Afetivo correlação com Específica-Difusa (.35). Isto é, as culturas individualistas costumam regerem-se por normas universalistas, as culturas centradas no logro costumam ser universalistas, enfatizam a orientação e o controle interno, por sua vez as culturas neutras costumam ser específicas (separam os âmbitos privados e públicos), enquanto que as afetivas são mais difusas (mesclam as esferas da vida).

2.4. MODELO DE SCHWARTZ

Schwartz estuda os valores desde os domínios individual e coletivo e propõe uma estrutura universal dos mesmos (Ros & Gouveia, 2001). Os valores emergem como metas desejáveis que respondem a necessidades individuais tanto em organismos biológicos, assim como a requerimentos para a interação social ordenada e o bom funcionamento dos grupos.

Estes motivos sociais se adquirem durante o processo de socialização, de modo que se vinculam a fins e metas desejáveis dentro do grupo cultural em que o indivíduo foi socializado. Os valores promovem, orientam e intensificam a ação erigiéndose assim em tendências de ação relativamente estáveis que se constituem em normas de avaliação e justificativa da ação. Os motivos sociais de ganho, poder, interdependência, afiliação, intimidade, independência e competição correspondem a esta categoria (Basabe, et al. 2009).

Schwartz (2001) propõe que os valores humanos têm uma estrutura universal, que se classifica em 10 motivações básicas, agrupadas em função de 4 objetivos gerais (Basabe, et al. 2009; Zlobina, in Páez, et al. 2003, pp. 79-81) (Ver Tabela 15). Os valores de Schwartz podem categorizar-se segundo a dimensão Individualismo-Coletivismo. Assim, os valores individualistas incluem a *Auto direção* (independência na ação e no pensamento), a *estimulação* (excitação, variedade e desafios na vida), o *hedonismo* (prazer), a *realização* (busca de êxito e admiração) e *poder*. Por outra parte, os valores coletivistas compreendem a *tradição* (respeito e compromisso dos costumes e ideias da cultura), a *conformidade* (seguir as normas), e a *benevolência* (preocupação com as pessoas próximas). Além disso, Schwartz identifica outros dois valores que implicariam tanto em um interesse pessoal quanto coletivo e coexistiriam em ambas as dimensões sem entrar em contradição e que seriam a *Segurança* e o *Universalismo* ou bem-estar de todos, que correspondem a valores mistos (Ver Tabela 16).

Tabela 15. **Objetivos, tipos motivacionais e principais características do modelo de Schwartz**

Objetivo básico	Tipo motivacional	Características
Autotranscedência	Universalismo: Compreensão, o apreço, a tolerância e a proteção do bem-estar das pessoas e da natureza.	Tolerância, justiça social, igualdade, paz, beleza, sabedoria, harmonia, proteção.
	Benevolência: Preocupação pela melhora e a manutenção do bem-estar das pessoas com as que se tem um contato frequente.	Amabilidade, lealdade, honestidade, responsabilidade, amizade, doação pessoal, disposição para perdoar e amor incondicional.
Conservação	Tradição: Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias impostas pela cultura ou pela religião. Respeito aos pais e aos idosos.	Humildade, devoção, aceitação, moderação, respeito, honradez.
	Conformidade: Restrição das ações, às inclinações e impulsos que podem molestar ou ferir a outros e violar as normas ou expectativas sociais. Respeito aos pais e aos idosos.	Autodisciplina, cortesia, responsabilidade, humildade, lealdade, honradez, respeito, prudência.
	Segurança: Busca de segurança, harmonia e estabilidade na sociedade.	Ordem, civismo, gratidão, pertencer, moderação, prudência.
Promoção pessoal	Poder: busca de posição social, prestígio e controle ou domínio sobre pessoas e recursos.	Prestígio, riqueza, autoridade.
	Ganho: perseguir o êxito pessoal.	Ambição, perspicácia, capacitação, influência, inteligência.
	Hedonismo: Prazer e gratificação sensual para si mesmo.	Autoestima, desfrute, saúde, auto respeito.
Abertura à mudança	Estimulação: Busca de emoção, risco e novidades na vida.	Excitação, variedade, novidade, desafio, atrevimento.
	Auto direção: independência na ação e o pensamento e autonomia para eleger, criar e explorar sem restrições ou limites impostos externamente.	Criatividade, liberdade, curiosidade, independência, auto respeito, espontaneidade.

Fonte: Elaborado a partir de Basabe, et al. 2009 e Páez, et al. 20 03

Tabela 16. *Comparação entre tipologia de valores de Schwartz e Hofstede*

Hofstede	Schwartz
Valores individualistas	Universalismo, Hedonismo, Estimulação, e Auto direção.
Valores Coletivistas	Tradição e Conformidade, Segurança.
Valores Hierárquicos	Poder e Ganho.

Fonte: Elaborado a partir de Basabe, et al. 2009 e Páez, et al, 2003

2.5. COMUNICAÇÃO E DIFERENÇAS CULTURAIS

As diferenças culturais estão marcadas também pelos estilos de comunicação adotados pelos distintos grupos culturais pertencentes a uma mesma nação ou nações diversas, por este motivo, as dimensões do estilo comunicativo das culturas representam um importante fator de choque cultural quando uma cultura entra em contato com outra cultura. *“Comunicar-se não significa o mesmo para todos, a cultura decide no que prestamos atenção e o que ignoramos”* (Hall & Hall, 1990; Trompenaars, 1994). Diversos autores compilaram os resultados sobre estudos que diagnosticaram distintas dimensões sobre como as pessoas de diferentes culturas interagem (Fernández & Basabe, 2007; Hofstede, 2001, Gudykunst, Yoon, & Nishida, 1987; Trompenaars, 1994, Ward, Bochner & Furnham, 2001). De todos eles, expõem-se as seguintes faces e modos de comunicação que diferenciam umas culturas de outras.

2.5.1. Diferenças na Comunicação segundo o Contexto: Alto, Baixo e Misto

Para explicar a diversidade cultural a partir da comunicação Hall (1959 in Trompenaars, 1994), em seus estudos descreveu que o contexto da cultura (alto ou baixo contexto) é um fator que determina seu estilo direto ou indireto e sua forma implícita ou explícita de manifestar-se.

2.5.1.1. Culturas de Baixo Contexto (LC)

O estilo direto (exposição direta do ponto de vista), que caracteriza a comunicação explícita encontra-se nas culturas de baixo contexto onde, a maior parte da informação é explícita e verbal e se manifesta em uma exposição direta do ponto de vista. Portanto a comunicação é direta e centrada na mensagem. O significado das palavras é independente do contexto e um “sim” significa “sim”. Estes grupos expõem diretamente seus pontos de vista e pretendem ser claros e sinceros. E atribuem a aqueles que utilizam o estilo indireto como pouco claros, evasivos e até mesmo manipuladores. Este estilo direto é típico das culturas individualistas como a de EE.UU., a escandinava e a germânica, sendo a cultura germana incluindo a Suíça germânica, a que põem menor ênfase no contexto.

2.5.1.2. Culturas de Alto Contexto (HC)

Por sua vez, o estilo indireto (evita confrontação e emprega a insinuação), é mais característica das culturas de alto contexto, nas que a maior parte da informação está no contexto físico, e se transmite em sua maioria através de mensagens não verbais, por isso a parte explícita verbal é escassa, como ocorre por exemplo nas culturas asiáticas, onde “o silêncio é oro”. Portanto, a comunicação é indireta e implícita e o verbal é necessário interpretá-lo no contexto físico. Por exemplo, as afirmações costumam ser relativas, como ocorre no Japão, ou na América Latina, pois quando se diz “sim”, nem sempre significa “sim” (pode ser um “talvez” ou “não”), pois pode ser uma fórmula de cortesia. Estes grupos tentam evitar a confrontação empregando a insinuação para manter a harmonia e evitar confrontos diretos. Por exemplo, evita-se manifestar diretamente o desacordo utilizando outras vias para mostrá-lo, usando sinais não verbais, como gestos, silêncio,, etc., ou prometendo coisas sem logo cumpri-las. Enquanto os que utilizam o estilo direto são percebidos por eles como pessoas, rudes, grosseiras e agressivas. Este estilo podemos encontrar em muitas culturas coletivistas e segundo Hall (1959 in Trompenaars, 1994), ordenado do maior para o menor: as asiáticas (China, Coreia, Japão), as árabes e do mediterrâneo oriental (Turquia), as da América Latina e as da Europa do Sul (Grécia, Espanha e Itália). Cabe destacar, que os latinos utilizam o estilo indireto na busca de não ofender ao outro, enquanto os asiáticos buscam “salvar a cara”.

2.5.1.3. Culturas Mistas: de Alto e Baixo Contexto

Além das culturas de alto ou baixo contexto, existem as culturas mistas, que são as que incluem aspectos de alto e baixo contexto como, por exemplo, a inglesa e a francesa.

2.5.2. Diferenças na comunicação segundo o âmbito: público ou privado

As diferenças na forma de comunicar-se entre as pessoas segundo o *contexto* (alto ou baixo) cultural, também apresentam relação com os âmbitos (privado e público) onde ocorre o contato.

Nas culturas de *baixo contexto* (e específicas), há uma grande separação entre o *âmbito privado* e o *público*, e a comunicação se estabelece desde o *específico ao geral*. Por exemplo, um negócio se moldaria no âmbito profissional e somente depois e talvez, poderia haver uma aproximação pessoal. Neste âmbito estariam EE.UU. e os países da Europa do Norte.

As *culturas de alto contexto* (e difusas) por outro lado, vão do *geral ao específico*. Portanto, para tratar um negócio, por exemplo, deve estabelecer-se primeiro uma relação pessoal. Aqui se enquadram países como Japão, México, Ásia e um pouco menos os países do sul da Europa. Por exemplo, os japoneses buscam saber perante a quem estão e fazem

perguntas do tipo “qual é o seu trabalho”, “qual é a sua idade”. Enquanto que para os euro-americanos estas perguntas são grosseiras e pertencem ao âmbito privado (Gudykunst, Yoon & Nishida, 1987; Trompenaars, 1994).

2.5.3. Diferenças na Comunicação segundo a Expressão da Afetividade

Segundo Trompenaars (1994) existem diferenças na *expressão da afetividade* se a cultura é *específica ou difusa*, ou seja, de *baixo ou alto contexto* nos âmbitos *público e privados*.

Nas culturas *específicas* (de baixo contexto), as emoções são expressas de forma específica em cada espaço ou papel em que se encontre, como exemplos EE.UU., Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Separando-se desta maneira a expressão afetiva nos âmbitos públicos e privados e desaprovando-se a comunicação emocional intensa, como é o caso da Europa do Norte e Escandinávia.

Por sua vez, nas culturas *difusas* (ou de alto contexto), as expressões afetivas costumam ser extremas e mostram-se em relações globais e espaços interligados, como por exemplo, na Europa do Sul e do Leste, Ibero América e África, com exceção da coletivista asiática, que desaprovam a comunicação emocional intensa nos ambientes de trabalho e de contato social.

2.5.4. Diferenças na Comunicação segundo a Forma de Falar (Trompenaars, 1994)

Também existem diferenças significativas na forma de falar entre um espaço cultural e outro.

2.5.4.1. Comunicação Diferente e Ritual.

As diferenças no falar e os estilos de comunicação também estão relacionados com o grau de hierarquia social. Nas culturas mais hierárquicas existe uma diferenciação na fala e nos estilos de comunicação em função da idade, do sexo e do status social da pessoa a quem se dirige. Por exemplo, na América Latina se emprega o Senhor, Senhora (Brasil) e Usted (demais países) como forma de cortesia perante a autoridade e no Japão se utiliza a reverência como sinal de maior distância como forma de cumprimentar os professores.

2.5.4.2. Estilos Sucinto e Exato versus Exagerado

O estilo sucinto caracteriza-se pelas expressões de modéstia e silêncio, típico das culturas asiáticas, dos índios da América e do País Vasco. No *estilo Exato*, tenta-se dar a informação precisa e de forma clara, típico do Norte da Europa e EE.UU. No *estilo exagerado*, se valorizam, entre outros, aspectos como o exagero, a repetição e o uso de superlativos. Este estilo é típico em parte do Mediterrâneo, zonas tropicais da América Latina e entre os árabes.

Como exemplos destes três estilos, os latino-americanos e árabes têm uma regra de ênfase no superlativo, nos adjetivos e na ênfase retórica (na América Latina não se diz que a

comida está boa, se tem um gosto normal, se diz que está “maravilhosa”). O estilo sucinto é mais característico do País Vasco enquanto que o estilo elaborado é mais próprio da zona sul da Espanha. Também, o estilo exagerado é típico dos coletivistas latinos, mediterrâneos e africanos. Por exemplo, o estilo de conversação dos gregos, que se pode estender à cultura tradicional da Europa do Sul, caracteriza-se por sua intensidade. Fala-se de tudo e com ênfase. Cada conversa parece uma disputa e o conteúdo é menos importante que a forma: desafios, desqualificações e até certo grau de insultos e ataques, formam parte de uma conversa normal. Várias conversas se desenvolvem simultaneamente – ou vários monólogos se desenvolvem paralelamente –, descrições similares foram feitas sobre o estilo de comunicação de outras partes da Europa do Sul, incluindo a Espanha (Gilmore, 1990, in Páez, et al. 2003).

2.5.5. Diferenças na comunicação marcadas pelo: silêncio, sorriso, olhar e contato visual

O silêncio, o sorriso e o olhar ou contato visual, são também percebidas de maneira diferente. Por exemplo, o *uso do silêncio* é característico em culturas como a China ou Japão, mas, está mal visto na EE.UU., América Latina e Espanha, pois o silêncio se entende como falta de iniciativa e antipatia, ainda que evidentemente, há importantes diferenças quando se está interagindo no endogrupo ou com os membros do exogrupo.

As diferenças neste aspecto reproduzem as diferenças Norte-Sul: os europeus do norte são percebidos como mais silenciosos que os do sul, por exemplo, os ingleses se consideram faladores e vêm aos suecos como retraídos e estes por sua vez vêm aos finêses como mais silenciosos (Trompenaars, 1994); os vascos percebem aos andaluzes como mais faladores, e também os latinos percebem diferenças entre o Norte e o Sul da Espanha. África (central) também é descrita como uma cultura mais agitada (Kapuscinski, 2000).

Os momentos de expressão do *sorriso* e sua frequência são diferentes, por exemplo, os asiáticos o utilizam menos que os afro e euro-americanos, dando a impressão a estes últimos de que os asiáticos são pouco amáveis. O mesmo mal-entendido se produz entre europeus do norte e do sul, “mesmo que em todas as culturas o sorriso se associa a alegria, a sua frequência e momento de utilização é diferente” (Páez, et al. 2003, p. 479). Além disso, nas culturas asiáticas o sorriso se utiliza em situações ou estados de irritação, vergonha ou desagradáveis - o que aos olhos ocidentais parece errado ou estranho- (Klineberg, 1988, em Fernández & Basabe, 2007).

Igualmente, há culturas, nas quais *olhar* de forma fixa é sinônimo de insolência e para outros significa sinceridade. Por exemplo, nas culturas indígenas da América Latina andina e mesoamericana olhar de forma direta e prolongada não é frequente nem desejável. Os negros americanos tendem a não olhar ao seu interlocutor, o que faz com que os brancos tenham a impressão de que eles não lhes escutam. Nas culturas coletivistas e hierárquicas, quando se interage no seio do endogrupo e diante a superiores, há um menor contato visual como uma forma de evitar transmitir emoções que podem alterar a harmonia social (Smith & Bond, 1998).

2.5.6. Diferencias na Comunicação marcadas pelo Contato Físico

O antropólogo Hall (1959 in Trompenaars, 1994) observou outra dimensão em relação ao contato físico entre as pessoas, e que denominou *culturas de alto contato e culturas de baixo contato*. Em ambas se podem encontrar culturas individualistas como coletivistas, por isso não existe correlação entre ambas as variabilidades culturais.

2.5.6.1. Culturas de Alto Contato

As *Culturas de Alto Contato* são aquelas que estabelecem pouca distância física entre as pessoas e há mais contato físico. Como ocorre nas culturas mediterrâneas e da Europa do Sul, as árabes e do Oriente Médio, as latinas (como é o caso da França, Itália, Portugal, Espanha e América Latina), os Europeus do Leste (como os russos e os judeus destas regiões) (Ward, et al. 2001). Porém, cabe destacar que o contato físico está limitado pelo gênero e regulado pelo contexto que se dá. Desta maneira, os contatos entre gêneros estão regulados no caso da América Latina e da Europa do Sul, e existe uma segregação mais marcada no caso árabe. A cultura latina caracteriza-se por uma maior proximidade física, contato e gestualidade em comparação com a Europa ou América do Norte (excluindo o México), e a interação é muito dependente do contexto (sinais para-linguísticos e não verbais) é necessário aprender a “ler nas entrelinhas”. Os europeus do Sul e os latino-americanos se tocam mais ao falar que os europeus do norte e os estadunidenses (Ward,, et al. 2001).

2.5.6.2. Culturas de Baixo Contato

As *Culturas de Baixo Contato* são aquelas nas que a distância física entre as pessoas é maior, o contato físico é menor e a segregação entre os gêneros também é menor. Se os europeus do norte são muitos sensíveis quando sentem que seu espaço pessoal é invadido por outros, de forma contrária as pessoas do Sul da Europa preferem sentar-se e estar próximas de outras pessoas (Ward, Bochner & Furnham, 2001, p. 57). Como ocorre nas culturas anglo-saxônicas (Estados Unidos e Inglaterra), da Europa do Norte/Centro (Escandinávia, Alemanha). Entre as culturas de baixo contato que são coletivistas se encontram as asiáticas em geral, como a China, o Japão, a Tailândia, a Indonésia, as Filipinas e o Vietnã. Os coletivistas asiáticos, (incluindo os hindus), vivendo em condições de grande densidade demográfica também excluem o contato físico em público entre pessoas próximas e ainda mais do sexo oposto. Além disso, geralmente os sistemas de status implicam uma alta distância e uma proibição de tocar as pessoas de alto status- os monarcas e líderes “guardam suas distâncias” cuidadosamente.

2.5.7. Diferenças na Comunicação segundo as Formas de Dirigir-se aos demais

As maneiras de dirigir-se ao outro usando o nome, sobrenome ou títulos são variáveis de um país a outro e costumam ser indicadores da importância que uma sociedade concede ao cargo, o título e a profissão. Por exemplo, é comum que em sociedades hierárquicas latinas os alunos se dirijam ao professor por seu título (mestre, licenciado, professor, doutor), assim o uso de termos honorários expressa uma atitude de deferência por parte do falante em direção ao interlocutor em função do papel laboral ou social que ocupa. Deste modo nas sociedades de alta distância hierárquica é mais provável que se utilizem termos que reflitam uma aceitação das diferenças de status (Ward, et al. 2001). No Japão é comum usar cartão de visita nas que aparece informação sobre o status da pessoa (títulos, posição na empresa). Igualmente o uso dos nomes e sobrenomes, ou a ordem dos mesmos é variável de um país a outro. Estas formas de apresentação são importantes porque são visíveis, e no decorrer de uma conversa nomear erroneamente a uma pessoa pode considerar-se falta de respeito ou consideração.

2.5.8. Diferenças na Comunicação em relação à Noção do Tempo

De modo geral tem sido associado o coletivismo a uma percepção de tempo como mais lento e subordinado à atividade social, enquanto que o individualismo o tempo se concebe de maneira linear, que organiza a atividade social, por sua vez dividida em segmentos homogêneos. A noção de tempo também é variável entre as culturas e podemos diferenciar um tempo policrônico e um tempo monocrônico. *O tempo policrônico* é típico em muitas culturas coletivistas, a orientação está nas relações e nas situações, e nelas as atividades se apresentam sem importar o relógio. Assim o tempo é mais flexível, e podem-se fazer várias coisas ao mesmo tempo, como por exemplo, atender a várias pessoas em um comércio. Enquanto que o *tempo monocrônico* é típico das culturas individualistas, a orientação está nos sistemas e nas funções, e nela o tempo impõe uma estrutura às atividades. Desta maneira, a pontualidade é muito importante e, por exemplo, se atende às pessoas de uma em uma por ordem de chegada. No primeiro caso, os compromissos temporários são flexíveis, e no segundo, a pontualidade é regra. Por exemplo, como aponta Trompenaars (1994), as reuniões podem demorar 15 minutos como média na América Latina, e horas em certas zonas da África ou até mesmo um dia inteiro. Isto indica que a maior fonte de choque cultural em relação ao tempo, é a dificuldade que apresenta para os migrantes ser pontual e estritos com o tempo e as reuniões.

É importante observar que a noção de tempo está determinada sobre tudo pelo desenvolvimento socioeconômico, ainda que também haja diferenças culturais (por exemplo, entre as regiões da Europa). E que o ritmo de vida está determinado mais pela economia que pela cultura, assim o ritmo é maior na Europa Ocidental, logo na Ásia, América do Norte, e é menor na Europa Oriental, nos Países Árabes e na América Latina.

2.6. FAMILISMO e ACULTURAÇÃO

As pesquisas sobre aculturação e mudança de valores realizadas por Marín e Gamba (2003) observaram a existência de um novo tipo de valores denominado *Familismo*. Estes valores implicam uma forte identificação e vinculação dos membros da família nuclear e extensa, assim como fortes sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade. Também se manifesta em relações próximas e na implicação com os membros da *familia extensa*, que pode estar composta por pessoas com relações de *sangue* ou por familiares *fictícios* como os compadres ou comadres e os amigos próximos da família, aos que se lhes dá o status de parentes (Martin & VanOss, 1991). A família extensa, portanto, representa uma categoria especial de relações familiares que existe entre os latinos e em outras culturas coletivistas. O familismo vinculado às relações familiares coletivistas apresenta distintas expressões, assim nas sociedades latino-americanas se manifesta na dignidade e respeito familiar ou na asiática que se expressa por piedade filial.

Nas famílias coletivistas asiáticas, o valor atribuído ao fenômeno do familismo tem sua base na piedade filial confuciana. Esta sociedade tem fundamentada sua estruturação e funcionamento familiar no princípio Confuciano. Crenças e práticas religiosas, éticas, sociais, políticas e econômicas idealizadas por Confúcio, que se desenvolvem segundo um modelo hierárquico que define os papéis, deveres e obrigações que as pessoas devem aplicar dentro da família e do Estado.

O *familismo* nas culturas coletivistas latinas, africanas e mediterrâneas, caracteriza-se por um alto sentido de dignidade e respeito dirigido à família e enfatiza a lealdade e a assistência familiar. Estas características manifestam-se no comportamento e na atitude das pessoas e grupos, desta forma se identifica por uma parte o familismo comportamental, no qual a interação com os componentes do grupo familiar se efetiva por meio de visitas e intercâmbios de serviços e, por outra parte o familismo atitudinal, no qual predomina o sentimento de lealdade, solidariedade e reciprocidade entre as pessoas pertencentes ao grupo familiar. Estudos realizados com pessoas de procedência latina residentes nos Estados Unidos (Sabogal, et al. 1987), indicam que ao passar das gerações diminuía a importância de ter a família como referência e decrescia o sentimento de obrigatoriedade familiar, enquanto que a percepção de apoio se mantinha e, ainda aumentava à medida que a unidade familiar crescia.

Resultados obtidos em estudos realizados em contextos culturais coletivistas familistas com grande distância hierárquica (Hofstede, 2001) confirmam que nestas culturas se valorizam em maior medida o esforço, a obediência, o respeito aos idosos, o trabalho duro e, em menor proporção a autonomia e a independência, porém é ensinado aos menores que devem ser capazes e competentes. (Páez, et al. 2003).

A escala de Familismo de Fuling, Tseng e Lam (1999, in Páez, et al. 2003) se distribuíam em três dimensões: (1) Assistência habitual, relativa às expectativas de ajuda no lar e o tempo a compartilhar com a família; (2) Respeito à família ou importância dada às figuras familiares, a obediência e o respeito pelos idosos; (3) Apoio-Obrigações para com a família no futuro ou expectativas de dar apoio no presente e no futuro aos pais e irmãos. Uma versão reduzida

destas escalas foi aplicada em vários estudos com imigrantes estrangeiros no País Vasco (Basabe, et al. 2009). A versão deste instrumento se pode mais abaixo. Este instrumento estava composto das três dimensões: Assistência habitual (item 7), Respeito à família (itens 1, 4, 5), e Apoio-Obrigação na família no futuro (itens 2, 3, 6).

2.6.1. Valores Familistas e Acultura o

Os estudos que põem os valores familistas com a acultura o têm encontrado resultados desiguais (Gil, Wagner & Vega, 2000; Rodriguez, et al. 2007), tendo sido sugerido que o familismo constitui um dos principais valores compartilhados entre as popula es espanas (Marín & Gamba, 2003, p.86). Considerando as distintas facetas do familismo, por exemplo, em mexicano-americanos, a importância concedida às rela es familiares se associou positivamente ao biculturalismo, o apoio social familiar   separa o da família ou a identidade mexicana, e não se associava   dimensão de conflito familiar (Rodríguez, et al. 2007). Em nosso contexto, o familismo   mais intenso entre os grupos que optam pela estratégia de separa o (Basabe, et al. 2009), que por sua vez compartilhem mais valores tradicionalistas e são mais religiosos.

Respeito ao possível efeito protetor do familismo, há evidência de que o apoio familiar   associado a melhores resultados de saúde mental enquanto que o conflito familiar supõe uma ameaça para a saúde (Organista, Organista & Kurasaki, 2003). Igualmente em nosso contexto mostrou-se um efeito ambivalente do familismo no bem-estar (associa-se tanto ao afeto positivo como ao negativo), como sugeriram os resultados no País Vasco apontados mais acima (Basabe, et al. 2009).

Dentro dos valores familistas assume-se que o cuidado dos familiares enfermos deve ser assumido pelos membros do grupo, e, portanto, estes valores afetarão a rela o entre estresse, enfrentamento e saúde mental dos cuidadores, no entanto o estudo de Knight, Robinson, Longmire, Chun, Nakao e Kim (2002) mostrou, por exemplo, que a rela o entre familismo e queima o nos cuidadores não era consistente entre os grupos étnicos. Em alguns casos era independente e em outros se associava ao mal-estar. Outros estudos têm mostrado os efeitos psicológicos negativos do familismo em mulheres cuidadoras afro americanas, já que as crenças familistas foram predictoras, controlando os fatores sócio demográficos, de altos níveis de depressão e estresse percebido (Rozario, & DeRienzi, 2008).

No estudo realizado com imigrantes de diversas nacionalidades residentes no País Vasco (Basabe, et al. 2009), encontraram que a hierarquia de valores compartilhada por pessoas imigrantes se caracteriza por altos valores em Autotransced ncia (Universalismo), Familismo (hierárquico tradicionalista e familismo de vincula o), e em Conserva o (Segurança e Conformidade), seguidos por valores médios de Abertura   mudança (Auto dire o e Estimula o), Tradicionalismo, e de Promo o pessoal (Logro e Hedonismo), e finalmente baixo Poder. Neste mesmo estudo, os coeficientes de associa o entre familismo e valores confirmaram que esta concep o familiar hierárquica compreende valores conservacionistas e coletivistas. Ainda, o familismo responderia às necessidades de segurança, conformidade e tradi o. Em especial no que se refere a manter os costumes dos antepassados. Pelo

contrário, o familismo não se relaciona com valores do tipo individualista, exceto no caso da dimensão de intimidade familiar ou vínculo que é ligeiramente menor para as pessoas que mais compartilham valores do tipo individualista (de promoção pessoas e abertura à mudança).

Neste estudo observou-se que todos os imigrantes compartilhavam igualmente uma visão das relações familiares como fonte de assistência (ajudar a sua família: pais, avós, primos), independente do país de origem. Ainda que as pessoas que manifestaram maior acordo com os valores familistas foram latino-americanos procedentes do Equador e da Colômbia em comparação com as africanas ou brasileiras.

2.7. CHOQUE CULTURAL

No processo migratório, o contato com a sociedade de acolhida salienta as diferenças existentes entre ambas as culturas, produzindo o fenômeno conhecido como *Choque Cultural*, que pode ser definido como um estado geral de depressão, frustração e desorientação experimentado pelas pessoas quando entram em contato com uma cultura diferente da qual está acostumada (Oberg, 1961; Smith & Bond, 1998). Pode se manifestar em âmbito físico ou emocional quando o imigrante percebe as diferenças que existem entre a sua cultura de origem e a cultura de acolhida, resultando muitas vezes em uma perda de sentido de “que, quando e como” proceder, expressado por um sentimento de falta de direção por não conhecer o que é apropriado ou inapropriado no novo contexto.

Associados ao processo de aquisição de uma nova cultura por uma parte, o choque cultural é resultado do impacto que representa para o imigrante as diferenças e distâncias percebidas entre a sua cultura de origem e a cultura de acolhida, e por outra, o estresse aculturativo é a tensão que resulta do confronto com uma nova cultura e se manifesta em problemas de saúde, psicológico, somáticos e de relação social. Em forma de ansiedade, depressão, sentimentos de marginalidade e confusão de identidade (Berry, et al. 1987; Páez, et al. 2000; Williams & Berry, 1991). Conforme recapitula Guardiola (2006) nos anos oitenta, o estresse de aculturação podia ser considerado como uma consequência psicológica da aculturação segundo Padilla, no entanto, nos princípios deste século, Albert-Sanchiz atenta para a presença de matizes socioculturais, psicológicos e somáticos no estresse aculturativo. Sendo identificado, por uma parte, os estressores socioculturais, como a competência linguística, as relações pessoais, o comportamento, as crenças e os valores. E, por outra parte, as respostas psicológicas destacadas pelo estado de ânimo, as relações sociais, a autoestima, o enfrentamento das atividades diárias e alguns sintomas somáticos.

A distância cultural produz o choque cultural, e exerce influência na intensidade com que o imigrante experimenta as dificuldades decorrentes da maior ou menor distância entre as culturas. Furnham e Bochner (1986) desenvolveram um índice para analisar a distância cultural, entre a sociedade de acolhida e a de origem, e mostraram que as dificuldades socioculturais de adaptação aumentavam conforme a distância cultural entre os grupos era maior. Nesta tese partiu-se destas medidas iniciais desenvolvidas por Furnham e Bochner

(1986) para reelaborar uma escala que nos permita medir as dificuldades de adaptação sociocultural, tal e como se explica no estudo 2 (de Luca, et al. 2011).

Desde o ponto de vista de Furnham e Bochner (1986), quando grupos culturalmente diferentes entram em contato se produz um impacto social sobre as estruturas sociais, as instituições e os processos políticos, assim como nos valores de cada um dos grupos envolvidos. As condições nas que ocorrem o contato vão marcar a intensidade e o tipo de mudanças produzidas. O trabalho de Guardiola (2006) sintetiza a proposta teórica destes autores, de tal modo que os resultados do contato entre indivíduos pertencentes a duas culturas podem classificar-se em vários tipos (a propósito, estes tipos guardam muita semelhança com as propostas de Berry, 2001,2003): (1) *Tipo Transição*, semelhante à assimilação, quando se recusa a cultura de origem e se aceita a segunda cultura, se perde a identidade étnica e a nível social se produz assimilação; (2) *Tipo Chovinista*, se recusa a cultura de acolhida ou 2ª cultura e se exagera a primeira cultura, dá lugar ao Nacionalismo e Racismo, e a nível social há conflitos entre os grupos (este tipo assemelha-se a separação de Berry e a segregação de Bourhis); (3) *Tipo Marginal*, dúvidas entre duas culturas, apreciam-se as normas de ambas as culturas e são ditas como incompatíveis, então se produzem conflitos por confusão de identidade (isto recorda as respostas de adolescentes de primeira geração), o que impulsiona mudança nas identidades; (4) *Tipo Mediador*, sintetizam-se ambas as culturas neste caso as normas de ambas as culturas se apreciam e são ditas como integráveis, o que implica crescimento pessoal e a nível social harmonia entre os grupos em sociedades plurais (este tipo recorda a identidade bicultural integrada levantada por Benet-Martínez, et al. 2002, 2005).

O choque cultural ocorre quando o imigrante perde seu marco cultural externo ao entrar em contato com um mundo desconhecido culturalmente. A semelhança entre as culturas facilita a adaptação porque minimiza o choque cultural, igualmente, para alcançar uma boa adaptação, os imigrantes têm que se esforçar para adquirir as competências sociais da cultura de acolhida e poder interagir de maneira favorável com os habitantes autóctones e atuar de forma adequada na sociedade receptora. A nova cultura apresenta características explícitas e implícitas, podendo ser opostas a cultura de origem (Ward,, et al. 2001). Finalmente, o choque cultural implica a dar-se conta das diferenças existentes, sentir-se impactado por ele e fazer frente às dificuldades que surgem, considerando que pode provocar problemas de saúde, psicológicos, somáticos e de relação social (Smith & Bond, 1993). Igualmente, apesar de que o choque cultural pode representar experiências dolorosas e difíceis, é necessário reconhecer que estas experiências também podem ter consequências benéficas para os imigrantes (Ward,, et al. 2001) quando são percebidas como oportunidades para definir os objetivos e integrar diferentes perspectivas (Benet-Martínez, et al. 2002; Nguyen, & Benet-Martínez, 2007) e estimular o crescimento pessoal e social (Bobowik, 2013; de Luca, et al. 2011).

2.7.1. Distância cultural percebida

Estudos realizados sobre diferenças culturais indicam que a distância cultural entre os países de origem e os de acolhida é um fator que afeta os processos de adaptação

determinando em parte a intensidade em que se produzirá o choque cultural, assim como o grau de esforço requerido por parte do imigrante para adaptar-se e compreender as pautas culturais do novo contexto (Basabe, et al. 2003; Smith & Bond, 1998; Zlobina, et al. 2004). Por exemplo, passar de uma sociedade tradicional coletivista e hierárquica, como África, Guatemala, Equador e Colômbia, a outra mais individualista pós-moderna como Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha, ou de uma cultura mais relaxada como a latino-americana a uma mais indulgente como a Rússia ou Marrocos, tende a exigir um grande esforço por parte do imigrante. Enquanto que instalar-se em uma sociedade com uma maior proximidade cultural, como pode ser o caso da Áustria e de Israel, que ambas pontuam médio individualismo, apresentam pouca distância hierárquica e um maior controle da incerteza, o esforço costuma ser menor apesar das diferenças do idioma, que proporcionará uma comunicação menos fluida do que, por exemplo, no caso da Espanha e a Argentina que a semelhança cultural é bastante próxima em todas as dimensões. Estudos realizados no País Vasco encontraram que a população imigrante da América Latina se percebe mais próxima à sociedade vasca que aquela proveniente da África (maghreb e subsaarianos) (Basabe, et al. 2003; Campos, et al. 2003; Martínez-Taboada, Arnosos & Elgorriaga, 2006 Zlobina, et al. 2004, 2006).

2.7.2. Fases ou, etapas do Choque Cultural

O choque cultural representa um conjunto de tensões que afetam o ajuste a uma nova cultura, e entre outros fatores está influenciado pelo tempo de estância. Inicialmente sugeriu-se que esta adaptação ocorria de forma linear, de modo que conforme aumentava o tempo de residência na sociedade de acolhida à pessoa ia adaptando-se ao novo contexto, devido à possibilidade de estabelecer um maior contato com os autóctones e conseqüentemente ganhar maior identificação com eles e com seus valores (LaFromboise, Coleman, & Gerton, 1993). Posteriormente se propôs um *modelo Curvilíneo*, em "U" (Ward, Bochner & Furnham, 2001), com uma trajetória em três momentos: (1) *contato*, (2) *conflito* e (3) *adaptação*. O primeiro correspondente ao *contato* inicial, no qual a adaptação tende a ser maior devido ao estímulo e entusiasmo provocados pela novidade da nova cultura; o segundo, denominado *conflito*, surge quando se instala uma rotina, e a adaptação tende a diminuir porque os imigrantes se dão conta das limitações existentes, como a dificuldade para dominar o idioma, ou das dificuldades de interação com os autóctones; e o terceiro, a *adaptação*, ocorre quando passa o tempo e a pessoa aceita e aprende os costumes e valores da sociedade de acolhida (Moghaddam, et al. 1993; Sabatier & Berry, 1996). No entanto, existe um questionamento em torno a este modelo curvilíneo, no sentido de que geralmente a fase de assentimento migratório costuma ser acompanhada de afetividade negativa, e lentamente se vai produzindo uma adaptação ao novo meio (Ward, 1996; Ward, et al. 2001). No contexto vasco (Basabe, Páez, Aierdi & Jiménez-Aristizabal, 2009), com imigrantes de diversas nacionalidades, se comprovou que conforme aumentava o tempo de residência no país de acolhida diminuía a afetividade negativa.

A partir do *modelo Curvilíneo* em “U”, Oberg (1961) propõe um modelo em quatro etapas. A primeira, etapa está relacionada com a (1) *Lua de mel*, período inicial da imigração, onde tudo se percebe como surpreendente, excitante e interessante. A pessoa experimenta sentimentos de entusiasmo, otimismo, euforia e curiosidade pela nova sociedade; (2) *Crise*, esta segunda, etapa começa o choque si mesma, quando a fase inicial de “namoro” com a cultura de acolhida é substituída por percepções mais hostis ou por dificuldades cotidianas como, por exemplo, barreiras com o idioma, distintos hábitos de alimentação, obstáculos para encontrar trabalho ou habitação. Originando muitas vezes sentimentos de impaciência, de raiva, de tristeza e de incompetência onde tudo parece sair mal, podendo provocar um confronto com a nova cultura; (3) *Recuperação ou negociação*, depois da, etapa de confronto ou crise, inicia um processo de avaliação e transição entre os próprios valores e os valores da nova sociedade. É quando os imigrantes começam a desenvolver uma maior competência intercultural melhorando sua relação com a cultura de acolhida, não se sentindo tão desorientado como antes, começam a adquirir sentido direção e familiaridade com o ambiente. (4) *Adaptação*, nesta, etapa o imigrante sente-se mais cômodo, compreende que a sociedade de acolhida tem aspectos positivos e negativos, desenvolve um sentimento de pertencer ao mesmo tempo, é capaz de mover-se eficazmente nos espaços públicos e privados, manter relações de amizade com autóctones e estabelecer metas e objetivos pessoais (Oberg, 1961).

Estas, etapas não estão marcadas por um período de tempo determinado, nem suas fronteiras são rígidas, assim, o *ajuste cultural* costuma ser um processo lento que começa com uma fase de enamoramento e intercala vários ciclos de crise e recuperação marcados pelo choque cultural, até que adaptação na sociedade receptora seja efetiva. Igualmente o regresso do imigrante ao seu país de origem pode supor um novo ajuste cultural, e a conseqüente repetição deste processo. Neste sentido Gullahorn e Gullahorn (1963, em Guardiola 2006, pp.51), atentos ao impacto que podem experimentar os imigrantes retornados, propuseram o modelo em “W”, no qual por um lado adicionaram às quatro, etapas formuladas por Oberg (*Lua de mel, Crise, Recuperação e Adaptação*) uma quinta chamada *Choque do Regresso*. Por outro lado, acrescentaram uma curva no modelo em “U” de Lysgaard para incluir no processo de ajuste o retorno à origem. O *Choque do Regresso* ocorre quando o imigrante depois de passar pelo processo de ajuste requerido na sociedade receptora e vencer as inúmeras barreiras do choque cultural, decide retornar ao país de origem e percebe que as “coisas já não são mais iguais”, que alguns hábitos e costumes desenvolvidos na cultura estrangeira não encaixam na cultura de origem, assim como as relações de amizade com os compatriotas não correspondem às expectativas esperadas, estas circunstâncias adicionadas a um sentimento de estranheza provoca uma nova crise de valores. Portanto, quando o imigrante regressa ao seu país de origem, pode passar por um novo ajuste cultural, e experimentar novamente as conseqüências do choque cultural no “sentido contrário”.

2.7.3. Adaptação Sociocultural: Escala de dificuldades de adaptação sociocultural (Sociocultural Adaptation Scale, SCAS)

De maneira mais sistematizada, Moghaddam, et al. (1993) colocam que este ajuste a uma nova cultura implica fundamentalmente três aspectos: a) a *adaptação psicológica*, que consiste em manter uma boa balança de afetos, satisfação pessoal com o novo meio cultural e sua aceitação; b) a *aprendizagem cultural*, concebida como a aquisição de habilidades sociais que permitem manejar-se na nova cultura, assim como desenvolver condutas que facilitam estabelecer boas relações com as pessoas da sociedade acolhida, e c) a *realização das condutas* adequadas para resolução exitosa das tarefas sociais.

De forma equivalente, Bochner (2003) propôs um modelo ABC (*Affect, Behavior, Cognition*) de contato cultural, onde o componente afetivo (A) corresponderia aos indicadores principais da adaptação psicológica, no que se refere ao bem-estar psicológico ou a satisfação, entendida em termos de estresse e enfrentamento. Enquanto que os componentes condutuais (B) e cognitivo (C) referem-se à adaptação sociocultural, em termos de aquisição de habilidades sociais ou aprendizagem cultural. Os três componentes estão vinculados entre si, contudo, manifestam certa autonomia apresentando diferentes padrões de evolução temporal e são explicadas por diferentes fatores psicossociais (Chun, Organista & Marín, 2003; Smith & Bond, 1999; Ward, Bochner & Furnham, 2001).

Portanto, a adaptação sociocultural concebida como um processo de aprendizagem social, refere-se à aplicação das habilidades sociais, disposição e capacidade para integrar-se de maneira positiva e para manejar os diferentes aspectos da nova cultura (Ward & Kennedy, 1993). Esta adaptação se avalia através das dificuldades sociais, associando-se positivamente ao tempo de residência, a uma boa capacidade linguística, às estratégias de aculturação, a um alto contato com os autóctones, a uma menor distância cultural e a um maior conhecimento cultural (Basabe, Zlobina & Páez, 2004a; Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1993, 1999; Ward & Searle, 1991; Zlobina, Basabe, Páez & Furnham, 2006). Resultados obtidos através de estudos realizados tanto nesta cultura quanto em diversos contextos culturais, confirmam a existência de fatores preditores da adaptação sociocultural universalmente compartilhados, como o tempo de residência, a discriminação percebida e o status de imigrante (legalidade de residência), o contato com autóctones, o apoio recebido de sua parte, a distância cultural percebida e a educação (de Luca, et al. 2011; Basabe, et al. 2004; Zlobina, et al. 2006).

Para os estudos 2 e 3, que compõe esta tese, utilizou-se uma versão reduzida (19 itens, pode consultar-se no Anexo 1) da Escala de Adaptação Sócio Cultural (SCAS). Esta escala originalmente foi desenvolvida para avaliar a competência intercultural explorando dimensões comportamentais e posteriormente foram adicionadas dimensões cognitivas. Atualmente, a SCAS é um instrumento que permite medir a competência intercultural, a aquisição de habilidades sociais e a aprendizagem cultural (Ward, et al. 2001). E, devido à sua flexibilidade é possível adaptá-lo em função da amostra e dos objetivos que serão analisados.

Furnham e Bochner (1982) construíram o Questionário de Situações Sociais (Social Situations Questionnaire, SSQ), para ele, inspiraram-se no estudo de Trower, Bryant e Argyle (1978) sobre habilidades sociais. El SSQ com 40 itens foi aplicado a estudantes internacionais

no Reino Unido. Posteriormente Ward e Kennedy (1999, 2001), readaptaram o instrumento para aplicá-lo a distintos grupos de migrantes (em Malásia e Nova Zelândia), passando a denominar-se “Sociocultural Adaptation Scale” (SCAS). Revisando estes estudos criamos uma versão de 52 itens que foi aplicado no estudo de Ángel (2007) a uma amostra ($n = 356$), composta por distintos tipos de migrantes (60.5% mulheres e com idade média de 27 anos), classificados em 41% estudantes internacionais, 41.7% são imigrantes (19.7% trabalhadores temporais e 22% permanentes), 7% turistas, 8.5% colaboradores internacionais em ONGs e 2% exilados políticos. O estudo encontrou treze dimensões nas dificuldades de adaptação, sendo as mais frequentes: manejar os conflitos, a separação familiar, o clima, o ritmo de vida, a comunicação e o idioma. As dimensões deste estudo, localizadas por meio de uma Análise Fatorial exploratória podem ser visualizadas na Tabela 17. Os resultados deste estudo indicaram que os aspectos que representam maiores dificuldades de adaptação no País Vasco para estes coletivos de imigrantes, estão relacionados com o manejo dos conflitos nas relações com as pessoas e instituições, a saudade da família, acostumar-se tanto a aspectos ecológicos, o clima e ao ritmo de vida, assim como as dificuldades de comunicação e idioma. Enquanto que os aspectos, que menos dificuldades apresentaram, têm sido tratar com os autóctones, usar os meios de transporte e lidar com o trabalho (Ángel, 2007).

É posteriormente e como parte desta tese, onde propusemos criar uma versão reduzida deste instrumento, que está detalhado no estudo 2 desta tese, e que foi publicado em 2011 (de Luca, Bobowik & Basabe 2011).

Tabela 17. *Descrição das dimensões do SCAS: análise fatorial exploratório*

FATOR	DIMENSÃO	Peso Fatorial
1-COMPREENDER CULTURA LOCAL (Variância explicada 25,30%)	35. Entender, aceitar o sistema político local	.48
	36. Compreender a visão do mundo local	.74
	37. Compreender o ponto de vista da cultura local	.83
	38. Compreender o sistema de valores local	.78
	39. Ver as coisas desde o ponto de vista local	.75
	40. Compreender as diferenças culturais	.51
	41. Ser capaz de compreender os dois pontos de vista em um encontro intercultural	.33
2- INICIAR RELAÇÕES (Variância explicada 5,48%)	42. Entrar em uma habitação cheia de pessoas	.68
	43. Conhecer pessoas desconhecidas e que te apresentem a novas pessoas	.69
	44. Estar com pessoas que não conhece muito bem	.71
	15. Aproximar-se a outros, tomar a iniciativa para fazer novas amizades	.62
	8. Falar de si mesmo com os outros	.51
	46. Gente em pé ou sentada muito próximo de você (muito próxima fisicamente)	.46
	45. Conhecer pessoas profundamente (bem, de maneira íntima)	.34
3- MANEJAR A HIERARQUIA (Variância explicada 4,72%)	14. Lidar com a burocracia	.48
	13. Lidar com pessoas com autoridade	.64
	29. Lidar com pessoas de maior status que você	.67
	28. Relacionar-se com pessoas idosas	.60
	7. Ir a lugares de culto religioso (igreja, templo, mesquita), praticar seus crenças religiosas	.37
	26. Adaptar-se às regras de educação locais (normas de cortesia)	.46
	12. Seguir as regras e normas	.59
27. Acostumar-se à densidade populacional (muita gente nas ruas)	.43	
4- COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL e IDIOMA (Variância explicada 3,88%)	1. Fazer amigos nativos (autóctones)	.68
	3. Fazer-se entender	.66
	24. Entender o acento local, a língua, o idioma	.65
	9. Entender as brincadeiras e o sentido do humor das pessoas autóctones	.60
5- LIDAR COM OS NATIVOS (Variância explicada 3,59%)	16. Adaptar-se ao alojamento, à moradia	.60
	34. Viver com pessoas nativas (espanholas)	.58
	23. Ir a restaurantes, cafés, locais de comida	.52
	5. Fazer compras	.40
6- LIDAR COM A AUTORIDADE FORMAL IR AO MÉDICO (Variância explicada 3,00%)	47. Ir ao médico	.71
	48. Ser entrevistado para algo	.55
	49. Repreender a um subordinado. Repreender a alguém que está abaixo de você por ter feito algo mal	.56
7- MANEJAR OS CONFLITOS (Variância explicada 2,71%)	10. Lidar com alguém que é desagradável, mal-humorado ou agressivo	.76
	19. Lidar com um serviço insatisfatório	.63
8- FAMÍLIA E CLIMA (Variância explicada 2,65%)	25. Viver longe da sua família	.75
	21. Afrontar o clima	.65
	4. Acostumar-se ao ritmo de vida	.38
9- RELAÇÕES DE INTIMIDADE (Variância explicada 2,46%)	52. Relações íntimas com uma pessoa do sexo oposto	.63
	18. Relacionar-se com pessoas do outro sexo	.51
	22. Lidar com pessoas que te olham fixamente	.49
10- RELAÇÕES HIERÁRQUICAS (Variância explicada 2,32%)	17. Comunicar-se com pessoas de um grupo étnico diferente	.60
	50. Pedir perdão a um superior se você fez algo errado	.75
11- MEIOS DE TRANSPORTE (Variância explicada 2,24%)	2. Usar os meios de transporte	.63
12- COMIDA (Variância explicada 2,13%)	11. Acostumar-se à comida local, encontrar comida do seu gosto	.47
13- TRABALHO (Variância explicada 60,86%)	30. Entender o que te exigem no trabalho	.82
	31. Afrontar o trabalho	.80
	32. Lidar com um grupo estrangeiro no trabalho	.77
	33. Expressar suas ideias no trabalho	.70

AFE, Rotação varimax. Seleção pontuações fatoriais >.30. Seleção fatores valor próprio>1. Total variância explicada 60.52%
Fonte: Ángel, 2007, pp. 52-53.

3. ACULTURAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO

3.1. ACULTURAÇÃO

O conceito de aculturação tem uma longa história nas Ciências Sociais, particularmente entre antropólogos e sociólogos. Vinculada com o processo de modernização das sociedades ao longo dos séculos XIX e XX, passou a formar parte do léxico da antropologia cultural no final da primeira metade do século XX, *indicando o fenômeno de transformação e adaptação das sociedades*, neste sentido existem diversas perspectivas a respeito da definição deste conceito, suas dimensões e formas de medida. (Chun, Organista & Marín, 2003).

Os aspectos psicológicos da aculturação foram incorporados anos mais tarde, a princípios da metade do século XX, quando a partir de uma perspectiva psicológica, se defendia que a aculturação não só afetava aos grupos em seu conjunto, mas que também produzia mudanças nas atitudes, comportamentos, modos de vida, valores e identidade de seus integrantes (Graves, 1967; Hallowell, 1945)

Em termos gerais, a aculturação é um processo da mudança cultural e psicológica resultante do contínuo contato entre as pessoas procedentes de diferentes culturas (Liebkind, 2001; Berry, 2005; Sam & Berry, 2006). Independentemente do nível de aplicação, a definição de aculturação se baseia nos três aspectos que formam seu núcleo: *contato, influência recíproca e mudança*. Primeiro, a aculturação somente se produz no contato entre dois grupos culturais ou duas pessoas de diferente origem cultural; em segundo lugar, os grupos ou pessoas se influenciam mutuamente; finalmente, a aculturação supõe mudanças: físicas, biológicas, políticas, econômicas, sociais, culturais e psicológicas.

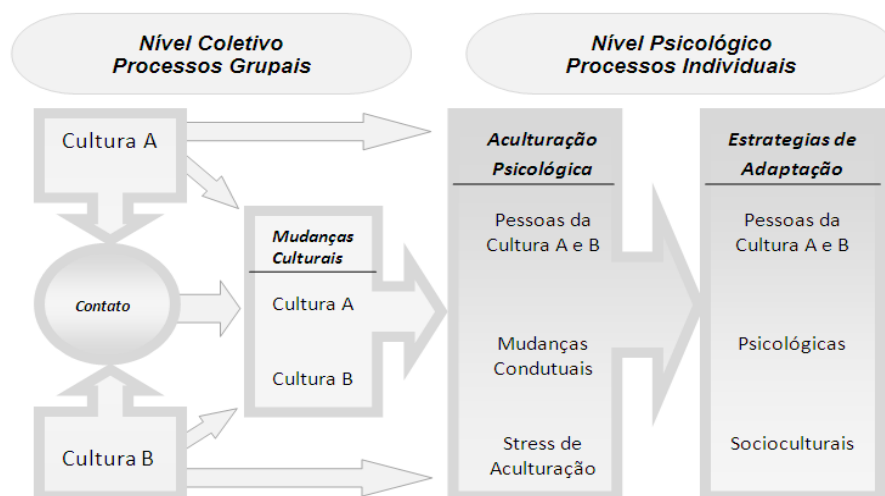
A aculturação pode ser analisada a dois níveis (Berry, 2002; Graves, 1967), a nível coletivo e social, no que diz respeito às mudanças nas estruturas sociais, nas instituições e nas práticas culturais (físicas, econômicas, etc.) ; e a nível individual, quando implica mudanças no repertório de condutas das pessoas (valores, aquisição de novos idiomas, desenvolvimento de identidades múltiplas, etc.). Estas mudanças podem ocorrer tanto nos grupos minoritários como nos grupos majoritários, assim como nos seus elementos a nível individual. Além disso, estas transformações trazem consigo várias formas de adaptações bilaterais, que podem

sucedem num espaço de tempo curto ou longo, e inclusive podem abarcar a várias gerações (Berry, 2005).

Mesmo assim, estas mudanças podem produzir-se de maneira fácil, como quando o grupo ou pessoa não encontra dificuldades em adaptar sua forma de vestir ou seus gostos culinários para aproximar-se aos usos e costumes da maioria da sociedade receptora, ou se podem produzir de maneira problemática ocasionando o stress aculturativo (incertezas, ansiedade e depressão), o bilinguismo subtrativo, a anomia, que podem afetar o bem estar das pessoas imigrantes e também o bem estar das pessoas da sociedade de acolhida. Os índices de boa adaptação psicológica podem estar representados, por exemplo, pela autoestima e por pela sensação de bem estar geral, enquanto que indícios de uma boa adaptação sociocultural podem ser o excelente desenvolvimento de competências nas atividades diárias resultantes do contato intercultural. (Berry, 1976, 2005).

Berry e colaboradores (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2002) levantaram que a aculturação ocorre no contato entre diferentes culturas. Para sua análise elaboraram um esquema (Figura 8) que demonstra os seguintes aspectos: (1) as duas culturas originais A e B, (2) as mudanças culturais ocorridos nas culturas A e B, (3) a natureza dos contatos.

Figura 7. **Estratégias de aculturação segundo o Modelo Bidimensional de Aculturação de Berry**



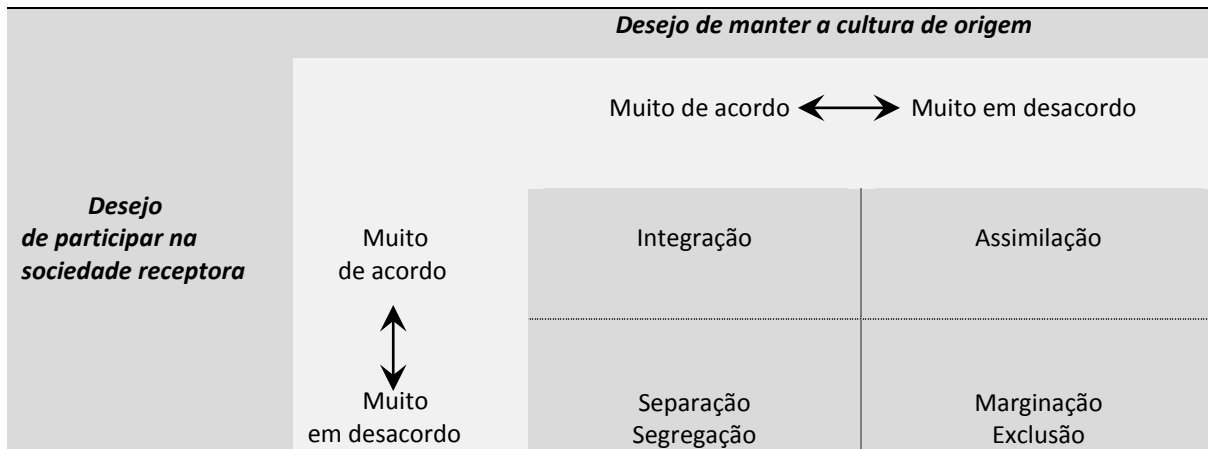
Fonte: Adaptada de Berry, 2005, pp.703

3.2. ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO: MODELOS TEÓRICOS

Entre os modelos más consolidados no estudo da aculturação psicossocial cabe destacar os seguintes. Um dos mais destacados, o desenvolvido por Berry e colaboradores (Berry, 1974, 1980, 1990, 1997, 2003; Berry e Kim, 1988; Berry, Kim, Power, Young e Bujaki, 1989), com seu *Modelo Bidimensional de Aculturação*, que descreve quatro estratégias de aculturação consideradas a partir de duas dimensões de atitudes, uma orientada à cultura de origem e a outra orientada à sociedade receptora: (1) Separação, manter a cultura original e rejeitar a de acolhida; (2) Integração, participar nas duas culturas, manter a original e adotar a de acolhida (3) Assimilação, abandonar a identidade cultural de origem e orientar-se ao grupo de acolhida; e (4) Marginalização, rejeitar as duas culturas. Este modelo de aculturação,

permite uma relação independente entre as quatro estratégias. Na Figura 9, pode-se observar um esquema que representa este modelo.

Figura 8. *Estratégias de aculturação segundo o Modelo Bidimensional de Aculturação de Berry*



Fonte: Berry, et al. 1999

Outra das propostas é a liderada por Bourhis (Bourhis & Bougie, 1998; Bourhis, Moïse, Perreault, & Senécal, 1997; Bourhis, Montaruli, El-Geledi, Harvey & Barrette, 2010) que define o processo aculturativo como orientação e não como estratégias. Desenvolve o Modelo Interativo de Aculturação, composto por dimensões consideradas a partir de quatro orientações de aculturação. A primeira se refere às adotadas pelo Estado em matéria de imigração e integração; a segunda às respostas do grupo de acolhida para com os imigrantes específicos, e que contém cinco dimensões: *integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo*; a terceira abarca as orientações de aculturação adotadas pelos imigrantes dentro do país de acolhida, e também está composta por cinco respostas: *integração, assimilação, separação, marginação e individualismo*; e a quarta orientação engloba as reações interpessoais e intergrupais resultantes da combinação das orientações de aculturação dos imigrantes e da sociedade de acolhida. As orientações preferidas pelas pessoas autóctones para os imigrantes podem coincidir ou não com as orientações escolhidas pelas pessoas imigrantes no processo de aculturação, neste sentido, dependendo do nível de equivalência que exista no contato entre os dois grupos podem resultar em relações (1) harmoniosas, (2) problemáticas ou conflituosas (Barrete, 2004; Dovidio, Gaertner & Valdizic, 1998; Piontkowski Florack, Hcilker & Obdrzalek, 2000; Sarriera 2003; Zagefka & Brown, 2002; Zick, Wagner, van Dick & Petzel, 2001). Este modelo expõe que estas relações são mediadas pela origem étnica e cultural dos imigrantes, considerando que (1) os diferentes grupos de imigrantes adotam distintas orientações de aculturação segundo diversos fatores, entre estes a origem, a idade, o sexo, o nível social, o grau de identificação cultural e a geração de imigração. (2) As pessoas do grupo autóctone adotam distintas orientações de aculturação com relação aos grupos minoritários em função da origem dos imigrantes e das circunstâncias políticas, demográficas ou socioeconômicas do país de acolhida. Neste sentido, a sociedade de acolhida inicialmente pode estar a favor da integração de um grupo de imigrantes e mais tarde passar a querer sua exclusão, seja pelo incremento de novos imigrantes daquele grupo, ou pelas mudanças políticas de emprego o de imigração (Bourhis, et al. 1997). Por tanto, o

Modelo Interativo de Aculturação tenta compreender e dar respostas ao fenômeno aculturativo (que se define como um processo dinâmico, resultante do contato entre culturas e que provoca transformações tanto nos grupos minoritários como nos majoritários) integrando tanto a perspectiva do grupo de chegada como a perspectiva do grupo de acolhida, evidenciando as dificuldades que podem surgir a partir das interações entre eles.

Uma terceira proposta é a representada por Navas, et al. (Navas, García & Rojas, 2006; Navas, García, Rojas, Pumares & Cuadrado, 2006; Navas, Rojas, García & Pumares, 2007; Navas, Sánchez, García, et al. 2004), que desenvolveram o Modelo Extendido da *Aculturação Relativa* (MAAR), que considera, como os modelos anteriores, as preferências de aculturação das pessoas imigrantes e autóctones e fazem uma distinção entre as atitudes de aculturação preferidas por ambos os grupos, com relação a que atitudes ideais e as práticas culturais. Desta forma se diferenciam entre o plano ideal (atitudes) do plano real (práticas), tomando em consideração as distintas esferas de socialização (política, laboral, econômica, social, familiar, religiosa e modos de pensar) tanto para imigrantes como para nativos.

Benet-Martínez e colaboradores (2002, 2005) fazem uma revisão do construto de aculturação, especificando que não se deve pressupor que os indivíduos biculturais internalizam e usam ao mesmo tempo as duas culturas de uma maneira global e uniforme. As mudanças experimentadas podem se dar em diferentes domínios da vida: uso das línguas, afiliação social, estilo de comunicação, identidade cultural e orgulho, crenças e conhecimentos culturais e valores (Nguyen & Benet-Martinez, 2007, 2013). De este modo se pode produzir variações nas identidades biculturais. Por um lado estão aqueles que se alternam entre uma identidade e outra, adaptando suas condutas em resposta às demandas do contexto; e por outro lado, as fusões que elaboraram uma nova mistura que será o fruto das duas culturas (Lafromboise, 1993) (como pode ser o caso do “portunhol” – uma mistura de castelhano e português que só os brasileiros residentes em países em que se fala castelhano; ou os “chicanos” nos Estados Unidos de América).

Da maneira como Benet-Martínez, et al. (2002, 2005) propõe para matizar às distintas modalidades do biculturalismo, de deve considerar tanto a dimensão de identificação de identificação com os grupos de origem e acolhida, como as competências condutuais, propondo o construto de Identidade Bicultural Integrada (BII), nas que os biculturais percebem suas identidades de origem e acolhida como compatíveis entre si e integradas, mas que em oposição – são identidades não opostas. Este construto têm componentes independentes, como por exemplo, (1) a distância cultural versus a superposição “me sinto brasileiro na Espanha” versus “me sinto brasileiro-espanhol”, ou (2) conflito cultural versus harmonia, expressando o grau de tensão experimentado “me sinto preso entre duas culturas” versus “não sinto conflitos entre as formas de fazer as coisas dos brasileiros e dos espanhóis”.

3.3. STRESS ACULTURATIVO E AJUSTE PSICOSSOCIAL

As distintas estratégias de adaptação à cultura hospedeira têm consequências psicossociais sobre as pessoas e seus grupos sociais. O estudo de diferentes tipos de

aculturação se vinculou ao conceito de stress aculturativo. Williams e Berry (1991) definiram o stress de aculturação como ansiedade, depressão, sentimentos de marginalidade e alienação, sintomas psicossomáticos e confusão de identidade. Por outra parte, o stress é mais intenso para aqueles que adotam uma estratégia de marginalização e menor entre os biculturais (Khrisnan e Berry, 1992; Smith & Bond, 1999). Estudos recentes em diversos países europeus confirmam um melhor ajuste psicossocial da estratégia bicultural em jovens (Berry, et al. 2006). Outro estudo com a participação de imigrantes na França demonstrava que aqueles que adotavam a estratégia de separação sofriam um mal estar mais alto (solidão e depressão) que aqueles que preferiam a assimilação (Abu-Rayya, 2007). Ainda assim, no País Vasco se encontrou que as atitudes de aculturação biculturais se associavam com uma melhor balança emocional, enquanto que a marginalização se relacionava com uma pior balança, especialmente levando em conta os hábitos privados de aculturação. É na esfera privada onde os imigrantes criam seus vínculos e redes de apoio, onde podem se reforçar e manter o bem estar emocional (Basabe, et al. 2009).

Em termos gerais, segundo Berry, a integração ou o biculturalismo se associam a uma melhor adaptação e a um stress menor. Um estudo de Ward e Kennedy (1994) sobre a relação entre a aculturação e a adaptação sociocultural encontrou padrões de inter-relações similares, demonstrando que não se trata apenas da associação entre aculturação e o ajuste psicológico, mas também entre aculturação e adaptação sociocultural. A forte identificação com o país de acolhida tinha um efeito positivo na adaptação a nível sociocultural, enquanto que a identificação com o país de origem não mostrava efeito. No que diz respeito às estratégias de aculturação, as maiores dificuldades de adaptação sociocultural se encontraram nos separados e as menores nos assimilados e biculturais, enquanto que os marginalizados exibiam os níveis intermédios. Ward e Rana-Deuba (1999) encontraram que uma melhor adaptação sociocultural se associava, como no estudo anterior, a uma tática de forte identificação com o país de acolhida, ou seja, a uma estratégia assimilacionista. Contudo, os que optaram pela separação étnica não diferiam de outros grupos. Por outro lado, a identificação com o país de origem se relacionava a um melhor ajuste psicológico. Finalmente, no nosso contexto (Basabe, et al. 2009) se encontraram padrões de inter-relação muito similares, ainda que neste caso tanto as pessoas que optaram pela separação como as que preferiam a marginalização experimentaram um pouco mais de stress que os biculturais e os assimilados. As dificuldades socioculturais (trâmites de documentação, moradia e assistência sanitária) eram especialmente evidentes no caso da separação, impedindo sua integração social objetiva.

3.4. ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO E ADAPTAÇÃO PSICOSSOCIAL: META-ANÁLISE

Para compreender os resultados reportados na literatura sobre o biculturalismo e o ajuste psicossocial se devem considerar os diferentes modos de medição das mesmas. Uma meta-análise de 83 estudos (322 rs e 23.197 participantes) mostrava uma correlação baixa entre biculturalismo, ajuste psicológico e sociocultural. De este modo se observa que a magnitude da associação entre biculturalismo e ajuste é moderada pelo tipo de escala de

aculturação empregada, assim, quando se aplicam unicamente as medidas diretas de estratégias de aculturação (como é o caso das medidas usadas por Sam e Berry, 2006), a relação é moderada ($r = .21$), quando são escalas unidimensionais é forte ($r = .54$), e quando se usam bidimensionais a relação é muito forte ($r = .70$) (Nguyen & Benet-Martínez, 2013).

Uma meta-análise recente de 2013 sobre a relação entre aculturação, enculturação e saúde mental (Yoon, Chang, Kim, Clawson, Cleary, Hansen, Bruner & Chan, 2013), que recopila 325 estudos, conclui que a aculturação é favorável para a saúde, estando associada negativamente a saúde negativa (medidas de depressão, ansiedade, mal estar e afeto negativo), e positivamente para a saúde positiva (medidas de autoestima, satisfação com a vida e afeto positivo). Especificamente, a enculturação se associa à ansiedade e a saúde mental se relaciona com a aculturação externa (por exemplo, a identidade), ou seja, manter a identidade de origem e adotar as práticas culturais de acolhida, além de com a estratégia de integração (bicultural). Concretamente, a integração (p.e. bicultural) mostrava uma r média positiva e baixa de $r = .10$ ($p < .05$) com a saúde positiva (isto é, o bem estar subjetivo), enquanto que o resto de estratégias não se associava ao bem estar. Por outro lado, a marginalização mostrava o efeito maior e más negativo com a saúde mental negativa, com uma r média $r = .29$, $p < .01$ e uma diferença com as estratégias de integração de $r = .92$, $p < .01$. Comparando por grupos étnicos, os asiáticos americanos mostraram as relações mais favoráveis com a aculturação (socialização na cultura maioritária ou dominante), enquanto que a enculturação (cultura de origem) é mais favorável para afro americanos. Outra meta-análise com grupos étnicos nos EUA (Smith & Silva, 2011) chega a uma conclusão semelhante. 184 estudos com americanos (afro, asiáticos, latinos e nativos) mostravam que a identidade étnica se associava de maneira mais baixa a mais bem estar subjetivo e autoestima ($r = .17$), mas não se relacionava com os sintomas mentais, e esta relação era maior para os jovens e adolescentes que para os maiores de 40 anos; também influía o nível de aculturação, de maneira que quando a aculturação era alta (domínio linguístico, mais tempo de estância, segundas gerações), a identidade étnica se associava a maior bem estar subjetivo ($r = .18$, frente a uma $r = .02$ com baixa aculturação). O que pode indicar que quando o status social das minorias étnicas é seguro, expressado em uma maior aculturação, é mais provável que a identidade étnica seja positiva para a autoestima, como indicaria a *Teoria da Identidade Social* (TIS), por sua parte os cinco estudos com imigrantes recentes e refugiados de este estudo mostravam que estes grupos viviam em territórios étnicos e homogêneos, de maneira que ao não comparar-se com outros grupos não se ativaria sua identidade étnica. A limitação destes estudos é que se circunscrevem ao contexto de EUA.

Por outra parte, a meta-análise de 40 estudos (Nguyen & Benet-Martínez, 2013), mencionada mais acima, mostrava que o melhor ajuste psicológico era reportado pelas pessoas com uma Identidade Bicultural Integrada (BII).

4. EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA

4.1. ESTEREÓTIPOS

4.1.1. *Estereótipos e seu conteúdo*

Os estereótipos são crenças simbólicas associadas aos diferentes grupos sociais sobre suas características físicas. Interesses, ocupações, etc., afirmando sua identidade, justificando e racionalizando suas condutas (Turner, Brown & Tajfel, 1979). Podem ser positivas ou negativas, assim como podem ser verdadeiras e refletir essas características de maneira acertada, ser parcialmente verdadeiras e conter parte da realidade, ou bem podem inferir a uma visão errônea, mas que sempre são compartilhadas por um número significativo de pessoas. Estas crenças formam ideias no imaginário coletivo influenciando diretamente na forma em que se percebe ou reconhece um grupo, um povo ou uma nação e consequentemente as pessoas que compõe estes coletivos.

Exemplos de como a, etnia ou rasgos fenotípicos de alguém, como o color de usa pele ou a forma de seus olhos, vêm carregados de representações simbólicas socialmente compartilhadas e aparentemente estruturadas (Techio, 2011), que se depositam na mente como representações simplificadas da realidade com o objetivo de explicar determinadas condutas (Lippmann, 1992) que podem corresponder de forma acertada ou errônea com a realidade gerando uma conduta social favorável ou desfavorável, como no caso de uma atitude positiva ou negativa frente a determinados coletivos (Páez, 2004). Por um lado, a associação da pele negra com a marginalidade ou com a sujeira despertará um simbolismo dotado de consequências negativas, por outro lado a associação da pele branca coma educação, a inteligência e o sucesso profissional (Almeida, 2014; Chen, 2010; Lima & Valla, 2005) resultara em crenças que provocarão consequências positivas. EM ambos os casos encontrarão seu respaldo, explicação, justificação e aceitação nos limites que demarcam este imaginário coletivo (Páez, 2004; Jost & Kay, 2005).

Estas crenças simbólicas estão acopladas em nossa existência de tal maneira que muitas vezes não nos damos conta de que a imagem que fazemos de alguém, de um grupo ou de uma nação, está vinculada diretamente aos estereótipos que estão incorporados num

universo imaginário muito além dos limites de nossa própria mente ou vontade e trazem à luz uma associação de ideias e imagens (Moya, 1999) que assam a formar parte de nossa percepção e que, em muitos casos, determinam a maneira com a qual nos predispomos a iniciar uma relação com esse alguém ou grupo (Fiske, 1998; Fiske & Taylor, 1984, 1991; Niemann, Jennings, Rozelle, Baxter & Sullivan, 1994; Oake, Haslam & Turner, 1994). Neste sentido, no caso da imigração, os estereótipos exercem uma importante influência nos contatos interculturais já que podem chegar a estimular a intensidade e marcar os limites das relações entre pessoas de distintas origens em função das crenças compartilhadas. As imagens sociais da imigração incluem estereótipos negativos, assim, por exemplo, se diferencia entre turistas e imigrantes, como expressam Rodríguez, Betancour, Delgado, Rodríguez e Pacios (2008) “os turistas nos visitam enquanto que os imigrantes nos invadem”, a imagem dos turistas se associa com outros atributos positivos como a simpatia, a beleza, ou a maior educação (Cuadrado, Molero, Navas & García, 2003). Também a partir dos estudos sobre as notícias da imprensa (Igartu, Muñiz, Otero, Cheng, & Gómez-Isla, 2008) se constatou que o tipo de enquadre exerce um efeito sobre a percepção da imigração, quando se enquadra a imigração com o aumento da delinquência no país se geram mais pensamentos relacionados com a delinquência e uma visão mais crítica e negativa da imigração, em comparação com quando se destaca a contribuição econômica da imigração. González e Ubillos (2011) e Gorham (2006) apontam aos meios de comunicação como uma fonte importante de propagação de imagens estereotipadas, que reforçam o preconceito negativo e a exclusão social, como por exemplo quando se vincula os termos “imigrante” com “ilegal ou sem papéis” se desperta no imaginário coletivo ideias que definem aos imigrantes como “ociosos”, “não trabalham”, “são pessoas tristes e que vagam ao borde da sociedade” (González & Ubillos, 2011; Martínez, 2008).

Uma das linhas de interesse em Psicologia social é a análise dos meta-estereótipos, ou as crenças compartilhadas sobre como os demais vêm ao meu grupo ou os estereótipos que os membros do exogrupo atribuem ao endogrupo (Gómez, 2002; Gómez, Disse & Morales, 2004) dentro dos quais se incluem os traços/atributos ou estereótipos e sua avaliação (traços positivos e negativos). As relações inter-grupais se verão afetadas por ditas percepções, de maneira que quando se percebe que os “outros” têm uma atitude negativa “conosco” pode produzir-se distintas respostas do endogrupo. Quando as pessoas percebem um meta-estereótipo negativo podem evitar o contato com dito grupo, estabelecer uma interação seletiva, ou reagir de maneira hostil com relação ao exogrupo, humilhando aos membros do exogrupo quando não podem evitar o contato. Outra consequência possível é a desidentificação com o exogrupo. Uma visão complementar é a perspectiva do estigma, que faz referência à imagem e aos atributos negativos assignados às minorias étnicas e como as pessoas e grupo podem responder diante de dito estigma. Esta é a perspectiva que se adotou neste trabalho seguindo as perspectivas psicossociais (Crocker, Major & Steele, 1998; Major & O’Brien, 2005; Miller & Kaiser, 2001).

Por outro lado, os estudos sobre o conteúdo dos estereótipos dos grupos sociais e étnicos encontraram duas dimensões básicas que são a *calidez* e a *competência* (Fiske, 1998; Glick & Fiske, 1999). Onde a *calidez* abarca aspecto como a sinceridade, afetividade, confiança

e honestidade, enquanto que a *competitividade* engloba aspectos como a eficiência, inteligência e a capacidade. Assim, esta estrutura bidimensional favorece a previsão das intenções dos demais (*calidez*) e que se possa conhecer a capacidade das pessoas (*competência*). Dependentes do contexto, ditas dimensões variam em função das relações estabelecidas entre os grupos (interdependência cooperativa versus competitiva) e também do status do grupo, de maneira que por um lado, os grupos com interdependência cooperativa são reconhecidos como mais cálidos, enquanto que os grupos com interdependência competitiva são reconhecidos como frios, e, por outro lado, os grupos de alto status são considerados mais competentes e os de baixo status, mais cálidos, sociáveis e menos competentes, o que serve para justificar as diferenças sociais do poder (Betancur, et al. 2005; Techio, 2011). Além do que, segundo Fiske, et al. (2002), os estereótipos que definem os grupos são ambivalentes, de maneira que as avaliações para com eles podem ao mesmo tempo conter aspectos tanto positivos quanto negativos. Tudo isto indica que as percepções em relação aos grupos se apresentam de forma mista e específica segundo o coletivo enfocado.

Este constructo bidimensional é também empregado para caracterizar tanto ao auto-estereótipo quanto ao hetero-estereótipo. Uma forma de afrontar a situação de desigualdade por parte dos grupos de menor status é, por exemplo, através da comparação social vantajosa “se eles são mais ricos, nós somos mais sociáveis” (Basabe & Bobowik, 2011). Em geral, o auto-estereótipo se inclina a ser positivo no sentido de que o coletivo se autodesigna traços e adjetivos que geram imagens favoráveis de si mesmo, enquanto que o hetero-estereótipo, ou seja, as crenças outorgadas a outros coletivos tendem a conter aspectos mais negativos ou menos favoráveis (Triandis, 1982). Contudo, autores como (Sanger & Flowerman, 1954) apontam que certos coletivos podem autodesignar-se uma imagem inferior comparada com a que lhes atribuem outros grupos, como pode ocorrer no caso de grupos minoritários frente à maioritários, onde os grupos em desvantagem social se atribuem uma imagem negativa interiorizando o preconceito.

Estudos realizados nos EUA (Lee & Fiske, 2006), com o Modelo do Conteúdo dos Estereótipos (MCE) bidimensional para avaliar a percepção de diferentes grupos de imigrantes residentes na Espanha, constataram que em comparação com outros coletivos de imigrantes, os africanos e latino-americanos foram avaliados como mais baixos tanto em competência como em calidez; os italianos baixos em competência e altos em calidez; os grupos procedentes de Oriente Médio, Europa do Este e Vietnam foram avaliados como moderados em competência e baixos em calidez; e, os asiáticos como um grupo alto em competência e baixo em calidez.

Contudo, autores como Brambilla, Rusconi, Sacchi e Cherubini (2011) questionaram esta bidimensionalidade, alegando que os estudos até então realizados sobre os conteúdos dos estereótipos a nível grupal e interpessoal, incluíram dentro da calidez aspectos de honestidade, que estão mais relacionados com a moralidade, com aspectos de amabilidade, que está mais relacionado com a sociabilidade. Neste sentido, Leach, Ellemers e Barreto (2007), defendiam que a moralidade e a sociabilidade formariam parte de uma mesma dimensão mais ampla, que seria a benevolência. Desta forma, sugeriram a subdivisão da

dimensão calidez em duas facetas distintas, moralidade e sociabilidade, que juntamente com a dimensão de competência, passam a constituir um modelo de três dimensões: *moralidade*, *sociabilidade* e *competência* (Brambilla, et al. 2011; Leach, et al. 2007). Neste constructo tridimensional, na moralidade, estão incluídos atributos como a honestidade, sinceridade e honradez; a dimensão sociabilidade consiste em aspectos de calidez, amabilidade, afeto e simpatia; e a competência compreende os traços descritos anteriormente de Inteligência, habilidade e competência.

No contexto espanhol, as autoras Rodríguez, Cuadrado e Navas (2014), aplicaram o modelo do conteúdo dos estereótipos (MCE) estendidos, incluindo as três dimensões. Num estudo no qual os espanhóis avaliaram a diferentes grupos de imigrantes (marroquinos, romenos e equatorianos). Os resultados indicaram que o grupo de equatorianos foi percebido como mais alto em sociabilidade enquanto que os grupos de marroquinos e romenos foram percebidos como mais altos em competência que nas outras dimensões, constatando assim, que existe uma variação na valorização feita pelos autóctones em função da origem do grupo. Ainda assim, na dimensão moralidade, os melhores avaliados foram os equatorianos, seguidos dos romenos e os pior avaliados foram os marroquinos, estes resultados indicam a importância que adquire esta dimensão, no sentido de que os três grupos foram valorizados de forma diferente, provavelmente em função do benefício ou bem da ameaça percebida pelos membros da sociedade de acolhida (Brambilla, et al. 2011; Navas, Cuadrado & López-Rodríguez, 2012; Willis & Todorov, 2006).

4.1.2. Estereótipos em relação ao Brasil e aos brasileiros

A maioria dos discursos sobre o Brasil se centram na festa, no carnaval, e no samba. No imaginário coletivo do estrangeiro, os brasileiros têm a pele negra ou mulata, possuem muito ritmo, são divertidos, vivem festejando, residem em favelas, os homens são jogadores de futebol desde seu nascimento, as mulheres estão dotadas de um corpo escultural e dirigido para a sexualidade, as crianças são muito pobres e não tem acesso a educação, são exploradas laboralmente, e ao mesmo tempo, é um povo que têm a “alegria no sangue” e é “boa gente apesar de..”. (Gonzales & Ubillos, 2011; Masanet-Ripoll, & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006a). É um país onde reside o sol e o calor, as roupas são tão escassas quanto seu desenvolvimento, e as festividades tão abundantes quanto sua natureza, neste imaginário não existe o seco e árido Nordeste nem a úmida e cinzenta São Paulo, assim, Brasil se limita ao Rio de Janeiro com suas praias maravilhosas e na Bahia com seus ritmos frenéticos cheias de pessoas alegres e que gostam de disfrutar a vida.

4.1.3. Meta-estereótipo: Percepção dos brasileiros de como são percebidos pelos espanhóis

Um estudo realizado sobre as imagens recíprocas e os estereótipos entre a população brasileira e autóctone no contexto multicultural espanhol, revela que os brasileiros percebem, por um lado que os espanhóis lhes atribuem uma imagem negativa associada à pobreza e ao subdesenvolvimento vinculado diretamente a violência e a fome. Por outro lado, percebem que é uma cultura alegre, sem compromisso e relaxada, que desperta uma

atitude positiva de interesse no grupo espanhol em relação a suas manifestações culturais (Masanet, 2009; Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010).

Estas crenças que identificam simbolicamente um povo fazem com que quando um imigrante se apresenta como brasileiro apareça no pensamento do autóctone principalmente os alarmes associados a estes estereótipos (Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010), por um lado, a ideia de que não é gente séria, não são confiáveis, já que se lhes relaciona com a festa, com curtir a vida, a violência, situação que se reflete na dificuldade que muitas pessoas dessa origem apresentam para estabelecer laços de amizade com os nativos. Por outro lado lhes associam ao subdesenvolvimento, a sobrevivência, são percebidos como personas serviçais, pouco cultas, que passam necessidades e que se adaptam a qualquer situação, o que lhes facilita manter um alto índice de empregabilidade no sector doméstico e de serviços de hotelaria muitas vezes a custo de não concluir ou deixar à margem estudos universitários (Machado, 2007, 2003; Silva & Schiltz, 2007).

Neste panorama, a crença experimentada pelos brasileiros em relação ao que os estrangeiros percebem em relação a eles, de que são pessoas simpáticas, divertidas, extrovertidas, acessíveis, mas pouco competentes (Machado, 2003), que trazem consigo a música e o ritmo no corpo, e que gostam de curtir apesar de seus problemas (Santiago & Zubieta, 2006a).

4.1.4. Brasil e brasileiros no imaginário das pessoas espanholas

No imaginário espanhol predomina a imagem do Brasil como um povo que ainda que marcado pelas desigualdades sociais, onde há muita pobreza, delinquência e corrupção a vida é melhor do que nos demais países sul americanos. Têm muitos recursos que explorar economicamente, um sistema político a seguir como exemplo, e um destino turístico que desperta grande interesse. Descrevem as pessoas brasileiras também como alegres, divertidas, festeiras, boas esportistas e com muito ritmo no corpo, mas, machistas e mafiosas que exploram as crianças laboralmente e os induzem ao consumo e tráfico de drogas. “Dotado de grande beleza, abundantes recursos naturais e habitado por boas pessoas, mas cheio de corrupção e desigualdades sociais” é a forma com que os brasileiros descrevem a primeira vista seu país. Consideram-se pessoas pacíficas, alegres, simpáticas e hospitalares; se atribuem traços de um povo guerreiro, lutador e trabalhador frente a existência de pessoas acomodadas, covardes e corruptas (Santiago & Zubieta, 2006a).

4.1.5. Estereótipos em relação à Espanha e aos espanhóis

Alguns dos estereótipos que os europeus identificam com Espanha e o povo espanhol, principalmente no imaginário simbólico das regiões mais ao norte da Europa e da Inglaterra, são que é um país caloroso, ideal para as férias e festejar, onde predomina a balada, as touradas e o flamenco, ademais onde se come “paella” e se bebe sangria, seus habitantes são pessoas alegres, abertas, preguiçosas e que adoram dormir “la siesta” (Almeida, 2010; Santana, 2012; Guimaraes, 2000). Por outro lado, a crença que se compartilha na América Latina com relação à Espanha, é bastante positiva, se atribui que é um país desenvolvido, rico, estável e cheio de oportunidades

como qualquer país europeu, mas de mais fácil acesso pela proximidade da língua e da cultura, principalmente a andaluza. Ademais, os espanhóis são definidos com adjetivos como empreendedores, inovadores, trabalhadores, honestos, simpáticos, interessantes e como pessoas que sabem disfrutar a vida (Santiago & Zubieta, 2006b).

4.1.6. Espanha e os espanhóis no imaginário das pessoas brasileiras.

Entre os brasileiros existem duas considerações com relação à imagem que têm dos espanhóis, a primeira faz referência a que são festeiros, são divertidos e alegres, atribuindo uma similaridade entre ambos os grupos, e a segunda revela uma mistura de crenças e atributos no sentido de que são pessoas ruidosas, temperamentais, impulsivas, sérias, desconfiadas, fechadas, autoritárias, empreendedoras, diretas quanto a expressar suas opiniões e ao mesmo tempo amáveis e pacientes (Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006a). Espanha é considerada pelos brasileiros como um dos países mais bonitos da Europa, apresenta um bom desenvolvimento é rico e organizado.

4.1.7. Espanha e os espanhóis no imaginário das pessoas espanholas

No universo simbólico das pessoas espanholas predomina a ideia da Espanha como “o paraíso, o melhor país para viver”, tranquilo, econômica e politicamente bem, moderno e avançado tecnologicamente, “patrocinador de uma vida demasiado boa e demasiados vícios”. Em relação às crenças que compartilham sobre sua gente, por um lado se auto-atribuem características de pessoas cultas, educadas, trabalhadoras, simpáticas, agradáveis, comprometidas e solidárias, por outro lado se identificam como consumistas, materialistas, ambiciosos e pouco solidários (Santiago & Zubieta, 2006a).

4.1.8. Estereótipos Regionais

Ademais dos estereótipos nacionais, que são uma forma de reconhecer e afirmar a identidade de um país frente a outras nações existe uma escala infinita por onde se estende este “sistema” simbólico, e põe um carimbo, uma marca especial, com a qual se reconhece cada região, estado, cidade, bairro, ou instituição. Os grupos tanto nacionais como regionais podem classificar-se segundo o grau de sociabilidade, competência, competitividade e status (Cuddy, et al. 2009; Fiske, et al. 1999, 2002; Techio, 2011), de maneira positiva, negativa ou neutra (Santiago & Zubieta, 2006b). Segundo um estudo realizado por Techio (2011) as pessoas mantêm uma representação estereotípica dos grupos regionais, de forma estruturada e socialmente compartilhada, indicando que a região com maior desenvolvimento econômico se caracteriza como a de maior status, a mais competente, mais competitiva, mas a menos sociável; enquanto que a maior sociabilidade, menor competitividade, menor competência e menor status corresponde a região com o menor desenvolvimento econômico. Neste contexto, tanto o Brasil como a Espanha estão marcados por sinais regionais e para nosso estudo é importante apontar estas diferenças, dado que

correspondem a dois contextos migratórios, tanto de saída como de acolhida das pessoas imigrantes, no caso do Brasil é São Paulo e na Espanha o País Vasco.

O Brasil está dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, em função de critérios de organização territorial administrativos, para a coleta e o processamento de estatísticas nacionais. Não obstante, as regiões apresentam traços comuns internamente no que se refere aos aspectos físicos, humanos, econômicos e culturais, que são interpretadas pelo universo coletivo e que se transformam em crenças e símbolos que as identificam. Vasconcelos (2006, in Almeida, 2014) considera que no Brasil sempre existiu uma distinção entre a região Norte (norte, nordeste e centro-oeste) e região Sul (Sul e sudeste), onde o Sul é o Brasil ideal, moderno, rico, industrial e escolarizado, formado majoritariamente por imigrantes europeus e brancos, e minoritariamente por indígenas e africanos, e o Norte um Brasil real, atrasado, pobre, rural e analfabeto formado na sua maioria por indígenas e africanos e em menor proporção por imigrantes europeus. Neste contexto os nordestinos são vistos como pessoas pobres e sem escolaridade enquanto que os sulistas como pessoas cultas e que vivem para o trabalho (Santana, Lacerda & Fontenele, 2012; Guimarães, 2000).

Espanha está dividida em dezessete comunidades autonômicas e duas cidades autônomas, onde Andaluzia está localizada mais ao sul e País Vasco mais ao norte. Considerando o exposto no final do parágrafo anterior, se podem ressaltar as crenças simbólicas regionais existentes na Espanha de maneira inversa, onde o Norte compreende a região mais desenvolvida, mais austera e considerada mais europeia e o Sul região que compreende aspectos menos desenvolvidos, mais afetivos e considerados mais latinos. Estudos realizados por Techio (2011) e Betancor, et al. (2005), indicaram que no imaginário coletivo espanhol as pessoas oriundas de regiões localizadas no Sul da Espanha são percebidas maiormente como mais sociáveis, menos competentes e possuem menos status, enquanto que as pessoas oriundas do Norte deste país são mais competentes, possuem mais status, mas são menos sociáveis.

Os estereótipos regionais na Espanha, pelo geral são os que definem ao povo espanhol enquanto nação (Javaloy, et al. 1990; Sangrador, 1996) com apenas alguns matizes adicionados em função dos traços que identificam por separado as comunidades autonômicas, neste sentido, ademais de amantes de sua terra, hospitaleiros, festeiros, apaixonados, alegres e abertos, os andaluzes são considerados engraçados; os catalães avarentos, separatistas, trabalhadores, fechados e orgulhosos; os galegos humildes, supersticiosos, tradicionalistas, caseiros e simples; os de Castilha educados, sérios, conservadores e “legais”; e os bascos separatistas, fechados, brutos, orgulhosos e tradicionalistas (Rodríguez, 1998; Sangrador, 1996; Techio, 2011; Zlobina, 2004).

4.1.9. Atitudes dos espanhóis e bascos de cara aos grupos de imigrantes

As pesquisas indicam que as atitudes da população autóctone variam em função do grupo étnico de imigração. Assim, os estudos do Observatório basco da imigração (2010, 2013) refletem uma atitude de simpatia média (numa escala de 1 a 10), com 6 pontos para os europeus ocidentais e os argentinos, e pontuações próximas a 5 para as populações

subsaariana (5.4) e de origem latina (Paraguai, Bolívia, Equador ou Colômbia) (ao redor de 5.2), a população chinesa na média (5), e as atitudes mais negativas para com Romênia (3.9) e o Magreb (3.5). As pesquisas na Espanha mostram uma hierarquia similar com relação a simpatia pelos grupos de imigrantes em função do país de procedência (Cea, 2004). Considerando os países latino-americanos, o grau de simpatia declarada dos espanhóis posiciona o Brasil no quinto lugar, depois da Argentina, México, Cuba e Venezuela; Brasil ocupa o quarto lugar enquanto ao grau de confiança da população espanhola por cada país, por trás da Argentina, México e Chile (Masanet, 2009).

Os resultados da pesquisa MERCOSUL a estudantes (Santiago & Zubieta, 2006b), indicam que os espanhóis mostram a maior simpatia pelos argentinos (7.56) e em segundo lugar brasileiros (6.84), por sua parte, os estudantes brasileiros colocam em primeiro lugar aos espanhóis (7.06) e em segundo lugar aos chilenos (6.06) e paraguaios (6.02). Logo as simpatias são altas entre ambos os grupos se bem que os brasileiros valorizam algo mais aos espanhóis que ao contrário.

4.2. ESTRATÉGIAS DE MANEJO DE IDENTIDADE NEGATIVA E DO ESTIGMA SOCIAL DA IMIGRAÇÃO

Os imigrantes com frequência passam a constituir minorias étnicas nas sociedades de acolhida. Ser imigrante pode ser um atributo que implica uma identidade social negativa para determinados grupos, que por razões econômicas, étnicas e sociais encontram barreiras para sua integração em termos de igualdade e cidadania nas sociedades europeias multiculturais (Agencia Europeia de Direitos Fundamentais, 2010), neste sentido, os informes europeus destacam que as minorias de, etnia cigana, os norte africanos e os subsaarianos são os coletivos que sofrem maior discriminação e preconceito.

Nesta investigação se pensou o estudo da relação entre a identidade social negativa e as estratégias de afrontamento, tanto de tipo individual quanto coletivo, que os grupos minoritários ativam quando têm que fazer frente ao estigma da imigração e a discriminação percebida. Se bem que está bem documentado que a discriminação tem efeitos prejudiciais para a saúde e o bem estar subjetivo (Sevillano, Basabe, Bobowik & Aierdi, 2014; Williams & Mohammed, 2009) existem evidencias que mostram que os grupos estigmatizados e minoritários não necessariamente apresentam uma menor autoestima (pessoal e coletiva) que as maiorias (Branscombe & Ellemers, 1998; Crocker, Major & Crocker, 1989). Assim, a partir desta perspectiva se postula que os grupos podem responder de maneira ativa e criativa ante as situações que ameaçam sua autoestima e sua identidade.

De maneira complementar a Teoria da Identidade Social-TIS propôs que as respostas das minorias dependerão da percepção que os grupos tenham das relações estruturais entre maiorias e minorias, e, em concreto, das dimensões sobre (1) a permeabilidade da percepção dos limites do grupo, (2) a estabilidade percebida, e (3) a legitimidade da posição do endogrupo com relação com outros grupos (Turner, Brown, & Tajfel, 1979). Segundo a TIS esta definição das barreiras intergrupos orientará o tipo de respostas que as minorias ponham em ação (Blanz, et al. 1998). Deste modo se desenvolverão estratégias para

enfrentar a identidade social negativa de acordo com a TIS e a teoria da privação relativa (Mummendey, Kessler, Klink, & Mielke, 1999). De acordo com as predições da TIS, quando os membros dos grupos de baixo status mantêm que a situação de seu grupo é estável, legítima e que as fronteiras intergrupais são permeáveis, estas pessoas, para enfrentar as comparações intergrupais negativas, mostrarão uma tendência a favorecer as estratégias de mobilidade individual mediante as quais tentam se desvincular do seu grupo desvalorizado. Sem embargo, quando os indivíduos percebem os limites do grupo como impermeáveis, a possibilidade de mobilidade social ascendente é impossível. Neste caso, se as relações sociais se percebem como estáveis e legítimas, uma saída para os membros dos grupos de baixo status é fazer comparações sociais vantajosas, buscando atributos que destaquem a minoria frente à maioria (por exemplo, em termos de expressividade ou sociabilidade “nós somos mais sociais”). Finalmente, se as relações são impermeáveis e inseguras (percebidas como instáveis e ilegítimas), os membros do grupo de baixo status se implicarão em respostas coletivas e de mudança social para melhorar o status de seu grupo, por exemplo, através da participação na ação política destinada a garantir a melhora dos direitos dos imigrantes.

Para este estudo se construiu uma tipologia exhaustiva de formas de afrontamento para os quais se consideraram, por um lado, a perspectiva dos estudos sobre o estigma social (Crocker, Major & Steele, 1998; Major & O'Brien, 2005, Miller & Kaiser, 2001), a perspectiva da TIS e da Teoria da Comparação social (Haslam, Jetten, Postmes & Haslam, 2009; Turner, Brown & Tajfel, 1979), os estudos sobre formas de afrontamento da identidade social (Blanz, Mummendey, Mielke & Klink, 1998; Crocker, et al. 1998; Mummendey, Kessler, Klink & Mielke, 1999; Outten, Schmitt, Garcia & Branscombe, 2009; Shinnar, 2008). Por outro, se revisaram as teorias de afrontamento individual (Carver, Scheier & Weintraub, 1989; Folkman & Lazarus, 1980) e se complementaram com as possíveis respostas individuais e interpessoais ante as situações de mudança e stress (Penley, Tomaka & Wiebe, 2002; Skinner, Edge, Altman & Sherwood, 2003).

4.2.1. Tipologia exhaustiva de formas de afrontamento

A continuação se descreve o conjunto de estratégias usadas e que serão aplicadas no estudo desta tese. Por um lado, estão as formas de afrontamento *individuais e coletivas condutuais*, que se referem à maneira como se comporta uma pessoa ou um grupo de personas, e por outro lado, as formas de afrontamento *individuais e coletivas cognitivas*, que se referem ao processo de aprendizagem que engloba atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento, linguagem e ação. Desta forma, as formas de afrontamento individuais se dividem em duas categorias, as estratégias *individuais condutuais e cognitivas*, e as estratégias *coletivas condutuais e cognitivas*.

4.2.1.1. Formas de afrontamento individuais

Neste primeiro grupo, se refere às formas individuais condutuais e cognitivas que as pessoas que pertencem aos grupos minoritários utilizam frente ao grupo majoritário e ao grupo que pertencem para se enfrentar as situações de estigma social.

4.2.1.1.1. Formas de Afrontamento Individuais Condutuais

1-Desenganche Condutual: Distanciamento do estereótipo. As pessoas que pertencem aos coletivos minoritários, intentam distanciar-se da identidade negativa com a qual são definidos os integrantes do grupo ao pertencem, separando-se das pessoas ou situações que possam relacioná-la com este estereótipo. Assim, a adotam para distanciar-se do estigma da imigração. Esta estratégia se assemelha ao *distanciamento* definido por Folkman & Lazarus (1980) e a *negação* (Carver, et al. 1989).

2-Desenganche do comportamento. Distração. Uma forma de evadir-se da situação é a distração, assim o imigrante tenta evadir-se da situação e condição social do grupo ao que pertence, evitando o contato com as situações que lhe expõe a discriminação. Segundo os modelos clássicos, representa uma *forma de evitação* ou *Desenganche condutual* (Carver, et al. 1989; Folkman & Lazarus, 1980; Skinner, et al. 2003).

3-Mobilidade Individual. Forma de afrontamento que utiliza a persona para superar a situação de minoria na qual se encontra buscando a integração no grupo dominante, convertendo-se num membro mais do grupo que considera de alto status. Isto implica um esforço ativo de confrontação com o problema (Carver, et al. 1989; Folkman & Lazarus, 1980; Skinner, et al. 2003).

4-Evitar o Contato com o Preconceito. Distância - trato frio. Quando os imigrantes relacionam seus problemas diretamente com o preconceito (Outten, et al. 2009), podem desenvolver comportamentos que lhes ajudem a evitar o contato com os autóctones, que lhes tratem com distanciamento, de “maneira fria”, sentindo que representam uma ameaça.

5-Busca de apoio social. Esta estratégia é utilizada pelos imigrantes que buscam aprovação e apoio. Por um lado, das pessoas com as quais compartilham a mesma origem étnica ou que pertençam ao seu grupo social, e por outro lado, das pessoas da sociedade de acolhida (Carver, et al. 1989; Folkman & Lazarus, 1980; Skinner, et al. 2003).

4.2.1.1.2. Formas de Afrontamento Individuais Cognitivas

6- Desenganche Psicológico: Des-identificação. Para diminuir o sentimento de pertencer ao coletivo de origem, o imigrante tenta sentir-se mais identificado com o coletivo de acolhida (Crocker, et al. 1998).

7- Desenganche Psicológico: Individualização. As pessoas adotam esta estratégia, quando desejam não sentir-se identificadas nem com o grupo de origem nem com o grupo de acolhida (Blanz, et al. 1998). Pode significar uma evitação da identidade social a nível cognitivo, mas não necessariamente representa evitar o contato com o endogrupo.

8- *Recategorização Supra-ordenada*. Buscando a reestruturação cognitiva, as pessoas que pertencem a grupos de menor status podem definir-se a si mesmas como “um ser que transcende a qualquer grupo social” porque formam parte do maior grupo de todos, a humanidade (Blanz, et al. 1998).

9- *Recategorização Subordinada - Diferenciação eu/nós*. No afã de reestruturar-se cognitivamente, conseguindo uma melhor autoavaliação, os imigrantes buscam diferenciar-se do endogrupo, comparando suas condições pessoais como melhores que as condições dos demais membros de seu grupo (Blanz, et al. 1998).

10- *Comparação Social Vantajosa Intra-grupo e Intra-pessoal (temporal ou intra-grupal)*. As pessoas que pertencem a grupos minoritários e que são vítimas de estigmas sociais, podem optar por comparar-se de forma vantajosa a si mesmas, por um lado, em relação a suas condições passadas e presentes e, por outro lado, com as condições das pessoas do grupo ao qual pertencem (Blanz, et al. 1998).

11- *Mudança de expectativas*. Devido a pertencer a coletivos estigmatizados, os imigrantes recorrem a recursos cognitivos para mudar seus sentimentos de inferioridade e rechaço por si mesmos.

12- *Regulação e Controle Emocional*. Estratégia que as pessoas utilizam para regular ou controlar suas emoções negativas com relação ao preconceito que sofrem por pertencer a coletivos estigmatizados.

13- *Reinterpretação da realidade*. Com o objetivo de conseguir o equilíbrio e o bem estar subjetivo, os imigrantes buscam aceitar e reinterpretar a realidade que lhes causa mal estar.

14- *Internalização: Núcleo de verdade - Culpa/vergonha*. Ao acreditar que existem fundamentos nos estereótipos negativos dirigidos ao endogrupo, as pessoas podem internalizar que a própria identidade social está carregada destas características. Seguindo este raciocínio, elas sentem um grau de culpa e vergonha por pertencer a este grupo estigmatizado, ademais se identificam como responsáveis por reproduzir estes estigmas e reforçar as crenças negativas.

4.2.1.2. Formas de Afrontamento Coletivas

As estratégias coletivas de afrontamento se baseiam em mudanças cognitivas e comportamentais cujo objetivo é redefinir a comparação social da minoria em relação à maioria (Crocker, et al. 1998) e, estão diretamente associadas às estratégias de mudança social.

4.2.1.2.1. Formas de Afrontamento Coletivas Cognitivas

15- *Criatividade cognitiva: Novo Grupo de Comparação / Comparação social vantajosa entre grupos.* Na tentativa de melhorar a autoestima e estima do grupo ao qual pertencem, os imigrantes buscam melhorar a imagem e a avaliação de seu grupo através de parâmetros de comparação que podem estar dirigidos ao endogrupo ou ao grupo de acolhida (Blanz, et al. 1998).

16- *Criatividade cognitiva: Reavaliação da Dimensão de Comparação.* Esta estratégia é utilizada, quando os imigrantes tentam dar ênfase aos pontos positivos e atrativos do endogrupo, reforçam que o grupo receptor desconhece suas valias ou buscam pôr o grupo majoritário em situação de desvantagem frente a aspectos particulares do grupo ao qual pertencem.

17- *Criatividade cognitiva: Novas Dimensões de Comparação.* Forma de afrontamento a qual os imigrantes recorrem quando comparam o grupo ao qual pertencem como mais capacitado que o grupo de acolhida.

18- *Recategorização Subordinada / Diferenciação e expulsão.* Quando o estigma que define o endogrupo está, em realidade, baseado na reação de algumas pessoas pertencentes ao próprio grupo, os imigrantes se dividem em vários subgrupos de diferentes status.

19- *Atribuição da Causalidade e Responsabilidade ao preconceito.* Quando o grupo de menor status responsabiliza ao grupo de maior status das situações negativas e da falta de oportunidades que podem sofrer as minorias. Desta maneira, o imigrante outorga à sociedade de acolhida a culpa pelas coisas que não dão certo (Crocker, et al. 1998).

20- *Deprivação Relativa Socio- Céntrica.* As desigualdades sociais que existem entre o grupo minoritário e majoritário, é responsabilidade do segundo grupo. Assim, o imigrante pensa que o grupo receptor priva aos membros do grupo estigmatizado das vantagens sociais da sociedade de acolhida, e isto representa um custo social para as pessoas pertencentes a seu grupo (Miller & Kaiser, 2001).

4.2.1.2.2. Formas de Afrontamento Coletivas Condutuais.

21- *Competição Social / Mobilização.* As pessoas pertencentes ao grupo minoritário, baseadas em comparações sociais, se unem para criar uma mobilização a nível coletivo, que lhes permita através de seu comportamento minimizar ou também mudar as ideias negativas que o grupo majoritário poda manter sobre seu grupo, com o objetivo de lograr a igualdade (Blanz, et al. 1998).

22- *Competição Realista*. Com o objetivo de ter acesso aos mesmos recursos materiais e econômicos conquistados pelos membros da sociedade de acolhida, os imigrantes empreendem lutas por estes direitos (Blanz, et al. 1998).

23- *Oposição / Participação Social*. O imigrante participa em atividades e grupos sociais, busca ser reconhecido pelos autóctones e ser aceito como parte integrante da sociedade receptora.

4.2.2. Formas de afrontamento ante a imigração no País Vasco: estudo Quantitativo

Esta tipologia de formas de afrontamento se aplicou no estudo na população imigrante desenvolvida pelo grupo consolidado de investigação em psicologia social junto ao Observatório basco da imigração, e que se expôs na tese de Bobowik (2013; Bobowik, Basabe & Páez, 2014). Com uma pesquisa com uma mostra quase aleatória de imigrantes no País Vasco, estratificado por sexo e idade ($n = 1250$ imigrantes de Bolívia, Colômbia, Marrocos, Romênia, e países do Sub-Saara). Deste trabalho se confirmou uma estrutura multidimensional de formas de afrontamento, composta por dois fatores individuais, um primeiro denominado Comparações Intragrupo Temporais, e o segundo compreendido pela Mobilidade Individual, a Regulação Emocional e o Desprendimento. Complementarmente estavam as formas coletivas, uma terceira de Comparação Social Intergrupar, uma quarta de Competição Social, e a quinta composta pela Atribuição ao Preconceito e a discriminação. Observou-se uma forte correlação (.61) entre as formas coletivas de Comparação Social Intergrupar e a Atribuição ao Preconceito; contrariamente a visão da TIS, a estratégia individual que aglutina a Mobilidade Individual, a Regulação Emocional e o Desenganche correlacionava ($r = .40$) com a Competição Social, mostrando que a estratégia de luta pelos direitos coletivos é relativamente compatível com a estratégia individual de mobilidade social.

Competição Social (CS) e as Comparações Intragrupo Temporais se associavam positivamente tanto ao bem estar psicológico como social, porque com as comparações intragrupo se faz uma avaliação positiva do projeto migratório, que permite a sensação de controle do meio, ao mesmo tempo a CS reclama a igualdade para os imigrantes (CS) e ambas as estratégias permitem e se dão quando o bem estar social é alto, com uma forte sensação de integração e de contribuir à sociedade de acolhida. Por sua parte, a Mobilidade Individual, a Regulação Emocional e o Desenganche, Comparação Social Intergrupar e a Atribuição ao Preconceito se associam negativamente ao bem estar subjetivo. Isto implica que a Mobilidade Individual tem um custo pessoal para regular as emoções negativas derivadas da situação de desvantagem social, e que as formas coletivas se desenvolvem quando há uma percepção de que a situação da minoria é desvantajosa, onde não é possível a integração social e o desenvolvimento pessoal.



Estudios
Estudios



1

Transculturación e identidad étnico-cultural: Inmigración extra-comunitaria en el País Vasco

Basabe, N. & de Luca, S. (2004).
Transculturación e identidad étnico-cultural:
Inmigración extra-comunitaria en el País Vasco.
INGURUAK (*Revista Vasca de Sociología*), 38, 157-182.

TRANSCULTURACIÓN E IDENTIDAD ÉTNICO-CULTURAL: INMIGRACIÓN EXTRA-COMUNITARIA EN EL PAÍS VASCO

RESUMEN

Se analiza el proceso de transculturación en los grupos de inmigrantes extranjeros en la CAV, procedentes de Iberoamérica, Europa del Este, Países Árabes y África Subsahariana. Se discute la transculturación desde distintas perspectivas: asimilacionista, sumativa, y bicultural, se tiene en cuenta los distintos componentes de la identidad. Los resultados (muestra de 642 inmigrantes) muestran que la identificación de origen es muy alta y la de acogida muy baja en todos los grupos, mientras que la identidad conductual está igualada, reflejando el fuerte esfuerzo de adaptación que suponen los primeros momentos del proceso migratorio. Las actitudes predominantes son biculturales, la asimilación es más común entre los que llevan más tiempo en la sociedad de acogida. La percepción de discriminación es más intensa en las personas procedentes de África y menor para los provenientes de Europa del Este. Las estrategias de asimilación y bicultural se asocian a un mejor ajuste psicológico.

PALABRAS CLAVE: inmigración, identidad, aculturación

RESUMO

Analisa-se o processo de transculturação nos grupos de imigrantes estrangeiros na CAV, procedentes da Ibero América, Europa do Leste, Países Árabes e África Subsaariana. Discute-se a transculturação desde distintas perspectivas: assimilacionista, somativa, e bicultural, tendo em conta os distintos componentes da identidade. Os resultados (amostra de 642 imigrantes) mostram que a identificação de origem é muito alta e a de acolhida muito baixa em todos os grupos, enquanto a identidade comportamental está equiparada, refletindo o forte esforço de adaptação que supõem os primeiros momentos do processo migratório. As atitudes predominantes são biculturais, a assimilação é mais comum entre os que permanecem por mais tempo na sociedade de acolhida. A percepção de discriminação é mais intensa nas pessoas procedentes da África e menor para os provenientes da Europa do Leste. As estratégias de assimilação e bicultural se associam a um melhor ajuste psicológico.

PALAVRAS CHAVE: imigração, identidade, aculturação

1. INTRODUCCIÓN

Los resultados que aquí se presentan forman parte de un proyecto de investigación sobre la migración: “estrategias de adaptación y choque cultural”, es un proyecto dirigido desde la UPV/EHU (Dpto. Psicología Social) y coordinado con las Universidades de Burgos, Barcelona y Salamanca. Este trabajo ha sido posible gracias a la inestimable colaboración de la Coordinadora de ayuda a inmigrantes (Harresiak Apurtuz), a Médicos del Mundo, así como a un amplio grupo de personas voluntarias de ONGs, asociaciones étnicas y diversas personas inmigrantes que amablemente han participado en este proyecto. El objetivo ha sido conocer las diferencias culturales, entre España y los países o regiones de origen de los inmigrantes extranjeros residente en el País Vasco, describiendo cuáles son las estrategias de adaptación más utilizadas, explorando la relación entre los distintos componentes de la identidad étnico-cultural del país de origen y acogida. Se trata de analizar las consecuencias del estrés aculturativo y conocer los factores socio-culturales y psicosociales que influyen en el ajuste psicológico y en la adaptación socio-cultural de los inmigrantes. Este trabajo combina discusiones de grupo con entrevistas a inmigrantes extranjeros (no comunitarios) residentes (con o sin permiso) en el País Vasco.

En este artículo analizaremos la identidad étnico cultural (de origen y acogida), sus componentes, y su papel en la adaptación de los inmigrantes a la sociedad de acogida, en concreto nos referiremos a los inmigrantes extranjeros procedentes de África Subsahariana, Magreb (Marruecos principalmente), Países Árabes, Latinoamérica (Ecuador, Colombia, Brasil), y Europa del Este (Federación Rusa, Bielorrusa, Ucrania), que residen en la Comunidad Autónoma Vasca (sean o no residentes regularizados).

1.1. Los nuevos flujos de inmigrantes en la CAV

Para el año 2002 (a diciembre) se calculaba que había: 1.324.001 residentes (Anuario Estadístico de extranjería, 2002), tasa que corresponde a 32,41 residentes extranjeros por cada 1.000 habitantes españoles (población total 40.847.371 censo INE a noviembre de 2001-Anuario Estadístico de extranjería, 2002), a los que habría que añadir alrededor de 462.957 no regularizados, según algunas estimaciones (*El País*, 18-3-2003, p.33), sumando un total de 1.786.958 regularizados y no regularizados. La llegada de extranjeros sigue aumentando ya para el año 2003 se calculan 1.448.671 de inmigrantes regularizados. A pesar de la incesante llegada de inmigrantes provenientes de África, Europa y España sólo reciben una mínima parte: Samir Amin manifestaba recientemente en una entrevista televisada que el 80% de los flujos migratorios del continente africano se producían en su interior (entre los países africanos) y sólo el 20% restante salía del continente.

El País Vasco es una de las comunidades españolas con menor tasa de inmigración extranjera (1,16% respecto a la población de la CAV), el 48% de los inmigrantes están en Vizcaya, aunque la tasa relativa es mayor en Álava (2,32 sobre la población alavesa, el 1,04 en Vizcaya y el 0,87 en Guipúzcoa).

1.2. Identidad y Transculturación

La, etnicidad es un concepto especialmente confuso y sobre el que no existe un consenso conceptual entre los autores (Giles & Coupland, 1991). Para Bourish y Gagnon (1994) la identidad étnica es una actitud personal positiva y de apego a un grupo con el que la persona cree compartir características socioculturales y lingüísticas y un mito de origen común o de herencia. En el marco de este estudio contemplamos la identidad étnica como sinónimo de pertenencia a una comunidad inmigrante, que comparte una lengua, una cultura, en algunos casos unos rasgos físicos “visibles”, y que pertenecen o han pertenecido en el pasado a otro país o nación.

Transculturación: perspectivas

Las perspectivas de análisis de la identidad social en los procesos de transculturación y migración podríamos resumirlas en tres. La primera sería la visión *sustractiva o asimilacionista*: donde se entiende que la identidad sociocultural se pierde a medida que avanza la aculturación y se adquiere la identidad de la nación de acogida. Desde este punto de vista la adaptación a una nueva cultura es relativamente lineal: a mayor tiempo de estancia mayor identificación y asimilación de los valores de la cultura huésped (este modelo implica una relación negativa entre identidad de origen e identidad de acogida). Este proceso lineal es típico de culturas muy diferentes como por ejemplo la rusa y la israelí, y de grupos marginales asimilados como los caribeños en Holanda. A favor de esta tesis estarían las experiencias de países de inmigración como EE.UU.: a comienzo de siglo los inmigrantes europeos del norte y sur mostraron que en la 2ª y 3ª generación el idioma materno se ha perdido, se asciende socialmente y se asimilan los valores individualistas de la sociedad de acogida. Algunos estudios encuentran que cuanto más se emplea la lengua dominante más declina la identidad en Canadá con grupos de origen francés, inglés, italiano y griego (Laroche, Kim, Hui & Tomiuk, 1998). No obstante la relación entre identidad de origen y acogida no parece seguir la misma evolución, así otros estudios (mexicanos de varias generaciones en EE.UU.) muestran que el cambio en la identidad étnica (controlada la generación), está fuertemente relacionada con la implicación en el grupo de origen mientras que no está afectada por la orientación hacia el grupo dominante anglosajón (Cuellar, et al. 1997 en Phinney, 2003). Asimismo, con cohortes de adolescentes de origen inmigrante en Los Angeles nacidos fuera y dentro de U.S.A., la identidad étnica se mantiene fuerte, mientras que la que aumenta en todos los grupos es la identidad americana (Phinney, 2003).

Una segunda perspectiva plantea la aculturación como un proceso de transculturación en el que el nuevo miembro puede ser competente en la nueva cultura a la vez que mantiene su identidad de origen, aquí se establece una jerarquía en la que la sociedad de acogida tiene un status superior. Pero además se entiende como “la aparición de nuevos comportamientos, estrategias de interacción, producto del contacto entre dos grupos diferentes” (Berry, et al. 1998), así que no se trata de una mera visión sumativa sino que plantea la posibilidad de

fusión y de creación de nuevas pautas culturales. La tercera posición, cercana a ésta última, es la visión bicultural o modelo de alternancia, que plantea que las personas pueden simultanear dos culturas y ser igualmente competentes en ambas, como apoyo a esta tesis estarían los datos sobre las ventajas del bilingüismo.

Ambas posiciones implican que habrá una relación de independencia entre la identificación con el país de origen y con el de acogida. La mayoría de los estudios encuentran esta bidimensionalidad ortogonal (Berry, 2003). Esta ortogonalidad se ha encontrado en distintos contextos con migrantes en EE.UU., Finlandia, Holanda o España, con latinos y asiáticos. También es más frecuente que esto ocurra en la 2ª generación de inmigrantes (no tanto en 1ª generación): los hijos de ecuatorianos/marroquíes, etc. son ecuatorianos / marroquíes en casa y “españoles” / “vascos” en la calle. Aunque se postula que los biculturales tendrán una mejor adaptación (y hay evidencia que apoya esta hipótesis, Berry, 2003), esto no siempre es así, como matizaremos más adelante. Los factores que favorecen la integración son la baja discriminación y una fuerte vitalidad del grupo étnico.

Identidad y sus componentes

La identidad social étnica es un fenómeno multidimensional, compuesto por diversos componentes (véase también el artículo sobre Aculturación y adaptación de inmigrantes latinos en Europa, en este mismo número) que han sido sintetizados por Smith y Bond (1993):

a. Sentido subjetivo de continuación y diferencia

Auto-categorización y sentido de pertenencia, que suele ser más alto respecto al origen que para el grupo de acogida, y la valencia, como el sentido de orgullo nacional: en un estudio con inmigrantes en España (Díez Nicolás & Ramírez, 2001), todos los grupos valoraban a su propio grupo más que a los españoles (los latinoamericanos, los africanos subsaharianos y los magrebíes), excepto los asiáticos que valoraban a su propio grupo (7,9) algo menos que a los españoles (8,1) (según un rango de respuesta de 0 a 10). Todos los grupos de inmigrantes valoraban más a los españoles que a los otros exogrupos.

b. Identidad cultural

b.1. Identidad conductual (prácticas culturales del país de origen y acogida).

Idioma, comida, vestimenta, estilo relacional, actividades y ocio, distancia interétnica, etc. Respecto a los índices de contacto y la distancia interétnica para los grupos de inmigrantes en España estos sugieren una fuerte integración (Díez Nicolás & Ramírez, 2001):

- la mayoría de los inmigrantes viven mezclados con los nativos: sólo el 5% vive en un barrio mono étnico, y el 9% en un barrio donde predominan los inmigrantes,
- un 18% tiene trabajos donde la mayoría son inmigrantes, el 42% con mayoría de nativos, el 21% mixto (36% de entrevistados sin trabajo),
- el 26% tiene un trato frecuente con personas mayoritariamente nativas, mientras un 36% tiene trato con mayoría de inmigrantes. Los que más se relacionan con mayoría de nativos son los latinos y los que menos los asiáticos. Los asiáticos/chinos son los que más contacto tienen entre sí (reunirse todos los días con compatriotas), seguidos de los africanos.
- El nivel de asociacionismo (en torno al 8%): es algo mayor entre africanos (16%) y asiáticos (12%) y menor en africanos del norte (7%) y latinoamericanos (6%).

b.2. Actitudes y Valores:

- Actitudes o importancia atribuida a las prácticas culturales anteriores.
- Actitudes u Orientación hacia del país de origen y acogida (deseo de mantener las tradiciones de origen, o de aprender las de la sociedad huésped). Esta es la dimensión que suele emplearse para clasificar las estrategias de adaptación y que fue propuesta por Berry (2003).
- Valores *culturales*: la mayoría de los inmigrantes extranjeros en España provienen de contextos culturales distantes a España y el País Vasco. Si consideramos a los países de origen de la inmigración extracomunitaria (Europa del Este y Rusia, África Occidental y Oriental, Magreb y Países Árabes, China, y Latinoamérica), y tomando como referencia los índices de valores de Hofstede (2001), podemos afirmar que:
 - Todos los países de origen principales de los inmigrantes no comunitarios presentan índices de valores colectivistas y jerárquicos superiores a España y al País Vasco (también de valores materialistas): Colombia-Ecuador, África y China son las regiones más distantes de España en colectivismo, y en valores jerárquicos los más distantes son Rusia y China y Países Árabes.
 - China, Colombia-Ecuador y Países Árabes son países con valores más masculinos que España, pero también que África Subsahariana, Brasil o Rusia.

- Los países africanos subsaharianos y China tienen valores inferiores en Control o Evitación de la incertidumbre que España (y también que Rusia, y otros países latinoamericanos). Es importante recordar aquí que este conjunto de valores están relacionados con una menor tolerancia a la diversidad y un peor manejo de la ambigüedad e incertidumbre.

c. *Experiencia de minoría: percepción de discriminación, prejuicio*

El estudio de Díez Nicolás y Ramírez (2001) encontró que un 48% de los inmigrantes informaba de que habían sufrido discriminación en el trabajo y un 38% en el alquiler. Respecto a las actitudes hacia los grupos de los españoles los estudios recopilados por Díez Nicolás (1999) mostraba que el rango de preferencia de los españoles hacia los inmigrantes iba de una mejor aceptación de europeos comunitarios, de europeos del este, de los latinos y los asiáticos a los africanos y las puntuaciones menores para magrebíes y árabes. El estudio de Díez Nicolás y Ramírez (2001), mostraba también (además del sesgo de favoritismo endogrupal) que los grupos de inmigrantes compartían con los nativos (españoles) el rango de preferencias por grupos: mejor valorados los latinos, luego asiáticos y africanos y los menos los magrebíes, menos el grupo más perjudicado de magrebíes que valoran a los africanos y latinos y un poco menos a los asiáticos; el grupo de gitanos es también el más rechazado. En otros países anglosajones de inmigración se han encontrado preferencias similares (Giles & Coupland, 1991).

Relación entre los componentes de la identidad

La relación entre todos estos componentes de la identidad es compleja, no hay una relación lineal y simple: depende del tiempo de estancia en la sociedad de acogida y de la generación, del origen cultural, del estatus del grupo y de la relación minorías-mayorías, de las políticas institucionales impuestas por la sociedad de acogida, etc. Intentaremos sintetizar algunos de los resultados encontrados sobre la relación entre componentes de la identidad:

a. *Identidad subjetiva y prácticas*

La identidad subjetiva (definirse como, sentirse como...) sólo se relaciona de forma moderada con las prácticas culturales: lo que se ha constatado en inmigrantes asiáticos en América del Norte (Smith & Bond, 1993), o con latinos en Europa, por ejemplo un joven de origen latino socializado desde muy temprana edad en Francia se siente y define como francés pero a la vez encuentra diferencias en las formas de ser y actuar respecto a sus amigos franceses (Montupil, 1993).

b. *Identificación subjetiva, prácticas y valores*

En general, puede constatar que los aspectos conductuales (prácticas y normas) cambian más rápidamente en la transculturación, mientras que los aspectos de identificación y los valores cambian mucho más lentamente. La generación de inmigrantes nacidos en el país de acogida (marginales) tiende a alinearse en una posición intermedia entre los valores de la sociedad de origen y la de acogida. Además, hay que tener en cuenta que los cambios en los valores relacionados con la familia y la esfera privada cambian más lentamente que otros valores más generales, lo cual es congruente con los conflictos que se manifiestan entre los padres (1ª generación) y los hijos (2ª generación, nacidos en el país de acogida) de origen inmigrante, donde los hijos manifiestan patrones de conducta fuera de casa del grupo de iguales propios de sociedades postmodernas, mientras en casa se mantienen patrones más colectivistas y jerárquicos. Asimismo, la identidad subjetiva y la conductual se asocian sólo moderadamente: por ejemplo entre la comunidad china las prácticas culturales y auto categorizarse como “chino” declinaban de la 1ª a la 2ª generación de inmigrantes pero no seguía decayendo en la 3ª, mientras que la evaluación de la identidad étnica y la importancia que se atribuía a las prácticas (actitudes) no decaía (Smith & Bond, 1998). Es decir, que los aspectos simbólicos y evaluativos son los más estables.

c. *Actitudes y valores*

Las actitudes y estrategias no se relacionan necesariamente con los valores: por ejemplo latinos que se clasificaban como asimilados y como biculturales no diferían en la importancia que otorgaban al respeto ante las autoridades, o en las actitudes tradicionales ante los sexos (Phinney, 1996).

Transculturación y evolución de la identidad

Sintetizando podemos decir que el proceso de transculturación afecta a los distintos componentes de la identidad socio-cultural (Phinney, 2003):

- *Prácticas culturales de origen*: sufren un desgaste rápido de la 1ª a la 2ª generación.
- *Auto categorización*
Las, etiquetas étnicas para definirse se emplean principalmente en 1ª generación, en la 2ª se emplean categorías mixtas (p.e., “italo-americano”), o asimilables (“americano”), y en la 3ª no se emplean designaciones étnicas, salvo en el caso de los grupos con rasgos fenotípicos visibles (p.e., “japoneses-americanos” en 5ª generación).

- *Identificación*
El tiempo de estancia disminuye la identidad étnica incluso en 1ª generación (y el declive principal se produce de 1ª a 2ª generación).
- *Identidad de origen e Identidad de acogida*
La mayoría de estudios encuentran que ambas identidades son independientes entre sí (grupos de inmigrantes en EE.UU. y Europa, inmigrantes latinos y asiáticos), estos se produce principalmente para la 2ª generación. En primera generación, se encuentra relaciones negativas pero no muy fuertes (Phinney, 2003).
- *Valores culturales*
Como ya hemos reseñado el cambio en valores es más lento, así y todo se produce un fuerte impacto en las generaciones nacidas en el país de acogida, que suelen compartir valores individualistas con sus pares nativos (adolescentes norteamericanos de distintos orígenes en EE.UU.) (Phinney, 2003). Por otro lado, el cambio de valores era menor en Canadá, con una política multicultural, que en los países europeos con ideologías asimilacionistas (Smith & Bond, 1998).
- *Tipos de valores*
Es más rápido el cambio en los valores generales que en valores vinculados a áreas familiares y afectivas: por ejemplo los vinculados a la tradición china general se perdían mucho más rápido que los vinculados a la unidad y cohesión familiar (Smith & Bond, 1998).

Transculturación: estrategias de adaptación, tiempo de estancia y ajuste

El proceso de adquisición de una nueva cultura o la transculturación se asocia al choque cultural y al estrés aculturativo (Berry, et al. 1987). Para medir las consecuencias de la confrontación a una nueva cultura se diferencia entre la adaptación socio-cultural y la psicológica, que muestran diferentes patrones de evolución temporal y son explicadas por distintos factores psicosociales (Chun, Organista & Marín, 2003; Smith & Bond, 1998; Ward, Bochner & Furnham, 2001):

- La *adaptación psicológica* se puede interpretar como siguiendo una lógica de afrontamiento a hechos estresantes, y está influenciada por rasgos de personalidad, sucesos vitales y el apoyo social, “mayor estrés y menor apoyo social, peor ajuste psicológico”. Podemos decir además que el ajuste psicológico se ve fuertemente alterado al inicio de la experiencia de aculturación y es variable en el tiempo, y que se asocia a la identificación con el país de origen o a la estrategia de separación étnica.
- La *adaptación socio-cultural* se entiende como un proceso de aprendizaje social y se asocia positivamente al tiempo de residencia, la menor distancia cultural, un alto nivel

de contacto con los autóctonos y la buena capacidad lingüística. Las mayores dificultades de adaptación sociocultural suelen presentarse al inicio de la estancia en el país de acogida, cuando los problemas se presentan de manera más intensa. Una mejor adaptación socio-cultural se asocia a una táctica de fuerte identificación en el país de acogida, es decir, tanto a una estrategia asimilacionista como bi-cultural, mostrando las mayores dificultades de adaptación los inmigrantes que optan por el segregacionismo étnico (Ward & Searle, 1991).

En general tiende a afirmarse que las estrategias biculturales son más adaptativas además de ser las preferidas. Esta supuesta funcionalidad es preciso sin embargo matizarla:

- Un conjunto de estudios sobre inmigrantes han mostrado que el proceso de construcción de una identidad bicultural puede ser estresante, cuando el nivel de contacto con la cultura dominante es bajo, cuando las personas deben afrontar conductas discriminatorias y deben aceptar un status bajo o tienen que enfrentarse con la cultura dominante (Smith & Bond, 1998).
- Los grupos de mayor status suelen mantener más su cultura de origen, por ejemplo Guimond (1999) encontraba que la mayoría de los grupos étnicos en EE.UU. y Canadá tienden a ser favorables a mantener su cultura de origen, pero esto era más ambivalente en los inmigrantes de bajo status y rasgos fenotípicos “visibles”, para estos sectores mantener sus señas de identidad implica también reforzar su carácter de minoría diferente y negativa (Moghaddam, 1998; Smith & Bond, 1998).
- Los grupos de inmigrantes recientes y minoritarios son favorables al multiculturalismo, mientras que las mayorías dominantes suelen mantener actitudes neutrales o ligeramente favorables a éste, además estas mayorías tienen pocas dificultades para imponer normas lingüísticas y culturales a los hijos de los inmigrantes (Guimond, 1999).

2. HIPÓTESIS

Hip. 1. Para los componentes de la identidad étnica:

- El sentido de pertenencia a la sociedad de origen será alto para esta primera generación de inmigrantes, mientras que la asimilación en la identidad conductual será alta en la primera generación (la identidad de origen y de acogida estarán bastante niveladas entre sí).
- Las actitudes biculturales (orientación hacia el país de origen y el de acogida) serán predominantes. En el proceso de adaptación de los emigrantes la estrategia de

integración es la preferida, seguida por la de asimilación y la segregación, y la menos seleccionada es la marginación.

- La relación entre identidad de origen y de acogida (modelo sustractivo) será baja.

Hip. 2. Las dimensiones de la identidad de origen: conductuales cambian rápidamente, perdiéndose con el tiempo de estancia, mientras que los aspectos de identificación subjetiva, que cambian más lentamente, se mantienen a pesar del paso tiempo.

Hip. 3. La integración (asimilación) y el biculturalismo se asocian a una mejor adaptación y a un menor estrés: los integrados biculturales serán el grupo con menores problemas de ajuste psicológico, mientras los marginados presentarán los peores índices de ajuste psicológico. Los asimilados son los que menores dificultades de adaptación presentarán y los segregados los que más dificultades presentan.

3. MÉTODO - PROCEDIMIENTO

3.1. MUESTRA

Se realizaron entrevistas personales a inmigrantes, de primera generación, no nacidos en España, de los principales grupos que componen la gran parte de los inmigrantes no comunitarios en el País vasco

Selección y reclutamiento

Se seleccionaron los grupos de inmigrantes no comunitarios: Magreb (principalmente Marruecos), África, Iberoamérica (Colombia, Ecuador y Brasil), y Europa del Este (Rusia, Ucrania, Bielorrusia y otros). No se ha seleccionado a la comunidad asiática (China es el principal grupo), debido a las dificultades de idioma y de acceso a dicha comunidad. Las personas inmigrantes en España fueron reclutadas por medio de los contactos con ONGs de ayuda a inmigrantes (Coordinadora de ayuda a inmigrantes y Médicos del Mundo en Bilbao) y de asociaciones culturales de los países en el País vasco (Asociación latinoamericana ACULCO, Asociación senegalesa, Asociación brasileña, Asociación Afroamericana, Asociaciones colombianas, Asociaciones de ecuatorianos, Misiones Diocesanas-Vitoria). Las entrevistas fueron realizadas por personal entrenado, dos doctorandas de psicología social, y para determinados grupos miembros de más difícil acceso se entrenó a personas del país de origen, con niveles de estudios medios (entrevistadores de Ecuador, Colombia, África Subsahariana, Marruecos).

Adaptación lingüística del cuestionario

El cuestionario en su totalidad ha sido traducido al portugués, al árabe y al ruso. La traducción al ruso y al portugués fue realizada por dos componentes del equipo de investigación provenientes de dichos países y expertas en este campo de investigación. Para

la traducción al árabe se contó con la ayuda de varios miembros de dicho origen (un antropólogo marroquí, un licenciado superior doctorando del País vasco y experto en traducciones árabe-español y experto en temas de inmigración, y varios líderes de la comunidad islámica), con ellos se tuvieron discusiones de trabajo para comprender los objetivos de la investigación, el contenido y la traducción del cuestionario.

3.2. VARIABLES E INDICADORES

Variables socio demográficas

Edad, sexo, nivel de educación; Procedencia: país de origen.

Tiempo de estancia en España (en años y meses)

Identidad y estrategias de adaptación

- *Identidad étnica*: sentido de pertenencia al país de origen España / País vasco, con 3 ítems “en qué grado se ve a sí mismo como...; se siente como..., está orgulloso de ser...” (rango de respuesta 1 *nada* a 5 *mucho*).
- *Identidad étnico-cultural*: prácticas culturales o identidad conductual, compuesto por 7 ítems para el país de origen y acogida respectivamente, sobre conductas culturales (por ejemplo, “¿Consume comida y bebida marroquíes?”), con un rango de respuesta de 1 *nada* a 5 *mucho*. Se preguntaba sobre estos aspectos: comida y bebida, idioma, con quién pasa el tiempo libre, la música, lectura, fiestas y vestimenta. Respecto a las mismas prácticas anteriores se preguntaba sobre la importancia atribuida, o actitudes-conductuales, se trataba de 7 ítems como los anteriores.
- *Orientación hacia país de origen y acogida*: orientación latitudinal: en total son 4 cuestiones dos para país de origen y dos para España: “¿cree importante mantener las costumbres y tradiciones de su país de origen versus acogida?” y “¿cree importante buscar y mantener relaciones con la gente de su país / de aquí?”, formato respuesta de *nada* 1 a 9 *mucho*.
- *Identidad-experiencia de minoría étnica*: Se recoge la percepción de discriminación y exclusión social, índice compuesto por seis preguntas sobre experiencia de discriminación (p. e., “¿Con qué frecuencia se le ha hecho notar que es usted una amenaza económica para los españoles?”) (formato respuesta 1 *nunca* a 4 *casi siempre*). Se recoge la percepción de amenaza (se le ha hecho sentir que es una amenaza) cultural o económica, trato impersonal, sufrir conductas de discriminación (agresiones, insultos, etc.) y la percepción de exclusión social “sufrir conductas hostiles que los vascos o los españoles no tendrían con los vascos o los españoles”.

- En base a la combinación de respuestas a los 4 ítems anteriores, se crea la *tipología de estrategias de adaptación: biculturalismo o integración, asimilación, segregación o separación y marginalización*. A nivel descriptivo se emplea el punto de corte 5 (la mitad de la escala), se crean así las cuatro categorías según que puntúen más o menos de 5 (bicultural-alta en ambas culturas, separado- alto en país de origen y bajo en acogida, asimilado- alto en país de acogida y bajo en origen y, segregado- bajo en ambos). Además, emplearemos otro criterio que será dividir por el valor de la mediana, para que tengamos suficiente variabilidad en las cuatro categorías o estrategias de respuesta y cuando queramos analizar la relación entre estrategias de adaptación y ajuste psicológico o adaptación socio-cultural.

Variables culturales

- *Distancia cultural*: Se ha creado un índice de distancia cultural de los países de origen de los grupos inmigrantes respecto a España, para ello se han retomado las puntuaciones en valores de Hofstede (2001) y se ha aplicado el procedimiento propuesto por Kogut y Singh (Hofstede, 2001) calculando la media de suma de diferencias cuadráticas dividido por la varianza para cada dimensión (puntuaciones medias por país en individualismo, masculinidad, distancia jerárquica y evitación de la incertidumbre) (véase de Luca, 2003). También se ha empleado un índice de distancia cultural percibida (choque cultural), con una escala creada ad hoc de 36 ítems, que representan campos relativos a las relaciones interpersonales, estilo de comunicación, valores relativos a la jerarquía/igualdad, familia, y otros, las dimensiones, validez y fiabilidad de la escala ha sido analizada por Zlobina y Paéz, (2003). El índice creado resume las diferencias percibidas entre el país de origen y de acogida (sí hay diferencias = 1 o no = 0, y de la suma de todas ellas).

Consecuencias de la adaptación a la sociedad de acogida

- *Adaptación sociocultural*: Índice de dificultades socio-culturales: escala de problemas experimentados durante el último año (es un indicador de stress sociocultural), y compuesta por 7 ítems sobre *dificultades prácticas* (trabajo, vivienda, etc.); *culturales: costumbres y tradiciones* (2 ítems), y *culturales y de relación* 9 ítems (desde forma de comunicación, idioma, etc.). Tiene un formato de respuesta de 1 nada a 5 mucho.
- *Ajuste psicológico*: se ha empleado el instrumento PNA de afectos positivos y negativos, con dos dimensiones de 9 ítems cada una, y un formato de respuesta de 1 *nunca* a 4 *casi siempre* (Echebarría & Paez, 1989, pp. 486-7). La Balanza de afectos es la diferencia entre la suma de afectos positivos menos la suma de los negativos.

4. RESULTADOS

DESCRIPCIÓN DE LA MUESTRA

El total de entrevistas realizadas en el País vasco han sido $N = 642$, todas ellas realizadas a personas inmigrantes (de 1ª generación, que no han nacido en España). La edad media es de 33.4 ($DT = 9.3$), variando de 18 a 76 años. El tiempo medio de estancia en España es de 4 años y 8 meses (media = 56,2 meses y $DT = 64.5$). Aproximadamente el 24% se encuentran en situación irregular, no tienen permiso de residencia o están en trámites.

País de Origen de los participantes de la investigación: Algo más de la mitad de los entrevistados proceden de América Latina ($n = 358$, 56%), inmigrantes de Colombia ($n = 113$, 17%), Ecuador ($n = 148$, 23%) y Brasil ($n = 98$, 15%). De los países árabes han participado 115 personas (18%), principalmente de Marruecos ($n = 88$, 13%), el grupo principal de inmigración en España y País vasco; le siguen los procedentes de los países de África Subsahariana ($n = 92$, 14%), que es el grupo más heterogéneo, siendo el grupo principal los senegaleses ($n = 41$, 6%). Los provenientes de Europa del Este han sido 76 (11%) personas, principalmente de Rusia ($n = 42$, 6%) y Ucrania ($n = 31$, 5%) (Véase tabla 1). Respecto a la distribución por sexo, el 54% son mujeres y el 46% hombres. Regiones relativamente bien representadas en la muestra, de acuerdo a su peso demográfico, son América Latina (57.4% de la muestra, y suponen el 51.5% de los residentes), y África-subsahariana (12.8% de la muestra, y suponen el 10.6% de los residentes. Mientras que Europa del Este está claramente sobrerrepresentada (12.2% de encuestados, y 3.2% de residentes), y los países árabes están infra-representados (17.6% de encuestados, y 34.6% de residentes).

Tabla 1. *Países de procedencia y distribución según género*

País	n	Sexo (%)	
		Masculino	Femenino
América Latina	358-56.0%	48.8%	63.6%
Colombia	113-17.6%	43.4%	56.6%
Ecuador	148-23.1%	52.0%	48.0%
Brasil	98-15.3%	37.8%	62.2%
Europa del Este	76-11.8%	42.1%	57.9%
Países Árabes	115-17.9%	66.1%	33.9%
África Subsahariana	92-14.3%	68.5%	31.5%
Total	642-100%	52.0%	48.0%

IDENTIDAD Y ESTRATEGIAS DE ADAPTACIÓN

Identidad y Componentes

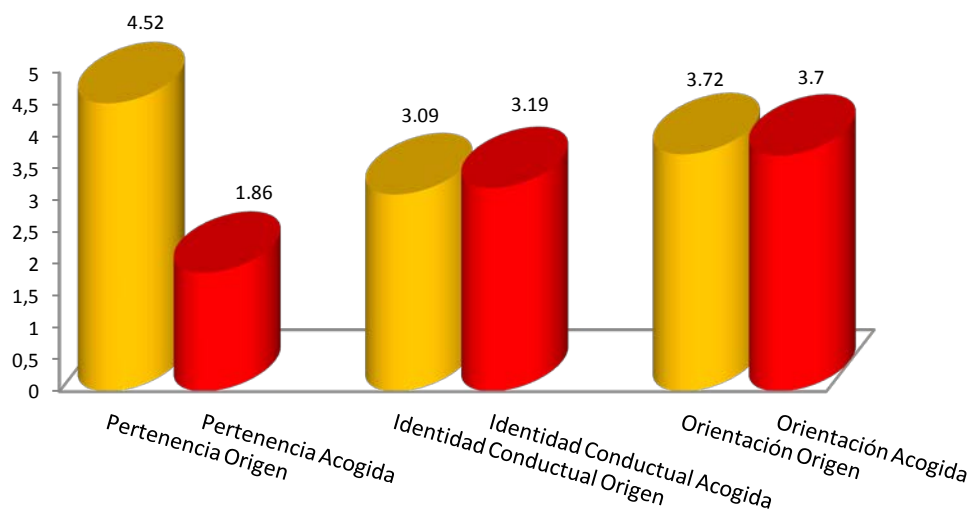
En primer lugar, vamos a describir la posición de los grupos en los componentes de la identidad señalados a continuación:

- *Identidad étnica*: sentido de pertenencia al país de origen versus de acogida,
- *Identidad étnica-cultural*: prácticas culturales o identidad conductual,
- *Orientación hacia país de origen y acogida*: orientación latitudinal,

Si comparamos los 3 componentes de la identidad étnica-cultural, podemos observar que el sentido de pertenencia (auto categorización) del país de origen, se mantiene muy alto para esta primera generación de inmigrantes, mientras es muy bajo la identificación con España. Sin embargo, la identidad conductual (prácticas y costumbres del país) del país de acogida es mucho más alta, lo que significa que las personas hacen en poco tiempo un gran esfuerzo de adaptación a la cultura de acogida. Por último, respecto a las orientaciones actitudinales (deseo de mantener la cultura de origen y de adaptarse a la cultura de acogida) es muy alta, mostrando cómo se verá más adelante que las opciones biculturales son las más deseadas por la mayoría de los inmigrantes. Los análisis de diferencias de medias indican que el sentido de pertenencia es mayor para el país de origen frente al de acogida, mientras que no hay diferencias en cuanto a las actitudes de aculturación, que son igual de altas para el país de origen y el de acogida (valor cercano a 4 en una escala de 1 a 5), tampoco hay diferencias para la identidad conductual de origen y de acogida (punto medio 3, en una escala de 1 a 5, $t = -1.78$, $p = .07$).

En el gráfico adjunto (nº 1), se representan las diferencias de medias entre los componentes de la identidad (las medias totales sin diferenciar por país de procedencia), para comparar los indicadores se ha reconvertido las puntuaciones de las actitudes de aculturación, que se medían en una escala de 1 a 9, a la escala de 1 a 5 como en el caso de los otros dos indicadores utilizados.

Figura 1. **Componentes de la identidad (pertenencia, conductual y actitudes) país de origen y acogida**

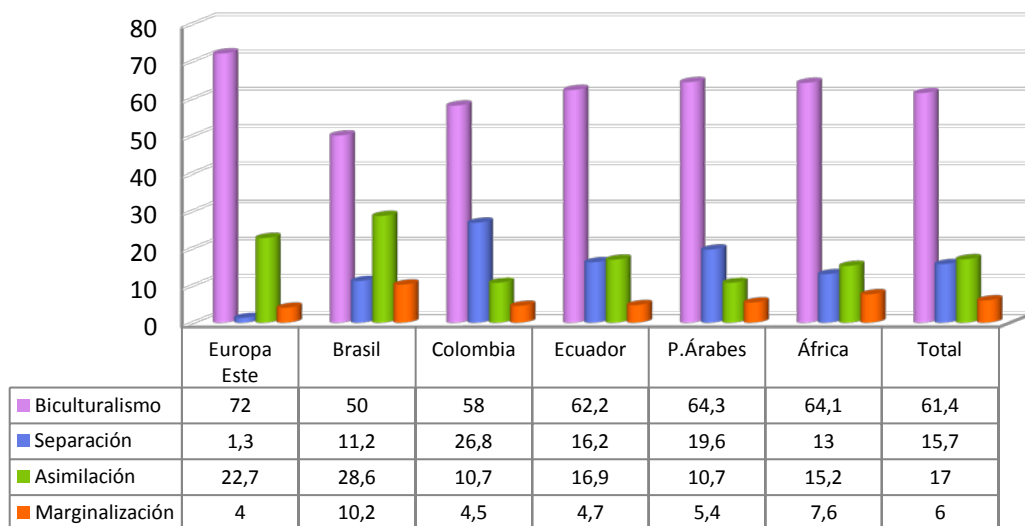


$P t = 46.9$ $p < .01$; $C t = 1.7$ $p < .07$; $O t = 0.7$ $p < .44$

Estrategias de adaptación

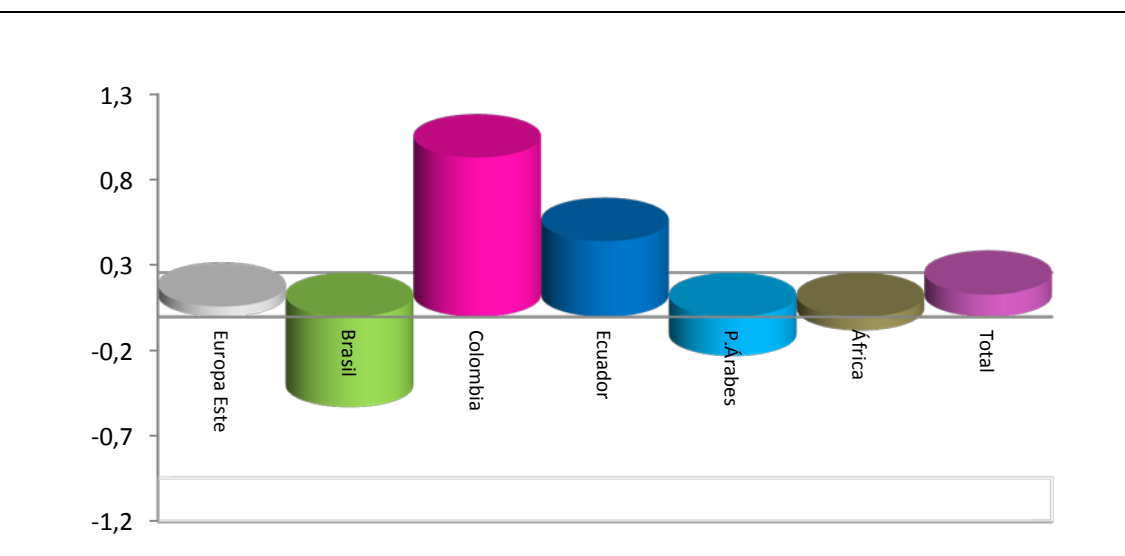
De acuerdo a las preguntas relativas a las actitudes de aculturación (deseo de mantener las señas de identidad de origen y de acogida-costumbres, tradiciones, relaciones con la gente-), creamos una tipología siguiendo a Berry (2003): biculturales (alta identidad origen y acogida), segregados (alta identidad origen y baja de acogida), asimilados (baja identidad origen y alta de acogida), y marginados (baja en las dos). De acuerdo al punto medio de la escala, la distribución de los 4 grupos es la que se representa en el gráfico adjunto (nº 2), con una alta preferencia por el biculturalismo, seguida de la separación y asimilación y por último la marginación. Teniendo en cuenta las diferencias por lugares de origen: el biculturalismo está más presente en Europa de Este y es algo menor (en comparación con el resto de grupos) en Brasil y en Colombia; en Brasil porque hay mayor preferencia por la asimilación (que en los restantes grupos) y en Colombia porque está más presente la separación.

Figura 2. **Actitudes de aculturación: estrategias de adaptación**



Nota: grupos por punto medio de la escala 5

Si contemplamos las actitudes de orientación hacia el país de origen y de acogida, y utilizando un indicador basado en la diferencia entre las puntuaciones en la identidad de origen menos la de acogida, podemos analizar las diferencias en las actitudes de aculturación por países (ver figura adjunto). De acuerdo a este indicador y al análisis de varianza ($F(5,601) = 20,9, p < .01$; y al test de contraste de Scheffé para $p < .05$), Colombia y Ecuador son los dos grupos con una mayor diferencia a favor del país de origen (dominan las actitudes hacia el origen sobre las de España), frente a Brasil donde predomina algo más la identidad de acogida que la de origen (véase Figura 3).

Figura 3. **Orientaciones y Actitudes: diferencia entre país de origen y acogida, por países**

Análisis factorial de los componentes de la identidad de origen y acogida

Para comprobar la relación entre los diversos componentes de la identidad de origen y de acogida, se ha realizado un análisis factorial de componentes principales (rotación varimax). Se han incluido en el análisis los índices de “sentido de pertenencia”, “identidad conductual o prácticas culturales”, las actitudes (o importancia atribuida) a las prácticas culturales, y las actitudes de aculturación u orientación. Se han empleado, por tanto, 8 variables, 4 para país de origen y 4 para el de acogida (véase apartado descripción de instrumentos). En la tabla de resultados adjunta (nº 2), se encuentran dos dimensiones o factores independientes. La primera dimensión corresponde a la “Identidad de Origen”, compuesta por las orientaciones hacia la sociedad de origen (deseo de mantener las tradiciones, costumbres,...), la importancia atribuida a las prácticas culturales de origen, y la identidad conductual o prácticas de origen, y el sentido de pertenencia (sentirse de...) hacia el país de origen. Este último componente obtiene un peso menor que los anteriores. Además, se incluye en esta dimensión, con un peso bajo, y negativo, la menor identidad conductual con el país de acogida.

Como puede verse, se extraen dos dimensiones separadas entre sí, identidad de origen *versus* identidad de acogida, lo que apoyaría la hipótesis de los autores que plantean que ambos componentes de la identidad son independientes (Berry, 2003). Sin embargo, la identidad de origen se asocia, aunque de forma baja, con una menor frecuencia de prácticas culturales del país de acogida, lo que sugiere que, al menos en parte, la adquisición de la identidad de acogida se hará a costa de la pérdida de la identidad de origen. En apoyo a esta interpretación podemos observar que la identidad conductual de origen y acogida se relacionan entre sí inversamente ($r(642) = -.33, p < .01$), y también que el sentido de pertenencia a la sociedad de acogida se relaciona, de forma baja, con el de origen ($r(642) = -.21, p < .01$). Por el contrario, las actitudes y orientación hacia el país de origen y acogida no están relacionadas entre sí ($r(642) = .04, p < .31$), como sugería Berry (2003).

Tabla 2. **Componentes de la identidad de Origen y de Acogida: Análisis Factorial exploratorio**

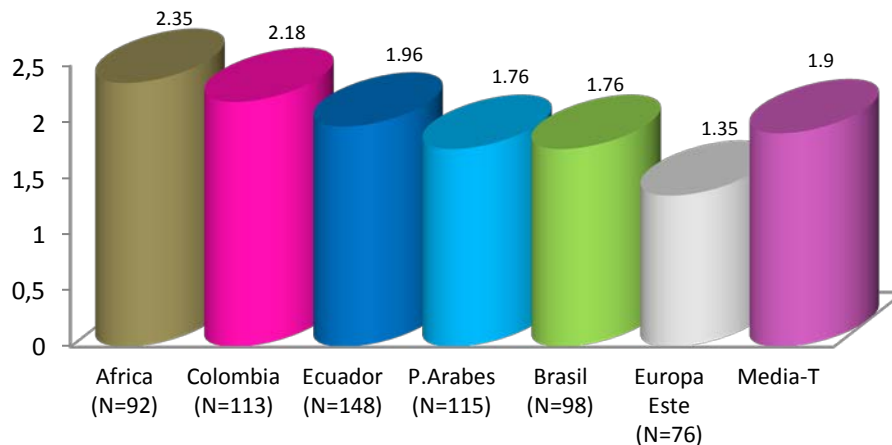
	F1 Identidad origen	F2 Identidad acogida
Sentido Pertenencia Origen	.52	
Sentido Pertenencia Acogida		.60
Identidad Conductual Origen	.80	
Identidad Conductual Acogida	-.31	.80
Actitudes Conducta Origen	.86	
Actitudes Conducta Acogida		.86
Orientación hacia Origen	.80	
Orientación hacia Acogida		.74
% Varianza (valor propio)	39.2% (3.13)	21.8 % (1.74)

A.F. Componentes Principales, Matriz rotada (varimax), seleccionados pesos factoriales > .30; selección factores valor propio > 1

Identidad - experiencia de minoría étnica

La percepción de discriminación y exclusión social, índice compuesto por seis preguntas sobre experiencia de discriminación, obtiene una puntuación media de 1.9 (*a veces*), en una escala de 1 (*nunca*) a 4 (*casi siempre*): p. e., “se le ha hecho notar que es Usted una amenaza económica para los españoles” media = 2.17 ($DT = 1.03$) y “...los españoles consideran la inmigración de su país como una amenaza a su cultura y a su forma de vida” media = 2.25 ($DT = 0.95$). Si se tiene en cuenta el país de origen de los inmigrantes, vemos que la percepción de discriminación varía, como ha mostrado el análisis de varianza ($F(5,636) = 26,41, p < .01$, y el contraste de Scheffé $p < .05$). En la figura adjunta (nº 4) se representan las medias por grupo de origen.

Las personas provenientes de África subsahariana junto con los colombianos son los grupos que perciben mayor discriminación, seguidos por los ecuatorianos, magrebíes y los brasileños, los que perciben menos discriminación son los provenientes de Europa del Este. Estos resultados son, en parte, congruentes con el nivel de aceptación/rechazo de la sociedad española hacia distintos grupos de inmigrantes (Díez Nicolás, 1999), como muestran las encuestas en España el rechazo es el mayor para los magrebíes, seguidos de los africanos/negros, los latinos son mejor aceptados y los mejor considerados son los europeos del este. Ahora bien, el gran rechazo hacia los magrebíes y marroquíes que reflejan las encuestas españolas, no se corresponde con la percepción por parte del grupo magrebí, que dice sentirse igual que los latinos (ecuatorianos o brasileños), quizá esto podría deberse a que este grupo presenta un mayor tiempo medio de estancia en España. Sin embargo, el tiempo de estancia no parece explicar las diferencias percibidas en discriminación entre los grupos, los colombianos, que llevan aproximadamente el mismo tiempo de estancia que los ecuatorianos (véase siguiente apartado) sin embargo presentan un índice de discriminación mucho más alto que estos últimos. La correlación entre tiempo de estancia y percepción de discriminación no es estadísticamente significativa ($r(642) = -.03, p < .42$). Así que habría que postular otros factores explicativos: integración de la comunidad de origen en la sociedad de acogida, motivos de la inmigración y expectativas previas, etc.

Figura 4. - *Percepción de discriminación por países/regiones*

Tiempo de estancia en el país de acogida

Pondremos en relación las actitudes u orientación hacia el país de origen y acogida y el tiempo de estancia. Se han clasificado a los participantes en 4 grupos -(en función de la mediana = 7)-, según el análisis de varianza ($F(3,633) = 7.95, p < .01$), los asimilados son los que llevan más tiempo en España (6 años), seguidos de los marginados (cerca de 5 años), y las opciones biculturales o separación son elegidas por las personas con menor tiempo de estancia (3 años y medio). Este resultado sería congruente con lo que se sucede en otros países (Ward, Bochner & Furnham, 2001).

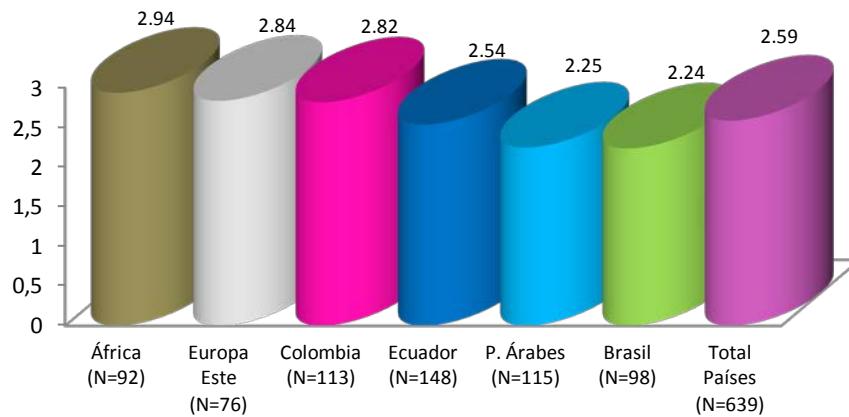
Si se retoman las dimensiones de identidad (obtenidas por medio del análisis factorial antes descrito), las asociaciones con el tiempo de estancia muestran que la identidad de acogida aumenta con el tiempo ($r(605) = .31, p < .01$) y la identidad de origen disminuye ($r(605) = -.22, p < .01$). Ahora bien si se contempla la orientación o actitudes éstas parecen no verse tan afectadas por el paso del tiempo (orientación hacia el país de origen $r(639) = -.14, p < .01$ y orientación hacia el país de acogida $r(638) = .03, p = .42$).

Ajuste sociocultural por país

Las dificultades de adaptación socioculturales (índice general), presentan una media de 2.59 ($DT = .86$), en una escala de 1 a 5. La media para las dificultades socio-económicas o prácticas es 2.57 ($DT = 1.06$), las dificultades en las costumbres media = 2.37 ($DT = 1.14$), y las dificultades culturales media = 2.38 ($DT = .89$). Respecto al índice general, ($F(5,638) = 13.88, p < .01$), las mayores dificultades las presenta los africanos, europeos del este y colombianos, después se sitúan los ecuatorianos y, por último, con el menor valor, están los brasileños y del Magreb. También hay diferencias para las dificultades prácticas ($F(5,634) = 16.82, p < .01$), con las mayores dificultades para africanos, europeos del este y colombianos, y las menores ecuatorianos, magrebíes y brasileños. Respecto a las dificultades en las costumbres ($F(5,635) = 7.65, p < .01$), brasileños y magrebíes presentan las menores dificultades, frente al resto.

Para las dificultades culturales ($F(5,634) = 8.77, p < .01$), en esta dimensión se incluyen las dificultades con el idioma, africanos y Europa del este presentan las mayores puntuaciones, y las menores Magreb, Ecuador y Brasil.

Figura 5. Índice de dificultad de adaptación-total por país/región

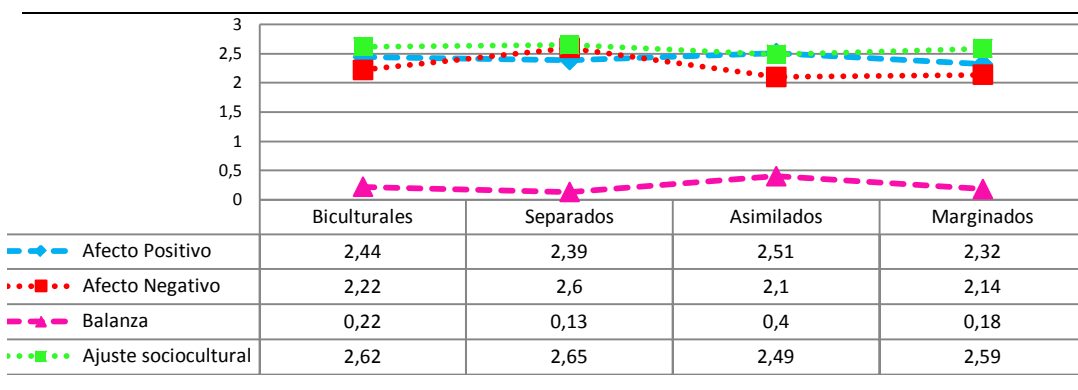


Estrategias de adaptación y ajuste psicosocial

Relacionando las estrategias de adaptación con las variables relativas al ajuste psicológico (afecto positivo, PNAPO, afecto negativo, PNANE, Balanza de afectos, o diferencia de afectos, y dificultades de adaptación), podemos observar la distribución de medias por grupos en el gráfico adjunto. De acuerdo al análisis de varianza, y al contraste de medias entre grupos tenemos que (véase figura adjunta nº 6):

- El afecto positivo ($F(3,631) = 4.07, p < .01$), los marginados presentan el menor afecto positivo, los asimilados el mejor junto a los biculturales,
- No hay diferencias estadísticamente significativas por grupos en afecto negativo ($F(3,631) = 2.17, p < .09$),
- Los asimilados presentan la mejor balanza de afectos y los separados la peor ($F(3,630) = 2.98, p < .03$),
- No hay diferencias estadísticamente significativas en el ajuste socio-cultural en función de la estrategia de adaptación ($F(3,630) = 0.79, p < .49$).

Figura 6. Estrategias de adaptación y ajuste psicológico y social



Dimensiones de la identidad (Origen versus Acogida) y factores relacionados

Poniendo en relación las dos dimensiones de la identidad resultantes del análisis factorial con diversas variables, vemos que:

- La *Distancia Cultural: el IDC* (índice de distancia cultural, contextual) se asocia una menor identidad de acogida (y no está relacionada con la identidad de origen), lo que sugiere que la adaptación será más difícil para las personas provenientes de contextos culturales muy divergentes con el de la sociedad de acogida (el País Vasco) ($r(605) = -.29, p < .01$).
- La *percepción de discriminación* es mayor cuanto menor es la identidad de acogida ($r(605) = -.14, p < .01$), lo que puede sugerir que la discriminación dificulta la integración en el país de acogida; mientras que la identidad de origen parece ser menos relevante para la percepción de discriminación ($r(605) = .08, p < .03$).
- Distancia cultural está relacionada con la percepción de discriminación (para IDC $r(642) = .17, p < .01$, y para distancia percibida $r(642) = .22, p < .01$), y también con las dificultades de adaptación al país de acogida, si bien en este caso la relación es ligeramente mayor para el IDC ($r(639) = .17, p < .01$) que para la distancia percibida ($r(639) = .09, p < .02$).
- Las *dificultades de adaptación* se relacionan con la identidad de acogida ($r(602) = -.18, p < .01$), pero no se asocian a la identidad de origen ($r(602) = .06, p < .10$). Lo que sugiere nuevamente que es la actitud de la sociedad de acogida la que puede determinar las posibilidades de integración de los inmigrantes y no sólo la actitud de los inmigrantes hacia la misma (que como se ha visto anteriormente es mayoritariamente bicultural o integradora).
- La identidad de acogida se relaciona con el *afecto positivo* pero no está relacionado con el afecto negativo ($r(603) = .27, p < .01$, y $r(603) = .06, p < .11$, respectivamente). El afecto positivo es una dimensión relacionada con el apoyo social y la integración. Sin embargo, el *afecto negativo* se relaciona más con la identidad de origen (y además esta relación es positiva, de manera que a mayor identidad de origen más malestar, ($r(603) = .15, p < .01$), que con la identidad de acogida ($r(603) = -.08, p < .01$). El afecto negativo es una dimensión más relacionada con el estrés y las dificultades (Echebarría & Paéz, 1989), estos datos sugieren que la identidad de origen no parece tener un papel protector sino que se asocia a mayor afecto negativo lo que podría indicar que la segregación no favorece la adaptación sino que se asociaría con mayores dificultades y estrés.

5. DISCUSIÓN

Identidad y estrategias de adaptación: Componentes

Tal como se ha planteado en la literatura sobre transculturación, los aspectos conductuales (prácticas y normas) cambian rápidamente en la transculturación. En los primeros momentos de la migración se requiere hacer un gran esfuerzo de adaptación y de aprendizaje del nuevo contexto cultural, hay que encontrar trabajo, aprender la lengua, resolver las situaciones de vivienda, contactos, etc. La orientación hacia el país huésped es una condición necesaria para la adaptación, sólo con posterioridad y una vez que la persona se ha instalado uno puede pensar sobre qué toma o qué deja de su herencia cultural. Por otro lado, los componentes relativos a la identificación (sentido de pertenencia) y los valores cambian mucho más lentamente. Los cambios en los aspectos más privados y familiares también son más lentos. Tampoco el proceso de aculturación es continuo y uniforme.

En la primera generación de inmigrantes, aquí estudiada, observamos cómo el sentido de pertenencia con el origen se mantiene muy alto (y muy baja la identidad de acogida), mientras que las prácticas culturales están bastante niveladas, hay, por tanto, una fuerte asimilación, y las actitudes hacia el país de origen y de acogida son prácticamente iguales. Como es ya clásico, investigaciones en otros países como Canadá o Francia lo confirman, la integración o biculturalismo (deseo de mantener ambas culturas) es la opción preferida de los inmigrantes, seguida por la asimilación y la segregación y marginación. En este estudio, el 61% opta por la integración, 17% por la asimilación, 15% por la separación y 6% por la marginación. Respecto a las diferencias por grupos de origen, los brasileños optan más por la asimilación (recordemos que éste es el país con mayor cercanía cultural a España) (28%) que el resto, mientras que la separación está más presente entre ecuatorianos (16%) y colombianos (26%). Es interesante destacar en este punto cómo a pesar de que las personas procedentes de África subsahariana tienen actitudes de integración (están niveladas sus orientaciones hacia el país de origen y de acogida) sin embargo este grupo presenta el mayor índice de discriminación percibida por parte de la sociedad de acogida y también un índice alto en las dificultades de adaptación socio-cultural. Todo ello plantea que las actitudes de los inmigrantes hacia la sociedad de acogida pueden verse truncadas por la respuesta de la sociedad de acogida hacia los inmigrantes. No olvidemos que los magrebíes y los subsaharianos son objeto del mayor índice de rechazo en España entre los diversos grupos de inmigrantes (Díez Nicolás, 1999). Como han mostrado un conjunto de estudios, el proceso de construcción de una identidad bicultural puede ser estresante, cuando el nivel de contacto con la cultura dominante es bajo, cuando las personas deben afrontar conductas discriminatorias y deben aceptar un status bajo o tienen que enfrentarse con la cultura dominante (Smith & Bond, 1998).

La mayoría de estudios han encontrado una bidimensionalidad ortogonal entre identidad de origen y de acogida, es decir, que *“el grado de identificación étnica y nacional son independientes”*, o bien ambas dimensiones no están relacionadas o lo están de forma positiva y

media (Phinney, 2003). Sin embargo, esto es más cierto para a partir de la 2ª generación y para estancias largas. Sin embargo, es más discutible en primera generación y con estancias cortas. En nuestro estudio, y para inmigrantes de primera generación, el análisis factorial de sus componentes (sentido de pertenencia, prácticas culturales, importancia ante las mismas y actitudes o orientación hacia el país de origen y de acogida) mostraba dos dimensiones separadas entre sí, identidad de origen *versus* identidad de acogida, lo que apoyaría la hipótesis de los autores que plantean que ambos componentes de la identidad son independientes (Berry, 2003). Sin embargo, la identidad de origen se asocia, aunque de forma baja, con una menor frecuencia de prácticas culturales del país de acogida, lo que sugiere que, al menos en parte, la adquisición de la identidad de acogida se hará a costa de la pérdida de la identidad de origen (identidad conductual de origen y acogida se relacionan entre sí inversamente, y lo mismo se produce respecto al sentido de pertenencia; mientras que las y orientación hacia el país de origen y acogida no están relacionadas entre sí).

Tiempo de estancia

El tiempo de estancia, como se plantea en la literatura de aculturación, va acompañado de un aumento en la identificación con la sociedad de acogida y una disminución de la de origen. Asimismo, las opciones biculturales o la separación son elegidas por las personas que llevan menos tiempo en España (alrededor de 3 años), los asimilados llevan una media de 6 años y los marginados una media de 5 años. Así que estos datos apoyarían la hipótesis de que el paso del tiempo en el país de acogida se asocia con la asimilación cultural. Algunos estudios han mostrado como las opciones biculturales dependen de la posición del grupo de origen, para los miembros de grupos en los que la pertenencia étnica no plantea problemas de prejuicio y discriminación (los europeos en Canadá, por ejemplo) el biculturalismo es preferido (Smith & Bond, 1993). Ahora bien, matizando debemos señalar que los aspectos vinculados al sentido de pertenencia e identificación subjetiva y la identidad conductual son los aspectos realmente vinculados al tiempo de estancia, mientras que la orientación y las preferencias actitudinales son predominantemente biculturales.

Percepción de discriminación y exclusión social

La percepción de discriminación, como se ha señalado, es mayor en las personas provenientes de África subsahariana y de Colombia, los europeos del este son los que presentan menores puntuaciones. La percepción de discriminación se ha relacionado con la visibilidad fenotípica (para el caso de los africanos-negros), y podría explicarse por las actitudes prejuiciosas por parte de la sociedad de acogida. Sin embargo, el alto índice manifestado por los colombianos no puede explicarse por las variables anteriores (los latinos son mucho menos rechazados que los africanos o magrebíes en España, Díez Nicolás, 1999), tampoco parecen explicarse por el menor tiempo de estancia en nuestro país de este grupo (los ecuatorianos tienen un tiempo medio de estancia similar pero presentan un índice más

bajo). Sin embargo, este grupo de colombianos están más orientados hacia su grupo de origen que el resto de inmigrantes: es el grupo que presenta una mayor diferencia a favor del grupo de acogida y tiene una mayor proporción de personas que eligen la estrategia de separación.

Distancia cultural y percepción de discriminación

La adaptación depende de la respuesta de la sociedad de acogida, así las personas que provienen de contextos culturales más dispares al de la sociedad huésped es probable que sean menos aceptadas especialmente si su status es bajo y que sufran un mayor choque cultural: la relación entre mayor distancia cultural y más percepción de discriminación (por ejemplo para los africanos subsaharianos) avalaría esta explicación, también el hecho de que haya relación entre choque cultural y percepción de discriminación.

Si consideramos el distinto comportamiento de los grupos de inmigrantes según su país de origen, los africanos subsaharianos tienen una preferencia bicultural (64% como los árabes y ecuatorianos) pero presentan los mayores índices de choque cultural, discriminación y dificultades socioculturales de adaptación. Sin embargo, los miembros de países árabes (también biculturales mayoritariamente 64%), perciben diferencias culturales (aunque menos que los subsaharianos) pero tienen un índice relativamente bajo de percepción de discriminación y de dificultades socioculturales de adaptación, esta respuesta puede explicarse en parte porque existe una comunidad de marroquíes y de otros países árabes con una presencia relativamente larga en la CAV y en España, con hijos ya socializados en España (nacidos y/o criados en la CAV), no hay que olvidar que Marruecos ha sido el grupo más numeroso de inmigrantes en España durante mucho tiempo. Esta mayor integración de la comunidad marroquí choca con la visión estereotipada y negativa hacia el grupo marroquí y árabe destacada en los estudios de opinión (Díez Nicolás, 1999).

Identidad, estrategias y ajuste

Retomando las hipótesis que plantean que el ajuste será mejor para los que opten por actitudes biculturales, frente a aquéllas que afirman que la asimilación sería más beneficiosa, los resultados de nuestro estudio muestran la asimilación, que es más compartida también por los que llevan más tiempo en España y/o el País Vasco, presenta un perfil ligeramente mejor que el resto de grupos, y que las opciones de marginación (menor afecto positivo), la separación (mayor afecto negativo) se asocian a un peor ajuste psicológico.

Respecto al papel de la identidad sobre el ajuste psicosocial, los resultados de este estudio reflejan que la identificación con la sociedad de acogida se asocia a un mayor afecto positivo o bienestar, y por el contrario, la identidad de origen no es relevante, incluso la identidad de origen se asocia a un mayor afecto negativo (resultados no presentados aquí, Campos, et al. 2003 & de Luca, 2003), esto último podría explicarse por los efectos estresantes que puede producir el contacto con el grupo de origen (algo ya destacado en la

literatura). Mantener dos culturas también supone un esfuerzo porque la persona tiene que aprender a manejarse en las dos. En esta línea, algunos inmigrantes relataban en las entrevistas cómo mantener los lazos con la familia, con las personas de origen les provocaba sentimientos de tristeza, tenían que hacer un esfuerzo de contención emocional por mantener “la imagen” y dar una apariencia “de que todo va bien”. En general los datos revelan que es la orientación hacia la sociedad de acogida y el apoyo social de dicha comunidad la dimensión relevante para favorecer el ajuste a la sociedad de acogida, mientras que el papel de la identidad de origen es menos relevante e incluso se vincula a un mayor estrés y malestar.

No hay que olvidar que todos estos resultados se refieren a personas de primera generación y con un tiempo de estancia baja (media alrededor de 5 años) en el país de acogida. Pero también quisiéramos destacar que no se trata de colectivos homogéneos, como suelen destacar las noticias de los mas media, hay orígenes distintos, niveles de integración diferentes, motivos diferentes en el viaje migratorio, y a la vez un deseo y actitudes predominantemente biculturales.

Perspectivas y medidas de la aculturación

Para acabar es importante recordar que muchos de los resultados aparentemente contradictorios que se encuentran en las investigaciones sobre aculturación en América, Europa y otras regiones del mundo, se deben a problemas de conceptualización y medición de la aculturación, la identidad, y sus componentes. En esta línea recogemos aquí las sugerencias de Chun, Organista y Marín (2003):

1. Deben contemplarse no sólo el *grado de conocimiento de las diferentes culturas* sino también las estrategias empleadas para usar dichas habilidades. Por ejemplo, un inmigrante de una familia china tradicional puede relacionarse en su trabajo con personas no chinas, y puede ser clasificado como bicultural, pero qué estrategia empleará dependerá de cada contexto. Un ejemplo más cercano es el de las hijas e hijos de inmigrantes de origen magrebí en España que puede mantener comportamientos diferentes en casa o fuera de ella en la escuela o con sus amigos/as.
2. El *coste de la aculturación*: la socialización en dos culturas tiene un coste para el individuo, especialmente cuando se pertenece al grupo de categoría inferior. De modo que la aculturación puede tener beneficios en un área y costos en otra.
3. *¿Qué dimensiones son importantes en el proceso de aculturación?* Sabemos que la aculturación o asimilación en los roles (la identidad conductual) es muy rápida “la lengua de origen se pierde generalmente en una generación”, mientras que los aspectos afectivos son más duraderos y cambian menos por la exposición a la sociedad de acogida. La transculturación afecta de manera diferencial a los siguientes

aspectos: las prácticas culturales, la auto-categorización, la identificación subjetiva, los valores culturales generales y específicos, la socialización y la familia, el auto concepto y la identidad personal.

4. Otra cuestión esencial es *la posición que ocupa el grupo de origen, su status minoritario*. Muchas de las consecuencias negativas de la aculturación (por ejemplo el alcoholismo entre indígenas americanos) se explican por los prejuicios y la discriminación social, y no tanto por las diferencias culturales existentes entre los grupos.



2

Adaptación sociocultural de inmigrantes brasileños en el País Vasco: Bienestar y aculturación.

de Luca, S., Bobowik, M., & Basabe, N. (2011).
Adaptación sociocultural de
inmigrantes brasileños en el País Vasco:
Bienestar y aculturación.
Revista de Psicología Social, 26(2), 275-294

ADAPTACIÓN SOCIOCULTURAL DE INMIGRANTES BRASILEÑOS EN EL PAÍS VASCO: BIENESTAR Y ACULTURACIÓN

RESUMEN

Esta investigación ha examinado el proceso de adaptación sociocultural de los inmigrantes y su relación con la adaptación psicológica y las estrategias de aculturación. Se entrevistó 91 inmigrantes brasileños en el País vasco. Se midieron las dificultades de adaptación sociocultural a través de la escala SCAS, las dificultades socio-económicas, afectividad (PNA), la calidad de vida relacionada con la salud (CVRS-SF-12), la satisfacción con la vida, el control percibido, la confianza interpersonal, así como el apoyo social, de personas de país de origen y de acogida, y las estrategias de aculturación (conductas y actitudes). Se hallaron dos dimensiones de la adaptación sociocultural: el “aprendizaje cultural y comunicación”, y el “manejo de la distancia social”. Las dificultades socioculturales son mayores al inicio del proceso de adaptación, disminuyendo con el tiempo de estancia, y se asocian a las dificultades socio-económicas, al apoyo social, al bienestar hedónico y al control percibido. La separación conductual se relaciona con más problemas de adaptación sociocultural, mientras que a nivel actitudinal la marginación dificultaría el aprendizaje cultural y la comunicación. Se confirma la existencia de dos tipos básicos de dificultades de adaptación, del rápido aprendizaje sociocultural, así como de los factores protectores.

PALABRAS CLAVE: adaptación sociocultural, bienestar subjetivo, aculturación.

ABSTRACT

This study examined the process of socio-cultural adaptation in immigrants, and its relation with psychological adjustment and acculturation strategies. A total of 91 Brazilian immigrants in the Basque Country were interviewed. Measured variables included socio-cultural adaptation difficulties (SCAS), socio-economic difficulties, affectivity (PNA), health-related quality of life (CVRS-SF-12), life satisfaction, perceived control, interpersonal trust, social support from host society and co-nationals, and acculturation strategies (behaviour and attitudes). Two dimensions of socio-cultural adaptation were found: “cultural learning and communication” and

“social distance management”. Socio-cultural difficulties were greater at the beginning of the adaptation process, decreasing over the length of residence, and were associated with socio-economic difficulties, social support, hedonic well-being, and perceived control. Finally, whereas behavioural separation was related to more socio-cultural adaptation problems, at the attitudinal level marginalization impeded cultural learning and communication. These findings confirm the existence of two basic types of adaptation, fast socio-cultural learning, as well as protective factors.

KEYWORDS: socio-cultural adaptation, subjective well-being, acculturation.

1. INTRODUCCIÓN

Dificultades de adaptación sociocultural

La persona que abandona su cultura de origen y se ve "rodeada" por normas, valores y costumbres que al menos en parte reconoce como distintas a las suyas, intenta, por distintos motivos y en mayor o menor medida, adaptarse a nuevo contexto cultural. Este ajuste a una nueva cultura implica fundamentalmente tres aspectos: a) la *adaptación psicológica*, que consiste en mantener una buena balanza de afectos, satisfacción personal con el nuevo medio cultural y su aceptación; b) el *aprendizaje cultural*, concebido como la adquisición de las habilidades sociales que permiten manejarse en la nueva cultura, así como desarrollar conductas que facilitan establecer buenas relaciones con las personas de la sociedad de acogida, y c) la *realización de las conductas* adecuadas para la resolución exitosa de las tareas sociales (Moghaddam, Taylor & Wrigth, 1993).

De manera similar, Bochner (2003) planteó un modelo ABC (*Affect, Behavior, Cognition*) de contacto cultural, donde el componente afectivo (A) correspondería a los indicadores principales de la adaptación psicológica, mientras que el componente conductual (B) y cognitivo (C) se refieren a la adaptación sociocultural. Tal y como se propone en dicho modelo, los tres componentes están vinculados entre sí. La adaptación psicológica y sociocultural a nueva cultura están relacionadas, aunque manifiestan cierta autonomía: muestran diferentes patrones de evolución temporal y son explicadas por diferentes factores psicosociales (Chun, Organista & Marín, 2003; Smith & Bond, 1999; Ward, Bochner & Furnham, 2001).

La *adaptación sociocultural* se entiende como un proceso de aprendizaje social y se refiere a las habilidades sociales, capacidad de “integrarse bien” o de manejar diferentes aspectos de la cultura de acogida (Ward & Kennedy, 1993). Se evalúa a través de las dificultades de interacción social experimentadas en la nueva sociedad y se asocia positivamente al tiempo de residencia, a una buena capacidad lingüística, a las estrategias de aculturación, a un alto contacto con los autóctonos, a una menor distancia cultural, como también a mayor conocimiento cultural (Searle & Ward, 1990; Ward y Kennedy, 1993, 1999; Ward & Searle, 1991, Basabe, Zlobina & Páez, 2004; Zlobina, Basabe, Páez & Furnham, 2006). Por ejemplo, los resultados obtenidos en nuestro contexto cultural en la población inmigrante eran parecidos a

los de estudios realizados en otras culturas, confirmando la existencia de factores predictores de adaptación sociocultural de carácter universal. El tiempo de residencia, la discriminación percibida, la legalidad de residencia, el contacto con autóctonos, el apoyo recibido de su parte, la distancia cultural percibida y la educación predecían la adaptación sociocultural (Basabe, Páez, Aierdi, & Jiménez-Aristizabal, 2009; Basabe, et al. 2004, Zlobina, et al. 2006). Entre estos predictores, los tres primeros pueden considerarse como más relevantes e independientes o semi-independientes del contexto cultural.

Como se ha mencionado previamente, el ajuste sociocultural está compuesto por dos elementos: cognitivo y conductual. En su estudio, Ward y Kennedy (1999) confirmaron que la adaptación sociocultural presentaba una estructura bidimensional. El *factor cognitivo*, llamado por los autores "Empatía Cultural y Relacionalidad", se refiere a entender la cultural local, sus valores y puntos de vista, y a la comunicación interpersonal, hacer amigos y hacerse entender. Por otro lado, el *factor conductual*, denominado "Esfuerzos y Riesgos Impersonales", concierne al manejo de las situaciones impersonales relacionadas con la burocracia o la autoridad, y de las situaciones especiales, como recibir servicio insatisfactorio o tener contacto con gente desagradable. En este estudio nos interesaba verificar si la adaptación sociocultural presentaba la misma estructura en otro tipo de contexto cultural, en concreto, para los brasileños en el País Vasco.

Respecto al factor temporal, inicialmente se planteaba que la adaptación a la nueva cultura era un proceso lineal: a mayor tiempo de estancia en la nueva sociedad aumentaba el bienestar subjetivo, había mayor contacto con miembros del país de acogida, mayor identificación con éste y mayor acuerdo con sus valores (LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993). Sin embargo, algunos autores cuestionaron esta progresión lineal y se planteó un modelo en "U" donde la adaptación sería superior al inicio, por la novedad y el entusiasmo del emigrante al ingresar en una nueva cultura. Con el tiempo, al enfrentarse con las limitaciones del idioma o a las dificultades de interacción con los miembros de la cultura de acogida, y habiéndose desvanecido el estímulo de la novedad, la adaptación disminuiría. Con el paso del tiempo la persona habrá comenzado a aprender y a aceptar las nuevas costumbres, hábitos y valores, tornándose capaz de afrontar su nuevo medio social y sentirse mejor (Sabatier & Berry, 1994; Moghaddam, et al. 1993). No obstante, la investigación sistemática ha cuestionado el modelo curvilíneo, apuntando que la primera fase de la emigración tiene generalmente una tonalidad afectiva negativa y que paulatinamente los inmigrantes se adaptan al medio. El ciclo de adaptación sigue una progresión monótona, como por ejemplo el aprendizaje de habilidades, al comienzo se presenta mal y de manera gradual y progresiva va mejorando (Ward, 1996; Ward, et al. 2001). Varios estudios longitudinales (Ward & Kennedy, 1999; Ward, Okura, Kennedy & Kojima, 1998) confirmaron que las mayores dificultades de adaptación sociocultural suelen presentarse al inicio de la estancia, cuando los problemas se muestran de manera más intensa, y esta tendencia es independiente del origen o estatus en la cultura de acogida (inmigrante, refugiado, residente temporal o estudiantes internacionales).

En resumen, el primer objetivo de este estudio es analizar la estructura de constructo de la adaptación sociocultural, mientras que en el segundo paso se examina el proceso de

adaptación sociocultural en el tiempo, verificando si con el paso del tiempo el nivel de dificultades socioculturales disminuye.

Bienestar subjetivo como indicador de adaptación psicológica de inmigrantes

En contraste a la adaptación sociocultural, la *adaptación psicológica* se puede considerar que sigue una lógica de afrontamiento a hechos estresantes. La psicología positiva ha adoptado diferentes conceptos para definir y medir el ajuste psicológico (Vázquez & Hervás, 2009). Se distinguen dos dimensiones: la hedónica y la eudaimónica (Keyes, Ryff, & Smothkin, 2002). La primera perspectiva se centra en el hedonismo y la búsqueda del placer. Desde la segunda visión, la perspectiva de Ryff, la psicología del bienestar se y en el desarrollo de las capacidades y el crecimiento personal. Este estudio recoge estas dos facetas del bienestar subjetivo, la dimensión *hedónica* (salud percibida, balanza de afectos definida como un predominio de afecto positivo sobre negativo, percepción de satisfacción con la vida) y la *eudaimónica*, con la percepción de control y las relaciones positivas con otros, representadas en este caso por la confianza y el apoyo percibido de los demás.

La adaptación psicológica está influida por rasgos de personalidad (flexibilidad), sucesos vitales de cambio, el apoyo social (Ward & Kennedy, 1993; 1999), la fuerte identificación con el país de acogida, la calidad de las relaciones interpersonales, la soledad o el locus de control (Ward & Rana-Deuba, 2000), como también las relaciones satisfactorias con los autóctonos (Moghaddam, et al. 1993). Desde un enfoque local, los hallazgos sobre los predictores de adaptación psicológica de los inmigrantes en el País vasco son congruentes con los encontrados en estudios internacionales (Basabe, et al. 2009). Por ejemplo, el apoyo social cumplía un papel protector para la salud y los estados afectivos. Por otro lado, la percepción de discriminación y del prejuicio es un factor de vulnerabilidad para el bienestar y la salud, siendo un factor específico para la población inmigrante.

Si bien varios estudios mostraron que existe un vínculo entre dos tipos de adaptación (Ward & Kennedy, 1999; Ward & Rana-Deuba, 1999), no obstante no hay muchos estudios que informan sobre la relación entre la adaptación sociocultural y bienestar subjetivo en los inmigrantes, incluyendo componentes hedónicos y eudaimónicos, considerando su dimensionalidad en el continuo intra-versus interpersonal, como también teniendo en cuenta la salud física y mental del inmigrante. Por eso, el siguiente objetivo de este estudio es analizar cómo se asocian estas dos dimensiones de la adaptación a una nueva cultura en la población inmigrante brasileña en el País Vasco. Por otro lado, hemos considerado interesante analizar cómo la adaptación sociocultural difiere según el tipo de estrategia de aculturación adoptada por las personas inmigrantes.

Estrategias de aculturación como afrontamiento de emigración

Existen diversas perspectivas respecto a la definición del concepto de aculturación, sus dimensiones y formas de medida (Chun, et al. 2003), lo que influye en los resultados que se obtienen a lo largo de las investigaciones sobre aculturación, ajuste psicosocial y salud. La

aculturación es un constructo multidimensional, por lo que una de las cuestiones relevantes trata de dilucidar cuáles son dichas dimensiones y cómo pueden medirse.

La aculturación es un proceso del cambio cultural y psicológico que resulta del continuo contacto entre las personas procedentes de diferentes culturas (Sam & Berry, 2006).

Para conseguir unos niveles satisfactorios de adaptación psicológica y sociocultural la gente utiliza diferentes estrategias de aculturación, que integran el componente actitudinal y el conductual. Las estrategias surgidas del modelo bidimensional propuesto por Berry (1974, 1980 citado en Bourhis, Moïse, Perreault & Senécal, 1997) se relacionan con el grado de identificación tanto con el país de origen como de acogida. Las cuatro estrategias de adaptación a nueva cultura son: biculturalismo, separación, asimilación y marginalización (Berry, 2001; Berry, Phinney, Sam & Vedder, 2006; Sam & Berry, 2006). Esas cuatro estrategias se han encontrado entre los inmigrantes en numerosos estudios (Ben-Shalom & Horenczyk, 2003; Flannery, Reise & Yu, 2001; Khrishnan & Berry, 1992), que en orden de importancia en general van de la actitud de biculturalismo, la segregación, la asimilación hasta la marginalización (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2003).

Igualmente, es importante diferenciar los ámbitos y esferas de socialización, ya que las personas cambian sus estrategias en función del contexto y rol. Tal como han mostrado Navas, et al. (2004) las estrategias de aculturación (reales e ideales) de los inmigrantes son la asimilación y la bicultural en las esferas públicas (ámbitos político, tecnológico y económico), mientras se desea y mantiene la separación en las esferas de los valores y del ámbito privado familiar (ámbitos familiares, sociales, en creencias religiosas y formas de pensar). En este trabajo, nos interesa especificar las estrategias aculturativas a nivel de las actitudes y conductas. En el caso de las actitudes de aculturación, se analizarán las esferas privadas, ya que éstas han resultado ser más relevantes para las dificultades de adaptación sociocultural. En el contexto cultural local y en la esfera privada era preferida la estrategia bicultural (47%), seguida de la de separación (37%), mientras que se manifestaba una mayor homogeneidad en las actitudes (en general asimilacionistas) hacia la sociedad de acogida en las esferas públicas (Aierdi, Blanco & Basabe, 2008; Basabe, et al. 2009).

Impacto de la emigración: estrés aculturativo y bienestar

Las distintas estrategias de adaptación a la cultura huésped tienen consecuencias psicosociales sobre las personas y sus grupos sociales. El estudio de diferentes tipos de aculturación se vinculó al concepto de estrés aculturativo. Berry (Williams & Berry, 1991) definió el estrés de aculturación como ansiedad, depresión, sentimientos de marginalidad y alienación, síntomas psicossomáticos y confusión de identidad.

El estrés es más intenso para los que adoptan una estrategia de marginalización y menor entre los biculturales (Khrishnan & Berry, 1992; Smith & Bond, 1999). Estudios recientes en diversos países europeos confirman el mejor ajuste psicosocial de la estrategia bicultural en jóvenes (Berry, et al. 2006). Otro estudio con la participación de inmigrantes en Francia demuestra que los que adoptan la estrategia de separación sufren mayor malestar (soledad y depresión) que los que prefieren la estrategia de asimilación (Abu-Rayya, 2007). Asimismo, en el

País vasco (Basabe, et al. 2009) se halló que las actitudes de aculturación biculturales se asociaban a una mejor balanza emocional, mientras que las de marginación se relacionaban con una peor balanza, especialmente teniendo en cuenta los ámbitos privados de aculturación. Es en las esferas privadas donde los inmigrantes crean sus vínculos y redes de apoyo, donde puede reforzarse y mantenerse el bienestar emocional.

En términos generales, según Berry, la integración o el biculturalismo se asocian a una mejor adaptación y a un menor estrés. Un estudio de Ward y Kennedy (1994) sobre la relación entre la aculturación y adaptación sociocultural encontró patrones de interrelación similares, demostrando que no se trata solamente de la asociación entre aculturación y el ajuste psicológico, sino también entre aculturación y adaptación sociocultural. La fuerte identificación con el país de acogida tenía un efecto positivo en la adaptación a nivel sociocultural, mientras que la identificación con el país de origen no mostraba efecto. En cuanto a las estrategias de aculturación, las mayores dificultades de adaptación sociocultural se hallaron en los separados y las menores en los asimilados y biculturales, mientras que los marginalizados exhibían los niveles intermedios. Ward y Rana-Deuba (1999) encontraron que una mejor adaptación sociocultural se asociaba, como en el estudio anterior, a una táctica de fuerte identificación con el país de acogida, es decir, a una estrategia asimilacionista. Sin embargo, los que optaron por la separación étnica no diferían de otros grupos. Por otro lado, la identificación con el país de origen se asociaba a mejor ajuste psicológico. Finalmente, en nuestro contexto (Basabe, et al. 2009) se encontraron patrones de interrelación muy similares, aunque en este caso tanto las personas que optaron por la separación como las que preferían la marginación experimentaron algo más estrés que los biculturales y los asimilados. Las dificultades socioculturales (trámites de documentación, vivienda, y asistencia sanitaria) eran especialmente evidentes en el caso de la separación impidiendo su integración social objetiva.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESIS

En esta investigación se contrastaron las siguientes hipótesis: *Hip.1:* El constructo de adaptación sociocultural mostrará una estructura bidimensional, con un componente vinculado a la cognición y la comunicación, y otro relacionado con las situaciones impersonales (Ward & Kennedy, 1999). *Hip.2:* Se espera que el nivel de dificultades socioculturales sea mayor en los primeros meses de residencia en el país de acogida (hasta un año - Tiempo 1) en comparación con el momento actual de residencia (Tiempo 2). *Hip.3:* Las dificultades de adaptación sociocultural se asociarán al bienestar: a mayores dificultades socio-económicas, menor bienestar hedónico (afectividad, salud, física y mental y satisfacción con la vida, y menor bienestar eudaimónico (percepción de control, confianza interpersonal y apoyo social). *Hip.4:* El proceso de adaptación sociocultural diferirá según la estrategia de aculturación adoptada. Se espera que los biculturales y asimilados demostrarán un grado mayor de adaptación sociocultural en comparación con los separados y marginados.

3. MÉTODO - PROCEDIMIENTO

3.1. PARTICIPANTES

En este estudio participaron 91 personas inmigrantes procedentes de Brasil y residentes en el País Vasco (Vitoria/Gasteiz). Las mujeres constituyeron el 56% de la muestra. La edad media era de 39,1 años ($SD = 11,64$), mientras que el tiempo de residencia medio era de 8 años ($SD = 3,15$). La mayoría era de origen caucasiano (91%) y de religión católica (79%). La gran mayoría de la muestra tiene el estatus administrativo regularizado (92%), siendo 59% nacionalizado. Sólo 8% de los participantes no tiene permiso de residencia en España. De manera similar, la mayoría de los participantes trabaja (72%), 13% de la muestras son amas de casa, mientras que 8% estudia. Los ingresos mensuales de la unidad familiar de 57% de la muestra son mayores que 1800 euros, y el 36% tiene ingresos menores que 1800 euros. Respecto a nivel educativo, 54% tiene formación secundaria (completa o incompleta), 29% formación universitaria incompleta, y 14% - universitaria completa. En cuanto al estado civil de los participantes, 69% de ellos eran casados, 25% - solteros y 6% se separados. Además, 15% de las parejas tiene nacionalidad española, 45% - de nacionalidad brasileña, y 76% vive con los familiares. Sesenta y seis por ciento de los participantes emigraron acompañados: 49% emigró con su pareja, 42% - con sus hijos, y 14% - con sus padres.

El estudio se basó en un diseño transversal retrospectivo, en el cual los participantes respondían una Escala de Adaptación Sociocultural en referencia a su situación actual y en referencia a sus experiencias durante su primer año de residencia en el País Vasco y España. Asimismo, evaluaban su nivel de bienestar referido al momento actual (de pasación del cuestionario).

3.2. INSTRUMENTOS

Adaptación sociocultural y dificultades

Se revisaron las escalas originales de SCAS creada por Furnham y Bochner (1982, en Ward, et al. 2001) y la adaptación posterior de Ward y Kennedy (1999). Entre ambas, contemplaban un total de 52 ítems diferentes. Se tradujo al castellano y se realizó un estudio piloto con la versión SCAS-52 a una muestra de 356 residentes en el País Vasco (estudiantes internacionales, residentes extranjeros, inmigrantes, y vascos que viajaron a países extranjeros; Ángel, 2007). Como resultado de este estudio exploratorio se creó esta nueva escala reducida a 19 ítems (véase instrumentos), con un rango de respuesta de 1 = *ninguna dificultad* a 5 = *extrema dificultad*.

Dificultades socio-económicas

Se aplicó un indicador de dificultades socio-económicas, sumatorio de los 8 ítems, con un rango de respuesta de 1=*nada* a 5=*mucho* (Basabe, et al. 2009). Se contemplaban las dificultades experimentadas durante el último año en los ámbitos como la tramitación de documentos (ej.: “tramitar documentación para la residencia en España”), el trabajo (p.ej., “conseguir el trabajo que quería”), la vivienda (p.ej., “obtener / alquilar vivienda”), y los servicios sociales (p.ej., “obtener asistencia médica o social”). El coeficiente de fiabilidad fue $\alpha = .72$.

PNA de Bradburn

Escala formada por las dimensiones del Afecto Positivo (AP) y Negativo (AN) (Echevarría & Páez, 1989, pp.486 -7), compuestas por 9 ítems cada una, y cuyo formato de respuesta comprendía de 1 = *nunca* a 4 = *casi siempre*. Ambas dimensiones alcanzaron niveles de fiabilidad satisfactorios (AP: $\alpha = .77$; AN: $\alpha = .82$). En el estudio previo con una muestra de inmigrantes en España y la CAPV ($n = 1232$) se obtuvieron coeficientes de fiabilidad $\alpha = .78$ para AP y $\alpha = .79$ para AN.

Cuestionario de Calidad de Vida Relacionada con la Salud CVRS-SF-12

Este instrumento (Ware, Kosinski & Keller, 1996) constaba de 12 ítems con diferentes rangos de respuesta, que explora dos dimensiones: la calidad de vida mental y la calidad de vida física. Se estandarizaron las puntuaciones en función de los valores normativos de la poblacional española, presentándola en una escala de 0 (ninguna calidad de vida) a 100 (máxima calidad de vida), donde 50 constituía la media de la población española. La escala SF12 demostró buenas características psicométricas (Ware, et al. 1996, Ware, Kosinski, Turner & Gandek, 2005). En la muestra de 530 inmigrantes en el País Vasco los índices de fiabilidad fueron $\alpha = .73$ y $\alpha = .67$, y en este estudio $\alpha = .83$ y $\alpha = .79$ para la salud física y mental, respectivamente.

Satisfacción con la vida por dominios

Se evaluó el grado de satisfacción en distintos ámbitos (familia, finanzas, amigos, trabajo, sí mismo, salud y la vida en general), cuyo formato de respuesta era 1 = *muy insatisfactoria* a 10 = *muy satisfactoria*). Esta escala ha sido validada en distintas culturas e idiomas (Diener, Lucas & Oishi, 2005; Lucas, Diener & Suh, 1996). El coeficiente de fiabilidad fue $\alpha = .78$.

Indicadores de Bienestar Subjetivo

Se aplicaron tres preguntas de la Encuesta Mundial de Valores (WVS) (Inglehart, Basáñez, Díez-Medrano, Halman & Luijckx, 2004). *Satisfacción general con la vida*: “¿hasta qué punto está usted satisfecho o insatisfecho con su vida últimamente?” (1 = *totalmente insatisfecho* y 10 = *totalmente satisfecho*). *Control Percibido*: “¿Cuánta libertad de elección y control piensa que tiene en su vida?” (1 = *ninguna libertad* a 10 = *libertad total*). *Confianza interpersonal*: “...se puede confiar en la mayoría de las personas” (1 = *total desacuerdo* a 10 = *total acuerdo*).

Apoyo país origen / acogida

Se incluyeron dos ítems de apoyo social (Basabe, et al. 2004), sobre el apoyo recibido de la sociedad de origen vs. acogida (“¿Se ha sentido apoyado en sus problemas por la gente de su país que vive aquí/ de otros países que vive aquí/ gente del País Vasco?”) (de 1 = *nada* a 5 = *mucho*).

Estrategias de Aculturación

Conducta de Aculturación: Se empleó una escala de seis ítems (Basabe, et al. 2009) sobre las prácticas culturales (p.e., consumo de comida y bebida), la lealtad lingüística (uso de idioma de origen y del español) y los contactos sociales (con quién se pasa el tiempo libre) tanto para las personas del país de origen como para las de acogida (de 1 = *nada* a 5 = *mucho*). En este estudio la escala obtuvo coeficientes de fiabilidad muy altos, tanto para conductas vinculadas al país de origen como de acogida (en ambos casos $\alpha = .99$), mientras que en la muestra aleatoria de 3100 inmigrantes, los coeficientes fueron de $\alpha = .66$ y $\alpha = .75$, respectivamente (Basabe, et al. 2009). *Actitudes de Aculturación*: Se utilizó una escala de actitudes, con dos dimensiones: la referida al deseo de mantener las costumbres de la sociedad de origen y la segunda al deseo de adoptar las costumbres de la sociedad vasca de acogida, en la esfera privada de la familia, las amistades, y las creencias y costumbres religiosas (rango de 1 = *nada* a 5 = *mucho*). Este instrumento es una readaptación del cuestionario de Navas, et al. (2004, p. 288) y para la muestra de este estudio alcanzó consistencia interna de $\alpha = .82$ y $\alpha = .66$ para país de origen y acogida, respectivamente. La fiabilidad de las subescalas de esferas privadas para una muestra aleatoria de inmigrantes en la CAPV ($n = 3100$) fueron para país de origen: $\alpha = .71$ y para país de acogida: $\alpha = .70$ (Basabe, et al. 2009). Se crearon las cuatro categorías de estrategias de aculturación, en conducta y actitudes, en función de las puntuaciones de las medianas de las escalas respecto al país de origen versus de acogida (sumatorio de conductas y de actitudes), de modo que los biculturales puntuaban alto en origen y acogida, los separados alto en origen y bajo en acogida, los asimilados bajo en origen y alto en acogida, y los marginados bajo en ambas.

Procedimiento

Los brasileños residentes en el País vasco fueron reclutados por medio de los contactos con asociaciones culturales de Brasil y Latinoamérica en el País vasco (Asociación latinoamericana ACULCO, Asociación Brasileña, Misiones Diocesanas-Vitoria). Las entrevistas fueron realizadas por personal entrenado. El cuestionario fue traducido al portugués por una componente del equipo de investigación proveniente de dicho país y experta en este campo de investigación.

El análisis de los datos ha sido realizado mediante el programa SPSS-versión 17 para Windows. Se emplearon estadísticos paramétricos descriptivos, análisis factorial exploratorio, correlaciones parciales y análisis de varianza (ajustando por sexo y dificultades de adaptación en Tiempo 1), y se estableció un nivel de error de $p = .05$ para todos los análisis.

4. RESULTADOS

Las estructura de la Escala de Adaptación Sociocultural – el análisis factorial

La estructura del instrumento que mide adaptación sociocultural fue examinada a través de análisis factorial exploratorio. Teniendo en cuenta los resultados obtenidos por Ward y Kennedy (1999), esperábamos obtener una estructura compuesta de dos factores, aunque estos autores analizaron una versión del cuestionario compuesto por 29 ítems (quedándose con 20 ítems), mientras que en este estudio aplicamos una versión de 19 ítems (fruto del estudio previo de adaptación de la escala a nuestro medio; Ángel, 2007). La medida de adecuación muestral alcanzó un nivel de .86, demostrando alta intercorrelación entre los ítems en el análisis. En consecuencia, y dados los resultados de estudio Ward y Kennedy con dos factores (cognitivo y conductual), el total de 19 ítems se sometieron a análisis factorial con la rotación oblicua y con dos factores forzados. Los resultados obtenidos demostraron que el Factor 1 explicaba 39,3% de la varianza total (autovalor = 7.46), mientras que el Factor 2 explicaba 9,8% de la varianza (autovalor = 1.86). Los pesos factoriales de cada ítem en cada factor se presentan en la Tabla 1, siendo seleccionados los valores mayores de $\geq .30$. Además, el análisis de fiabilidad de alpha de Cronbach proporcionó datos sobre alta consistencia interna de las dimensiones y de la escala en total. En Tiempo 1, la escala alcanzó $\alpha = .91$ en el Factor 1, $\alpha = .74$ en el Factor 2, y $\alpha = .91$ en total. En Tiempo 2, los índices de fiabilidad eran de .80, .66, y .91, respectivamente.

Los resultados de análisis factorial confirmaron la existencia de la estructura bidimensional dentro del constructo de adaptación sociocultural, de manera similar a lo propuesto en su trabajo por Ward y Kennedy (1999).

La primera dimensión (Factor 1) está vinculada a los aspectos cognitivos y de comunicación. Los ítems que pesan más en este factor se refieren al aprendizaje cultural o choque cultural (acostumbrarse al ritmo de vida, a la comida, al clima, comprender el punto de vista de la cultura local, practicar sus creencias religiosas, vivir lejos de familia), como también a la comunicación (hacerse entender, ir de compras, entender las bromas, entender

el acento local, hacer amigos, ir al médico). Correspondería a la dimensión de Empatía Cultural y Relaciones, según Ward y Kennedy (1999). Aquí se denominó Aprendizaje Cultural y Comunicación (ACC) y se consideró equivalente al segundo aspecto de la adaptación propuesto por Moghaddam, et al. (1993).

Tabla 1. **Escala de Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS). Análisis factorial exploratorio**

ÍTEMS DE LOS FACTORES	COMPONENTE	
	1	2
Factor 1: Aprendizaje Cultural y Comunicación		
Acostumbrarse al ritmo de vida	.84	
Hacerse entender	.78	
Acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto	.78	
Ir de compras	.78	
Afrontar el clima	.75	
Entender las bromas y el sentido del humor de las personas autóctonas	.73	
Tratar con la burocracia	.72	
Entender el acento local, la lengua, el idioma	.69	
Hacer amigos nativos (autóctonos)	.60	
Comprender el punto de vista de la cultura local	.60	
Acudir a lugares de culto religioso, practicar sus creencias religiosas	.50	
Vivir lejos de su familia	.47	
Ir al médico	.42	.39
Factor 2: Manejo de interacciones sociales y situaciones difíciles		
Tratar con personas de mayor estatus que usted		.80
Relacionarse con personas del otro sexo		.74
Tratar con personas que lo miran fijamente		.70
Ser entrevistado para algo		.53
Tratar con alguien que es desagradable, malhumorado o agresivo		.52
Conocer a personas desconocidas y que le presenten a nuevas personas	.39	.50

Nota. Análisis Factorial Exploratorio (Análisis de Componentes Principales), rotación oblicua (Oblimin), selección de pesos factoriales $\geq .30$

La segunda dimensión tiene carácter más conductual y abarca los ítems relacionados con el manejo de interacciones interpersonales, en especial en situaciones consideradas difíciles, como las vinculadas a las relaciones jerárquicas o de distancia interpersonal (tratar con personas de mayor estatus, relacionarse con personas de otro sexo, tratar con los que miran fijamente, ser entrevistado, tratar con alguien desagradable, conocer a personas desconocidas). Esta dimensión, denominada Manejo de Distancia Social (MDS), corresponde al factor encontrado por Ward y Kennedy (1999) de los Esfuerzos y Riesgos Impersonales, como también a la tercera dimensión de Moghaddam, et al. (1993), llamada realización de las conductas adecuadas para la resolución exitosa de las tareas sociales.

El cambio en la adaptación sociocultural en el tiempo

Teniendo definida la estructura del concepto de adaptación sociocultural (SCAS) de los inmigrantes, se analizaron las diferencias en la adaptación sociocultural en dos momentos temporales, en referencia a su situación actual (Tiempo 2) y en referencia a sus experiencias durante el primer año de su residencia en el País Vasco (Tiempo 1). Se aplicó ANOVA de medidas repetidas con un factor de dos niveles (Tiempo 1 y Tempo 2). Los resultados de este análisis están expuestos en la Tabla 2.

Todos los efectos encontrados, tanto a nivel de puntuación total en la escala, por las dos dimensiones (puntuaciones factoriales), como para cada de los ítems de la escala, fueron estadísticamente significativos e indicaban que el nivel de dificultades socioculturales bajó en el grupo con el tiempo. Como informa la Tabla 2, el tamaño del efecto fue mayor en la dimensión ACC que para MDS. Por lo que se refiere a los ítems dentro de cada factor (organizados en la tabla según el tamaño del efecto), en ACC las diferencias fueron mayores para los ítems relacionados con la comunicación y con acostumbrarse a una nueva cultura, mientras que en MDS había diferencias de mayor tamaño en los ítems vinculados a las situaciones estresantes y que requieren la adaptación a las normas sociales deseadas en el nuevo contexto cultural. Las diferencias fueron menores en el caso de ítems tales como hacer amigos autóctonos o acudir a lugares religiosos (ACC), o tratar con personas que miran fijamente y de mayor estatus (MDS).

Tabla 2. **Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS): análisis de medidas repetidas (Tiempo 1vs. Tiempo 2)**

Dimensión o ítem	T1 M(E.T.)	T2 M(E.T.)	F	η^2 parcial
SCAS TOTAL	2.99 (.08)	1.78 (.05)	368.45*	.80
Dimensión: Aprendizaje Cultural y Comunicación	3.12(.09)	1.75 (.05)	351.94*	.80
Entender las bromas y el sentido del humor de las personas autóctonas	3.83 (.13)	2.05 (.10)	232.57*	.72
Hacerse entender	3.42 (.13)	1.70 (.08)	244.17*	.73
Entender el acento local, la lengua, el idioma	3.36 (.13)	1.65 (.08)	199.62*	.70
Acostumbrarse al ritmo de vida	3.27 (.14)	1.42 (.08)	161.28*	.64
Hacer amigos nativos (autóctonos)	3.40 (.13)	1.94 (.10)	153.14*	.63
Afrontar el clima	3.78 (.14)	2.27 (.11)	151.23*	.63
Comprender el punto de vista de la cultura local	3.04 (.13)	1.67 (.09)	149.60*	.62
Acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto	2.98 (.14)	1.33 (.08)	136.73*	.60
Ir de compras	2.27 (.12)	1.13 (.04)	94.54*	.51
Tratar con la burocracia	3.10 (.13)	2.13 (.11)	86.15*	.49
Ir al médico	2.29 (.12)	1.24 (.06)	81.27*	.47
Vivir lejos de su familia	3.88 (.12)	2.83 (.13)	77.06*	.46
Acudir a lugares de culto religioso, practicar sus creencias religiosas	1.91 (.13)	1.33 (.08)	30.82*	.25
Dimensión: Manejo de Distancia Social /Jerarquía	2.73 (.08)	1.85 (.06)	195.07*	.68
Ser entrevistado para algo	2.90 (.13)	1.53 (.08)	121.40*	.57
Conocer a personas desconocidas y que le presenten a nuevas personas	3.01 (.13)	1.90 (.10)	116.10*	.56
Tratar con alguien que es desagradable, malhumorado o agresivo	3.27 (.19)	2.37 (.12)	66.43*	.42
Relacionarse con personas del otro sexo	2.05 (.11)	1.38 (.07)	63.33*	.41
Tratar con personas que lo miran fijamente	2.74 (.13)	2.10 (.12)	44.34*	.33
Tratar con personas de mayor estatus que usted	2.40 (.12)	1.81 (.10)	42.01*	.32

Nota. Medias Marginales Estimadas y efectos principales, Tiempo 1=hasta 1 año de residencia en Tiempo2=más de 1 año de estancia en España; * $p \leq .001$

La adaptación sociocultural y bienestar

Se analizó la relación entre los dos tipos de adaptación en el momento actual, controlando los niveles iniciales (SCAS en Tiempo 1). Dado que los análisis iniciales demostraron que existían diferencias significativas en la adaptación sociocultural en el Tiempo 2 entre los hombres y mujeres, se introdujo también la variable de sexo como una covariable adicional.

Como se presenta en la Tabla 3, el total de dificultades de la adaptación sociocultural correlacionan positiva y más fuertemente con las dificultades socio-económicas, mientras que se relacionan negativamente con el apoyo social de las personas del país de acogida, la satisfacción con la vida por dominios y en general, y también la afectividad positiva y el control percibido. Respecto a la balanza de afectos, el afecto negativo, la confianza y los dos componentes de la calidad de vida relacionada con la salud (física y mental), no había asociaciones estadísticamente significativas, siendo el resultado para la balanza de afectos marginalmente significativo ($p < .10$). Examinando las mismas relaciones en cada una de las dimensiones de SCAS, las asociaciones entre la adaptación sociocultural y psicológica eran parecidas a las encontradas a nivel de puntaje total. Los resultados para la dimensión MDS diferían más. Ambas dimensiones se asociaban a más dificultades socio-económicas (con más fuerza ACC) y a menor afecto positivo. La dimensión ACC se asociaba negativamente a menor confianza interpersonal, menor satisfacción con la vida en general y en los distintos dominios o esferas y menor apoyo social percibido de las personas autóctonas. La dimensión MDS se asociaba a la percepción de control y libertad en la propia vida. En conclusión, dentro del proceso de adaptación sociocultural, las dos dimensiones previamente encontradas a través del análisis factorial demuestran distintos patrones de relación con el bienestar.

Tabla 3. *Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS tiempo 2) y Bienestar: Correlaciones*

Dimensión o ítem	Aprendizaje Cultural y Comunicación	Manejo de Distancia Social	SCAS TOTAL
Dificultades Socio-económicas	.42***	.26**	.41***
Afecto Positivo	-.18 ^{&}	-.20 ^{&}	-.22*
Afecto Negativo	.12	.05	.10
Balanza de Afecto	-.17 ^{&}	-.14	-.19 ^{&}
Componente Físico de Salud	-.15	-.06	-.14
Componente Mental de Salud	.11	.00'	.08
Control Percibido	-.16	-.22*	-.20*
Confianza	-.20 ^{&}	-.01	-.17
Satisfacción con la Vida (general)	-.23*	-.17 ^{&}	-.24*
Satisfacción con la Vida (por dominios)	-.30***	-.05	-.25**
Apoyo de las Personas del País de Origen	.07	.03	.07
Apoyo de las Personas del País de Acogida	-.33***	-.16	-.32***

Nota. Correlaciones fueron parcializadas por sexo y nivel de adaptación sociocultural en el Tiempo 1. Prueba bilateral. $n = 87$. *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$; [&] $p \leq .10$.

Adaptación sociocultural y estrategias de aculturación

En la última, etapa de los análisis se realizaron comparaciones de cuatro grupos de los inmigrantes, formados según las estrategias de aculturación adoptadas por ellos. Se analizaron dos modelos separados de análisis de covarianza, con las estrategias de aculturación tanto a nivel de las actitudes en la esfera privada, como también a nivel conductual. Los resultados de ANCOVA (con ajuste de Tiempo 1 y sexo) indicaron que había diferencias estadísticamente significativas entre los grupos tanto a nivel actitudinal como conductual, pero sobre todo en el caso de la dimensión ACC (Tabla 4 y 5), y más en la conducta que en las actitudes. En la dimensión MDS no había diferencias estadísticamente significativas, mientras que el efecto fue significativo en el puntaje total para las conductas de aculturación (prácticas culturales) y marginalmente significativas ($p \leq .10$) para las actitudes en las esferas privadas.

Para examinar en detalle las diferencias entre los cuatro grupos, se realizó un análisis *post hoc* de comparaciones múltiples (diferencia mínima significativa). Para las conductas de aculturación, las medias presentadas en la Tabla 4 sugieren que los que experimentaron mayores dificultades de adaptación sociocultural en total fueron los separados, seguidos de los marginados, mientras que las menores dificultades las tenían los biculturales y los asimilados. Los separados diferían significativamente de los biculturales y los asimilados, mientras que los marginados demostraban mayores niveles de dificultad de adaptación en comparación con los asimilados y, marginalmente, en comparación con los biculturales ($p \leq .10$). Considerando las diferencias en las dimensiones de adaptación, otra vez fueron los separados quienes diferían de los biculturales y de los asimilados, pero también ($p \leq .10$) de los marginados, siendo el grupo que exhibió mayor grado de dificultades socioculturales. Además, los marginados mostraban menor puntuación media en contraste con los asimilados. No obstante, estas diferencias se dieron sólo para la dimensión ACC.

Tabla 4. **Dificultades de Adaptación Sociocultural (SCAS) y Conductas de Aculturación: ANCOVA**

	biculturales M(E.T.)	separados M(E.T.)	asimilados M(E.T.)	marginados M(E.T.)	F	η^2
N	24	17	19	31		
SCAS TOTAL	1.67 (.07)	1.99 (.08)	1.64 (.08)	1.84 (.06)	4.61*	.14
Aprendizaje Cultural y Comunicación	1.64 (.07)	2.00 (.08)	1.64 (.09)	1.81 (.06)	5.71**	.17
Manejo de Distancia Social	1.75 (.09)	1.99 (.10)	1.81 (.10)	1.88 (.08)	1.20	.04

Nota. Medias SCAS en tiempo 2 ajustadas por tiempo 1 y por sexo. $n=91$ *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$; & $p \leq .10$. En negrita marcado el grupo que difiere de los otros (comparaciones múltiples DMS)

Por lo que respecta a las actitudes de aculturación (en las esferas privadas), en este caso las mayores dificultades de adaptación sociocultural se produjeron entre los marginados, difiriendo este grupo de los otros tres en la dimensión ACC y en el total de SCAS (se Tabla 5).

Tabla 5. *Dificultades de Adaptación Sociocultural y Actitudes de Aculturación en la Esfera Privada: ANCOVA*

	biculturales M(E.T.)	separados M(E.T.)	asimilados M(E.T.)	marginados M(E.T.)	F	η^2
N	19	16	25	31		
SCAS TOTAL	1.70 (.08)	1.76 (.08)	1.70 (.07)	1.91 (.06)	2.34 ^{&}	.08
Aprendizaje Cultural y Comunicación	1.63 (.08)	1.72 (.09)	1.64 (.07)	1.92 (.07)	3.60**	.11
Manejo de Distancia Social	1.84 (.10)	1.83 (.11)	1.80 (.09)	1.90 (.08)	.22	.01

Nota. Medias SCAS en tiempo 2 ajustadas por tiempo 1 y por sexo. $n = 91$ *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$; [&] $p \leq .10$. En negrita marcado el grupo que difiere de los otros (comparaciones múltiples DMS)

5. DISCUSIÓN

Esta investigación ha examinado el constructo de la adaptación sociocultural en las personas inmigrantes brasileñas residentes en el País Vasco, su dimensionalidad, su sensibilidad al paso del tiempo, y su relación con la adaptación psicológica y con las estrategias de aculturación.

Emergen dos dimensiones dentro del constructo de adaptación sociocultural, a través de análisis factorial realizado. Dicho resultado es congruente con las anteriores propuestas de investigadores (Ward & Kennedy, 1999). La primera dimensión estaba más relacionada con la cognición, en términos de aprendizaje cultural, y también con la comunicación. Este factor denominado en este estudio “Aprendizaje Cultural y Comunicación”, podría considerarse como un elemento “cultural” dentro de la totalidad de dificultades *socioculturales*. Además, es semejante al concepto propuesto por Moghaddam, et al. (1993) del *aprendizaje cultural*, que abarca la adquisición de las habilidades sociales para manejarse en la nueva cultura y la realización de conductas para establecer buenas relaciones con las personas de la cultura de acogida. Por otro lado, constituye una dimensión similar a la de *empatía cultural y relacionalidad* encontrada por Ward y Kennedy (1993). Si bien, la nueva dimensión podría relacionarse con el conocimiento cultural, estos resultados apuntan que existe un vínculo entre problemas socioculturales y aprendizaje sobre la nueva cultura, aunque los trabajos de Ward y colaboradores proporcionan tanto argumentos a favor (Ward & Searle, 1991) como en contra (Ward & Kennedy, 1993). Por otro lado, la segunda dimensión es de carácter conductual y se asocia al manejo de la distancia social o de las situaciones “especiales” y desagradables. Dicha dimensión, llamada “Manejo de la Distancia Social”, se refiere a aspectos tales como conocer a personas desconocidas y de otro sexo, tratar con personas que miran fijamente o relacionarse con personas de mayor estatus. Correspondería al factor conductual “Esfuerzos y Riesgos Impersonales” propuesto por Ward y Kennedy (1999), vinculado a las situaciones impersonales relacionadas la distancia jerárquica (tratar con la burocracia o la autoridad) y manejarse en situaciones desagradables con otros.

Estas dos dimensiones encontradas en este estudio con población brasileña en el País vasco son congruentes con los resultados obtenidos en el mismo contexto (Norte de España) por

medio de una metodología cualitativa fundamentada en grupos de discusión con inmigrantes de distintas procedencias (latinos, africanos y europeos). En este estudio una de las fuentes de estrés de aculturación era la distancia cultural y social. En comparación con sus países de origen se percibía que en España existían menos valores jerárquicos, más igualdad de género, y menos familismo y colectivismo. La principal fuente de estrés aculturativo se refería a aspectos de la “vida social” donde se incluían cuestiones como la noción del tiempo (como la puntualidad), el ritmo de la vida social, las prácticas culturales respecto a la comida, la vestimenta o la higiene personal. En segundo lugar se situaban las diferencias percibidas en distancia jerárquica y de género (González, Ubillos, Bilbao, Techio & Basabe 2009).

Por otro lado, se ha constatado su diferente sensibilidad temporal, de manera que el aprendizaje sociocultural de las personas inmigrantes brasileñas en el País Vasco es más rápido que el manejo de la distancia social. Así, en nuestra población los problemas de adaptación sociocultural disminuyen con el paso del tiempo en general, a la vez que existe variedad en los cambios según las dimensiones de adaptación. Primero, los inmigrantes brasileños se adaptan mejor cuando se trata de los aspectos cognitivos y de comunicación que en el manejo de la distancia social. Segundo, dentro de este componente, son más sensibles al paso de tiempo elementos que podrían relacionarse con el concepto de choque cultural, considerado como la capacidad de mutua comprensión entre los autóctonos y el grupo minoritario o acostumbrarse a las nuevas condiciones de carácter sociocultural. Finalmente, para la dimensión de manejo de jerarquía, más conductual, las dificultades que disminuyen más son aquéllas concernientes a la esfera laboral (ser entrevistado) y a conocer nueva gente. En términos generales, estos resultados obtenidos con la población inmigrante tan específica como los brasileños pueden considerarse congruentes con los obtenidos por otros autores, que demuestran que a mayor tiempo de residencia en el país de acogida menores son las dificultades (Ward & Kennedy, 1993), habiendo más dificultades socioculturales al principio de proceso de adaptación (Ward, et al. 1998; Ward y Kennedy, 1999). En términos más generales, los hallazgos procedentes de estudios longitudinales y llevados a cabo con muestras de migrantes temporales (“sojourners”), los obtenidos en las muestras de inmigrantes en nuestro contexto por Basabe, et al. (2004, 2009) y los de este estudio transversal retrospectivo sugieren que la adaptación sociocultural es un proceso universalmente lineal, aunque la disminución en el nivel de los problemas experimentados puede variar según el país de origen, el contexto de acogida, como también según el componente específico dentro del concepto de dificultad sociocultural. Por lo tanto, es necesaria una investigación con diversos perfiles de inmigrantes y en diferentes contextos culturales para poder concluir sobre el carácter universal del proceso lineal de adaptación.

Asimismo, es importante que ambas dimensiones hayan mostrado su validez discriminante, habiéndose relacionado con indicadores de ajuste social, psicológico y con las estrategias de aculturación.

Las dificultades de adaptación sociocultural tienen una relación importante con las dificultades objetivas de integración (dificultades socio-económicas), que están vinculadas a la integración social objetiva. Eso demuestra que incluso pasado el primer periodo de choque (el primer año de estancia en el país de acogida), las personas inmigrantes brasileñas que se

encuentran menos integradas (con problemas de documentación, vivienda, trabajo, etc.) asimismo tienen dificultades para mantener relaciones sociales con los autóctonos, comprender la cultura local y manejar las situaciones jerárquicas.

Por lo tanto, como se ha mostrado en este estudio con la población brasileña, existe un lazo entre las dificultades de adaptación sociocultural y el bienestar social, entendido como las dificultades socio-económicas. Ambos tipos de dificultades estaban asociadas demostrando que la integración a nivel sociocultural no es necesariamente independiente del estatus socio-económico del inmigrante, siendo estos resultados coherentes con los de estudios previos sobre inmigrantes en el País vasco y España. En el estudio de Basabe, et al. (2004) el estatus de inmigrante funcionaba como uno de los predictores de las dificultades socioculturales, es decir, problemas con la obtención de los permisos de residencia y trabajo en España implicaban más problemas a nivel sociocultural. Además, la relación entre dificultades socioculturales y socio-económicas era en nuestro estudio más fuerte en el caso de la dimensión de aprendizaje cultural y comunicación - que en la segunda dimensión -, indicando que los inmigrantes brasileños con un estatus mejor y más estable son más aceptados por la sociedad de acogida y, en consecuencia, encuentran mayor facilidad para comunicarse y hacer amigos autóctonos.

Por otro lado, las dificultades socioculturales también parecen afectar al bienestar subjetivo y psicológico de los inmigrantes brasileños, al bienestar *hedónico* por su relación con el afecto positivo y la satisfacción con la vida, y al *eudaimónico* porque favorece la integración social, a través de la confianza en los demás y a través de la percepción de apoyo social de los autóctonos, y porque refuerza el sentido de control y libertad personal en la vida.

Tanto el apoyo social, como la afectividad positiva, constituyen señales de buena integración social, lograda como resultado de los esfuerzos invertidos en una efectiva adaptación sociocultural. En los estudios previos (Basabe, et al. 2004; 2009) el apoyo por parte de autóctonos, contacto con compatriotas que viven en el País vasco y las prácticas culturales vascas - los indicadores de integración social - eran predictoras de la afectividad positiva. Dado que estas asociaciones se dan en la dimensión del aprendizaje cultural y comunicación, pero no tanto en el caso del manejo de distancia jerárquica, puede asumirse que al superar los problemas de aprendizaje cultural y de comunicación las relaciones de las personas inmigrantes brasileñas con los autóctonos se convertirían en unas interacciones fluidas y placenteras, los cuales producen emociones positivas y aumentan la percepción de ser apoyado por la gente local. En consecuencia, se formarían y reforzarían las redes sociales del inmigrante en el nuevo contexto cultural. Estos hallazgos pueden considerarse congruentes con los de otros estudios (Basabe, et al. 2004, 2009; Ward & Kennedy, 1993), que demuestran que la cantidad de las interacciones con los autóctonos se relaciona negativamente con el nivel de dificultades sociales experimentadas. Por lo que se refiere a la afectividad, nuestros resultados están en congruencia con los estudios (Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1993) que hallaron una asociación positiva entre la dificultad social y alteraciones de estado afectivo o ajuste psicológico.

Ha de señalarse también que los problemas del manejo de distancia social se relacionan sobre todo con las dificultades socio-económicas y con el control percibido

(asociados también a la adaptación sociocultural en total), mientras que no se asocian al bienestar hedónico, ni al apoyo social. Este resultado es interesante, dado que demuestra, en la población brasileña en el País Vasco, el vínculo entre la dimensión de manejo de distancia social con el concepto de jerarquía y valores de poder, confirmando además los hallazgos del estudio de Basabe, et al. (2009), donde los valores jerárquicos de poder y logro se asociaban positivamente al control percibido. Al enfrentarse a las dificultades relacionadas con la distancia jerárquica, los inmigrantes brasileños en el País Vasco llegan a comprender que su estatus social le impide actuar como un individuo autónomo, independiente y con capacidad de auto-dirigirse. En consecuencia, su percepción de control se encontraría amenazada.

No obstante, las dos dimensiones del proceso de adaptación sociocultural demuestran distintos patrones de relación con el bienestar. La primera dimensión de aprendizaje cultural y comunicación se vincula a la integración social (confianza social y apoyo percibido de autóctonos e integración social objetiva) y por lo tanto con la satisfacción con el proyecto vital y con los distintos dominios, que implica sentirse satisfecho con los logros en relación a la familia, amigos, trabajo, salud y finanzas. Por su parte, la segunda dimensión de manejo de la distancia social hace referencia a situaciones que se relacionan con la ambigüedad y la incertidumbre, y las relaciones emocionales negativas (agresividad). El aprendizaje en el manejo de dichas situaciones permitiría el desarrollo personal (bienestar psicológico) al potenciar el sentido de control personal (es ésta dimensión la que se encontró asociada al control percibido).

A pesar que se esperaba encontrar relación entre afecto negativo (vinculado a la ansiedad) y grado de dificultades de adaptación, ésta no se ha constatado. Es probable que la integración sociocultural esté más relacionada con la dimensión hedónica del bienestar (el afecto positivo y la satisfacción con la vida), mientras que el afecto negativo y la ansiedad tengan una relación más clara con las situaciones de discriminación social. En el estudio del País vasco con inmigrantes se encontró que el afecto negativo (a diferencia del afecto positivo) se relacionaba con el grado de dificultades socio-económicas (muy fuertemente con las dificultades en la regulación y situación documental) y la percepción de discriminación personal (Basabe, et al. 2009).

Finalmente, las dificultades de adaptación sociocultural pueden variar según la estrategia de aculturación escogida por los inmigrantes. Los análisis sobre las diferencias en el nivel de dificultades socioculturales en función de las estrategias de aculturación adoptadas por las personas inmigrantes mostraron que en la población inmigrante brasileña en el País Vasco son más relevantes las conductas que las actitudes como predictores del ajuste sociocultural, y en especial la primera dimensión de Aprendizaje cultural y comunicación (más que la segunda dimensión relativa al Manejo de la distancia social). Este resultado es congruente con los estudios previos en este campo y en nuestro contexto que han mostrado consistentemente que se produce un cambio rápido en las conductas y un fuerte aprendizaje cultural en los primeros momentos de la llegada y del establecimiento en el nuevo contexto de acogida (Basabe, et al. 2004; Zlobina, Basabe & Páez, 2004).

Aquí se ha visto que para los inmigrantes brasileños son las estrategias conductuales las que más fuertemente se relacionan con el aprendizaje sociocultural, y no tanto las

actitudes. Así, era la experiencia y la conducta la que antecedió y predecía el ajuste psicosocial de los inmigrantes. Como en otros estudios (Zlobina, et al. 2004), la separación es una estrategia de reclusión en el grupo de origen que se vincula a más dificultades socioculturales, en especial para aprender y compartir las normas culturales de acogida y comunicarse y establecer relaciones cercanas con las personas autóctonas. La estrategia bicultural y de asimilación eran similares, es decir no se encontró un mayor ajuste sociocultural para los inmigrantes brasileños biculturales comparados con los asimilados, como también ya se ha constatado en los estudios previos de nuestro contexto (Basabe, et al. 2004). En otros términos, las estrategias asociadas a fuerte identificación con el país de acogida ayudan a los inmigrantes brasileños en el País Vasco superar problemas de adaptación sociocultural, mientras que las relacionadas con el rechazo de la cultura de acogida implican peor adaptación sociocultural, tal como también se encontró en los estudios de Ward y Rana-Deuba (1999), y Ward y Kennedy (1993; 1994).

Resumiendo, las estrategias orientadas al país de acogida (bicultural y asimilación) son más ventajosas para el ajuste sociocultural de los brasileños en el País Vasco. Respecto a otras esferas como el ajuste psicológico, ambas estrategias están asociadas a mayor afecto positivo, dimensión del bienestar que a su vez está relacionada con la obtención de refuerzos sociales y con la integración social (soporte social por ejemplo). Sin embargo, respecto al afecto negativo (la ansiedad), la estrategia bicultural aporta más ventajas que la asimilación. En nuestro contexto (Basabe, et al. 2009) encontramos que los asimilados presentaban un nivel de afecto positivo igual a la de los biculturales, pero a la vez tenían más afecto negativo que los biculturales (podría indicar que la asimilación tiene un coste que quizá el apego y las redes de origen de los biculturales estén amortiguando).

Si bien esta investigación proporciona importantes y novedosos conocimientos del proceso de adaptación de los inmigrantes, no está carente de limitaciones. Primero, este estudio tiene carácter transversal retrospectivo y, sin duda, haría falta realizar replicaciones de tipo longitudinal, preferiblemente con varias mediciones puntuales, para confirmar la disminución lineal de las dificultades socioculturales.

Segundo, para poder generalizar los resultados obtenidos en este estudio, sería recomendable replicar los resultados obtenidos con la población de inmigrantes brasileños en muestras procedentes de otros contextos culturales. Es probable que las dificultades de adaptación sean mayores en otros colectivos (como es el caso de la población marroquí o de los negros subsaharianos), que sufren mayores experiencias de discriminación y son objeto de prejuicio negativo por parte de los nativos, como lo atestiguan diversos estudios de encuestas en España (Aierdi, et al. 2008; Cea, 2004), sufren mayores presiones hacia la asimilación (Navas, et al. 2004), y perciben mayor distancia cultural (en las formas de ver el mundo y actuar), mientras que las personas brasileñas se sentían más cercanas a la cultura local (en general incluso más cercanas que otras personas latinoamericanas como las colombianas o los ecuatorianas) (Zlobina, et al. 2004). Además, sería muy pertinente realizar en las investigaciones futuras alguna entrevista en profundidad y/o una discusión de grupo focal para una mejor comprensión de algunos resultados concretos encontrados.

Por último, aunque no menos importante, cabe señalar que los modelos teóricos aplicados en este estudio también tienen sus limitaciones o, mejor dicho, requieren una redefinición o reestructuración. Entre los temas abordados en este trabajo el modelo de aculturación constituye uno de los conceptos más debatidos en el foro científico de psicología intercultural (Rudmin, 2003; Ward, 2008). En su interesante revisión sobre la aculturación, Ward (2008) plantea que el modelo de Berry requiere ser complementado con nuevos conceptos, que tengan en cuenta que la aculturación es un proceso dinámico que se manifiesta en conflictos de identidades donde las personas no adoptan una única estrategia sino que la elección depende del contexto y de las relaciones intergrupales que dominen en cada contexto particular.

Dentro de este estudio, se ha intentado tener en cuenta diferentes aspectos de aculturación, ya que ésta ha sido analizada tanto a nivel conductual, actitudinal, como también restringida a las esferas privadas, en las cuales la adaptación puede tener otro recorrido que en las esferas públicas. Nuestra apuesta por las esferas privadas se ha basado en que es en estas esferas donde se diferencian más claramente (hay más heterogeneidad) las distintas apuestas personales y colectivas respecto a las actitudes y conductas de aculturación (Basabe, et al. 2009).

Concluyendo, la importancia de este estudio se basa en demostrar y confirmar la existencia de dos dimensiones básicas subyacentes en el proceso de adaptación a nivel sociocultural. Por otro lado, las dificultades socioculturales son mayores al inicio de proceso de adaptación, disminuyendo con el tiempo. Además, la adaptación sociocultural se asocia a ciertos indicadores de bienestar, sobre todo en su componente hedónico, habiendo - sin embargo - una variación en las dos dimensiones de adaptación sociocultural. Finalmente, la separación cultural a nivel conductual conlleva mayores problemas adaptación sociocultural, y resulta más relevante la conducta que las actitudes para discriminar entre grados de ajuste sociocultural o adaptación psicosocial, al menos en una población como la estudiada aquí caracterizada por constituir un grupo migrante de reciente instalación en el país de acogida.

Estos resultados suponen una confirmación del planteamiento de Bochner (2003) de que el contacto cultural no siempre tiene que conllevar una experiencia negativa del choque cultural. El encuentro entre culturas, aunque sea una fuente de diversas dificultades, estimula el aprendizaje cultural, incita a superar o manejar situaciones difíciles. Es imprescindible buscar, conocer, y enfatizar el lado positivo de estos efectos de contacto intercultural, ya que puede ser una fuente de crecimiento y desarrollo personal.

3

Choque y adaptación socio-cultural
una visión en espejo:
vascos y brasileños

CHOQUE Y ADAPTACIÓN SOCIOCULTURAL UNA VISIÓN EN ESPEJO: VASCOS Y BRASILEÑOS

RESUMEN

Las personas migrantes experimentan cambios en las relaciones interpersonales y comunicativas, y para manejar la distancia social y las relaciones jerárquicas (de Luca, Basabe & Bobowik, 2011). Este estudio analiza dichos cambios en dos grupos y contextos culturales, los inmigrantes brasileños en el País Vasco, y los inmigrantes vascos en Brasil. Se esperan diferencias en las dimensiones del ajuste sociocultural en función del tiempo de estancia y el grupo, de los valores culturales y del estatus social de minoría étnica. El estudio es transversal y retrospectivo, de casos/brasileños ($n = 47$) y controles/vascos ($n = 47$), con cuestionarios a una muestra apareada por sexo, edad y nivel educativo (edad media en los vascos 43.11 $DT = 12,08$ y 42.40 $DT = 12.41$ años en los brasileños. El porcentaje de mujeres fue 44.7%. Los resultados muestran que el choque cultural es alto durante el primer año y disminuye con el tiempo; los brasileños experimentan más dificultades para afrontar el clima que los vascos, y estos mayores dificultades en el trato con la burocracia. EL estatus de minoría es más negativo en los brasileños y mejor en los vascos; los brasileños perciben más dificultades en las relaciones interpersonales, para hacer amigos nativos, para hacerse entender y comprender por los nativos, y captar su sentido del humor. Los dos grupos de inmigrantes están abiertos al cambio (estimulación) y valoran la autonomía personal, los brasileños son más colectivistas que los vascos, son fuertemente familistas, más conformistas, mantienen redes familiares de apoyo mutuo y valoran la jerarquía y obediencia. Los vascos inmigrantes son más individualistas, priorizan más la promoción personal y el poder, son muy tradicionalistas y poseen una fuerte identidad étnica. No se constata el papel moderador del familismo para el ajuste, sin embargo la motivación de estimulación y los valores de conservación si tienen un papel importante. Este estudio muestra los cambios experimentados en función del tiempo, la cultura y la experiencia de minoría étnica, constatando que el choque cultural es una experiencia cambiante y heterogénea.

PALABRAS CLAVE: choque cultural, ajuste socio-cultural, inmigración, valores, minoría étnica

LABURPENA

Migratzaileek pertsonen arteko harremanetan, eta komunikazio-harremanetan aldaketak izaten dituzte, eta distantzia soziala, eta hierarkia-harremanak erabiltzeko (de Luca, Basabe & Bobowik, 2011). Azterketa honek bi talde, eta testuinguru kulturaletan aztertu ditu aldaketa horiek; Euskal Herrian dauden Brasilgo, etorkinak, eta Brasilen dauden euskal, etorkinak. Egonaldi-denboraren, eta taldearen, balio kulturalen, eta gutxiengo, etnikoaren estatus sozialaren arabera doiketa soziokulturalaren neurrietan aldeak espero dira. Azterketa zeharkakoa, eta atzerabegirakoa da, kasuak/brasildarrak ($n = 47$), eta kontrolak/euskal herritarrak ($n = 47$), sexu, adin, eta hezkuntza mailaren arabera parekidea den lagin bati egindako galdetegiekin (euskal herritarren batez bestekoa 43.11 $DT = 12,08$, eta 42.40 $DT = 12.41$ urte brasildarretan). Emakumeen ehunekoa % 44,7koa izan zen. Emaitzek talka kultural handia erakusten dute lehen urtean, eta denborarekin jaitsi egiten da; brasildarrek zailtasun handiagoak dituzte klimari aurre egiteko euskal herritarrek baino, eta euskal herritarrek zailtasun handiagoak dituzte burokraziarekin. Gutxiengoaren estatusa negatiboa da brasildarengan, eta hobea euskal herritarengan; brasildarrek pertsonen arteko harremanetan zailtasun handiagoak izaten dituzte bertako lagunak egiteko, bertakoekin ulertzeko, eta umorea ulertzeko., etorkinen bi taldeak aldaketarekiko zabalik daude (estimulazioa), eta norberaren autonomia baloratzen dute; brasildarrak euskal herritarrak baino kolektibistagoak dira, oso familistak dira, konformaerrazagoak, elkar babesteko familia-sareak mantentzen dituzte, eta hierarkia, eta obedientzia baloratzen dute., etorkinak indibidualistagoak dira, sustapen pertsonalari, eta botereari lehentasun handiagoa ematen diote, tradizionalistagoak dira, eta nortasun, etniko handia dute. Familismoaren moderatzaile-rola ez da kontuan hartzen doiketarako, baina estimulazioaren motibazioak, eta kontserbazio-balioek rol garrantzitsua dute. Azterketa honek denboran zehar, kulturaren, eta gutxiengo, etnikoaren esperientziaren arabera izandako aldaketak erakusten ditu, eta talka kulturala esperientzia aldakor, eta heterogeneoa dela uzten du agerian.

GAKO HITZAK: Talka kulturala, doiketa soziokulturala, etorkinak, balioak, gutxiengo, etniko

1. INTRODUCCIÓN

Antecedentes

Las migraciones internacionales han alcanzado niveles muy elevados, en 2013 existían 231.522.215 personas (3% de la humanidad a 21 de enero de 2015; Campbell, et al. 2015) que se encontraron en la necesidad o han optado por abandonar su país de origen. Investigaciones realizadas en España y Brasil por sus órganos oficiales (PERE, 2014; Itamaraty, 2013) indican que los dos países ocupan el 5º puesto, o sea el mismo lugar en la preferencia de destino extranjero de sus emigrantes, así como el número de los residentes inmigrantes procedentes de ambos países comprenden cifras similares. Según estimación del PERE (2014) e Itamaraty (2013), en España actualmente residen cerca de 119.000 inmigrantes brasileños y en Brasil cerca de 117.523 inmigrantes españoles.

Estas personas se mueven de lo conocido para desembarcar en lo desconocido, y lo que les caracteriza es la diversidad de motivos y oportunidades que les llevaron y llevan a salir de su lugar de origen y adentrarse en el espacio que se presenta como posible, o muchas veces como imposible; de estar en un constante proceso de instalación, cambio, modificación, adaptación, construcción y reconstrucción de su realidad psicológica, social y cultural y de estar a merced no sólo de sus límites, deseos, necesidades y expectativas sino también de los límites, deseos, necesidades y expectativas del otro, así como del sistema social y político del nuevo suelo donde va a estar, o sea, de la sociedad de acogida (de Luca, 2003).

Dificultades de adaptación

El ajuste o adaptación a una nueva cultura implica fundamentalmente tres aspectos: a) la *adaptación psicológica*, concebida como mantener una buena balanza de afectos, satisfacción con el nuevo medio cultural y su aceptación; b) el *aprendizaje cultural*, la adquisición de las habilidades sociales que permiten manejarse en la nueva cultura, tener buenas relaciones con las personas de la sociedad de acogida, y c) la *realización de las conductas* adecuadas para la resolución exitosa de las tareas sociales (Moghaddam, Taylor & Wrigth, 1993). A partir de estos aspectos, Bochner (2003) ha propuesto un modelo de contacto cultural denominado ABC (Affect, Behavior, Cognition), donde por una parte (A) representa el aspecto afectivo y corresponde a los principales indicadores de la *adaptación psicológica*, por otra parte (B) y (C) que representan respectivamente los aspectos cognitivo y conductual, corresponden a la *adaptación sociocultural*. La adaptación psicológica y sociocultural al nuevo contexto, están relacionadas entre sí aunque presenten cierta autonomía, manifestando diversos patrones de evolución temporal y siendo explicadas por distintos factores psicosociales (Chun, Organista & Marín, 2003; de Luca, Bobowik y Basabe, 2011; Smith & Bond, 1999; Ward, Bochner & Furnham, 2001).

Un meta-análisis reciente de 2013 sobre la relación entre aculturación/enculturación y salud mental (Yoon, et al. 2013), que recopila 325 estudios, concluye que la aculturación es favorable para la salud, estando asociada negativamente a la salud negativa (medidas de depresión, ansiedad, malestar y afecto negativo), y positivamente a la salud positiva (medidas de autoestima, satisfacción con la vida y afecto positivo). Específicamente, la enculturación se asocia a la ansiedad, y la salud mental se relaciona con (1) la aculturación externa (p.e., lenguaje y conductas), y (2) la enculturación interna (p.e., la identidad), esto es mantener la identidad de origen y adoptar las prácticas culturales de acogida, además de con (3) la estrategia de integración (bicultural).

Dificultades de adaptación sociocultural

La adaptación sociocultural concebida como un proceso de aprendizaje social, se refiere a la aplicación de las habilidades sociales, disposición y capacidad para integrarse de manera positiva y para manejar los diferentes aspectos de la nueva cultura. Esta adaptación se evalúa a través de las dificultades sociales, asociándose positivamente al tiempo de residencia, a una buena capacidad lingüística, a las estrategias de aculturación, a un alto

contacto con los autóctonos, a una menor distancia cultural y a un mayor conocimiento cultural (Basabe, Zlobina & Páez, 2004a; Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1993, 1999; Ward & Searle, 1991; Zlobina, Basabe, Páez & Furnham, 2006). Resultados obtenidos a través de estudios realizados tanto en esta cultura como en diversos contextos culturales, confirman la existencia de factores predictores de la adaptación sociocultural universalmente compartidos, como el tiempo de residencia, la discriminación percibida y el estatus de inmigrante (legalidad de residencia), el contacto con autóctonos, el apoyo recibido de su parte, la distancia cultural percibida y la educación (de Luca, et al. 2011; Basabe, et al. 2004a; Zlobina, et al. 2006).

Retomando el modelo de adaptación sociocultural, ABC propuesto por Bochner (2003), en lo cual B y C corresponden respectivamente a los aspectos conductuales y cognitivos, los autores Ward y Kennedy (1999), en sus estudios habían hallado la existencia de una estructura bidimensional formada por un factor cognitivo y otro conductual. Estos autores denominaron como "*Empatía Cultural y Relacionalidad*" al aspecto cognitivo y a "*Esfuerzos y Riesgos Impersonales*" al aspecto conductual. El primero se relaciona con la comprensión de la cultura de acogida (sus valores y puntos de vista) y con la comunicación interpersonal (p.e., hacer amigo y hacerse entender) y, el segundo se relaciona con el manejo de las situaciones impersonales (tratar con la burocracia o relacionarse con la autoridad) y con manejar las situaciones "especiales" (p.e., el contacto con personas desagradables o la recepción de un servicio o atención insatisfactorios).

Esta estructura bidimensional, ha sido objeto de investigación en el estudio previo que forma parte de esta tesis y publicado por de Luca, et al. (2011), constatándose las dos dimensiones, la primera cognitiva, denominada "*Aprendizaje cultural y comunicación*" (ACC), que explora aspectos relativos a acostumbrarse al ritmo de vida, a la comida, al clima, a comprender el punto de vista de la cultura local, a practicar sus creencias religiosas o a vivir lejos de la familia y, por otra parte se vincula con la *comunicación* en situaciones como: hacerse entender, ir de compras, entender las bromas, entender el acento local, hacer amigos, ir al médico. Mientras que la segunda dimensión, la conductual, denominada como "*Manejo de la distancia social*" (MDS) vinculada al manejo de la jerarquía y de las relaciones interpersonales engloba aspectos como: tratar con personas de mayor estatus, relacionarse con personas de otro sexo, tratar con los que miran fijamente, ser entrevistado, tratar con alguien desagradable o conocer a personas desconocidas.

En relación a la influencia del tiempo de estancia en la adaptación sociocultural, inicialmente fue sugerido que ocurría de forma lineal, de modo que mejoraba el bienestar subjetivo conforme aumentaba el tiempo de residencia en la sociedad de acogida, debido a la posibilidad de mayor contacto con los autóctonos y consecuentemente mayor identificación con él y con sus valores (LaFromboise, Coleman, y Gerton, 1993). Posteriormente se propuso un modelo curvilíneo, en "U", que indicaba una trayectoria en tres momentos, un primero correspondiente *al inicio* en lo cual la adaptación tiende a ser mayor debido al estímulo y el entusiasmo provocados por la novedad de la nueva cultura, *un segundo* cuando se instala una rutina y la adaptación tiende a disminuir porque los inmigrantes se percatan de las limitaciones existentes, como la dificultad para dominar el idioma, o de las dificultades de interacción con los autóctonos; y, *un tercero* cuando pasa el tiempo y la persona acepta y

aprende las costumbres y valores de la sociedad de acogida, reúne condiciones para afrontarla y ser uno más, donde se apreciaría una ligera mejoría (Moghaddam, et al., 1993; Sabatier & Berry, 1996). Sin embargo, existe un cuestionamiento en torno a este modelo curvilíneo, en el sentido de que generalmente la fase de asentamiento migratorio suele acompañarse de afectividad negativa, y lentamente se va produciendo una adaptación al nuevo medio (Ward, 1996; Ward, et al., 2001). En el contexto vasco (Basabe, Páez, Aierdi & Jiménez-Aristizabal, 2009), con inmigrantes de diversas nacionalidades, se comprobó que conforme aumentaba el tiempo de residencia en el país de acogida disminuía la afectividad negativa. El estudio de 2011 (de Luca, et al. 2011) en el País Vasco, con inmigrantes brasileños, en lo cual se han tomaron medidas retrospectivas (relativas al primer año de estancia en el país de acogida) y actuales (relativas al momento de la entrevista), se comprobó que disminuyeron los niveles de dificultad sociocultural conforme aumentaba el tiempo de estancia. Los efectos se presentaron con mayor intensidad en la dimensión de “Aprendizaje cultural y comunicación” (ACC) que en la dimensión “Manejo de la distancia social” (MDS). En la primera dimensión (ACC), las diferencias fueron mayores para los ítems relacionados con la comunicación y con acostumbrarse a una nueva cultura; en la segunda dimensión (MDS) las diferencias de mayor tamaño se vincularon a las situaciones estresantes y que requieren adaptación a las normas sociales deseadas en el nuevo contexto cultural. Las diferencias fueron menores en el caso de aspectos tales como hacer amigos autóctonos o acudir a lugares religiosos (ACC), o tratar con personas que miran fijamente y de mayor estatus (MDS). Estudios realizados en otros contextos culturales, también confirmaron que las mayores dificultades de adaptación sociocultural suelen ocurrir en el inicio de la estancia en el país de acogida, cuando los problemas se presentan de manera más intensa no influyendo el origen o el estatus (inmigrante, refugiado, residentes temporales, como los estudiantes internacionales) ocupado en la sociedad de acogida (Ward & Kennedy, 1999; Ward, Okura, Kennedy & Kojima, 1998).

Dificultades de adaptación Psicológica y Bienestar Subjetivo

Como se ha descrito anteriormente, uno de los tres aspectos fundamentales para el ajuste psicológico a una nueva cultura es la adaptación psicológica, que tiene como indicador el bienestar subjetivo, vinculado con la existencia de una balanza de afectos positiva, con la sensación de libertad, de control y con la satisfacción con la vida entre otros atributos psicológicos (Basabe, et al. 2009; Bochner, 2003).

Dos dimensiones han sido propuestas por la psicología positiva para definir y medir el bienestar subjetivo, una es “subjetiva o hedónica” y la otra es la “psicológica o eudaimónica”. La primera centrada en la busca del placer y la segunda centrada en el desarrollo de las capacidades y crecimiento personal (Keyes, Ryff & Smothkin, 2002). Ambas dimensiones pueden ser utilizadas como métodos para medir el bienestar subjetivo. En un estudio de 2009 en el País Vasco (Basabe, et al. 2009) se comprobó que la balanza de afectos era positiva para la mayoría de los grupos de inmigrantes, y que además mejoraba con el paso del tiempo, disminuyendo la afectividad negativa y comprobándose el papel protector del apoyo social para la salud y el bienestar subjetivo.

Valores y Motivaciones

Los individuos y los grupos, con el objetivo de adaptarse a la realidad en un determinado contexto social, transforman las necesidades intrínsecas a la existencia y las expresan en un lenguaje de valores específico. Schwartz (1990, 2001a) y Schwartz y Bardi, (2001) clasifican los valores como tipos motivacionales, donde cada valor refleja metas y objetivos a perseguir, que se agrupan en 10 tipos motivacionales básicos, agrupados en función de 4 objetivos generales: (A) *Auto-trascendencia* (universalismo y benevolencia); (B) *Conservación* (seguridad, conformidad y tradición); (C) *Apertura al cambio* (Estimulación y Auto-dirección), y (D) *Promoción personal* (hedonismo, logro y poder) (Páez, Fernández, Ubillos & Zubieta, 2003).

Jerarquía de valores

Los valores se ordenan en función de su importancia relativa, conformando un sistema jerárquico en el que unos son priorizados sobre otros, existiendo una jerarquía pan cultural, que fue constatada en el estudio de 56 naciones (Schwartz & Bardi, 2001), donde los objetivos de auto-trascendencia, universalismo y benevolencia ocupan el rango 1º y 2º, seguidos de la auto-dirección (3º), seguridad (4º), conformidad (5º), logro (6º), hedonismo (7º), y en último lugar, estarían los valores de estimulación (8º), tradición (9º) y poder (10º). Esta jerarquía también ha sido constatada con muestras representativas de la UE y tanto en personas nacidas en el país como en inmigrantes indicando que el objetivo de auto-trascendencia se sitúa en la cúspide y la motivación de poder (objetivo de promoción personal) en la base, habiendo cierta variabilidad cultural en cuanto a la posición de los objetivos que ocupan un rango intermedio, como los valores de conservación o apertura al cambio, apoyando parcialmente la universalidad de las jerarquías de valores (Basabe, et al. 2009; Basabe, Valencia & Bobowik, 2011).

La jerarquía de valores compartida por personas inmigrantes residentes en el País Vasco (Basabe, et al. 2009) han encontrado que, se caracteriza por altos valores en auto-trascendencia (universalismo), familismo (jerárquico tradicionalista y familismo de vinculación), y en conservación (seguridad y conformidad), seguidos por valores medios de apertura al cambio (auto-dirección y estimulación), tradicionalismo, y de promoción personal (logro y hedonismo), y finalmente bajo poder. En este mismo estudio, los coeficientes de asociación entre familismo y valores confirmaron que esta concepción familiar jerárquica comprende valores conservacionistas y colectivistas. Por el contrario, el familismo no se relacionaba con valores de tipo individualista, salvo en el caso de la dimensión de intimidad familiar o vinculación.

Valores y bienestar

Un estudio de meta-análisis (Bobowik, et al. 2011a), con nativos e inmigrantes residentes en la Unión Europea, incluido el País Vasco, constato que se mantiene de manera débil un patrón de asociación entre los valores individuales y el bienestar subjetivo,

incluyendo la afectividad, la satisfacción con la vida, y el control percibido. Los componentes afectivos del bienestar mostraron relaciones más importantes que las dimensiones cognitivas (p.e., satisfacción con la vida). Valores individualistas y de apertura a la experiencia, como la autodirección, el hedonismo y la estimulación, se relacionaron con un mayor bienestar, siendo este patrón compartido por nativos e inmigrantes, lo que apoya la tesis de la existencia de valores intrínsecos y saludables (Kasser & Ahuvia, 2002; Ryan & Deci, 2000). Por su parte, valores colectivistas, como la tradición y la conformidad, se asociaron a un menor bienestar, especialmente afectivo. Esto apoya que las personas con más necesidad de conformidad y vinculación grupal presenten menor bienestar. En una muestra de inmigrantes se confirmó que la conformidad al grupo y el familismo se asociaron al alto afecto negativo y estrés (como el mayor número de eventos estresantes entre las personas con alto familismo), mientras el afecto positivo mantenía relaciones muy bajas con los valores colectivos; de este modo se ponía en cuestión el supuesto papel protector del colectivismo (Basabe, et al. 2009). Por su parte, en el meta-análisis (Bobowik, et al. 2011a), los valores de seguridad se asociaron a menor bienestar para los nativos pero no así para los inmigrantes, habiendo efectos dispares entre los grupos. En el caso de los inmigrantes valores extrínsecos como el poder se asociaron ligeramente al afecto negativo, mostrando que la lucha por mejorar la posición social constituye una experiencia estresante; pero al mismo tiempo poder y logro se asociaban a más afecto positivo reflejando que los valores de auto-promoción son positivos para los inmigrantes que buscan mejorar su situación social (poder) al tiempo que desarrollan su auto-competencia (logro). Respecto a la seguridad, (orientada a la conservación) en el meta-análisis resultaba negativa para los nativos mientras en el caso de los inmigrantes la relación era dispar, así por ejemplo en el estudio vasco seguridad se relacionaba positivamente con la satisfacción con la vida, el afecto positivo y el control, indicando que la seguridad es un motivo importante de la inmigración (Basabe, et al. 2009).

Familismo

Investigaciones sobre aculturación y cambio de valores, realizadas por Marín y Gamba (2003), han indicado la existencia de un nuevo tipo de valores familistas. Denominado por los autores como *Familismo*, valor cultural relacionado con una fuerte identificación y vinculación con la familia nuclear y extensa, así como con sentimientos de lealtad, reciprocidad y solidaridad con las redes familiares, corresponde a la necesidad de gregarismo vinculada a los motivos sociales de intimidad y apego por un lado y de afiliación por otro (Basabe, et al. 2009; Martin & VanOss, 1991; Páez, et al. 2003). Se han identificado cuatro componentes del constructo familismo, el honor familiar, respecto por los familiares mayores, la interdependencia familiar, y subyugación del Yo a la familia (S. J. Schwartz, 2007).

En varios estudios se ha encontrado este fenómeno como un valor asociado al colectivismo y vinculado a las culturas latinas, africanas y asiáticas (Gaines, et al. 2005; Páez, et al. 2003; Rodríguez, et al. 2007). Por su parte (S. J. Schwartz, 2007) constató que el familismo es aplicable y funciona de manera similar en diversos grupos étnicos, hispanos y afroamericanos, a pesar de que se haya considerado como una forma cultural propia de las culturas latinas. No

obstante, el familismo en las culturas colectivistas puede expresarse de diversos modos, en Latinoamérica con valores sobre la *dignidad y el respeto familiar*, el comunitarismo aplicable a los afroamericanos o en culturas asiáticas como la "*piEDAD filial*" (Chen, Shaffer & Wu, 1997; Chun, et al. 2003; Fuligni, Tseng & Lam, 1999; Páez, et al. 2003). Estos tres componentes, familismo (como dignidad y respeto familiar), comunitarismo y "*piEDAD filial*", enfatizan el respeto por los miembros de la familia, en especial los mayores y los padres, el sacrificio de los propios deseos por el cuidado de los familiares y los parientes (familia extensa) (S. J. Schwartz, 2007).

A la luz de lo expuesto por Oyserman, Coon, y Kimmelmeier (2002) es también probable que el familismo sea igualmente aplicable tanto a los grupos primarios individualistas como a los grupos primarios colectivistas. Siendo cierto lo anterior y que las culturas individualistas son interdependientes, sin embargo las medidas de familismo correlacionan más fuertemente con el colectivismo vertical (valorar y respetar las decisiones del grupo) que con un colectivismo horizontal (cooperar con otros) de Triandis ($r = .36$ vs. $r = .61$) al tiempo que se asocia al auto-concepto interdependiente de Singelis (importancia del Yo en relación a los otros) ($r = .47$), así lo mostró el estudio de S. J. Schwartz, (2007).

Los estudios que ponen en relación los valores familistas con la aculturación han encontrado resultados dispares (Gil, Wagner & Vega, 2000; Rodríguez, et al. 2007), habiéndose sugerido que el familismo constituye uno de los principales valores compartidos entre las poblaciones hispanas (Marín & Gamba, 2003, p.86). Considerando las distintas facetas del familismo, por ejemplo en mexicano-americanos, la importancia otorgada a las relaciones familiares se asoció positivamente al biculturalismo, el apoyo social familiar a la separación de la familia o la identidad mexicana, y no se asociaba a la dimensión de conflictividad familiar (Rodríguez, et al. 2007). En nuestro contexto, el familismo es más intenso entre los grupos que optan por la estrategia de separación (Basabe, et al. 2009), que a su vez comparten más valores tradicionalista y son más religiosos.

Respecto al posible efecto protector del familismo, hay evidencia de que el apoyo familiar se asocia a mejores resultados en salud mental mientras que el conflicto familiar supone una amenaza para la salud (Organista, Organista & Kurasaki, 2003). Igualmente en nuestro contexto se mostro un efecto ambivalente del familismo en el bienestar (se asocia tanto al afecto positivo como al negativo), como han sugerido los resultados en el País Vasco señalados más arriba (Basabe, et al. 2009).

Dentro de los valores familistas se asume que el cuidado de los familiares enfermos debe ser asumido por los miembros del grupo, y por tanto dichos valores afectarán a la relación entre estrés, afrontamiento y salud mental de los cuidadores, sin embargo el estudio de Knight, Robinson, Longmire, Chun, Nakao y Kim (2002) mostró por ejemplo que la relación entre familismo y quemazón en los cuidadores no era consistente entre los grupos étnicos, en unos casos era independiente y en otros se asociaba al malestar. Otros estudios han mostrado los efectos psicológicos negativos del familismo en mujeres cuidadoras afroamericanas, ya que las creencias familistas fueron predictoras, controlando los factores socio demográficos, de niveles altos de depresión y estrés percibido (Rozario & DeRienzi, 2008).

Aculturación y experiencia de minoría étnica y adaptación sociocultural

El estudio previo de esta tesis con inmigrantes brasileños mostró que las estrategias de aculturación basadas en la separación implican un menor aprendizaje de la cultura de acogida y por lo tanto se asocian a mayores dificultades de adaptación (SCAS), en cuanto que en la estrategia bicultural las personas dominan las culturas de acogida a la vez mantienen aspectos de la cultura de origen, resultando en menores dificultades de adaptación (SCAS). Como mostraron los estudios de Navas y colaboradores (Navas, et al. 2004, 2005, 2010) en el ámbito privado se preservan las prácticas culturales de acogida mientras en las esferas públicas se desea y mantienen prácticas de la sociedad de acogida. En el caso de las poblaciones latinas la tendencia hacia la biculturalidad es más intensa que en el caso de otros colectivos en los que por su situación de minoría étnica estigmatizada y blanco del prejuicio la separación es más intensa (Bobowik, et al. 2014; Navas, et al. 2004).

Las estrategias de aculturación dependen de la experiencia de minoría étnica y el prejuicio, de este modo estudios españoles se observó que las estrategias de integración, tanto por parte de la población nativa como de la inmigrante, son las que se asociaron a menores prejuicios hacia el exogrupo, mientras que, por el contrario, la exclusión/marginación se vinculaba a actitudes negativas (Navas, et al. 2006).

La adaptación sociocultural implica un aprendizaje de los valores, normas y costumbre sociales de la sociedad de acogida, y es por ello que la estrategia de aculturación adoptada por las minorías, y la actitud del grupo mayoritario hacia el exogrupo serán factores influyentes en el ajuste sociocultural de las minorías. En esta línea, el desarrollo de las competencias socioculturales es un requisito para lograr un buen ajuste a un contexto multicultural, por ejemplo por medio de la auto-competencia para actuar eficazmente en un nuevo contexto cultural (Bobowik, et al. 2011b; Briones, et al. 2009; van Oudenhoven, Mol & Van der Zee, 2003).

2. OBJETIVOS E HIPÓTESIS

Este estudio buscaba contrastar las similitudes y diferencias en la adaptación sociocultural de dos grupos migrantes cuyo estatus social y el contexto cultural de recepción es divergente. Este estudio permite ver cómo un grupo de brasileños se adapta al contexto del País Vasco, y en espejo cómo un grupo de vascos se adapta al contexto de Brasil. Los dos países respectivos de procedencia difieren en sus culturas, así retomando las diferencias en valores culturales por naciones, en un caso se trata de personas procedentes de una cultura más individualista y postmoderna (País Vasco) y en el otro de otra cultura más colectivista y jerárquica (Basabe & Ros, 2005).

De acuerdo al estudio precedente sobre Adaptación Sociocultural de inmigrantes brasileños en el País Vasco (de Luca, et al. 2011) se espera que:

Hip.1.- Las dificultades de adaptación Sociocultural, medidas a través de la escala SCAS en sus dos dimensiones relativas a las Relaciones interpersonales y comunicativas, y de Manejo de la Distancia Social y las relaciones jerárquicas, serán más altas durante el primer año y

disminuirán con los años de estancia en el país de acogida (Basabe, et al. 2009; de Luca, et al. 2011; LaFromboise, et al. 1993; Ward, et al. 1998; Ward & Kennedy, 1999).

Hip.2.- Se espera que las diferencias entre los grupos migrantes vasco y brasileño sean mayores en la dimensión relacionada con el Manejo de la Distancia Social y las relaciones jerárquicas, dado que el contraste entre las culturas de origen es importante en los valores de jerarquía y distancia social. Estas diferencias afectarán a cuestiones como: tratar con personas de mayor estatus, relacionarse con personas de otro sexo, tratar con los que miran fijamente, ser entrevistado, tratar con alguien desagradable, conocer a personas desconocidas.

También son esperables diferencias en torno a aspectos como acostumbrarse al ritmo de vida (más rápido en el País Vasco), a la comida (aspecto más relevante para identidad social vasca), o al clima (más central para la cultura brasileña). Sin embargo, hay otros aspectos que serán comunes e igualmente importantes en ambos colectivos como comprender el sentido del humor, el punto de vista de la cultura local, practicar sus creencias religiosas, o vivir lejos de la familia.

Hip.3.- El estatus social de minoría étnica influirá en la adaptación sociocultural. Establecer relaciones con personas autóctonas será más difícil para brasileños que para los vascos, dado que el estatus social de la minoría brasileña es menor y su experiencia de minoría étnica discriminada mayor que en el caso de los vascos, cuya posición es mejor valorada por los brasileños autóctonos (Betancor, et al. 2005; Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Prestes, 2006; Santiago & Zubieta, 2006a, 2006b; Techio, 2011).

En relación a las diferencias en valores entre grupos migrantes

Hip.4.- Los vascos atribuirán más importancia a los valores de logro y poder que los inmigrantes brasileños, por el contrario los brasileños son más colectivistas (presentan mayor acuerdo con valores de conformidad), valoran más firmemente las relaciones familiares (familismo), y son más jerárquicos. Por el contrario, los vascos son más individualistas, valoran la autonomía personal y la promoción del yo (estimulación y hedonismo) (Basabe, et al. 2009). Sin embargo, los vascos dado que poseen una fuerte identidad étnica (Azurmendi, 2000; Azurmendi, Bourhis, Ros, & García 1998), mayor que la de los brasileños, también van a valorar más intensamente la tradición.

Bienestar subjetivo

Hip.5.- Se espera que el stress y afecto negativo sea mayor en los inmigrantes en comparación con los autóctonos, dado que la migración requiere un esfuerzo de adaptación (Ward, et al., 2001). Y, dado que el estatus social de la minoría brasileña es menor que el del grupo vasco se espera que el primero presente más afecto negativo.

No se esperan diferencias entre inmigrantes y nativos ni entre los dos grupos de inmigrantes en otras dimensiones del bienestar subjetivo (como la satisfacción con la vida o la sensación de libertad y control). Es probable que dado el mayor familismo de la cultura brasileña la satisfacción con la familia sea más importante en este grupo que en el de los vascos inmigrantes.

Aculturación y experiencia de minoría étnica

Hip.6.- Ambos grupos inmigrantes presentarán una rápida adaptación de manera que se asimilan las prácticas culturales de la sociedad de acogida al tiempo que se mantendrán las prácticas de origen. El tiempo de estancia marcará diferencias en la adaptación de vascos y brasileños que serán exploradas (Briones, 2008; Briones, et al. 2009; Zlobina, Basabe & Páez, 2004).

Hip.7.- Se espera que el estatus social de minoría étnica afecte a las actitudes y estrategias de aculturación (Berry, 2001; Berry, et al. 2003, 2006; Navas, et al. 2004, 2010). De este modo, la estrategia bicultural estará más presente en los grupos de mayor estatus (en este caso los vascos), y que las estrategias sean más diversas entre la minoría de brasileños.

De acuerdo al mayor familismo presente en las culturas latinas (Marín & Gamba, 2003; Páez, et al. 2003; Rodríguez, et al. 2007; S. J. Schwartz, 2007) se esperaba que la importancia otorgada a las vinculaciones familiares y en especial la dimensión de "*obediencia y respeto en relación a las personas de más edad*" estuviera más relacionada con las estrategias de aculturación caracterizadas por la separación y la biculturalidad entre los brasileños que entre los vascos (efecto de interacción grupo x estrategia de aculturación).

Hip.8.- La actitud de la sociedad receptora hacia los inmigrantes depende del tipo de grupo migrante, de modo que la actitud de los autóctonos hacia los vascos inmigrantes será más positiva que la actitud hacia los inmigrantes brasileños. Estas diferencias están relacionadas con el estatus y poder de los grupos, dado que la situación de minoría étnica es más favorable para los vascos (Betancor, et al. 2005; Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Prestes, 2006; Santiago & Zubietta, 2006a, 2006b; Techio, 2011) ellos percibirán más simpatía y más apoyo por parte de los autóctonos, y experimentarán baja discriminación en comparación con la experiencia de minoría más negativa de los inmigrantes brasileños.

Variables moderadores (valores) y mediadoras (apoyo social) en la experiencia de minoría étnica, las SCAS y el Bienestar subjetivo

Hip.9.- La adaptación sociocultural del grupo migrante estará relacionado con el grado el familismo, mayor en el caso de los brasileños siendo un elemento protector frente al ajuste cultural (Hip.9a). El familismo y los valores de apertura, promoción del Yo e individualistas (estimulación, autodirección, hedonismo y logro) moderarán la relación entre actitudes de aculturación y SCAS (Hip. 9b), y la experiencia de discriminación y el prejuicio y las SCAS (Hip. 9c). Asimismo los valores de apertura, de promoción del yo moderarán la relación entre las

SCAS y el ajuste psicológico (medido por la balanza de afectos) (Hip. 9d). Por último, el apoyo social por parte de la sociedad de acogida mediará la relación entre el prejuicio y la adaptación sociocultural, por un lado, y el Bienestar subjetivo (medido por la Balanza de afectos) por otro (Hip. 9e), de manera que habrá una mediación total (esto es, cuando hay apoyo de la sociedad de acogida el prejuicio no afectará directamente a las adaptación sociocultural (SCAS) ni al Bienestar sino solo a través del apoyo social).

3. METODO Y PROCEDIMIENTO

MUESTRA: GRUPO APAREADOS

Se ha utilizado una metodología cuantitativa. Se crearon dos grupos apareados en edad y sexo de inmigrantes vascos en Brasil y brasileños en el País Vasco, ambos grupos procedían (brasileños) o residían (vascos) en de la misma región de Brasil (Sao Paulo). Para la selección de los grupos se tomaron dos muestras, una correspondiente a brasileños ($N = 100$) que participaron en el estudio el año 2010, en el País Vasco, dicha muestra corresponde al mismo grupo de personas que fueron entrevistadas en 2006 para el estudio publicado por de Luca, et al. (2011), y la otra compuesta por vascos ($N = 67$) entrevistados en Sao Paulo. Al crear grupos equiparados la muestra tuvo que reducirse a 47/47, para ello primero se restringió la muestra de vascos, puesto que entre ellos había personas con muy larga estancia en Brasil que habían emigrado en los años cincuenta (1950) y con edades muy avanzadas (más de 64 años). Sin embargo, los brasileños emigrados eran más jóvenes y emigraron a partir de los años noventa (1990). Por ello, se seleccionaron personas de menos de 64 años, y se dividió la muestra por tiempo estancia (más y menos de 121 meses), y se seleccionó para cada participante vasco los equivalentes brasileños en edad y sexo. Después de esto, se seleccionaba aquel participante (hombre/mujer y grupo de edad) que compartiera el mismo estado civil y nivel educativo. Finalmente se consiguió equiparar 47 participantes por grupo.

Descripción de la muestra

En este estudio participaron 94 inmigrantes, 47 provenientes del País Vasco y residentes en Brasil y 47 provenientes de Brasil y residentes en el País Vasco. El 42.6% de los vascos eran nacidos en Vizcaya, 40.4% en Guipúzcoa, 17% en Álava y residían en São Paulo capital y provincia, en cuanto que el 59.6% de los brasileños eran nacidos en Sao Paulo, el 27.7% en Minas Gerais, el 10.6% en Rio de Janeiro, el 2.1% en Rio Grande do Sul y residían en Álava capital y provincia. Cabe destacar que antes de emigrar, el 100% de la muestra vasca residía en la Comunidad Autónoma Vasca y el 100% de la muestra brasileña residía en la provincia de São Paulo. (Véase Tabla 1)

Las personas inmigrantes, del sexo femenino constituyeron el 44.7% de la muestra. La edad media de los vascos era de 43.11 años ($DT = 12,08$) y de los brasileños era de 42.40 años ($DT = 12.41$), mientras que el tiempo de residencia medio de los vascos era de 190.85 meses ($DT = 173.28$) y de los brasileños era de 149.40 meses ($DT = 53.36$). En cuanto al estado civil de los participantes, 63.8% de los vascos y 68.1% de los brasileños eran casados o vivían en

pareja; cuanto al origen de las parejas, el 23.4% de las parejas de los vascos eran de origen brasileña y el 55.3% de las parejas de los brasileños eran de origen vasco; el 67.4% de los vascos y el 66% de los brasileños tenían uno o más hijos. En relación a la educación escolar, el 48.9% de los vascos poseían título universitario, el 42.6% el título de educación secundaria y el 8.5% estaba cursando la universidad, y el 25.5% de los brasileños poseían título universitario, el 38.3% el título de educación secundaria y el 36.2% no había concluido la universidad. La mayoría de los inmigrantes se declararon profesionalmente activos, 74.5% de los inmigrantes vascos y 95.7% de los inmigrantes brasileños desarrollaban alguna profesión, mientras que el 2.1% de los dos grupos eran jubilados, las amas de casa vascas comprendían el 10.6% de la muestra y las amas de casa brasileñas el 2.1%, entre la muestra vasca el 4.3% se decía sin trabajo y el 8.5% estudiando, en cuanto que ningún brasileño se ha identificado como desempleado o estudiante. Finalmente, cuanto a la situación legal, el 85.1% de los vascos poseían permiso de residencia, el 14.9% era naturalizado, mientras que el 74.5% de los brasileños eran naturalizados y el 25.5% poseía permiso de residencia (véase Tabla 2).

Respecto al seguimiento de los participantes, el 100% de la muestra vasca residen en Sao Paulo, capital y provincia (hasta Julio 2014). Las personas brasileñas, 79% ($n = 37$) siguen residiendo en España (de los cuales 32 en la ciudad de Vitoria/Gasteiz), 4% ($n = 2$) residen en otros países europeos y 17% ($n = 8$) han regresado a Brasil.

La muestra brasileña en su mayoría está formada por trabajadores técnicos en aeronáutica, y por sus familiares, que han salido de Brasil con un contrato de trabajo y permiso de residencia establecidos en origen, asimismo los familiares que no gozaron de tales beneficios han inmigrado posteriormente por reagrupación familiar, la otra parte de la muestra brasileña se ha instalado en el País Vasco por variados motivos, entre ellos el matrimonio con autóctono, la búsqueda de aventura, de mejores condiciones de vida o por estudios. En cuanto que la muestra compuesta por inmigrantes vascos es menos homogénea respecto sus motivos migratorios, distribuyéndose entre trabajadores técnicos en diversas aéreas, que salieron de España con un contrato temporal para realizar un trabajo específico y decidieron quedarse, y los que han contrajeron matrimonio con personas brasileñas o los que migraron en busca de aventura o de una vida mejor

Tabla 1. **Provincia de nacimiento, origen migratoria y residencia de los inmigrantes**

	Nacimiento	%	Origen migratoria	Residencia
Grupo 1 (N = 47)	Álava	17.0	CAPV 100%	São Paulo – capital y provincia
	Vizcaya	42.6		
	Guipúzcoa	40.4		
Grupo 2 (N = 47)	Sao Paulo	59.6	São Paulo provincia 100%	Álava – capital y provincia
	Rio de Janeiro	10.6		
	Minas Gerais	27.7		
	Rio Gr. do Sul	2.1		

Grupo 1 = Inmigrantes vascos y Grupo 2 = Inmigrantes brasileños

Tabla 2. *Características socio-demográficas de muestras divididas: Grupo 1 y Grupo 2*

		Grupo 1	Grupo 2
Edad M (SD)		43.11 (12.08)	42.40 (12.41)
Tiempo de estancia o residencia en meses M (DT)		190.85 (173.28)	149.40 (53.36)
Sexo (femenino)		44.7%	44.7%
Vivir con pareja		63.8%	68.1%
Pareja nacida en el país de acogida		23.4%	55.3%
Uno o más hijos		67.4%	66.0%
Educación completa	Educación secundaria	42.6%	38.3%
	Universitaria incompleta	8.5%	36.2%
	Universitaria completa	48.9%	25.5%
Situación laboral	Profesionalmente activos	74.5 %	95.7%
	Desempleados	4.3%	0%
	Jubilados	2.1%	2.1%
	Amas de casa	10.6%	2.1%
	Estudiantes	8.5%	0%
Situación legal	Con un permiso de residencia	85.1%	25.5%
	Naturalizados/Nacionalizados	14.9%	74.5%

Grupo 1 = Inmigrantes vascos y Grupo 2 = Inmigrantes brasileños

Procedimiento

Los brasileños residentes en el País Vasco ($N = 47$) fueron reclutados por medio de los contactos con asociaciones culturales de Brasil y Latinoamérica en el País Vasco (Asociación latinoamericana ACULCO, Asociación Brasileña, Misiones Diocesanas-Vitoria) y por medio de redes sociales formados por los inmigrantes brasileños. Los vascos residentes en Brasil ($N = 47$) fueron reclutados por medio de la Asociación vasca "Eusko Alkartasuna" de São Paulo, y por medio de redes sociales formados por los inmigrantes vascos. Las entrevistas en Brasil y en el País Vasco fueron realizadas por la doctoranda, psicóloga con formación en estudios previos. Las entrevistas a vascos en Brasil fueron realizadas durante la estancia de la doctoranda en Sao Paulo (2014). Se aplicó la versión en castellano del cuestionario. Las personas entrevistadas tenían dominio lingüístico para comprender dicha versión del cuestionario, tanto lo vascos como los brasileños.

VARIABLES E INDICADORES

Los participantes respondieron a las escalas e indicadores que se indican a continuación, y que permitieron evaluar las variables en estudio (adaptación socio-cultural, bienestar subjetivo, prácticas culturales y actitudes de aculturación, experiencia de minoría étnica, y valores personales y familismo). Los cuestionarios pueden consultarse en el Anexo.

Variables socio demográficas

Se recopilaron datos sobre Nacionalidad de origen (en el caso de los inmigrantes españoles se considero la comunidad autónoma de nacimiento, limitándose al País Vasco); provincia de residencia en el país de acogida (en el caso de los brasileños se limito a personas

inmigrantes residentes en el País Vasco); sexo; edad; estado civil (codificado en cuatro categorías: “soltero, separado, viudo, casado o vive en pareja”); país de nacionalidad y de origen de la pareja (preguntaba por el origen y nacionalidad de la pareja con tres categorías de respuesta cerradas y una abierta: “vasca, española, brasileña y otra”); hijos (“¿tiene hijos?” y en su caso “¿cuántos?”); nivel de educación (codificado en las siguientes opciones de respuestas: “ningún estudio, estudios completos o incompletos abarcando primarios, secundarios, técnicos y universitarios” además “otros” como una opción de respuesta abierta); situación laboral (codificada en nueve categorías y posteriormente recodificada en cinco categorías: “profesionalmente activos, desempleados, jubilados, amas/os de casa, estudiantes); situación legal (codificada en tres categorías: nacionalizado, con permiso de residencia y sin permiso de residencia”); tiempo de estancia en el país de acogida (donde se identifico el año y mes de llegada y posteriormente se calcularon los meses de estancia). Para los análisis el tiempo de estancia se categorizo en dos grupos, uno de menos y otro de más de siete años de estancia. Se estableció este punto de corte dado que estudios previos mostraban que es a partir de los seis años de estancia cuando las dificultades socioculturales descienden y el bienestar psicológico mejora levemente (Basabe, et al. 2004a, p.109). El primer año de estancia es cuando se produce un mayor choque cultural (Ward, et al. 2001), sin embargo, los tipos de muestras de este estudio no permitían crear un grupo con menos de un año de estancia (solo habían cinco participantes con menos de un año de estancia).

Escala de adaptación socio cultural - SCAS

Se aplicó la escala usada en el estudio de Luca, et al. (2011). Debe recordarse que en la creación de esta escala se partió de los instrumentos originales de Furnham y Bochner (1982, en Ward, et al. 2001) y la adaptación posterior de Ward y Kennedy (1999), entre ambas contemplaban un total de 52 ítems diferentes. Se tradujo al castellano y se realizó un estudio piloto con la versión SCAS-52, a una muestra de 356 residentes en País Vasco (estudiantes internacionales, residentes inmigrantes, y vascos que viajaron a países extranjeros, Ángel, 2007). Como resultado de este estudio exploratorio se creó esta nueva escala reducida a 19 ítems, en la cual se solicitaba indicar “el grado de dificultad que ha sentido o sintió” (en las situaciones o aspectos descritos en el cuestionario), con un rango de respuesta de 1 (ninguna dificultad) a 5 (extrema dificultad). Retomando los resultados del estudio previo (de Luca, et al. 2011), se consideraron dos dimensiones de la escala, una relativa a las *Relaciones Interpersonales y Comunicación* (Aprendizaje cultural y Comunicación) y otra relativa al *Manejo de la Distancia Social y Jerarquía* (Manejo de interacciones sociales y situaciones difíciles). Se aplicó la escala en relación a dos momentos temporales, uno primero (retrospectiva) en la que los participantes respondieron en relación a su primer año de residencia el país de acogida, y uno segundo respecto al momento actual (cuando se realizó la entrevista). En este estudio se replicaron buenos índices de fiabilidad alpha de Cronbach (en tiempo 1 $\alpha = .91$, y específicamente en los vascos $\alpha = .94$ y en los brasileños $\alpha = .90$; y en tiempo 2, $\alpha = .89$, para vascos $\alpha = .92$ y para brasileños $\alpha = .87$).

Valores de Schwartz

Se utilizó una escala de 12 ítems, seleccionados a partir de la Escala Perfil de Valores Personales de Schwartz que se compone de 40 ítems (PVQ-40 ítems, Schwartz y Bardi 2001; Páez, et al., 2003), donde se pide a la persona que “evalúe cuánto se parece a la persona que se describe” en las frases que se indican con un formato de respuesta de 1 a 6 (1 = *nada*, no se parece a mí y 6 = *mucho*, se parece a mí), en la cual se recogen 9 valores individuales: 1) *universalismo* (p.e., “todas las personas deben ser tratadas con igualdad”), 2) *conformidad* (p.e., “comportarse siempre correctamente”), 3) *tradicionalismo* (p.e., “hacer las cosas de forma tradicional”), 4) *seguridad* (p.e., “vivir en lugares seguros”), 5) *poder* (p.e., “mandar y decir a los demás o que deben hacer”), 6) *logro* (p.e., “mostrar sus habilidades”), 7) *hedonismo* (p.e., “buscar oportunidad para divertirse”), 8) *estimulación* (p.e., “hacer muchas cosas distintas al mismo tiempo”), y 9) *auto-dirección* (p.e., “tomar las propias decisiones acerca de lo que hace”). Esta escala atingió el coeficiente $\alpha = .67$.

Familismo

Se aplicó la escala de familismo creada ad hoc en base a la escala de choque cultural de Basabe, et al. (2004a) y la readaptación de la escala de familismo de Fuling, Tseng y Lam (1999) por Campos (En Páez, et al. 2003). Esta escala está compuesta por tres dimensiones: a) *asistencia y ayuda familiar*, b) *obediencia y respeto* (valores jerárquicos, en relación a las personas de más edad, y tradicionalismo), y c) *vinculación familiar*, que engloban siete ítems con un formato de respuestas de 1 a 6 (1 = *nunca* y 6 = *siempre*). A través de la suma de estos ítems se obtiene un indicador global de familismo. El nivel de fiabilidad encontrado fue $\alpha = .78$.

Balanza de afectos

Se utilizó la escala PNA de Bradburn, formada por las dimensiones del Afecto Positivo (AP) y Afecto Negativo (AN) (Echevarría & Páez, 1989, pp.486-7), compuesta por nueve ítems cada una, y cuyo formato de respuesta comprendía de 1 (nunca) a 4 (casi siempre), se preguntaba (p.e., “¿Cómo se ha sentido en el último mes? Se ha sentido contento por tener amigos / se ha sentido molestado por alguien”). En este estudio ambas dimensiones alcanzaron niveles de fiabilidad satisfactorios (Afecto Positivo: $\alpha = .85$; Afecto Negativo: $\alpha = .82$). La Balanza de afectos es obtenida por la diferencia entre la suma de afectos positivos menos la suma de los negativos.

Satisfacción con la vida en general y por dominios

Se evaluó el grado de satisfacción con la vida en distintos ámbitos (familia, finanzas, amigos, trabajo, sí mismo, salud y la vida en general), cuyo formato de respuesta iba de 1 (muy insatisfactoria) a 10 (muy satisfactoria) (Diener, et al. 2005; Lucas, Diener y Suh, 1996). El coeficiente de fiabilidad fue $\alpha = .77$ en este estudio.

Libertad y Control

Se aplicó de la Encuesta Mundial de Valores (WVS) (Inglehart, et al. 2004) una pregunta sobre el Control Percibido, (“Algunas personas sienten que tienen completa libertad de elección y control sobre la manera en que desarrolla su vida mientras que otras piensan que, hagan lo que hagan su vida no depende de ello.”), cuyo formato de respuesta comprendía de 1 (ninguna) a 10 (libertad total).

Prácticas culturales

Se empleó una escala de cinco ítems (Basabe, et al. 2009) sobre las prácticas culturales (p.e., “Consume comida y bebida” del país de origen/país de acogida) y la lealtad lingüística (“Habla español/vasco/portugués”), con rango de respuestas entre 1 (*nada*) a 5 (*mucho*). Se obtuvieron los siguientes coeficientes de fiabilidad para las conductas vinculadas al país de origen en vascos $\alpha = .64$ y en brasileños $\alpha = .75$, y para las conductas vinculadas al país de acogida, en vascos y brasileños $\alpha = .61$ respectivamente.

Actitudes de Aculturación

Se utilizó una escala de actitudes, con dos dimensiones: la primera referida al deseo de mantener las costumbres de la sociedad de origen y la segunda, al deseo de adoptar las costumbres de la sociedad de acogida, en las esferas privada (la familia, las amistades, las creencias y costumbres religiosas), y en la esfera pública (trabajo), con rango de respuesta de 1 (*nada*) a 5 (*mucho*). Este instrumento es una readaptación del cuestionario de Navas, et al. (2004, p. 288) y para la muestra de este estudio alcanzó una consistencia interna de $\alpha = .79$ y $\alpha = .66$ para los países de origen y acogida. Se crearon las cuatro categorías de estrategias de aculturación, en conducta y actitudes, en función de las puntuación media teórica 3 de la escala respecto al país de origen versus de acogida, de modo que los biculturales puntuaban alto en origen y acogida, los separados alto en origen y bajo en acogida, los asimilados bajo en origen y alto en acogida, y los difusos (marginados) bajo en ambas.

Percepción de discriminación

Índice compuesto por tres preguntas: la primera sobre experiencia de discriminación (p.e., “¿se ha sentido discriminado, ha notado miradas, ha oído expresiones negativas u otras actitudes de rechazo por su aspecto físico por parte de las personas autóctonas?”). La segunda recoge la percepción de amenaza (p.e., “se le ha hecho sentir que es una amenaza... quita trabajo, se aprovecha de la ayuda social, etc.”), la tercera se refiere a la percepción de exclusión social (p.e., “¿Ha sido objeto de conductas hostiles que los autóctonos nunca utilizarían con otros autóctonos?”), con un formato de respuestas de 1 (*nunca*) a 5 (*muchas veces*). Coeficiente de fiabilidad $\alpha = .73$.

Percepción de prejuicio

Se contemplo la percepción sobre el status del grupo étnico, por medio del prejuicio percibido por parte de las personas autóctonas hacia el grupo de pertenencia de la persona inmigrante, mediante la siguiente pregunta: “¿qué opinión cree que tienen los nativos de los inmigrantes de su país?”, con un formato de respuesta que comprendía un rango de 1 (*muy negativa*) a 5 (*muy positiva*).

Emociones ante los autóctonos

La medida de emociones hacia los inmigrantes, está formada por una escala de doce emociones, adaptada de Navas, et al. (2004), que considera las emociones negativas y positivas se ha recogido tres ítems, que engloban el “miedo”, la “simpatía” y la “indiferencia” expresada por los inmigrantes en relación a los autóctonos (¿Con que frecuencia usted ha sentido los siguientes sentimientos o emociones por los autóctonos?), con formato de respuesta de 1 a 5 (1 = *nunca* y 5 = *muchas veces*).

Apoyo social

Para obtener índices de factores protectores o de riesgo para la adaptación a la sociedad de acogida, se incluían dos ítems relativos al soporte social (Basabe, et al. 2004a), en las cuales se explora el apoyo recibido de los compatriotas y de los autóctonos (“Durante su estancia en el país de acogida: Indique en qué medida se ha sentido apoyado en sus problemas”), con un rango de respuesta 1 (*nada*) a 5 (*mucho*).

Análisis de Datos

El análisis de los datos ha sido realizado mediante el programa SPSS-versión 22 para Windows. Se analizaron las diferencias entre vascos y brasileños inmigrantes en las variables en estudio. Para ello se aplicaron análisis de varianza para contrastar efectos principales del grupo y tiempos de estancia (menos y más de siete años), y efectos de interacción grupo por tiempo (los resultados de estos análisis se exponen en las Tabla 3 y Tabla 5). También se analizaron las diferencias en las dificultades de adaptación (SCAS) en cada ítem, y en relación al año de llegada (retrospectiva) y al momento de la entrevista (actual) (los resultados se exponen en la Tabla 4).

También se han calculado ANOVAs para contrastar las puntuaciones de los grupos inmigrantes con los valores de muestras de referencia (nativos e inmigrantes en la CAPV, véase más adelante). Para el caso de las estrategias de aculturación se han realizado contrastes chi cuadrado y residuos tipificados. Se estableció un nivel de error de $\alpha = .05$ para todos los análisis. También se aplicaron análisis de correlaciones y regresiones múltiples. Para contrastar las hipótesis de moderación (macro modprobe) y de mediación (macro mediate) se siguieron los procedimientos de Hayes (2013), y de Preacher y Hayes (2004), usando la

estimación bootstrapping (5000). Se estimaron los efectos indirectos de los mediadores, con sus errores típicos (ET) y sus intervalos de confianza (ICs), un efecto es significativo cuando dentro del IC de los valores estimados no incluye el valor cero.

4. RESULTADOS

Escala de adaptación socio-cultural

Para contrastar las hipótesis 1, 2 y 3 se analizaron los resultados con la escala SCAS y sus dos dimensiones. Se consideraron las diferencias en la adaptación socio-cultural en dos momentos temporales, *retrospectivamente* en el primer año de llegada, y *actualmente* en el momento de la entrevista, esto es, una vez establecido en el país de acogida en la tabla 4, se pueden apreciar las puntuaciones retrospectivas y actuales de los 19 ítems de la escala. Se estimaron modelos ANOVAs para ver los efectos directos del grupo de pertenencia (vascos y brasileños), tiempo de estancia y efectos de interacción grupo por tiempo de estancia. En la tabla 3, se pueden apreciar las puntuaciones medias por ítems (de la escala de 19 ítems) donde se han encontrado efectos estadísticamente significativos.

Dificultades durante el 1º año de estancia y el momento actual

Considerando las puntuaciones globales (media del conjunto de ítems y por subdimensiones) en la escala de dificultades socioculturales (SCAS), para el primer año de estancia el choque fue mayor que con posterioridad, así las puntuaciones se situaron alrededor de 3 en una escala de 1 a 5 el primer año, y posteriormente las puntuaciones fueron menores de 2 (Hip.1) (véase Tabla 3). Durante el primer año las dificultades fueron altas, aquellos aspectos que obtuvieron mayores puntuaciones (> 3) fueron los siguientes: entender el sentido del humor, vivir lejos de la familia, entender el idioma y el acento local, comprender el punto de vista de la cultura local, tratar con la burocracia, hacerse entender, afrontar el clima, acostumbrarse a la comida del lugar, acostumbrarse al ritmo de vida, hacer amigos nativos, ser entrevistado, conocer a desconocidos, y tratar con personas desagradables. Y, aquellos aspectos en los que hubo menores puntuaciones (< 3) fueron los siguientes: ir al médico, tratar con personas que miran fijamente, ir de compras, relacionarse con personas de otro sexo, tratar con personas de mayor edad y acudir a lugares de práctica religiosa. Sin embargo, con el tiempo disminuyeron las dificultades, de modo que todas las puntuaciones medias por ítem fueron menores de 3, siendo algo más altas aquellas dificultades relativas a la dimensión *Relaciones interpersonales*, representado por el ítem: “tratar con la burocracia” ($M = 2.55$), y a la dimensión *Manejo de la Distancia Social* por los ítems: “vivir lejos de su familia” ($M = 2.51$), “tratar con alguien que es desagradable, malhumorado, agresivo” ($M = 2.16$), y “tratar con personas que lo miran fijamente” ($M = 1.98$) (véase Tabla 4).

Globalmente y para el conjunto de ítems de la escala no se encontraron diferencias entre los grupos, más abajo se mostrarán las diferencias específicas considerando los distintos

elementos de la escala. Se encontró un efecto de interacción estadísticamente significativo, de manera que los vascos con más tiempo de estancia presentaron menos dificultades que los recién instalados ($M = 1.57$, $DT = 0.08$ vs. $M = 1.96$, $DT = 0.11$, $t = -2.82$, $p < .007$), mientras que los brasileños no se diferenciaron por tiempo de estancia para el conjunto de aspectos de la escala SCAS ($M = 1.73$, $DT = 0.07$ vs. $M = 1.62$, $DT = 0.19$, $t = 0.52$, $p = .60$). También específicamente se encuentra un efecto de interacción significativo en la dimensión de *Manejo de la Distancia Social* (véase Tabla 3).

Choque cultural: Relaciones interpersonales y comunicación

Los resultados se describen indicando las respuestas retrospectivas (Retro) cuando la persona contestó sobre sus dificultades en el primer año de estancia en el país de acogida, y (Actual) cuando respondía relación al momento de la entrevista. Se presentan los resultados que indican diferencias estadísticamente significativas entre los grupos (véase tabla 3), y por tiempo de estancia (véase tabla 4).

(1) *Hacer amigos nativos*: (Retro) Ambos grupos han encontrado dificultad para hacer amigos nativos el primer año de residencia (puntuación entre 2.72 y 3.23 en un rango de 1 a 5), con la diferencia que los brasileños presentaron más dificultades para hacer amigos nativos en el País Vasco que los vascos para hacer amigos nativos en Brasil ($\eta^2 = .09$). (Actual) A pesar de que los dos grupos de inmigrantes declararon haber disminuido esta dificultad después del primer año de residencia (puntuación entre 1.30 y 1.90 en un rango de 1 a 5), el grupo de brasileños siguió presentado más dificultades que los vascos ($\eta^2 = .09$) (Hip. 3)

(2) *hacerse entender*: (Retro) Los dos grupos de inmigrantes, han revelado dificultad en hacerse entender por los autóctonos (puntuación 3.40 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Después del primer año de residencia, tanto los vascos como los brasileños manifestaron no tener mucha dificultad en hacerse entender por los nativos del país de acogida (puntuación entre 1.35 y 1.53 en un rango de 1 a 5), si bien que los brasileños percibieron esta dificultad en mayor medida que los vascos ($\eta^2 = .06$). Tendencialmente, hubo un efecto de interacción entre el tiempo y los grupos ($p \leq .09$), que indica una disminución en hacerse entender entre los vascos que llevaban más de siete años residiendo en Brasil ($M = 1.23$, $DT = 0.13$) respecto a los que llevaban menos tiempo ($M = 1.47$, $DT = 0.17$), y una mayor dificultad entre los brasileños que llevaban más de siete años residiendo en el País Vasco ($M = 1.73$, $DT = 0.11$) respecto a los que llevaban menos tiempo ($M = 1.33$, $DT = 0.28$) (véase Tabla 3).

(3) *Acostumbrarse al ritmo de vida*: (Retro) Los dos grupos han indicado dificultades en adaptarse al ritmo de vida de la sociedad de acogida en el primer año de residencia (puntuación 3.23 en un rango de 1 a 5). (Actual) Con el tiempo esta dificultad disminuyó considerablemente (puntuación 1.23 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4).

(4) *Ir de compras:* (Retro) Al año de llegada, ambos colectivos revelaron pocas dificultades para ir de compras (puntuación 2.43 en un rango de 1 a 5), (Actual) y, una disminución con el paso del tiempo (puntuación 1.14 en un rango de 1 a 5). (Véase Tabla 5).

(5) *Acudir a lugares de culto religioso, practicar creencias religiosas:* (Retro) En el primer año de residencia, los inmigrantes vascos han reconocido que tuvieron más dificultades para practicar sus costumbres religiosas en Brasil ($M = 2.52$) que las manifestadas por los inmigrantes brasileños en el País Vasco ($M = 1.84$) ($\eta^2 = .07$). (Actual) No obstante, los dos grupos expresaron disminuir las dificultades conforme aumentaba el tiempo de residencia en el país de acogida ($\eta^2 = .09$) (véase Tabla 3).

(6) *Entender las bromas y el sentido de humor de las personas autóctonas:* (Retro) Los dos grupos presentaron las puntuaciones más altas en este ítem al principio experiencia migratoria (puntuación alrededor de 4.0 en un rango de 1 a 5) (Tabla 4), indicando que entender el sentido del humor era una de las cuestiones más complejas. (Actual) A los brasileños les costaba más entender el sentido del humor local que a los vascos, ($\eta^2 = .10$). No obstante, los dos grupos refirieron bajas dificultades una vez pasado el primer choque (puntuación alrededor de 2.0 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 3).

(8) *Acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto:* (Retro) En el primer año de estancia, este ítem ha resultado ser una dificultad tanto para los vascos como para los brasileños (puntuación 3.24 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Los dos grupos valoraron como baja la dificultad para practicar las costumbres culinarias del país de acogida o encontrar la comida a su gusto (puntuación por debajo de 1.55 en un rango de 1 a 5). Sin embargo, a los vascos les costó un poco más que a los brasileños ($\eta^2 = .05$), asimismo este inconveniente se presentó menor cuanto mayor el tiempo de estancia ($\eta^2 = .04$) ($M = 1.8$, $DT = 0.15$ vs. $M = 1.3$, $DT = 0.12$) (véase Tabla 3).

(9) *Tratar con la burocracia:* (Retro) En el primer año de residencia, tanto los vascos como los brasileños encontraron dificultades acentuadas para relacionarse con las instituciones y la burocracia en el país de acogida (puntuaciones por encima de 3.2 en un rango de 1 a 5), dificultades que se destacaron más en el caso de los vascos ($\eta^2 = .05$). (Actual) Después del primer año, los vascos residentes en Brasil indicaron tener más dificultades que los brasileños residentes en el País Vasco ($\eta^2 = .19$) (Tabla 3).

(11) *Afrontar el clima:* (Retro) Al inicio del establecimiento, enfrentar el clima del país de acogida representaba para los brasileños mayor dificultad que para los vascos ($\eta^2 = .19$). (Actual) Conforme aumentaban los años de residencia ambos grupos percibían menores dificultades, pero los inmigrantes brasileños seguían expresando más dificultad que los vascos ($\eta^2 = .08$) (véase Tabla 3).

Tabla 3. ESCALA DE ADAPTACIÓN SOCIO CULTURAL : ítems con diferencias significativas entre los dos grupos de inmigrantes

Variables	Vascos		Brasileños		Efecto del grupo		Efecto del tiempo		Interacción: tiempo-grupo	
	M	et	M	et	F	η^2	F	η^2	F	η^2
ESCALA DE DIFICULTADES DE ADAPTACIÓN - SCAS < un año										
SCASR Total - retrospectiva < un año (1-5)	3.04	.12	3.07	.16	0.03	.002	0.15	.002	0.002	.001
SCASR: Choque Cultural y Relaciones Interpersonales - retrospectiva (1-5)	3.15	.12	3.21	.18	0.07	.001	0.27	.003	0.009	.001
SCASR: Manejo de la Distancia Social - retrospectiva (1-5)	2.79	.13	2.76	.18	0.01	.001	0.001	.001	0.007	.001
ESCALA DE DIFICULTADES DE ADAPTACIÓN - SCAS > un año										
SCAS Total > un año (1-5)	1.77	.07	1.67	.10	0.57	.006	1.39	.015	4.13*	.044
SCAS: Choque Cultural y Relaciones Interpersonales (1-5)	1.73	.07	1.69	.10	0.13	.001	3.22 ^{&}	.035	2.96 ^{&}	.032
SCAS: Manejo de la Distancia Social (1-5)	1.84	.09	1.65	.12	1.66	.018	0.04	.001	4.67*	.049
SCAS RETROSPECTIVO										
RELACIONES INTERPERSONALES										
1R- hacer amigos nativos - autóctonos	2.72	.26	3.23	.13	8.60**	.089	1.67	.019	2.99	.033
5R - acudir a lugares de culto religioso, practicar sus creencias religiosas	2.52	.19	1.84	.27	6.92**	.073	1.87	.021	0.02	.001
9R - tratar con la burocracia	3.81	.18	3.27	.24	4.31*	.047	0.61	.007	0.06	.001
11R - afrontar el clima	2.43	.20	3.77	.29	21.36***	.195	3.38 ^{&}	.037	0.01	.001
18R - ir al medico	3.10	.18	2.54	.26	6.38**	.068	0.008	.001	0.28	.003
MANEJO DE LA DISTANCIA SOCIAL										
7R- tratar con alguien que es desagradable, malhumorado, agresivo	2.77	.17	2.87	.24	2.80 ^{&}	.031	1.76	.020	3.17 ^{&}	.035
10R- relacionarse con personas del otro sexo	2.69	.18	2.26	.26	5.56*	.059	0.09	.001	0.85	.010
SCAS ACTUAL										
RELACIONES INTERPERSONALES										
1 - hacer amigos nativos - autóctonos	1.33	.14	1.86	.20	9.47**	.095	0.11	.001	0.20	.002
2 - hacerse entender	1.35	.10	1.53	.15	6.19**	.064	0.03	.001	2.98 ^{&}	.032
5 - acudir a lugares de culto religioso, practicar sus creencias religiosas	1.69	.12	1.68	.17	1.22	.013	8.74**	.089	2.02	.022
6 - entender las bromas y el sentido de humor de las personas autóctonas	1.70	.12	2.06	.17	10.18**	.102	2.07	.023	2.06	.022
8 - acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto	1.55	.10	1.14	.14	4.46*	.047	3.65 ^{&}	.039	1.28	.014
9 - tratar con la burocracia	3.15	.14	1.95	.21	21.57***	.193	2.24	.024	3.05 ^{&}	.033
11 - afrontar el clima	1.54	.14	2.05	.20	8.15**	.083	0.01	.001	0.15	.002
13 - entender el acento local, la lengua, el idioma	1.66	.11	1.61	.16	2.66	.029	6.30**	.065	6.88**	.071
14 - vivir lejos de su familia	2.57	.18	2.76	.26	2.22	.024	9.02**	.091	0.98	.001
16 - comprender el punto de vista de la cultura local	1.79	.12	1.87	.18	1.37	.015	6.40**	.066	0.86	.010
18 - ir al medico	1.62	.08	1.11	.12	4.88*	.051	7.18**	.074	8.96**	.091
MANEJO DE LA DISTANCIA SOCIAL										
12- tratar con personas que lo miran fijamente	1.95	.12	1.89	.18	1.42	.016	0.57	.006	4.41*	.047
15 - tratar con personas de mayor edad que usted	1.86	.11	1.48	.15	3.28 ^{&}	.035	2.44	.026	0.88	.010

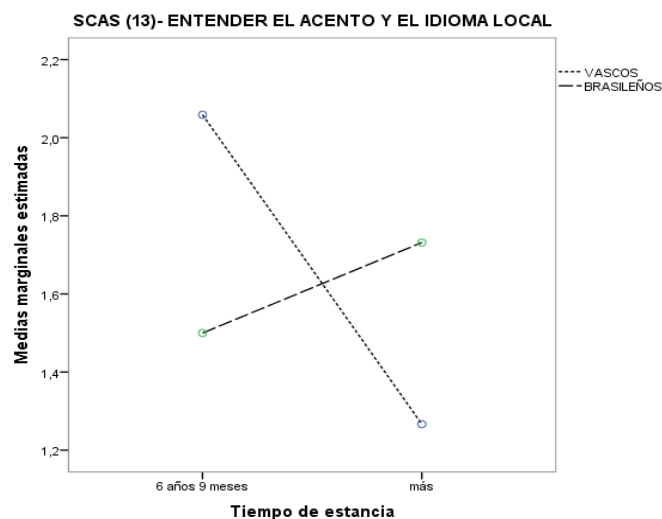
Nota.- [&].10<p>.05; * p<.05; **p<.01; *** p<...001

Tabla 4. *SCAS Todos los ítems - medias y SD retrospectiva y actual*

RELACIONES INTERPERSONALES	Retrospectiva 1º año	Actual
	M (DT)	M (DT)
1- hacer amigos nativos - autóctonos	3.17 (1.15)	1.61 (0.93)
2- hacerse entender	3.40 (1.18)	1.50 (0.71)
3- acostumbrarse al ritmo de vida	3.23 (1.37)	1.31 (0.62)
4- ir de compras	2.43 (1.15)	1.14 (0.40)
5- acudir a lugares de culto religioso, practicar sus creencias religiosas	2.27 (1.26)	1.48 (0.83)
6- entender las bromas y el sentido de humor de las personas autóctonas	3.80 (0.97)	1.87 (0.82)
8- acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto	3.24 (1.25)	1.31 (0.67)
9- tratar con la burocracia	3.50 (1.10)	2.55 (1.08)
11- afrontar el clima	3.26 (1.50)	1.81 (0.94)
13- entender el acento local, la lengua, el idioma	3.54 (1.07)	1.63 (0.78)
14- vivir lejos de su familia	3.59 (1.28)	2.51 (1.22)
16- comprender el punto de vista de la cultura local	3.50 (1.08)	1.74 (0.84)
18- ir al medico	2.77 (1.22)	1.36 (0.60)
MANEJO DE LA DISTANCIA SOCIAL	M (DT)	M (DT)
7- tratar con alguien que es desagradable, malhumorado, agresivo	3.03 (1.15)	2.16 (0.83)
10- relacionarse con personas del otro sexo	2.40 (1.20)	1.54 (0.78)
12- tratar con personas que lo miran fijamente	2.76 (1.04)	1.98 (0.82)
15- tratar con personas de mayor edad que usted	2.30 (0.91)	1.64 (0.73)
17- conocer a personas desconocidas y que le presenten a nuevas personas	3.07 (1.05)	1.82 (0.93)
19- ser entrevistado para algo	3.11 (1.24)	1.61 (0.75)

(13) *Entender el acento local, la lengua:* (Retro) Al principio de la experiencia migratoria, tanto los vascos como los brasileños presentaron dificultades para entender el acento local, la lengua, el idioma del país de acogida (puntuación 3.54 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Para ambos grupos de inmigrantes, entender el acento, la lengua y el idioma del país de acogida, después de un año de residencia, no representaba un fuerte inconveniente (puntuaciones en torno a 1.6 en un rango de 1 a 5). Conforme se puede apreciar en el Figura 1, hubo efecto de interacción ($p < .001$, $\eta^2 = .07$), que indica que los vascos que llevaban menos de 7 años residiendo en Brasil indicaron más dificultad que los que llevaban más tiempo ($M = 2.05$, $DT = 0.18$ vs. $M = 1.26$, $DT = 0.13$, $t = 4.04$) y, que entre los brasileños no hubo diferencias estadísticamente significativas ($t = -0.65$, $p = .51$). Esto es, los vascos que llegaron más recientemente a Brasil son los que indicaron tener más dificultades de comprensión de la lengua y el acento local (véase Tabla 3).

Figura 1. SCAS (13) Entender el acento y el idioma local



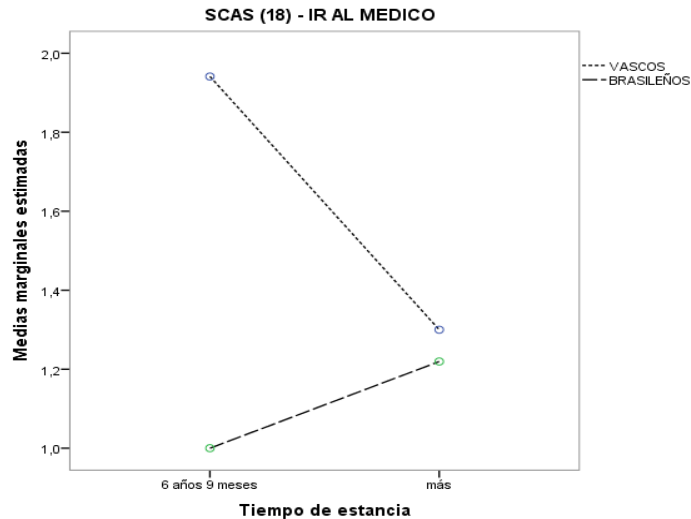
(14) *Vivir lejos de su familia:* (Retro) Vivir lejos de la familia fue la segunda dificultad más importante señalada por los dos grupos de inmigrantes (puntuaciones alrededor de 3.6 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Después del primer año de residencia en el país de acogida tanto los inmigrantes vascos como brasileños manifestaron disminuir sus dificultades por vivir lejos de la familia de origen (puntuaciones mayores de 2.5 en un rango de 1 a 5) y con el paso del tiempo esta dificultad disminuyó ($\eta^2 = .09$) (véase Tabla 3).

(16) *Comprender el punto de vista de la cultura local:* (Retro) Significó para los dos grupos de inmigrantes una dificultad importante (puntuación 3.5 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual): Pasado el primer año de asentamiento los inmigrantes vascos y brasileños expresaron sentir cierta dificultad en comprender la cultura del país de acogida (puntuación alrededor de 1.80 en un rango de 1 a 5). Sin embargo conforme paso el tiempo dicha comprensión mejoró para los dos grupos (Vascos: $M = 2.12$, $DT = 0.19$ vs. $M = 1.47$, $DT = 0.15$ y brasileños $M = 2.00$, $DT = 0.34$ vs. $M = 1.76$, $DT = 0.13$, $p < .01$, $\eta^2 = .07$) (véase Tabla 3).

(18) *Ir al médico:* (Retro) Los dos grupos de inmigrantes revelaron sentir algún inconveniente al inicio de su estancia en acudir al médico (puntuación por encima de 2.5 en un rango de 1 a 5), no obstante a los vascos les costaba algo más que a los brasileños ($\eta^2 = .07$). (Actual) Se encontró un efecto de interacción en la medida actual ($\eta^2 = .09$), de manera que los vascos recién instalados presentaron más dificultades ($M = 1.94$, $DT = 0.13$) que los que llevaban más tiempo ($M = 1.30$, $DT = 0.09$, $t = 3.89$, $p < .001$), mientras que para los brasileños este aspecto era poco relevante, tanto para los que llevaban menos de 7 años como para los que llevaban más tiempo residiendo en el

País Vasco ($M = 1.00$, $DT = .22$ vs $M = 1.22$, $DT = 0.08$, $t = -0.93$, $p = .48$) (véase Figura 2 y Tabla 3).

Figura 2. **SCAS (18) Ir al médico**



Choque cultural: Manejo de la Distancia Social y Jerarquía

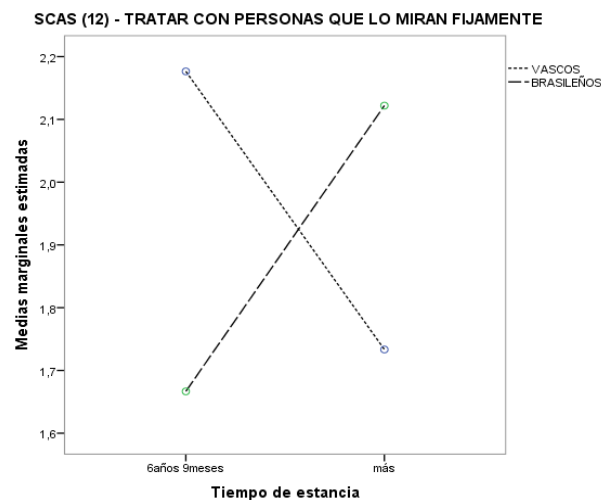
(7) *Tratar con alguien que es desagradable, malhumorado y agresivo:* (Retro) Al año de la llegada, tanto los vascos como los brasileños referían dificultades al tratar con personas autóctonas desagradables (puntuación por encima de 2.7, en un rango de 1 a 5). No obstante, el grupo de personas brasileñas presentaron una mayor dificultad que el grupo de personas vascas ($\eta^2 = .04$) (véase Tabla 3). (Actual) Con el tiempo de estancia esta dificultad ha disminuido para los dos grupos (puntuación 2.16, en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4).

(10) *Relacionarse con personas del otro sexo:* (Retro) En el primer año de residencia en el país de acogida, tanto los vascos como los brasileños revelaron cierto grado de dificultad (puntuaciones por encima de 2 en un rango de 1 a 5) para relacionarse con personas autóctonas de otro sexo. Asimismo, los vascos expresaron que les costaba algo más entablar estas relaciones en Brasil de lo que percibían los brasileños en el País Vasco ($\eta^2 = .06$) (véase Tabla 3). (Actual) después del primer año de estancia en el país de acogida, los dos grupos indicaron que esta dificultad disminuyó considerablemente (puntuaciones 1.54 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4).

(12) *Tratar con personas que lo miran fijamente:* (Retro) Para los inmigrantes vascos e brasileños, fue la mayor dificultad expresada en esta dimensión (puntuaciones alrededor de 3 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Se observó un efecto de

interacción ($\eta^2 = .05$), como se puede ver en la Figura 3, los vascos que llevaban menos de 7 años de residencia ($M = 2.18$, $DT = 0.19$) y los brasileños con más de 7 años ($M = 2.12$, $DT = 0.12$) percibieron más dificultad al tratar con personas autóctonas que les miren fijamente. Este patrón inverso, indica que para los vascos que llevaban hasta una media de siete años residiendo en el país de acogida y para los brasileños de larga estancia este indicador se presentó más saliente, aunque hay que recordar que las puntuaciones fueron bajas, menores de 2 en un rango de 1 a 5 (véase Tabla 3).

Figura 3. **SCAS(12) Tratar con personas que lo miran fijamente**



(15) *Tratar con personas de mayor edad que usted:* (Retro) Ambos grupos han indicado algo de dificultad (puntuaciones 2.30 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4). (Actual) Los inmigrantes refirieron pocas dificultades en este ámbito (puntuaciones menores de 2): Hubo un efecto significativo para $p \leq .07$, por el cual a los inmigrantes brasileños les resultaba algo más fácil el trato con personas autóctonas mayores, que a los inmigrantes vascos (véase Tabla 3).

(17) *Conocer a personas desconocidas y que le presenten a nuevas personas:* (Retro) Tanto los vascos como los brasileños consideraron dificultoso conocer a personas nativas desconocidas durante el primer año en el país de acogida (puntuaciones 3.07 en un rango de 1 a 5). (Actual) Con el tiempo de estancia indicaron que esta dificultad disminuía (puntuaciones 1.82 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4).

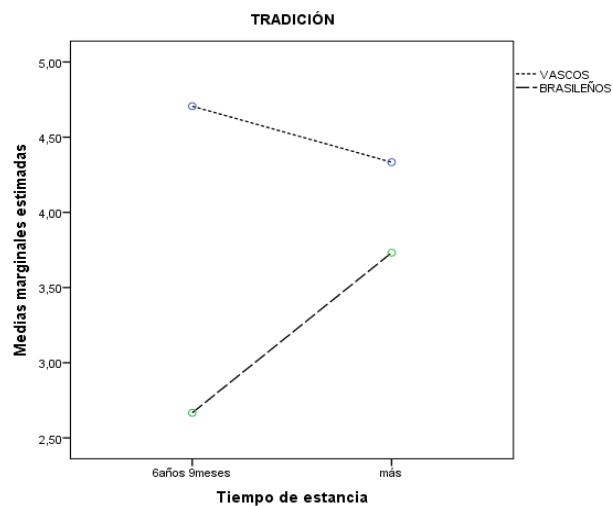
(19) *Acudir al médico:* (Retro) El primer año de residencia, ésta fue la mayor dificultad que indicaron tener los dos colectivos de inmigrantes en la dimensión de *Manejo de la distancia social*, (puntuaciones 3.17 en un rango de 1 a 5). (Actual) No obstante, con el paso del tiempo, disminuyó (puntuaciones 1.61 en un rango de 1 a 5) (véase Tabla 4).

Valores:

Conservación y Auto-transcendencia

Los vascos manifestaban conservar las tradiciones en mayor grado que los brasileños. De hecho, el mayor tamaño del efecto se manifestó en las diferencias en los valores de *Tradicición* ($\eta^2 = .216$) (Figura 4). No obstante, se debe considerar que con el paso del tiempo los brasileños pasaron a valorar más sus orígenes ($M = 2.66$, $DT = 0.40$ vs. $M = 3.72$, $DT = 0.15$, $t = -2.05$, $p < .05$), mientras que la valoración atribuida por los vascos se mantenía en el tiempo ($M = 4.70$, $DT = 0.24$ vs. $M = 4.33$, $DT = 0.18$, $t = 1.60$, $p = .11$) (véase Tabla 5).

Figura 4. **Valores de Tradición por tiempo de estancia y grupo**



Aunque los dos grupos de inmigrantes puntuaron alto en *Conformidad*, esto es, mostraron tendencia a restringir sus acciones e inclinaciones que pudieran herir a otras personas y violar normas o expectativas sociales, los brasileños se conducían en mayor medida intentando no infringir estos valores (efecto directo del grupo, $p \leq .05$).

El *Universalismo*, la comprensión, el aprecio, la tolerancia y a la protección del bienestar de las personas y de la naturaleza, son valores que fueron considerados importantes tanto para los vascos como para los brasileños (medias alrededor de 5), así como la búsqueda de Seguridad, armonía y estabilidad en la sociedad (puntuaciones por encima de 4.6, en un rango de 1 a 6), no habiendo diferencias por grupo ni por tiempo de estancia (véase Tabla 5).

Promoción personal y Apertura al cambio

Los vascos valoraban más el *Poder* que los brasileños (efecto directo $p < .01$), esto es los inmigrantes vascos residentes en Brasil se percibían como poseedores de

mejor posición social, de más prestigio y dominancia sobre personas y recursos, que los inmigrantes brasileños residentes en el País Vasco.

Entre los valores de *Apertura al cambio*, la *Estimulación* fue variable con el tiempo de estancia ($p \leq .05$). Ambos grupos consideraban alta la motivación de estimulación (puntuaciones por encima de 4.5, en un rango de 1 a 6), y fue especialmente alta al principio de la estancia en el país de acogida. Tanto los vascos como los brasileños, indicaban regirse fuertemente de manera autónoma en el país de acogida (puntuación alrededor de 5, en un rango de 1 a 6). Y en *Logro y Hedonismo*, los dos grupos de inmigrantes también presentaban puntuaciones medias-altas y similares entre sí (puntuaciones por encima de 4.20 en un rango de 1 a 6) (véase Tabla 5).

Considerando la *jerarquía de valores*, esto es, el orden de importancia que cada grupo otorga a sus motivaciones (véase Figura 5), se puede observar que los valores de Universalismo y Autonomía personal son los que se encuentran en lo alto de la pirámide en ambos colectivos, la seguridad es el siguiente valor compartido (posición 3ª y 4ª), mientras que los valores de Poder ocuparía posiciones bajas (8ª) en los dos grupos. Sin embargo, las discrepancias en las jerarquías de valores se producen en los valores de Estimulación que ocupa la posición 3ª en los brasileños frente a la 6ª de los vascos, y el Logro que supone la 4ª posición en los vascos frente a la 6ª de los brasileños. Por último, los valores de Tradición representan la 7ª posición en los vascos y la 9ª en los brasileños.

Figura 5. *Jerarquía de valores: comparación*

<i>Schwartz y Bardi (2001)</i>	<i>Inmigrantes vascos</i>	<i>Inmigrantes brasileños</i>
Universalismo	Autonomía	Autonomía
Autonomía	Universalismo	Universalismo
Seguridad	Seguridad	Estimulación
Conformidad	Hedonismo	Seguridad
Loaro	Loaro	Conformidad
Hedonismo	Estimulación	Hedonismo
Estimulación	Tradición	Loaro
Tradición	Poder	Poder
Poder	Conformidad	Tradición

Tabla 5. **VARIABLES ASOCIADAS DESCRIPTIVOS Y DIFERENCIA MEDIAS**

Variables	Vascos		Brasileños		Efecto del grupo		Efecto del tiempo		Interacción: tiempo/ grupo	
	M	et	M	et	F	η^2	F	η^2	F	η^2
BIENESTAR SUBJETIVO										
Afecto Positivo (1-4)	2.66	.08	2.45	.11	2.23	.024	0.17	.002	0.31	.003
Afecto Negativo (1-4)	1.94	.07	1.97	.11	0.08	.001	2.78 ^{&}	.030	0.41	.005
Balanza de afectos (****)	0.72	.14	0.48	.20	0.97	.001	1.25	.014	0.001	.001
Satisfacción con la vida General ()	7.86	.18	8.31	.26	2.05	.022	0.47	.005	0.31	.003
Satisfacción con la vida Dominios ()	7.84	.28	8.15	.14	0.10	.011	0.95	.010	0.25	.003
Libertad y control (1-10)	7.42	.27	7.91	.39	1.11	.012	0.08	.001	0.005	.001
VARIABLES DE ACULTURACIÓN										
Prácticas Culturales: sociedad acogida (1-5)	3.92	.08	4.00	.11	0.38	.004	0.03	.001	4.62*	.049
Prácticas Culturales: sociedad origen (1-5)	2.71	.09	2.77	.13	0.14	.002	0.03	.001	0.50	.006
Actitudes de Aculturación: sociedad acogida (1-5)	3.82	.10	3.04	.14	20.95***	.189	4.78*	.050	0.03	.001
Actitudes de Aculturación: sociedad origen (1-5)	3.98	.12	2.81	.18	29.45***	.247	1.28	.014	10.96***	.109
EXPERIENCIA DE MINORIA, etNICA										
Percepción de Discriminación (1-5)***	1.30	.09	1.71	.13	6.36**	.066	2.66	.029	1.02	.001
Percepción de Prejuicio (1-5)	4.23	.12	2.77	.17	49.25***	.354	0.37	.004	0.001	.001
Emociones ante autóctonos: Simpatía (1-5)	4.23	.13	3.07	.19	25.16***	.219	0.60	.007	1.76	.019
Apoyo social: compatriotas	2.91	.15	2.74	.21	0.44	.005	0.29	.003	1.14	.013
Apoyo social: autóctonos	4.12	.14	3.42	.21	7.71**	.079	0.89	.010	1.01	.011
VALORES										
Familismo Total (1-6)***	4.38	.12	4.34	.17	0.08	.001	1.80	.020	0.01	.001
Familismo: Asistencia y Apoyo (1-6)***	3.29	.17	3.83	.25	3.36 ^{&}	.036	0.73	.008	0.06	.001
Familismo: Obediencia y respeto (1-6)***	4.40	.11	4.85	.16	5.24*	.055	1.21	.013	0.14	.002
Familismo: Vinculación familiar (1-6)***	5.04	.17	4.82	.24	0.56	.006	1.15	.013	0.001	.001
Valor: Universalismo	4.69	.14	4.89	.21	0.61	.007	0.04	.001	0.08	.001
Valor: Conformidad	3.99	.17	4.69	.24	5.61*	.059	0.43	.005	1.94	.021
Valor: Tradición	4.52	.15	3.20	.28	24.74***	.216	1.69	.019	7.33**	.075
Valor: Seguridad	4.64	.14	4.71	.20	0.09	.001	0.45	.005	0.13	.001
Valor: Estimulación	4.58	.17	4.75	.24	0.34	.004	7.73**	.079	1.28	.014
Valor: Autonomía	4.91	.14	4.95	.20	0.02	.001	2.33	.025	0.009	.001
Valor: Hedonismo	4.62	.19	4.37	.28	0.56	.006	1.32	.014	0.15	.002
Valor: Logro	4.61	.18	4.29	.27	1.01	.011	0.35	.004	0.53	.006
Valor: Poder	4.27	.19	3.40	.27	6.72**	.069	0.08	.001	0.01	.001

Nota. - [&].10<p>.05; * p<.05; **p<.01; *** p<.001

Familismo: Asistencia y Apoyo, Obediencia y Respeto, y Vinculación familiar

Los vascos y brasileños expresaron su conformidad hacia la obligación con sus familias de origen (puntuación por encima de 4, en un rango 1 a 6). Teniendo en cuenta las dimensiones del *familismo*, en relación a la *asistencia y apoyo* que debe ser dispensada a los familiares, los dos grupos de inmigrantes demostraron grados equiparables de compromiso, aunque existía una tendencia en los brasileños a presentar una mayor obligatoriedad en el apoyo y a la asistencia a la familia que los vascos ($p < .07$). Asimismo, ambos grupos valoraban fuertemente la *vinculación familiar* (puntuación alrededor de 5 en un rango de 1 a 6), consideraban valioso pasar tiempo con la familia. Sin embargo, los grupos diferían en la concepción jerárquica de la familia, si bien ambos consideraban importante practicar y enseñar a sus descendientes la *obediencia y el respeto en relación a los mayores y ancianos* (puntuación por encima de 4 en un rango de 1 a 6), también es cierto que los brasileños asumían en un grado mayor dicha importancia (efecto directo del grupo), esto es compartían valores más jerárquicos (Hip. 5) (véase Tabla 5).

Bienestar Subjetivo

Se procedió a comparar los índices de Bienestar subjetivo obtenidos por los grupos de inmigrantes de este estudio con las puntuaciones medias logradas en estudios con muestras representativas de la población inmigrante en el País Vasco y de una muestra aleatoria de vascos (Sevillano, et al. 2014). Las muestras de inmigrantes provenían del estudio realizado, en colaboración con el Observatorio vasco de la inmigración Ikuspegi, se ha tomado la muestra de brasileños en 2007 (Basabe, et al. 2009) y del estudio de 2010 (Bobowik, et al. 2014).

En el general, tanto los vascos como los brasileños, presentaban un buen afecto positivo, con puntuaciones alrededor de 2.5, en una escala de 1 a 4; bajo afecto negativo con puntuaciones menores de 2, y una balanza de afectos positiva. No existían efectos de interacción grupo por tiempo de estancia (véase Tabla 5).

Tanto los vascos como los brasileños se reconocían satisfechos con su vida en general y considerando los distintos dominios, dando puntuaciones por encima de 7 en una escala de 1 a 10; además percibían que tenían un alto nivel de libertad y control sobre la manera con la cual se desarrollaba sus vidas, reportando valores por encima de 7.

Contraste con muestras normativas de autóctonos e inmigrantes

Se contrastaron las puntuaciones de estos grupos con los valores de referencia tomados de las estudios de encuesta a muestras de inmigrantes y nativos en el País Vasco (Basabe, et al. 2009; Bobowik, et al. 2014). Se hicieron ANOVAs con 4 grupos (autéctonos $N = 500$, brasileños en el País Vasco 2007 $N = 108$, muestras apareadas de

inmigrantes brasileños en el País Vasco $n = 2010$ $N = 47$ y vasco en Brasil $N = 47$), y pruebas post hoc Scheffé. Los resultados pueden apreciarse en la Tabla 6.

Los autóctonos del País Vasco tenían más afecto positivo que los inmigrantes brasileños, y puntuaban igual que los vascos en Brasil. Los inmigrantes, vascos o brasileños tenían más afecto negativo que los autóctonos del País Vasco. Por tanto, la balanza de afectos era mejor en los autóctonos vascos que en el resto. Esto es, los inmigrantes presentaron peor balanza de afectos que los autóctonos, aunque los vascos inmigrantes tenían un estado afectivo positivo igual al de los vascos en el País Vasco (Hip.5).

Tabla 6. **Contraste- Estudio autóctonos y inmigrantes**

VARIABLE	VASCOS/AS		BRASILEÑOS/AS		F
	Autóctonos N = 500	Inmigrantes N = 47	Inmigrantes N = 108	Inmigrantes N = 47	
Afecto positivo	2.68 ^{cd} (0.53)	2.65 (0.53)	2.49 ^a (0.57)	2.40 ^a (0.49)	7.37*
Afecto negativo	1.52 ^{bcd} (0.35)	1.97 ^a (0.54)	1.88 ^a (0.55)	2.02 ^a (0.45)	51.68*
Balanza afectos	1.16 ^{bcd} (0.68)	0.68 ^a (0.99)	0.60 ^a (0.86)	0.37 ^a (0.85)	32.15*
Satisfacción con la vida	7.11 ^{bd} (1.20)	7.80 ^a (1.09)	7.27 ^d (1.74)	8.29 ^{ac} (1.24)	14.94*
Satisfacción por dominios	6.80 ^{bd} (1.10)	7.71 ^a (1.24)	--	7.92 ^a (1.17)	33.19*
Libertad y control	--	7.40 (1.48)	7.46 (1.86)	7.85 (1.97)	0.94

Nota.- las letras indican los grupos que difieren entre sí, contrastes post-hoc Scheffé $p < .05$; * $p < .0001$

Los inmigrantes vascos en Brasil y los brasileños de más tiempo de estancia (muestra 2010) en el País Vasco hacían juicios más favorables sobre la satisfacción con su vida que los vascos-autóctonos. Considerando los distintos dominios de la vida, los inmigrantes emitían juicios más positivos sobre su vida que los autóctonos vascos. Respecto a la percepción de libertad y control sobre la vida no hubo diferencias entre los distintos grupos de inmigrantes (hay que indicar que para este caso no se disponía de datos de la muestra normativa en el País Vasco).

A pesar de lo formulado en la Hip.5, no se encontraron diferencias en el grado de satisfacción con la familia entre el grupo de inmigrantes vascos y brasileños ($F(1, 92) = 2.01$, $p < .15$), y esto a pesar de que efectivamente el grupo de brasileños compartía una concepción más jerárquica de la familia, como ya se ha indicado más arriba.

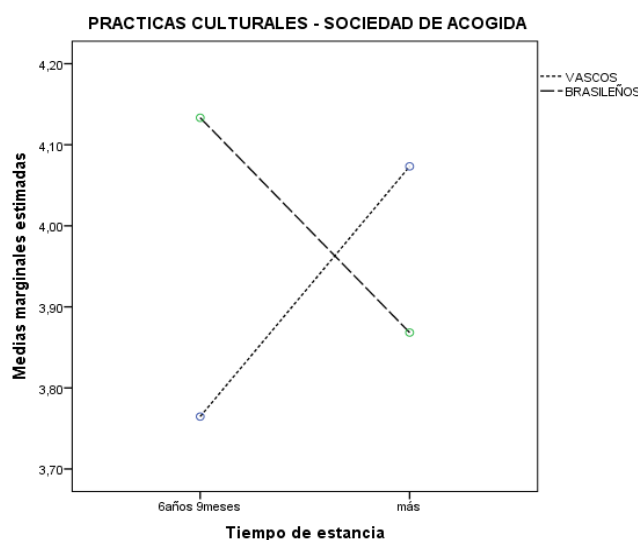
VARIABLES DE ACULTURACIÓN: Aculturación y experiencia de minoría étnica

Prácticas culturales: sociedad de acogida

Los dos grupos de inmigrantes mostraron un nivel alto de prácticas culturales de la sociedad de acogida, con puntuaciones alrededor de 4 en una escala de 1 a 5 (Hip.6). Se encontró un efecto de interacción grupo por tiempo de estancia, como

puede apreciarse en el Figura 6, de manera que los brasileños adoptaban más las prácticas de la sociedad de acogida en las primeras, etapas (hasta los 7 años de estancia) ($M = 4.13$, $DT = 0.20$) que cuando llevaban más tiempo ($M = 3.86$, $DT = 0.07$), mientras que sucede lo contrario en el caso de los vascos que asimilaban más las prácticas culturales brasileñas cuando llevaban más años residiendo en Brasil ($M = 4.07$, $DT = 0.09$) que en las primeras, etapas ($M = 3.76$, $DT = 0.12$) (diferencias $p < .05$) (véase Tabla 5).

Figura 6. *Prácticas culturales de la sociedad de acogida según tiempo de estancia y grupo*



Prácticas culturales: sociedad de origen

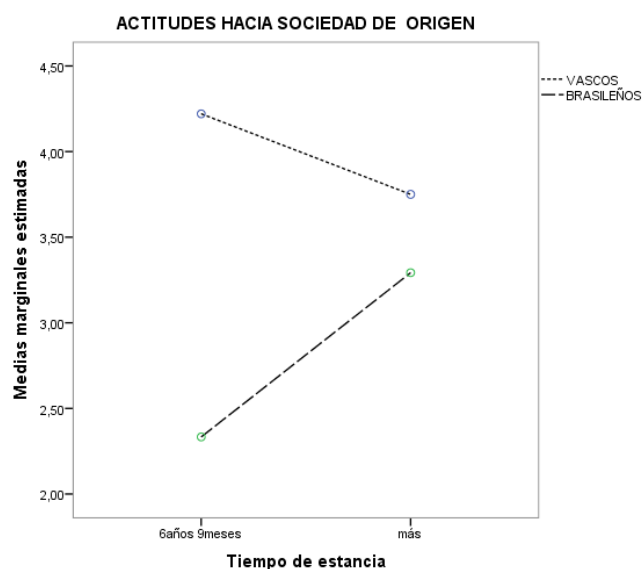
Tanto los vascos como los brasileños mantenían sus prácticas culturales de origen con una intensidad media, no hubo cambios significativos en relación al tiempo de residencia ni efectos de interacción. En ambos grupos las prácticas de la sociedad de acogida ($M = 3.93$, $DT = 0.50$) eran más intensas que las de origen ($M = 2.76$, $DT = 0.59$; $t(93) = 15.12$, $p < .001$) (Hip. 6) (véase Tabla 5).

Actitudes y estrategias de aculturación: sociedad de acogida y sociedad de origen

Tanto los vascos como los brasileños expresaron el deseo de mantener las costumbres del país de acogida y del origen (puntuaciones alrededor de 3 en una escala de 1 a 5), donde los vascos estaban ligeramente más orientados hacia la sociedad de acogida y los brasileños hacia el origen (efecto principal $p < .001$) (Hip. 7). Por otra parte, las actitudes positivas hacia la sociedad acogida se incrementaron con el tiempo de estancia (efecto directo del tiempo). Conforme se puede observar en la Figura 7, se encuentra un efecto de interacción, con un patrón inverso donde los

vascos que llevaban poco tiempo estaban fuertemente ligados al origen ($M = 4.22$, $DT = 0.19$) y con el tiempo disminuía esta actitud ($M = 3.75$, $DT = 0.15$); por su parte los brasileños con el tiempo se orientaban más hacia sus orígenes ($M = 2.33$, $DT = 0.33$ vs. $M = 3.29$, $DT = 0.12$) (diferencias $p < .05$) (véase Tabla 5).

Figura 7. **Actitudes hacia la sociedad de origen según tiempo de estancia y grupo**



Las estrategias adoptadas por los dos grupos diferían entre sí ($\chi^2(2, 94) = 24.98$, $p < .001$), los residuos estandarizados ≥ 2 indican que hay diferencias estadísticamente significativas en las distintas estrategias entre vascos y brasileños. La inmensa mayoría de los vascos adoptaban una estrategia bicultural (81%), mientras que los brasileños se repartían mayoritariamente entre la asimilación (34%), la biculturalidad (29%), siendo la separación una estrategia importante (23%), asimismo la opción difusa o marginación era mucho mayor (12%) que en el caso de los inmigrantes vascos en Brasil (2%) (Véase Tabla 7) (Hip. 7).

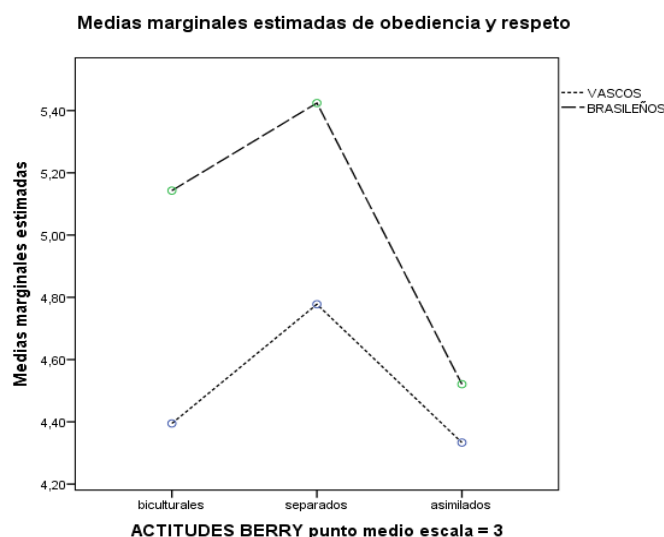
Tabla 7. **Estrategias de aculturación**

ACTITUDES BERRY	VASCOS	BRASILEÑOS	TOTAL
BICULTURALES	80.9% (N=38) 5.0	29.8% (N=14) - 5.0	55.3% (N=52)
SEPARADOS	6.4% (N=3) -2.3	23.4 (N=11) 2.3	14.9% (N=14)
ASIMILADOS	10.6% (N=5) -2.7	34.0%(N=16) 2.7	22.3% (N=21)
DIFUSOS	2.1% (N=1) -2.0	12.8% (N=6) 2.0	7.4% (N=7)
TOTAL	100% (N=47)	100% (N=47)	100% (N=94)

En relación a la segunda parte de la Hipótesis 7, que planteaba la relación entre familismo y dimensiones de la identidad étnica en los grupos inmigrantes de vascos y brasileños. De acuerdo al mayor familismo presente en las culturas latinas, se esperaba que la importancia otorgada a las vinculaciones familiares y, en especial la dimensión de “obediencia y respeto en relación a las personas de más edad”, estuviera más relacionada con las estrategias de aculturación caracterizadas por la separación y la biculturalidad entre los brasileños que entre los vascos (efecto de interacción grupo x estrategia de aculturación).

Para contrastar dicha hipótesis se seleccionaron las tres estrategias (bicultural, separación e integración) y se eliminó al grupo clasificado como marginado, debido a su pequeño tamaño ($n = 7$) lo que impedía la comparación. El análisis de varianza mostró dos efectos principales significativos, un efecto del grupo con los brasileños puntuando más en familismo jerárquico ($M = 4.97$, $SD = 0.73$) que los vascos ($M = 4.41$, $SD = 0.62$, $F(1, 81) = 7.91$, $p < .006$, $\eta^2 = .089$), un efecto de las estrategias ($F(2, 81) = 3.41$, $p < .04$, $\eta^2 = .078$) donde puntuaban más en familismo los separados ($M = 5.28$, $SD = 0.63$) comparados con los biculturales ($M = 4.59$, $SD = 0.69$) o los asimilados ($M = 4.47$, $SD = 0.68$), pero no se obtuvo un efecto de interacción significativo ($F(2, 81) = 1.08$, $p = .34$) como se postuló en la hipótesis, esto es la importancia del familismo sobre la estrategia de aculturación resultó igual en los vascos y en los brasileños. Como puede apreciarse en el Figura 8, el patrón de relación es similar en ambos grupos.

Figura 8. **Familismo: obediencia y respeto según estrategias de aculturación y grupos**



Percepción de Discriminación y Prejuicio

Siendo baja la percepción de discriminación en vascos y brasileños (puntuación menor de 2 en un rango de 1 a 5), los vascos desde el principio de su estancia en Brasil se percibían menos discriminados que los brasileños en el País Vasco y esta percepción con el paso del tiempo se mantenía estable (Hip. 8).

Respecto a la actitud hacia los inmigrantes, la percepción de los vascos en Brasil era muy positiva ($M = 4.23$, en un rango de 1 a 5), mientras que los brasileños percibían una actitud negativa de prejuicio hacia ellos por parte de los autóctonos ($M = 2.77$). Igualmente los vascos consideraban que eran tratados con más simpatía en Brasil que los brasileños en el País Vasco (puntuación: vascos $M = 4.23$ y brasileños $M = 3.07$, en un rango de 1 a 5) (Hip. 8).

Apoyo social: compatriotas y autóctonos

Los dos grupos de inmigrantes percibían más apoyo de los autóctonos que de sus compatriotas (puntuaciones por encima de 3 en un rango de 1 a 5). No hubo diferencias estadísticamente significativas en el apoyo de los compatriotas entre ambos grupos, sin embargo los vascos en Brasil percibían más apoyo de los autóctonos que los brasileños en el País Vasco (efecto directo del grupo) (Hip. 8).

Variables moderadores (valores) y mediadoras (apoyo social) en la experiencia de minoría étnica, las SCAS y el Bienestar subjetivo (Hip.9)

Antes de comprobar las hipótesis 9 sobre los efectos de moderación y mediación, se procedió a revisar las correlaciones entre valores y SCAS. En la tabla adjunta (Tabla 8) pueden observarse los coeficientes de correlación correspondientes a cada grupo de migrantes (vascos y brasileños).

Tabla 8. Correlaciones entre valores personales y escala de adaptación sociocultural

	SCAS		SCAS D1		SCAS D2	
	V	B	V	B	V	B
Familismo	.17	-.19	.11	-.21	.25 ⁺	-.11
Universalismo	-.18	-.17	-.10	-.16	-.31*	-.14
Conformidad	.14	-.03	.14	-.00	.13	-.08
Tradición	.31*	-.16	.32*	-.17	.19	-.09
Seguridad	.14	-.43	.20	.08	.001	-.03
Estimulación	-.33*	-.42**	-.20	-.43**	-.51**	-.32*
Autodirección	-.19	-.23	-.03	-.18	-.47**	-.28*
Hedonismo	-.12	.02	-.004	-.03	-.31*	.11
Logro	-.19	-.05	-.05	-.07	-.41**	-.01
Poder	-.20	-.18	-.14	-.16	-.25 ⁺	-.17

Nota. SCAS Dificultades socio-culturales, D1: Relaciones Interpersonales y comunicación; D2: Manejo de la Distancia Social y Jerarquía, V=vascos/as B=brasileños/as. ⁺ p < .10; * p < .05; ** p < .01; *** p < .001.

Para la muestra total el Familismo, y sus dimensiones no correlacionaron con la medida SCAS, ni con las respectivas dimensiones de la escala. Las correlaciones segmentadas por grupo migrante indicaron que el coeficiente era positivo en los vascos (SCAS y Familismo total $r = .17$) y negativo en los brasileños (SCAS y Familismo total $r = -.19$). No obstante las correlaciones no resultaron estadísticamente significativas para $p < .05$, por lo que no constató la Hipótesis 9a.

Los valores que presentaron relaciones negativas y significativas en ambos grupos (vascos y brasileños) fueron, por un lado, la estimulación, de modo que las personas con alta motivación de estimulación presentaban menos SCAS totales, menos dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía (SCAS D2), y menores en el ámbito de las relaciones interpersonales y la comunicación (SCAS D1) y, en este último caso, sólo para el caso de los brasileños. Por otro lado, a mayor motivación de autodirección se reportaron menos dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía (SCAS D2).

Las relaciones entre SCAS y valores eran más importantes entre vascos, dado que en el caso de los brasileños únicamente hubo asociaciones con los valores de estimulación y de autodirección. Sin embargo, en el caso de los vascos casi todos los valores correlacionaron con la dimensión de Manejo de la Distancia Social y la jerarquía (SCAS D2). De esta manera, se comprobó que un perfil de valores individualista y de promoción del Yo (universalismo, estimulación, autodirección, hedonismo, logro y poder) se asociaba a menores SCAS (aunque en este último caso para una $p = .09$). Por el contrario, los valores de conservación y colectivistas, como la tradición, se asociaban a más dificultades, en especial en el ámbito de las relaciones interpersonales y la comunicación (SCAS D1) y el familismo (para una $p = .09$).

Las actitudes de aculturación se asociaron con las SCAS únicamente en el colectivo de los vascos, de manera que una mayor orientación hacia la sociedad de origen se asocio a más dificultades, en especial las relativas a la dimensión de jerarquía ($r = .53$, $p < .001$), y en menor medida en relación a las dificultades interpersonales ($r = .28$, $p < .05$). A la inversa, las actitudes favorables a la sociedad de acogida correlacionaron con menores dificultades socioculturales, con más intensidad para las relaciones interpersonales ($r = -.58$, $p < .001$) y con menor intensidad para la dimensión de distancia social y jerarquía ($r = .29$, $p < .05$). En contraste con estos resultados, las correlaciones en el colectivo de los brasileños no fueron estadísticamente significativas. Por lo tanto, las actitudes de aculturación no se relacionaron con las SCAS para la muestra total (solo en el caso de los vasco), por lo que no se constata la Hipótesis 9b que planteaba una relación entre actitudes de aculturación y SCAS, y papel moderador de los valores sobre dicha relación.

Respecto al papel moderador de los valores en la relación entre experiencia de discriminación y prejuicio y SCAS (Hip. 9c), la experiencia de discriminación no presentaba correlaciones significativas con las SCAS (todas las $p > .10$) y la percepción de prejuicio (o la percepción de una actitud positiva hacia los inmigrantes) correlacionaba con las SCAS en su dimensión del Manejo de la Distancia Social y la jerarquía (con la medida retrospectiva $r = -.23$, $p < .02$ y actual $r = -.20$, $p < .05$). Por lo tanto, se constató un modelo en el que la relación entre Percepción de prejuicio y SCAS-D2 estaba moderada por los valores de Estimulación (recuérdese que éste era el único valor que presentó relaciones significativas con SCAS para la muestra total) (Hip. 9c). La medida actual de SCAS D2 no obtuvo efecto de interacción significativo ($B = -.02$, $et (.04)$, $t = -0.43$, $p < .66$), y si se dio para la medida retrospectiva ($B = -0.12$, $et (.06)$, $t = -1.94$, $p < .05$). El cambio en la R^2 una vez introducido el término de interacción resultó significativo ($\Delta R^2 = .037$, $p < .05$), y el efecto directo del Prejuicio no resultó significativo ($B = 0.41$, $et (.29)$, $t = 1.39$, $p < .16$).

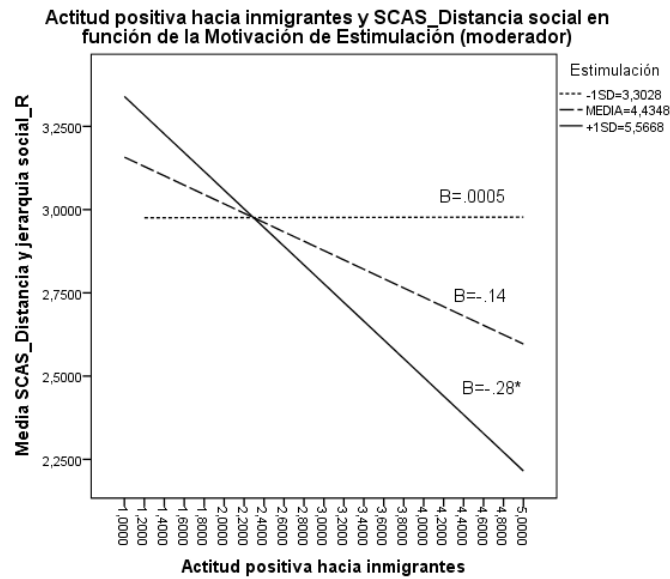
Los efectos condicionales del moderador (valores de estimulación) mostraron que el grupo de alta estimulación presentó un efecto significativo de manera que cuando se percibía una actitud positiva por parte de los autóctonos disminuían las dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía ($B = -0.28$, $et (.10)$, $t = -2.68$, $p < .01$, $CI [-0.48, -0.07]$). En las condiciones de baja ($B = 0.0005$, $et (.10)$, $t = .005$, $p < .99$, $CI [-0.21, 0.21]$) y media ($B = -0.14$, $et (.07)$, $t = -1.83$, $p < .07$, $CI [-0.29, 0.01]$) estimulación el efecto no resultó significativo. El estadístico de Johnson-Neyman indicó que a partir de la puntuación de estimulación igual o mayor a 4.53 el efecto del prejuicio sobre las SCAS era significativo ($B = -0.15$, $et (.07)$, $t = -1.98$, $p < .05$, $CI [-0.30, 0.00]$) (véase Tabla 9 y Figura 9).

Tabla 9. *Efectos condicionales de la percepción de prejuicio (actitud positiva de los autóctonos) en las SCAS D2 para valores específico de los moderadores (estimulación)*

Estimulación	B	SE	t	p	95% del IC	
					LI	LS
Baja (1.96)	.00	.11	.00	.99	-.21	.21
Moderada (3.24)	-.14	.07	-1.83	.07	-.29	.01
Alta (4.51)	-.28	.10	-2.68	.01	-.48	-.07

Note. B = coeficientes beta no estandarizados, SE = error estándar, IC = intervalo de confianza, LI = límite inferior, LS = límite superior.

Figura 9. **Actitud positiva hacia inmigrantes y SCAS – Distancia social en función de la Motivación de Estimulación**



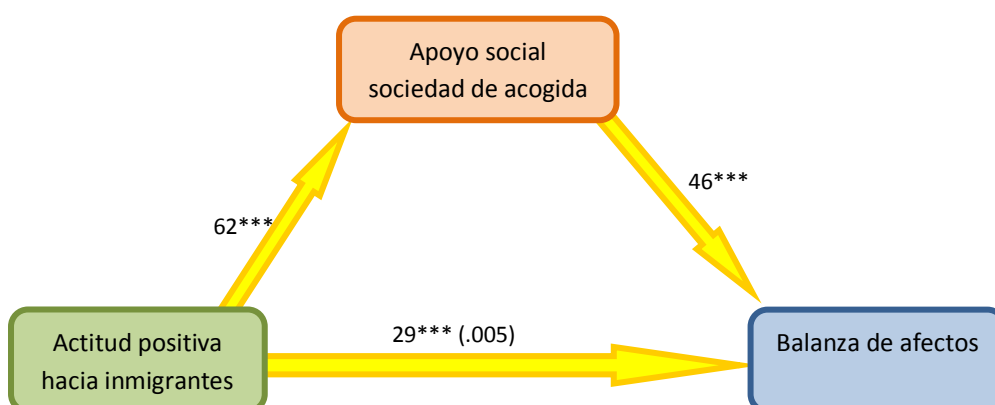
Asimismo se proponía que los valores de promoción del yo moderarían la relación entre las SCAS y el ajuste psicológico (medido por la balanza de afectos) (Hip. 9d). El efecto de interacción no resultó ser estadísticamente significativo para el conjunto de valores de promoción del YO ($p > .90$), y tampoco lo fue para la estimulación ($B = 0.10$, et (.15), $t = 0.67$, $p < .50$). En este último caso se mantuvo la relación entre SCAS ($B = -0.63$, et (.20), $t = -3.11$, $p < .01$), y estimulación ($B = 0.18$, et (.08), $t = 2.19$, $p < .03$) con la Balanza de afectos. Es decir, por un lado una buena balanza de afectos estaba relacionada con bajas dificultades de adaptación (SCAS), y por otro las personas con altos valores de estimulación también presentaron mejor balanza de afectos. Y sin embargo la estimulación (ni tampoco los valores de promoción del YO) jugaron un papel moderador en la relación entre SCAS y Balanza de afectos.

No obstante, y a pesar de no haberse formulado una hipótesis al respecto, los valores de conservación si tuvieron un papel moderador en la relación de la SCAS con la Balanza de afectos. De este modo, la interacción entre SCAS y valores de conservación fue significativa ($B = 0.74$, et (.27), $t = 2.67$, $p < .01$; con un $\Delta R^2 = .059$, $p < .01$), asimismo las SCAS mantenían un efecto directo significativo ($B = -4.07$, et (1.23), $t = -3.30$, $p < .001$) y los valores de conservación ($B = -1.36$, et (.46), $t = -2.93$, $p < .01$) sobre la Balanza de afectos. Por su parte, los efectos condicionales del moderador mostraron que valores de conservación bajos ($B = -1.42$, et (.29), $t = -4.89$, $p < .001$ CI [-2.01, -0.85]) y medios ($B = -0.89$, et (.18), $t = -4.90$, $p < .001$ CI [-1.26, -0.53]) producían que las SCAS se asociaran o afectaran negativamente a la Balanza de afectos, mientras que cuando estos valores eran altos dicha relación no fue significativa. ($B = -0.36$, et (.24), $t = -1.47$, $p < .14$ CI [-0.85, 0.12]).

Por lo tanto, los valores de promoción del yo y de estimulación no afectaron a la relación entre SCAS y Balanza de afectos, mientras que las dificultades de adaptación empeoraron la balanza de afectos cuando los valores de conservación eran bajos o medios, esto es, una baja conservación (valores que representan la fuerza, la lealtad al endogrupo y la conformidad) impediría que la protección del grupo amortigué los efectos negativos de las dificultades de adaptación sobre el estado afectivo.

Por último, se planteaba una hipótesis sobre el papel mediador del apoyo social por parte de la sociedad de acogida en la relación entre el prejuicio y la adaptación sociocultural (Hip. 9e), de manera que habrá una mediación total (esto es, cuando hay apoyo de la sociedad de acogida el prejuicio no afectará a las adaptación sociocultural (SCAS). Se constató un modelo de regresión con el procedimiento *Mediate* para SPSS (Hayes, 2013; Hayes & Matthes, 2009), como predictor la percepción de prejuicio hacia los inmigrantes por parte de la sociedad de acogida, como mediadora el apoyo percibido de la sociedad de acogida y como resultado las SCAS_D2, y no se encontraron efectos indirectos significativos ($Boot = -0.04$, et (.05), 95%CI [-0.15, 0.08]). Tampoco se mostraron efectos indirectos significativos ($p_s > .05$) cuando se probaron el resto de medidas las SCAS. Con respecto al papel mediador del apoyo en el bienestar subjetivo (balanza de afectos), el modelo de regresión de mediación constató un efecto indirecto significativo del prejuicio por medio de la protección del apoyo de la sociedad de acogida, lo que mejora la Balanza de afectos (*Efecto indirecto* $Boot = 0.29$, et (.07), 95% CI [0.16, 0.43]). Como puede apreciarse en la figura 10 adjunta, la percepción de una actitud positiva hacia los inmigrantes afecta positivamente al bienestar de los mismos cuando los inmigrantes perciben apoyo social por parte de los autóctonos, el efecto directo controlando el apoyo social deja de ser significativo. Lo que corrobora la última hipótesis planteada.

Figura 10. **Modelo de mediación del apoyo social entre Prejuicio y Balanza de afectos**



Nota.- Efectos total y directo (en paréntesis) de los predictores. $^{***} p < .001$.

5. DISCUSIÓN

Dificultades de adaptación

Al analizar el choque cultural entre grupos inmigrantes se constata que las dificultades globales de adaptación son similares entre inmigrantes vascos y brasileños durante el primer año de estancia en el país de acogida (medida retrospectiva). El choque cultural se experimenta sustancialmente al principio al llegar al nuevo contexto, así este estudio ha demostrado que durante el primer año las dificultades son altas en casi todas las esferas, predominando las relativas a la dimensión de manejo de las *Relaciones interpersonales*, y posteriormente con el paso del tiempo el choque disminuye, y adquiere más importancia la dimensión de *Manejo de la distancia social*, especialmente en el caso de los vascos y no así en los inmigrantes brasileños. Matizando más, durante el primer año aquéllos aspectos en los se manifestaron mayores dificultades fueron los siguientes: captar el sentido del humor, añoranza de la familia, comprensión del idioma, tratar con la burocracia, comprender la cultura local, hacerse entender, la comida, afrontar el clima, hacer amigos nativos, ser entrevistado por alguien, conocer nuevas personas y tratar con alguien desagradable. Otras cuestiones que fueron menos destacadas y que produjeron menor choque se refirieron a las siguientes: acudir al médico, tratar con personas que miran fijamente, ir de compras, relacionarse con personas de otro sexo, de mayor estatus y edad, y acudir a lugares de culto religioso.

Por lo tanto, con el tiempo se produce una adaptación al nuevo medio como también mostraron estudios precedentes (Basabe, et al. 2009; de Luca, et al. 2011; LaFromboise, et al. 1993; Ward, et al., 1998; Ward & Kennedy, 1999). Asimismo, los vascos con menor tiempo de estancia o recién instalados en Brasil presentan más dificultades que los veteranos y que los brasileños, en especial estas dificultades se relacionan más fuertemente con el "*Manejo de la distancia social*" y, en menor medida, con "*Relaciones interpersonales*" que puede considerarse una manifestación de la dimensión cultural de Jerarquía social. Por su parte los brasileños señalan pocas diferencias, sean veteranos o recién llegados (Hip2).

Del conjunto de ítems que componen la Escala de Dificultades Socioculturales de Adaptación (SCAS), se han encontrado diferencias en función del grupo, tiempo de estancia en el país de acogida y la interacción entre ambos, en 7 de los 19 ítems de la escala cuando se menciona el primer año de estancia. En la medida relativa al momento actual se mostraron diferencias en la mayoría de los ítems 13/19. Lo que indica que con el tiempo la experiencia de choque cultural se transforma en más heterogénea.

Dificultades de adaptación: Relaciones interpersonales y Comunicación

Al inicio de la experiencia migratoria (medidas retrospectivas), en relación a las Relaciones interpersonales los brasileños manifestaron mayor dificultad para *afrentar el clima* comparados con los vascos y estos mostraron mayor dificultad en el *trato con la burocracia* (Hip.2). *Considerando que el clima* constituye un elemento que marca diferencias entre Brasil y España, principalmente en respecto al País Vasco; y a pesar de que en ambos países la climatología es muy variada de unas regiones a otras, en el sudeste brasileño, donde se encuentra la provincia de São Paulo, origen inmigratoria de la totalidad de los brasileños y destino de los inmigrantes vascos de este estudio, el clima es tropical atlántico, caracterizado por ser caliente y húmedo la mayor parte del tiempo (Schneeberger & Farago, 2003), situación que contrasta con las características climáticas de la provincia de Álava, en la cual predomina el clima mediterráneo continental, con cálidos y secos veranos y fríos y nevados inviernos (Climatología del País Vasco, 2011). En este sentido y según los resultados, puede suponerse que resulte más fácil acostumbrarse al clima de São Paulo, teniendo en cuenta que para los vascos esta situación al principio ha sido menos incómoda que para los brasileños, y que con el tiempo sigue siendo menos relevante para los inmigrantes vascos. En esta misma línea el estudio de Ángel (2007) encontraba que los inmigrantes extranjeros, procedentes de países colectivistas, les costaba adaptarse al clima y al ritmo de vida más que los estudiantes, viajeros o trabajadores vascos expatriados.

El trato con la burocracia representa para los vascos una situación de gran dificultad durante el primer año de estancia, esta percepción disminuye poco con el paso del tiempo de residencia en Brasil; mientras que para los brasileños el grado de dificultad que indicaban al inicio de su estancia disminuyó conforme se incrementó el tiempo de estancia en España. Estas diferencias pueden relacionarse en gran parte con dos aspectos. Uno primero, con las políticas migratorias de los dos países respecto a la legalización documental de residencia, que a pesar de la burocracia presente en ambos y de que la nacionalidad puede adquirirse por diversas vías, algunas similares, como el matrimonio con autóctonos, por el general en España la nacionalidad para los latinos es una realidad después de dos años ininterrumpidos de residencia, y en Brasil se exigen quince años sucesivos de residencia habitualmente, si bien en determinados casos, como por ejemplo el de los inversores, es suficiente con cuatro años (da Silva Guimarães, 2002; Nacionalidad, s.f.; Solé, Cavalcanti & Parella, 2011). El segundo aspecto puede estar relacionado con una de las características migratorias de esta muestra en particular, donde la mayor parte de los brasileños salió de su país con un contrato de trabajo que fue prorrogado para más de dos años, permitiendo a los trabajadores y sus familiares directos beneficiarse de la ley española y adquirir la nacionalidad, asimismo los brasileños que inmigraron sin esta condición laboral, se han visto favorecidos por la ley de 2005, por un procedimiento de normalización que excepcionalmente concedió la residencia a los inmigrantes que probaron haber

residido en territorio español con anterioridad a agosto de 2004 (Sanz, 2005). De manera diferente, los vascos se dividen en dos grupos proporcionalmente equivalentes, los que han emigrado aventurándose sin un contrato previo, y los que lo han hecho con un permiso de prestación de servicio por tiempo determinado en filiales de empresas españolas y que decidieron no retornar al origen. Teniendo en cuenta estos factores, podemos decir, que en parte pueden ser el origen de la mayor dificultad burocrática que perciben los vascos que residen en Brasil, y también que pueden explicar por qué la gran mayoría de los brasileños poseen nacionalidad española, y la mayoría de los vascos no tienen la nacionalidad brasileña, considerando también, que el 23.4% de la muestra vasca tenía una pareja nativa de Brasil y el 55.3% de la muestra brasileña decía tener una pareja vasca en el momento de la realización de este estudio.

Por otra parte, *establecer nexos de amistad (hacer amigos nativos)* constituye una dificultad para los dos grupos, aunque de manera más acentuada para los inmigrantes brasileños residentes en el País Vasco (Hip 3). A pesar de que las dificultades para contactar con autóctonos disminuyen con el tiempo de estancia, las personas brasileñas siguen señalando más dificultades para hacer amigos autóctonos que los vascos después de varios años de estancia en el País de acogida. De este modo, se constata la hipótesis 3, ya que los inmigrantes vascos gozan de mayor estatus y menor discriminación étnica entre la población brasileña que la inversa. Según algunos estudios, España es considerada por los brasileños como unos dos países más bonitos de Europa, bien desarrollado, rico, organizado, estable y lleno de oportunidades. En relación a las personas españolas, expresan una mezcla de creencias y atributos en el sentido de que son temperamentales, serias, desconfiadas, cerradas, autoritarias, emprendedoras, innovadoras, trabajadoras, honestas, simpáticas, interesantes, directas a la hora de expresar sus opiniones y a la vez amables, pacientes y que saben disfrutar de la vida. En el imaginario español predomina la imagen de Brasil como un pueblo que aunque marcado por las desigualdades sociales, donde hay mucha pobreza, delincuencia y corrupción, tiene muchos recursos que explotar económicamente, y es un destino turístico que despierta gran interés. Describen a las personas brasileñas como alegres, divertidas, juerguistas, buenas deportistas y con mucho ritmo en el cuerpo, pero, machistas y mafiosas que explotan los niños laboralmente y los inducen al consumo y tráfico de drogas (Betancor, et al. 2005; Masanet-Ripoll, & Baeninger, 2010; Prestes, 2006; Santiago & Zubieta, 2006a, 2006b; Techio, 2011). Estudios realizados con población estudiante de los dos países, indican en cuanto al grado de confianza Brasil ocupa el cuarto lugar en la imagen de la población española, mientras que España ocupa el primer lugar en el imaginario de los brasileños, y los brasileños valoran algo más a los españoles que lo que son valorados por ellos (Masanet-Ripoll, 2009; Santiago & Zubieta, 2006b), esto sustenta la suposición de que el valor otorgado por la sociedad de acogida al grupo minoritario influye en el momento de establecer y mantener relaciones con el grupo mayoritario (Barrette, et al. 2004; Bourhis, et al. 2009; Bourhis

& Bougie, 1998; Bourhis & Dayan, 2004; Montreuil & Bourhis, 2001; Briones, Tabernerero & Arenas, 2005).

Respecto a los grupos étnicos minoritarios y a su valoración por los colectivos mayoritarios, es importante preguntarse por los factores que explican la adquisición de la nacionalidad del país de acogida. Trascendiendo las cuestiones burocráticas de cada país sobre los requisitos para la legalización documental del extranjero, hay que tener en cuenta factores como la fuerte identidad étnica y el nacionalismo vasco (Arizcun, 2001, Goicoechea, 1984); el tiempo de estancia (en el caso de los vascos en Brasil que corresponde a una media de 15 años y 9 meses, y en el de brasileños en España con una media de 12 años y 6 meses); y la gran diferencia en el porcentaje de personas vascas (14,9%) y brasileñas (74,5%) que han adquirido la nacionalidad del país de estancia en la muestra de este estudio. Entonces, ¿hasta qué punto el deseo de adquisición de la nacionalidad está relacionado con el status de la minoría étnica?. El grupo vasco es una minoría en Brasil que es positivamente percibida por la población brasileña y que tiende a mantener su nacionalidad de origen, incluso en el caso de superar el límite que establece el Gobierno de Brasil (15 años). Por el contrario, la minoría brasileña es frecuentemente objeto de prejuicio en España, siendo entonces un colectivo relativamente devaluado que desearía adquirir la nacionalidad como forma de mejorar su estatus económico y también social, por ello cabe preguntarse si un grupo minoritario devaluado puede relacionar la adquisición de la nacionalidad del país autóctono con una conquista que le permite aproximarse al mayor estatus de la mayoría étnica.

Siguiendo con las fuentes de stress de aculturación, los vascos manifestaron mayores dificultades para *acudir a lugares de culto religioso y practicar sus creencias religiosas* al inicio comparados con los brasileños, y estas dificultades se diluyeron con el paso del tiempo para ambos colectivos. Esto constata parcialmente hipótesis dos, en la cual se esperaba que dichas dificultades representasen el mismo nivel de importancia para los dos grupos (Hip. 2). Así y todo hay que resaltar que acudir a lugares de culto religioso representó la cuestión menos importante del choque cultural, dado que se obtuvieron las puntuaciones menores en la escala SCAS para este ítem.

Varios son los factores que pueden explicar las diferencias en la percepción de dificultades para el culto religioso. Por un parte, el gran tamaño de las ciudades y barrios, además de la mayor diversidad religiosa de iglesias y creencias características de Brasil y de Sao Paulo, contrasta con el tamaño más pequeño y la mayor cercanía de los lugares de culto (iglesias) en el País vasco. Otro aspecto que diferencia las prácticas religiosas en ambos países y puede producir choque cultural para los vascos, puede ser el mayor sincretismo de las religiones en Brasil. La existencia en Brasil de una multiplicidad de grupos étnicos, conviviendo en un mismo espacio físico, favoreció la interacción de elementos religiosos provenientes de distintas culturas. Algunos de estos elementos fueron suprimidos y otros absorbidos, modulando un cuadro religioso, diversificado y único en el mundo. Por ejemplo, los indígenas nativos y los

esclavos africanos añadieron al catolicismo popular, un nivel de supersticiones, prácticas de los/as curanderos/as, “pai o mãe de santo” “benzedeiros/as”, y folklores, que permiten la concretización expresiones religiosas diversas y peculiares como el “lavagem de las escadas da Igreja do Bom fim da Bahia” por parte de los creyentes del “candomble”, “umbanda” y “católicos”. Sincretismo religioso no siempre sencillo de comprender para las personas externas o novatas de la sociedad brasileña, que puede interpretarse más como una manifestación cultural que una práctica religiosa (Almeida & Montero, 2000; Teixeira, 2005;).

Asimismo y por otro lado, este resultado que muestra que los vascos en Brasil reportaban más dificultades para cumplir con el culto religioso puede chocar puesto que el País vasco y España muestra una mayor secularización y valores más post-materialistas que la sociedad brasileña (Inglehart, et al. 2004). Así por ejemplo y según la Encuesta Mundial de Valores, el 99% de los encuestados en Brasil afirmaba creer en Dios y este porcentaje era 85% en los españoles; cuándo se pedía evaluar cuán importante era la religión en su vida, el 51% de los brasileños y el 22% de los españoles afirmaban que era muy importante, y en relación a la práctica religiosa, el 75% de los brasileños indicaban acudir a servicios religiosos una o más veces al mes frente al 36% de los españoles. Por tanto esta disparidad en la práctica religiosa parece chocar con que los vascos encuentren dificultades en el culto religioso. Sin embargo, estudios previos con una muestra heterogénea de estudiantes, trabajadores expatriados y turistas ($n = 196$) encontró también que los vascos cuando viajan a países más colectivistas manifestaron más dificultades que los que viajan a países individualistas para practicar su religión y para manejar los conflictos (Ángel, 2007).

Respecto al acceso a los servicios médicos, los dos grupos de inmigrantes revelan ciertos inconvenientes para acudir al médico en el país de acogida, no obstante esta situación es destacada más por los vascos que por los brasileños, y en especial por los vascos recién instalados. Existen varios factores para explicar esta situación, entre ellos, el sistema de salud público vigente en los dos países y el acceso tanto del inmigrante como del autóctono al mismo. Sin considerar las diferencias existentes entre el volumen poblacional, la extensión territorial y la renda per capita, así como las desigualdades sanitarias, tanto públicas como privadas, entre ambos países, el sistema sanitario español cuenta con una estructura pública de atención similar o incluso mayor que la privada. Sin embargo, la estructura sanitaria pública de Brasil ha experimentado grandes cambios en las últimas décadas, desde finales del S.XX, a partir de la descentralización de los servicios sanitarios, que poca a poca y progresivamente se han ido extendiendo desde los edificios centrales ubicados en las urbes de referencia hasta la creación de centros de salud, o las unidades de atención móvil en los barrios más periféricos de las ciudades o en las zonas rurales, donde se prestan servicios de atención básica y se puede acceder a un médico de familia (Asensi, 2010; Asensi & Pinheiro, 2013; Escorel, et al. 2007; Freire & Navarro-Lopez, 2004; Rico, Freire & Gervas, 2007). Esta realidad proporciona mayor facilidad de acceso en la atención

sanitaria sin costos a los brasileños residentes en España, mientras que los vascos residentes en Brasil tienen que hacer uso, en su mayoría, de seguros o centros privados.

Otro de los elementos culturales diferenciales se refiere a “*Acostumbrarse a las costumbres culinarias del país de acogida*”. Al inicio de experiencia migratoria ambos grupos les cuesta adaptarse a las costumbres culinarias, los productos y su forma de preparación. Conforme pasa el tiempo las personas van adaptándose, pero los vascos siguen destacando más estas diferencias que los brasileños. Otro estudio con la escala SCAS (Ángel, 2007) mostraba que los vascos que viajaban fuera (a países individualistas o colectivistas) decían tener más problemas con la comida comparados con los extranjeros e inmigrantes residentes o que visitaban. Hay que considerar que el País Vasco presenta una tradición gastronómica muy enraizada en su cultura, los habitantes nativos se enorgullecen de su cultura culinaria principalmente basada en los productos de su tierra. La dedicación a este arte hace del País Vasco la segunda región de España con más galardones como las “estrellas Michelin”; existen importantes escuelas gastronómicas, además de contar con un centro de innovación, desarrollo e investigación gastronómico (Haig, 2008; Morales, 2012). La gastronomía representa un punto muy fuerte en la socialización y una manera de reforzar la identidad étnica de las personas vascas, principalmente de los hombres que se juntan en “cuadrillas” para realizar diversas actividades recreativas, que por el general incluyen la degustación de comida y bebida y la formación de sociedades gastronómicas (Goicoechea, 1984). Por su parte, la gastronomía brasileña adquirió un aspecto más multicultural, debido a la mezcla de razas, que caracteriza a Brasil con las diferentes costumbres culinarias aportadas por cada una de sus etnias (Girard, 2009; Klein, 1996; Santos de Matos, 2013). En este sentido, aun existiendo actualmente en los dos países acceso a variados productos gastronómicos, la fuerte identidad étnica y su relación con gastronomía puede explicar esta mayor importancia que los vascos otorgan a la comida como fuente de choque cultural (Azurmendi, Bourhis, Ros, & García 1998).

La lengua y sus usos son elementos centrales de la identidad étnica (Azurmendi, 2000). Entender *el idioma y el acento local* no representa un fuerte inconveniente ni para los inmigrantes vascos ni para los inmigrantes brasileños. Las trayectorias de ambos grupos parecen divergir, dado que al principio de la estancia los vascos presentaron más dificultades en entender el idioma y el acento portugués, mientras que los brasileños percibieron más dificultades conforme pasa el tiempo en España. Además, después de pasado el periodo de establecimiento, los brasileños manifiestan más dificultades que los vascos *en la comunicación y relaciones interpersonales, como es el caso de comprender el sentido del humor, hacerse entender y comprender el punto de vista de la cultura local*. Estos contrastes pueden tener su origen en las distintas características con las cuales son percibidos estos colectivos culturales. En diversos estudios, se ha recalcado, el aspecto alegre y extrovertido del brasileño (Gonzales-Castro & Ubillos, 2011; Masanet-Ripoll & Baeninger, 2010; Prestes, 2006; Santiago & Zubieta, 2006a,

2006b;) y el predominio de unos rasgos más cerrados, serios, desconfiados y prudentes en los vascos (Rodríguez & Moya, 1998; Sangrador, 1996; Techio, 2011; Zlobina, et al. 2004). Esto puede corresponder, en parte, a que en los primeros años de residencia los vascos perciban más dificultad en la comprensión y habla del idioma Portugués, siendo entonces más cautelosos a la hora de comunicarse y que con el paso del tiempo obtengan un dominio mayor y seguro del portugués. Por otra parte, los inmigrantes brasileños se arriesgan y se expresan más, lo que les haría más propensos a experimentar diversas situaciones embarazosas. Algunas de las siguientes anécdotas, rescatadas de las entrevistas realizadas en este estudio, pueden ilustrar estos malentendido lingüísticos: (1) una señora brasileña que fue una entrevista de trabajo para cuidar niños, y con el afán de ser cariñosa y provocar simpatía en una niña de 4 años, le dijo: “ven más cerca que te voy a pegar” y la niña empezó a llorar y salió corriendo (pegar en portugués significa coger en brazos); (2) un señor que después de un par de meses de residencia, fue a un restaurante y vio en la carta “filete de ternera con ajos”, contento pidió al camarero el filete y por separado un plato muy lleno de “ajos”, al camarero le pareció extraño, le pregunto varias veces se era esto lo que quería y el señor contesto afirmativamente diciendo que hacía meses que no comía “ajos” y que tenía muchas ganas de comerlos. Cuando llego el plato de “ajos” el brasileño se quedo sorprendido porque le trajeron ajos y no arroz como él creía haber pedido (como la “J” en Castellano se pronuncia “R”, él pensó que ajos era “arroz”); (3) una chica que fue a una pastelería y pidió un “dulce de masa follada” (follada en portugués significa hojaldre o mil hojas, y como determinadas palabras que en portugués se escribe con “LH” en español se escribe con “LL” y se pronuncia “LL”, creyó que decía lo correcto, ejemplo: en portugués “maravilha” “LH”, en español maravilla “LL”; el significado de “maravilla” es similar en los dos idiomas).

Con el paso del tiempo se entremezclan en la comunicación elementos de los dos idiomas e identidades produciéndose lo que algunas autoras han definido como biculturalismo integrado (Benet-Martínez, 2007, 2010), que incluye la fusión de aspectos de dos grupos distintos (LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993), en los que se elabora una nueva mezcla, fruto de las dos culturas, como es el caso del “portuñol”, que representa una mezcla del castellano y del portugués sin traducir o traducidos incorrectamente. Esta mezcla que tiene como finalidad proporcionar una comunicación puntual (en este estudio, por los brasileños que han entrado en contacto con la cultura hispana, aunque puede también referirse a los cualquier mezcla entre grupos parlantes del portugués y el español) cuando se transforma en un “idioma de uso frecuente”, puede adquirir características prejudiciales por falta de dominio lingüístico del castellano en varias esferas de la vida cotidiana importantes para la integración en el nuevo contexto (Fernández García, 2006; García, 1988). En el caso del colectivo de los inmigrantes brasileños de este grupo puede considerarse que mayoritariamente están anclados en medio de dos idiomas, y conforme este grupo se mueva cada vez más en un contexto exogrupal con los nativos, y vayan desarrollando

relaciones sociales e institucionales más complejas con la población nativa encuentren más dificultades para comunicarse y expresarse adecuadamente en castellano. Este desajuste en el dominio de la lengua puede acarrear también consecuencias para los hijos de inmigrantes. En este sentido los estudios sobre las generaciones de inmigrantes destacan el efecto negativo que la falta de ajuste cultural y lingüístico de los padres puede tener sobre el ajuste sociolingüístico de los hijos en la esfera escolar (Polek y Coen, 2013).

Las personas que dejan su cultura de origen para instalarse en una distinta, se encuentran en situaciones desconocidas muchas veces ambiguas, conflictivas y de soledad (Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2004). La añoranza de la familia o el duelo por la separación una de las respuestas más comunes y sobresalientes entre los inmigrantes y expatriados, la separación de la familia y los seres queridos, en muchas ocasiones supone para estas personas un fuerte sentimiento de soledad y sufrimiento sobre todo cuando se dejan atrás niños pequeños o padres ancianos y enfermos (Achotegui, 2002; Ángel, 2007; Páez, et al. 2003). En este estudio, vivir lejos de la familia ha representado para los dos grupos, especialmente en los comienzos de la experiencia migratoria una dificultad considerable, que va disminuyendo su importancia después del primer año de residencia a lo largo de los años para ambos grupos. Este cambio puede considerarse parte del proceso de adaptación, de manera que el sentimiento de añoranza hacia la familia o a las personas cercanas que se quedaron en el país de origen va disminuyendo conforme el inmigrante adquiere mayor dominio de la cultura de acogida. En este proceso los valores familistas pueden jugar un rol importante. La importancia otorgada a las relaciones familiares y la lealtad ante sus miembros es alta en sociedades de América Latina y también africanas (Hofstede, 2001, Páez, et al. 2003). La Encuesta Mundial de Valores (Inglehart, et al. 2004) refleja a Brasil como un país fuertemente familista, también lo es España pero algo menos comparativamente, así por ejemplo la familia es muy importante para el 93% de los brasileños y el 86% de los españoles. En este sentido, para los inmigrantes se ha destacado que las diferencias en las concepciones familiares y la importancia de los vínculos familiares pueden mejorar el bienestar y el su estado emocional (Basabe, et al. 2004a).

Por lo tanto y sintetizado los resultados sobre las dificultades socioculturales de adaptación para la dimensión de las *Relaciones interpersonales y la Comunicación*, una vez que las personas inmigrantes se han establecido en el país de acogida, la mayor diferencia entre vascos y brasileños se produce respecto al trato con la burocracia, que para los vascos sigue siendo con el paso del tiempo una fuente de choque, y en contrapartida, la dificultad para adaptarse al clima sigue afectando especialmente a los brasileños. Por su parte los vascos perciben más dificultades para acudir a lugares de culto religioso por un lado y para acudir al médico, mientras que los brasileños continúan percibiendo más dificultades para hacer amigos nativos. Para ambos colectivos vivir lejos de su familia representa una dificultad destacada, que va disminuyendo poco a poco conforme pasa el tiempo, como también sucede con otros aspectos como son ir de compras, y

acostumbrase al ritmo de vida. A pesar de que el dominio lingüístico se acrecienta con el tiempo de estancia, los brasileños presentan más dificultades que los vascos para hacerse entender y comprender por los nativos, captar su sentido del humor o sus puntos de vista. En contraste, los vascos destacan la importancia de la comida como fuente de choque cultural. En síntesis, se puede concluir que cuanto más años se lleva residiendo en el país de acogida, por una parte disminuye la añoranza por “vivir lejos de la familia de origen”, y por otra parte aumenta la comprensión de la cultura autóctona, el dominio lingüístico (entender el idioma) y la adaptación a las costumbres culinarias.

Dificultades de adaptación: Manejo de la Distancia Social

En relación al Manejo de la Distancia Social, al principio conocer a personas desconocidas y “ser entrevistado para algo” eran aspectos representativos, y con los años de estancia pierden fuerza en los dos grupos. Durante el año de la llegada en el país de acogida se destacaban las dificultades en el trato social, los brasileños resaltaban “el trato con personas autóctonas desagradables, malhumoradas y agresivas”, mientras que los vascos indicaban las dificultades para relacionarse con personas nativas de otro sexo. Estas diferencias se diluyen con el tiempo de estancia (Hip 2). Por otra parte, otra fuente de choque se manifiesta en la malestar por “tratar con personas autóctonas que miran fijamente”, por otro parte, los dos grupos han referido pocas dificultades en el trato con personas de mayor edad durante el primer año de estancia así como en los posteriores, aunque esto ha sido más destacado en el caso de los vascos que les resultaba algo más difícil el trato con personas autóctonas mayores.

Estas diferencias pueden ser explicadas por los estilos comunicativos de los dos países en cuestión. Comparativamente el País Vasco y España presenta una cultura más individualista (Hofstede, 2001), que se caracteriza por un estilo más explícito y directo, en el cual los puntos de vista son manifestados de forma clara y directa, lo que es percibido por las culturas más colectivistas, en el caso la brasileña, como una actitud grosera y agresiva, considerando que estas culturas utilizan un estilo más implícito e indirecto, en el que la mayor parte de la información está en el contexto y no en la palabra, y donde las personas intentan evitar la confrontación y los desacuerdos (Gudykunst, Yoon, & Nishida, 1987; Hall & Hall, 1990; Trompenaars, 1994). Por su parte los vascos han destacado las dificultades en las relaciones en función de la edad (con las personas mayores) y el otro sexo. Estas diferencias puede tener por una parte su origen en la mayor jerarquía y trato deferente para los mayores en la cultura brasileña, mientras que la mayor expresividad emocional de la cultura brasileña puede chocar con un estilo más controlado de las emociones y una segregación de género en las actividades de ocio en el País vasco (Basabe, et al. 2004a; Hofstede, 2001; Goicoechea, 1984; Páez, et al. 2003).

El choque en los brasileños se manifiesta en el *Manejo de la distancia social*, por el trato con “personas malhumoradas y desagradables” (Massanet-Ripoll, 2009), lo cual puede relacionarse con la mayor percepción de discriminación entre los inmigrantes brasileños. Congruentemente con ello la integración en la sociedad de acogida parece más resistente para los brasileños (que presentan más dificultades, para “hacer amigos nativos”).

Valores

En relación al perfil de motivaciones o valores (Hip.4) (Basabe, et al. 2004a) ambos grupos son fuertemente *familistas*, los brasileños sienten más obligación de proporcionar apoyo y asistencia, y comparten una visión más jerárquica de las relaciones familiares, consideran que debe educarse en el respeto y obediencia a los mayores. Por otra parte, la mayor diferencia entre vascos y brasileños se presenta en los valores de *tradición*, los vascos son fuertemente tradicionalistas y más que los brasileños, sin embargo sucede que estos con el tiempo valoran cada vez más las tradiciones. Los inmigrantes brasileños puntúan medio alto en *Conformidad*, en cuanto que para los inmigrantes vascos es el valor menos importante. Por otra parte, los dos grupos son fuertemente *universalistas*, y puntúan medio alto en *seguridad*. Los inmigrantes vascos en Brasil se perciben como poseedores de mejor posición social, prestigio y dominancia sobre las personas y recursos (*poder*), que los inmigrantes brasileños. Ambos grupos valoran fuertemente *la apertura al cambio, autonomía personal*. Congruentemente con la necesidad de adaptación a nuevos estímulos y ambientes, la motivación de *estimulación* está más presente en los recién instalados que en el resto. Por último, la jerarquía de valores se manifiesta en la cúspide con las motivaciones de universalismo y autonomía personal, y en la base con el poder. No obstante, los grupos discrepan en sus jerarquías porque la estimulación es más importante en los brasileños (3ª posición), mientras que *logro* (rango 5º) y *hedonismo* (rango 4º) en los vascos

Bienestar subjetivo

En el general, tanto los vascos como los brasileños, presentan un nivel medio de afecto positivo, bajo afecto negativo, y como resultado una balanza de afectos positiva. Tanto los vascos como los brasileños se reconocen satisfechos con su vida, en el general y considerando los distintos dominios, así como refieren sensación y control sobre sus vidas (Hip.5) (Ward, et al. 2001). A pesar de ello, y en comparación con una muestra normativa de la CAPV, el estado emocional (medido por la balanza de afectos) es menor en los inmigrantes, brasileños y vascos, en especial presentan más estrés y preocupaciones (afecto negativo). Además en los inmigrantes brasileños el afecto positivo, que se relacionan con el apoyo social, es menos intenso. Es decir, la situación

emocional es más frágil para inmigrantes brasileños puesto que además de estrés presentan menor refuerzo en afectos positivo. Esto es congruente con los resultados de otros estudios que indican que el menor grado de interacciones con las personas autóctonas se relaciona con el mayor nivel de dificultades y mayor estrés experimentados por las personas inmigrantes (Basabe, et al. 2009; de Luca, et al. 2011; Ward & Kennedy, 1993; 1999; Zlobina, et al. 2004).

En relación al aspecto cognitivo del Bienestar subjetivo, los inmigrantes hacen juicios más positivos sobre su vida que los autóctonos vascos, y esta distancia es mayor en los inmigrantes brasileños. Esto es, evalúan positivamente su vida a pesar de presentar peor balanza de afectos. Por lo que puede interpretarse que el proyecto de vida y migratorio se evalúa positivamente aunque éste tenga otros costos emocionales e implique estrés (Bobowik, et al. 2014).

Variables de aculturación

Con respecto a la aculturación, el esfuerzo de adaptación es alto entre los inmigrantes, de manera que se realiza una intensa actividad por aprender las prácticas y costumbres locales, como manifiesta el hecho de que las puntuaciones en la intensidad de las prácticas de la sociedad de acogida sean mayores que las de origen (Hip. 6). Los brasileños presentan una fuerte orientación hacia el país de acogida especialmente en los primeros tiempos, y por el contrario los vascos recién llegados se mantienen más centrados en su grupo de origen mientras que en los vascos veteranos pierden fuerza las prácticas culturales de origen. Por lo tanto se constata que el tiempo de estancia afecta a las prácticas culturales de origen y acogida (Briones, et al., 2005; Zlobina, et al., 2004) pero esta relación es variable en función del grupo y la cultura.

Como es habitual en otros estudios (Basabe, et al. 2009; Berry, et al. 2003; Navas, et al. 2004, 2010), los inmigrantes expresan actitudes biculturales. La inmensa mayoría de los vascos adoptan una estrategia bicultural (81%) (Hip. 7), mientras que los brasileños se reparten entre la asimilación (34%), la biculturalidad (29%), y la separación (23%), siendo la opción difusa o marginación minoritaria (12%). Asimismo, las actitudes positivas hacia la sociedad acogida se incrementan con el tiempo de estancia (Hip. 6). Sin embargo, los vascos recién instalados están fuertemente ligados al origen y con el tiempo se vinculan a la sociedad de acogida, mientras que los brasileños veteranos se orientan más hacia sus orígenes que los recién instalados.

Por otra parte, la relación entre estrategias de aculturación y familismo no mostró un efecto de interacción significativo (Hip.7), así el papel del familismo jerárquico para las estrategias de aculturación es igual para los vascos; y únicamente se observa que los brasileños puntúan más en familismo jerárquico que los vascos, y que las estrategias de separación se caracterizan por los valores familistas comparadas con las estrategias biculturales y de asimilación (efectos directos).

Experiencia de minoría

Además, la experiencia de minoría étnica, indica que la percepción de discriminación es baja en vascos y brasileños, pero hay diferencias por grupos de manera que los vascos se perciben menos discriminados que los brasileños en el País Vasco (Hip. 8). Congruentemente, los vascos perciben bajo prejuicio hacia ellos (una actitud positiva y de simpatía por parte de los autóctonos), mientras que los brasileños inmigrantes acusan un prejuicio negativo hacia su endogrupo. Los inmigrantes perciben más apoyo de los autóctonos que de sus compatriotas, sin embargo los vascos en Brasil perciben más apoyo de los autóctonos que los brasileños en el País Vasco. Este resultado ya se mostraba en estudios previos (Basabe, et al. 2009; Zlobina, et al. 2004) en los que el apoyo de los autóctonos era mayor que el de los compatriotas en distintos colectivos de inmigrantes.

Como se parecía en este estudio y también en otros, las diferencias en la actitud hacia las minorías étnicas varían en función del estatus del grupo minoritario (Barrette, et al. 2004; Berry, 2001; Bourhis, et al. 2004, 2009; Briones, et al. 2005; Sarriera, 2003). Asimismo, las encuestas del Observatorio vasco de la inmigración (2010, 2013) muestran que los vascos presentaban actitudes relativamente positivas hacia la mayor parte de los europeos, también positivas aunque un poco más bajas hacia los latinoamericanos, y negativas hacia rumanos y magrebíes, algo similar sucede en España (Cea, 2004). Considerando los países latinoamericanos, el grado de simpatía declarada de los españoles ubica a Brasil en el quinto lugar, después de Argentina, México, Cuba y Venezuela; Brasil ocupa el cuarto lugar en el grado de confianza de la población española hacia cada país, detrás de Argentina, México y Chile (Masanet-Ripoll, 2009; Masanet-Ripoll y Baeninger, 2010). Por otro lado, los resultados de la encuesta Mercosur a estudiantes (Santiago & Zubieta, 2006b), indicaron que los españoles muestran la mayor simpatía hacia argentinos y en segundo lugar a brasileños por su parte los brasileños ponen en primer lugar a los españoles y en segundo lugar a chilenos y paraguayos. De ello puede concluirse que hay actitudes positivas de simpatía entre ambos grupos, si bien los brasileños valoran algo más positivamente a los españoles que a la inversa.

Sintetizando los resultados anteriores (Hip. 8), y considerando la relación entre mayoría y minorías, los dos grupos étnicos difieren en su status social, así la posición de los vascos en Brasil es más favorable, ya que perciben una actitud positiva, un alto apoyo por parte de los nativos, y bajas experiencias de discriminación, al mismo tiempo que optan por una estrategia bicultural. El grupo de vascos tienen una fuerte identidad étnica, que con el tiempo se mantiene a la vez que adoptan las costumbres del país de acogida. Todo ello refleja un patrón de adaptación propio de los grupos con alto status, que pueden permitirse sostener ambas identidades, puesto que la identidad de origen no es blanco del prejuicio y la discriminación (Barrette, et al. 2004; Bourhis, et al. 2004, 2009; Briones, et al. 2005; Montreuil & Bourhis, 2001). Esta

posición de los vascos es congruente con la mayor motivación de poder en este grupo, que como muestran los resultados de este estudio percibe una mejor posición social, de más prestigio y dominancia sobre personas y recursos (Poder).

Por su parte, el grupo inmigrante brasileño ocupa un status menos favorable en la sociedad vasca, comparado con los inmigrantes vascos en el contexto de Brasil, la actitud percibida de la sociedad vasca es media, y la discriminación percibida aún siendo baja es mayor que en el caso de los inmigrantes vascos. Esta situación menos favorable puede explicar que la estrategia bicultural no sea la mayoritaria entre los brasileños (Hip. 7). Por otra parte, la experiencia migratoria conlleva stress y choque cultural, y requiere un intenso esfuerzo de adaptación (Berry, et al. 2003, 2006; Ward, et al. 2001), así lo muestra este estudio donde los inmigrantes presentan más afecto negativo (y estrés) que los autóctonos. No obstante, es especialmente destacable que el grupo brasileño, que es una minoría más vulnerable, sin embargo evalúa su vida, y por ende su proyecto de vida, de manera más positiva que los vascos inmigrantes y que los vascos nativos o grupo mayoritario. Esta respuesta puede interpretarse como una forma de hacer crecimiento psicológico de la experiencia migratoria, o también de reevaluar positivamente la experiencia costosa (estresante) que significa la migración (Bobowik, 2013a, Bochner, 2003; de Luca, et al. 2011).

Congruentemente con lo anterior, los dos grupos de inmigrantes están abiertos al cambio y las experiencias nuevas (estimulación) y valoran la autonomía personal. Estos valores constituyen motivaciones importantes para las personas migrantes. Al mismo tiempo que presentan este perfil de promoción personal, los brasileños son más colectivistas que los vascos, son fuertemente familistas, más conformistas con el grupo, mantienen redes familiares de apoyo mutuo y valoran la jerarquía y obediencia. Específicamente, los inmigrantes brasileños veteranos están más orientados colectivamente, ya que refuerzan su identidad de origen, las prácticas culturales de origen toman fuerza y valoran más las tradiciones, por el contrario y como se ha visto, la promoción personal (estimulación) es más importante en las primeras etapas de la experiencia migratoria. En relación al perfil de valores de los vascos inmigrantes, ellos comparten valores individualistas, de promoción personal y poder, a la vez que son muy tradicionalistas, y poseen una fuerte identidad étnica.

Por último, algunos valores ejercen un papel moderador en la relación entre la experiencia de discriminación, el prejuicio y las dificultades de adaptación sociocultural (SCAS). No se pudo constatar el papel moderador del familismo para el ajuste, sin embargo los valores apertura a la experiencia, en especial la motivación de estimulación, tuvieron un rol importante (Hip.9a). Únicamente resultaron significativas las correlaciones entre valores y SCAS en el *Manejo de la Distancia Social y la jerarquía* en el caso de los vascos, constatándose que un perfil de valores individualista, de apertura y de promoción del Yo se asocia a menores SCAS (universalismo, estimulación, autodirección, hedonismo, logro y poder), y, por el contrario, valores de

conservación y colectivistas, como la tradición se asocia a más dificultades en especial en el ámbito de las *Relaciones interpersonales y la comunicación* (SCAS D1).

Las actitudes de aculturación se relacionan con las SCAS únicamente en el colectivo de los vascos, de manera que una mayor orientación hacia la sociedad de origen se asocia a más dificultades, en especial las relativas a la dimensión de jerarquía, y a la inversa las actitudes favorables a la sociedad de acogida correlacionan con menores dificultades socioculturales, con más intensidad para las relaciones interpersonales. Por lo tanto, no se constató para la muestra total el papel moderador del familismo y los valores en la relación entre actitudes de aculturación y SCAS (Hip. 9b)

Se ha podido comprobar, al menos parcialmente (Hip. 9c), el papel moderador de los valores en la relación entre prejuicio y SCAS para *Manejar la distancia social y la jerarquía*, no así para la relación entre experiencia de discriminación y SCAS. De acuerdo a los efectos condicionales del moderador (estimulación), para las personas que puntúan alto estimulación cuando se percibe una actitud positiva por parte de los autóctonos las relaciones son más fluidas y disminuyen las dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía, no así sucede en las personas que tienen baja motivación de estimulación.

Asimismo aunque se proponía que los valores de apertura y de promoción del yo moderarán la relación entre las SCAS y el ajuste psicológico (medido por la balanza de afectos) (Hip. 9d), no se constató el efecto de interacción (no resultó ser estadísticamente significativo para el conjunto de valores de promoción del YO). Sin embargo, los valores de conservación si tuvieron un papel moderador en la relación de la SCAS con la Balanza de afectos. De este modo, las dificultades de adaptación empeoran la balanza de afectos cuando los valores de conservación son bajos o medios, esto es, una baja conservación y conformidad impedirían que la protección del grupo amortigüe los efectos negativos de las dificultades de adaptación sobre el estado afectivo.

Se ha constatado que la respuesta de la sociedad de acogida es esencial para el bienestar subjetivo de las minorías, así la percepción de una actitud positiva hacia los inmigrantes aumenta el bienestar de los mismos cuando los inmigrantes perciben apoyo social por parte de los autóctonos (con un efecto de mediación total por el cual cuando hay apoyo de la sociedad de acogida el prejuicio no influye sobre la adaptación sociocultural SCAS, Hip. 9e).

4

Choque cultural e experiência de minoria
dos imigrantes brasileiros no País Vasco:
um estudo qualitativo

CHOQUE CULTURAL E EXPERIÊNCIA DE MINORIA DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PAÍS VASCO: UM ESTUDO QUALITATIVO

RESUMO

Este estudo explorou as fontes de choque cultural, as estratégias de aculturação e as formas de afrontamento da experiência de minoria étnica de um grupo de imigrantes brasileiros na sociedade vasca. Esperava-se contrastar os resultados quantitativos de estudos prévios com uma metodologia qualitativa. Foram realizados três grupos de discussão, segmentados por idade (16 participantes, idade média 40.56 $SD = 13.71$), e uma mostra equiparada por sexo (50%). Criou-se um sistema de codificação com quatro macro categorias, obtiveram-se 267 ideias, o acordo inter juízes para a classificação das ideias foi 863. Usou-se o programa Atlas-ti para o relato das ideias e para as relações entre as categorias e ideias (networks). As maiores partes das ideias tratavam sobre a experiência de minoria étnica, e a menor parte sobre a percepção de diferenças culturais. Assim, o 69.6% do total das ideias relacionaram-se com a experiência de minoria étnica sendo 15% estereótipos, 43% discriminação e 42% formas de afrontar a experiência. As respostas de afrontamento individuais foram mais frequentes que as coletivas, e predominaram as formas cognitivas em comparação com as relativas à conduta. As respostas mais comuns do tipo individual (cognitiva) foram a Diferenciação do Eu, a Comparação social vantajosa, a Regulação e controle emocional e, (comportamental) a Mobilidade individual; e, as respostas do tipo coletivo foram a Atribuição da responsabilidade ao prejuízo grupal (cognitiva) e a Mobilização social e a Competição realista (comportamental). As respostas individuais buscam distanciar-se do estigma mediante o esquivo camaleônico diferenciando-se do endogrupo, em uns casos movendo-se entre a assimilação e a mobilidade ascendente, em outros se isolando; a reinterpretação está dirigida a aceitação da situação; a regulação emocional em fazer frente às situações imitáveis, como o fenótipo; e a comparação temporal ressalta os ganhos alcançados na sociedade receptora. A mobilidade individual se associa a evitar o prejuízo, reinterpreta a experiência, e assume a “igualdade de oportunidades”. As formas coletivas consistem na comparação social vantajosa e formas criativas realçando atributos atrativos do endogrupo; a atribuição ao prejuízo responsabiliza o exogrupo da discriminação, e é oposta a

movilidade individual, reconhecendo que as respostas individuais se separam das coletivas. Estes resultados confirmam em parte os estudos quantitativos e mostram quais são as ideias prevalentes nos discursos dos grupos.

PALAVRAS CHAVE: imigração, afrontamento, estigma, aculturação.

RESUMEN

Este estudio ha explorado las fuentes de choque cultural, las estrategias de aculturación y las formas de afrontamiento de la experiencia de minoría étnica en la sociedad vasca de grupos de inmigrantes brasileños. Se esperaba contrastar los resultados cuantitativos de estudios previos con una metodología cualitativa. Se realizaron tres grupos de discusión, segmentados por edad (16 participantes, edad media 40.56 *SD* = 13.71), y una muestra equiparada por sexo (50%). Se creó un sistema de codificación con cuatro macrocategorías, se obtuvieron 267 ideas, el acuerdo inter-jueces para la clasificación de ideas fue .863. Se usó el programa Atlas-ti para el recuento de ideas y las relaciones entre las categorías e ideas (networks). La mayor parte de las ideas trataban sobre la experiencia de minoría étnica, y la menor parte sobre la percepción de diferencias culturales. Así, el 69.6% del total de ideas eran relativas a la Experiencia de minoría étnica, siendo los estereotipos el 15%, la discriminación el 43%, y las formas de afrontar la experiencia el 42%. Las respuestas de afrontamiento Individuales eran más frecuentes que las colectivas, y predominaron las formas cognitivas en comparación con las conductuales. Las respuestas más comunes de tipo individual (cognitivo) fueron la Diferenciación del Yo, la Comparación social ventajosa, la Regulación y control emocional y, (conductual) la Movilidad individual; y, las respuestas de tipo colectivo fueron la Atribución de responsabilidad al prejuicio grupal (cognitiva) y, la Movilización social y la Competición realista (conductual). Las respuestas individuales buscaban distanciarse del estigma mediante la evitación o la asimilación camaleónica, diferenciándose del endogrupo, en unos casos moviéndose entre la asimilación y la movilidad ascendente, en otros aislándose; la reinterpretación estaba dirigida a aceptar la situación; la regulación emocional a hacer frente a situaciones inmutables como el fenotipo, y la comparación temporal resaltaba los logros alcanzados en la sociedad receptora. La movilidad individual se asoció a la evitación del prejuicio, reinterpretando la experiencia, y asumiendo "la igualdad de oportunidades". Las formas colectivas consistían en la comparación social ventajosa y formas creativas que ensalzan los rasgos atractivos del endogrupo; la atribución al prejuicio responsabiliza al exogrupo de la discriminación, y es opuesta a la movilidad individual, corroborando que las respuestas individuales se separan de las colectivas. Estos resultados confirman en parte los de estudios cuantitativos y muestran cuáles son las ideas prevalentes en los discursos de los grupos.

PALABRAS CLAVE: inmigración, afrontamiento, estigma, aculturación

1. INTRODUÇÃO

Imigrantes brasileiros na Espanha

Considerado historicamente como um país receptor de imigrantes, desde seu descobrimento pelos portugueses em 1500 (Girard, 2009), entre as décadas de 70 e 80 do século XX, Brasil passa a ser um importante emissor de emigrantes devido à hiperinflação, o desemprego e os baixos salários (Masanet & Padilla, 2010; Sale, 2011).

Entre os seis países com mais de 100.000 imigrantes brasileiros, Espanha em 2013 ocupava o quinto posto (Itamaraty, 2013). No ano de 2014, no País Vasco, residiam 4517 imigrantes brasileiros não portadores de dupla nacionalidade (INE, 2015). A chegada de imigrantes no País Vasco, em especial em Vitoria Gasteiz, começou a considerar-se importante a partir da década de noventa, a raiz de um acordo tecnológico entre as empresas EMBRAER y GAMESA, para a realização em conjunto de projetos e fabricação em aeronáutica, amparado pelos governos dos dois países e, foi intensificando-se na medida em que os trabalhadores brasileiros transferidos para esta cidade começaram a trazer suas famílias nucleares e extensas.

As dinâmicas migratórias implicam características negativas ou positivas em função dos processos de ordem psicológicas, sociais e culturais. As diferenças culturais e o choque cultural afetam tanto as relações entre imigrantes e autóctones como a adaptação dos novos membros na nova cultura. Porém é importante matizar, que tão importante como às diferenças culturais são os motivos migratórios, as relações intergrupais, os prejuízos e a discriminação que as pessoas podem sofrer por pertencer a distintos grupos, ademais de sua maneira de afrontar o novo contexto social e político (Basabe, Zlobina & Páez 2004; Berry, 2001, 2003; Bourhis & Bougie, 1998; Chun, Organista & Marín, 2003; Navas, et al. 2004; Navas Rojas, Pumares, Lozano & Cuadrado 2010; Zlobina, Basabe & Páez, 2004).

Este estudo buscou analisar a experiência migratória em todas estas facetas através da análise qualitativa dos relatos de um grupo de participantes em grupos de discussão.

Cultura e diferenças culturais

O choque e o stress de aculturação se manifestam quando as pessoas advertem-se das diferenças de valores, normas e formas de atuar que existem entre culturas. O choque cultural implica em se dar conta das diferenças existentes, se sentir impactado por ele e enfrentar as dificuldades que surgem (Smith & Bond, 1993). Muitas perspectivas destacaram os efeitos negativos do choque cultural, derivados da incerteza que implicam as mudanças, as perdas ou a privação de status, os sentimentos de impotência e incompetência, a fadiga cultural vinculada com a necessidade de operar permanentemente de forma consciente e voluntaria os duelos por múltiplas perdas sucedidas por deixar o país de origem (Achotegui, 2002). Sem embargo, também existe uma visão positiva do choque e da imigração, como fontes de crescimento pessoal e social (Bobowik, 2013), como aprendizagem e flexibilidade cognitiva característica das identidades biculturais (Benet-Martínez, Leu Lee & Morris, 2002; Nguyen & Benet-Martínez, 2007). Este estudo explorara as dimensões do choque cultural.

Para analisar as fontes de choque cultural, partiu-se das investigações de Hofstede (1999, 2001) e das dimensões descritas em seu estudo sobre as diferenças em valores médios por países ou nações: (1) Distância hierárquica; (2) Individualismo e Coletivismo; (3) Masculinidade e feminidade; (4) Evitar as Incertezas. Estas dimensões são uma forma de analisar as diferenças entre culturas. A primeira dimensão denominada Distância Hierárquica descreve a distância entre pessoas que ocupam posições inferiores e superiores, referindo-se a quantidade de respeito e deferência entre aqueles que se encontram em uma posição social inferior e aos que apresentam uma posição social superior; A segunda dimensão, o Individualismo e Coletivismo descreve a relação entre o indivíduo e o grupo. No Individualismo os interesses individuais predominam sobre os interesses grupais, enquanto que no Coletivismo a dependência e lealdade dos indivíduos em relação ao grupo (familiar ou atribuído) ao que pertencem, são mais destacadas; A terceira dimensão diz respeito à Masculinidade versus a feminilidade e se refere ao grau em que as culturas marcam a máxima distinção entre homens e mulheres, englobando as atribuições estereotípicas ocidentais que lhes definem, ou seja, a masculinidade está orientada aos ganhos, conquistas, dureza, força, instrumentalidade e assertividade e, a Feminilidade está vinculada com características de solidariedade, cooperação, fragilidade e afetividade. A quarta dimensão está dirigida a Evitar e Controlar as Incertezas e descreve a necessidade que apresentam as sociedades em regular normativamente seus aspectos sociais, sendo definida como o grau em que as pessoas se sentem ameaçadas diante de situações ambíguas e que tentam evitar através de códigos e crenças estritas (Hofstede, 2011). Posteriormente, Hofstede, Hofstede & Minkov (2010) acrescentaram uma quinta dimensão, a Orientação Temporal (denominada por Geert Hofstede como: Long Term Orientation LTO). Esta dimensão surgiu a partir de um estudo prévio realizado por Bond (1987, in Hofstede 2001) no qual aplicou a escala de valores chineses (Chinese Value Survey CVS) em estudantes em 23 países, que 20 anos depois coincidiu com a dimensão encontrada por Minkov em estudos realizados com a escala de valores mundiais (World Value Survey) que prediz 42% da variação entre os países nos quais foram aplicadas as escalas LTO e CVS. Os valores que são promovidos nas culturas com orientação em longo prazo vinculam-se com o futuro Vinculados com o futuro, os valores promovidos pelas culturas com orientação em longo prazo são a perseverança e a economia (poupança) sendo, portanto importante à planificação econômica em relação ao futuro, inculcar valores de poupar nas crianças, pelo contrário, as pessoas socializadas em uma cultura com orientação em curto prazo, apresentam objetivos mais centrados no presente, vivem o momento, tentando cumprir com as obrigações sociais e financeiras conforme se apresentam e valorizam o consumo imediato. Hofstede e Minkov adicionaram também uma sexta dimensão, denominada Indulgência versus Restrição (IRV) que é definida como a tendência em buscar livremente gratificações nas necessidades básicas e desejos humanos para ser feliz, frente à visão de que as gratificações devem estar dominadas e reguladas por normas sociais estritas. Segundo os dados da escala mundial de valores (WVS) nas culturas indulgentes, as pessoas se sentem felizes quando tem liberdade, controle e mantém laços sociais intensos, especialmente com amigos, familiares e nos momentos de ócio; a

indulgencia cultural se associa negativamente com a orientação em longo prazo ($r = -.46$ $p < .01$) (Hofstede, Hofstede & Minkov, 2010).

De acordo com os dados de Hofstede, et al. (2010), relativos às pontuações medias de diversos países e comparando a posição do Brasil em relação à posição da Espanha, encontramos que o Brasil é um pouco mais hierárquico (apresenta pontuações medias em Distância Hierárquica) e menos Individualista, assim mesmo, os dois países apresentam posições parecidas em Masculinidade e Feminilidade e em Evitar as Incertezas. Comparando com outros países latinos, como Colômbia e Equador, que são fortemente Coletivistas, Brasil e Espanha são mais Individualistas. No que diz respeito à Orientação a Largo e Curto Prazo, a posição do Brasil e da Espanha são similares, com pontuação intermédia, si bem que cultura brasileira é um pouco mais relaxada e mais centrada no curto prazo e a cultura espanhola é mais restrita e orientada em longo prazo. Em relação à sexta dimensão, Brasil ocupando a 26ª posição se destaca por sua alta indulgencia em comparação com a maior restrição de Espanha que ocupa a 45ª posição. Sintetizando, as diferenças mais importantes entre o Brasil e a Espanha se estabelecem em respeito a maior hierarquia, mais coletivismo, em ser uma cultura mais relaxada e indulgente, na valorização do momento presente, na orientação em curto prazo e também em cultivar laços com os familiares e com os amigos para alcançar a felicidade. Sem embargo, nestes valores o Brasil apresenta maior aproximação cultural com Espanha que com outros países latinos, como por exemplo, com Colômbia que constitui um dos maiores coletivos de imigrantes assentados no País Vasco. Brasil se distingue de Colômbia, por ser menos coletivista (13 vs. 38), menos masculino (64 vs. 49), menos relaxado (83 vs. 59), menos orientado ao curto prazo (13 vs. 44) e por evitar algo menos à incerteza (89 vs. 76), porém, são similares em hierarquia (67 vs. 69).

Por outro lado, o *familismo* é um valor ao *coletivismo* (Páez, Fernández, Ubillos & Zubieta, 2003) e vinculado com as culturas latinas, africanas e asiáticas. O familismo implica em uma forte identificação e vinculação das pessoas com suas famílias nuclear e extensa. Manifesta-se por intensos sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade entre os membros da mesma família e também nas relações próximas e na implicação com as pessoas da família extensa. A família extensa pode estar formada por pessoas que mantêm relação sanguínea ou por familiares fictícios como os compadres, comadres e amigos próximos aos quais são atribuídos status de parentes (Martin & VanOss, 1991). Os valores familistas, coletivistas e hierárquicos associam-se entre si, desta forma as medidas de familismo correlacionam-se mais fortemente com o coletivismo vertical que com o coletivismo horizontal de Triandis ($r = .36$ vs. $r = .61$) ao mesmo tempo em que se associa ao autoconceito interdependente se Singelis (importância do Eu em relação aos outros) ($r = .47$) (S. J. Schwartz, 2007). Os estudos que relacionaram os valores familistas com a aculturação encontraram que a importância outorgada para as relações familiares se associa positivamente com o biculturalismo e com a separação (Rodriguez, Bingham, Paez & Myers, 2007). No contexto espanhol, o familismo é mais intenso entre os grupos que optam pela estratégia de separação (Basabe, Páez, Aierdi & Jiménez-Aristizabal, 2009) e que ademais compartilham valores mais tradicionalistas e são mais religiosos. Por último, no que diz respeito ao possível efeito protetor do familismo, existem evidências de que o apoio familiar se associa a melhores resultados em saúde mental,

enquanto que o conflito familiar supõe uma ameaça para a saúde (Organista, Organista & Kurasaki, 2003). De igual maneira, no contexto espanhol se encontrou um efeito ambivalente do familismo no bem-estar, já que se associava tanto ao efeito positivo como ao efeito negativo (Basabe, et al. 2009).

Os diferentes estilos de comunicação (Fernández & Basabe, 2007; Trompenaars, 1994; Ward, Bochner & Furnham, 2001), também são importantes para explicar a diversidade cultural (Hall, 1959, in Trompenaars, 1994). Assim nas culturas de *baixo contexto e específicas* a comunicação é direta e centrada na mensagem, a maior parte da informação é explícita e verbal resultando em uma exposição direta do ponto de vista. De forma contrária nas culturas de *alto contexto e difusas* o estilo predominante é indireto marcando uma comunicação implícita na qual se evita a confrontação e utiliza-se a insinuação assim, a maior parte da informação está no contexto e se transmite por meio de mensagens não verbais. Este segundo estilo é mais típico nas culturas coletivistas e é percebido pelas pessoas oriundas das culturas individualistas, que se expressam de maneira mais direta, como uma comunicação pouco clara, evasiva e inclusive manipuladora. Neste sentido Trompenaars indica outra diferença, segundo a qual nas culturas específicas ou de baixo contexto as emoções são expressas de acordo com o ambiente em que se encontre e o papel desenvolvido, diferenciando desta maneira a qualidade e intensidade da expressão afetiva nos âmbitos públicos ou privados e desaprovando a comunicação emocional intensa. Em quanto que nas culturas *difusas ou de alto contexto*, as expressões afetivas costumam ser mais extremas manifestando-se de forma entre mesclada tanto no âmbito público como privado. O contato físico estabelecido entre as pessoas é outra dimensão a ser considerada, por um lado nas culturas de alto contato a distância física estabelecida entre as pessoas é pequena e o contato físico é habitual e, por outro lado às culturas de baixo contato estão caracterizadas por uma maior distância física entre as pessoas, menos contato físico e menor segregação de gêneros (Hall, 1959, in Trompenaars, 1994; Ward, Bochner & Furnham, 2001). Por último, a noção do tempo é outro aspecto que varia em função do tipo de cultura; o tempo policrômico é típico de muitas culturas coletivistas onde, o tempo é mais flexível podendo-se realizar muitas e diferentes afazeres ao mesmo tempo como por exemplo, atender a várias pessoas ao mesmo tempo em um comercio enquanto que o tempo monocrômico é mais típico das culturas individualistas onde, a pontualidade é muito importante e por exemplo as pessoas são atendidas por ordem de chegada.

Motivos da imigração

Para este estudo, elaborou-se uma tipologia que engloba os motivos para emigrar e explora por um lado o desejo de permanecer no país de acolhida e por outro o desejo de retornar ao país de origem (Ángel, 2007; Zlobina, et al. 2004). Composta por seis opções, esta tipologia aglomera os seguintes aspectos: (1) Materialismo, que engloba a tentativa de melhorar a situação econômica, de alcançar êxito e de obter poder; (2) Auto desenvolvimento, que corresponde a viver aventuras, ampliar os horizontes e conhecer novos

países e culturas; (3) Idealismo, enfoca o desejo de ajudar outras pessoas; (4) Facilitadores e inibidores, se referem aos aspectos que colaboraram ou não com a opção de migrar, assim como os aspectos que influenciam na decisão de permanecer ou não no país de acolhida, como os amigos, as redes de apoio, a qualidade de vida, o acesso a estudos e a maior possibilidade de formar ou aumentar a família, entre outros; (6) Retorno, vinculado ao desejo de sair do país de origem para não retornar ou ao desejo de realizar o caminho inverso da emigração e regressar para a terra natal.

Estratégias de aculturação

Em termos gerais, a aculturação é um processo de mudança cultural e psicológica que resulta do contato contínuo entre pessoas procedentes de diferentes culturas (Berry, 2005; Liebkind, 2001; Sam & Berry, 2006). Podendo ser analisada tanto por seus determinantes culturais, ou seja, pelo contexto sociopolítico da aculturação, como por níveis intergrupais e interpessoais, que é o que se aborda neste estudo. Adaptar-se a um novo meio, é resultado de um processo bastante complexo que ademais de englobar diversos aspectos das sociedades de origem e de acolhida, requer o uso de diferentes formas de enfrentar as novas situações por parte dos grupos e indivíduos. Estas formas de enfrentar são também conhecidas como estratégias de aculturação, entre os vários modelos que explicam estas estratégias e a relação delas com a adaptação das pessoas imigrantes em uma nova cultura, partiu-se do Modelo Bidimensional de Aculturação de Berry. O referido modelo descreve a existência de quatro estratégias de aculturação (1) Separação, (2) Integração, (3) Assimilação e (4) Marginalização que foram consideradas a partir de duas dimensões atitudinais, uma orientada para a cultura de origem e outra orientada para a sociedade receptora. A primeira faz referência à importância outorgada pelo imigrante em conservar sua identidade e as características culturais da sociedade de origem e, a segunda se a atitude do imigrante é aberta ou fechada respeito ao contato intercultural, em relação a outros grupos étnicos instalados no país de acolhida ao coletivo autóctone (Berry 2003). Considerou-se os âmbitos privados e públicos (Navas, Fernández, Tejada, Fernández & Guirado, 2006) para descrever as distintas modalidades de aculturação que os imigrantes possam relatar através de suas narrações assim como foram contempladas as dimensões da identidade em relação às práticas culturais e o uso dos idiomas de origem e de acolhida como elementos importantes (Zlobina, et al. 2004, Basabe, et al. 2009). Diversos estudos analisaram as mudanças na aculturação ocorridas em função do tempo de estadia e conforme o passar das gerações, Portes e Hao (2004) através de suas investigações, atentam para o ponto que representa a assimilação para as segundas gerações, no sentido de que possivelmente tenham que enfrentar as barreiras impostas pela discriminação e conseqüentemente, suas possibilidades de mobilidade social ascendente estarão determinadas em função do grupo étnico ao qual pertençam, esta possibilidade já havia sido mencionada por Bourhis quando expos sobre a vitalidade endogrupal (Bourhis & Leyens, 1996). Por outra parte, na Espanha os estudos realizados por Briones (2008, Briones, Tabernero & Arenas, 2011) mostraram os perfis de adaptação de um grupo de adolescentes e sua mudança em função do tempo. Em esta

pesquisa, se relacionara as explicações sobre as estratégias de aculturação com as formas de afrontamento da experiência de minoria étnica para analisar como se articulam entre si em diversos aspectos, por exemplo, se a mobilidade individual ascendente ou as estratégias coletivas relacionam-se com os diferentes tipos de estratégias de aculturação.

Experiência de minoria étnica

No caso da imigração os estereótipos exercem uma influência importante nos contatos interculturais já que podem chegar a estimular a intensidade e marcar os limites das relações entre pessoas de diferentes origens em função das crenças compartilhadas. Os estudos sobre o conteúdo dos estereótipos dos grupos sociais e étnicos, encontraram duas dimensões básicas, a competência e a sociabilidade. As referidas dimensões variam em função do status dos grupos (Fiske, 1998; Glick & Fiske, 1999), de maneira que os grupos de alto status são considerados mais competentes e os grupos de baixo status mais sociáveis, o que serve para justificar as diferenças sociais de poder (Betancur, et al. 2005; Tachio, 2011). Estas duas dimensões são utilizadas tanto para caracterizar o auto estereótipo como o meta-estereótipo e costumam servir para relevar as situações de desigualdade por parte dos grupos de menor status, por exemplo através da comparação social vantajosa “se eles são mais ricos, nós somos mais sociáveis (Basabe & Bobowik, 2011).

Um estudo realizado sobre as imagens recíprocas e os estereótipos entre um coletivo de imigrantes brasileiros e um grupo de pessoas autóctones no contexto multicultural espanhol revelou que os brasileiros percebem por uma parte que os espanhóis lhes atribuem (aos brasileiros) uma imagem negativa, associada com a pobreza e o subdesenvolvimento que por sua vez se vincula com a violência e a fome. Por outra parte, percebem que os espanhóis consideram a cultura brasileira alegre, divertida, relaxada e sem compromisso, o que desperta uma atitude positiva de interesse em relação a suas manifestações culturais (meta estereotipo). Enquanto que a imagem que compartilham os brasileiros em relação aos espanhóis, é de que por um lado são divertidos, alegres e festeiros admitindo certa similaridade entre ambos os grupos (brasileiro e espanhol). E por outro lado revela uma mistura de atributos no sentido de que em sua percepção, os espanhóis são pessoas ruidosas, temperamentais, impulsivas, sérias, desconfiadas, fechadas, autoritárias, empreendedoras, diretas no momento de expressar suas opiniões e ao mesmo tempo amáveis e pacientes (hetero estereotipo) (Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006).

Com relação ao preconceito, as pesquisas na Espanha (Cea, 2004) indicam que o grau de simpatia declarada pelos espanhóis posiciona o Brasil em quinto lugar, depois de Argentina, México, Cuba e Venezuela; o Brasil ocupa o quarto lugar no que se refere ao grau de confiança que a população espanhola sente com respeito a cada país, depois da Argentina, México, e Chile, enquanto que a Espanha ocupa o primeiro lugar no imaginário dos brasileiros, e os brasileiros valorizam um pouco mais aos espanhóis do que são valorizados por eles (Masanet, 2009; Santiago & Zubieta, 2006). Em geral, as atitudes de cara aos

brasileiros e latino americanos são relativamente positivas e melhores que as atribuídas a outros coletivos, como os africanos (Cea, 2004; Aierdi, Basabe, Blanco & Olegada, 2008).

Através das narrações feitas pelos participantes dos grupos de discussão, serão explorados os estereótipos dos brasileiros. Por um lado, em que medida o auto estereótipo tende a ser positivo e, por outro se o hetero estereótipo percebido pelos brasileiros se compõe maioritariamente de imagens desfavoráveis. Assim mesmo, serão avaliadas a percepção de prejuízo, o meta estereótipo e as formas de afrontar a discriminação.

Formas de afrontar a experiência de minoria étnica

As formas de afrontar a experiência de minoria étnica podem ser individuais e ou coletivas ao mesmo tempo em que cognitivas e condutuais (Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Blanz, Mummendey, Mielke & Klink, 1998; Crocker, Major & Steele, 1998; Mummendey, Kessler, Klink & Mielke, 1999; Skinner, Edge, Altman & Sherwood, 2003). Seguindo o modelo proposto e contrastado, por meio de questionário, por Bobowik, et al. (2014), se propõe as seguintes formas de afrontamento: (1) *As formas de afrontamento individuais condutuais*, podem orientar as condutas que as pessoas mantêm para distanciar-se dos estigmas e dos estereótipos negativos, como por exemplo, o desligamento ou distanciamento comportamental e as formas de distração; movendo-se no sentido ascendente para mudar o status, evitando o contato com o prejuízo e com o grupo de nativos, e buscando o apoio das pessoas que pertencem ao endogrupo (amigos e compatriotas). (2) *As formas de afrontamento individuais do tipo cognitivo*, orientam as formas de guiar a própria identidade através da desidentificação ou do desenganche psicológico (não identificação com nenhum grupo); da recategorização subordinada e da diferenciação entre Eu e nós; destacando a heterogeneidade dentro do grupo de imigrantes, das formas de comparação vantajosa intragrupo ou temporal, das mudanças de expectativa; da reinterpretación das experiências; da regulação das emoções perante situações de prejuízo, e da internalização ou da aceitação de que existe um núcleo de verdade sobre os estereótipos. (3) *As formas de afrontamento coletivas cognitivas*, se baseiam em mudanças cognitivas centradas nas comparações inter grupais; fundamentam-se nas formas criativas que resgatam atributos de comparação favoráveis para o endogrupo (como a beleza, a cultura ou o esmero); destacam novas dimensões de comparação, considerando o endogrupo mais capacitado que o grupo dominante; reforçam a identidade grupal através da diferenciação e expulsão desviantes e da atribuição da responsabilidade do prejuízo que sofrem ao grupo dominante (a má imagem e as opiniões negativas que se mantêm sobre os grupos de imigrantes é culpa do grupo de acolhida), assim como a de privação relativa sociocêntrica derivada da percepção de discriminação grupal. (4) *As formas de afrontamento coletivas condutuais*, orientam os comportamentos coletivos como instrumentos de mudança social e de defesa da identidade grupal, considerando a mobilização e a competição social como formas de competição realista que defendem a igualdade dos direitos sociais e de oposição através de participação em associações.

A Teoria da Identidade Social (TIS) foi aplicada para descrever as estratégias de afrontamento dos grupos desvalorizados por vários autores (Blanz, Mummendey, Mielke & Klink, 1998; Crocker, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, Schmitt, Garcia & Branscombe, 2009; Shinnar, 2008), de maneira que explica como as identidades sociais podem estar associadas ao bem-estar dos grupos sociais, dependendo de como as pessoas entendem e respondem às condições da estrutura social nas quais se encontram (Haslam, Jetten, Postmes & Haslam, 2009). Indicando também, que as condições estruturais da relação entre os grupos dominantes e os grupos minoritários podem variar em função de três dimensões: (1) da permeabilidade da percepção dos limites do grupo, (2) da estabilidade percebida, e (3) da legitimidade da posição do endogrupo em relação a outros grupos (Tajfel & Turner, 1979). Estas dimensões segundo a TIS, são uma forma de definir os limites das barreiras intergrupais e de dirigir as respostas, orientando-as para que sejam do tipo individual ou coletivo (Blanz, et al. 1998).

Neste estudo, serão analisadas as estratégias narradas nos grupos de discussão, explorando por um lado como os brasileiros percebem as relações que entram com os autóctones, a permeabilidade dos limites entre os grupos, às respostas da sociedade de acolhida e também como vivenciam as experiências de prejuízo e discriminação e, por outro lado de que maneira estes aspectos afetam as respostas adotadas por eles em sua adaptação na sociedade de acolhida.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Através das narrações surgidas nos grupos de discussão, este estudo busca explorar as ideias que relacionam: as fontes de choque cultural, as estratégias de aculturação e as formas de afrontamento da experiência como minoria étnica, de um grupo de imigrantes brasileiros instalados na sociedade vasca.

Hip.1. Choque e diferenças culturais: de acordo com as diferenças culturais mostradas nos estudos sobre valores (Hofstede, 2001, Hofstede, et al., 2010; Trompenaars, 1994) e as diferenças culturais manifestadas em estudos prévios realizados com imigrantes na Espanha e no País Vasco (González, Ubillos, Bilbao, Techio & Basabe, 2009; Zlobina, et al. 2004), se espera que os brasileiros destaquem em suas narrações diferenças nas formas de relação e comunicação entre eles e os autóctones espanhóis: (a) relações menos hierárquicas, maior individualismo, maior formalismo e planificação da vida social na cultura espanhola e vasca e uma cultura mais relaxada e mais presente centrada em objetivos em curto prazo e em valores materialistas de ganhos econômicos na cultura brasileira; (b) que enfatizem de forma significativa a importância dos vínculos familiares e do familismo; (c) as diferenças nos estilos comunicativos mais diretos dos Vascos, maior separação entre as esferas públicas e privadas, diferenças respeito à distância física e sobre a ecologia, em especial sobre o clima.

Hip. 2. Motivos: Espera-se poder classificar os motivos associados com a emigração dos brasileiros em função das categorias: materialista/familista e de promoção econômica, de

auto desenvolvimento ou de promoção pessoal, dos facilitadores (como elementos que favorecem a eleição da Espanha como destino emigratório), a reagrupação familiar e as expectativas de retorno.

Hip. 3. Estratégias de aculturação. Espera-se poder classificar as ideias de acordo com os modos e as estratégias de aculturação propostos na tipologia de Berry (2005; Sam & Berry, 2006), segundo as esferas ou âmbitos de socialização: privadas e públicas (Navas, et al. 2004, 2006, 2010), e conforme as práticas culturais e a lealdade linguística.

Hip.4. Experiência de minoria. Explorar-se-ão os aspectos estereotípicos atribuídos ao endogrupo (aspectos que os brasileiros descrevem sobre o seu próprio grupo), as crenças que os espanhóis e s mantêm sobre os brasileiros (hetero estereótipo) e a percepção que os brasileiros têm em relação ao prejuízo. De modo que se espera que as pessoas brasileiras destaquem imagens positivas sobre si mesmas, e percebam a existência de prejuízo e opiniões negativas em relação a elas (meta-estereótipos negativo). Assim mesmo, por uma parte, no que diz respeito às imagens positivas atribuídas aos brasileiros provavelmente, serão destacadas características expressivas, de e uma cultura mais relaxada e alegre que a espanhola (Masanet & Baeninger, 2010). E por outra parte serão realçadas as questões relacionadas com a sensualidade sexissimo (Malherios, 2007), e sobre as crenças de que a imigração pode ser percebida como uma ameaça (González, et al. 2009; Techio, 2011).

Hip. 5. Formas de Afrontamento. Serão descritas as diferentes formas de estratégias e respostas dadas pelos imigrantes brasileiros em relação as suas experiências como minoria étnica. Desta forma espera-se encontrar estratégias do tipo coletivo nas quais se encaixarão as respostas que tentam explicar as situações relacionadas com o prejuízo, às respostas que buscam destacar características positivas do endogrupo em comparação com o grupo nativo, e as respostas referentes à competição social. Por outro lado, se espera encontrar as estratégias de caráter individual nas quais se ajustarão as respostas de mobilidade social ascendente, de regulação das emociones negativas, das comparações intergrupais e temporais e também outras respostas que visam evitar ou confrontar estas experiências como minoria de forma individual.

Hip. 5.2. Formas individuais:

Quando existe a percepção de que é possível melhorar a situação social e ascender na escala social através do esforço e do trabalho próprio, a pessoa adotará a estratégia de mobilidade individual, mesmo que esta estratégia cause stress ou represente a distância do próprio grupo.

As estratégias individuais comparativas serão utilizadas quando exista uma percepção positiva da situação pessoal e sejam valorizados os ganhos obtidos por meio da imigração. Por sua parte as estratégias cognitivas podem ser formas de defesa da identidade, assim as comparações intergrupais buscam dimensões através das quais o próprio grupo minoritário

possa obter vantagens (vendo-se de maneira positiva), e se associam com a percepção de que a integração social é difícil para o grupo.

As formas evitação e isolamento social serão descritos como modos de afrontar o racismo e as dificuldades socioculturais, enquanto que outras formas como a reestruturação cognitiva estarão associadas a valorações positivas da imigração.

Hip 5.3. Formas coletivas.

As estratégias coletivas, consistirão em atribuir ou explicar a situação de desvantagem que experimentam os imigrantes através do prejuízo e da discriminação dirigida em direção a eles pelos nativos e pela sociedade de acolhida, e se relacionarão com as ideias que expressem os limites (as barreiras) que os imigrantes encontram para sua integração social.

A estratégia de competição social poderia estar relacionada com uma percepção de apoderamento do endogrupo, quando se nota que a integração social é possível e tenta-se melhorar a situação através da competição. Ou seja, quando se percebe que as barreiras do grupo de acolhida são permeáveis e permitem a integração dos imigrantes, ao mesmo tempo em que existe uma consciência do direito pela igualdade para competir e melhorar a situação social do grupo.

As estratégias coletivas de oposição que consistem na participação social em defesa dos direitos dos imigrantes serão pouco utilizadas; serão mencionados quando exista percepções de injustiça e de discriminação e quando aflorem as emoções negativas de raiva, a pesar de que também é possível que sirvam como uma forma de descarga emocional.

3. MÉTODO E PROCEDIMENTO

PARTICIPANTES

Os participantes desta investigação foram 16 imigrantes de primeira geração, nascidas no Brasil e que residiam em Vitoria-Gasteiz no País Vasco. Com um rango entre 21 anos a 64 anos a idade média era de 40.65 anos ($SD = 13.71$) e a mostra foi equiparada por sexo (50%).

Mostra

Tomou-se o cuidado para escolher uma mostra equilibrada por sexo e, considerando a idade e o tempo de residência os participantes foram distribuídos em três grupos. Veja Tabela 1.

Tabela 1. ***Mostra - Grupos de discussão***

Grupo	Número de participantes	Idade (anos)	Sexo		Residência (anos)
			Masculino	Feminino	
A	6	21 a 34	3	3	01 a 04
B	5	35 a 44	2	3	04 a 10
C	4	45 a 64	3	2	06 a 11

Tabela 2. *Descrição da mostra*

Dados sócios demográficos Grupos: A, B y C		Totais grupos
Idade		40.56 (13.71)
Tempo de residência (anos)		6.5 (44.7)
Sexo	Feminino	50.00%
	Masculino	50.00%
Situação referente à documentação	Nacionalizado espanhol	43.75%
	Com autorização para residência	18.75%
	Com autorização para residência e trabalho	18.75%
	Sem autorização	18.75%
Província de origem	São Paulo	62.50%
	Rio de Janeiro	18.75%
	Paraná	6.25%
	Minas Gerais	12.50%
Nacionalidade do companheiro	Sem companheiro	6.25%
	Espanhola e brasileira	37.50%
	Espanhola	50.00%
	Brasileira	6.25%
Estudos realizados no Brasil	Primário	6.25%
	Secundário	31.25%
	Técnico	37.50%
	Universitário	25.00%
Estudos realizados na Espanha	FP médio	6.25%
	Pós Universidade	12.50%
	Espanhol	31.25%
	Nenhum	56.25%
Trabalho ou atividade que realizava no Brasil antes de emigrar	Estudante	18.75%
	Vendedor	12.5%
	Técnico	25.00%
	Professor	12.50%
	Diretivo	6.25%
	Ama de casa	6.25%
	Encarregado	6.25%
	Secretaria	6.25%
	Nenhuma	6.25%
Trabalho ou atividade que realiza na Espanha	Vendedora	6.25%
	Baba	12.50%
	Garçom	6.25%
	Construção	6.25%
	Técnico	18.75%
	Dona de casa	18.75%
	Empresário	6.25%
	Diretor	18.75%
	Nenhuma	18.75%
Situação do local em que reside	Alugada	37.50%
	Própria paga hipoteca	12.50%
	Própria não paga hipoteca	25.00%
	Vive grátis (padres, familiares, trabalho, governo)	25.00%

VARIÁVEIS E INSTRUMENTOS

Foram realizados dois encontros com cada grupo. Os objetivos destes encontros foram: (1) colher dados gerais e específicos referentes à condição particular de cada participante antes de emigrar, (2) explorar os aspectos reais e de percepção que mantinham sobre sua situação como imigrante y como parte de um grupo minoritário, assim como as perspectivas que mantinham em relação a permanecer no país de acolhida ou retornar ao país de origem, (3) criar um ambiente empático que proporcionasse confiança e soltura para o debate do segundo encontro.

Desta forma, no primeiro encontro, o enfoque foi dirigido mais para a história individual dos participantes, considerando a maneira em que viviam no país de origem e os antecedentes que contribuíram com a decisão de emigrar, assim como aspectos gerais de suas vidas como imigrante já instalados no país de acolhida. Para tanto, foi elaborado como instrumento uma entrevista semiestruturada considerando as questões expostas na Tabela 3.

Tabela 3. *Entrevista semiestruturada – Primeiro encontro*

Categorias	Subcategorias
Dados gerais	Sexo
	Idade
	Anos de residência /no país de acolhida
	Data e local de nascimento
	Grupo étnico
	Religião
	Estado civil
	Nacionalidade do companheiro
	Números de filhos
	Classe econômica que pertencia antes de emigrar
Motivos migratórios	Econômico,
	Político
	Estudos
	Crescimento pessoal
Outros	
No país de origem	Condição de vida no país de origem antes de emigrar: residência, trabalho, estudos, outros
No país de acolhida	Condições atuais: residência, trabalho, estudos, situação legal, outros.
Perspectivas	Permanência ou retorno

No segundo encontro o foco foi dirigido ao debate das categorias a serem investigadas. Elaborou-se um roteiro semiestruturado composto por oito perguntas que abarcam quatro blocos temáticos: (1) Diferenças culturais, (2) Motivos para emigrar ou

permanecer no país de acolhida, (3) Estratégias de adaptação e (4) Experiência de minoria étnica. Ver Tabela 4.

Tabela 4. *Roteiro semiestruturado - Segundo encontro*

Pergunta	Conteúdo a ser explorado
<i>Sua vida financeira hoje é melhor, pior ou igual a que tinha no Brasil antes de emigrar?</i>	Com o dinheiro que ganha aqui na Espanha, consegue ir a seu país, a outros países ou cidades a passeio? Com o dinheiro que ganhava no seu país, Brasil, conseguia vir à Espanha ou outros países e cidades a passeio?
<i>Você já se sentiu discriminado aqui? Em caso afirmativo, se você crê conveniente, gostaríamos que nos dissesse por que se sentiu discriminado.</i>	Cor da pele Aparência física Fisionomia Cultura difundida: samba, futebol, outros Idioma: maneira de falar, sotaque, outros País de terceiro mundo
<i>Você percebe se os espanhóis consideram você, como uma ameaça econômica para eles?</i>	Rouba trabalhos que outros espanhóis poderiam fazer Recebe ajudas sociais Aproveita-se das oportunidades que o governo oferece
<i>Você tem mais amizades com brasileiros, espanhóis ou outros estrangeiros?</i>	Com quem costuma sair: compras, bares, passeio, outros Suas amizades são mais do trabalho, escola, vizinhos, pessoas que conheceu na rua, outros
<i>Que opinião você acredita que os espanhóis têm dos brasileiros (as) que estão aqui?</i>	Cultura: samba, futebol, outros Alimentação, Vestimenta, Trabalho Estudo, Religião Comportamento das pessoas Das facilidades que o governo oferece: ajudas, saúde, estudo, outros Das oportunidades: trabalho, vivendas de proteção, outros
<i>Que opinião acredita que os espanhóis têm de você e sua família?</i>	Cultura: samba, futebol, outros Alimentação, Vestimenta, Trabalho Estudo, Religião Comportamento das pessoas Das facilidades que o governo oferece: ajudas, saúde, estudo, outros Das oportunidades: trabalho, vivendas de proteção, outros
<i>Você, ou alguém da sua família, passou por alguma situação difícil ou foi prejudicado por algum espanhol? Em caso afirmativo, e se não resultar incômodo, gostaríamos que descrevesse o ocorrido.</i>	Grau de importância do ocorrido Documentação, Transporte Maneira de comportar-se Médico, Escola, Trabalho Residência
<i>Em sua casa, você e sua família falam:</i>	Português, espanhol, portunhol, outro

PROCEDIMENTO

O recrutamento das pessoas imigrantes nascidas e originárias do Brasil, instaladas no País Vasco foi feito através de contatos com associações culturais brasileiras (Associação Brasileira, Associação Brasil-Euskadi), grupos católicos (Missões diocesanas de Vitoria, Grupo ID) e redes sociais dos próprios imigrantes (contatos facilitados por imigrantes da mesma, etnia). Tanto o recrutamento como a aceitação para a participação neste estudo ocorreram de forma voluntária.

Os critérios de inclusão para participar no estudo foram: (1) não haver participado em outra investigação semelhante, (2) ser imigrante de primeira geração, (3) residir a um ano ou mais na sociedade de acolhida, e (4) não haver mantido relações de amizade com outros participantes do mesmo grupo.

Os grupos de discussão foram dirigidos e supervisionados por pessoal treinado, uma doutoranda da Psicologia Social da UPV, e duas pessoas com nível universitário, originárias do Brasil, e que foram treinadas para tal objetivo.

Os grupos de discussão foram realizados em dois momentos. No total houve seis encontros, dois com cada grupo. Os três (um com cada grupo) primeiros encontros tiveram uma duração de três horas, e uma duração de quatro horas os três (um com cada grupo) encontros posteriores. O mediador principal foi uma doutoranda do Departamento de Psicologia Social e os mediadores auxiliares foram duas pessoas licenciadas em Psicologia treinadas para observar e intervir em momentos ou situações críticas que pudessem emergir durante as reuniões com os grupos. Para a posterior transcrição, os seis encontros foram gravados e o mediador e seus auxiliares fizeram anotações escritas. Os seis encontros ocorreram no Seminário da Psicologia Social, do departamento da Psicologia Social da Faculdade de Farmácia (Universidade do País Vasco) em Vitoria-Gasteiz, no mês de janeiro do ano de 2011, houve um intervalo de uma semana entre a realização dos primeiros e segundos encontros. Ver Tabela 5.

Tabela 5. *Datas dos encontros*

Grupo	Primeiro encontro	Segundo encontro
A	14 de janeiro de 2011	21 de janeiro de 2011
B	18 de janeiro de 2011	25 de janeiro de 2011
C	20 de janeiro de 2011	27 de janeiro de 2011

ANÁLISE DE CONTEÚDOS

Sistema de codificação

Conforme exposto na parte de antecedentes (introdução) o sistema de codificação foi elaborado baseando-se na revisão de estudos prévios e desenvolvido respeitando quatro macros categorias: as diferenças culturais, os motivos para emigrar, as estratégias de adaptação e as experiências de minoria étnica (que coincidem com os quatro blocos temáticos que foram seguidos para elaborar o roteiro usado no segundo encontro com os grupos de discussão). Estas quatro macros categorias foram divididas inicialmente em 25

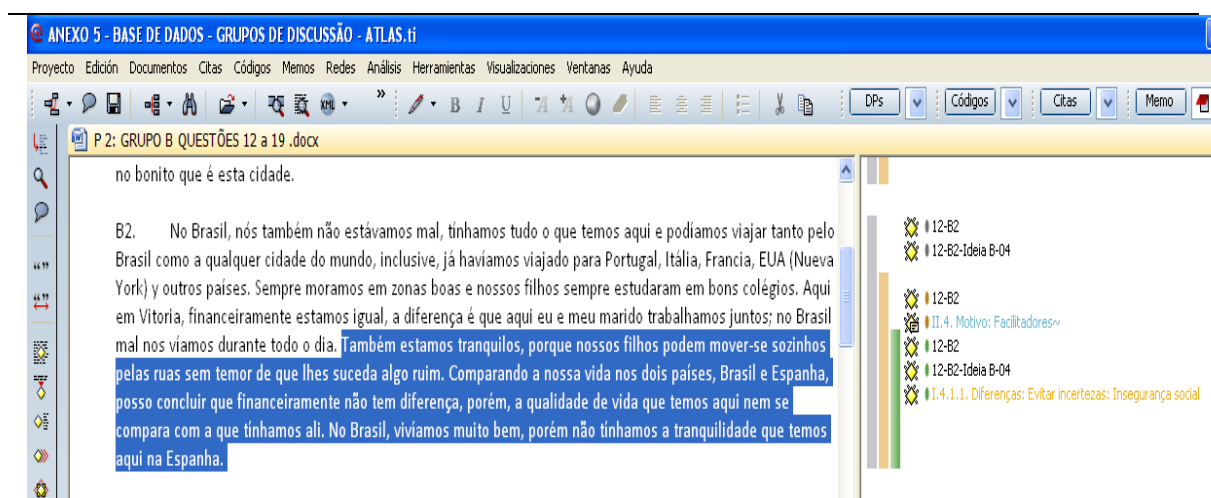
categorias, que se subdividiram em 75 códigos e 16 subcódigos. O sistema inicial de categorização está exposto em uma tabela no Anexo 1.

Tratamento de análises de dados: transcrições

Para o tratamento das análises de dados do conteúdo, foram preparados documentos primários nos quais se transcreveu literalmente o conteúdo das narrações dos encontros. As transcrições foram feitas em formato de texto e organizada de acordo com as perguntas do roteiro, os grupos e os participantes. Para tanto, elaborou-se dois documentos para cada grupo, um relativo ao primeiro encontro e outro relativo ao segundo encontro, somando um total de seis documentos nos quais se encontram plasmadas em forma de perguntas e respostas todo o conteúdo surgido nos grupos de discussão (Anexo 1 e 2 em CD). Estes documentos posteriormente foram transferidos para o programa informático Atlas.ti. com a finalidade de tratar seus conteúdos de maneira qualitativa.

A próxima fase do tratamento e análises de dados, compreendeu a codificação das narrações (documentos primários). Para a codificação foram consideradas as respostas dos participantes, respeitando sistematicamente o conteúdo total das respostas individuais em cada pergunta, como unidade de análises foi selecionando o parágrafo total e as distintas ideia que ele pudesse conter. Estas ideias foram codificadas de duas maneiras, uma individualmente identificando seu números por ordem de aparição e especificando seu código assim como o participante que a narrou e o grupo que pertencia este participante; e outra geral na qual foram identificadas cada ideia dentro do sistema de codificação. Deste modo foi possível obter o números total de ideia que foram expressas por cada participante e por cada grupo. Assim mesmo, as ideia puderam ser classificadas em suas respectivas categorias. Estas maneiras de identificar e codificar foram utilizadas para facilitar a análises através do aplicativo informático Athas.ti. Um exemplo gráfico da codificação se pode ver na Figura 1.

Figura 1. **Exemplo de codificação (programa Atlas.ti)**



Finalmente e uma vez classificadas todas as ideias coletadas através das narrações, se exportou para uma matriz de dados quantitativa (que identificava os grupos, participantes, ideia e o conjunto de códigos), o que permitiu criar uma base de dados com variáveis de importância, ou seja, as ideias e as categorias para seu tratamento descritivo por meio do programa de análise estatístico SPSS v.22. Assim mesmo foi criada outra base de dados com as ideia para seu tratamento por meio de análises de correspondência com o programa Trideux v.5.

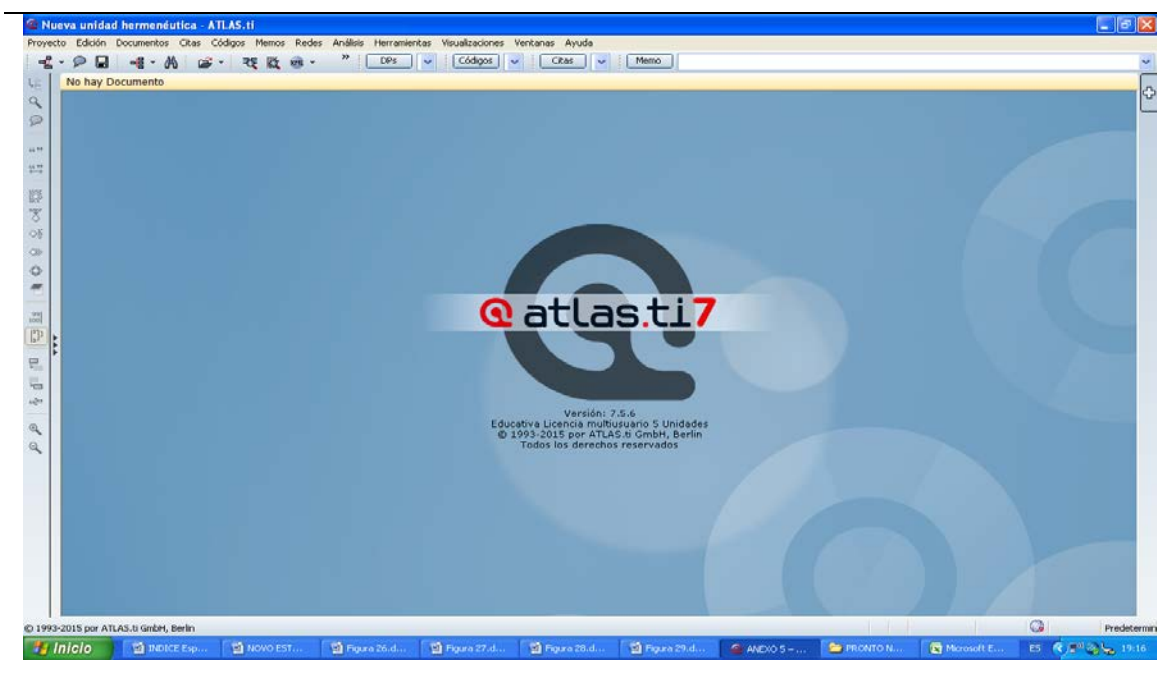
Funcionamento do programa Atlas.ti

Como mencionado anteriormente, para as análises qualitativas do conteúdo usou-se o programa informático Atlas.ti v.7. (Figura 2), e para o análises complementar o programa informático SPSS v22.

Atlas.ti, é uma ferramenta informática cujo objetivo é facilitar as análises qualitativas de texto (principalmente de grande volumem e extensão), imagens, vídeos e outros materiais; basicamente seguindo os mesmos passos que são empregados com outros instrumentos para o tratamento de este tipo de dados. De forma resumida as bases para o análises com este programa são:

1. Preparação dos dados: recolher e armazenar a informação.
2. Análise inicial: codificação.
3. Análise principal: refinamento do sistema indexado, escritura, anotações e relações entre códigos.
4. Resultados: conceitos claves, definições, anotações, relações e modelos

Figura 2. **Tela inicial do programa Atlas.ti v.7**



É um aplicativo que permite integrar a informação a ser analisada facilitando sua busca, recuperação e a representação gráfica dos materiais utilizados por meio de seu espaço virtual e respectivos componentes:

Unidade Hermenêutica (UH) é um espaço virtual onde se armazena no programa o material “que vai ser ou que já foi trabalhado”. Portanto, similar a uma pasta de arquivos é na UH, onde se guarda, trabalha e analisa os arquivos, entre outros, de texto, imagem e som através dos componentes do programa Athas.ti:

1º. No recipiente denominado *Documentos Primários*, armazena-se os dados brutos. Como já foi dito, estes dados brutos podem compreender-se de textos em praticamente todos os formatos, imagens, arquivos de som, arquivos de vídeo e muitos outros.

2º. *Citas* (quotations- quotes). O seguinte passo depois de estabelecidos na unidade hermenêutica os documentos primários, será criar as citas. Elas, as citas representam a primeira redução do documento bruto, mais especificamente dos fragmentos do arquivo que apresentem significado em relação com os objetivos e com as hipóteses da investigação. Neste estudo, as citações correspondem aos fragmentos de texto e as ideias.

3º. *Códigos* (codes). Os códigos são conceitos, resumos ou agrupações de citas. Têm a função condensar dados complexos definindo-os e indicando-os por meio de números, palavras e frases entre outras formas. Neste estudo os códigos foram o sistema de categorias das ideias.

4º. *Anotações* (memos, memorandos). São comentários realizados durante o processo. A criação de comentários permite um maior controle na hora de fazer a análise e também facilita a redação da elaboração final do informe dos resultados.

5º. *Famílias*. São qualquer tipo de agrupação de documentos primários, códigos e anotações e, funcionam como um recipiente para armazenar estes elementos, Suas principais funções são as de (1) filtrar, simplificando a informação, (2) ordenar em um mesmo espaço vários documentos selecionados, agrupando-os em categorias afins e (3) ser o primeiro passo para a análise conceitual.

6º. *Networks*. Fundamentalmente, as networks são representações gráficas dos vínculos que se estabelecem entre os diferentes elementos da análise realizada. A maior utilidade das networks, é permitir a criação de mapas conceituais do material ao que está vinculado. Em este estudo, através das networks, estão representados os vínculos entre as categorias e as ideias.

4. RESULTADOS

Analises das narrações: Fiabilidade: Acordo inter juízes

Os grupos debates realizados nos grupos de discussão assim como a transcrição em texto para análise, foram feitos no idioma português, língua materna dos participantes deste estudo.

A categorização e posterior codificação dos parágrafos e ideias, dos documentos preparados para análise, foram realizadas por meio de um acordo inter juízes, no qual intervieram três pessoas. Primeiramente, dois juízes de forma independente ocuparam-se da categorização e codificação das ideias; depois esta categorização e codificação foram contrastadas resultando em um numero de acordos e desacordos. Para solucionar os desacordos, entreviu um terceiro juiz e emitiu a solução final. Os três juízes que participaram no acordo inter juízes eram membros da equipe de investigação do Departamento de Psicologia Social da UPV/EHU.

Para o acordo inter juízes, foi elaborado um documento em forma de tabela, no qual se estruturou a maneira com a qual seriam identificados os itens e os conteúdos de importância a serem indicados pelos juízes. Conforme se pode ver na Tabela 6:

1ª coluna: *Números da Pergunta*. Descrito de forma numérica, indica a qual pergunta se refere os demais dados.

2ª coluna: *Grupo/Participante*. A letra A, B e C identificam os grupos e os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6 identificam os participantes. Po exemplo; A-1 corresponde ao participante “um” do grupo A, B-5 ao participante “cinco” do grupo B e C-2 ao participante “dois” do grupo C.

3ª coluna: *Números da ideia*. Representa a ordem numeral crescente pela qual foram codificadas as ideia, iniciando no números 01 em cada um dos três grupos.

4ª coluna: *Juiz 1 – Categorização*. Identifica a codificação da ideia e o juiz que realizou a categorização.

5ª coluna: *Juiz 2 – Categorização*. Identifica a codificação da ideia e o juiz que realizou a categorização.

6ª coluna: *Acordo/Desacordo*. Nesta coluna representam-se os acordos e desacordos entre as codificações feitas pelos juízes 1 e 2. Onde A = acordo e B = Desacordo.

7ª coluna: *Juiz 3 – Resolução*. Identifica o consenso em relação aos desacordos. Nesta coluna identificam-se os códigos finais que serão utilizados para categorizar as ideia no aplicativo informático Athas.ti v.7 e, utilizados para o análises e configuração dos networks.

Tabela 6. *Exemplo da tabela de acordo inter juízes*

Nº Pergunta	Grupo/ Participante	Nº Ideia	Juiz 1- Categorização	Juiz 2- Categorização	Acordo/ Desacordo	Juiz 3- Resolução
12	A-1	01	código	código	A o D	cód. final
12	A-2	02	código	código	A o D	cód. final
12	A-3	03	código	código	A o D	cód. final
12	A-3	04	código	código	A o D	cód. final
12	A-4	05	código	código	A o D	cód. final
.....	código	código	A o D	cód. final
12	B-1	01	código	código	A o D	cód. final
12	B-1	02	código	código	A o D	cód. final
.....	código	código	A o D	cód. final
12	C-1	01	código	código	A o D	cód. final
12	C-2	02	código	código	A o D	cód. final
.....	código	código	A o D	cód. final

No anexo 3 (em CD) pode-se apreciar a tabela final do acordo inter juízes. Nela estão plasmados os números das perguntas, identificados os grupos, os participantes individualmente, as ideias extraídas das narrações ($N = 267$) em números, as categorizações e codificações realizadas pelos dois primeiros juízes, as ideias que apresentaram acordo e desacordo e a solução final emitida pela intervenção do terceiro juiz após consenso e debate entre os três juízes. Os desacordos estão marcados com a cor vermelha. Assim mesmo, na Tabela 7, se pode observar que houve um 89% de acordos totais, com porcentagens similares nos três grupos de discussão.

Tabela 7. *Números e porcentagem: de acordos, desacordos e ideia por grupo de discussão*

Grupo	A		B		C		Total	
Acordos	87	90%	78	90%	73	88%	238	89%
Desacordos	10	10%	9	10%	10	12%	29	11%
Ideia	97	100%	87	100%	83	100%	267	100%

Com o objetivo de viabilizar o processo de codificação inter juízes, foram calculados os índices de viabilidade para o conjunto de ideias e para cada uma das macro categorias. Criou-se uma base de dados com as 267 ideias codificadas anteriormente e duas variáveis que correspondiam às categorias estabelecidas por cada juiz, para posteriormente ser possível calcular o coeficiente do acordo inter juízes para dados categóricos. Para tanto, seguiu-se o procedimento estipulado por Krippendorff (2011), para o qual se aplicou o κ Macro para SPSS v.22 (Hayes & Krippendorff, 2007; Krippendorff, 2011). O algoritmo para o cálculo do índice permite uma estimativa por “bootstrapp” (neste caso foram feitas 5000 estimações). Aplicou-se a fórmula para dados dicotômicos, tendo em vista que havia dois juízes (Krippendorff, 2011, p.3. www.afhayes.com/public/kalpha.pdf).

O coeficiente do acordo inter juízes foi alto ($K = .863$) para o conjunto das ideias e para cada uma das respectivas macro categorias (todos $> .80$). A macro categoria relativa às estratégias de aculturação resultou ser a mais fiável (.932), assim mesmo a macro categoria que abarca as experiências de minoria étnica e que englobou o maior número de ideias (um total de 186 ideias codificadas), obteve uma fiabilidade alta (.837).

Tabela 8. **Coeficientes de Fiabilidade do sistema de categorização**

	<i>Números de Juízes</i>	<i>Números de Ideia</i>	<i>Alpha Krippendorff</i>
Total de ideias	2	267	.863
<i>MACRO CATEGORIAS</i>	<i>Números de Juízes</i>	<i>Números de Ideia</i>	<i>Alpha Krippendorff</i>
I. Diferenças culturais	2	7	.817
II. Motivos	2	23	.830
III. Estratégias aculturação	2	51	.932
IV. Minoria étnica	2	186	.837

RESULTADOS DESCRITIVOS

Partindo do sistema inicial de categorização descrito anteriormente (Anexo 1.) se pode observar na Tabela 9¹ a primeira redução dos códigos, que foi feita em função das respostas ou narrações proporcionadas em relação às oito perguntas elaboradas como roteiro para o segundo encontro (Tabela 4) com os grupos de discussão. Esta redução, foi resultado do acordo inter juízes e consiste em 267 ideias ou unidades de análises, classificadas em 45 tipos de codificação segundo as macro categorias, categorias e códigos.

¹ Na primeira coluna da tabela 9., se podem ver as macrocategorias, categorias e códigos; na segunda coluna o número de ideias por macrocategorias, categorias e códigos; na terceira coluna as frequências em que aparecem as ideias nas macrocategorias, categorias e códigos.

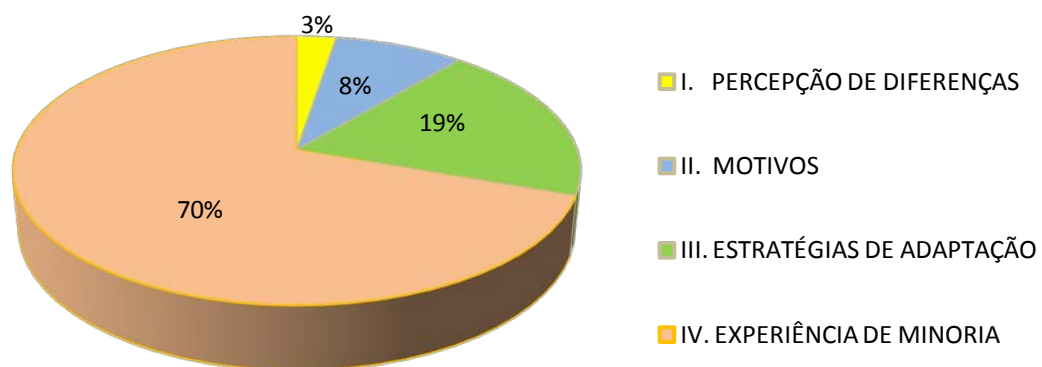
Tabela 9. *Frequências e números de ideia por macro categorias, categorias e códigos - primeira redução*

<i>Macro categorias, Categorias e Códigos</i>	<i>Números de Ideia por macro categorias, categorias y códigos</i>	<i>% de Ideia por macro categorias, categorias e códigos</i>
I. PERCEPÇÃO DE DIFERENÇAS	7	2,6%
I. 3.1.1. Familismo: valorar a família: auxílio (ajuda), obrigações, coesão, outros	4	1,5%
I. 4.1.1. Insegurança social: roubo, violações, outros	1	0,36%
I. 10. Orientação a curto e longo prazo	2	0,74%
II. MOTIVOS PARA EMIGRAR OU PERMANECER NO PAÍS DE ACOLHIDA	23	8,6%
II. 1. Materialismo: melhorar a situação econômica, êxito, poder, outros	8	2,9%
II. 2. Autodesenvolvimento: aventura, novos horizontes, viagens, conhecer países, outros	3	1,2%
II. 3. Idealismo: ajudar as outras pessoas	1	0,36%
II.4. Facilitadores e inibidores: amigos, qualidade de vida, estudos, planificação familiar	7	2,6%
II. 5. Reagrupação: matrimônio; filhos, esposa, outros	3	1,2%
II. 6. Retorno: saudades, perda do status, outros	1	0,36%
III. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO	51	19,2%
III.1.1. Estratégias: Assimilação público	7	2,6%
III.1.2. Estratégias: Assimilação-privado	14	5,4%
III.1.4. Estratégias: Assimilação-linguagem	2	0,72%
III.2.1. Estratégias: Separação público	3	1,2%
III.2.2. Estratégias: Separação-privado	4	1,5%
III.2.4. Estratégias: Separação-linguagem	4	1,5%
III.3.1. Estratégias: Bicultural-público	2	0,72%
III.3.2. Estratégias: Bicultural-privado	4	1,5%
III.3.3. Estratégias: Bicultural-Pautas culturais	1	0,36%
III.3.4. Estratégias: Bicultural-linguagem	10	3,6%
IV. EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA.	186	69,6%
IV. 1. Estereotipo	28	10,6%
IV. 1.3. Hetero/Meta estereotipo: O que se diz de nós; perceber o prejuízo	28	10,6%
IV. 2. Discriminação	80	30,3%
IV. 2.1. Trabalho, econômica	7	2,6%

IV. 2.4. Contato social informal; família, marido, outros	7	2,6%
IV. 2.5. Contato social formal	17	6,4%
IV. 2.6. Fenótipo – cor da pele – traços físicos	13	4,9%
IV. 2.7. Idioma	5	1,9%
IV. 2.8. Vestimenta	3	1,2%
IV. 2.9. Denúncia - Violência	4	1,5%
IV. 2.10. Não percepção de discriminação; trato positivo, boa acolhida, outros	24	9,1%
IV. 3. Afrontamento e Atribuições	78	28,98%
<i>IV. 3.1 à IV. 3.5. Formas de afrontamento individual condutual</i>	<i>19</i>	<i>7,2%</i>
IV. 3.1. Desenganche Condutual: Distanciamento do estereótipo	4	1,5%
IV. 3.3. Mobilidade Individual	6	2,3%
IV. 3.4. Evitar o Contato com (Prejuízo); distância - trato frio.	4	1,5%
IV. 3.5. Busca de apoio social endogrupal	5	1,9%
<i>IV. 3.6. à IV. 3.14. Formas de afrontamento individuais cognitivas</i>	<i>43</i>	<i>15,82%</i>
IV. 3.6. Desenganche Psicológico: Desidentificação	4	1,5%
IV. 3.9. Recategorização Subordinada / Diferenciação eu/nós	10	3,6%
IV. 3.10. Comparação Social Vantajosa Intra - grupo e Intra - pessoal (temporal ou não)	10	3,6%
IV. 3.11. Mudança de expectativa: (+ cognitiva)	2	0,72%
IV. 3.12. Regulação e / ou Controle Emocional	8	3,0%
IV. 3.13. Reinterpretação da realidade (como regulação emocional)	4	1,5%
IV. 3.14. Internalização: Núcleo de verdade	5	1,9%
<i>IV. 3.15. à IV. 3.20. Formas de afrontamento coletivas cognitivas</i>	<i>12</i>	<i>4,40%</i>
IV. 3.16. Criatividade cognitiva: Reavaliação da Dimensão de Comparação	1	0,36%
IV. 3.17. Criatividade cognitiva: Novas Dimensões de Comparação	2	0,72%
IV. 3.18. Recategorização Subordinada / Diferenciação e expulsão.	2	0,72%
IV. 3.19. Atribuição da Casualidade e Responsabilidade ao Prejuízo Grupal	7	2,6%
<i>IV. 3.21. à IV. 3.23. Formas de afrontamento coletivas condutual</i>	<i>4</i>	<i>1,56%</i>
IV. 3.21. Competição Social / Mobilização	1	0,36%
IV. 3.22. Competição Realista	3	1,2%
TOTAL GERAL	267	100%

A maior parte das ideias que foram codificadas correspondem à experiência de minoria étnica (69.6%), conseqüentemente as outras três macro categorias englobam um número menor de ideia. Desta forma o discurso dos participantes se centrou mais em sua experiência no país de acolhida e nas relações mantidas com outros grupos; Não houve muito ênfases em respeito à percepção de diferenças culturais e o choque cultural (2.6%), os motivos da migração também foram pouco debatidos (8,6) e as estratégias ou orientações de aculturação representaram um pouco mais de importância que as duas anteriores (19.2%). Ver Figura 3.

Figura 3. *Frequência de ideias por macro categorias*



ANÁLISES DO CONTEÚDO DAS IDEIAS

Neste apartado, se descreverão as categorias das narrações ilustrando com citações textuais os conteúdos das mesmas, para tanto se selecionou aquelas citas textuais ou ideia que representam cada uma das categorias de análises. No Anexo 4 (em CD) se oferece uma tabela onde as 267 ideias descritas textualmente e arquivadas através do sistema de categorização aplicado.

Para proporcionar uma ideia global das narrações efetuadas nos grupos de discussão, construíram-se “networks”, que representam graficamente as redes de opiniões expressadas pelos participantes, demonstrando os vínculos entre os códigos e as ideias. Também foram elaboradas “networks” para as ideias co-ocorrentes (tipo de ideia que se associam a cada categoria), ou seja, as distintas ideias que foram mencionadas no mesmo parágrafo, ideias similares (com a mesma codificação) que foram citadas em distintos parágrafos, e os diferentes códigos que se associam entre si.

RESULTADOS POR MACRO-CATEGORIAS

A continuação, em toda a exposição dos resultados, serão apresentadas frases que resultaram ser representativas dentro de sua categorização. Estas frases foram extraídas de forma textual (da forma com que foram narradas) das transcrições dos debates ocorridos nos grupos de discussão A, B e C. Elas estarão apresentadas nas sessões e nas networks a que correspondam. Assim mesmo tanto nas sessões quanto nas networks, as frases poderão estar cortadas por pontos suspensivos quando os comentários intermédios resultarem ser irrelevantes ou dificultem a compreensão. Ademais, no caso dos resultados que apresentam as redes de opiniões relativas a cada macro categoria por separado, as frases poderão conter pontos suspensivos quando os comentários intermédios representem outras ideia, porém no caso dos resultados que se referem às redes de opiniões co-ocorrentes, as frases serão apresentados integralmente, já que um dos objetivos destas redes é justamente observar os vínculos das ideias e códigos entre si, salvo em situações que sejam irrelevantes ou dificultem a compreensão.

Em todas as figuras gráficas (networks), estarão identificadas as macro categorias, as categorias, os códigos e subcódigos; o grupo e a identificação do participante, o número da ideia e o número da pergunta de referência. Dependendo do objetivo da network, também estarão descritos parágrafos ou frases, em forma de texto, como maneira de ilustrar e deixar mais objetivas as redes de ideias ou opiniões. Quando o parágrafo ou as frases forem muito extensos e de difícil leitura nas networks, estarão disponíveis para leitura nas sessões que corresponda, podendo ser facilmente localizado a partir das indicações contidas nas próprias networks e identificadas no texto (categoria, número da ideia ou ideia, identificação do participante e da pergunta de referência).

Para identificar a *ideia*, tanto apresentadas nos sessões como nas networks, se tem utilizado a letra do grupo (A, B ou C) seguido da palavra "Ideia"; e o número da própria ideia (01,02, (...) 09, 10, 11 (...) 267), sucedida novamente da letra do grupo; Exemplo: A-Ideia A4. No caso das ideias, o zero (0), foi utilizado diante dos números de 1 a 9 (01, (...) 09), para diferenciar do números do participante que não leva o zero (0) diante.

Para identificar a *pergunta de referência* e o *participante*, se utilizou o número da pergunta de referência (12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 ou 19) seguido da letra do grupo (A, B ou C) com o número do participante (1, 2, 3, 4, 5 ou 6); Exemplo: 12-A3

Conforme mencionado anteriormente, estas identificações são as mesmas para os (1) *partes textuais das ideias e para as networks*, (2) *para os parágrafos completos e para networks co-ocorrentes*, a ordem de apresentação será no caso (1): grupo, números de ideia, questão de referência e números do participante (*B-Ideia B24. 13-B2*), e no caso (2) pergunta de referência, números do participante, grupo, números das ideias: (*12-C3 C-Ideia C03., C04 e C45.*). Fora das networks, as identificações estão marcadas com a cor cinza claro. Em ocasiões

será identificada nos *textos e nas networks* somente a pergunta de referência e o número do participante: (18-A6)

As redes de ideias representadas nas networks serão apresentadas em módulos identificados por cores diferentes, em função da macro categoria e categoria a que pertençam, para melhor visualização e compreensão principalmente no caso das redes de ideia co-ocorrentes. Desta forma quando se trata: (1) das Diferenças culturais o nóculo será em tons de amarelo; (2) dos Motivos da migração o nóculo será em tons de azul; (3) das Estratégias de adaptação o nóculo será em tons de verde; (4) da Experiência de minoria étnica o nóculo será em tons de rosa.

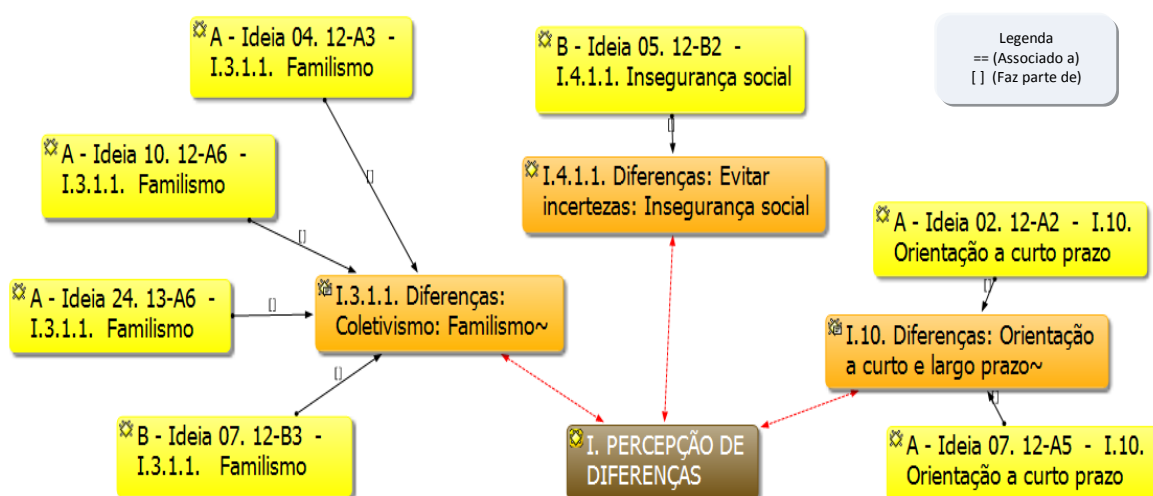
I. DIFERENÇAS CULTURAIS (Hip. 1.)

Nesta macro categoria, estão identificadas as diferenças culturais que mais impactamos imigrantes quando comparam sua cultura de origem (no caso a brasileira) com a cultura de acolhida (a espanhola e vasca). Inicialmente contemplava a existência de dez (10) categorias com seus códigos e subcódigos (Anexo 1.) das quais sete (7) não apareceram nos discursos dos participantes.

Do conjunto de dimensões culturais retomadas da revisão dos estudos prévios, os participantes relataram questões referentes às seguintes facetas: a) I.1. Individualismo – coletivismo; b) I. 4. Evitar incertezas; c) I.10. Orientação a curto e a longo prazo. Na Figura 4, estão representadas por networks as redes de ideias que compuseram esta macro categoria.

No entanto, não foram mencionados aspectos em relação às dimensões: I.1. Distância Hierárquica; I.2. Masculinidade e Feminidade; I.5. Estilo comunicativo; I.6. Planificação do tempo e ritmo de vida; I.7. Separação entre as esferas públicas ou privadas; I.8. Distância física e ou emocional nos encontros sociais; I.9. Ambiente, clima e ecologia.

Figura 4. **Rede de Ideias - I. Percepção de diferenças**



I.1. Individualismo e Coletivismo

Neste caso, os participantes expressaram perceber diferenças culturais, respeito ao *familismo* entre sua cultura originária e a cultura de acolhida. Conforme se pode observar nas expressões a seguir, as ideias afirmam a importância de uma forte vinculação com sentimentos de lealdade, reciprocidade e solidariedade entre os membros da mesma família.

“(...) posso enviar dinheiro todos os meses aos meus pais.” (A-Ideia 04. 12-A3)

“(...) meu irmão ganha um dinheirão e me mantém(...) No Brasil, meus pais não têm muito dinheiro, meus irmãos ajudam nos gastos mensais.” (A-Ideia 10. 12-A6)

“(...) estive sem trabalho fixo durante três anos. Durante este período, fazia alguns “bicos” para sobreviver e a igreja, nossos pais e irmãos nos ajudavam como podiam.” (B-Ideia 07. 12-B3)

I. 4. Evitar as incertezas

Nesta categoria identifica-se o grau em que as pessoas imigrantes se sentem ameaçadas por situações ambíguas, que tentam evitar por meio de códigos e crenças estritas. Entre os participantes, os aspectos mais identificados se dirigem a questões de insegurança social.

“(...) estamos tranquilos, porque nossos filhos podem mover-se sozinhos pelas ruas sem temor de que lhes suceda algo ruim. (...) No Brasil, vivíamos muito bem, porém não tínhamos a tranquilidade que temos aqui na Espanha.” (B-Ideia 05. 12-B2)

I.10. Orientação a curto ou em longo prazo

Refere-se sobre a percepção de diferenças entre as culturas na hora de orientar-se a curto ou longo prazo, por exemplo, se a planificação interpessoal e econômica está dirigida para o presente ou para o futuro. As poucas menções em relação a esta dimensão indicam que os participantes apresentam maior tendência ao imediatismo que a uma planificação a longo prazo.

“(...) com o salário que ganhamos, podemos fazer algumas vontades como, por exemplo, ir à praia de férias ou jantar duas ou três vezes por semana em restaurantes(...) Porém, estou sempre preocupada se o dinheiro será ou não suficiente para pagar as contas de aluguel, luz, gás, telefone, etc.” (A-Ideia 07. 12-A5)

IDEIAS CO-OCORRENTES ASSOCIADAS COM A PERCEPÇÃO DE DIFERENÇAS CULTURAIS

Nos discursos textuais que estão plasmados na Figura 5, na qual é possível apreciar, que várias ideias podem estar contidas em um mesmo parágrafo. Ademais, é possível observar que estas ideias podem pertencer tanto a uma mesma macro categoria como a distintas macro categorias.

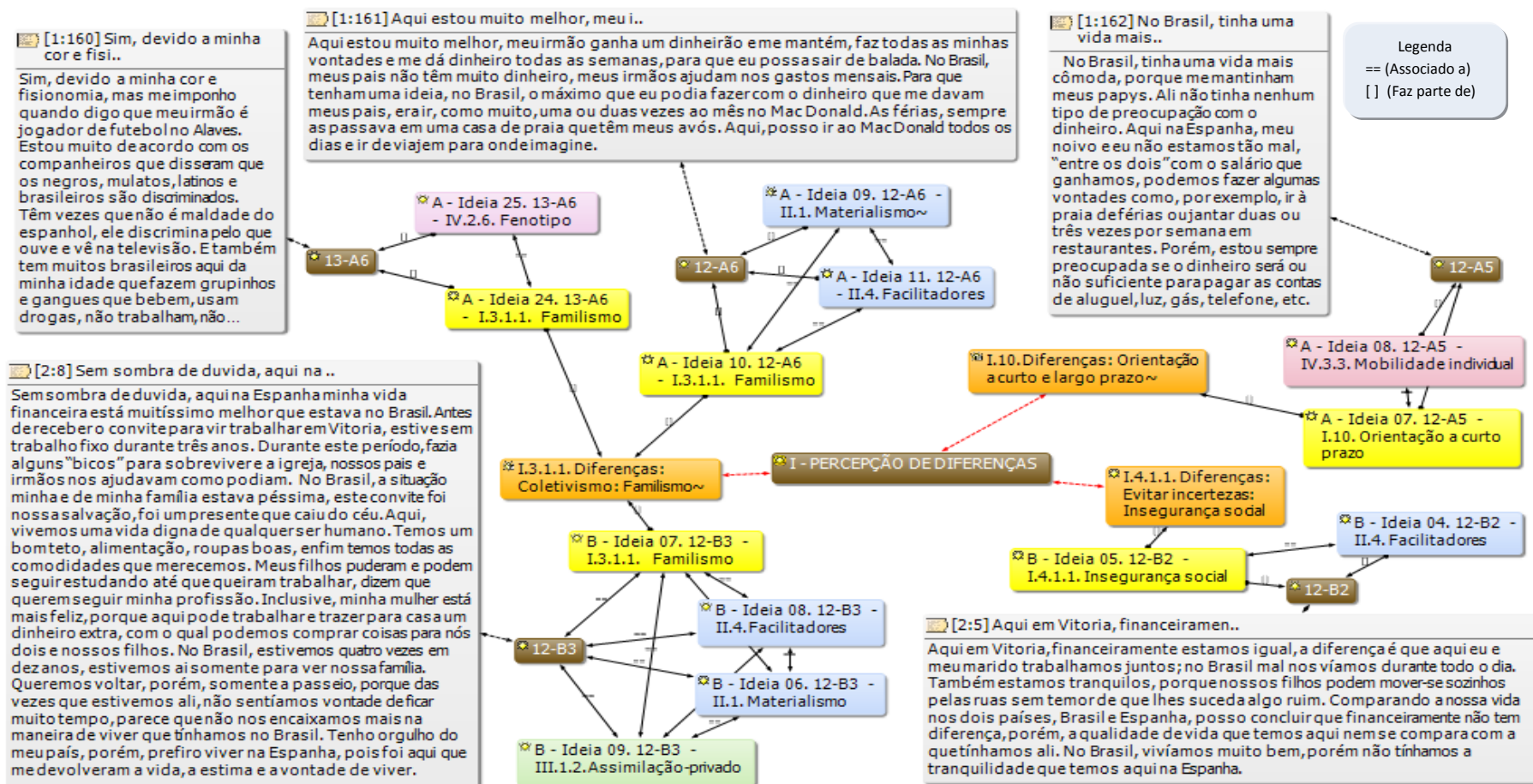
Nesta rede de ideias co-ocorrentes estão expostos três relatos sobre o *coletivismo e familismo* nos quais estavam vinculados motivos materialistas da imigração com motivos facilitadores como a promoção familiar (melhorar a qualidade de vida e conseguir trabalho entre outros (12-A6 A-Ideia A09., A10. e A11); Assim mesmo outro dos relatos mencionou o familismo junto com discriminação étnica (fenótipo), como um elemento que destacava “a cor da pele” como um fator favorecedor da discriminação (13-A6 A-Ideia A24. e A25.); Em outro caso o familismo foi vinculado com a experiência de assimilação cultural, indicando que depois de emigrar e estar assentado no país de acolhida, quando vai de passeio para o Brasil, percebe muita diferença e tem uma sensação de não se encaixar mais ali (12-B3 B-Ideia B06., B0.7, 08. e 09.).

Por outro lado, *evitar as incertezas* apresentou-se associado com o motivo de busca de segurança, como um fator facilitador (12-B2 B-Ideia B04. y B05.).

Por último, a orientação a curto e em longo prazo estava relacionada com a estratégia de mobilidade individual, na qual foi realçada a situação presente e os ganhos econômicos quando se instalou na Espanha (12-A5 A-Ideia A07. y A08.).

Recordar as citações textuais referidas acima, podem ser lidas na Figura 5, a maneira de localizar cada uma delas está indicada entre parêntesis e ressaltadas em cinza.

Figura 5. Rede de ideias co-ocorrentes - I. Percepção de diferenças



II. MOTIVOS PARA EMIGRAR (Hip. 2)

Esta macro categoria engloba as razões que fomentaram os participantes desta investigação a sair do Brasil e instalar-se na sociedade vasca, ou seja os aspectos que foram considerados por eles como positivos e negativos para emigrar. Desta forma, exploradas as condições em que viviam, os elementos que facilitaram ou inibiram por um lado à saída do país de origem e por outro a instalação no país de acolhida, assim como os fatores que podem predispô-los a retornar para o Brasil ou permanecer no País Vasco.

Entre os três grupos de discussão, foram assinaladas 23 ideias (8.6% do total de ideias) relativas aos motivos migratórios. Os fatores econômicos (materialismo) e os facilitadores distinguiram-se como os itens de maior relevância dentro de esta categoria. O motivo econômico representou 37.78%, os facilitadores 30.43% e entre os demais fatores (auto desenvolvimento, idealismo, reagrupação familiar e retorno) distribuíram-se os restantes 34.79%.

A Figura 6 permite uma visão geral, acerca dos motivos indicados pelos participantes dos grupos de discussão, assim nesta network se pode ler um exemplo de cita que caracteriza cada motivo, outros exemplos textuais estão descritos mais abaixo.

II.1. Materialismo

Implicamente, no discurso da maioria dos participantes, a promoção econômica, foi detectada como um fator importante na decisão de migrar, tanto em relação a sair do país de origem como de permanecer ou não na sociedade de acolhida. A continuação estão descritas algumas de estas ideias.

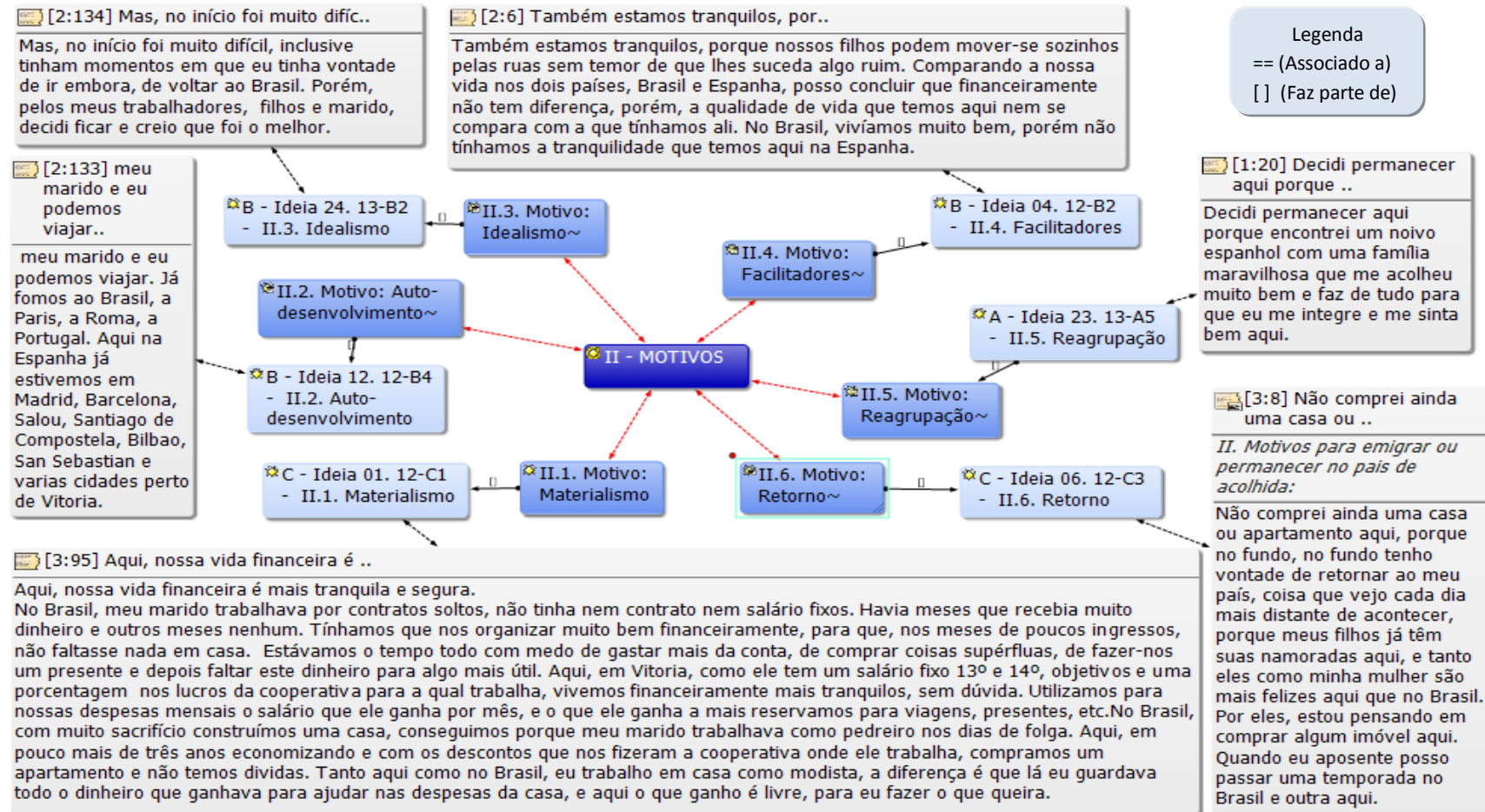
“(...) na Espanha, minha vida financeira é melhor. No Brasil(...) vivia com o dinheiro que enviavam para mim meus pais. O que me enviavam para pouco chegava, Aqui, com o que eu ganho(...) posso comprar tudo o que quero. (A-Ideia A01. 2-A1)

“(...) na Espanha, sem dúvida, estou melhor financeiramente (...) não tem nem comparação com a pobreza e falta de tudo que tínhamos no Brasil.” (A-Ideia A03. 12-A3)

“(...) aqui na Espanha minha vida financeira está muitíssimo melhor que estava no Brasil(...) No Brasil, a situação minha e de minha família estava péssima(...) Aqui, vivemos uma vida digna de qualquer ser humano...” (B-Ideia B06. 12-B3)

“(...) aqui, nossa vida financeira é mais tranquila e segura. (...) vivemos financeiramente mais tranquilos, sem dúvida. (...) Tanto aqui como no Brasil, eu trabalho em casa(...) a diferença é que lá eu guardava todo o dinheiro que ganhava para ajudar nas despesas da casa, e aqui o que ganho é livre, para eu fazer o que queira.” (C-Ideia C0.1 12-C1)

Figura 6. Rede de Ideias - II. Motivos para migrar



II.2. Auto desenvolvimento

As ideias categorizadas nesta dimensão, estavam dirigidas a fatores como a possibilidade de: conhecer outros países, adquirir outra cultura ou aprender um novo idioma.

“(...) podemos viajar para qualquer cidade da Espanha ou País da Europa (...)” (B-Ideia B03. 12-B1)

“(...) Podemos viajar para todos os lugares que pensarmos, (...) ademais (...) facilidades para aprender idiomas, praticar esportes, adquirir melhor cultura.” (B-Ideia B15. 12-B5)

II.3. Idealismo

O idealismo, no sentido de ajudar as demais pessoas, apareceu também de maneira implícita em alguns discursos, como se pode apreciar no seguinte extrato:

“(...) Mas, no início foi muito difícil (...) eu tinha vontade de ir embora, de voltar ao Brasil. Porém, pelos meus trabalhadores, filhos e marido, decidi ficar (...)” (B-Ideia B24. 13-B2)

II.4. Facilitadores

Os facilitadores foram os motivos mais mencionados nos grupos de discussão. E se relacionaram em maior intensidade com aspectos como o desejo de melhorar a qualidade de vida e a segurança pessoal e, em menor intensidade com a busca de apoio social e a planificação familiar (aumentar a família).

“(...) Aqui na Espanha, trabalho muitas horas (...) um serviço que não gosto muito, porém, existem outras coisas positivas que me levam a optar por ficar aqui, como: a segurança, a qualidade de vida, a própria cidade (...)” (A-Ideia A05. 12-A4)

“(...) meus pais dizem que (...) os espanhóis sempre trataram eles bem, e, os vizinhos ajudaram muito para que eles se integrassem (...) uma vizinha foi com minha mãe (...) outra vizinha os acompanhou...” (A-Ideia A77. 18-A1)

“...Aqui, pudemos ter mais dois filhos (...) coisa impensável no Brasil, ter três filhos (...) Aqui, os três estudam em uma escola concertada (...) (...) Isto sem falar na qualidade de vida e no bonito que é esta cidade.” (B-Ideia B02. 12-B1)

II.5. Reagrupação familiar

A reagrupação familiar fez referência em quase todos os casos ao casamento misto, com pessoas autóctones.

“(...) Decidi permanecer aqui porque encontrei um noivo espanhol com uma família maravilhosa que me acolheu muito bem (...)” (A-Ideia A23. 13-A5)

II.6. Retorno

A ideia de retorno foi pouco mencionada, mas conta com alguns exemplos.

“(...) Não comprei ainda uma casa ou apartamento aqui, porque no fundo, no fundo tenho vontade de retornar ao meu país (...).” (C-Ideia C06. 12-C3)

IDEIAS CO-OCORRENTES ASSOCIADAS AOS MOTIVOS

Na Figura 7 estão representados os vínculos entre categorias e a identificação das ideias que correspondem a estas categorias. Para poder oferecer uma visão mais global da rede esta figura os parágrafos e ideias, não estão expostos de forma textual, e, foi traçada uma “linha de corte” (na cor laranja) que separa os motivos em dois lados (três tipos para cada lado). O único propósito desta separação foi indicar que cada lado conforma outra figura (Figura 8 e Figura 9) criadas devido ao reduzido espaço e a intensidade das informações consideradas importantes em relação a cada motivo. Portanto, a Figura 7 proporciona uma visão geral dos motivos relatados pelos participantes enquanto que nas Figuras 8 e 9 estão apresentados os parágrafos e ideias em forma de texto.

O **materialismo** se vinculou com outros motivos como a autopromoção, o auto desenvolvimento e com os facilitadores no marco de uma concepção familista e de busca de segurança (tal como se pode observar na rede que enlaça as diferenças culturais com os motivos (Figuras 5, 7, 8 e 9) [12-B1 (Figura 8), 12-A6 (Figura 8), y 12-B2 (Figura 9)].

O **Idealismo** foi enfocado como resposta a necessidade, do próprio imigrante, em ajudar as pessoas próximas e, vinculou-se com a ideia de superação das dificuldades produzidas pelo idioma e com as situações de violência que por sua se associaram com a necessidade de crescimento no trabalho (mobilidade individual) [(13-B2 (Figura 9)].

A **reagrupação familiar** e a **comparação social** foram mencionadas em um dos relatos, no qual a protagonista conseguiu manter o mesmo status social, que tinha no país de origem antes de emigrar, depois de contrair núpcias com uma pessoa autóctone [(12-C3 (Figura 9)]:

“...Aqui na Espanha me casei também com uma pessoa de boa posição social e econômica. Juntando o que ele tem com o que eu tenho, vivemos uma vida muito confortável(...) Podemos desfrutar da vida como quisermos, sem privações e nenhum tipo de preocupação financeira.” (12-C3 C-Ideia C03. y C04.)

Figura 7. *Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos*

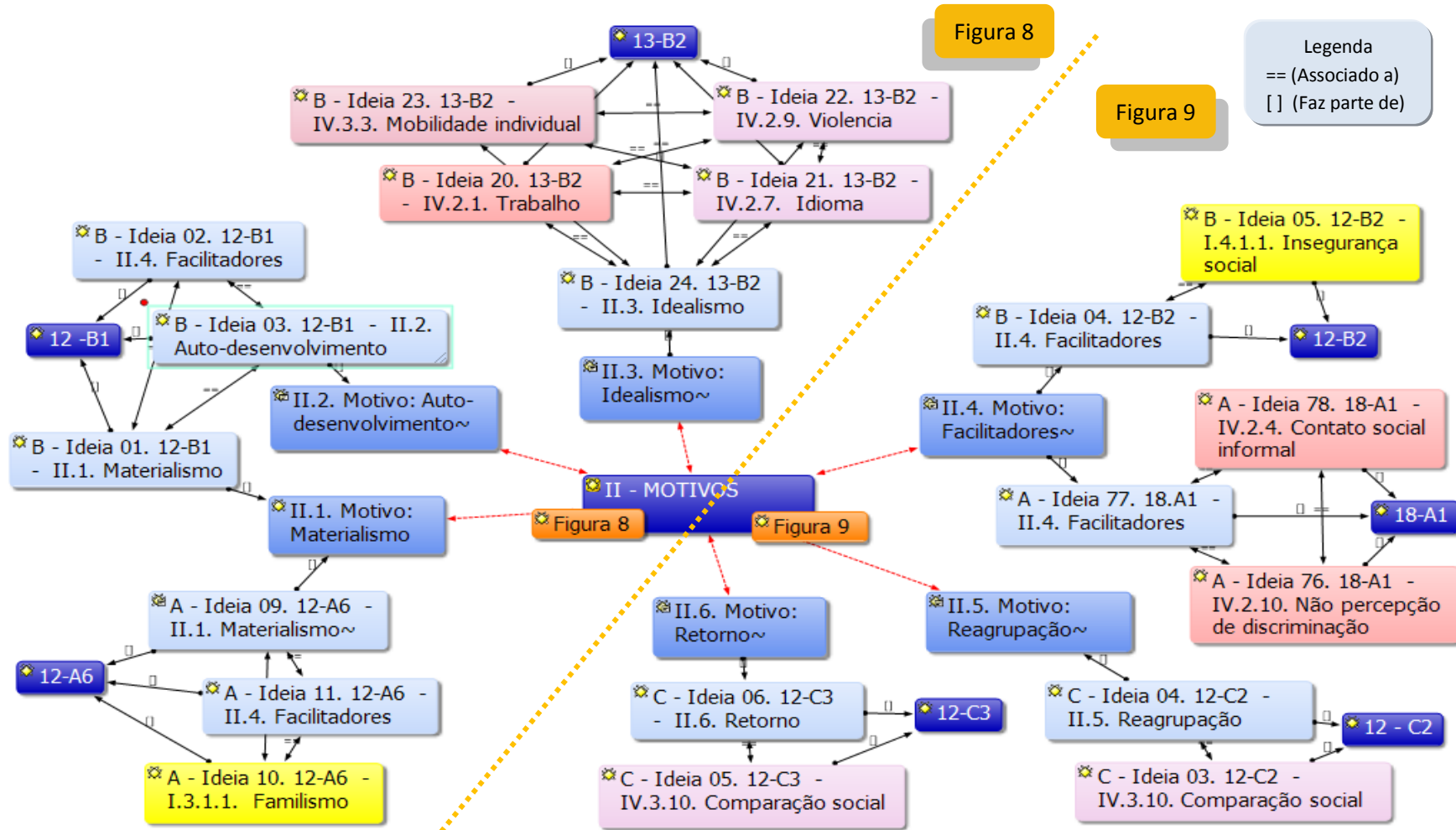
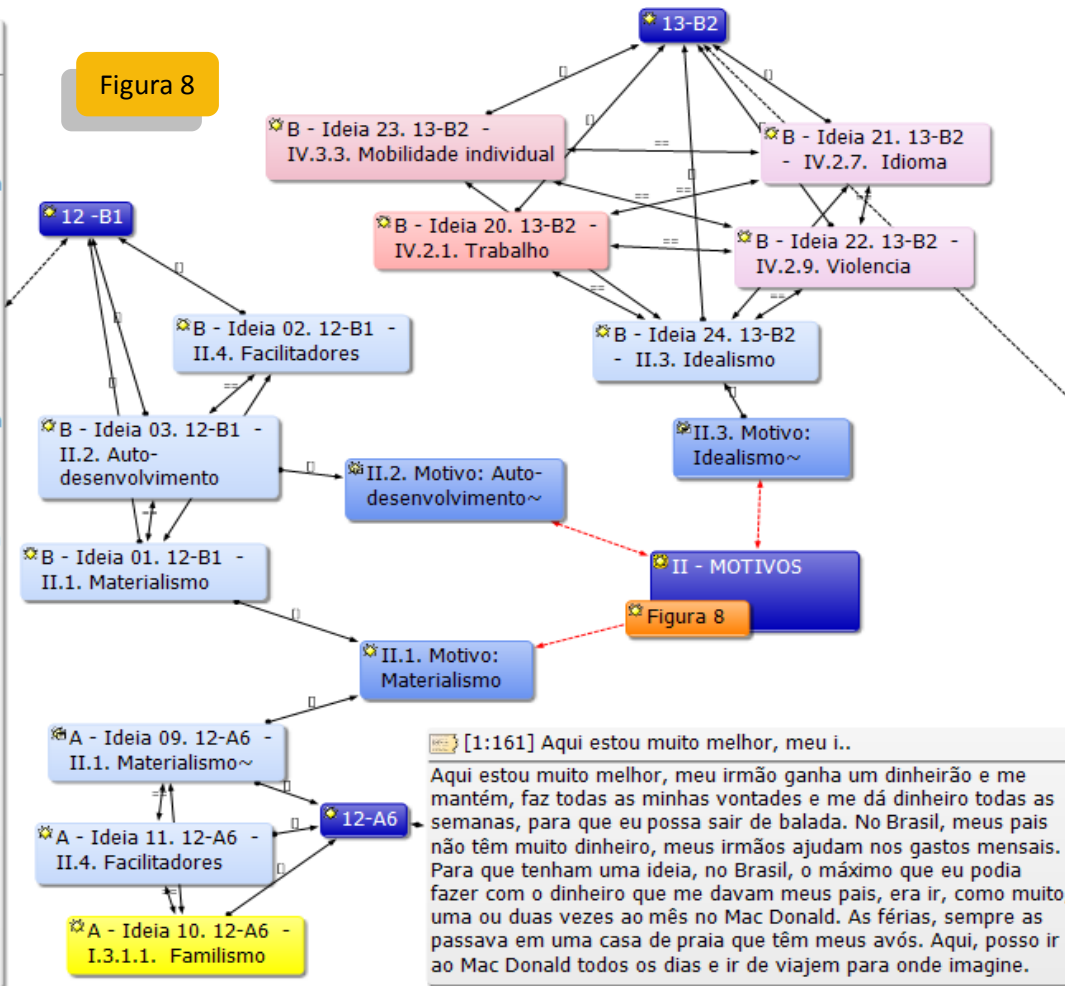


Figura 8. Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos (lado 1)

[2:79] No Brasil, não estávamos mal f..

No Brasil, não estávamos mal financeiramente. Tínhamos uma boa casa, um bom carro, meu filho estudava em uma escola particular, porém, jamais podíamos pensar em sair de férias a países da Europa, o máximo que podíamos fazer era viajar com nosso carro dentro do Brasil, para visitar amigos e familiares em outras cidades ou estados, e ficávamos hospedados em suas casas. Eu tinha que trabalhar para ajudar nas despesas da casa e não podíamos nem pensar em aumentar a família. Para nós, aqui na Espanha as coisas estão muito melhor, meu marido trabalha na mesma função, ganha um salário mensal e eu não necessito trabalhar para manter um bom padrão de vida, e posso estar pendente da educação dos meus três filhos. Aqui, pudemos ter mais dois filhos, coisa impensável no Brasil, ter três filhos com o dinheiro que ganhávamos entre os dois, mais impossível ainda, se quiséssemos dar-lhes um bom estudo. Aqui, os três estudam em uma escola concertada, podemos viajar para qualquer cidade da Espanha ou País da Europa e ainda podemos ir ao Brasil de dois em dois anos. Sem dúvida, estamos muito melhor financeiramente aqui em Vitoria. Isto sem falar na qualidade de vida e no bonito que é esta cidade.

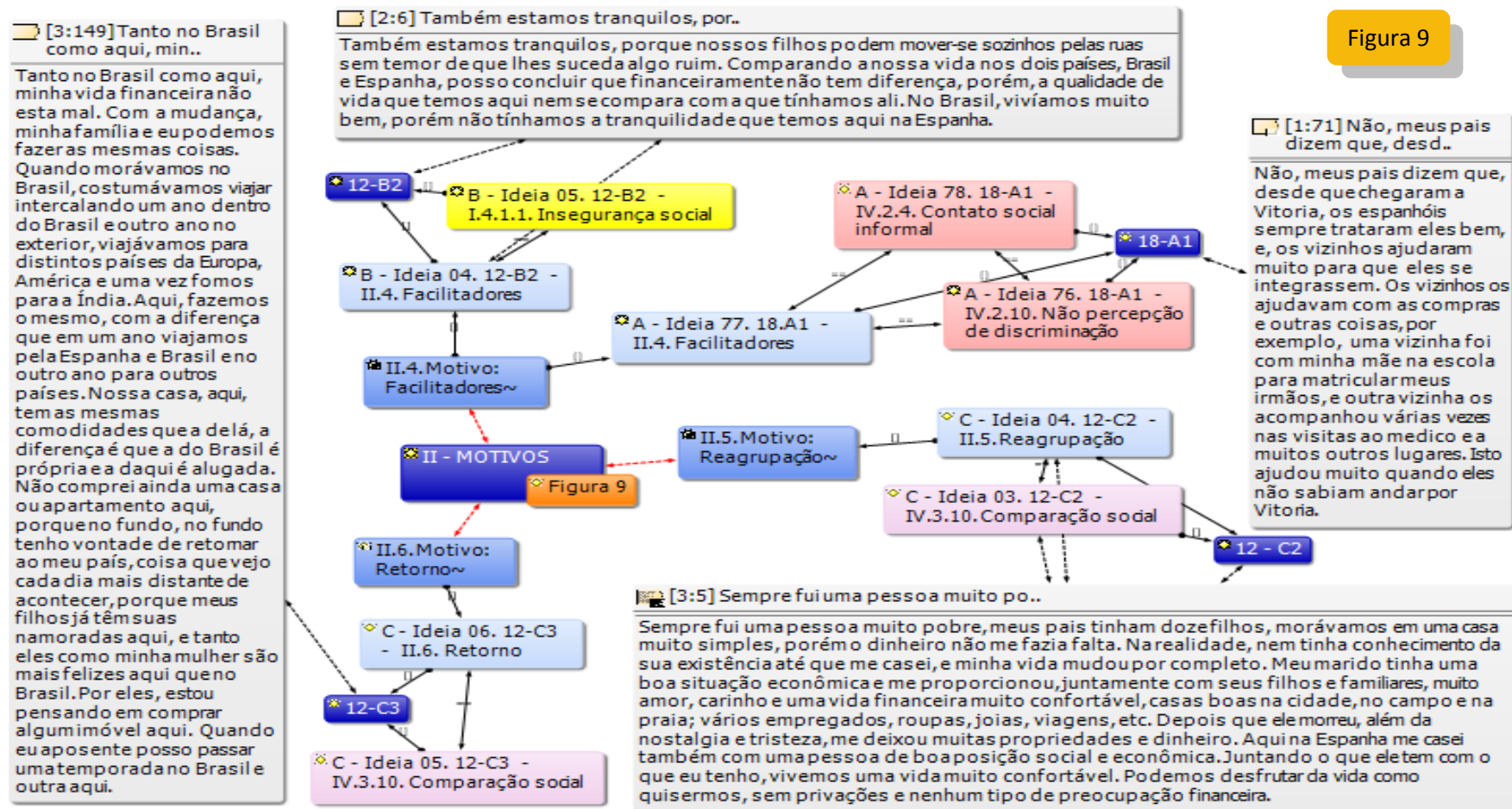


Legenda
 == (Associado a)
 [] (Faz parte de)

[2:132] Sim, logo que cheguei para mon..

Sim, logo que cheguei para montar um negócio que temos, meu marido e eu, em sociedade com alguns amigos espanhóis. Os provedores e compradores de outras empresas, algumas vezes se negavam a negociar comigo, porque diziam que, além de ser mulher e brasileira, não compreendiam o que eu falava. E, além disto, sempre me faziam propostas obscenas, que prefiro nem falar. Porém, com o tempo e depois de passar muita raiva, consegui conquistar meu espaço e fazer-me respeitar. Hoje posso afirmar que não tenho mais problemas por causa da discriminação e por ser uma mulher brasileira. Mas, no início foi muito difícil, inclusive tinham momentos em que eu tinha vontade de ir embora, de voltar ao Brasil. Porém, pelos meus trabalhadores, filhos e marido, decidi ficar e creio que foi o melhor.

Figura 9. Rede de ideias co-ocorrentes - II. Motivos (lado 2)



Os **facilitadores** se relacionam com a não percepção de discriminação e com o contato social informal [18-A1 (Figura 9)]. Neste relato foi destacado o apoio recebido dos vizinhos como ajuda para a integração na sociedade de acolhida:

“(...) os espanhóis sempre trataram eles bem, e, os vizinhos ajudaram muito para que eles se integrassem... ajudavam com as compras e outras coisas... uma vizinha foi com minha mãe na escola para matricular meus irmãos, e outra vizinha os acompanhou várias vezes nas visitas ao médico e a muitos outros lugares (...)” (A- Ideia A76, A77 y A78)

Os **facilitadores**, também se associaram com a busca de segurança, conforme relatado pela pessoa B2 (12-B2 B-Ideia B04 y B05).

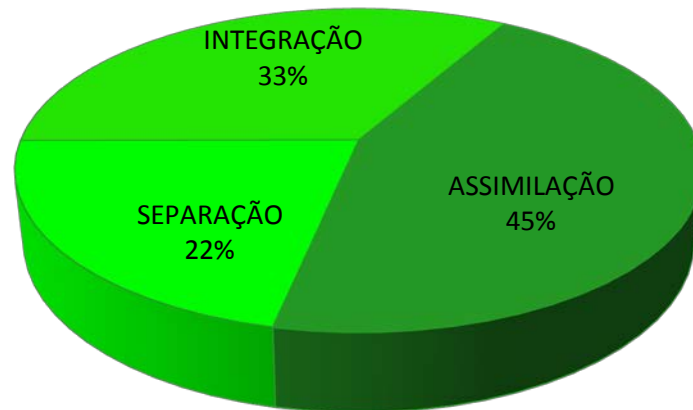
O relato sobre o **retorno** se associou com a comparação social (respeito à situação no país de origem), conforme foi manifestado por um participante, que sente vontade de voltar para o Brasil, onde sua situação econômica seria tão boa como a que tem na Espanha, mas sua esposa e seus filhos não compartilham este mesmo desejo.

“Tanto no Brasil como aqui, minha vida financeira não está mal(...) tenho vontade de retornar ao meu país, coisa que vejo cada dia mais distante de acontecer, porque meus filhos já têm suas namoradas aqui, e tanto eles como minha mulher são mais felizes aqui que no Brasil.” (12-C3 C- Ideia C05 y C06)

III. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO (Hip.3)

As ideias relativas à macro categoria de *Estratégias de Adaptação* constituíram 19.2% do total das ideias (N = 267), sendo a segunda categoria em grau de importância depois da macro categoria *Experiência de Minoria Étnica*.

Entre as quatro orientações de aculturação a *assimilação* foi a que gerou o maior número de ideias (54%), seguida do *biculturalismo* (33.4%) e por último a *separação* (21.6%). A marginalização que representa rejeição a ambas as culturas não há estado presente no discurso dos participantes deste estudo. A Figura 10 proporciona uma visão gráfica da porcentagem que as orientações de aculturação estiveram presentes nas narrações, considerando que o 100% desta macrocategoria corresponde a 19.2% do total das ideias salientes neste estudo.

Figura 10. **III. Estratégias de adaptação**

III.1. Assimilação

A tendência em abandonar a identidade cultural de origem e de orientarem-se em direção do grupo de acolhida nos âmbitos privados, públicos de linguagem (assimilação), foi à estratégia de adaptação que gerou maior debate entre os participantes. Abaixo se pode apreciar os extratos de três ideias das 23 ideias identificadas nesta categoria.

"...Creio que boa, porque estamos completamente integrados na sociedade. Falamos o espanhol, nos vestimos como eles, tentamos ao máximo passar despercebidos. Tentamos não demonstrar que não somos daqui." (A-Ideia A65. 17-A1)

"...eu tento ser como uma pessoa mais daqui, vestindo-me e comportando-me como fazem aqui." (A-Ideia 69. 17-A2)

"(...) Falamos mais em Espanhol (...)" (A-Ideia A94. 19-A3)

III.2 Separação

Esta categoria soma 11 ideias das 23 totais da macro categoria Estratégias de Adaptação, estas ideias estão divididas entre os âmbitos: público (3 ideias), privado (4 ideias) e linguagem (4 ideias). Duas das ideias identificadas nos discursos podem ser apreciadas abaixo:

"(...) De vez em quando, saio com alguns brasileiros...na realidade, minha vida se resume em (...) sair de passeio com meu marido e filho." (B-Ideia B51. 15-B4)

"Falamos português." (B-Ideia B84. 19-B2)

III.3. Bicultural ou integração

Entre as 17 ideias codificadas como biculturales, ou seja, relativas à adoção da cultura do país de acolhida ao mesmo tempo em que manter a cultura de origem, 10 correspondem ao âmbito da linguagem, 4 ao âmbito privado, 2 ao âmbito público e uma faz referência às pautas culturais.

“Tenho amizade tanto com brasileiros como com espanhóis (...)” (A-Ideia A42. 15-A3)

“(...) Fazemos parte inclusive de uma quadrilha com a qual saímos: para comer, de excursão e de pincho pote as quintas feira. Alguns já foram conosco para o Brasil e nos já fomos a seus pueblos (...)” (C-Ideia C37. 15-C3)

“Falamos tanto em português como em espanhol. Porque convivemos com pessoas brasileiras e espanholas.” (C-Ideia C80. 19-C2)

IDEIAS CO-OCORRENTES DAS ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO ENTRE SUAS ESFERAS

A Figura 11 representa as associações entre as opções básicas de adaptação encontradas: *separação*, *integração* (ou *biculturalismo*) e *assimilação*. Em esta figura, estão representadas as ligações existentes entre os códigos e as ideias; as citas textuais estão identificadas e poderão ser apreciadas nos textos que seguem. A leitura de estas citas permite compreender a relação entre as opções de aculturação, proporcionando uma visão mais fina e ao mesmo tempo mais complexa das interações entre as opções de adaptação que as pessoas adotam em função do contexto e do tempo.

Conforme se podem observar na Figura 10 as ideias relativas a *linguagem*, não apresentaram associações com outras esferas das estratégias de adaptação. Contudo, duas ideias se referiram à *assimilação*, quatro à *separação* e dez ao *biculturalismo* ou *integração*, a continuação estão descritas três de estas ideias, uma exemplificando cada dimensão:

Assimilação na linguagem: *“...Falamos em Espanhol...” (A-Ideia A96. 19-A5)*

Separação na linguagem: *“Em Casa... falamos em português, parece que nos identificam mais com este idioma...” (C-Ideia C82. 19-C4)*

Bicultural- linguagem: *“Falamos tanto em português como em espanhol...” (C-Ideia C80. 19-C2)*

No discurso dos participantes as narrações que apresentaram ideias co-ocorrentes entre (1) as diferentes dimensões e entre (2) as diferentes esferas de uma mesma dimensão, estão descritas abaixo conforme indicado na Figura 5.

Tipos mistos

Assimilação público e separação privado. É uma estratégia frequente entre os imigrantes (Basabe, et al. 2009).

“Os amigos, ou melhor, os conhecidos que tenho são as pessoas que trabalham comigo e, na maioria, são espanhóis. Para sair, passear, praticar esportes, etc., meus companheiros são minha mulher e filhos.” (B-Ideia B50. y B49. 15-B3)

Assimilação privado e bicultural. Dependendo do contexto alterna entre a integração e a assimilação, por exemplo quando assimila a cultura do país de acolhida (espanhola) e mantém os vínculos com o país de acolhida (Brasil).

“Meus amigos são na maioria espanhóis, mas no geral quando estou na Espanha, mais com espanhóis e Vascos (como preferem que me refira a eles os que são). Quando estou no Brasil, mais com brasileiros.” (C-Ideia C34. y C35. 15-C2)

Bicultural pautas culturais e assimilação privado e assimilação pública. Representa as identidades mistas descritas por Benet-Martinez (2002)

“Tenho também mais amizades com espanhóis(...) Neste tempo em que estamos aqui, criamos um ótimo círculo de amigos. Fazemos parte inclusive de uma quadrilha com a qual saímos: para comer, de excursão e de pincho pote as quintas feira. Alguns já foram conosco para o Brasil e nos já fomos à seus “pueblos”, etc. (...) ” (15-C3 C-ideia C36., -37. y C38.)

Tipos puros

Assimilação público e a assimilação privado.

“Mais com espanhóis devido ao meu trabalho. Minha clientela é, na sua maioria, formada por espanholas, e muitas se tornaram minhas amigas (...) ” (15-C1 C-Ideia C32. y C33.)

Separação público e separação privado.

“Tenho pouquíssimas amizades. De vez em quando, saio com alguns brasileiros(...) No trabalho, conheço alguns espanhóis, com os quais saio, uma vez por mês(...) Comprimento todos os meus vizinhos...não considero que sejam amigos...minha vida se resume em ir ao trabalho e sair de passeio com meu marido e filhos.” (15-B4 B-Ideia B51. y B52.)

Bicultural público e bicultural privado.

“Eu tenho amizade com brasileiros e espanhóis para sair de balada(...) No trabalho tenho amizade com outros estrangeiros.” (15-A1 A-Ideia A39. y A40.)

Não encontrado: Bicultural público e separação privado

CO-OCORRENTES ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO E AS DEMAIS CATEGORIAS

Na Figura 12 podem ser observadas as associações de ideias que representaram relações entre a macro categoria Estratégias de adaptação (III.), e as macro categorias: Diferenças culturais (I.), Motivos (II.) e Experiência de minoria (IV.). Nesta figura, estão representadas as ligações existentes entre os códigos e as ideias; as citas textuais estão identificadas e poderão ser apreciadas nos textos que seguem.

III.1. Estratégias de Assimilação

A estratégia de assimilação mostrou-se estar motivada pelo desejo de melhorar as condições de vida da família e para oferecer oportunidades para que os filhos possam progredir. Neste aspecto, os motivos facilitadores da emigração correspondem a um tipo coletivista familiar e materialista [(III.1.2.) Assimilação privado e (I.3.1.1.) Familismo e (II.4.) Facilitadores]:

“Sem sombra de dúvida, aqui na Espanha minha vida financeira está muitíssimo melhor que estava no Brasil. (...) para sobreviver e a igreja, nossos pais e irmãos nos ajudavam como podiam. No Brasil, a situação minha e de minha família estava péssima, (...) Aqui, vivemos uma vida digna de qualquer ser humano. Temos um bom teto, alimentação, roupas boas,(...) Meus filhos puderam e podem seguir estudando até que queiram trabalhar(...) No Brasil, estivemos(...) somente para ver nossa família. Queremos voltar, porém, somente a passeio,(...) parece que não nos encaixamos mais(...) no Brasil (...) ” (12-B3 B-Ideia B0.7, B08. y B09.)

A assimilação publica implica em distar-se do estereotipo negativo do brasileiro para evitar a discriminação. [(III.1.1.) Assimilação público e (IV.3.1.) distanciamento do estereotipo e (IV.2.10) não percepção de discriminação]:

“(...) sempre tentamos fazer bem as coisas, nos portar bem, não fazer coisas que possam nos colocar em evidência, etc.” (17-B4 B-Ideia B71., B72. y B73.)

A assimilação como uma resposta apropriada e buscada para evitar a isolamento implica em uma reavaliação e um esforço em buscar contato com os espanhóis [(III.1.2.) Assimilação privado (IV.3.4.) e Evitar o contato (IV.3.13.) e reinterpretar a realidade:

“Tenho mais amizades com espanhóis. Depois de sofrer muito, (...) evitando o contato com as pessoas espanholas porque nos pareciam muito frias. Minha mulher e eu compreendemos que nossa vida estava aqui, que nossa decisão não teria volta e que, isolados, não poderíamos viver. Decidimos nos abrir as amizades e permitimos que as pessoas daqui se aproximassem de nós (...) ” (15-B5 B-Ideia B53., B54. y B55.)

III.2. Estratégias de Separação

Assimilação pública e separação privado. Estratégia associada ao desejo de receber apoio por parte da sociedade de acolhida, [(III.2.2.) Separação privado e (III.1.1.) Assimilação público e (IV.3.5.) Apoio social]:

“(...) Falamos o espanhol, nos vestimos como eles, tentamos ao máximo passar despercebidos. Tentamos não demonstrar que não somos daqui. Dentro de nossa casa, falamos português e estamos em contato constante com nossos amigos e familiares que estão no Brasil (...)” (17-A1 A-Ideia A64., A65. y A-66.)

Dois polos opostos: Resposta de Assimilação versus Separação. Descreve a existência de dois polos de resposta no mesmo âmbito [(III.2. 1.) Separação público e (III.1.1.) Assimilação público]

Em um extremo, um polo isolacionista que busca apoio da sociedade de acolhida distanciando-se do estereótipo brasileiro [(IV.3.5.) Apoio social, (IV.3.1) distanciamento do estereótipo.

No outro extremo a separação que evita e ao mesmo tempo responde ao estereótipo negativo do brasileiro [(IV.1.3) Meta estereótipo y (IV.3.1.) Diferenciação Eu/nos]:

“Eu acredito que depende, por exemplo: em relação aos brasileiros que vivem como uma pessoa mais na sociedade espanhola, ou seja, os brasileiros que trabalham, pagam seus gastos, se vestem e se comportam de forma normal para esta sociedade, a opinião dos espanhóis é boa. Porém, em relação aos brasileiros que se esquecem de que estão em um país diferente, que tentam viver alienados da cultura que lhe acolhe e se aproveitam somente dos benefícios, como ajudas sociais, etc. E, além de tudo atuam da mesma maneira que atuavam em seus bairros de origem no Brasil... brigando, roubando, bebendo, se prostituindo, etc. (...) a opinião do espanhol tem que ser má.”(16-A1 A-Ideia A48., A49., A50., A51., A52. y A53.)

III.3. Estratégias Biculturais

A estratégia bicultural implica na percepção de boa aceitação e de não discriminação no caso de casal misto [(III. 3.2.) Bicultural- privado y (IV.2.10) Não percepção de discriminação]:

“(...) para a família do meu marido que é espanhola, acredito que a opinião é boa. Eles já estiveram no Brasil e meus pais e irmãos já estiveram aqui. Pelo que parece eles convivem bem, e tanto minha família como a dele demonstram ter um bom conceito uma da outra. (17-A5 A-Ideia A74. e A75.).

Figura 11. Rede de ideias co-ocorrentes - Estratégias de adaptação entre suas esferas

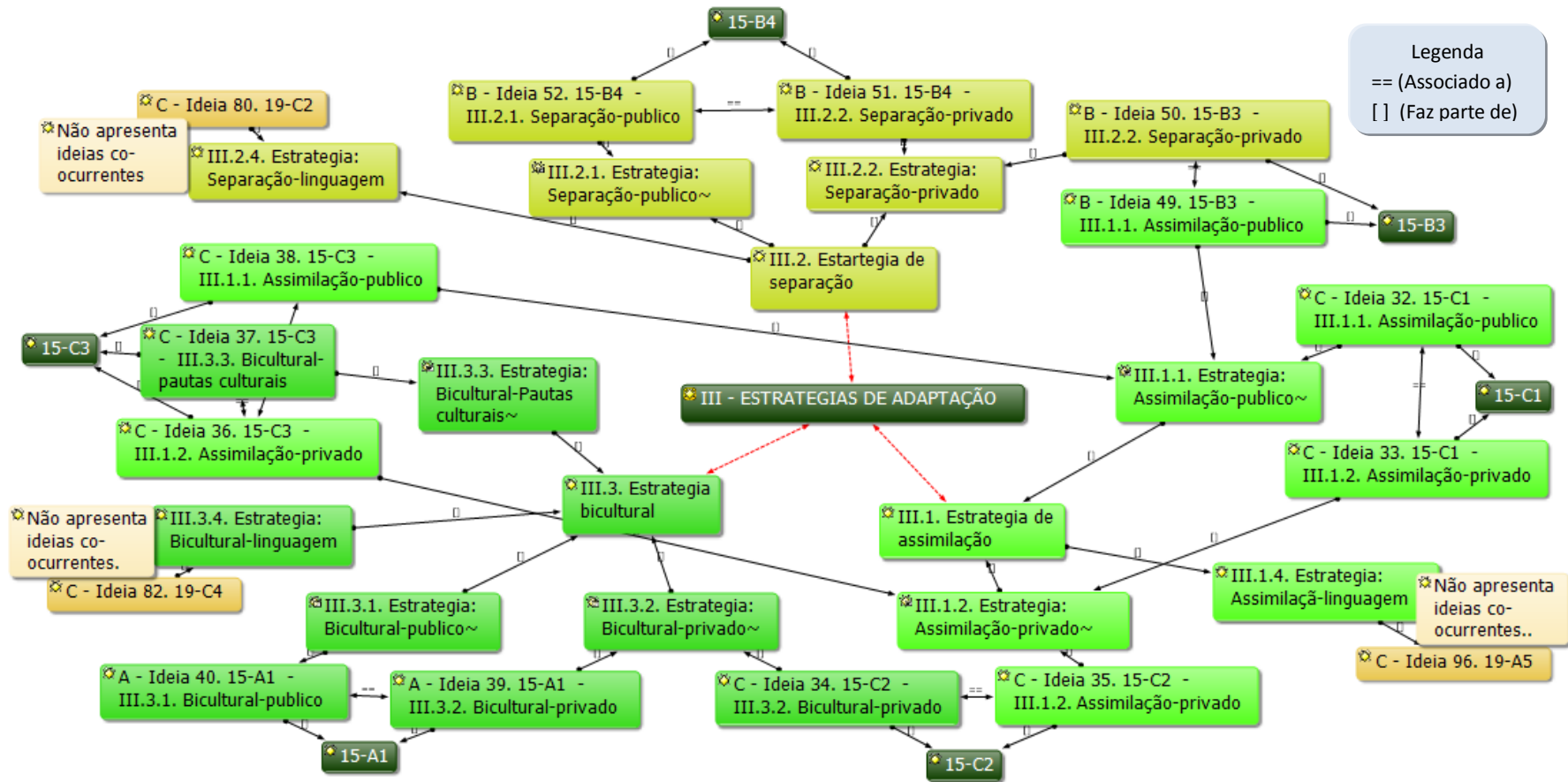
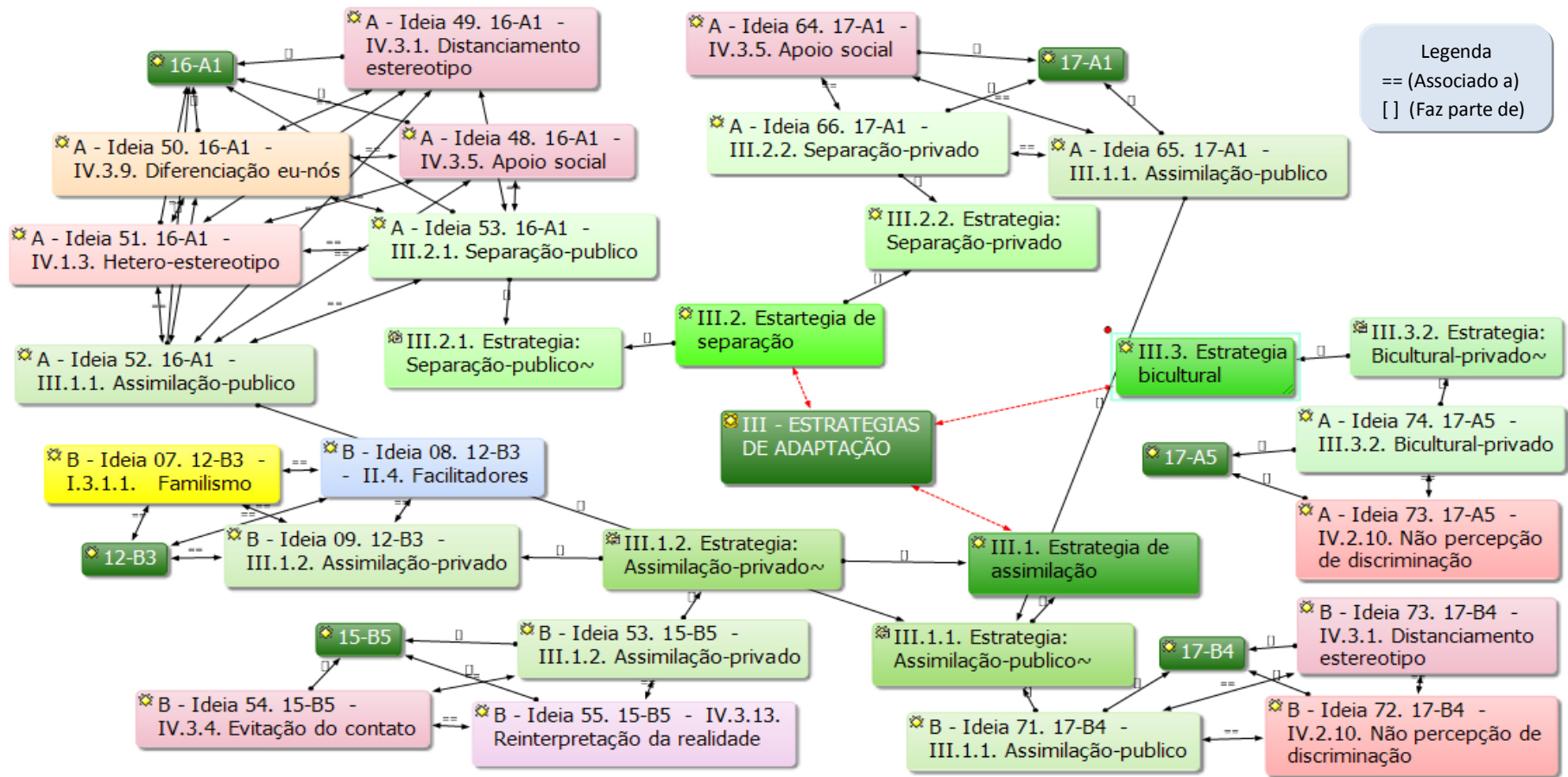


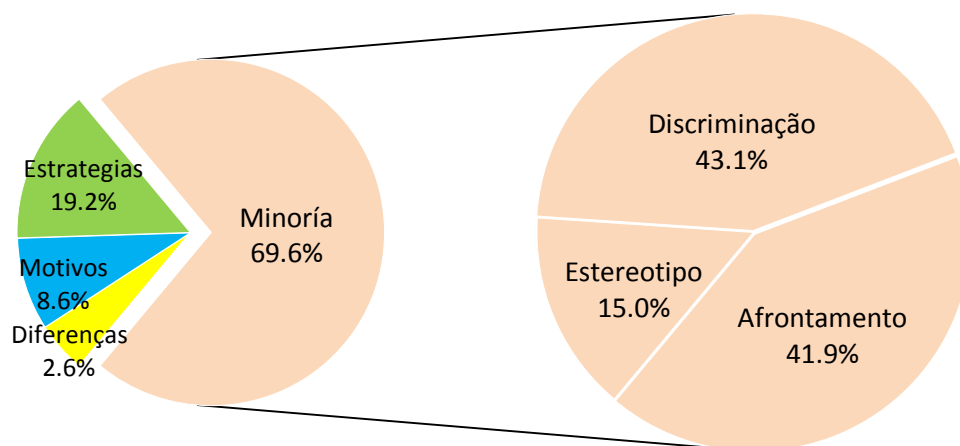
Figura 12. Rede de ideias co-ocorrentes - Estratégias de adaptação e demais categorias



IV. EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA (Hip. 4, Hip. 5, Hip. 5.1 e Hip. 5.2)

O 69.6% do conjunto total das ideias (267 ideias), foram identificadas como pertencentes a macro categoria Experiência de minoria étnica, que foi classificada em três categorias: IV.1. Estereótipos 15,0%, IV.2. Discriminação 43,1%, e IV.3. Afrontamento 41,9% (Ver Figura 13).

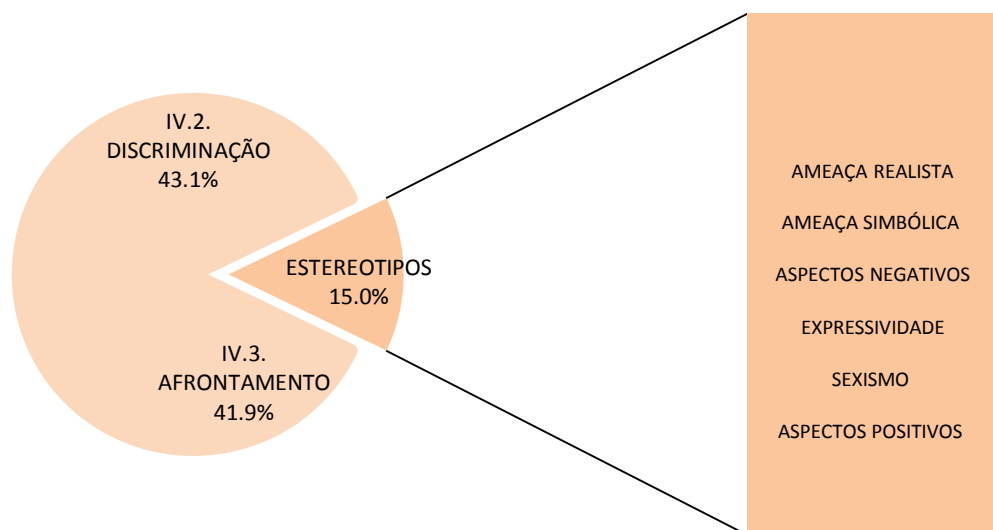
Figura 13. *Experiência de minoria étnica*



Neste macro categoria, foram identificadas 186 ideias que resultaram estar distribuídas desta maneira: 28 ideias em *Estereótipos* (IV.1.), 80 ideias em *Discriminação* (IV.2.) e 78 ideias em *Afrontamento* (IV.3.). Devido ao elevado número de ideias identificadas em Experiência de minoria étnica, as três categorias que estão englobadas nela, serão descritas por separado.

IV.1. ESTEREÓTIPOS (Hip. 4.)

Para definir esta categoria, partiu-se de três subtipos: *Auto estereotipo instrumental* (IV.1.1.), *Auto estereotipo emocional* (IV.1.2.) e *Meta estereotipo* (IV.1.3.). No entanto somente foram detectadas ideias relativas ao último subtipo, que corresponde ao conjunto de atributos e imagens que os imigrantes brasileiros percebem que os espanhóis e os meios de comunicação transmitem sobre eles. Os meta estereótipos foram agrupados nas dimensões (a maior parte delas negativas), que podem ser apreciadas na Figura 14 e nos textos que seguem.

Figura 14. *Estereótipos*

Ameaça realista

Esta categoria indica que os espanhóis atribuem aos imigrantes (neste caso aos brasileiros) a responsabilidade sobre suas (dos espanhóis) percepções de ameaça social. Ou seja, os espanhóis acreditam que os imigrantes brasileiros são uma ameaça para a sociedade de acolhida, porque tiram trabalho dos autóctones, se aproveitam das ajudas sociais, do sistema de educação e sanitário, ademais são pobres e cometem delitos. As declarações a seguir representam as ideias atribuídas pelos espanhóis sobre os brasileiros.

“(...) Brasil somente tem (...) “favelas” “para tirar o trabalho, roubos e outras coisas ruins” (A-Ideia A56. 16-A2)

“brasileiros vivem como parasitas, usufruindo das ajudas sociais” (B-Ideia B58. 16-B1)

Disseram-lhes que *“(...) já que acreditavam que vivíamos de ajudas do governo.” (C-Ideia C22. 14-C1)*

“(...) pensavam que eu recebia ajuda social e trabalhava em outros lugares sem cotizar.” (A-Ideia A82. 18-A3)

“(...) os putos estrangeiros deveriam voltar a seu país, que estão aqui somente para aproveitar-se, etc.” (C-Ideia C29. 14-C4)

“(...) aproveitadores, perigosos (mais os escuros), sem cultura (...)” (C-Ideia C59. 17-C1)

“ (...) Eu não sei o que estes latinos estão fazendo aqui, por acaso não tem o que comer no seu país? Parece que vêm aqui somente para se aproveitarem das ajudas do governo, tirar trabalho dos nossos filhos e netos, etc. (...) disse ainda que (...) estes brasileiros eram uns sem-vergonha que estavam tirando dinheiro dos filhos daqui, para ter uma boa vida a suas custas. (C-Ideia C44. 16-C1)

“(...) nós, os brasileiros, viemos aqui para aproveitar dos suas conquistas em relação ao sistema de saúde, às ajudas sociais, de seu bom sistema educativos e de sua boa comida (...). Em realidade, os Vascos se consideram os melhores, e creem que os brasileiros, latinos e pessoas de países mais pobres vêm aqui somente para roubar coisas.” (C-Ideia C46. 16-C2)

Ameaça simbólica

Ideia de que a mistura ou o a interação com os imigrante destruirá a cultura espanhola.

“(...) para sujar e prejudicar sua cultura (...) ” (A-Ideia A57. 16-A3)

“(...) e que Vitoria esta cada vez pior por causa da mistura com os latinos.” (B- Ideia B63. 16-B4)

Aspectos negativos

Imagem outorgada aos brasileiros como pessoas vagas, festeiras e sem responsabilidade.

“Os meios de comunicação (...) o Brasil é um país de festa (...) os brasileiros são pessoas que não fazem nada, que não tem responsabilidade, que sua vida gira em torno de Praia, futebol, mulatas, samba, cerveja, etc. “(C-Ideia C46. 16-C2)

“(...) meios de comunicação (...) que normalmente mostram o Brasil como o país do carnaval, mulatas, samba, favelas, etc. (...) ” (A-Ideia A60. 16-A5)

“(...) brasileiros vivem como parasitas (...) a maioria são folgados, (...) as mulheres só querem saber de samba (...) ” (B-Ideia B58. 16-B1)

“(...) dos negritos como eu (...) os brasileiros somente gostam de festas, de samba, de futebol (...)” (B-Ideia B63. 16-B4)

“(...) que somente gostamos de festejar, e de sambar (...)” (C-Ideia C59. 17-C1)

“brasileiros estão sempre em festa, vivem em favelas, não trabalham, que Brasil é o país do carnaval, de mulatas e da cerveja.” (C-Ideia C 44. 16-C1)

“(...) brasileiros como festeiros, aproveitadores, sambistas e prostitutas.” (C- Ideia C51. 16-C4)

Expressividade (frente à instrumentalidade)

Brasil como país do carnaval, mulatas, samba, favelas e futebol.

“(...) o negativo que veem na televisão e nos demais meios de comunicação. Que normalmente mostram o Brasil como o país do carnaval, mulatas, samba, favelas, etc. (...)” (A-Ideia A60. 16-A5)

“(...) Brasil é um país de festa (...) os brasileiros são pessoas que não fazem nada, que não tem responsabilidade, que sua vida gira em torno de Praia, futebol, mulatas, samba, cerveja, etc. (C-Ideia C46. 16-C2)

“(...) que somente gostamos de festejar, e de sambar (...)” (C-Ideia C59. 17-C1)

Sexismo

Expressões sexistas como: as brasileiras são “putas”, “gostam da vida fácil”, “são quentes”

“(...) os homens bebem álcool e jogam futebol, e que as mulheres só querem saber de samba e que são muito “fáceis” (...). (B-Ideia B58. 16-B1)

“(...) as mulheres são oferecidas (...)” (B-Ideia B63. 16-B4)

“que as mulheres vêm para roubar os maridos das espanholas” (B-Ideia B63. 16-B4)

“(...) eles veem as mulheres brasileiras como objeto de desejo e satisfação física”. (B-Ideia B59. 16-B2)

“(...) que aqui somente vieram as prostitutas, os que não tinham o que comer e os ladrões que tiveram que fugir dali”. (C-Ideia C44. 16-C1)

“(...) diziam que eu era uma lagarta brasileira que havia enganado e amarrado o tonto, pelo dinheiro que ele tinha”. (C-Ideia C73. 18-C2)

“(...) Chegou a dizer que as brasileiras gostam da vida fácil, que as brasileiras são quentes, etc., e inclusive tentou me agarrar e disse que se eu fizesse o que ele queria me deixava viver grátis no apartamento.” (A-Ideia A15. 13-A3)

Aspectos positivos

Os aspectos positivos foram mais direcionados a comparação social vantajosa no sentido de que os brasileiros são mais trabalhadores que os nativos.

“(...) E também costumam dizer que se tivesse mais cinco profissionais que trabalham como eu na empresa, ali não haveria lugar para nenhum espanhol, nós seis faríamos tudo e eles estariam passando fome, já que as ajudas sociais somente recebem os estrangeiros.” (B-Ideia B37. 14-B3)

“(...) nos vêem como pessoas honradas e normais”. (B-Ideia B66. 17-B1)

“respeito e a admiração que sentimos é recíproca” (B-Ideia B74. 17-B5)

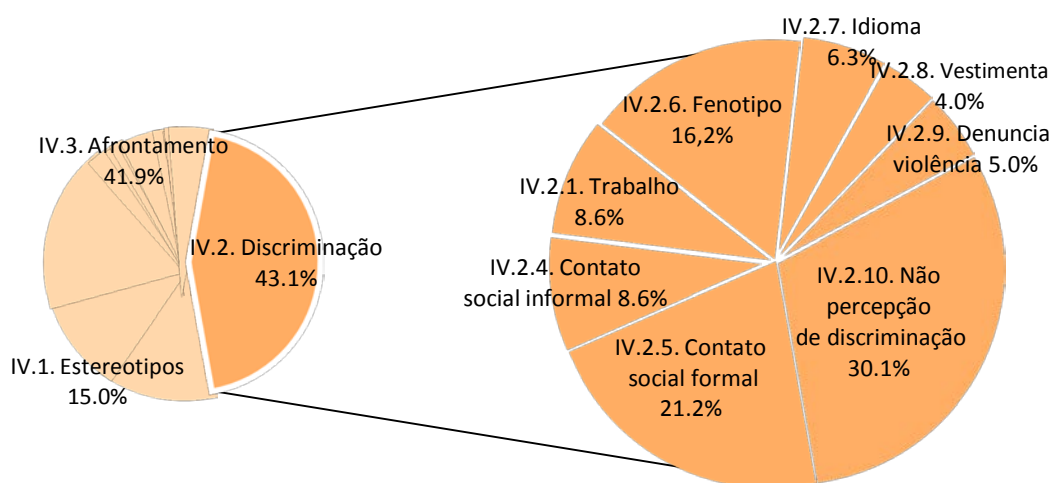
“(…) os espanhóis (…) têm uma boa impressão minha e de minha família” (B-Ideia B74. 17-B5)

“(…) boa opinião de nós” (B-Ideia B70. 17-B3)

“(…) creio que é boa (…) ”. (C-Ideia C62. 17-C2)

IV.2. DISCRIMINAÇÃO (Hip. 4)

Figura 15. **Discriminação**



As ideias foram classificadas em oito tipos de discriminação (das dez categorias iniciais), sua distribuição está refletida na Figura 15. A maior parte das ideias corresponderam as categorias de contato social (29.8%), em especial do tipo formal, 21% das ideias se referiu a experiências discriminatórias com as instituições, com serviços e com o comércio e, 8.6% das ideias se referiu ao contato informal, ou seja ao contato com familiares, amigos e vizinhos; As experiências derivadas do fenótipo, expressadas pelas pessoas mulatas, foi a segunda categoria mais mencionada com 16% das ideias; Com a mesma frequência (8.6%) que as ideias relativas ao contato social do tipo informal foram citadas as ideias relativas as experiências discriminatórias derivadas do trabalho. Menos mencionadas, foram às situações vinculadas com o idioma (6,3%), as situações de violência marcadas por denúncias, assédio sexual e roubo (5%), e a forma de vestir (4%). No sentido oposto aos tipos descritos anteriormente se encontra a *não percepção de discriminação*, que foi representada por ideias que fizeram referência a boa acolhida (30%). Não foram mencionadas formas de discriminação em relação à habitação ou moradia (código IV. 2.2) nem em respeito à impossibilidade de mudança ou mobilidade devido a situação documental (código IV.2.3).

Para cada um destes tipos de percepção de discriminação foi selecionado um relato que exemplifica estas experiências. Os relatos estão descritos abaixo, assim mesmo, na Figura 16 está representada uma rede de ideias onde é possível ter uma visão geral da categoria, dos códigos que estão incorporados em ela assim como do enunciado de algumas ideias

(recordando que nos nódulos estarão indicados os números e as categorizações das ideias, os grupos, os participantes e também a pergunta de referencia), que poderão ser lidos integralmente nos textos que seguem.

IV.2.1. Trabalho

No extrato abaixo, pode-se apreciar o relato de uma pessoa se sentiu discriminada em seu trabalho:

“...Como já comentei, no início sim. Algumas pessoas me discriminavam. Sempre acontecia o mesmo com alguns senhores, quando eu ia negociar com eles sobre compras ou vendas de materiais para nossa empresa, me olhavam com cara de quem se perguntava: “... e esta, quem pensa que é? Acha que vamos fazer negócios com ela?”. Algumas vezes, chegaram a ser concretos dizendo que não faziam negócios com este tipo de pessoa, “que mulheres como eu gostavam era de cama”, e além disto que “as brasileiras eram muito quentes”. (B-Ideia B77. 18-B2)

IV.2.4. Contacto social informal

O participante C2 relata sua percepção de discriminação no contacto com sua família política:

“Quando meu marido e eu resolvemos nos casar, algumas pessoas da família dele, sem me conhecer, nem saber nada da minha vida, “diziam que eu era uma lagarta brasileira que havia enganado e amarrado o tonto, pelo dinheiro que ele tinha”. O que não tinham era ideia de que eu tinha muito mais dinheiro que ele. Isto me causou muito desconforto porque ouvi as coisas negativas que diziam de mim e depois que conheceram minha família no Brasil e minha real condição financeira, os comentários mudaram drasticamente. Passei de ser “a aproveitadora”, para ser “a mulher ideal”. (C-Ideia C72. 18-C2)

IV.2.5. Contacto social formal

Este outro participante expressou algumas experiências de discriminação, entre elas uma em relação à utilização dos serviços sanitários:

“Sim, já me disseram na cara que não sabem o que nós, os latinos, estamos fazendo aqui, e já me perguntaram por que não voltamos a nosso país e deixamos de tirar trabalho e ajudas que os espanhóis poderiam ter se nós não estivéssemos aqui. Uma vez, quando eu estava no hospital Txagorritxu, em emergência, uma senhora de idade veio perto de mim e me disse se eu não tinha vergonha de estar ali usando um serviço que corresponde somente aos Vascos. E acrescentou que eu era um ladrão, porque estava roubando a vez de muitas pessoas que tinham o direito de estar ali. Distanciei-me dela... Afastei-me, porém ela continuou resmungando e falando com as demais pessoas sobre mim. Alguns respondiam concordando com ela, e outros ficavam quietos. Foi a pior situação que vivenciei aqui... Já passei por muitas outras situações de discriminação...” (B-Ideia B38. 14-B4)

IV.2.6. Fenótipo

Conforme expressado pela pessoa B4 a cor da pele foi um fator que provocou situações discriminatórias para ela.

“Por ser mulata, percebo que em certos lugares que vou, (...) as pessoas me olham mal, como que desconfiados que vou roubar algo, que não tenho dinheiro para pagar... Ouve uma vez, em que fui abrir uma conta no banco... e se negaram a abri-la, dizendo que eu não demonstrava os ganhos necessários para abrir uma conta. Porém sei, pelos sinais indiretos... que o problema era a minha cor e a minha vestimenta. Agora, o que faço é tentar estar sempre bem vestida, já que a cor da minha pele não é possível mudar. Creio que assim me aceitam mais, e a discriminação é menor.” (B-Ideia B28. 13-B4)

IV.2.7. Idioma

Esta ideia demonstra que ter dificuldades com a língua autóctone pode ser um fator discriminatório.

“Às vezes que me deram as costas por não compreenderem o que eu queria e não ter paciência para tentar me entender, eu me senti muito mal”. (A-Ideia A79. 18-A2)

IV.2.9. Violência

Este participante comentou de haver sido denunciado por vizinhos que acreditavam que ele se aproveitava economicamente das ajudas sociais.

“Sim, alguns vizinhos espanhóis, me colocaram uma denúncia, no departamento de imigração, porque pensavam que eu recebia ajuda social e trabalhava em outros lugares sem cotizar. Passei por maus momentos, até justificar que não recebia, nunca recebi e jamais solicitei ajudas sociais, e que em meu trabalho cotizo.” (A-Ideia A81. 18-A3)

IV.2.10. Não percepção de discriminação

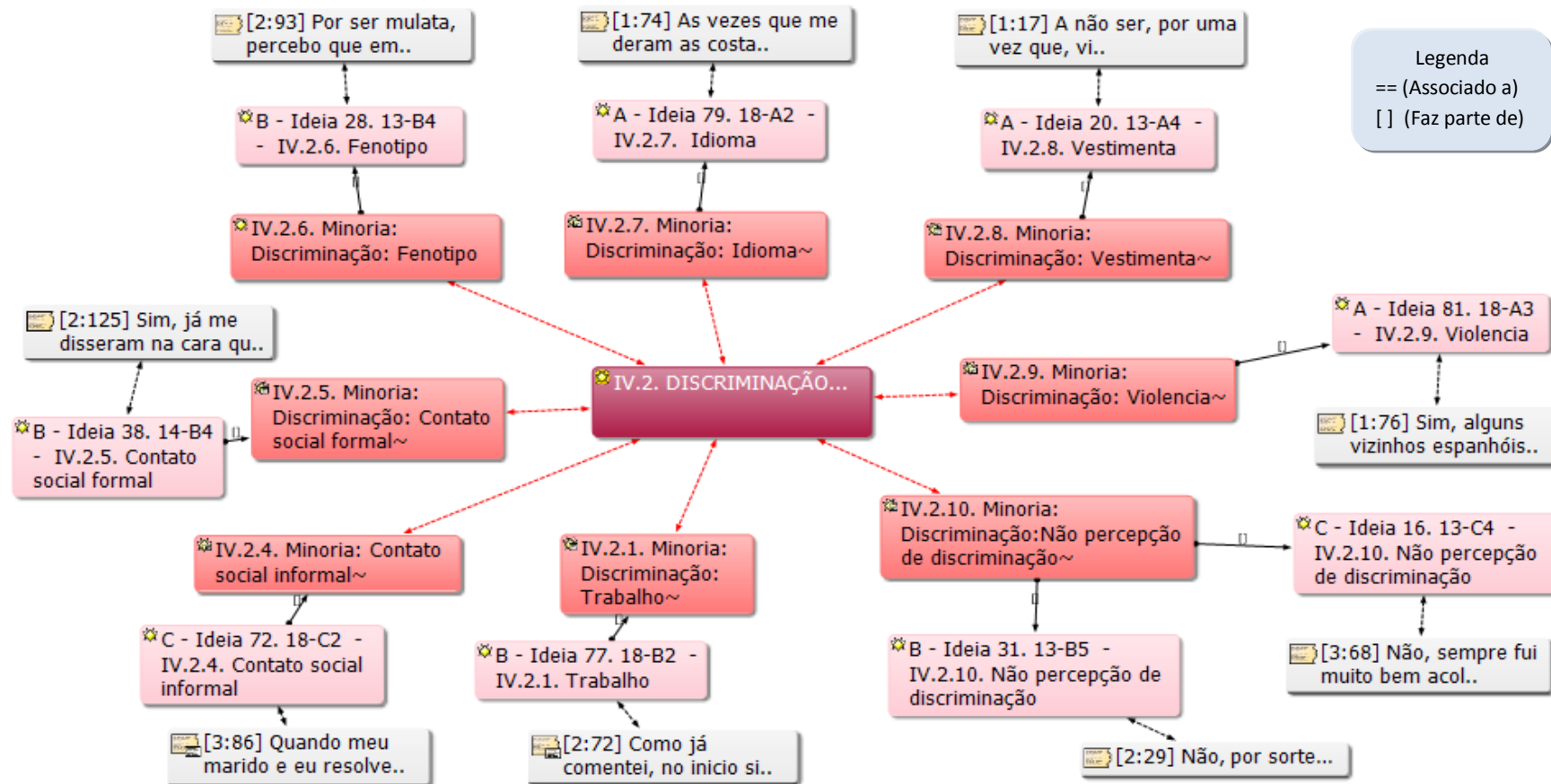
Neste tipo, estão incluídas as ideias que retratam as experiências em relação a “não perceber-se discriminado”. Nesta categoria algumas das ideias que foram mencionadas, destacam a o contato positivo nas relações com os autóctones.

“Não, por sorte ainda não me senti discriminado, assim como não passei por nenhuma situação real de discriminação.” (B-Ideia B31. 13-B5)

“Não, sempre fui muito bem acolhido por todos os espanhóis.” (C-Ideia C16. 13-C4)

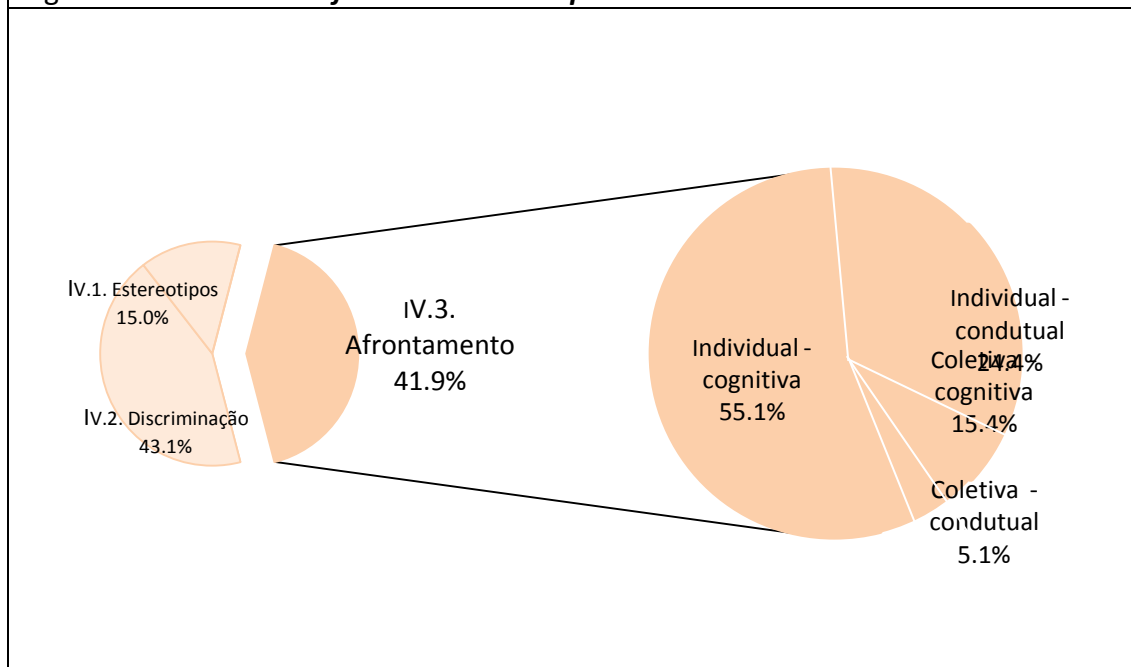
As redes de ideias co-ocorrentes em relações as experiências de discriminação estarão incluídas nas redes de ideias das formas de afrontamento e atribuições, nas sessões seguintes.

Figura 16. Rede de ideias - Discriminação



IV. 3. AFRONTAMENTO DA EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA (Hip. 5.)

Figura 17. **Formas de afrontamento: Frequências**



Conforme se pode observar na Figura 17 em relação a esta categoria foram mais frequentes as respostas de afrontamento do tipo individual (55.1% cognitivas e 24.4% condutuais) que as do tipo coletivo (15.4% cognitivas e 5.1% condutuais), assim mesmo as formas cognitivas (55.1% e 15.4%) foram predominantes em relação às formas condutuais (24.4% e 5.1%).

Considerando os tipos específicos de respostas, as formas más prevalentes, por ordem de importância estão descritas na Tabela 10.

Tabela 10. **Formas de afrontamento mais prevalentes**

Código e categoria	Números de Ideias
IV. 3.9. Recategorização Subordinada / Diferenciação Eu/nós	10
IV. 3.10. Comparação social vantajosa intragrupo e intrapessoal	10
IV. 3.12. Regulação e controle emocional	08
IV. 3.19. Atribuição da Causa e responsabilidade ao prejuízo grupal	07
IV. 3.3. Mobilidade Individual	06

Por outra parte, na Tabela 11 estão expostas algumas formas de afrontamento que não foram expressas nas narrações dos grupos de discussão. Embora, estas tenham sido criadas em função de um listado de formas de afrontamento descrito por diversos autores (Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Blanz, et al. 1998; Bobowik, Basabe & Páez, 2014; Crocker, et al. 1998; Mummendey, et. al. 1999; Skinner, et al. 2003)

Tabela 11. *Formas de afrontamento excluídas*

Código e categoria
IV. 3.2. Desenganche de comportamento: Distração
IV. 3.7. Desenganche Psicológico: Individualização
VI. 3.8. Recategorização Supra ordenada
IV. 3.15. Criatividade cognitiva: Novo Grupo de Comparação/Comparação social vantajosa entre grupos
IV. 3.20. Privação Relativa Sócio central

FORMAS DE AFRONTAMENTO: COMPARAÇÃO ENTRE RESULTADOS QUALITATIVOS DAS NARRAÇÕES E QUANTITATIVOS (ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIO E ESCALA)

A classificação das categorias de afrontamento aplicada neste estudo teve como base o estudo quantitativo da escala de afrontamento realizado em uma mostra quase aleatória da população imigrante residente na Comunidade Autônoma do País Vasco (Basabe & Bobowik, 2010, 2011, Bobowik, et al. 2014).

Para contrastar os resultados do estudo quantitativo com o qualitativo, procedeu-se a comparar as respostas obtidas através de questionários com os relatos dos grupos de discussão. Para tanto, neste estudo qualitativo as respostas foram organizadas pelo rango de importância segundo o número de vezes que foi citada cada forma de afrontamento e no estudo quantitativo por meio de questionário (escala) os itens de afrontamento foram ordenados em função das pontuações médias obtidas. Esta comparação permitiu comprovar o grau de acordo entre o discurso espontâneo dos grupos frente as respostas obtidas através de questionários fechados. Ver tabela 12.

Tabla 12. **Formas de afrontamento individuais e coletivas: comparação entre resultados qualitativos e quantitativos**

Formas de afrontamento	Análise Qualitativa*	Análise Quantitativa**
<i>Individual condutual</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>
IV.3.1- Desenganche Condutual: Distanciamento	4	2,84
IV.3.2.-Desenganche Condutual: Distração	0	3,62
IV.3.3.-Mobilidade Individual	6	3,70
IV.3.4.-Evitar o Contato com o Prejuízo	4	3,80
IV.3.5.-Busca de apoio social endogrupal	5	3,65
<i>Individual cognitiva</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>
IV.3.6.- Desenganche Psicológico - Desidentificação	4	2,67
IV.3.7.- Desenganche Psicológico - Individualização	0	2,32
IV.3.8.-Recategorização Supra ordenada	0	3,15
IV.3.9. Recategorização Subordinada - Diferenciação eu/nos	10	3,25
IV.3.10. Comparação Social Vantajosa Intragrupo e Intrapessoal (temporal)	10	3,37
IV.3.11.-Mudança de expectativa – comparação social temporal com mudanças de expectativas	2	3,44
IV.3.12.-Regulação Emocional	8	3,59
IV. 3.13. Reinterpretação da realidade (como regulação emocional)	4	0,00
IV.3.14.-Internalização - Núcleo de verdade	5	3,35
Tabla 2b. Formas de afrontamento coletivas		
<i>Coletiva cognitiva</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>
IV.3.15.- Criatividade cognitiva: Novo Grupo de Comparação - Comparação social vantajosa entre grupos	0	3,47
IV.3.16.- Criatividade cognitiva - Reavaliação da Dimensão de Comparação	1	3,06
IV.3.17.- Criatividade cognitiva - Novas Dimensões de Comparação	2	3,03
IV.3.18.- Recategorização Subordinada - Diferenciação e expulsão	2	4,34
IV.3.19.- Atribuição da Causalidade e Responsabilidade ao Prejuízo Grupal	7	3,57
IV.3.20.- Privação Relativa Sócio central	0	3,90
<i>Coletiva condutual</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>
IV.3.21.- Competição Social - Mobilização	1	3,69
IV.3.22.- Competição Realista	3	4,48
IV.3.23.- Oposição - Participação Social	4	1,94

*Análise Qualitativa: Por quantidade de ideias considerando um ranking de 0 a 10

**Análise Quantitativa. Por Média considerando um ranking de 1 a 5

As respostas mais expressadas nos grupos de discussão foram as do tipo individual e de maneira contrária as médias mais altas nas entrevistas por questionário foram as do tipo coletivo. Nos grupos de discussão descaram-se as respostas individuais cognitivas de diferenciação do Eu em respeito ao grupo que se faz parte (IV.3.9) e a comparação social vantajosa intragrupal e intrapessoal (temporal) (IV.3.10.), enquanto que as respostas por questionários enfatizaram formas coletivas condutuais como a competição realista (IV.3.22) e formas coletivas cognitivas como a de privação relativa (IV.3.20) e a diferenciação do grupo em relação ao estigma (IV.3.18). Assim mesmo, a luta pela mobilização social (IV.2.21) no estudo quantitativo resultou mais importante que no estudo qualitativo e ao contrario a participação em associações (IV.3.23) foi mais identificada por meio de grupos de discussão que de questionários.

Nos grupos de discussão a terceira resposta por ranking de importância foi a regulação emocional(IV.3.12), que indica que as pessoas fazem um grande esforço

para que o prejuízo dirigido ao imigrante não lhes afete. Esta resposta resultou ser importante nos questionários porém foi menos marcante que nas narrações.

Algumas respostas foram destacadas nos dois modos de investigação, assim a atribuição da situação de minoria e da discriminação ao prejuízo grupal (IV.3.19) e a estratégia de mobilidade individual (IV.3.3) foram formas de afrontamento bastante acentuadas nos grupos e nas entrevistas fechadas.

Entre formas de respostas que apresentaram importância média em ambos os estudos se encontram as que mantêm relação com: a afirmar que existe um núcleo de verdade nos estereótipos dirigidos aos imigrantes e a internalização do prejuízo (IV.3.14), evitar o contato com pessoas que se crê ser prejudiciais como resposta frente ao estigma (IV.3.4) e a busca de apoio social (IV.3.5).

Nos dois estudos, algumas formas de desenganche apareceram com intensidade média baixa, como distanciar-se ou ocultar a origem perante as demais pessoas (IV.3.1) e desidentificar-se dos membros do engarupo e sentir-se mas próximo aos membros do grupo dominante (no caso das pessoas vascas) (IV.3.6).

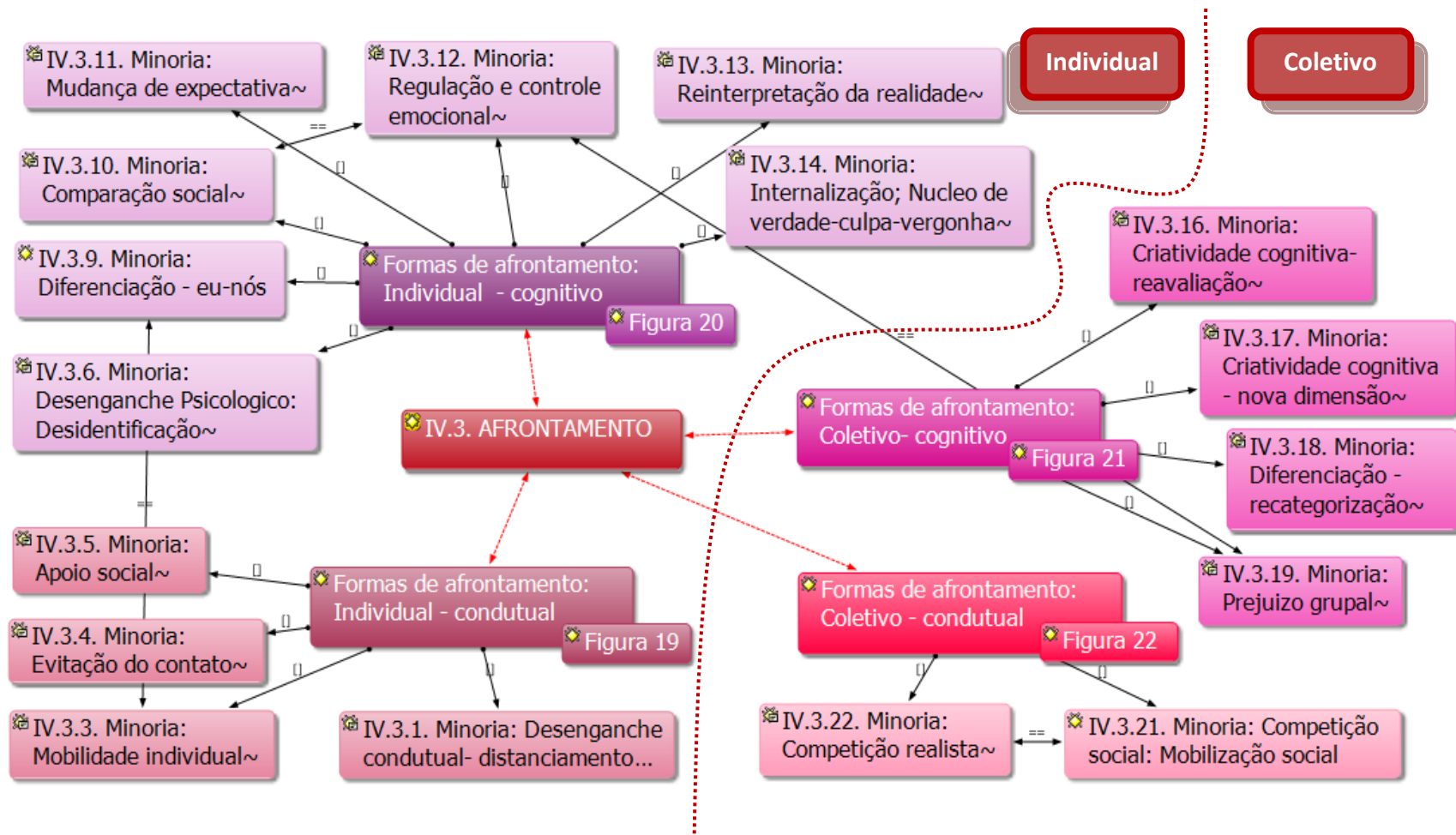
As estratégias de afrontamento referentes a mudança de expectativa (IV.3.11), criatividade cognitiva (IV.3.16 y IV.3.17) e recategorização subordinada (IV.3.18), foram menos importantes nas narrações que nas respostas por questionários. Assim mesmo, certas formas de afrontamento individuais e coletivas identificadas nos estudos com questionários e escalas não foram mencionadas nos grupos de discussão; entre as formas individuais estão: a distração (IV.3.2), a não identificação com nenhum grupo (desenganche ou individualização IV.3.7), a recategorização supra ordenada (sentir-se cidadão do mundo IV.3.8); e entre as formas coletivas: a criatividade cognitiva como maneira de comparação vantajosa entre os grupos (IV.3.15) e a deprivação relativa (IV.3.20).

REDES ENTRE IDEIAS RELATIVAS ÀS FORMAS DE AFRONTAMENTO (NETWORKS)

Na Figura 18, está representado graficamente, através de network os agrupamentos dos códigos nos quais foram categorizadas as ideias pertencentes às estratégias de afrontamento em suas formas individuais e coletivas (em seus níveis condutuais e cognitivos). Nesta figura poderão ser apreciados o conjunto de códigos que compõem esta categoria e os códigos que pertencem as estratégias individuais e coletivas, separadas por uma linha curva (cor roxa).

No entanto, para uma visualização mais detalhada destas agrupações foram criadas outras quatro networks que mostram separadamente as formas de afrontamento individual condutual (Figura 19); formas de afrontamento individual cognitiva (Figura 20); formas de afrontamento coletiva cognitiva (Figura 21); formas de afrontamento coletiva condutual (Figura 22). Nestas figuras podem ser apreciados: os quatro agrupamentos citados anteriormente, algumas ideias textuais e a identificação dos códigos, perguntas, participantes e ideias.

Figura 18. *Rede de Ideias - Afrontamento*



Formas de afrontamento individual – condutual (Hip. 5.1.)

A partir dos relatos dos participantes, neste primeiro agrupamento, foram categorizadas 19 ideias. Estas ideias contemplam a forma com que as pessoas pertencentes aos grupos minoritários utilizam condutas individuais para integrar-se ou minimizar distâncias em relação ao grupo majoritário (ou receptor). Neste sentido se encontrou que para afrontar as situações adversas da imigração alguns participantes expressaram a sorte de ter a pele branca e assim poder distanciar-se do estigma que representa pertencer a raça negra (*B-Ideia B81. 18-B4*), outros comentaram que cada um é responsável pela maneira com que é identificado pelos demais (*C-Ideia C56. 16-C5*), e que quando percebem que as pessoas autóctones têm uma atitude fria, preferem evitar o contato com elas (*B-Ideia B54. 15-B5*), e ademais acreditam que quanto mais se pareçam aos nativos, vestindo-se e comportando-se como eles, maior será o apoio que receberão do exogrupo (*A-Ideia A67. 17-A2*). Os relatos identificados estão descritos na Figura 19,

Formas de afrontamento individual – cognitivo (Hip. 5.1.)

Neste segundo agrupamento foram categorizadas 43 ideias, sete das quais estão organizados na Figura 20. As ideias identificadas relacionam-se com as estratégias cognitivas a nível individual onde, alguns relatos acentuam que para conseguir melhor status e uma boa posição no grupo majoritário é importante ser diferente dos demais membros do grupo minoritário (*A-Ideia A27. 13-A6*), ou inclusive buscar não identificar-se com as demais pessoas de sua, etnia em relação aos conceitos que reforçam e confirmam o estigma social do endogrupo (*A-Ideia A34. 14-A4*). Outros participantes indicaram preferir utilizar estas estratégias para mudar a própria percepção que tinham (deles mesmos ou do grupo majoritário) que os motivava ao isolamento buscando: conhecer a cultura de acolhida como meio de mudar suas expectativas (*A-Ideia A13. 13-A1*), compreender a realidade e aceitá-la para poder reinterpretar e enfrentar a nova situação (*B-Ideia B55 -15-B5*), controlar as emoções diante de situações imutáveis como por exemplo o fenótipo (*B-Ideia 43. 14-B4*), comparar de forma temporal sua própria situação e perceber os ganhos conseguidos na sociedade de acolhida que seriam praticamente impossíveis de alcançar na sociedade de origem (*C-Ideia C02. 12-C1*); ou, como expressou outro participante que no início do assentamento no país de acolhida, havia internalizado sua experiência migratória com sentimento de culpa e vergonha por ter uma situação econômica precária e este sentimento fazia com que ele se isolasse devido a vergonha que esta situação lhe causava (*C-Ideia C18. 13-C5*).

Figura 19. Rede de Ideias - Formas de afrontamento individuais condutuais

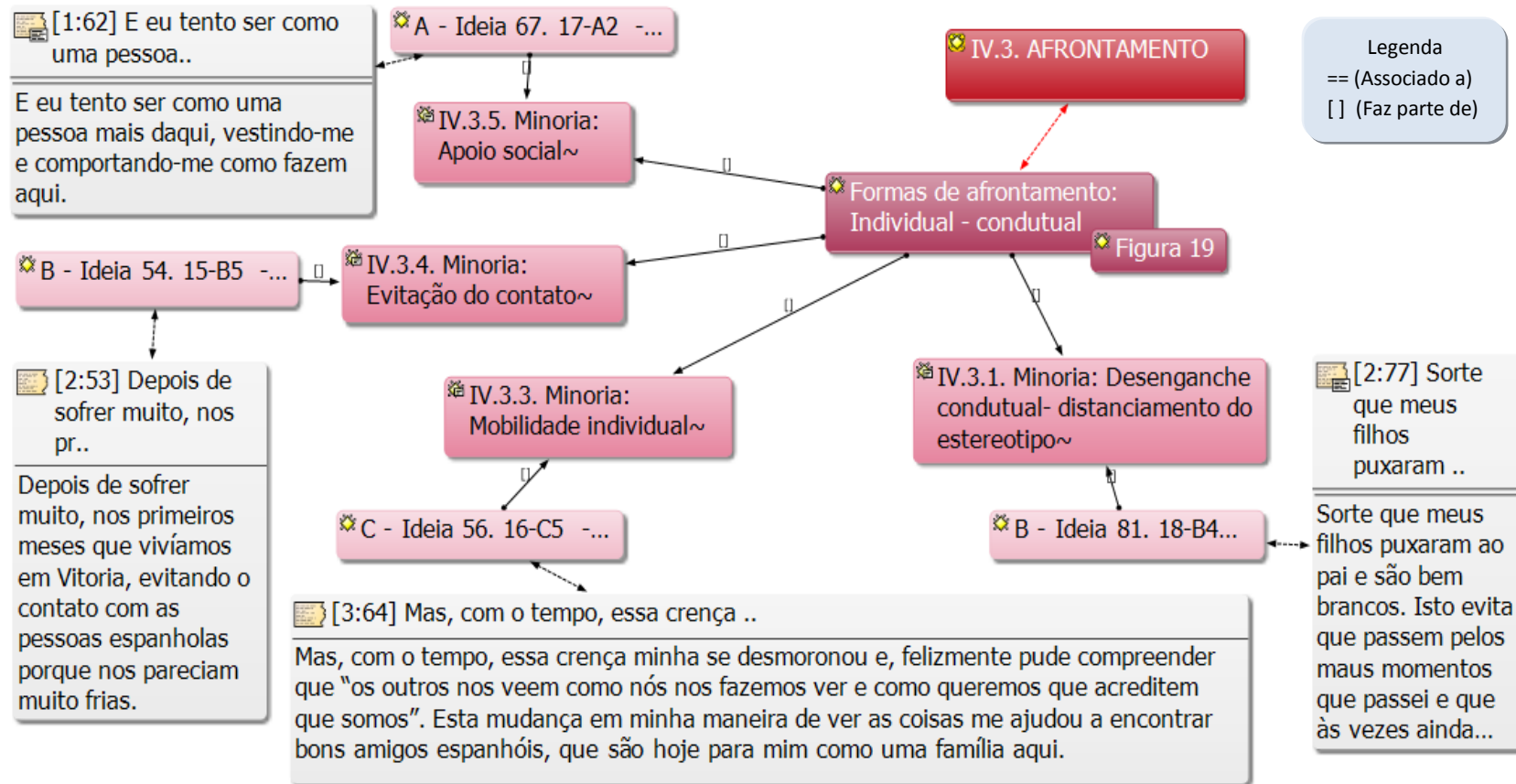
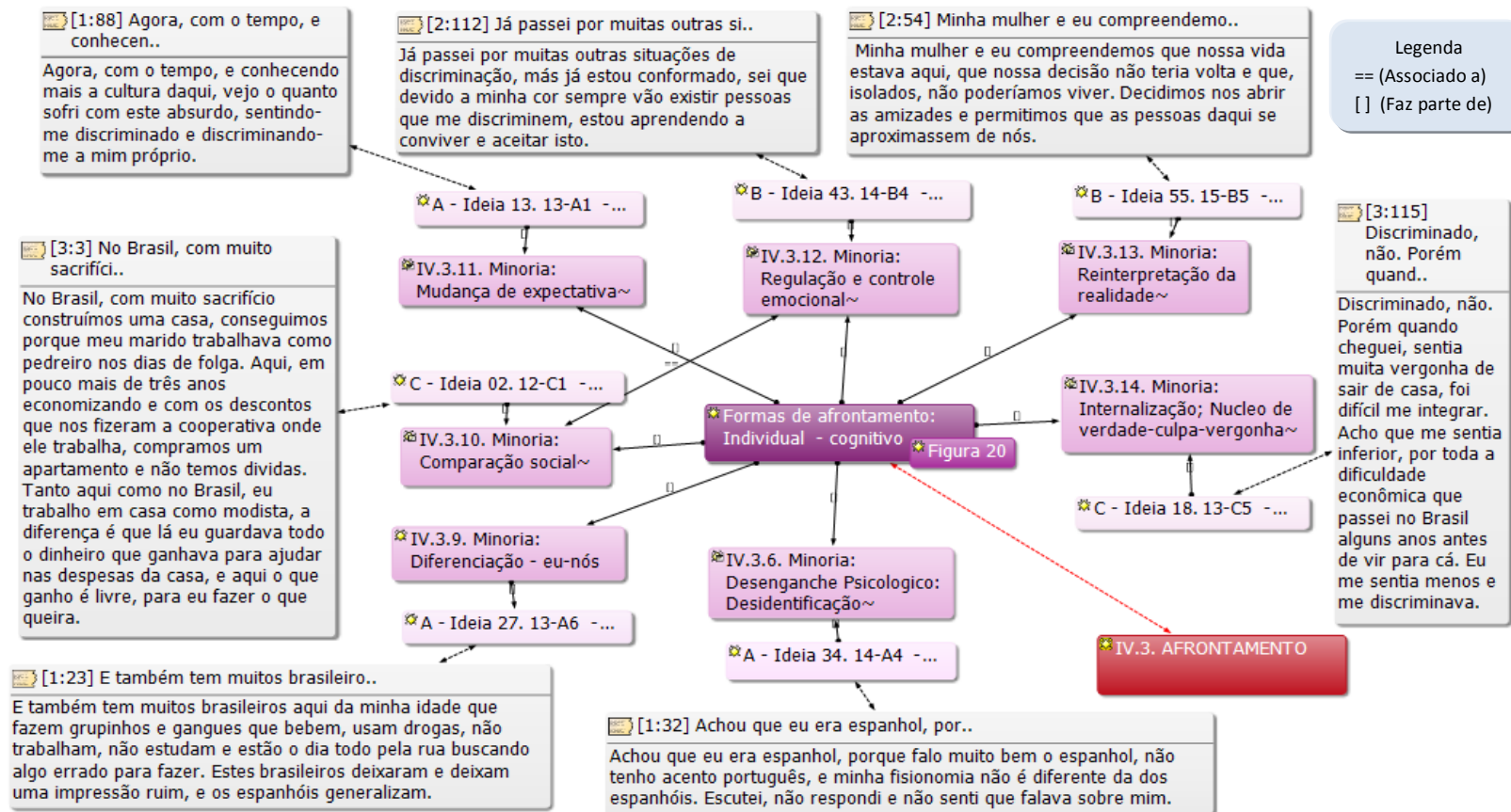


Figura 20. *Rede de Ideias - Formas de afrontamento individuais cognitivas*



Formas de afrontamento coletivas cognitivas (Hip. 5.2.)

O terceiro agrupamento, corresponde as estratégias afrontamento que se baseiam em mudanças cognitivas que podem ocorrer em função da comparação tanto com o endogrupo como com o exogrupo. Nas narrações dos participantes foi encontrado que alguns optam por comparar e considerar seu próprio grupo como mais capaz que o grupo dominante (*A-Ideia A37. 14-A5*), ou que está dotado de características mais atrativas com valor desconhecido para o exogrupo (*C-Ideia C47. 16-C2*). Em outras narrações, responsabilizam a sociedade de acolhida pela má imagem e pelos acontecimentos negativos que possam acontecer ao grupo minoritário (*A-Ideia A55. 16-A2*). Por outra parte, outros participantes dizem que a má imagem e as opiniões negativas que a sociedade de acolhida possa ter em relação ao seu grupo (minoritário) tem origem no interior do próprio grupo minoritário (*C-Ideia C52. 16-C4*). Estas respostas são formas de admitir certo grau de veracidade nos estereótipos negativos atribuídos ao endogrupo e distanciar-se do estigma. Estes quatro exemplos estão identificados e descritos na Figura 21.

Formas de afrontamento coletivas condutuais (Hip. 5.2.)

Este quarto e último agrupamento das formas de afrontar as experiências de minoria têm o foco dirigido aos comportamentos coletivos como instrumentos de mudança social. Alguns participantes reconheceram que é responsabilidade dos meios de comunicação o baixo status pelo qual é reconhecido seu grupo na sociedade de acolhida e enfatizam a necessidade de conscientizar e de não reforçar as condutas estigmatizantes como instrumentos para a igualdade (*C-Ideia C49. 16-C3*). Em outro relato se manifesta a condição de igualdade grupal, dizendo que as oportunidades estão para todos e que o empenho que se destine a conquista e a manutenção destas oportunidades resultarão em oportunidades positivas, independente do estigma que se atribua ao endogrupo (*C-Ideia C31. 14-C5*). Ver Figura 22.

CO-OCORRENTES – FORMAS DE AFRONTAMENTO E DISCRIMINAÇÃO (Hip. 5.1. e Hip. 5.2.)

Como base para representar as ideias co-ocorrentes nas categorias de *afrontamento e discriminação, se parte* das formas de afrontamento através as quais foram categorizadas o maior número de ideias na macro categoria Experiências de Minoria Étnica. Entre as 17 formas de afrontamento descritas nas sessões anterior e representadas pelas networks (Figuras 18, 19, 20, 21 e 22), as sete formas que apresentaram o maior número de ideias foram: mobilidade individual (MI), diferenciação Eu/nós (YO/NO), comparação social vantajosa (CV), regulação e controle emocional (RE), prejuízo grupal (PG), Mobilização social (MS) e competição realista (CR).

Na Figura 23, pode-se apreciar através de uma network estas sete formas de afrontamento com seus códigos e vinculados a cada uma delas módulos onde estão identificados a pergunta de referência e o participante que se referiu a cada uma destas categorias em seu discursos. Esta figura (Figura 23) também proporciona visualizar de forma geral, a preferência dos participantes dos grupos de discussão por formas individuais ou coletivas no momento de enfrentar a experiência de minoria étnica (separação feita com uma linha curva na cor azul). A partir dela é possível ainda localizar as seis figuras onde foram representadas separadamente as sete formas de afrontamento (Figura 24,25,26,27,28, e,29), que estão indicadas nos nódulos sobrepostos ao nódulo de codificação de cada uma das estratégias de afrontamento representadas.

Conforme se poderá verificar a seguir, nestas seis figuras estão representadas as redes de ideias entre as sete formas de afrontamento (que mais foram destacadas nos discursos) as outras categorias e as demais estratégias de afrontamento. Desta forma na Figura 24 estão representadas as ideias sobre a mobilidade individual e co-ocorrentes; na Figura 25 as ideias sobre diferenciação eu/nós e co-ocorrentes; na Figura 26 as ideias sobre a comparação social e co-ocorrentes; na Figura 27 as ideias sobre regulação emocional e co-ocorrentes; na Figura 28 as ideias sobre o prejuízo grupal e co-ocorrentes; na Figura 29 as ideias sobre a competição social, englobando mobilização social e competição realista, e co-ocorrentes.

IV.3.3. Mobilidade individual (MI) e co-ocorrentes (Hip. 5.1) - Figura 24

Segundo foi descrito anteriormente, cada forma de afrontamento e co-ocorrentes estão representadas em networks individuais, assim como os parágrafos e os participantes que se referiram a elas. Desta forma, na Figura 24, que corresponde a mobilidade individual e co-ocorrentes os parágrafos e os participantes nela identificados em suas respostas se referiram a:

A estratégia individual de mobilidade social como uma resposta de evitação que se associa com o meta estereotipo negativo, a internalização da culpa e vergonha (se sentir envergonhado do estereotipo do brasileiro) e da experiência de evitar o contato com os nativos por receio ao prejuízo e do medo de ser excluído. Experiência que foi superada quando com o passar do tempo o participante adquiriu uma estratégia de mobilidade individual (16-C5).

Outra resposta relacionada com a mobilidade individual foi a reinterpretação e a reavaliação da situação (17-C5).

As experiências de discriminação nos negócios devido ao sexismo e ao idioma provocam respostas de defesa (“fazer-se respeitar”) no âmbito de trabalho buscando a promoção pessoal e familiar (13-B2).

A mobilidade individual se viu vinculada com colocar distância entre Eu e o grupo, com a não percepção de discriminação e com a possibilidade de não estar afetado pelo prejuízo grupal, na medida em que acredita que “as oportunidades são iguais para todos” (14-B5).

A mobilidade individual que admite as diferenças de status em favor dos nativos acredita na possibilidade de ascenso laboral através do logro pessoal, para o qual é preciso regular as emoções:

“(...) Não vejo estes dois atos como algo contra a minha pessoa, ou por eu ser brasileiro. Vejo como consequência da própria competição de trabalho”. (18-C3)

Em conjunto, a mobilidade individual se associa com a necessidade de evitar o prejuízo e a discriminação, reinterpretando a realidade, distanciando-se do prejuízo e assumindo a igualdade de oportunidades.

IV.3.9. Diferenciação Eu/nós e co-ocorrentes (Hip. 5.1) - figura 25

Esta rede de ideias co-ocorrentes, que está representada na Figura 25, conta com a recopilação de frases textuais tanto na própria figura como em frases descritas mais abaixo.

Diferenciação Eu/nós é uma estratégia individual que corresponde a necessidade de diferenciar-se do estigma da identidade negativa e do meta estereotipo negativo apareceu associada com outras formas cognitivas como a desidentificação e com as experiências de discriminação no trabalho, no contato social (formal e informal) e nas aparências físicas distintas (fenótipo e vestimenta) conforme se pode observar mais abaixo através dos relatos dos participantes: (13-B1, 13-A5, 13-A6, 14-A4, 16-A1). Assim mesmo, se pode observar na Figura 25 que: um dos relatos expressa diferenças entre a não percepção de discriminação pessoal (Eu) e a percepção de discriminação grupal (nós) (17-C1); outro relato manifesta relação entre a diferenciação Eu /nós com o prejuízo grupal (16-C1), onde o participante expressa que reconhece que os brasileiros são alvo de discriminação por parte dos espanhóis porém se exclui desta discriminação.

Exemplos de citações textuais que vinculam esta categoria com as demais categorias:

“Não, jamais me senti discriminada, creio que é porque vim estudar e todos me viam somente como estudante, e não como alguém que veio tirar proveito dos espanhóis, como disseram a alguns de meus companheiros. Decidi permanecer aqui porque encontrei um noivo espanhol com uma família maravilhosa que me acolheu muito bem e faz de tudo para que eu me integre e me sinta bem aqui “ (13-A5 A Ideia A-21, y A-22.) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós e IV.1.3. Meta estereotipo).

“Sim, devido a minha cor e fisionomia, mas me imponho quando digo que meu irmão é jogador de futebol no Alaves. Estou muito de acordo(...) que os negros, mulatos, latinos e brasileiros são discriminados. Têm vezes que não é maldade do espanhol, ele discrimina pelo que ouve e vê na televisão. E também tem muitos brasileiros aqui da minha idade que fazem grupinhos e gangues que bebem, usam drogas, não trabalham, não estudam e estão o dia todo pela rua buscando algo errado para fazer. Estes brasileiros deixaram e deixam uma impressão ruim, e os espanhóis generalizam.” (13-A6 A Ideia A-25, A-26 y A-27.) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós, IV.1.3. Meta estereotipo e IV.2.6. Fenótipo).

“Perceber, perceber em realidade não, porém, um cliente em um dos bares em que eu trabalho como camareiro, em uma ocasião me disse: “a mi me gusta venir en este bar, porque no hay ningún puto latino trabajando. Esa gente viene aquí solo para quitar el trabajo de nosotros y vivir de las ayudas sociales”. Achou que eu era espanhol, porque falo muito bem o espanhol, não tenho acento português, e minha fisionomia não é diferente da dos espanhóis. Escutei, não respondi e não senti que falava sobre mim” (14-A4 A Ideia A-32, A-34, A-35 y A-36.) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós, IV.3.6. Desidentificação, IV.2.1.Discriminação, trabalho) e IV.2.5. Discriminação, contato social formal).

“Eu acredito que depende, por exemplo: em relação aos brasileiros que vivem como uma pessoa mais na sociedade espanhola, ou seja, os brasileiros que trabalham, pagam seus gastos, se vestem e se comportam de forma normal para esta sociedade, a opinião dos espanhóis é boa. Porém, em relação aos brasileiros que se esquecem de que estão em um país diferente, que tentam viver alienados da cultura que lhe acolhe e se aproveitam somente dos benefícios, como ajudas sociais, etc. E, além de tudo atuam da mesma maneira que atuavam em seus bairros de origem no Brasil, brigando, roubando, bebendo, se prostituindo, etc. (...) , a opinião do espanhol tem que ser má. (16-A1 A Ideia A-48, A-49, A-50, A-51, A-52, A-53.) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós, IV.1.3. Meta estereotipo, IV.3.1. Distanciamento do estereotipo, IV.3.5. Apoio social, III.2.1. Separação público y IV.2.1. Assimilação público).

“Eu jamais me senti discriminada aqui em Vitoria, em realidade, todo o contrário, os espanhóis sempre foram muito atentos e amáveis comigo, com meu marido e com os meus filhos. Mas sei de casos em que os brasileiros foram discriminados por causa da cor de sua pele e sua forma de vestir.” (13-B1 B Ideia B-16, B-17, B-18, B-19 y B-20.) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós IV.2.6. Fenótipo, IV.2.5. Discriminação, contato social formal, IV.2.8. Discriminação ,vestimenta).

“Ameaça econômica? Não. Creio que não me consideram uma ameaça econômica, por que colaboro para a economia espanhola, ofereço serviços, emprego a muitos espanhóis e melhora a situação laboral de muitos.” (14-B2 B Ideia B-34 y B35) (IV.3.9. Diferenciação do Eu/nós, IV.3.10. Comparação social).

IV.3.10. Comparação social vantajosa intra grupos e co-ocorrentes (Hip. 5.1.) Figura 26

A comparação social vantajosa se associou a outras formas cógicas individuais, como a diferenciação Eu/nós (14-B2) e com a mudança de expectativas (12-C5). Deste modo, a pessoa indica ser diferente dos grupos minoritários, incluindo seu próprio grupo, afirmando e reforçando o valor socioeconômico que o participante (Yo) representa para a sociedade de acolhida (14-B2); por outro lado realiza uma comparação temporal na qual manifesta mudanças de expectativas: uma vez passada uma época de sacrifício econômico no início da instalação no país de acolhida, quando esta situação melhora mudam as prioridades e os gostos que o participante e seu companheiro tinham antes de emigrar (12-C5).

Assim mesmo, a comparação social vantajosa indicou implicar na maneira de distanciar do meta estereótipo negativo (14-B1 y 14-B3), os espanhóis definem os brasileiros como “aproveitadores”, porém a pessoa não se sentia afetada porque como trabalhava não tinha necessidade de ajuda social como outros brasileiros (14-B1), e por outro lado afirmam que os brasileiros são mais trabalhadores que os espanhóis (14-B3). Também como uma forma de responder perante a discriminação laboral, um participante destacou que sua situação era melhor por ocupar um cargo de responsabilidade na empresa, salientando que sua situação era inclusive melhor que a de outros espanhóis (14-C3).

“Quando eu vivia no Brasil e tinha o meu trabalho ali, acreditava que minha vida financeira era muito boa. O meu salário era suficiente para ter as coisas que, naquele momento me pareciam importantes(...) No momento em que perdi o meu trabalho, minha vida financeira foi à ruína, minha esposa nunca havia trabalhado fora(...) Montei uma oficina em casa, mas somente me trouxe dívidas, a situação ficou muito(...) mal (...) Senti-me muito aliviado quando comecei a trabalhar aqui na Espanha. No primeiro ano, usei o dinheiro do meu salário somente para pagar as dívidas que havia deixado no Brasil. Quando pagamos tudo, o dinheiro começou a sobrar e (...) começamos a ver tudo o que podíamos fazer e como nossa vida havia mudado. Hoje, nossas necessidades mudaram, gostamos de coisas mais requintadas, nos importamos por coisas melhores das que sempre nos importaram, gostamos de viajar e conhecer a cultura de outros países, de ir a teatros, de sair para jantar em restaurantes, de passear, de comprar para nós coisas bonitas, de presentear nossos filhos e netos com coisas supérfluas (...) ” (12-C5 C-Ideias C-08 e C-09.)

Figura 21. *Rede de Ideias - Formas de afrontamento coletivas cognitivas*

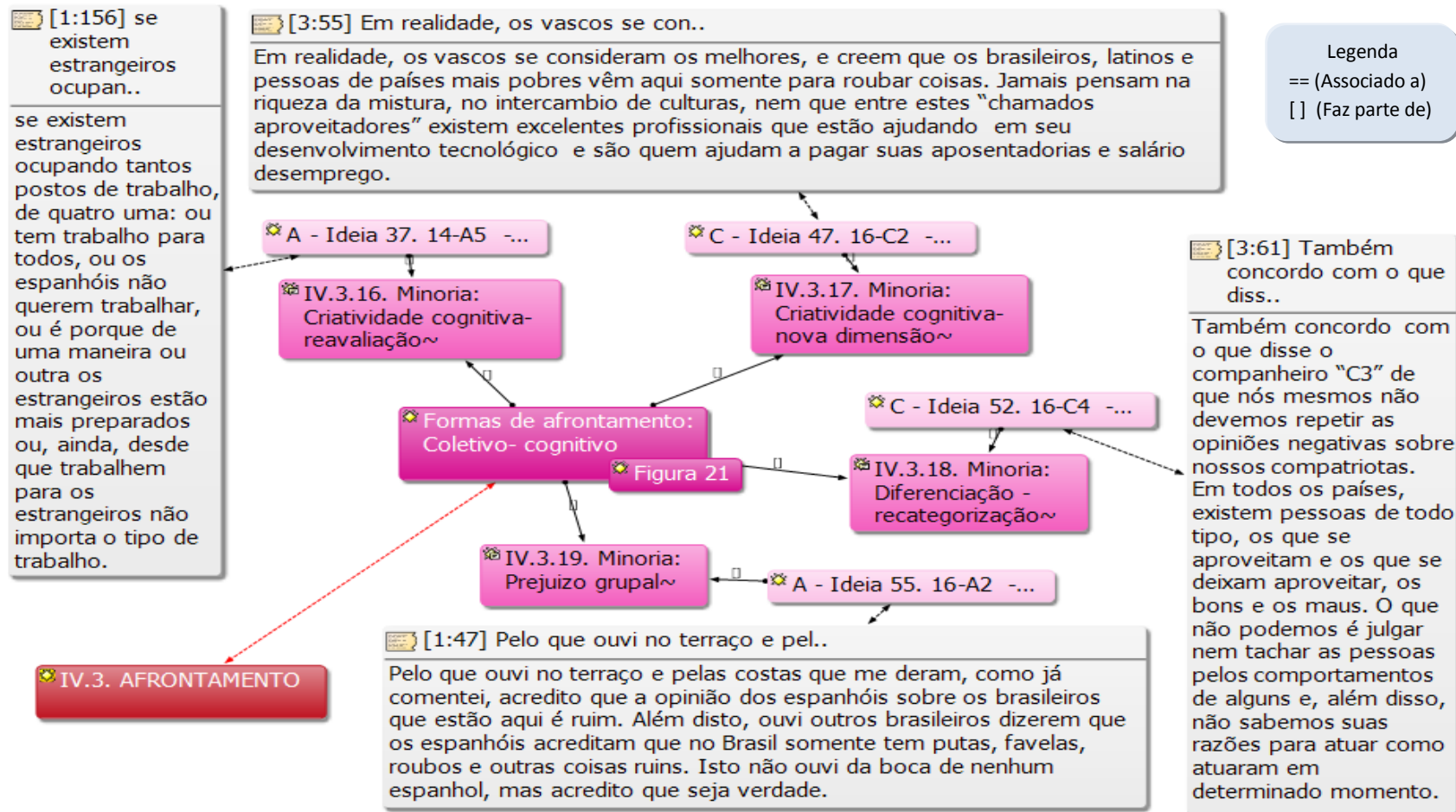


Figura 22. Rede de Ideias - Formas de afrontamento coletivas condutuais

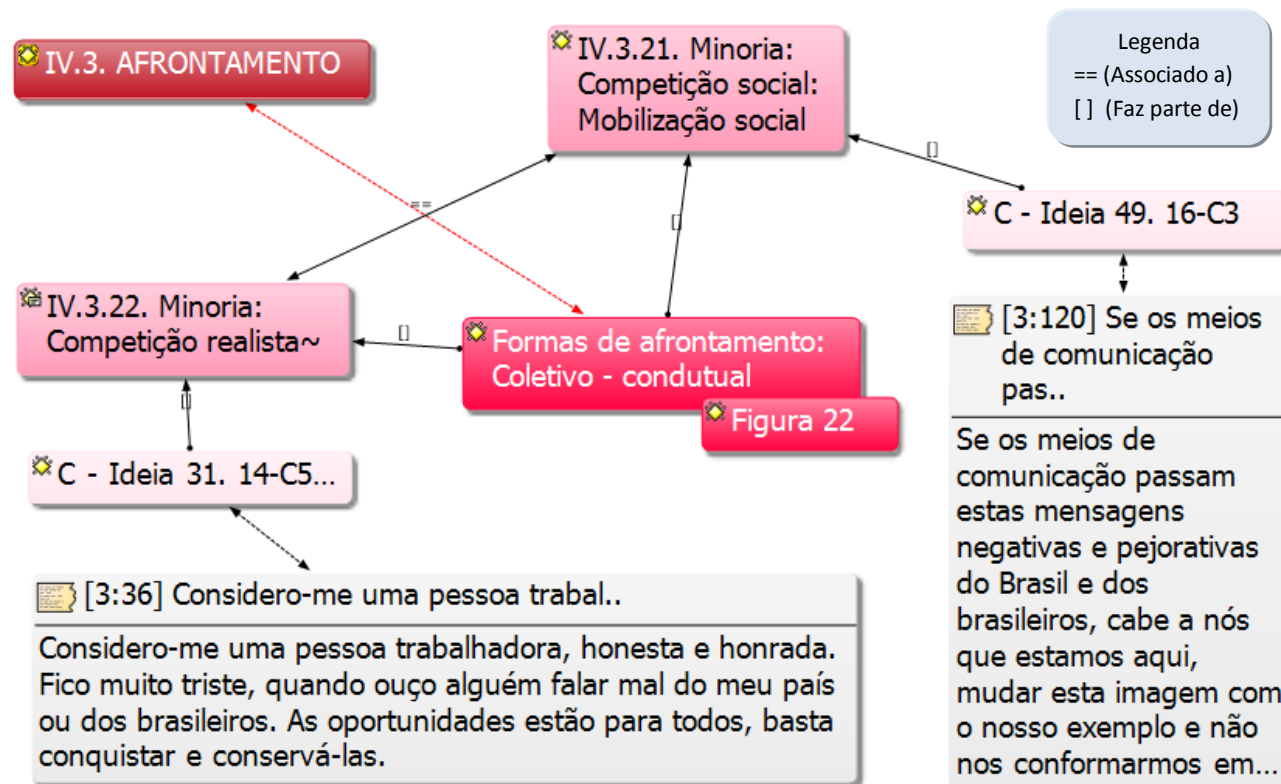
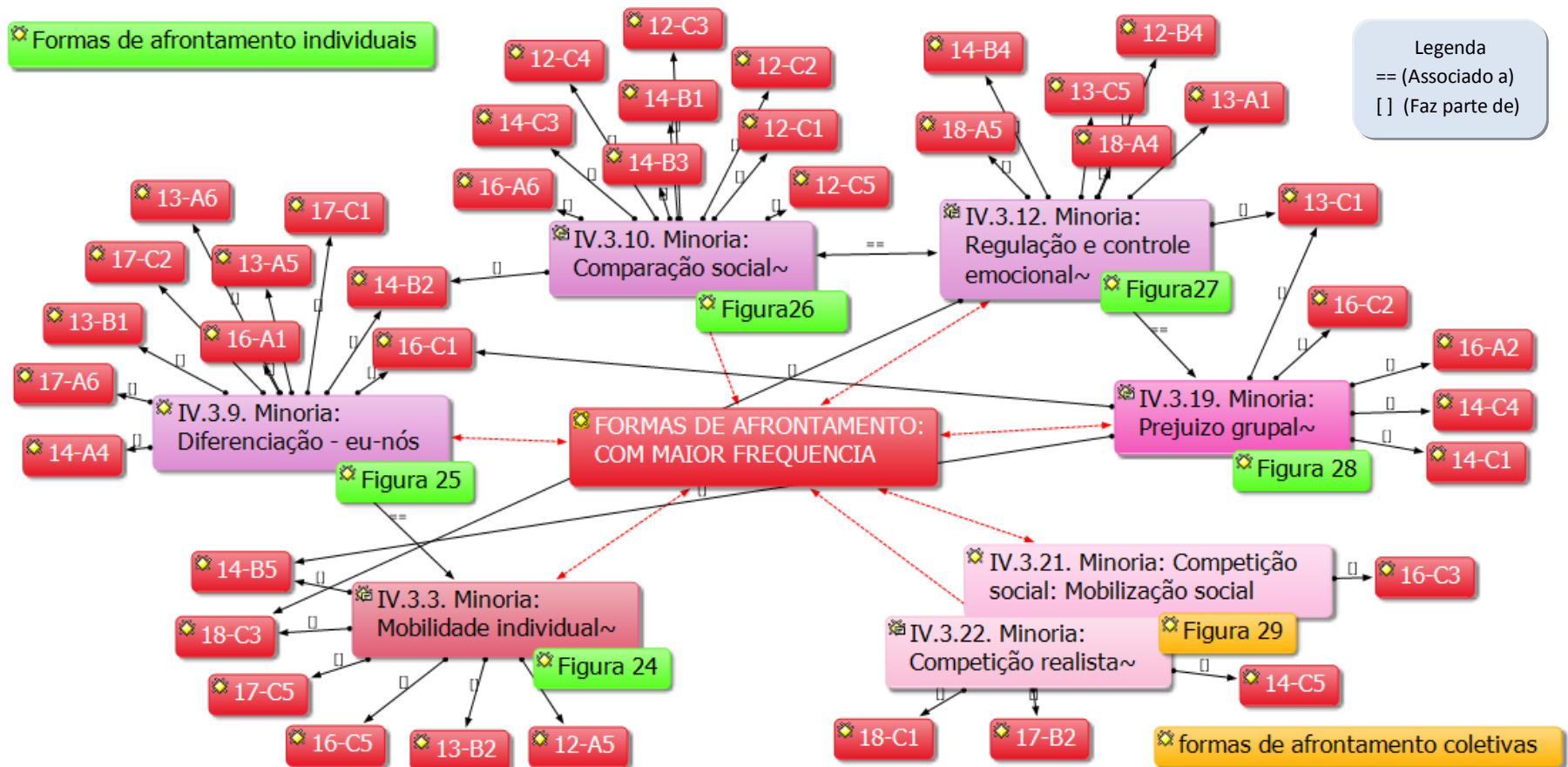


Figura 23. *Rede de ideias - Formas de afrontamento com maior frequência*



IV.3.12. Regulação e controle emocional co-ocorrentes (Hip. 5.1.) - Figura 27

Neste estudo, se encontrou que a regulação emocional se aplica ante situações de discriminação associando-se a outras respostas do tipo individual e cognitiva. Assim, a mudança de expectativas indicou requerer a regulação das emoções onde no princípio a pessoa diz haver sentido uma forte discriminação devido ao descenso social (ocupando posto de trabalho inferior a sua formação e considerados depreciados, cansativos e ingratos, no seu entorno de origem como é a construção) porém quando percebeu que na sociedade as barreiras grupais são permeáveis mesmo quando o trabalho que executa é de baixo status, estes sentimentos negativos desapareceram (os espaços sociais são percebidos como espaços inter classistas, situação que contrasta com as grandes diferenças sociais existentes na sociedade brasileira) (13-A1). Ver o extrato na Figura 27.

O participante (18-C3) realizou um relato onde a mobilidade individual se associou com a regulação emocional, admitindo as diferenças de status e compartilhando a crença na possibilidade de ascenso laboral (ver também, mais acima, nas sessões sobre mobilidade individual e co-ocorrentes):

“Já fui prejudicado no trabalho duas vezes, por espanhol(...) Não vejo estes dois atos como algo contra a minha pessoa, ou por eu ser brasileiro. Vejo como consequência da própria competição de trabalho. Tive duas oportunidades para melhorar de trabalho(...) e, nas duas vezes, a mesma pessoa me prejudicou (...) aprendi a estar mais atento para não deixar passar a próxima oportunidade”. (18-C3 C-Ideia C74, C75 y C76.)

Outro participante trouxe a luz que ao chegar ao país de acolhida é necessário regular os estados emocionais (regulação emocional), os sentimentos de culpa e vergonha por ser imigrante (internalização), e os sentimentos de medo em função da percepção de discriminação que provoca o desejo de evitar os contatos sociais informais (13-C5).

“(...) quando cheguei, sentia muita vergonha de sair de casa, foi difícil me integrar. Acho que me sentia inferior, por toda a dificuldade(...) que passei no Brasil alguns anos antes de vir para cá. Eu me sentia menos e me discriminava”. (13-C5 C-Ideia C-17, C-18, C-19 y C-20.)

Abaixo se pode ler, uma resposta bastante exemplar do tipo individual, onde o participante (14-B4), expressou que ante a experiência de discriminação produzida nas esferas formais, em relação ao fenótipo e a violência, respondeu evitando o contato, regulando as emoções, reinterpretando e aceitando a existência da discriminação. Na Figura 27, também estão representadas outras respostas similares (18-A4) e (18-A5).

“Sim, já me disseram na cara que não sabem o que nós, os latinos, estamos fazendo aqui, e já me perguntaram por que não voltamos a nosso país e deixamos de tirar trabalho e ajudas que os espanhóis poderiam ter se nós não estivéssemos aqui. Uma vez, quando eu estava no hospital Txagorritxu, em emergência, uma senhora de idade veio perto de mim e me disse se eu não tinha vergonha de estar ali usando um serviço que corresponde somente aos Vascos.

acrescentou que eu era um ladrão, porque estava roubando a vez de muitas pessoas que tinham o direito de estar ali.

Distanciei-me dela, me sentindo um lixo pelas palavras que ouvi. Tive vontade de responder, porém um dos meus filhos não me deixou falar. Afastei-me, porém ela continuou resmungando e falando com as demais pessoas sobre mim. Alguns respondiam concordando com ela, e outros ficavam quietos. Foi a pior situação que vivenciei aqui. Não sabia onde pôr a cara, para onde olhar, mas sabia que não estava fazendo nada errado, nem roubando a vez de ninguém, porque pago meus impostos, cotizo, etc., para que ela e muitos outros que estavam ali possam receber a aposentadoria. Já passei por muitas outras situações de discriminação, mas já estou conformado, sei que devido a minha cor sempre vão existir pessoas que me discriminem, estou aprendendo a conviver e aceitar isto”. (B Ideia B-38, B-39, B-40, B-41, B-42 y B-43. 14-B4)

“Que saiba, não. Eu sentia um pouco de medo de ser preso ou deportado ou que denunciassem que trabalhava no bar e não tinha documentos(...) os espanhóis sempre se portaram bem comigo e eu com eles, e jamais passou nada de negativo.” (A Ideia A-84, A-85 y A-86. 18-A4).

Por último, abaixo se pode apreciar um relato que associa a regulação emocional com a resposta coletiva de atribuição ao prejuízo grupal (13-C1):

“Sim, já me senti discriminada, mas não somente eu, também meus filhos e marido também já se sentiram assim. Percebo que, às vezes, nos vigiam nas lojas, supermercados, restaurantes, etc. Nas ruas, determinadas pessoas nos olham mal e nos medem de cima em baixo, e algumas inclusive empinam o nariz em sinal de superioridade. Penso que é por causa da nossa cor e da ideia pré-concebida que ela traz a muitas pessoas: de que os negros e mulatos são ladrões, de classe inferior, de baixa cultura, etc. Ninguém nos disse nada a respeito, mas percebo claramente a atitude referente a nós. Eu me sinto muito mal com isso, e às vezes não tenho sossego nem ambiente nos lugares em que vou, embora saiba que é um julgamento, sem verdadeiros fundamentos, que não nos conhecem como pessoas, somente nos discriminam pela nossa cor. Por isso, tento relevar e fazer com que não me importe muito. Vai importar bastante no momento em que destratem alguns dos meus filhos”. (C ideia C-10, C-11, C-12 y C-13. 13-C1)

Figura 24. Rede de Ideias co-ocorrentes - Mobilidade individual

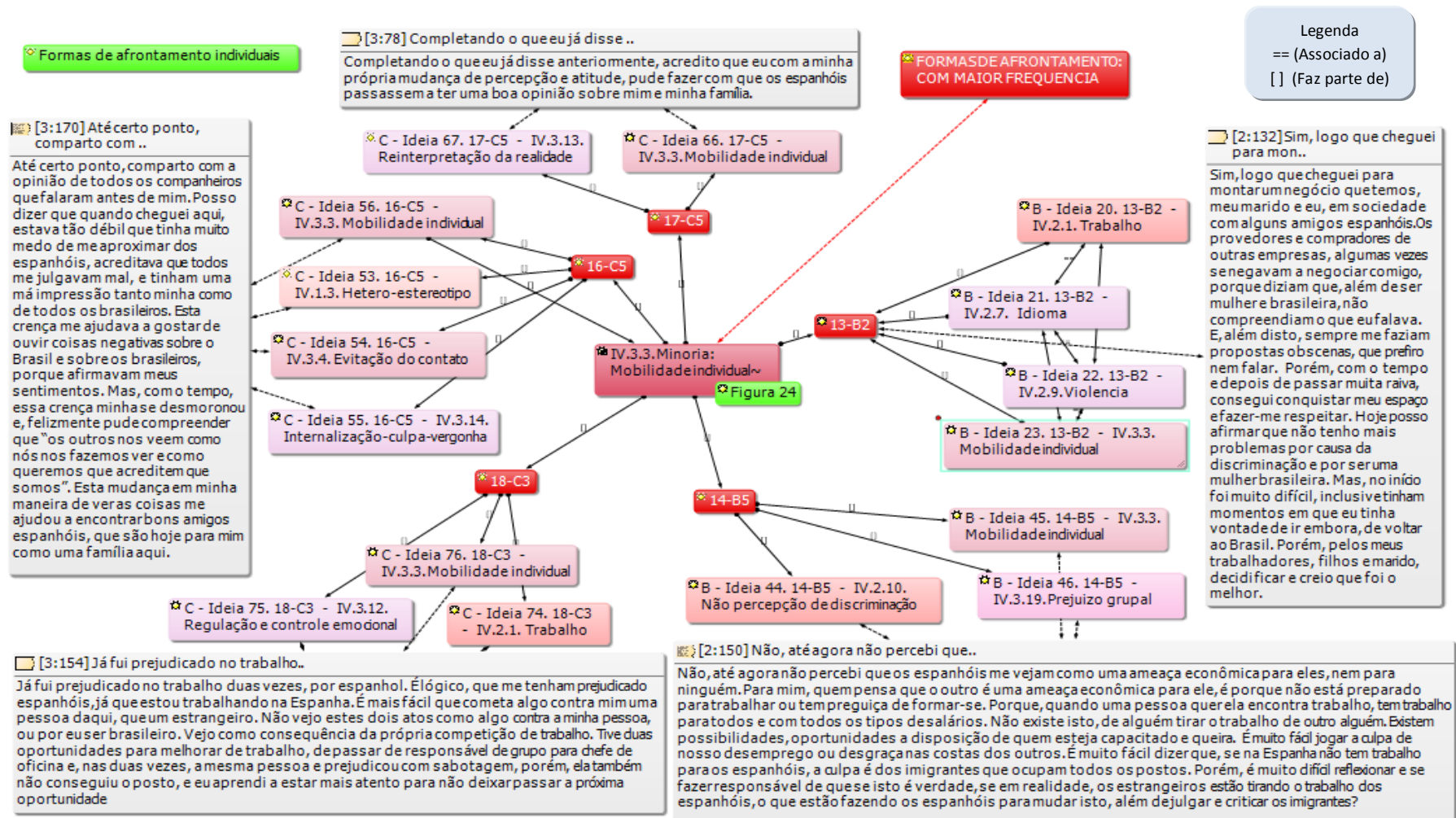
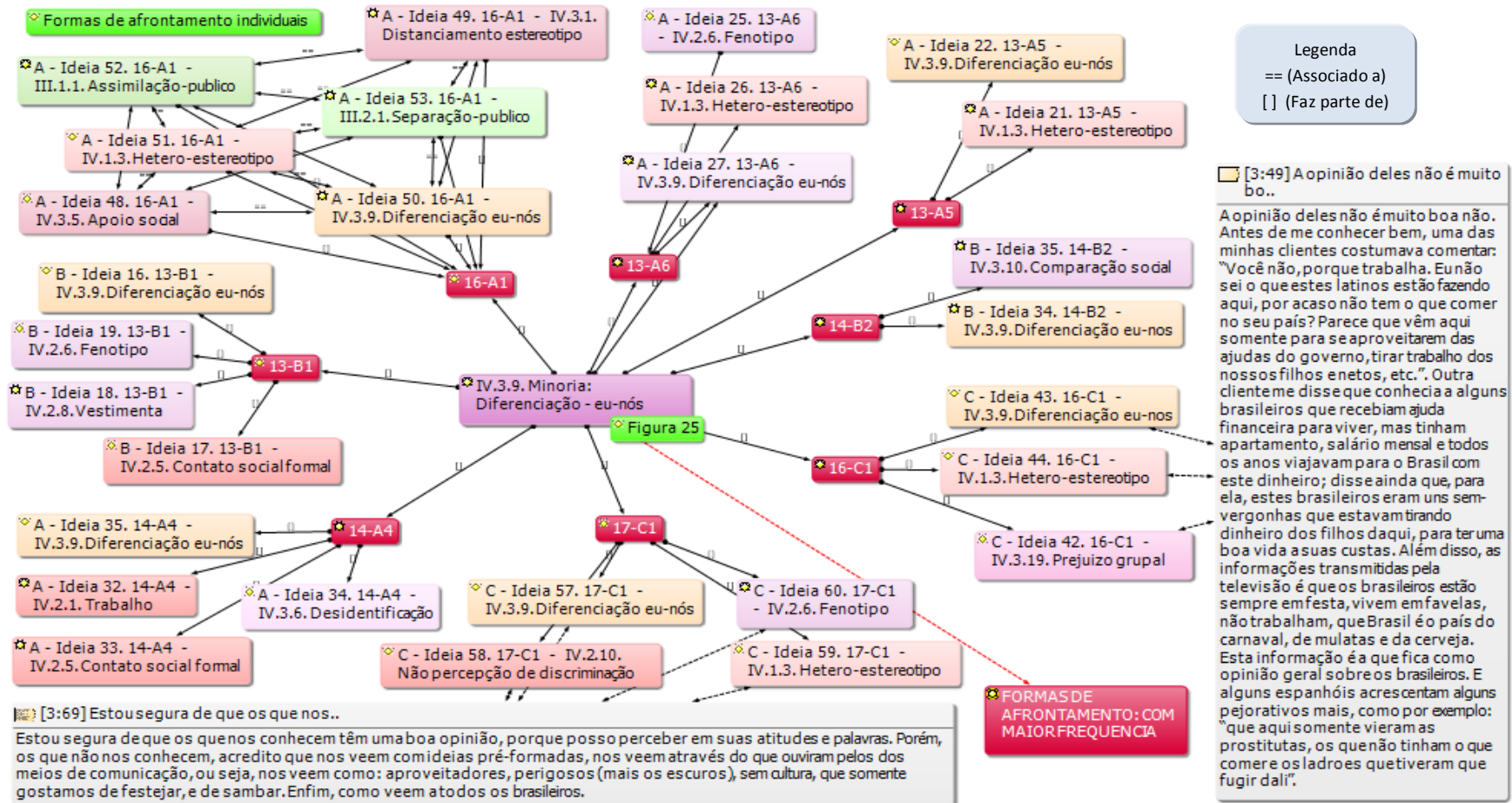


Figura 25. *Rede de Ideias co-ocorrentes – Diferenciação Eu/nós*



IV. 3.19. Atribuição da casualidade e a responsabilidade outorgada ao prejuízo grupal co-ocorrentes (Hip. 5.2.) Figura 28

Como se descreveu anteriormente, a estratégia coletiva de atribuição ao prejuízo é oposta a estratégia individual de mobilidade (associada a não percepção de discriminação) e que não aceita a explicação das diferenças inter grupais pelo prejuízo (14-B5). Também foi visto anteriormente que a diferenciação Eu/nós distancia do Eu a experiência de discriminação e a explicação grupal (atribuição ao prejuízo grupal) (16-C1), o que corrobora que as respostas individuais se separam das coletivas.

“Não, até agora não percebi que os espanhóis me vejam como uma ameaça econômica para eles, nem para ninguém. (...) quando uma pessoa quer ela encontra trabalho, tem trabalho para todos e com todos os tipos de salários(...) Existem possibilidades, oportunidades a disposição de quem esteja capacitado e queira. É muito fácil jogar a culpa de nosso desemprego ou desgraça nas costas dos outros. É muito fácil dizer que, (...) a culpa é dos imigrantes(...) que ocupam todos os postos. Porém, é muito difícil reflexionar e se fazer responsável (...) ”(B Ideia B-44, B-45 y B-46. 14-B5)

“A opinião deles não é muito boa não(...) uma das minhas clientes costumava comentar: “Você não, porque trabalha. Eu não sei o que estes latinos estão fazendo aqui, por acaso não tem o que comer no seu país? Parece que vêm aqui somente para se aproveitarem das ajudas do governo, tirar trabalho dos nossos filhos e netos, etc.”. Outra cliente me disse que conhecia a alguns brasileiros que recebiam ajuda financeira para viver, mas tinham apartamento, salário mensal e todos os anos viajavam (...) para ela, estes brasileiros eram uns sem-vergonha que estavam tirando dinheiro dos filhos daqui, para ter uma boa vida a suas custas. Além disso, as informações transmitidas pela televisão é que os brasileiros estão sempre em festa, vivem em favelas, não trabalham, que Brasil é o país do carnaval, de mulatas e da cerveja. Esta informação é a que fica como opinião geral sobre os brasileiros. E alguns espanhóis acrescentam alguns pejorativos mais, como por exemplo: “que aqui somente vieram as prostitutas, os que não tinham o que comer e os ladrões que tiveram que fugir dali” (C Ideia C-42, C-43 y C-44. 16-C1).

Em relação as formas coletivas, também como já foi mencionada anteriormente, a experiência de discriminação(fenótipo) se explica pelo prejuízo grupal e supõe para a pessoa um esforço para regular suas emoções negativas (13-C1):

“Sim, já me senti discriminada, mas não somente eu, também meus filhos e marido também já se sentiram assim. Percebo que, às vezes, nos vigiam nas lojas,

supermercados, restaurantes, etc. Nas ruas, determinadas pessoas nos olham mal e nos medem de cima em baixo, e algumas inclusive empinam o nariz em sinal de superioridade. Penso que é por causa da nossa cor e da ideia pré-concebida que (...) de que os negros e mulatos são ladrões, de classe inferior, de baixa cultura, etc. Ninguém nos disse nada a respeito, mas percebo claramente a atitude referente a nós. Eu me sinto muito mal com isso(...) não tenho sossego nem ambiente nos lugares em que vou, embora saiba que é um julgamento, sem verdadeiros fundamentos, (...) nos discriminam pela nossa cor. Por isso, tento relevar e fazer com que não me importe muito. Vai importar bastante no momento em que destratem alguns dos meus filhos”. (C Ideia C-10, C-11, C-12 y C-13. 13-C1)

Assim mesmo, se pode apreciar nas narrações que a atribuição ao prejuízo grupal se associa com a não aceitação do estigma e do meta estereótipo negativo(16-A2 y 14-C4 - extratos na figura 28 e 16-C2, e 14-C1 -extratos más abaixo); em alguns casos (16-C2 y 14-C1) vinculam-se também com a estratégia de criatividade cognitiva destacando duas dimensões de comparação social, onde por um lado reivindicam a aculturação e por outro afirmam o endogrupo quando dizem que existem excelentes profissionais brasileiros que aportam desenvolvimento tecnológico para a sociedade de acolhida (C Ideia C-47. 16-C2).

“ (...) Os meios de comunicação deixam como mensagem final que o Brasil é um país de festa e, portanto, os brasileiros são pessoas que não fazem nada, que não tem responsabilidade, que sua vida gira em torno de Praia, futebol, mulatas, samba, cerveja, etc. (...) os espanhóis e Vascos creem que nós, os brasileiros, viemos aqui para aproveitar dos suas conquistas em relação ao sistema de saúde, às ajudas sociais, de seu bom sistema educativos e de sua boa comida(...) os Vascos se consideram os melhores, e creem que os brasileiros, latinos e pessoas de países mais pobres vêm aqui somente para roubar coisas. Jamais pensam na riqueza da mistura, no intercambio de culturas, nem que entre estes “chamados aproveitadores” existem excelentes profissionais que estão ajudando em seu desenvolvimento tecnológico e são quem ajudam a pagar suas aposentadorias e salário desemprego” (C Ideia C-45, C-46 y C-47. 16-C2).

“Em relação ao trabalho que fazemos meu marido e eu, não; porque é um tipo de trabalho que os espanhóis não gostam de fazer(...) quando estávamos vivendo em um apartamento de aluguel, (...) algumas vizinhas, quando souberam que havíamos comprado um apartamento sem financiamento, vieram perguntar para mim o que havíamos feito para conseguir dinheiro tão rápido, “se havia sido a prefeitura que havia dado pra nós o apartamento”, porque “não viam possível de outra maneira”, já que acreditavam que vivíamos de ajudas do governo”. (C Ideia C-21, C-22 y C-23. 14-C1).

IV. 3.21. Competição Social co-ocorrentes (hip. 5.2.) Figura 29

As estratégias coletivas de competição e mobilização social se associaram entre si.

O relato feito pelo participante 16-C3 representa uma consciência de discriminação endogrupal, mas não de discriminação pessoal que rejeita a imagem negativa transmitida nos meios de comunicação e que afirma a necessidade de mobilização coletiva para defender a autoestima coletiva.

Segundo as narrações de outro participante, se pode deduzir que perante discriminação e a diversidade fenotípica nos ambientes formais e lugares públicos, é gerada uma resposta de desagrado e de competição social, como forma de reclamar por um tratamento igualitário e pela defesa dos direitos (exemplo de protesta perante o tratamento discriminatório em um restaurante (Ideia C-70)). Outro relato destacou que perante a discriminação é necessário conquistar e conservar a igualdade de oportunidades. Ver extratos na Figura 29.

Figura 26. *Rede de Ideias co-ocorrentes - Comparação social vantajosa intra grupos*

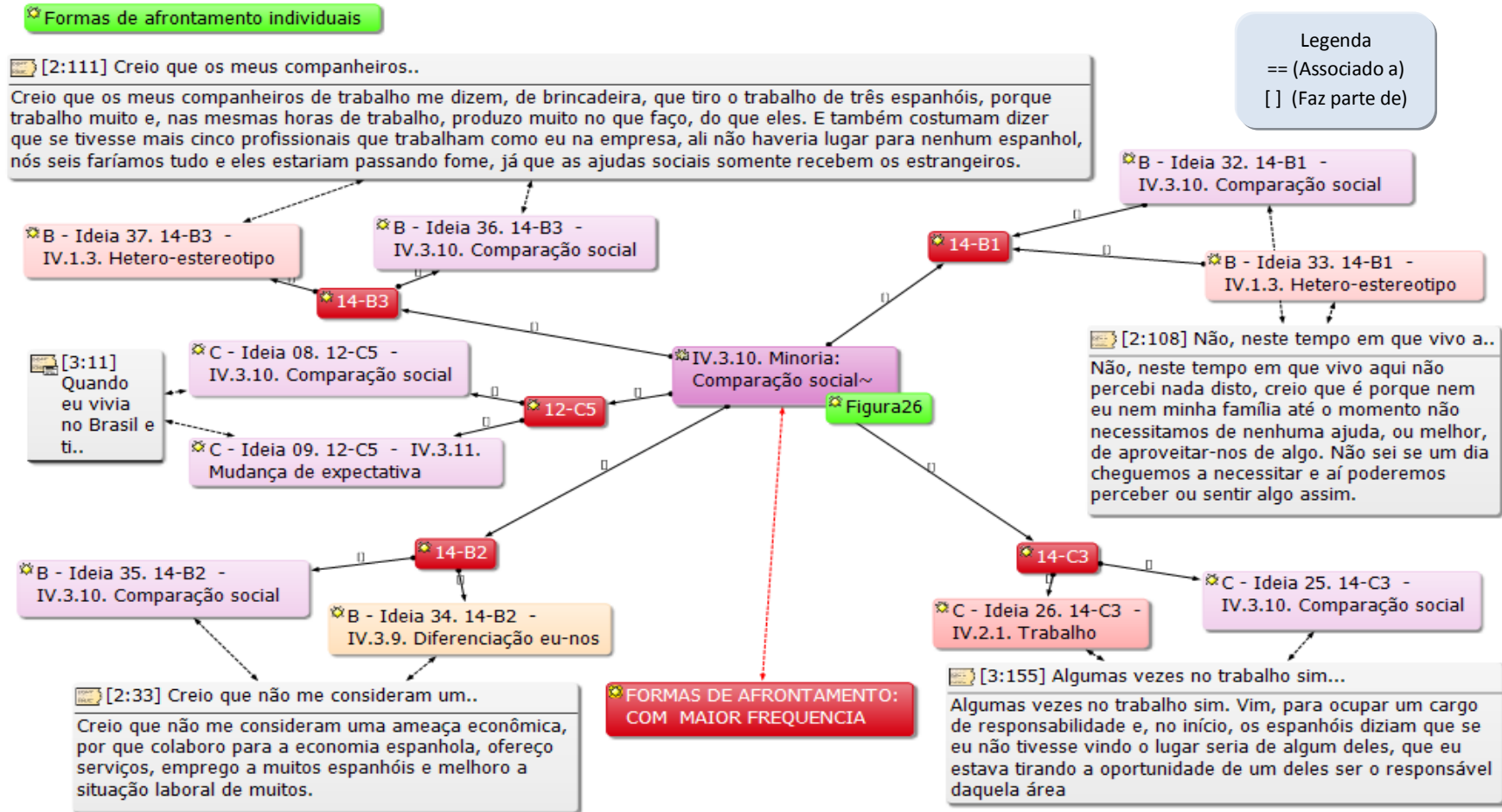


Figura 27. Rede de Ideias co-ocorrentes - Regulação e controle emocional

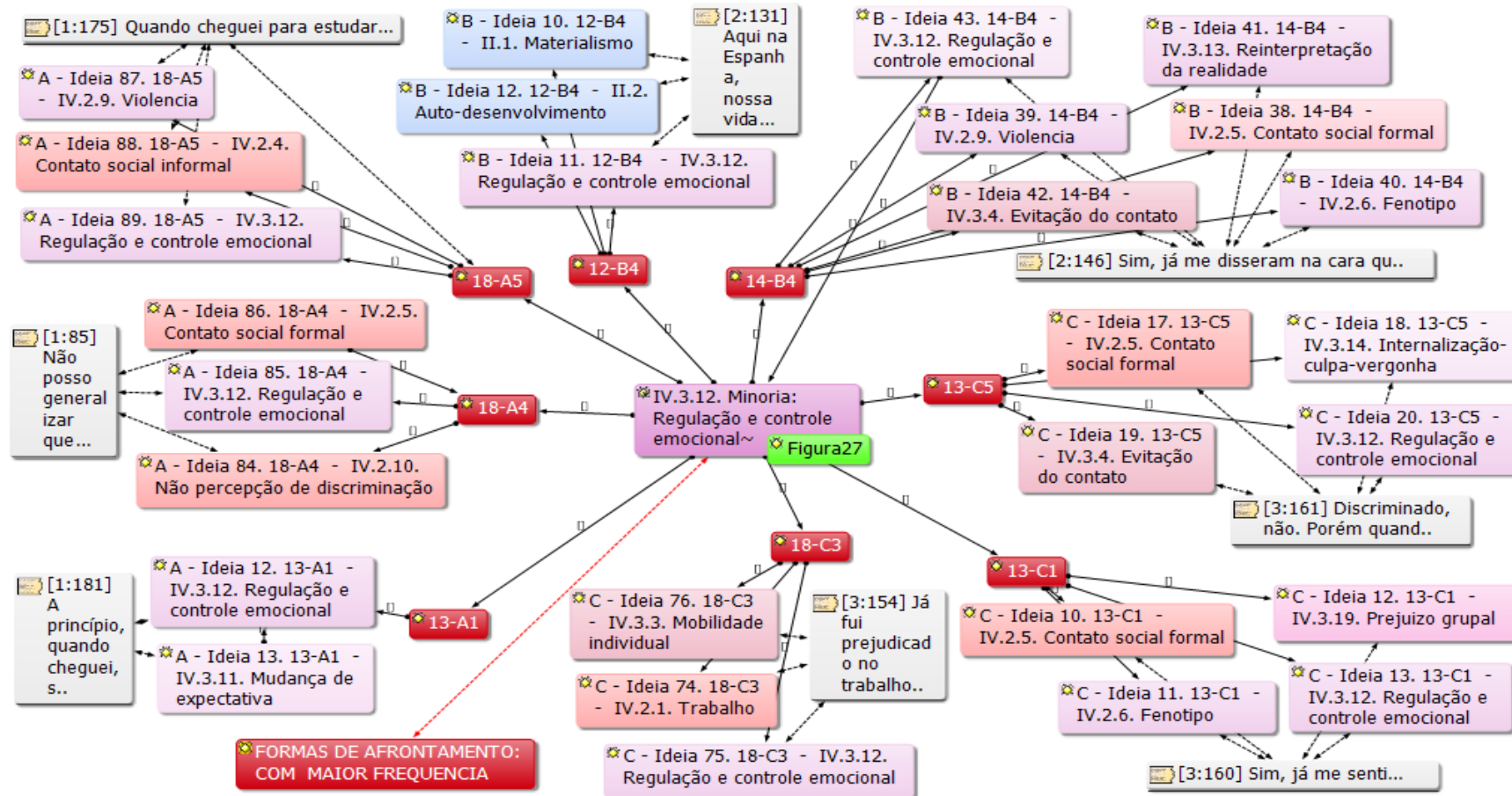


Figura 28. *Rede de Ideias co-ocorrentes - Prejuízo grupal*

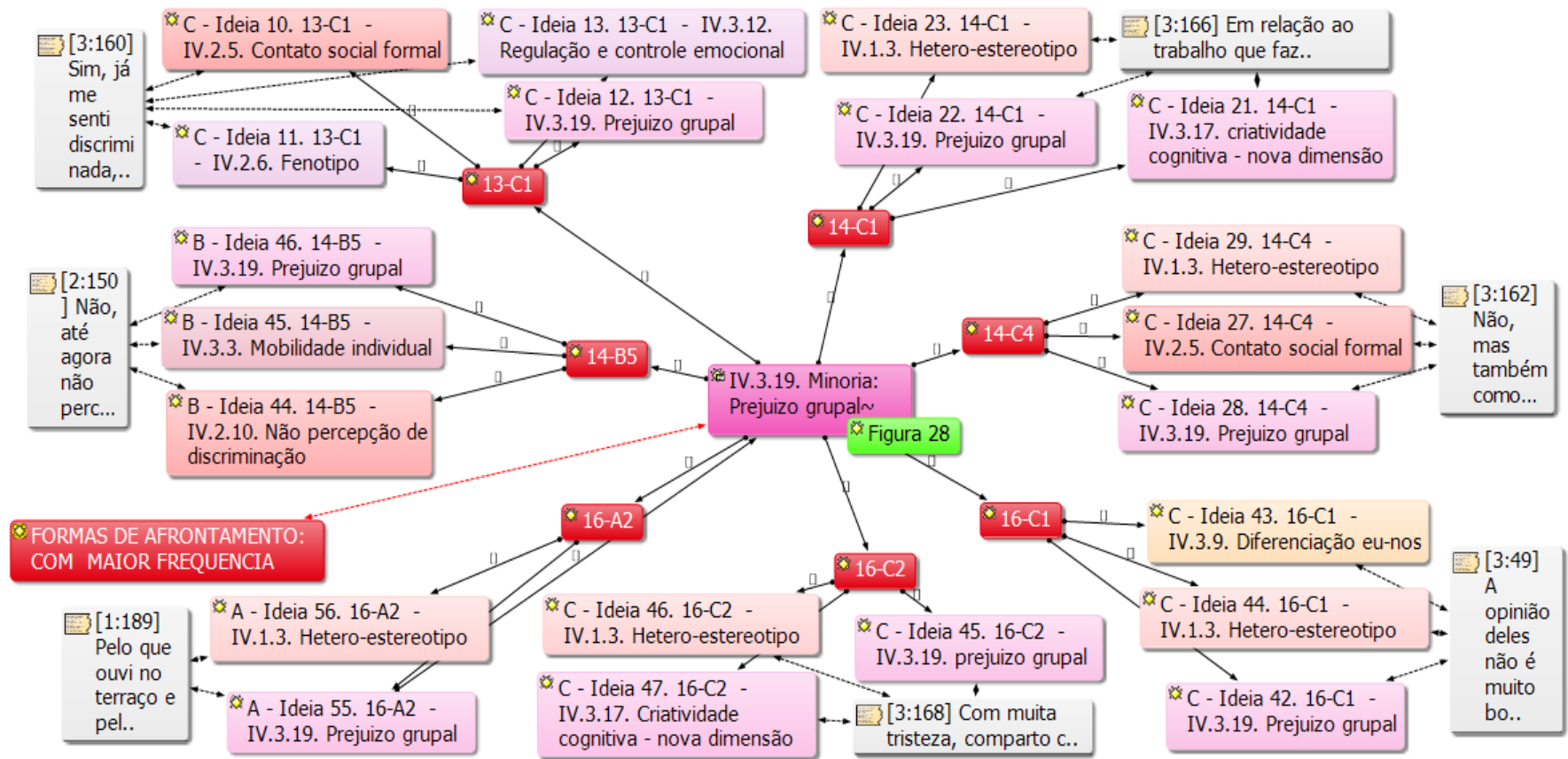
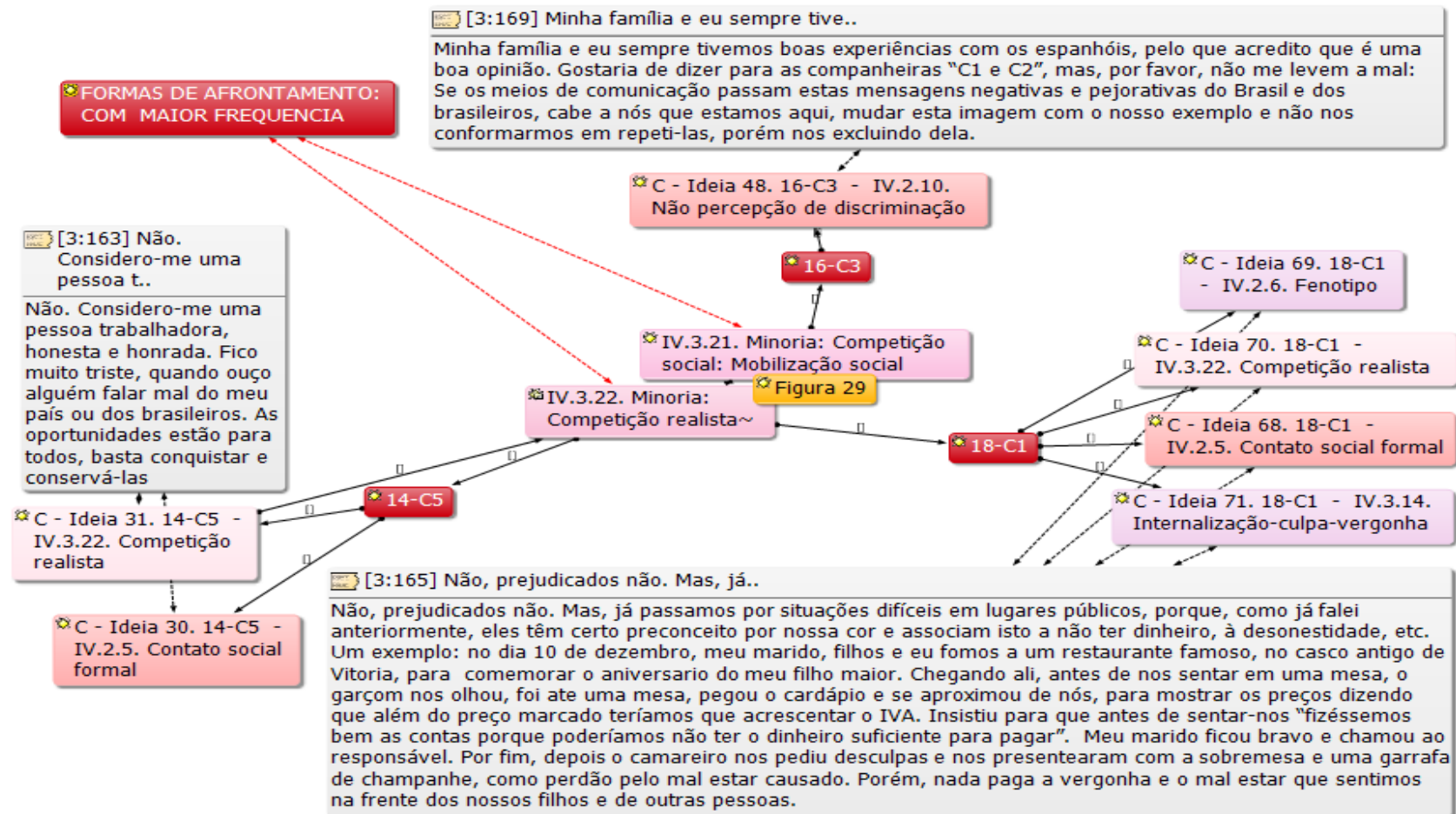


Figura 29. Rede de Ideias co-ocorrentes - Competição Social



5. CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

Foram realizados três grupos de discussão com 16 participantes, imigrantes de primeira geração, nascidos no Brasil e que residiam em Vitoria-Gasteiz no País Vasco. Com uma faixa, etária entre 21 e 64 anos, a idade média era de 40.65 anos ($SD = 13.71$) e a mostra foi equiparada por sexo (50%).

Foi utilizado um roteiro semiestruturado para explorar os relatos dos participantes. As análises seguiram um procedimento rigoroso para categorizar as ideias, criando um sistema de macrocategorias que sintetiza o conteúdo dos grupos de discussão, endossado por um contraste de fiabilidade *inter juízes* para as 267 ideias, que conseguiram um coeficiente alto ($K = .863$) para o conjunto de ideias e para cada uma das respectivas macrocategorias (todos $> .80$).

A análise do conteúdo revelou que o discurso dos participantes estava centrado em sua experiência de acolhida no país e em suas relações com outros grupos (69.6% das ideias), conseqüentemente as outras três macrocategorias contêm um número menor de ideias. Não houve muita ênfase com respeito à percepção de diferenças culturais e choque cultural (2.6%), os motivos da migração também foram pouco debatidos (8,6) e as estratégias ou orientações de aculturação apresentaram um pouco mais de importância que as duas anteriores (19.2%).

Diferenças culturais e choque cultural

As diferenças relativas ao *individualismo* e ao *coletivismo*, em especial aquelas relacionadas com a importância da família, ou *familismo latino* (Páez, et al. 2003), constituíram uma das grandes preocupações reveladas através dos debates dos grupos de discussão, sendo mais destacada quando foi indagada pelo método aberto (qualitativo), como é o caso deste estudo, do que por meio de questionário fechado (escala SCAS, de Luca, et al. 2011). Por outro lado, as dificuldades em estabelecer laços de amizade na sociedade acolhida (fazer amigos autóctones) foram igualmente enfatizadas através dos dois métodos, apresentando a mesma intensidade quando se referem às *estratégias de separação* e as *experiências de minoria étnica*.

Em concordância com o exposto no início do parágrafo anterior e considerando as ideias co-ocorrentes, é possível concluir que as principais diferenças culturais destacadas se referem à dimensão de *Coletivismo e familismo latino*, que ademais aparecem vinculadas a motivação materialista como impulsora do projeto migratório. Os valores *materialistas* se veem orientados para a promoção familiar no sentido de conseguir um trabalho que permita a ascensão econômica para, por um lado melhorar a qualidade de vida da família que emigrou, e por outro manter os laços com o país de origem, sustentando a família extensa no Brasil. No entanto, esse tipo de migração familiar-materialista, na qual se mantém os laços com a origem, os imigrantes quando visitam o país natal, experimentam “estranheza” com o próprio país e em relação a

família, amigos e conhecidos que ali permaneceram (Achotegui, 2002). Assim mesmo, alguns imigrantes costumam viver em, eterno conflito, quando visitam o país de origem sentem saudades do país de acolhida e vice-versa. Em um estudo qualitativo realizado por Almeida (2011), com mulheres brasileiras residentes no País Vasco, que haviam contraído matrimônio ou que viviam junto com um companheiro Vasco, 90% da mostra declarou estar preso entre o Brasil e a Espanha, pois quando visitam o Brasil querem retornar ao País Vasco e quando estão no País Vasco sentem desejo de ir ao Brasil.

Como mostraram os resultados sobre as diferenças culturais, existem aspectos que não aparecem mencionados nos relatos, tais como: a *distância hierárquica*, a dimensão *masculinidade e feminilidade*, o *estilo comunicativo*, a *planificação do tempo*, o *ritmo de vida*, a *separação entre as esferas públicas ou privadas*, a *distância física e ou emocional* nos encontros sociais, o *ambiente*, o *clima* e a *ecologia*. Estes resultados são congruentes com os obtidos por meio da escala de adaptação sociocultural (SCAS) e do estudo longitudinal (de Luca, et al. 2011). O que indica que estes aspectos não constituem elementos que determinem preocupações para os imigrantes brasileiros. Esta pouca relevância em relação às diferenças culturais nas dissertações destes imigrantes são coerentes com os resultados dos outros estudos que indicam que as diferenças culturais percebidas, sendo uma fonte de choque cultural, afetam mais nos primeiros momentos da chegada à sociedade de acolhida (Ward, et al. 2001) e tem um impacto menor sobre a adaptação psicossocial dos imigrantes se comparadas com outros fatores como a experiência da minoria étnica, a percepção de discriminação ou o status grupal (Ataca & Berry, 2002; Basabe & Bobowik, 2013; Zlobina, et al. 2006, Ward, 1996).

Os estudos sobre os valores culturais das nações (Hofstede, 2001) indica que países como a Espanha e o Brasil são culturas divergentes sendo a Espanha mais individualista e o Brasil mais coletivista e hierárquico. Como todas as culturas latinas ambos os países compartilham altas pontuações no que diz respeito a *evitar as Incertezas*. Sem dúvida, em comparação com outras culturas como a cultura anglo-saxão, as africanas ou as asiáticas, as diferenças entre o Brasil e a Espanha são menores e também em comparação com outros países latinos, como por exemplo o México, o Equador e a Colômbia (Hofstede, 2001). Esta distância cultural relativamente pequena entre Espanha e Brasil poderia explicar que as diferenças culturais resultem em pouca relevância nos discurso dos imigrantes brasileiros que participaram deste estudo. Por outro lado, no contexto da Espanha e do País Vasco, estudos prévios encontraram resultados nos quais os imigrantes brasileiros informaram ter menores dificuldades socioculturais comparados com outros grupos étnicos, como, por exemplo, os subsaarianos ou outros coletivos de origem latina, como no caso dos colombianos e dos equatorianos (Zlobina, Basabe & Páez, 2006; Basabe, et al. 2009).

As culturas mediterrâneas latinas e, por extensão da Colonização, também os países latino-americanos, caracterizam-se por um alto controle de incerteza (Hofstede, 2001), como é o caso da Espanha e de Portugal; O Brasil se encontra distanciado da posição de ambos os países colonizadores, porém apresenta uma posição média alta no ranking mundial. Nos grupos de discussão apareceram algumas ideias que foram classificadas dentro dessa dimensão refletindo o medo, a insegurança social e a motivação de segurança como impulsores e facilitadores da imigração.

Por outro lado, outras diferenças culturais destacadas referem-se à *orientação a curto e em longo prazo*, onde os imigrantes compartilham uma visão mais imediatista das relações interpessoais (desfrutar do presente) e da planificação econômica, em comparação com a cultura anfitriã que é percebida como mais planificada. Ideias similares foram destacadas também em estudos prévios na Espanha nos quais diferentes grupos de imigrantes ressaltavam perceber que os autóctones planificavam mais a vida social do que eles (Zlobina, et al. 2004). Esta *orientação em curto prazo* está relacionada com a estratégia de *mobilidade individual* onde se acentua a situação presente e os ganhos econômicos ao estabelecer-se na Espanha.

Motivos para emigrar

Explorando as razões que incentivaram a saída do país de origem, constatou-se que os principais *motivos* foram os *materialistas* e os *facilitadores*, (redes de apoio e projetos familiares entre outros), em segundo lugar, o *autodesenvolvimento*, o *idealismo*, a *reagrupação familiar* e a própria expectativa ou “segurança” de *poder retornar*. Matizando os principais motivos: os valores materialistas como a promoção econômica constituiu um importante motivo para a decisão de emigrar e os facilitadores uma das categorias mais mencionadas fez referência ao desejo de melhorar a qualidade de vida, a segurança pessoal e, em menor medida, a busca de apoio social e a planificação familiar (desejo de ter filhos).

Assim mesmo, as ideias co-ocorrentes indicaram que o materialismo se vincula aos motivos de autopromoção e desenvolvimento pessoal, o que demonstra que as motivações coletivistas e individualistas não são excludentes entre si, e que associadas com as motivações familista e coletivistas também buscam vantagens para o desenvolvimento pessoal. Outros estudos mostraram que sendo a motivação econômica e familiar uma das causas principais da emigração, também existem outros motivos associados (Zlobina, et al. 2004). Por sua parte, os facilitadores, no marco de uma concepção familista e de busca da segurança se associam com valores coletivistas e com a percepção de diferenças culturais entre o Brasil e Espanha. Tudo isto ressalta a importância da dimensão individualismo-Coletivismo dentro da centralidade da família nos países latinos.

Destacaram-se também nos relatos que um dos facilitadores da imigração é a não percepção da discriminação no contato com os autóctones. Este elemento já foi

reiteradamente assinalado em diversos estudos mostrando que a percepção de discriminação é um dos fatores chave que determina o bem estar e a adaptação sociocultural dos imigrantes (Jasinskaja-Lahti, et al. 2009; Pascoe & Smart-Richman, 2009; Williams & Mohammed, 2009; Sevillano, et al. 2014).

Por outro lado, foram citadas outras motivações como o desejo de *autodesenvolvimento*, no qual se expressam as distintas possibilidades que podem abrir a migração, como a possibilidade de conhecer outros países diferentes do originário, adquirir outra cultura ou aprender um novo idioma.

Também são mencionados alguns elementos *idealistas-familistas*, no sentido de ajudar o próximo, onde se argumenta que o dever de ajudar e prestar assistência a família e aos amigos continua mesmo já estando instalado na Espanha, (dimensão denominada familismo cultural). Este idealismo-familista é uma forma de lealdade familiar que normaliza a necessidade de ajudar as pessoas próximas como forma de afrontar e superar o stress de aculturação (as dificuldades do idioma, as situações de discriminação, entre outras), e também se associa à *mobilidade individual*. Isso indica que as normas culturais prescreverão que as redes familiares devem ser um apoio para a mobilidade social dos imigrantes na sociedade da acolhida.

Outras das razões expostas é a *reagrupação familiar*, que em quase todos os casos é resultante de casamento misto com uma pessoa nativa. Em alguns destes casos, a reagrupação se associa a uma *comparação sócia vantajosa*, que destaca que a união com o autóctone proporcionou alcançar ou manter um status social médio-alto.

Por ultimo, a ideia de *retorno* foi pouco mencionada e se associou com a *comparação social* no que diz respeito a situação no país de origem e de acolhida, surgindo por um lado o desejo de retorno somado com sua impossibilidade, por não conseguir manter na sociedade de origem o mesmo padrão de vida que atingiu na sociedade de acolhida e, por outro lado devido aos filhos que se integraram ou "*assimilaram*" a cultura autóctone e não desejam retornar. Este acontecimento é um elemento recorrente nas migrações nas quais o retorno se converte em um "*sonho*" não satisfeito (Páez, et al. 2000). De acordo com Oliveira (1977, em Garcia, 2005), a ideia do regresso se associa a um futuro sem data, associado com quando aposentar, envelhecer, fazer um "pé de meia", quando os filhos crescerem e já estiverem educados entre outros fatores. Um tempo mítico que se almeja porem muitas vezes não se concretiza. Em uma pesquisa realizada no País Vasco com diversos coletivos de imigrantes procedentes da America latina foi encontrado que em relação a mostra total, somente o 33% afirmava sua intenção em permanecer no país de acolhida de forma definitiva, o restante 67% ou apresentava duvidas ou concebia sua estância de forma temporal (Aierdi, et al. 2007).

No caso dos imigrantes trabalhadores e dos refugiados, o mito do retorno, representa uma maneira de resolver idealmente a situação contraditória entre a instalação definitiva e a temporal. Onde, por um lado se organiza a vida no país de

acolhida como condição de estância definitiva, em termos de trabalho, casa, educação e dos filhos e outros. E, por outro lado, para suprir a saudades e o desejo de voltar ao país de origem, se nutre da ideia de uma estância transitória (Bolzman, 1992, em Páez, et al. 2000). Deste modo, para o imigrante o mito do retorno representa um pensamento reparador já que alimenta a ideia de que a permanência será momentânea e não permanente. Estudos realizados com imigrantes e exilados políticos indicam que a imigração que no principio era percebida como uma circunstancia transitória, com o passar do tempo tende a converte-se em uma situação permanente. No entanto, o mito do retorno é uma idealização bastante enraizada entre os imigrantes, que incluso com o passar do tempo permanece como uma esperança, que entra em contradição com o arraigamento das segundas gerações, dos filhos frente aos pais, também com os ganhos econômicos que se obteve na sociedade de acolhida e a incerteza da volta ao país de origem (Bolzman, 1992, em Páez, et al. 2000). Estas mesmas contradições foram expressas nos relatos dos participantes dos grupos de discussão deste estudo.

Estratégias de adaptação

As ideias relativas às *estratégias de adaptação* constituíram a segunda macrocategoria em ordem de importância depois da *experiência de minoria étnica*. Das quatro orientações de aculturação, a *assimilação* foi a que gerou o maior número de ideias (45%), seguida do *biculturalismo* (33.4%) e, por ultimo, a *separação* (21.6%). Não foram mencionadas ideias sobre a estratégia de *marginalização* ou identidade difusa, que representa a rejeição ou a não identificação com nenhuma das culturas. Muitos estudos quantitativos encontraram resultados similares, sendo dominantes as estratégias de assimilação e bicultural, um pouco menos importante a separação e minoritária a marginal ou difusa (Berry, et al, 2003; Bourhis, et al. 2009), este perfil de preferências consumam dar-se em grupos que não sofrem estigma ou discriminação no contexto multicultural, como pode ser o caso de grande parte do coletivo brasileiro na Espanha, no entanto outros grupos estigmatizados adotam estratégias de separação ou marginalização (como no caso dos turcos na Alemanha, (Piontkowski, et.al. 2000). Estes resultados foram encontrados entre a população de imigrantes no País Vasco, e especificamente para a população brasileira assentada nesta comunidade na esfera privada predomina o biculturalismo e na pública a assimilação (Basabe, et al. 2009); a estratégia de marginalização era minoritária; por sua parte a estratégia de separação era relativamente importante na esfera privada, porém minoritária no âmbito público. Também na Espanha as estratégias gerais biculturais e de assimilação são maioritárias (Zlobina, et al. 2004); assim mesmo nos estudos de Navas, et al. (2004, 2010) com diversos coletivos de imigrantes na Espanha, encontrou-se uma preferência generalizada pela assimilação nos âmbitos periféricos (político, tecnológico e econômico), e nos âmbitos centrais (familiares, nas crenças religiosas e formas de

pensar) uma variação entre a integração e a separação (estes estudos não incluem a população brasileira, sim a africana e a romena).

Uma das questões interessantes que surgiram nos grupos de discussão, foi o uso da linguagem, sendo comum a utilização do “portunhol”, que representa uma manifestação de criatividade cultural e de identidade bicultural ou de uma nova identidade, que não é somente uma mescla entre as identidades de origem e de acolhida, mas sim uma manifestação original, que supõe a criação de um novo tipo de linguagem oral (denominado coloquialmente como “portunhol”). Como indica Benet-Martínez (2002,2005), a identidade bicultural é vista como uma fusão criativa podendo manifestar-se em alguns âmbitos de socialização, com neste caso no uso linguístico. Assim mesmo nos grupos de discussão as identidades refletidas nos relatos não correspondem de forma isolada às duas dimensões básicas de orientação de aculturação, ou seja, a sociedade de acolhida ou a sociedade de origem, porém combinam, estas duas dimensões, de maneira criativa em distintas esferas ou âmbitos de socialização. Deste modo, aparecem por um lado, os tipos puros, já descritos em outros estudos (Berry, et al., 2003) como a *assimilação pública e a separação privada*, *a assimilação pública e privada*, *a separação pública e privada*, e *a bicultural pública e privada* (Navas, et al. 2004). Entretanto, também se descrevem outros tipos mistos mais criativos, como *a assimilação privada e o biculturalismo*, quando assimila o país de acolhida (Espanha), mas mantém vínculos com o país de origem (Brasil). Outro tipo interessante é o que relata um modo *bicultural* em *pautas culturais* e *assimilação* privada e pública, em que as pessoas brasileiras somente mantêm relações de amizade com espanhóis e compartilham os costumes culturais da Espanha e do Brasil com os estes amigos.

Considerando as ideias co-ocorrentes entre as estratégias de adaptação e outras macro categorias, a *assimilação privada* corresponderia a uma motivação coletivista, materialista e familista, respondendo ao desejo de melhorar as condições de vida familiar e as oportunidades para o progresso os filhos. Igualmente, é uma resposta para evitar o isolamento que implica em uma reavaliação e esforço para conseguir contatar com os espanhóis. Por outro lado, a *assimilação pública* pode ser compreendida como uma estratégia defensiva que implica em distanciar-se do estereotipo negativo do brasileiro para evitar a discriminação.

Por outro lado, as estratégias que consistem na assimilação pública e na separação privada estão associadas ao desejo de apoio da sociedade de acolhida. Estas estratégias no âmbito público se representam como dois polos opostos: a assimilação frente à separação, um polo *assimilacionista* que busca o apoio da sociedade de acolhida e se distancia do estereotipo brasileiro e, em outro extremo, a separação que rejeita e reproduz o *estereotipo negativo* outorgado aos brasileiros. Por último, as estratégias biculturais se associam a uma percepção de “boa aceitação” por parte da sociedade de acolhida e da não discriminação.

Experiência de minoria étnica

O discurso dos participantes dos grupos de discussão centrou-se principalmente em torno da experiência no país de acolhida e nas relações intergrupais (nativos e imigrantes), com menor intensidade ao redor das estratégias de aculturação e em ultimo lugar se evidenciaram as ideias relativas aos motivos migratórios e as diferenças culturais. Neste sentido foi revelada através dos relatos a importância que adquire para os imigrantes as formas de afrontar a experiência migratória, a estreita relação que apresenta com a discriminação percebida e os estereótipos com os quais são categorizados pela sociedade de acolhida. Desta maneira, o 69.6% do conjunto total das 267 ideias expressadas trataram sobre a *Experiência de minoria étnica*, onde 15% se referiram aos estereótipos, 43% à discriminação e 42% às formas de afrontar a experiência de minoria.

Estereótipos

Os estereótipos são formas de afirmar a identidade social, justificar e racionalizar as condutas (Turner, 1979), podendo em ocasiões serem verdadeiros e refletir uma imagem acertada, em outras apresentarem um núcleo de verdade ou ainda inferir uma visão errônea da realidade, porém, são ideias sempre compartilhadas por um significativo numero de pessoas. Autores como Triandis (1982), indicam duas dimensões de estereótipos, o *auto estereótipo* e o *hetero estereotipo*; em geral, o *auto estereótipo* inclina-se a ser positivo no sentido de que os coletivos se auto atribuem aspectos e adjetivos que geram imagens favoráveis sobre si mesmos, enquanto o *hetero estereótipo*, ou seja, as crenças outorgadas a outros coletivos costumam conter aspectos mais negativos ou menos favoráveis. Outros autores como Gómez, Huici e Morales (2004) advertem sobre a importância dos *meta estereótipos*, que são as crenças que um determinado grupo compartilha sobre como acredita que é percebido pelo outro grupo, dito de outra forma, como o endogrupo acredita que é percebido pelo exogrupo. Nesse sentido, os participantes dos grupos de discussão, fizeram referencia ao *meta estereótipo* e ao *prejuízo percebido* (a imagem que os brasileiros percebem que os espanhóis têm sobre eles), deixando a margem qualquer forma de *auto estereótipo*. Deste modo, os relatos reportaram um conjunto de atributos e imagens que os imigrantes brasileiros percebiam que os meios de comunicação transmitiam e que os autóctones conservavam em relação a eles. Estes *meta estereótipos* foram classificadas em seis tipos, que englobam características tanto negativas como positivas: (1) *ameaça realista*, percepção de ameaças que os autóctones creem que os brasileiros representam para eles, com ideias sobre os imigrantes “tirar o trabalho, aproveitar-se das ajudas sociais, da educação e do serviço sanitário”, assim como que são “pobres e cometem delitos”; (2) *ameaça simbólica*, percepção de que a presença dos brasileiros e uma possível mistura étnica e cultural

pode provocar a destruição da cultura nativa, foram expressas poucas ideias nesta categoria; (3) *rasgos negativos* que os autóctones atribuem aos brasileiros como “vagabundos”, “preguiçosos”, “que gostam de festejar” e “que não têm responsabilidade”; (4) *expressividade frente à instrumentalidade*, os nativos consideram e descrevem o Brasil como um país “país do carnaval, das mulatas, do samba e das favelas”; (5) *Sexismo*, os autóctones atribuem características pejorativas, com conotações sexistas, por uma lado as mulheres brasileiras com companheiro nativo expressaram ter sofrido hostilidade e rejeição por parte das mulheres espanholas e de suas famílias, e por outro lado as mulheres solteiras declaram ter sido vítimas de assédio sexual; (6) *características positivas*, as qualidades positivas que imigrantes destacam que acreditam que nativos percebem em relação a eles, como por exemplo, de que “são mais trabalhadores” que os espanhóis ou de que são honrados e dignos de admiração.

Discriminação

Referente às formas de discriminação que foram mais citadas nos grupos de discussão, em primeiro lugar destaca-se a não percepção de discriminação, com 30% das ideias codificadas nesta categoria, e em muitos casos unida com a sensação de bom acolhimento por parte dos espanhóis. Em relação às experiências de discriminação com uma conotação mais negativa, os contatos sociais formais (instituições, serviços e comércio) com 21% das ideias representam a esfera onde mais prejuízo foi percebido; também importantes são os constrangimentos derivados do fenótipo (16%) que foram expressos pelas pessoas mulatas; as experiências em relação a contato com família, vizinhos e amigos (8.6%) foram mencionadas na mesma frequência que as experiências relacionadas com o trabalho, no entanto as questões relativas ao idioma assim como as situações de violência marcados por denúncias, assédio sexual, roubo e a forma de vestir (em torno de 5% respectivamente) adquiriram pouca importância.

Não foram mencionados outros tipos de discriminação como os relacionadas com a vivenda e com a impossibilidade de mudança ou mobilidade pela situação legal. Nas próprias características dos participantes dos grupos de discussão pode estar a explicação das razões pelas quais estas dificuldades não terem sido mencionadas, tendo em vista de que se tratavam de pessoas que em sua maioria estavam com a legalidade documental.

Formas de afrontamento da experiência de minoria étnica

Considerando a tipologia da forma de afrontamento, foram mais frequentes as respostas do tipo *individual* que as do tipo *coletivo*, mesmo assim predominaram-se as

formas *cognitivas* em comparação com as de *condutuais*. Por ordem de importância, as formas que prevaleceram foram a *recategorização subordinada*, a *diferenciação Eu/nós*, a *comparação social vantajosa intragrupo e intrapessoal*, a *regulação e o controle emocional*, a *atribuição da casualidade e responsabilidade ao prejuízo grupal e a mobilidade individual*.

Uma serie de formas de afrontamento, que haviam sido descritas em estudos prévios, nos quais se aplicaram instrumentos fechados (Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Bobowik, et al. 2014; Mummendey, et al. 1999; Skinner, et al. 2003), não se expressaram espontaneamente nos grupos, pelo que se conclui que não são relevantes para as pessoas participantes. Entre elas estão às formas *individuais condutuais* como a *distração* (p.e., "(...) agora desfruto mais que antes das coisas, acontecimentos e experiências diárias, busco distrair-me com elas (...)"); formas *individuais cognitivas* como o *desenganche psicológico* ou a *individualização* (p.e., não identificar-se com nenhum grupo); e a *recategorização supra ordenada* (p.e. sentir-se *cidadão do mundo*); formas *coletivas cognitivas* como a *criatividade cognitiva* (novo grupo de comparação - comparação social vantajosa entre grupos) (p.e., "(...) a cultura do meu país é mais interessante que a dos outros imigrantes."), e a *deprivação relativa sócio centrada* (p.e., "(...) as pessoas imigrantes ganham menos dinheiro e tem menos possibilidades de melhorar do que realmente merecem (...)"), formas *coletivas condutuais* como a *oposição ou a participação social* (p.e., *participar em associações que favorecem os imigrantes*).

A comparação entre os resultados qualitativos das narrações e os quantitativos (obtidos mediante questionários e escalas, Basabe & Bobowik, 2010, 2011) indica que nos grupos de discussão foi destacada a necessidade de *diferenciação do Eu*, resposta individual, onde o próprio imigrante se distancia da categoria de "imigrante", do estigma ou da identidade social negativa, no entanto, no estudo por questionário com população imigrante de distintas origens, predominaram as respostas coletivas de defesa da identidade social. É provável que as diferenças possam ser devidas a que o formato livre dos grupos de discussão favoreça a necessidade de distinção, e por isso se destaquem os relatos relativos à diferenciação do Eu. Uma das limitações na comparação entre ambos os estudos é a composição das amostras, já que a pesquisa realizada com os diversos coletivos de imigrantes, embora tenha contado com grupos latinos, como colombianos e bolivianos, não contou com a presença de uma mostra de origem brasileira.

As estratégias de *mobilidade individual* e a *coletiva de atribuição ao prejuízo* são importantes em ambos os estudos. Assim mesmo, as *formas de evitação* (distanciar e ocultar a origem étnica) e a *interiorização do prejuízo* têm uma presença media segundo ambos os métodos. Algumas respostas que foram destacadas por meio do uso de questionários como a *desidentificação* e a *recategorização* não foram mencionadas nos grupos (como se aprecia também nos resultados referentes às estratégias de aculturação adotadas pelos brasileiros, as respostas marginais ou falta

de identificação grupal não se mencionam) da mesma forma que outras formas como a comparação social vantajosa geralmente do tipo cognitivo, que foi descrita como uma forma de defesa da identidade social (Bobowik Basabe & Páez, 2014; Miller & Kaiser, 2001).

Redes de ideias relativas às formas de afrontamento

De acordo com a hipótese cinco a análise das relações entre as categorias das ideias mostrou-se que:

Formas de afrontamento individual condutual (24.4%). As condutas individuais são realizadas para integrar ou minimizar as distancias em relação ao grupo maioritário (ou receptor) e para afrontar as situações adversas da imigração, assim alguns dos participantes expressam a “sorte de ter a pele branca” e assim poder distanciar-se do estigma que representa pertencer à raça negra, outros evitam o contato com os nativos enquanto que outros se assimilam nas formas externas “vestindo-se como os espanhóis” para receber seu apoio. Pode-se observar que estas respostas individuais buscam o distanciamento do estigma mediante a evitação ou a assimilação camaleônica, assumindo a aparência externa dos espanhóis.

Formas de afrontamento individual cognitiva (55%). Estas crenças assumem que conforme o individuo for se diferenciando do endogrupo melhor seu status e melhor posicionado estará no exogrupo. É uma sorte de assimilação e de mobilidade ascendente. Enquanto alguns preferem adotar estratégias para diferenciar-se das demais pessoas e para escapar do estigma negativo do endogrupo; outros preferem mudar a percepção que tinham de uma realidade que o movia a uma auto discriminação ou ao isolamento, ou bem optam por “compreender a realidade e aceitar para poder reinterpretá-la e fazer frente à nova situação, outros preferem controlar suas emoções frente às situações imutáveis como o fenótipo. Também cabe a comparação temporal ressaltando os logros que se alcançou na sociedade receptora e que considera que seria praticamente impossível alcançar em seu país de origem. Por último, outro participante relatava um sentimento de culpa pelas condições econômicas precárias no início da própria experiência migratória e uma sensação de *separação e vergonha* que a situação lhe provocava.

Formas de afrontamento coletivas cognitivas (15.4%). Neste agrupamento as estratégias de afrontamento coletivas baseiam-se nas mudanças *cognitivas* que podem ter como alvo comparativo *exogrupo* ou bem o *endogrupo*. Alguns optam pela comparação social vantajosa, *considerando o endogrupo como mais capaz* que o grupo *dominante da sociedade receptora, ou que está dotado de características mais atrativas e de valor desconhecido pelo exogrupo*. Assim mesmo outras narrações

atribuem que a “má imagem” e os acontecimentos negativos que acometem o endogrupo são de responsabilidade do exogrupo. Entretanto outros participantes se distanciam da “má imagem e das opiniões negativas” da sociedade de acolhida em relação ao endogrupo admitindo um núcleo de verdade no estereotipo negativo.

Formas de afrontamento coletivas condutuais (5%). Comportamentos coletivos como *instrumentos de mudanças sociais*. Responsabilizam-se as imagens difundidas pelos meios de comunicação, que fomentam o lado “escuro” da imigração, pelo estigma e baixo status que a sociedade de acolhida atribui ao endogrupo, e se enfatiza a necessidade de conscientizar e não reforçar as condutas estigmatizadas como instrumentos para a igualdade. Também se reivindica a *igualdade de oportunidades* (“as oportunidades estão para todos”).

Formas de afrontamento do estigma e discriminação

Analisaram-se as sete formas de afrontamento dominantes no discurso dos participantes e sua associação com outras crenças relacionadas com a identidade endogrupal (ideias co-ocorrentes). Estas sete formas que apresentaram o maior número de ideias foram: (Individuais) mobilidade individual (MI), diferenciação Eu/nós (YO/NO), comparação social vantajosa (CV), regulação e controle emocional (RE); (Coletivas) prejuízo grupal (PG), mobilização social (MS) e competição realista (CR).

Mobilidade individual (MI): A estratégia de MI com o tempo ajuda superar o estigma: se associa com evitar ou distanciar o meta estereótipo negativo, com a internalização da culpa-vergonha, com o medo ao prejuízo e a ser excluído. Outra segunda resposta relacionada com o MI é a reinterpretação ou reavaliação positiva da situação. Em outros casos as experiências de discriminação nos negócios pelo idioma e pelo sexismo provocam respostas de defesa (“fazer-se respeitar”) no âmbito de trabalho, buscando a promoção pessoal e familiar. Por outra parte, a MI está vinculada com colocar distancia entre o Eu e o grupo, com a não percepção pessoal de discriminação e com a possibilidade de não ser afetado pelo prejuízo grupal, na medida em que se assume que “as oportunidades são iguais para todos”. Esta resposta poderia assemelhar-se a associação encontrada no estudo quantitativo de Bobowik, et al. (2014) que associava a MI com a estratégia de Competição social, que luta coletivamente pela igualdade das oportunidades dos imigrantes. Em outros relatos a MI admite as diferenças de status a favor do grupo dominante (os espanhóis/nativos) e creem na possibilidade de ascensão no trabalho por mérito pessoal, para tanto, é necessário regular as emoções. Em conjunto, a MI se associa com a discriminação reinterpretando a experiência, distanciando-se do prejuízo, e assumindo “a igualdade de oportunidades”.

Diferenciação eu/nós (EU-NO): Estratégia individual de diferenciação do estigma, da identidade negativa e do meta estereótipo negativo, que se associa com outras formas cognitivas próximas como a *desidentificação*, as *experiências de discriminação no trabalho*, os *contatos formais e informais*, e as *características distintivas* (fenótipo e vestimenta). Manifesta-se na diferenciação entre a *não percepção de discriminação pessoal* (Eu) e a *percepção de discriminação grupal* (nós), assim como se associa com a forma *coletiva de atribuição ao prejuízo grupal* na qual a pessoa alvo se exclui e é excluída da categoria negativa dos “brasileiros”.

Uma das constantes encontradas em relação à percepção da discriminação é a diferença entre a percepção pessoal e a grupal. Como explicaram Molero, et al. (2013) a discrepância entre a discriminação pessoal e grupal pode explicar-se por um efeito motivacional segundo o qual as pessoas tendem a minimizar ou negar as experiências de discriminação para defender e manter uma imagem positiva de si mesmo e manter a sensação de controle pessoal, e cabe também razões cognitivas, devido a riscos no processamento da informação que podem ser inconscientes, como por exemplo, a maior acessibilidade dos episódios de discriminação que afetam aos grupos. Esta diferença também pode ler-se como um risco positivista, pelo que as pessoas tendem a minimizar a possibilidade de que possam ocorrer fatos negativos a eles em comparação com os seus iguais, no caso de que a pessoa tenha um estado de ânimo ou uma balança de afetos positiva (Páez, et al. 2003). Assim mesmo os processos de interpretação das experiências ambíguas estas podem atribuir-se a prejuízo grupal ou a própria pessoa dependendo da força da identidade étnica; esta diferença é muito importante porque se a experiência de discriminação pessoal se associa à baixa-estima e a outros índices de mal-estar e enfermidades, por sua parte a discriminação pessoal se associa a autoestima coletiva e às vezes também a autoestima pessoal (Blanz, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, et al. 2009).

Quando o próprio imigrante considera que é mais bem tratado do que a maioria dos seus compatriotas, pode interpretar-se como uma maneira de defender a autoestima e a própria imagem. O estudo por meio de questionário e referente à população latino americana residente no País Vasco verificou que a experiência pessoal era mais bem valorizada que a coletiva, assim percebia-se que a própria pessoa era tratada com mais amabilidade que o conjunto de seus patrícios (76% quando se referia ao trato pessoal e 63% ao coletivo de imigrantes do próprio país) (Aierdi, et al. 2007).

Nos grupos de discussão se expressaram ideias congruentes com o fenômeno da discrepância entre discriminação pessoal e grupal, de modo que os participantes expressaram que mesmo que eles não tivessem se sentido pessoalmente discriminados percebiam que a discriminação, o prejuízo e os estereótipos negativos se manifestavam nas imagens que transmitiam os meios de comunicação (estereótipos), e no prejuízo que percebiam nos nativos.

Comparação social vantajosa intragrupos (CSV). Associa-se a outras formas cognitivas individuais, como a *diferenciação Eu/Nós* e com as *mudanças de expectativas*. Deste modo a pessoa se diferencia dos grupos minoritários e de seu próprio grupo afirmando e reforçando o valor socioeconômico que o participante (EU) representa para a sociedade de acolhida. Por outro lado realiza-se *uma comparação temporal* na qual se manifesta que as expectativas mudaram no país de acolhida com relação às expectativas que tinham no Brasil, uma vez passada a primeira época de sacrifício econômico no momento de assentamento, a situação econômica melhora, e mudam as prioridades e os gostos do casal. Assim mesmo, a comparação social vantajosa implica em uma maneira de *distanciar-se do meta estereótipo negativo* e não sentir-se afetado (p.e., “trabalha e por isso não necessita de ajudas sociais como os outros necessitam”), ou bem porque se afirma que os brasileiros são “mais trabalhadores” do que os espanhóis. Também é uma forma de responder perante a *discriminação laboral*, destacando que em alguns casos a situação do imigrante “é melhor porque ocupa um cargo de responsabilidade na empresa, inclusive melhor do que outros espanhóis”. Essas comparações vantajosas fazem ênfase na contribuição dos imigrantes para com a sociedade de acolhida, o que é coerente com os resultados do estudo quantitativo (Bobowik, et al. 2014) que demonstrava que as comparações intragrupo temporais se associavam positivamente tanto com o bem estar psicológico como com o bem estar social.

Regulação e controle emocional (RE): A regulação emocional se aplica ante as situações de discriminação e associa-se a outras respostas de tipo individual e cognitivas. *As mudanças de expectativas* provocam a necessidade de *regular as emoções*, no principio a pessoa sente uma forte *discriminação* por descender socialmente (ocupando postos de trabalhos duros “na construção” inferiores a sua formação) porem com o tempo esses sentimentos negativos desaparecem porque percebe que na sociedade de acolhida as barreiras sociais são permeáveis (os espaços sociais são percebidos como espaços interclassistas, o que contrasta com as grandes diferenças sociais existentes na sociedade brasileira). A *mobilidade individual (MI)* se associa também a *regularização emocional*, admitindo as diferenças de status e compartilhando a crença na possibilidade de crescer no âmbito laboral (ver também acima sobre a MI). Ao chegar ao país receptor existe a necessidade de *regular os estados emocionais* (regularização emocional) e os *sentimentos de culpa e vergonha* por ser imigrante (internalização) e pela percepção e medo da *discriminação nos contatos sociais informais* que provocam *respostas de evitação*. Outra resposta ante a discriminação *fenotípica e a violência*, consiste em evitar o contato, regular as emoções, reinterpretar e aceitar a existência da discriminação. Por último, também a regularização emocional se associa com a resposta *coletiva* de atribuição ao *prejuízo grupal*. Portanto, a *regulação das emoções é necessária tanto nas formas cognitivas de mudança de expectativas, de afrontar a discriminação, evitá-la e reinterpretá-la, ante a mobilidade individual (MI), ante a internalização do estigma, e frente às resposta*

coletivas de atribuição ao prejuízo grupal. Neste estudo destaca-se a importância de manejar as emoções negativas desencadeadas pelas experiências de discriminação e do stress que ocorre tanto nas respostas individuais de MI como nas coletivas de atribuição ao prejuízo. Neste mesmo sentido o estudo quantitativo (Bobowik, et al. 2014) mostrou que tanto a MI com as formas coletivas se desenvolvem quanto existe uma percepção de que a situação de minoria é desvantajosa e de que não é possível a integração social e o desenvolvimento pessoal.

A atribuição da responsabilidade ao prejuízo grupal (PG), a estratégia coletiva de atribuição do prejuízo é oposta a estratégia individual de mobilidade (associada a não percepção de discriminação) e descarta a explicação das diferenças intergrupais pelo prejuízo. Também se viu anteriormente que a diferenciação eu/nós, distancia do Eu a experiência de discriminação e a explicação grupal (atribuição ao prejuízo grupal). Pelo que se confirma que as respostas individuais separam-se das coletivas. Em relação às formas coletivas, foi mencionado anteriormente (mais em cima) que as experiências de discriminação (fenótipo) são explicadas pelo prejuízo grupal e supõe-se que a pessoa tem que regular suas emoções negativas. Assim mesmo a atribuição ao prejuízo grupal se associa a uma não aceitação do estigma e do meta estereótipo negativo em alguns casos vinculados também a estratégia de criatividade cognitiva, destacando novas dimensões de comparação social: Reivindicam a interculturalidade e afirmam que existem excelentes profissionais brasileiros que colaboram com o desenvolvimento tecnológico da sociedade de acolhida.

Mobilização social (MS) e Competição realista (CR). As estratégias coletivas de *Competição e mobilização Social* se associam entre si. Uma consciência de *discriminação endogrupal*, mas não de *discriminação pessoal*, que se opõe a imagem negativa transmitida pelos meios de comunicação, e que afirma a necessidade de *mobilidade coletiva* para defender a auto estima coletiva. Ante a *discriminação* e o *prejuízo fenotípico nos contatos formais e lugares públicos, são geradas emoções negativas (“raiva”)* e se adota a *competição social*, reclamando um *“tratamento equivalente”* e a defesa dos direitos (p.e., conquistar e conservar a igualdade de oportunidades).



C

oncluisones: discusión general
onclusões: discussão geral



CONCLUSIONES: DISCUSIÓN GENERAL

La *adaptación sociocultural* se entiende como un proceso de aprendizaje social y se refiere a las habilidades sociales, capacidad de “integrarse bien” o de manejar diferentes aspectos de la cultura de acogida (Ward & Kennedy, 1993). Se evalúa a través de las dificultades de interacción social experimentadas en la nueva sociedad y se asocia positivamente al tiempo de residencia, a una buena capacidad lingüística, a las estrategias de aculturación, a un alto contacto con los autóctonos, a una menor distancia cultural, como también a mayor conocimiento cultural (Basabe, et al. 2004, 2009; Zlobina, et al. 2006; Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1993, 1999; Ward & Searle, 1991).

Esta tesis buscaba explorar las fuentes de choque cultural y las dificultades de adaptación en las esferas sociales y culturales que afectan a personas inmigrantes, que principalmente se mueven por motivos laborales. El grupo diana estuvo formado por los inmigrantes brasileños, para ello se comenzó con un primer estudio, con una muestra de inmigrantes brasileños que se establecieron en el País Vasco a finales del siglo XX y la primera década del siglo XXI y en comparación con otros grupos de inmigrantes de distintas procedencias. Se prosiguió con un segundo estudio de 2009, con inmigrantes brasileños, en el que se aplicaba una escala para medir específicamente las dificultades socioculturales de adaptación y el choque cultural, proponiendo dos dimensiones básicas que aglutinan las distintas formas de choque. Para analizar los cambios aculturativos desde un nuevo punto de vista, se eligieron dos grupos en situaciones equiparables, se seleccionó a un grupo de personas vascas que emigraron a Brasil y un grupo equivalente (socio-demográficamente) de brasileños en el País Vasco, esto posibilitó una visión en espejo del proceso de aculturación, y permitió constatar las semejanzas y también las diferencias que surgen en función del estatus del grupo dentro de la sociedad mayoritaria (brasileña o vasca).

Con el interés de explorar de manera más exhaustiva y comprensiva las visiones de los inmigrantes sobre el choque cultural y la adaptación al nuevo entorno se propuso un estudio cualitativo con grupos de discusión en los que participaron personas brasileñas instaladas en el País Vasco, y con el fin de añadir rigurosidad al análisis de los discursos de los participantes se establecieron las ideas y categorías que estructuraban los discursos expresados en los grupos, y las redes de relaciones entre las ideas sugeridas que mostraban las distintas facetas

del choque cultural, las estrategias de aculturación y las formas de afrontar las nuevas identidades surgidas en la adaptación al nuevo contexto cultural.

En estas conclusiones se recogen los resultados más relevantes de estos estudios, haciendo especial hincapié en la triangulación entre los resultados de los estudios cuantitativos, correlacionales y longitudinales, con los resultados cualitativos rescatados de los grupos de discusión.

Diferencias culturales y choque cultural

Los resultados derivados tanto de los estudios cuantitativos (1, 2 y 3) como del cualitativo (4) han revelado que la percepción de diferencias culturales es una fuente de choque cultural en los primeros estadios de la instalación en la sociedad receptora, disminuyendo su importancia a medida que crece la adaptación al nuevo medio (con posterioridad al primer año de estancia como mostraron los resultados del estudio 2 y 3). Dicho resultado se corroboró en los dos grupos de inmigrantes estudiados, los brasileños y los vascos (estudio 3). La contribución relativa de las dificultades socioculturales en comparación con otros factores ha revelado, como ya mostraron estudios previos (Ataca y Berry, 2002; Basabe & Bobowik, 2013; Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2006), que los elementos vinculados a la experiencia de minoría étnica, la percepción de discriminación o el estatus grupal, afectan con más fuerza a la adaptación psicosocial. Así en los grupos de discusión la mayor parte de las ideas, el 70% corresponden a la experiencia de minoría étnica frente al 2.6% que hacen referencia a la percepción de diferencias culturales.

También es importante resaltar que la experiencia de minoría étnica y de discriminación es mayor a más distancia cultural (Campos, et al. 2003; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta 2006; Zlobina, et al. 2004, 2006). En este sentido el estudio 1 indicaba que la distancia cultural entre los países de origen y de acogida, medida por los índices medios de valores por países (índice contextual), afectaba la adaptación, siendo más costosa para las personas procedentes de contextos culturales muy divergentes con el de la sociedad de acogida porque se asociaba a menor identificación con el país receptor (País Vasco), mayor percepción de discriminación y más dificultades de adaptación. En el caso que nos ocupa, el grupo de brasileños mostraba menos dificultades de adaptación sociocultural que otros inmigrantes (africanos o incluso latinoamericanos). También, y como se verá más abajo, una de las cuestiones más destacada y saliente en los grupos de discusión hacía referencia a la experiencia de minoría étnica (estudio 4).

A pesar de ello, hay que resaltar la importancia de las dificultades socioculturales en el ajuste psicosocial, así los resultados cuantitativos (estudio 2) revelaban que *las dificultades socioculturales se asociaban a las socio-económicas*, a menos ajuste psicológico (índices de bienestar hedónico) y menor dominio o control sobre la propia vida. Por lo tanto, existe un lazo entre las dificultades de adaptación sociocultural y el bienestar social, entendido como las dificultades socio-económicas. Ambos tipos de dificultades estaban asociadas demostrando que la integración a nivel sociocultural no es necesariamente independiente del estatus socio-económico del inmigrante, siendo estos resultados coherentes con los de

estudios previos sobre inmigrantes en el País Vasco y España. En el estudio de Basabe, et al. (2004) el estatus de inmigrante funcionaba como uno de los predictores de las dificultades socioculturales, es decir, problemas con la obtención de los permisos de residencia y trabajo en España implicaban más problemas a nivel sociocultural. Además, la relación entre dificultades socioculturales y socio-económicas era en este estudio más fuerte en el caso de la dimensión de aprendizaje cultural y comunicación, que en la segunda dimensión, indicando que los inmigrantes brasileños con un estatus mejor y más estable son más aceptados por la sociedad de acogida y, en consecuencia, encuentran mayor facilidad para comunicarse y hacer amigos autóctonos.

Una de las explicaciones de que los brasileños instalados en España hayan reportado menos dificultades que otros colectivos de inmigrantes puede atribuirse a que la distancia cultural entre España y Brasil es menor comparada con la distancia respecto a otros países, africanos e incluso latinoamericanos, si se toma como criterio por ejemplo los índices culturales de Hofstede (2001). Esta relativa poca distancia cultural entre España y Brasil podría explicar también que la percepción de diferencias culturales haya estado poco presente en el discurso de los inmigrantes brasileños en este estudio (con un 2.6% de las ideas de las narraciones de los grupos clasificadas en dicha categoría).

Los discursos de los grupos también recogieron otros elementos que reflejaban la preferencia por España como destino de la inmigración brasileña, como fueron las motivaciones culturales (atracción cultural de Europa, contacto cultural previo con España, proximidad cultural e idiomática entre los dos países), las representaciones sociales positivas de España (percepciones sobre la mayor receptividad y hospitalidad de la sociedad española en comparación con otros países), y las mayores facilidades en la entrada en España en comparación con otros países tradicionales de inmigración, como los Estados Unidos que exigen visado a los ciudadanos brasileños (Masanet, 2012), estas ventajas han sido señaladas también por otros estudios (Santiago & Zubieta, 2006). Igualmente otros estudios han destacado que esta similitud percibida entre los dos países se asociaba con una expectativa positiva por la que se esperaba una mayor facilidad en la adaptación al nuevo contexto (Masanet & Baeninger, 2010). Como reportaba el estudio de Masanet (2009, p. 354) se perciben semejanzas culturales entre ambos países, compartiendo la idea de una sociedad relajada, que valora la fiesta, la diversión, y la alegría, y una actitud más abierta que otros extranjeros europeos.

Dimensiones de la SCAS y efectos del tiempo de estancia

El estudio 2 encontró dos dimensiones dentro del constructo de adaptación sociocultural, en la línea de la propuesta de Ward y Kennedy, 1999. La primera dimensión *Aprendizaje Cultural y Comunicación* se relaciona con la cognición, en términos de aprendizaje cultural, y de la comunicación, y puede ser considerado semejante al concepto propuesto por Moghaddam, et al. (1993) del *aprendizaje cultural*, que abarca la adquisición de las habilidades sociales para manejarse en la nueva cultura y la realización de conductas para establecer buenas relaciones con las personas de la cultura de acogida, en este sentido sería

similar a la de *empatía cultural y relacionalidad* encontrada por Ward y Kennedy (1993). Por otro lado, la segunda dimensión “Manejo de la Distancia Social”, es de carácter conductual y se asocia al manejo de la distancia social o de las situaciones “especiales” y desagradables, se refiere a aspectos tales como conocer a personas desconocidas y de otro sexo, tratar con personas que miran fijamente o relacionarse con personas de mayor estatus. Correspondería al factor conductual “Esfuerzos y Riesgos Impersonales” propuesto por Ward y Kennedy (1999), vinculado a las situaciones impersonales relacionadas la distancia jerárquica (tratar con la burocracia o la autoridad) y manejarse en situaciones desagradables con otros.

Las dos dimensiones que aglutinan los tipos de dificultades de adaptación (SCAS) son:

(F1) *Relaciones interpersonales y de la comunicación*: a) Aprendizaje cultural o choque cultural (acostumbrarse al ritmo de vida, a la comida, al clima, comprender el punto de vista de la cultura local, practicar sus creencias religiosas, vivir lejos de la familia); b) Comunicación (hacerse entender, tratar con la burocracia, ir de compras, entender las bromas, entender el acento local, hacer amigos, ir al médico).

(F2) *Manejo de la distancia social*: Relaciones jerárquicas o de distancia interpersonal (tratar con personas de mayor estatus, relacionarse con personas de otro sexo, tratar con los que miran fijamente, ser entrevistado, tratar con alguien desagradable, conocer a personas desconocidas).

Tanto en el estudio 2 como en el 3, al inicio de la experiencia migratoria (en el primer año) las dificultades son altas en casi todas las esferas, predominando las relativas a la dimensión de manejo de las *Relaciones interpersonales*. Posteriormente, con el paso del tiempo, el choque disminuye, y adquieren más importancia la dimensión de *Manejo de la distancia social*, y esto ha resultado ser más importante para el grupo de los vascos que para los brasileños (estudio 3). Matizando más, durante el primer año aquéllos aspectos en los se manifestaron mayores dificultades fueron los siguientes: captar el sentido del humor, añoranza de la familia, comprensión del idioma, tratar con la burocracia, comprender la cultura local, hacerse entender, la comida, afrontar el clima, hacer amigos nativos, ser entrevistado por alguien, conocer nuevas personas y tratar con alguien desagradable. Sin embargo, otras cuestiones tuvieron menos importancia (como las siguientes: acudir al médico, tratar con personas que miran fijamente, ir de compras, relacionarse con personas de otro sexo, de mayor estatus y edad, y acudir a lugares de culto religioso). Por lo tanto, con el tiempo se produce una adaptación al nuevo medio como también mostraron estudios precedentes (Basabe, et al. 2009; LaFromboise, et al. 1993; Ward, et al. 1998; Ward & Kennedy, 1999). Asimismo la adaptación es variable dependiendo del tipo de grupo migrante, como reporto el estudio 3, para ambos colectivos vivir lejos de su familia representa una dificultad destacada, que va disminuyendo poco a poco conforme pasa el tiempo, como también sucede con otros aspectos como son ir de compras, y acostumbrarse al ritmo de vida. A pesar de que el dominio lingüístico se acrecienta con el tiempo de estancia, los brasileños presentan más dificultades que los vascos para hacerse entender y comprender por los nativos, captar su sentido del humor o sus puntos de vista

Fuentes de choque cultural: contraste datos cuantitativos y cualitativos

En el estudio 4 se contemplaron diez categorías de análisis en función de las dimensiones culturales de Hofstede (2001) y otras facetas destacadas por los estudios sobre choque cultural (Trompenaars, 1994; Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2004). Los relatos de los grupos hacían referencia a las diferencias culturales en individualismo y colectivismo, la evitación a la incertidumbre y a la orientación a corto y largo plazo, en cuanto que la distancia Jerárquica, Masculinidad y Femenidad, estilo comunicativo, planificación del tiempo y ritmo de vida, separación entre las esferas públicas o privadas, distancia física y o emocional en los encuentros sociales y el ambiente, el clima o la ecología no fueron apenas mencionados.

Sin embargo, en los resultados cuantitativos con la escala SCAS (estudio 3), el Manejo de la distancia social relacionada con los valores jerárquicos y la distancia social era una dimensión que surgía cuando se ponía en contraposición la experiencia de los vascos en Brasil y los brasileños en el País Vasco, de manera que eran precisamente los vascos de Brasil quienes manifestaban dificultades en el trato con la burocracia, y en el Manejo de la distancia social, con personas de diferente estatus y en especial con los mayores. Respecto a la dimensión femineidad e individualismo cultural, hay que destacar que algunas de las ideas que fueron clasificadas dentro la categoría de estereotipos se relacionan con la percepción de una mayor expresividad emocional atribuida a los brasileños. También los estereotipos sobre los brasileños destacan estas diferencias como mostraron las ideas surgidas en los grupos de discusión sobre la percepción de los estereotipos de los brasileños

Las diferencias percibidas pueden ser explicadas por los estilos comunicativos de los dos países en cuestión. Comparativamente el País Vasco y España presentan una cultura más individualista (Hofstede, 2001), que se caracteriza por un estilo más explícito y directo, en el cual los puntos de vista son manifestados de forma clara y directa. Por su parte, en Brasil sería más común un estilo más implícito e indirecto, en el que la mayor parte de la información está en el contexto y no en la palabra, y donde las personas, que comparten un fuerte familismo cultural, intentan evitar la confrontación y los desacuerdos (Gudykunst, Yoon, & Nishida, 1987; Hall & Hall, 1990; Trompenaars, 1994). Por su parte los vascos han destacado las dificultades en las relaciones en función de la edad (con las personas mayores) y el otro sexo. Estas diferencias puede tener por una parte su origen en la mayor jerarquía y trato deferente para los mayores en la cultura brasileña, mientras que la mayor expresividad emocional de la cultura brasileña puede chocar con un estilo más controlado de las emociones y una segregación de género en las actividades de ocio en el País Vasco (Basabe, et al. 2004; Hofstede, 2001; Goicoechea, 1984; Páez, et al. 2003).

Hay otros aspectos del manejo de las distancias sociales que pueden relacionarse no sólo con el estilo de comunicación sino también con la experiencia de discriminación. Así para los brasileños era algo más frecuente la experiencia negativa en el trato con “personas malhumoradas y desagradables”, como también han destacados otros estudios cualitativos con inmigrantes brasileños en España (Masanet, 2009), lo cual puede relacionarse con la mayor percepción de discriminación y las dificultades para “hacer amigos nativos” reportada por los participantes brasileños en comparación con los vascos (estudio 3). Por lo que se

puede deducir, que la integración en la sociedad de acogida parece más resistente para los brasileños que para los vascos participantes de este estudio.

Para los inmigrantes brasileños, en el estudio 2, los problemas del manejo de distancia social se relacionaban sobre todo con las dificultades socio-económicas y con el control percibido, mientras que no se asociaban al bienestar hedónico, ni al apoyo social. Al mismo tiempo, en los inmigrantes brasileños en el País Vasco, se vinculaba la dimensión de manejo de distancia social con el concepto de jerarquía y con los valores de poder y logro (estudio 3), confirmando los hallazgos del estudio precedente (Basabe, et al. 2009), donde los valores jerárquicos de poder y logro se asociaban positivamente al control percibido. De este modo, al enfrentarse a las dificultades relacionadas con la distancia social y el manejo de las jerarquías, los inmigrantes brasileños en el País Vasco llegan a percibir que sus dificultades de adaptación les impediría actuar de manera competente, y en consecuencia, su percepción de control se encontraría amenazada (estudio 2).

Por su parte, el choque por el contraste entre la climatología del País Vasco y Brasil marcaba diferencias importantes entre los grupos migrantes, de manera que para los brasileños constituía una dificultad en especial al inicio del establecimiento en la sociedad de acogida. El sudeste brasileño, donde se encuentra la provincia de São Paulo, origen inmigratoria de la totalidad de los brasileños y destino de los inmigrantes vascos de este estudio, el clima es tropical atlántico, caracterizado por ser caliente y húmedo la mayor parte del tiempo (Schneeberger & Farago, 2003), situación que contrasta con las características climáticas de la provincia de Álava, en la cual predomina el clima mediterráneo continental, con cálidos y secos veranos y fríos y nevados inviernos (Climatología del País Vasco, 2011). Esta respuesta diferente ante el clima ha sido señalada también en estudios previos como el de Ángel (2007) en el que a los inmigrantes extranjeros, procedentes de países colectivistas, les costaba adaptarse al clima y al ritmo de vida más que a los estudiantes, viajeros o trabajadores vascos expatriados. De igual modo en un estudio cualitativo, los brasileños residentes en Alicante y Madrid destacaban las diferencias climáticas que afectaban a su acomodación en España (Masanet, et al. 2012).

Una de las dimensiones que comparten las culturas mediterráneas y latinas, y por extensión de la Colonización, los países latinoamericanos es el alto control de la incertidumbre (Hosftede, 2001), donde Portugal ocupa la 2ª posición, España la 15ª y Brasil se encuentra más alejada con una posición 21ª. Aunque en los grupos de discusión no se mencionaron muchas ideas que pudieran clasificarse en esta dimensión, algunas de ellas eran importantes ya que se asocian con motivaciones para impulsar la emigración, ideas que reflejaban el miedo a la inseguridad social en el país de origen.

Por otro lado, otra de las diferencias culturales destacadas se refiere a la Orientación a corto o largo plazo, los participantes de los grupos de discusión comparten una visión inmediatista en las relaciones interpersonales (que enfatiza disfrutar el presente) y la planificación económica, en comparación con la cultura anfitriona que se percibe como más planificada. Ideas similares fueron destacadas también en estudios previos en España donde distintos grupos de inmigrantes señalaban una mayor planificación de la vida social en los autóctonos (Zlobina, et al. 2004). Estos resultados son congruentes con los índices culturales

que describen a Brasil como una cultura más relajada e indulgente, que valora el presente, el corto plazo, donde la felicidad se logra cultivando los lazos con los próximos, familiares y amigos (Hofstede, et al. 2010). Es interesante también que esta *orientación a corto plazo* se asocie a su vez con la estrategia de *movilidad individual* en la que se acentúa la situación presente y los logros económicos que pueden obtenerse al establecerse en España, esto parece indicar una vinculación entre valores de tipo materialista y orientación a corto plazo.

En estudios previos cualitativos y cuantitativos habían identificado fuentes de choque cultural relacionadas con dimensiones como la planificación del tiempo y el ritmo de vida (González, et al. 2009; Zlobina, et al. 2004). En esta línea, en las discusiones con brasileños (estudio 4) no han surgido de manera espontánea este tipo de ideas en la discusión, por lo que se infiere que no ocupan un lugar destacado en las percepciones de los inmigrantes brasileños entrevistados. No obstante cuando se analizan las diferencias por grupos étnicos, se aprecia que el grupo de brasileños apenas percibía diferencias culturales en planificación de la vida, logro y formalidad en las relaciones en tanto que colectivos procedentes de África y América latina (como Colombia o Ecuador), destacaban estas diferencias. En conjunto y comparativamente con los otros colectivos, los inmigrantes brasileños destacan la menor importancia otorgada a los valores familistas, la menor expresividad emocional, calidez y cercanía en las relaciones interpersonales en España (Zlobina, et al. 2004). Los resultados del estudio 4 también se ajustan a este perfil. Cabe mencionar que cuando se indaga a través de cuestionario, como en el caso de los estudios 2 y 3, se destacan las dificultades para acomodarse al ritmo de vida al comienzo de la experiencia de instalación en el país de acogida (las puntuaciones eran medias), y es posteriormente cuando estos aspectos pierden importancia (estudio 2 y 3).

Colectivismo y Familismo latino

Las diferencias en individualismo y colectivismo, y en especial las referidas a la importancia de la familia, o el familismo latino (Páez, et al. 2003), constituye una de las temas de interés en el estudio de la aculturación en poblaciones latinas (Chun, et al. 2003). La importancia otorgada a las relaciones familiares y la lealtad ante sus miembros es alta en sociedades de América Latina y también africanas (Hofstede, 2001, Páez, et al. 2003). La Encuesta Mundial de Valores refleja a Brasil como un país fuertemente familista, también lo es España pero algo menos comparativamente, así por ejemplo la familia es muy importante para el 93% de los brasileños y el 86% de los españoles (Inglehart, et al. 2004).

En este sentido, uno de los resultados más importantes de esta tesis es la importancia que los valores familistas tienen entre los inmigrantes brasileños. Comparando los resultados cuantitativos (estudios 2 y 3) con los cualitativos (estudio 4) sobre aquellas diferencias culturales percibidas, se infiere que aspectos como la importancia de las vinculaciones familiares y la añoranza familiar han sido recogidos por ambos métodos de estudio, habiendo sido destacadas en la categoría de colectivismo y familismo en los grupos de discusión, y constituyendo la segunda dificultad en importancia de los resultados obtenidos por medio de la escala SCAS. Asimismo se incide en la dificultad de establecer lazos con la sociedad de

acogida (hacer amigos autóctonos), tanto cuando se habla de las estrategias de separación o bien cuando se destacan las experiencias de minoría étnica en los grupos de discusión.

Los estudios sobre valores culturales en las naciones (Hofstede, 2001) han indicado que países como España y Brasil son culturas divergentes siendo España más individualista y Brasil más colectivista y jerárquica. Así, los resultados del estudio 3 sobre valores han indicado que los inmigrantes brasileños presentan un perfil de promoción personal, son más colectivistas que los vascos, son fuertemente familistas, más conformistas con el grupo, mantienen redes familiares de apoyo mutuo y valoran la jerarquía y obediencia. Específicamente, los inmigrantes brasileños veteranos tienen una orientación más colectiva, ya que con el tiempo de estancia en el país de acogida refuerzan la identidad de origen, las prácticas culturales de origen y las tradiciones. En cuanto a los vascos inmigrantes, comparten valores individualistas, de promoción personal y poder, a la vez que son muy tradicionalistas, y poseen una fuerte identidad étnica, de hecho la mayor diferencia en valores entre vascos y brasileños se ha presentado en los valores de *tradición*. En los estudios sobre la emigración hacia América latina se acuñó el término de patriotismo retrospectivo para explicar el apego que se desarrollaba en los inmigrantes de origen vasco, gallego, español o italiano, entre otros, como consecuencia de la nostalgia del país de origen (Zubieta, 2004). Los inmigrantes vascos en América han promovido, a través de la creación de las casa vascas y asociaciones similares, múltiples actividades culturales tradicionales, que como escribían Douglass y Bilbao (1986, pp. 141): "...el amor de los vascongados (por su país) crecía en razón de las distancias de su Patria". En el caso de los vascos, se conjuga su alta identidad étnica y los fuertes sentimientos tradicionalistas, que probablemente son reforzados por la emigración que impulsa los lazos con la cultura de origen (por ejemplo a través de las Casas vascas), y que mistifica un pasado idealizado por la nostalgia.

Los resultados del estudio 3 mostraron que vascos y brasileños comparten valores familistas, ambos grupos valoraban fuertemente la *vinculación familiar* y pasar el tiempo junto a los familiares, sin embargo el grupo brasileño daban un poco más de importancia a la dimensión de *asistencia y apoyo* y se significaba por su mayor acuerdo con una concepción jerárquica de la familia, en la que es importante practicar y enseñar a los descendientes la *obediencia y el respeto en relación a los mayores y ancianos*. También hay que señalar que no se encontraron diferencias en el grado de satisfacción con la familia entre el grupo de inmigrantes vascos y brasileños.

Los resultados del estudio cualitativo (4) han permitido explorar las conexiones entre los valores familistas y los motivos migratorios. De este modo, un facilitador de la migración es la concepción familista y colectivista, como red de obligaciones mutuas, que se asocia a la búsqueda de seguridad en la migración. Las ideas co-ocurrentes (networks), permiten concluir que las diferencias culturales principales destacadas se refieren a la dimensión de *Colectivismo-familismo latino*, que además aparece vinculada a la motivación materialista como impulsora del proyecto migratorio, y al mismo tiempo a la búsqueda de seguridad. Las ideas expresadas en los grupos reflejan los valores materialistas orientados a la promoción familiar, que permita por un lado mejorar la calidad de vida de la familia en el país de acogida, la situación económica y el acceso al trabajo, y al mismo tiempo una inmigración que se

orienta a mantener los lazos con el origen, sustentando a la familia extensa en Brasil. Así, los factores económicos (materialismo) y los facilitadores constituían los principales motivos migratorios, aunque no por ello deben obviarse otras motivaciones expresadas por los participantes como fueron los motivos de *autodesarrollo, el idealismo, la reagrupación familiar y el deseo de retorno*. El análisis de las ideas co-ocurrentes indicaron que los motivos se combinan, de manera que el materialismo se vincula a los motivos de autopromoción y desarrollo personal, lo que demuestra que las motivaciones colectivas e individuales no son excluyentes entre sí, y que asociadas a las motivaciones familistas y colectivistas se buscan también ventajas para el desarrollo personal. Otros estudios también han mostrado que siendo la motivación económica y familiar una de las causas principales de la emigración también hay otros motivos asociados (Zlobina, et al. 2004).

Añoranza: vivir lejos de la familia

Las personas que dejan su cultura de origen para instalarse en una distinta, se encuentran en situaciones desconocidas muchas veces ambiguas, conflictivas y de soledad (Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2004). La añoranza de la familia o el duelo por la separación es una de las respuestas más comunes y sobresalientes entre los inmigrantes y expatriados, la separación de la familia y los seres queridos, en muchas ocasiones supone para estas personas un fuerte sentimiento de soledad y sufrimiento sobre todo cuando se dejan atrás niños pequeños o padres ancianos y enfermos (Achotegui, 2002; Ángel, 2007). En el estudio 3, vivir lejos de la familia ha representado para los dos grupos, especialmente en los comienzos de la experiencia migratoria una dificultad considerable, que va disminuyendo de importancia después del primer año de residencia a lo largo de los años para ambos grupos. Este cambio puede considerarse parte del proceso de adaptación, de manera que el sentimiento de añoranza hacia la familia o a las personas cercanas que se quedaron en el país de origen va disminuyendo conforme el inmigrante adquiere mayor dominio de la cultura de acogida. También en los grupos de discusión ha surgido la idea de la “añoranza de la familia” que se deja atrás en la migración, en este tipo de migración familiar-materialista que mantiene los lazos con el origen, los inmigrantes experimentan la extrañeza con el país y la familia de origen, en especial sentida cuando se visita de nuevo Brasil después de un tiempo fuera.

El mito del retorno y la nostalgia de lo dejado atrás es una idea que suele describirse como una característica del duelo migratorio (Achotegui, 2002). No obstante, esta idea ha sido poco mencionada en los discursos de los grupos. Se ha asociado a la comparación social respecto a la situación en el país de origen, donde ha surgido el deseo, por un lado, de retorno y su imposibilidad, por otro, debido a que los hijos ya se han integrado o asimilado a la sociedad de acogida y no desean retornar. Este hecho es un elemento recurrente en las migraciones en las que el retorno se convierte en un “sueño” no satisfecho (Páez, et al. 2000).

Familismo, aculturación y bienestar subjetivo

De acuerdo al mayor familismo presente en las culturas latinas, se esperaba que la importancia otorgada a las vinculaciones familiares y, en especial la dimensión de “obediencia

y respeto en relación a las personas de más edad”, estuviera más relacionada con las estrategias de aculturación caracterizadas por la separación y la biculturalidad entre los brasileños que entre los vascos (efecto de interacción del grupo y el tipo de estrategia de aculturación) sin embargo no se constató dicha hipótesis. Para la muestra total de vascos y brasileños el familismo, y sus dimensiones no correlacionaron con la medida SCAS. Únicamente resultaron significativas las correlaciones entre valores y SCAS en el *Manejo de la Distancia Social y la jerarquía* en el caso de los vascos, constatándose que un perfil de valores individualista, de apertura y de promoción del Yo se asocia a menores SCAS (universalismo, estimulación, autodirección, hedonismo, logro y poder), y, por el contrario, valores de conservación y colectivistas, como la tradición se asocia a más dificultades en especial en el ámbito de las *Relaciones interpersonales y la comunicación*.

Por otra parte, la relación entre estrategias de aculturación y familismo no mostró un efecto de interacción significativo, únicamente se observó que las estrategias de separación se caracterizan por los valores familistas comparadas con las estrategias biculturales y de asimilación (efectos directos) y tanto para los vascos como para los brasileños, y tampoco se encontraron asociaciones significativas entre el familismo y las dificultades de adaptación socioculturales (SCAS).

En los grupos de discusión (estudio 4) los relatos de los participantes expresaban esta concepción familista de una red de obligaciones y cuidado mutuo, se citaban elementos Idealistas-familista, que prescriben el deber hacia la familia y los amigos, y que se expresa en la ayuda hacia los otros cercanos que continúa en el país de acogida, en España. Las redes de ideas indicaban que este idealismo-familista es una forma de lealtad familiar que normativiza la necesidad *de ayudar* a las personas cercanas como forma de afrontar y superar el estrés de aculturación (las dificultades por el idioma, las situaciones de discriminación, y también asociada a la movilidad individual, de manera que las normas culturales prescriben que las redes familiares deben ser un apoyo para la movilidad social de los inmigrantes en la sociedad de acogida).

De acuerdo a estudios que encontraban que el familismo se asociaba a mayor bienestar subjetivo para un colectivo amplio de inmigrantes (Basabe, et al. 2009); se planteaba que los valores familistas y de promoción del Yo e individualistas iban a jugar un rol importante como protección frente a las experiencias de discriminación, el prejuicio y las SCAS. Sin embargo, no se pudo constatar el papel moderador del familismo para el ajuste psicológico, mientras que los valores apertura a la experiencia, en especial la motivación de estimulación, tuvieron un rol importante. Así, las personas con alta motivación de estimulación presentaban menos SCAS totales, menos dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía y menores en el ámbito de las relaciones interpersonales y la comunicación. También se pudo apreciar que cuando la estimulación era alta, las personas parecen estar protegidas del efecto pernicioso de stress de aculturación, dado que es en este grupo donde una actitud positiva por parte de los autóctonos se asociaba a menores dificultades en el Manejo de la Distancia Social y la jerarquía, y no sucedía lo mismo en las personas que puntuaban bajo en estimulación.

Por otra parte, a pesar de que las narraciones de los grupos de discusión enfatizan el rol protector de la red de cuidado mutuo del familismo, el estudio cuantitativo no ha constatado dicha hipótesis. Tampoco se encontró que valores que pueden considerarse relativamente opuestos, como los valores individualistas de apertura y de promoción del yo afectaran la relación entre SCAS y bienestar subjetivo (medido por la balanza de afectos). Por el contrario, se observó que los valores de conservación si tuvieron un papel moderador en la relación de la SCAS con la Balanza de afectos. De este modo, las dificultades de adaptación se asocian a peor balanza de afectos cuando los valores de conservación son bajos o medios, esto es, una baja conservación y conformidad impedirían que la protección del grupo amortigué los efectos negativos de las dificultades de adaptación sobre el estado afectivo. Lo que podría sugerir que, al menos en parte, los valores colectivistas pueden tener un efecto protector ante el estrés de aculturación.

A pesar de ello, resultados de estudios precedentes apoyan los posibles efectos ambivalentes que podrían derivarse de las redes de obligaciones y lealtades familiares. Así el estudio del País Vasco de 2007/08 (Basabe, et al. 2009) encontró que el acuerdo con los valores familistas correlacionaban positivamente y con bajas asociaciones con el afecto positivo al mismo tiempo que se asociaban a más afecto negativo. Eran los valores individualistas los que presentaban asociaciones más fuertes con el afecto positivo mientras que los valores colectivistas mostraban asociaciones positivas pero muy débiles, además los valores individualistas se vinculaban también con otras dimensiones del bienestar subjetivo como la satisfacción con la vida, la sensación de libertad y control, y el apoyo social percibido de los autóctonos, todas ellas dimensiones relacionadas con el bienestar eudemónico, que promueve el desarrollo personal (Bobowik, et al. 2014) Las relaciones entre conformidad, familismo y afecto negativo, por un lado, y familismo y sucesos negativos por otro, parecen indicar que la lealtad endogrupal y las redes de relaciones propias de una cultura fuertemente familista son una fuente de estrés y malestar al mismo tiempo que proporcionan apoyo y cobijo.

Estrategias de Adaptación

En términos generales, la aculturación es un proceso del cambio cultural y psicológico que resulta del continuo contacto entre las personas procedentes de diferentes culturas (Liebkind, 2001; Berry, 2005; Sam & Berry, 2006). Sintetizando los elementos antecedentes y consecuentes de la aculturación, se puede decir que el proceso de aculturación se produce en determinadas condiciones (objetivas y subjetivas; personales y sociales), que determinan las orientaciones de aculturación, tanto de la cultura dominante como de la cultura heredada y los resultados tanto para el bienestar y el malestar psicológico como para la competencia sociocultural, que se produce en el marco de las interacciones entre personas de distintas procedencias. Sin embargo, el ajuste o adaptación a una nueva cultura implica fundamentalmente tres aspectos: a) la *adaptación psicológica*, concebida como mantener una buena balanza de afectos, satisfacción con el nuevo medio cultural y su aceptación; b) el

aprendizaje cultural, la adquisición de las habilidades sociales que permiten manejarse en la nueva cultura, tener buenas relaciones con las personas de la sociedad de acogida, y c) la *realización de las conductas* adecuadas para la resolución exitosa de las tareas sociales (Moghaddam, Taylor & Wrigth, 1993).

Adaptarse a un nuevo medio, es por lo tanto resultado de un proceso bastante complejo, que además de englobar diversos aspectos de la sociedad de origen y de acogida requiere el uso de diferentes formas de afrontamiento por parte de los grupos y o individuos. Estas formas de afrontamiento son denominadas estrategias de aculturación.

Como forma de conocer las estrategias de adaptación de los inmigrantes, vascos y brasileños, en su proceso aculturativo en la sociedad de acogida (Brasil y País Vasco), en los cuatro estudios que componen esta tesis, se ha considerado: (1) el modelo bidimensional de aculturación propuesto por Berry, que combina dos dimensiones actitudinales, una *orientada a la cultura de origen* y la otra *orientada a la sociedad receptora*, y plantea cuatro estrategias de aculturación: *asimilación, separación, integración o biculturalismo y marginalización* (Berry, 2003; Berry, et al. 2003); (2) la propuesta de Bourhis, et al. (1997), que añade a estas dos dimensiones otras dos, una en relación a las políticas adoptadas por el Estado en materia de inmigración e integración, y otra en relación a las adoptadas por el grupo de acogida hacia los grupos de inmigrantes específicos; (3) la aportación de Navas, et al. (2007) que considera no sólo las preferencias de aculturación de las personas inmigrantes sino también de las autóctonas, en el plano ideal (actitudes) y el plano real (prácticas), añadiendo también los ámbitos de socialización (política, laboral, económica, social, familiar, religiosa y modos de pensar).

En esta línea, tanto cuando se aplicó la metodología cuantitativa (estudios 1, 2 y 3) como cualitativa (estudio 4), los resultados encontrados indican que la asimilación y la integración, son las estrategias preferidas por los dos grupos de inmigrantes (vascos y brasileños), y son menos comunes la marginación y la separación, esto sí, con unos matices de diferencias entre los grupos migrantes.

De este modo en el estudio 1, el grupo de brasileños optaba mayoritariamente por el biculturalismo y la asimilación. Sin embargo en comparación a otros grupos étnicos, como los colombianos o ecuatorianos, la orientación del grupo brasileño estaba más dirigida a la sociedad de acogida destacando su preferencia asimiliacionista de este colectivo. Hay que matizar que en este estudio no se diferenciaron los ámbitos públicos y privados de socialización que se ha visto introduce variaciones importantes con una clara preferencia bicultural y/o de separación en el ámbito privado y una tendencia hacia la asimilación en las esferas públicas, como más adelante se manifestó en los grupos discusión y también se corroboró en estudios de encuesta (Basabe, et al. 2009).

A través del estudio 3, se pudo constatar la influencia del tiempo de estancia como una variable importante que afecta las prácticas culturales de origen y acogida (Briones, et al. 2005; Zlobina, et al. 2004) en función del grupo y la cultura. El grupo de brasileños presenta una fuerte orientación hacia el país de acogida especialmente en los primeros tiempos, en cuanto que los brasileños veteranos se orientan más a sus orígenes y, por el contrario los vascos recién llegados permanecen más centrados en sus orígenes, mientras los vascos con

más de un año de residencia se mueven entre dos culturas y van adoptando con más fuerza las prácticas de acogida.

En el estudio 2, se encontró que las estrategias orientadas hacia la sociedad de acogida, esto es el biculturalismo y la asimilación, son más ventajosas para el ajuste sociocultural de los brasileños en el País Vasco. Así, las estrategias asociadas a fuerte identificación con el país de acogida ayudan a estos inmigrantes superar problemas de adaptación sociocultural, mientras que las relacionadas con el rechazo de la cultura de acogida implican una peor adaptación sociocultural, tal como también se encontró en los estudios de Ward y Rana-Deuba (1999), y Ward y Kennedy (1993; 1994). Respecto al ajuste psicológico, se encontró que ambas estrategias estaban asociadas a un mayor afecto positivo, dimensión del bienestar que a su vez está relacionada con la obtención de refuerzos sociales y con la integración social (soporte social, por ejemplo). Sin embargo con estudios de encuesta (Basabe, et al. 2009), el afecto negativo (la ansiedad) fue mayor entre los asimilados y menor en los biculturales mientras que los asimilados presentaban un nivel de afecto positivo igual al de los biculturales, lo que sugiere, por un lado, que la asimilación tiene un coste y, por otro, que quizá el apego y las redes de origen de los biculturales funcionen como amortiguadores frente al estrés. De esta forma se puede decir que las dificultades de adaptación sociocultural pueden variar según la estrategia de aculturación escogida por los inmigrantes. En esta misma línea, el estudio 3 constató el papel mediador positivo que la percepción de apoyo de la sociedad de acogida tiene para amortiguar el efecto nocivo del prejuicio, aunque al mismo tiempo se vio que el apoyo de las redes de origen representadas por los valores familistas no moderaban el ajuste sociocultural.

En los cuatro estudios realizados, se pudo constatar que entre los inmigrantes brasileños residentes en el País Vasco, existe una predilección por las estrategias asimilacionistas y biculturales, o sea, parte de los inmigrantes conserva las dos culturas y otra parte adopta la de acogida olvidando las de origen, en cuanto que los vascos residentes en Brasil expresan su preferencia por la integración o biculturalismo, conservando así su cultura y adoptando la cultura del país de acogida en la mayor parte de los casos (81%). Asimismo, las actitudes positivas hacia la sociedad de acogida se incrementan con el tiempo de estancia.

Diversos estudios cuantitativos han revelado resultados similares, siendo las estrategias de asimilación y bicultural las dominantes, la separación y la marginal o difusa minoritarias (Basabe, et al. 2009; Berry, et al. 2003; Bourhis, et al. 2009; Navas, et al. 2004, 2010), este perfil de preferencias suele darse en grupos que no sufren gran estigma o discriminación y en contextos multiculturales, como puede ser el caso de gran parte del colectivo brasileño en España (Basabe, et al. 2006; Masanet, 2009; Santiago & Zubieta, 2006; Techio, 2011; Zlobina, et al. 2004), mientras otros grupos estigmatizados adoptan estrategias de separación o marginación, como el caso de los turcos en Alemania (Piontkowski, et al. 2000) o en caso español los africanos y magrebíes (Navas, et al. 2004).

Otros estudios, como el realizado en Los Ángeles (Bourhis, et al. 2013), en Francia por Barrette, et al. (2004) y en España (Briones, et al. 2005; Navas, et al. 2004), demostraron que además del estatus del grupo, las orientaciones preferidas por los grupos mayoritarios y minoritarios influyen directamente en el tipo de relación que se puede originar entre ellos. Ya

que la concordancia o no en las preferencias de orientación determinara el tipo de relación que se establecerá entre ellos, que pueden ser armoniosas, problemáticas o conflictivas. Asimismo, estas relaciones se ven mediadas por el origen étnico y cultural de los inmigrantes, considerando, por una parte, que los diferentes grupos de inmigrantes adoptan distintas orientaciones de aculturación según diversos factores, entre ellos el origen, la edad, el sexo, el nivel social, el grado de identificación cultural y la generación de inmigración. Y, por otra parte que las personas del grupo autóctono adoptan distintas orientaciones de aculturación frente a los grupos minoritarios en función del origen de los inmigrantes y de las circunstancias políticas, demográficas o socioeconómicas del país de acogida. En este sentido, la sociedad de acogida inicialmente puede estar a favor de la integración de un grupo de inmigrantes y más tarde pasar a querer su exclusión, sea por el incremento de nuevos inmigrantes de aquel grupo, o por los cambios en la política de empleo o de inmigración (Bourhis, et al. 1997). Así, como consecuencia de la crisis económica en España, como en otros países europeos, se ha incrementado la percepción de amenaza ante la inmigración y las actitudes de xenofobia (Cea & Vallés, 2013), así se constata que el índice de tolerancia hacia la inmigración evoluciona en paralelo con la evolución del PIB, y cuando el crecimiento es negativo disminuye también el Índice de tolerancia (Ikuspegi, 2013).

Además, las orientaciones de aculturación de la sociedad de acogida pueden variar en función de las actitudes positivas o negativas hacia el grupo minoritario (Bourhis & Dayan, 2004). De acuerdo con los resultados de estudios con estudiantes en Quebec (Montreuil & Bourhis, 2001) las preferencias por la integración o por el individualismo son comunes ante los grupos que son evaluados positivamente por la sociedad mayoritaria, por el contrario, la segregación y la exclusión social son más frecuentes para las minorías devaluadas. Esto se ha confirmado en nuestros estudios, principalmente en el estudio 3, donde las características de los tipos de migrantes y de las sociedades de acogida permiten una comparación en espejo. Se ha encontrado que el grupo vasco es una minoría en Brasil que es positivamente percibida por la población brasileña, lo que facilita que la orientación de aculturación preferida por este colectivo sea la integración y las relaciones entre ellos y los nativos probablemente ocurran de manera armoniosa. En cuanto que, la minoría brasileña constituye un colectivo relativamente poco devaluado en España en comparación con otros grupos étnicos instalados en este país, y esta situación puede favorecer que sus preferencias de orientación oscilen entre la integración y la asimilación y que las relaciones entre mayoría y minoría sean relativamente armoniosas. Los resultados del estudio 1 corroboraban que la situación del grupo brasileño era más positiva que la de otros colectivos migrantes. Estos resultados son similares a los encontrados en estudios realizados con población de estudiantes brasileños y españoles, y con personas inmigrantes brasileñas residentes en España y autóctonos españoles, que indicaban que el grado de confianza en Brasil ocupaba el cuarto lugar en la imagen de la población española, mientras que España ocupaba el primer lugar en el imaginario de los brasileños, asimismo los brasileños valoraban algo más a los españoles que a la inversa (Masanet, 2009; Santiago & Zubieta, 2006b). Todo ello apoya que el valor otorgado por la sociedad de acogida al grupo minoritario influye en la adopción de una u otra orientación de aculturación y en la calidad de relación establecida con el grupo mayoritario

(Barrette, et al. 2004; Bourhis, et al. 2009; Bourhis & Bougie, 1998; Bourhis & Dayan, 2004; Briones, et al. 2005; Montreuil & Bourhis, 2001).

Considerando las estrategias de adaptación en función de las esferas sociales, la adopción de una u otra orientación de aculturación depende de dos dimensiones básicas (de origen o de acogida) y de la combinación creativa de los distintos ámbitos de socialización (Berry, et al. 2003). En concordancia con esta proposición, los resultados del estudio 4 han revelado que las preferencias en las estrategias dependen del ámbito de socialización en que se desarrolla la aculturación. Según los relatos de las personas brasileñas que participaron en los grupos de discusión, hay una predominancia en la esfera privada por el biculturalismo (39%) y en la esfera pública por el asimilacionismo (64%). Por otra parte, en similar proporción, existe una menor tendencia hacia la marginación, tanto en el ámbito público como en el privado (14%), en cuanto que se elige la separación más en el ámbito privado (35%) que en el público (4.5%). Congruentemente con ello, otros estudios realizados en el contexto español con distintos grupos étnicos, encontraron que las estrategias generales biculturales y de asimilación eran mayoritarias (Zlobina, et al. 2004); asimismo los estudios de Navas, et al. (2004, 2010) encontraban una preferencia tanto de los inmigrantes como de los autóctonos por la asimilación en los ámbitos periféricos (político, tecnológico y económico), lo que indica un alto consenso en este campo, mientras que en los ámbitos centrales (familiares, sociales, en creencias religiosas y formas de pensar) los inmigrantes demostraron preferencias por las estrategias de separación o integración en cuanto que los autóctonos esperaban de ellos la asimilación, detectándose así posibles fuentes de conflictos y relaciones problemáticas en el proceso de aculturación (hay que destacar que estos últimos estudios no incluían población brasileña y sí africana y rumana).

Los resultados del estudio cualitativo también ahondan en esta especificidad por ámbitos socializadores, así se han hallado, por un lado, *los tipos puros*, que adoptan la asimilación en la esfera pública y la separación en la esfera privada, la asimilación en las esferas pública y privada, la separación en las esferas pública y privada, y el bicultural en los ámbitos público y privado. Y, por otro lado, se ha encontrado los *tipos mixtos* más creativos, que prefieren la asimilación en el ámbito público y el biculturalismo en la esfera privada, como en el caso de los inmigrantes brasileños que revelan haber asimilado muchos matices de la cultura de acogida, que les permite comportarse y actuar como los vascos en las esferas públicas, en el trabajo o en la escuela, y transportando para la vida privada muchos de estos matices que compaginan con los vínculos que mantienen con Brasil; y, también los que adoptan el biculturalismo en las pautas culturales junto a la asimilación en las esferas privada y pública, como han expresado en algunos relatos los inmigrantes brasileños, su círculo de amistades en el País Vasco está compuesto solamente por personas autóctonas con las que comparten costumbres de las dos culturas, vasca y brasileña.

Siguiendo con el estudio 4 y considerando las ideas co-ocurrentes entre las estrategias de adaptación y otras macro categorías, se ha encontrado que *la asimilación privada* responde a una motivación materialista y familista. En este sentido, los inmigrantes brasileños que adoptan la estrategia de asimilación en el ámbito privado, expresan el deseo de mejorar las condiciones de vida familiares, las oportunidades para el progreso de los hijos, al mismo

tiempo que buscan evitar el aislamiento haciendo un esfuerzo por contactar con los autóctonos. Por su parte, la *asimilación pública* puede comprenderse como una estrategia defensiva, de distanciamiento del estereotipo negativo del brasileño adoptada con el objetivo de evitar la discriminación. Sin embargo, a través de los relatos de los brasileños se ha podido observar que la asimilación pública y la separación privada están asociadas al deseo de estos inmigrantes por recibir apoyo de la sociedad de acogida. Además, en el ámbito público, las estrategias de asimilación frente a la separación representan dos polos opuestos, donde el polo asimilacionista busca el apoyo de la sociedad de acogida distanciándose del estereotipo negativo del brasileño, en cuanto que el otro polo, la separación, rechaza al mismo tiempo que reproduce el estereotipo negativo de los brasileños. También por medio de los relatos ha sido posible constatar que los inmigrantes brasileños que perciben discriminación se sintieron acogidos y recibieron apoyo por parte de los vascos demostrando así su preferencia por las estrategias biculturales.

En el ámbito privado, en relación a la lengua hay una división entre los brasileños, en el estudio 4, el 25% indica adoptar una estrategia de separación, hablando su idioma nativo, el 19% prefiere la asimilación adoptando la lengua autóctona y 56% se orienta de forma bicultural hablando los dos idiomas, pero estos últimos se subdividen en los que se manejan perfectamente entre el español y el portugués y los que manifiestan una nueva identidad, una mezcla entre las identidades de origen y acogida resultando en la creación de un nuevo modo de lenguaje oral el “portuñol”. Como propone Benet-Martínez (2007, 2010) no es una regla general que las personas biculturales internalicen y hagan uso al mismo tiempo de la cultura de origen y acogida de manera global y uniforme. Los cambios experimentados pueden darse en diferentes dominios de la vida: uso de las lenguas, afiliación social, estilo de comunicación, identidad cultural y orgullo, creencias, conocimientos culturales y valores (Nguyen & Benet-Martínez, 2007, 2010). Pueden existir variaciones en las identidades biculturales, por un lado están las personas que alternan una identidad y otra, adaptando sus conductas en respuesta a las demandas del contexto, y en otro lado las personas que fusionan las dos culturas, elaborando una mezcla que resulta en un nuevo estilo o una nueva identidad (LaFromboise, et al. 1993), como puede ser la mezcla de idiomas como en el caso del “chicano” en EEUU (español hablado por los mexicanos y el inglés), del “spanglish” (español y el inglés), o del “portuñol” (cualquier mezcla entre grupos parlantes del portugués y el español). Expresiones comunes relatadas por los participantes: “Voi a tirar una fueto” (portugués: Vou tirar uma foto – español: Voy sacar una foto), “cocacuela” (coca-cola), “puerco” (portugués: porca ou leitão – español: cerdo), “Vou a sacar la bazura” (portugués: Vou jogar o lixo – español: Voy tirar la basura), “Ja hablei com ela” (portugués: Ja falei com ela – español: ya he hablado con ella), “O tchico esta em uma situação mutcho embaraçada (portugués: O rapaz esta em uma situação muito complicada ou embaraçada– español: El chico está en una situación mucho difícil), el trien sale aora as dies ueras (portugués: O trem sai agora as dez horas– español: El tren sale ahora, a las diez horas).

Esta mezcla idiomática que tiene como finalidad proporcionar una comunicación puntual cuando se transforma en un “idioma de uso frecuente”, puede adquirir características perjudiciales para la integración en el nuevo contexto por la falta de dominio lingüístico en

varias esferas de la vida cotidiana importantes (Fernández García, 2006; García, 1988). De manera diferente a lo relatado en el estudio 4, donde el “portuñol” es utilizado en el ámbito privado, en el estudio 3, esta mezcla sobrepasa el ámbito privado al público, pudiendo causar problemas de comunicación entre los inmigrantes brasileños y los autóctonos vascos. Como son expresiones comprendidas solamente por las personas procedentes de Brasil, que están instaladas en el País Vasco (en el caso de este estudio), cuando viajan a su país la comunicación con otros brasileños, que no han tenido contacto con la lengua española, se vuelve también menos fluida. Este desajuste en el dominio de la lengua puede acarrear consecuencias para los hijos de inmigrantes. En este sentido los estudios sobre las generaciones de inmigrantes destacan el efecto negativo que la falta de ajuste cultural y lingüístico de los padres puede tener sobre el ajuste sociolingüístico de los hijos en la esfera escolar (Polek & Coen, 2013). Aunque otros estudios como el de Briones (2008) con adolescentes de 1º y 2º generación no encontraron diferencias significativas en el dominio lingüístico del español y en el uso de la lengua de origen en función de los perfiles de aculturación.

Experiencia de Minoría Étnica

En el estudio 4, el discurso de los participantes de los grupos de discusión, se centró principalmente en torno a la experiencia en el país de acogida y a las relaciones intergrupales (nativos y inmigrantes); con menor intensidad se trataba sobre las orientaciones de aculturación, y en último lugar se evidenciaban ideas relativas a los motivos migratorios y las diferencias culturales. En este sentido, se ha revelado en los relatos la importancia que adquiere para los inmigrantes las formas de afrontar la experiencia migratoria, y la estrecha relación que presentan con la discriminación percibida y los estereotipos con los cuales son categorizados por la sociedad de acogida. El 69.6% del conjunto total de ideas (267 ideas) han tratado sobre la Experiencia de minoría étnica, referidas a los Estereotipos 15%, la discriminación 43%, y las formas de afrontar la experiencia 42%.

Estereotipos

Las personas que emigran de su lugar de origen para instalarse en una sociedad diferente de la suya, pasan a constituir un colectivo minoritario, expuesto a situaciones no siempre agradables y asociadas a estereotipos negativos, que la sociedad de acogida atribuye a las personas por su pertenencia al grupo étnico. De este modo, se ha de hacer frente al prejuicio y la discriminación. En este sentido, a través del estudio 3 cuantitativo y cualitativo (estudio 4), se han vislumbrado diferentes formas, a través de las cuales los inmigrantes brasileños residentes en el País Vasco y los inmigrantes vascos residentes en Brasil, experimentan y hacen uso de recursos individuales, grupales, cognitivos y conductuales para afrontar su condición de minoría y convivir en el contexto de acogida.

En el caso de la inmigración, los estereotipos ejercen una importante influencia en los contactos interculturales ya que pueden llegar a estimular la intensidad y marcar los límites de las relaciones entre personas de distintos orígenes en función de las creencias

compartidas. Las imágenes sociales de la inmigración mayoritariamente incluyen estereotipos negativos, así por ejemplo se diferencia entre turistas e inmigrantes, como expresan Rodríguez, et al. (2005) “los turistas nos visitan mientras que los inmigrantes nos invaden”, la imagen de los turistas se asocia con atributos positivos como la simpatía, la belleza, o la mayor educación, en cuanto que a la imagen de los inmigrantes se asocia con adjetivos opuestos (Cuadrado, et al. 2003). Los medios de comunicación representan una fuente importante de propagación de imágenes estereotipadas, que refuerzan el prejuicio negativo y la exclusión social, como por ejemplo cuando se vincula los términos “inmigrante” con “ilegal o sin papeles” se despierta en el imaginario colectivo ideas que definen a los inmigrantes como “ociosos”, “no trabajan”, “son personas tristes y que se mueven al borde de la sociedad” (González-Castro, et al. 2011; Gorham, 2006; Martínez, 2008).

En el estudio cualitativo, se han explorado dos dimensiones del estereotipo, el *auto-estereotipo* y el *hetero-estereotipo*. En general, el *auto-estereotipo* se inclina a ser positivo, en el sentido de que el colectivo se auto atribuye rasgos y adjetivos que generan imágenes favorables de sí mismo, en cuanto que el *hetero-estereotipo* o sea las creencias otorgadas a otros colectivos tiende a contener aspectos más negativos o menos favorables (Marín 1975; Triandis, 1982). Los meta-estereotipos se definen como las creencias compartidas sobre cómo los demás ven a mi grupo o los estereotipos que los miembros de exogrupos atribuyen al endogrupo (Gómez, 2002; Gómez, Huici & Morales, 2004), dentro de los cuales se incluyen los rasgos/atributos o estereotipos y su evaluación (rasgos positivos y negativos). Dichas percepciones van a orientar las relaciones inter-grupales y las formas cómo las minorías étnicas afrontan dichas imágenes. Esta línea de estudio confluye con la perspectiva del estudio del estigma adoptada por diversos autores y asumida en este trabajo (Crocker, Major y Steele, 1998; Major & O'Brien, 2005, Miller & Kaiser, 2001).

En este sentido, los participantes de los grupos de discusión, hicieron referencia al *meta-estereotipo* y al *prejuicio percibido* (la imagen que se percibe tienen los españoles de los brasileños), dejando al margen cualquier forma de *auto-estereotipo*. De este modo, los relatos reportaron un conjunto de atributos y rasgos que los inmigrantes brasileños percibían que los medios de comunicación transmitían y que los autóctonos tenían en relación a ellos. Estos *meta-estereotipos*, fueron clasificados en seis tipos, que engloban características tanto negativas como positivas: (1) *amenaza realista*, percepción de amenaza que los autóctonos creen que los brasileños representan para ellos; (2) *amenaza simbólica*, percepción de que la presencia de los brasileños y una posible mezcla, étnica o cultural, puede destruir la cultura autóctona; (3) *rasgos negativos*, las imágenes que los autóctonos atribuyen a los brasileños; (4) *expresividad frente a instrumentalidad*, los autóctonos consideran y describen a Brasil como un país de “juerga”; (5) *Sexismo*, los autóctonos atribuyen características peyorativas, con connotaciones sexistas, a los hombres y mujeres brasileñas; (6) *rasgos positivos*, las cualidades positivas que destacan los autóctonos en relación a los brasileños.

De esta manera, las generalizaciones que componen el imaginario que los inmigrantes brasileños describen respecto a los estereotipos y prejuicios de los autóctonos coinciden, en parte, con lo encontrado en otros estudios (Masanet, 2009; Santiago & Zubieta 2006a). Dichos estudios revelan que Brasil causa mucha curiosidad e interés, porque se percibe como

un país alegre, divertido, festivo, rico en recursos naturales, donde siempre reina el sol y el calor, sus habitantes nativos son hospitalarios, acogedores, simpáticos y alegres. Es un destino excelente para ir de vacaciones y disfrutar de sus recursos naturales y de la expresividad de su pueblo. Pero, cuando el brasileño decide emigrar y se instala en España, la perspectiva del autóctono adquiere diferentes tonalidades en relación a la atribución de estos rasgos. En concordancia con otros estudios (González & Ubillos, 2011; 2011; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta 2006b, Techio, 2011), los brasileños instalados en el País Vasco a través de sus relatos indican, por un lado, que perciben ser reconocidos como parte de un colectivo que provoca amenaza e inseguridad para la sociedad de acogida, porque quitan trabajo, se aprovechan de las ayudas sociales, de la educación y de la sanidad, son pobres y cometen delitos, y pueden representar una amenaza cultural, ya que la mezcla de costumbres puede perjudicar sus tradiciones.

Asimismo, expresan que los autóctonos tienen una imagen de Brasil, principalmente reforzada por los medios de comunicación, como el país del carnaval, de las mulatas, de la samba, del fútbol y de las favelas. Imagen que induce una visión del brasileño como personas pobres, que no hacen nada, no son responsables, que su vida gira en torno a la playa, jugar al fútbol, bailar samba y tomar cerveza. Además relatan haber oído expresiones sexistas que definen a los hombres como "juerguistas", "futbolistas", "ladrones" o "alcohólicos"; y a las mujeres brasileñas como "ofrecidas" "calientes", "prostitutas" o "lagartas" relacionándolas como personas "aprovechadoras", que gustan de la "vida fácil" y son "roba maridos". Estas expresiones tienen una repercusión más negativa en el caso de las mujeres. Masanet y Baeninger (2010) en un estudio que realizaron sobre las imágenes recíprocas y los estereotipos entre la población brasileña y autóctona en el contexto multicultural español, identificaron la existencia de una representación social diferenciada por razón de género, donde predominaban actitudes negativas hacia la mujer brasileña a través de representaciones basadas en la sensualidad, lo que provoca que las mujeres brasileñas sean blanco del prejuicio con bastante más frecuencia que los hombres brasileños en el contexto español. Según Malheiros (2007), estos estereotipos pueden llevar a que la mujer brasileña sea objeto de la hostilidad, antipatía y aversión por parte de las mujeres españolas y, por otro lado, situaciones de acoso sexual por parte de hombres españoles y de otras nacionalidades. Estas dobles consecuencias fueron salientes en el estudio 4, donde por una parte las mujeres brasileñas con pareja autóctona reflejaron haber sufrido hostilidad y rechazo por parte de las mujeres españolas y de sus familias, y por otra parte las mujeres solteras declararon haber sido víctimas de acoso sexual.

A pesar de estos estereotipos y prejuicios negativos, los inmigrantes brasileños también destacan que los nativos les perciben como personas "honradas", "dignas de admiración", "normales", "simpáticas" y "trabajadoras", *"incluso más trabajadoras que los españoles"*. Pero, existe un doble sentido en estas atribuciones, uno en el cual los autóctonos reconocen favorablemente valores éticos y laborales en el brasileño, y otro utilitarista que les considera como personas que ejecutan las labores que los españoles no quieren o que no les gusta hacer. Como también se ha identificado en otros estudios realizados en el contexto español y portugués (Machado, 2007, 2003; Masanet, 2009; Masanet & Baeninger, 2010; Silva & Schiltz, 2007), estos estereotipos positivos hacia la población brasileña llevan implícita una actitud

negativa hacia este colectivo, principalmente en el ámbito profesional. Según Masanet (2009) las imágenes positivas hacia el inmigrante brasileño se entremezclan con las percepciones sociales en relación a la escasa formación profesional y educativa de este grupo, percepción que se deriva de una imagen de Brasil vinculada al subdesarrollo y a la pobreza. Para autores como Machado (2007, 2003) y Silva y Schiltz (2007), el subdesarrollo se asocia a la supervivencia, lo que puede llevar a que los nativos perciban a los brasileños como personas serviciales, poco cultas, que pasan necesidades y que se adaptan a cualquier situación, lo que les facilita mantener un alto índice de empleabilidad en el sector doméstico y de hostelería muchas veces a costa de no concluir o dejar otros sueños como acabar los estudios universitarios. Hay que recordar que una gran parte de los brasileños (36%) de la muestra del estudio 3 no han concluido los estudios universitarios, al contrario de los que sucede con el grupo de los inmigrantes vascos (8%).

Por otra parte, los estudios sobre el contenido de los estereotipos de los grupos sociales y étnicos han encontrado dos dimensiones básicas que son la competencia y la sociabilidad. Dichas dimensiones varían en función del estatus del grupo (Fiske, 1998; Glick y Fiske, 1999), de manera que los grupos de alto estatus se les considera más competentes y a los de bajo estatus más sociables, lo que sirve para justificar las diferencias sociales de poder (Betancur, et al. 2005; Techio, 2011). Los resultados del estudio 3 se asemejan a los de otros estudios en los cuales los vascos son considerados por los latinos como personas competentes, emprendedoras y innovadoras, mientras que los brasileños son considerados por los españoles como personas sociables, simpáticas y sin compromiso (Masanet, 2009; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubietta, 2006). De esta forma, en la relación entre grupos mayoritarios y minoritarios, estos dos grupos étnicos difieren en su status social, así la posición de los inmigrantes vascos en Brasil es más favorable, ellos perciben bajo prejuicio hacia ellos, actitudes positivas, alto apoyo por parte de los nativos, bajas experiencias de discriminación, mejor posición social, más prestigio y dominancia sobre las personas y los recursos (Poder). Por su parte, los inmigrantes brasileños ocupan un status menos favorable en la sociedad vasca, perciben prejuicio negativo hacia su endogrupo, y discriminación, que aún siendo baja es mayor que en el caso de los inmigrantes vascos. No obstante, evalúan su vida, y por ende su proyecto de vida, de manera más positiva que los vascos inmigrantes y que los vascos nativos o grupo mayoritario. Esta respuesta también encontrada en el estudio 2, puede interpretarse como una forma de hacer crecimiento psicológico de la experiencia migratoria, o también de reevaluar positivamente la experiencia costosa (estresante) que significa la migración (Bobowik, 2013; Bochner, 2003).

Discriminación

En cuanto que el estereotipo son creencias generalizadas, mayormente negativas, en relación a los grupos y sus integrantes, los prejuicios van un poco más allá, añadiendo a estas creencias, sentimientos como el desprecio, aversión o repulsa. A su vez, la discriminación implica acciones, y sentimientos, que ponen en situación de desventaja y tratan de manera injusta a las personas que forman parte de un colectivo afectado por el estigma (Blanz, et al.

1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, et al. 2009). En el estudio 4, se analizaron diez categorías de discriminación: (1) trabajo, económica, (2) vivienda, (3) movilidad, (4) contacto social informal, familia nuclear y extensa, (5) contacto social formal, (6) fenotipo, color de la piel, rasgos, (7) idioma, (8) vestimenta, (9) denuncias y (10) no percepción de discriminación, trato positivo. Un tercio de los inmigrantes brasileños expresaron no haber sufrido discriminación y si una “buena acogida” por parte de los vascos. Sin embargo, los demás indicaron haber recibido algún trato injusto de los autóctonos o de las instituciones. Mayoritariamente, estas experiencias desagradables se daban en los *contactos sociales formales* (21%) con organismos públicos, entidades privadas o comercio, en las cuales les han dificultado o negado el acceso a informaciones y servicios. Las situaciones derivadas del *fenotipo* (16%), expresadas por las personas mulatas, ocuparon el segundo lugar en el puesto de los “ataques discriminatorios” sufridos por estos inmigrantes. Otras formas que fueron poco mencionadas (entre el 8% y el 5%), como el *trabajo*, el *contacto con la familia política*, *vecinos y conocidos*, las situaciones relativas al *idioma*, el *acoso sexual* y las *formas de vestir*. Asimismo, no se mencionaron otros tipos de discriminación como la relacionada con la *vivienda* y con la posibilidad de *desplazamiento o movilidad* por la situación legal. Las características de los participantes en los grupos de discusión pueden explicar que estas dificultades no hayan sido mencionadas, dado que se trata de personas que en su mayoría tienen una situación legalizada; de la misma forma que la *no percepción de discriminación* en el contacto con autóctonos puede estar relacionada a situación de legalidad documental y laboral de este colectivo específico de brasileños que llegaron con contratación en origen, en el caso de los técnicos, o con propuesta de empleo conseguida por sus compatriotas en el caso de la construcción, hostelería o servicios domésticos.

Experiencia de Minoría Étnica

En el estudio 4, el discurso de los participantes de los grupos de discusión, se centró principalmente en torno a la experiencia en el país de acogida y a las relaciones intergrupales (nativos y inmigrantes); con menor intensidad se trataba sobre las orientaciones de aculturación, y en último lugar se evidenciaban ideas relativas a los motivos migratorios y las diferencias culturales. En este sentido, se ha revelado en los relatos la importancia que adquiere para los inmigrantes las formas de afrontar la experiencia migratoria, y la estrecha relación que presentan con la discriminación percibida y los estereotipos con los cuales son categorizados por la sociedad de acogida.

Se analizaron las de minoría étnica de acuerdo a la tipología de formas de afrontamiento retomadas de los estudios sobre afrontamiento de la identidad social minoritaria (Blanz, et al. 1998; Crocker, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999) y que ha sido validada por (Bobowik, et al. 2014). Se clasificaron las estrategias según la tipología de formas Individuales vs Colectivas y Cognitivas vs Conductuales.

Formas de afrontamiento de la experiencia de minoría étnica

Respecto a las ideas surgidas en los grupos de discusión, las respuestas de afrontamiento de tipo Individual fueron más frecuentes que las de tipo Colectivo, así mismo predominaron las formas a nivel cognitivo en comparación con las conductuales. Destacándose, por un lado, respuestas de tipo individual (cognitivo) como la *Diferenciación del Yo*, la *Comparación social ventajosa*, la *Regulación y control emocional* y, (conductual) la *Movilidad individual*; y, por otro lado, las respuestas de tipo colectivo como son la *Atribución de responsabilidad al prejuicio grupal* (cognitiva) y, la *Movilización social* y la *Competición realista* (conductual).

El contraste entre los resultados de estudios previos que habían empleado instrumentos cerrados y escalas en inmigrantes y poblaciones generales (Basabe, et al. 2009; Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Bobowik, et al. 2014; Mummendey, et al. 1999; Skinner, et al. 2003), destacaban algunas formas de afrontamiento del estrés que no fueron expresadas de modo espontáneo en los grupos de discusión. Entre ellas están formas individuales y conductuales como la *Distracción*, cognitivas como el *Desenganche Psicológico* o *Individualización*, y la *Recategorización Supra-ordenada*; formas colectivas cognitivas como la *Creatividad cognitiva* (Nuevo grupo de comparación / Comparación social ventajosa entre grupos), y la *Deprivación Relativa Socio-céntrica*, o conductuales de *Oposición* y *Participación Social*.

Asimismo en el estudio 4 se contrastaron diversas formas de afrontamiento señaladas en los estudios precedentes (Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Bobowik, et al. 2014). En los grupos de discusión se destacaba la necesidad de diferenciación del Yo, distanciándose el individuo de la categoría de “inmigrante”, del estigma o identidad social negativa, mientras que en el estudio de encuesta con población inmigrante, de distintos orígenes, predominaban las respuestas colectivas de defensa de la identidad social. En segundo lugar, las estrategias de movilidad individual y la colectiva de atribución al prejuicio fueron importantes en ambos estudios. Asimismo, las formas de evitación (distanciamiento y ocultar origen) y la interiorización del prejuicio fueron mencionadas con un frecuencia media según ambos métodos.

Por último, las encuestas y escalas destacan respuestas que no son salientes para los participantes de los grupos, tales como la *desidentificación* y la *recategorización*. Como se observó, y en concordancia con los resultados sobre las estrategias de aculturación adoptadas por los brasileños, las respuestas marginales o de falta de identificación grupal no se mencionaron, lo que corrobora que la estrategia difusa o marginal es poco relevante para describir a este colectivo. Tampoco fueron significativamente señaladas en los grupos formas de comparación social ventajosa generalmente de tipo cognitivo.

De acuerdo con las hipótesis, las *respuestas individuales conductuales* (24.4%) tienen como objetivo afrontar las situaciones adversas de la inmigración por medio de la integración y minimizar las distancias en relación al grupo mayoritario (o receptor) y, así algunos de los participantes expresan la “suerte” de tener “la piel blanca” y así poder distanciarse del

estigma que representa pertenecer a la raza negra, otros evitan el contacto con los autóctonos, y otros se asimilan en las formas externas, “vistiéndose como los españoles” para recibir su apoyo. Se puede entonces apreciar que estas respuestas individuales buscan distanciarse del estigma mediante la evitación o la asimilación camaleónica, asumiendo la apariencia externa de los españoles. Una respuesta similar fue encontrada en el estudio español de Briones (2008) con los adolescentes africanos que buscaban la asimilación.

Otras formas más destacadas hacen referencia a las *respuestas tipo individual-cognitivo* (55%). Igual que en el caso anterior, el individuo se diferencia del endogrupo, en unos casos moviéndose entre la asimilación y la movilidad ascendente, en otros se prefiere cambiar la percepción de una realidad que les impulsaba al aislamiento. Otras respuestas se basan en la reinterpretación para aceptar la situación, y en otros casos se opta por contrarlar las emociones frente a situaciones inmutables como el fenotipo. También caben otras respuestas individuales como la comparación temporal, que resalta los logros alcanzados en la sociedad receptora y que se considera serían prácticamente imposibles de lograr en su país de origen.

Las formas colectivas fueron menos prevalentes que las individuales. Las *respuestas colectivas de tipo cognitivo* (15.4%), han incluido la comparación social ventajosa, considerando al endogrupo como más capaz que el grupo dominante de la sociedad de acogida, y formas creativas que atribuyen al endogrupo rasgos más atractivos y de valor desconocidos por el exogrupo. Asimismo otras respuestas expresan la atribución al prejuicio, señalando que la “mala imagen” y los sucesos negativos que suceden al endogrupo son responsabilidad del exogrupo. Mientras que otros participantes se distancian de la “mala imagen y opiniones negativas” de la sociedad de acogida hacia el endogrupo admitiendo un núcleo de verdad en el estereotipo negativo.

Fueron poco mencionadas las formas de afrontamiento *colectivas y conductuales* (5%), que tratan de comportamientos colectivos como instrumentos de cambios sociales. Estas respuestas se asocian a la atribución al prejuicio (se hace responsable del estigma, y el bajo estatus que la sociedad de acogida atribuye al endogrupo a las imágenes que transmiten los *medios de comunicación*), y se enfatiza la necesidad de concienciar y luchar contra los prejuicios y por la igualdad. Igualmente se reivindica la igualdad de oportunidades (“las oportunidades están para todos”).

Formas de afrontamiento del estigma y discriminación

Las formas de afrontamiento dominantes en el discurso de los participantes se asociaron con otras creencias relacionadas con la identidad endogrupal (Ideas co-ocurrentes).

La estrategia de Movilidad individual (MI) se asocia con distintos conglomerados de ideas. Por un lado, se relaciona con las respuestas de evitación, alejarse del meta-estereotipo negativo, con la internalización de la culpa-vergüenza, y el miedo al prejuicio y a ser excluido. Otra segunda respuesta relaciona la MI con la reinterpretación o reevaluación positiva de la situación. En otros casos las experiencias de discriminación, incitan respuestas de defensa en el ámbito laboral para buscar la promoción personal y familiar. Por otra parte, la MI está

vinculada a poner distancia entre Yo y el grupo, a la no percepción personal de discriminación y a la posibilidad de no estar afectado por el prejuicio grupal, en la medida en que se asume que “las oportunidades son iguales para todos”. En otros relatos la MI admite las diferencias de status a favor del grupo dominante (los españoles/nativos) y cree en la posibilidad de ascenso laboral a través el logro personal, para lo cual es preciso regular las emociones. En conjunto, la MI se asocia a la *evitación del prejuicio* y la *discriminación, reinterpreta*ndo la experiencia, *distanciándose del prejuicio*, y asumiendo “la igualdad de oportunidades.

La estrategia de diferenciación – yo/nosotros (diferenciación del estigma) se asocia con otras formas cognitivas cercanas como la *desidentificación*, y al mismo tiempo con la percepción de discriminación grupal (nosotros) y no a la discriminación persona (Yo), que es una forma de distanciarse del prejuicio. En esta línea, una de las constantes encontradas en relación a la percepción de discriminación es la diferencia entre la percepción personal y la grupal, que como en este estudio tiende a minimizar o negar las experiencias de discriminación (Páez, et al. 2003), puede responder a una motivación para mantener una imagen positiva del Yo (Molero, et al. 2013), y también dar explicaciones basadas en el prejuicio que favorezcan la autoestima personal o colectiva como indican los estudios en este ámbito (Blanz, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, et al. 2009).

Las explicaciones basadas en *la comparación social ventajosa intra-grupos* se asocian con otras respuestas cognitivas individuales, como son *la diferenciación Yo/Nosotros* y *con el cambio de expectativas*. Implica también una manera de *distanciarse del meta-estereotipo negativo* y es una *forma de responder ante la discriminación laboral*.

La regulación y control emocional (RE) se aplica ante las situaciones de discriminación y se asocia a otras respuestas de tipo individual y cognitivas. El cambio de las expectativas conlleva regular las emociones, al principio la persona siente una fuerte discriminación por el descenso social (ocupando puestos de trabajos duros “en la construcción” por debajo de su formación) pero con el tiempo esos sentimientos negativos han desaparecido porque se percibe que en la sociedad de acogida las barreras sociales son permeables. La *movilidad individual (MI)* se asocia también a la regulación emocional, admitiendo las diferencias de status y compartiendo la creencia en la posibilidad de ascenso laboral (véase también apartado sobre MI). Al llegar al país de acogida se necesita regular las emociones y los sentimientos de culpa y vergüenza por ser inmigrante (que implica una suerte de internalización) y se evita el contacto por miedo a la discriminación. En resumen, la regulación de las emociones es necesaria tanto en las formas cognitivas de cambio de expectativas, de afrontar la discriminación y su evitación y reinterpretación, ante la movilidad individual (MI), ante la internalización del estigma, y frente a respuestas colectivas de atribución al prejuicio grupal.

La estrategia colectiva de atribución al prejuicio es opuesta a la *estrategia individual de movilidad* (asociada a la no percepción discriminación) y rechaza la explicación de las diferencias inter-grupales por el prejuicio. Por lo que se corrobora que las *respuestas individuales se separan de las colectivas*. En relación a las *formas colectivas*, se mencionó más arriba que la experiencia de discriminación (*fenotipo*) se explica por el *prejuicio grupal* y supone para la persona tener que *regular sus emociones negativas*. Asimismo la *atribución al*

prejuicio grupal se asocia al *rechazo del estigma y meta-estereotipo negativo*, en algunos casos vinculados también a la estrategia de *creatividad cognitiva*, destacando nuevas *dimensiones de comparación social*: reivindican la interculturalidad y afirman que los hay excelentes profesionales brasileños que aportan al desarrollo tecnológico de la sociedad de acogida.

Aportaciones y Limitaciones

Finalmente, una aportación sustancial de esta tesis ha consistido en el análisis cualitativo de la experiencia de choque cultural, las estrategias de aculturación y, en especial, las formas de afrontar la experiencia de minoría étnica derivada del estatus de inmigrante que se adquiere con la migración. Ello ha permitido ver cómo las formas de afrontamiento se relacionan entre sí, y cómo los modos individuales y colectivos se combinan, lo que ha permitido comprender, por ejemplo, que una estrategia típicamente definida como individual, como es la movilidad individual, constituye un modo de evitar el prejuicio y la discriminación, o ver que la regulación emocional es una respuesta central para hacer frente al descenso de estatus que muchas conlleva la inmigración y el reajuste que ello exige en las expectativas laborales, la regulación de los sentimientos de culpa y vergüenza, o el miedo ante la discriminación.

Esta tesis tenía como objetivo analizar las fuentes de choque cultural, las dificultades de adaptación asociadas a la aculturación, así como los modos de afrontar el estatus de minoría étnica, y todo ello en un colectivo específico de origen brasileño que migro a España, especialmente el País Vasco, en los años noventa y comienzos del dos mil. Evidentemente, se trata de un colectivo específico, que no representa a la población brasileña, difícil de considerar como un colectivo homogéneo dada la heterogeneidad de la sociedad brasileña (Girard, 2009). Tampoco se ha pretendido representar a todo el grupo de población migrante brasileño en España, recuérdese que la muestra de estos estudios estaba compuesta mayoritariamente por personas que llegaron con contratación en origen y por reagrupación familiar, lo que ya se vio en el estudio uno que marcaba diferencias importantes con otros colectivos de migrantes. Todo ello hace que la generabilidad de estos resultados sea limitada.

Por otro lado, la naturaleza retrospectiva de los estudios dos y tres es una limitación para el análisis evolutivo de la adaptación a lo largo del tiempo de las primeras generaciones de inmigrantes. Se precisan estudios longitudinales por un lado, y por otro, estudios de las sucesivas generaciones de hijos y nietos de inmigrantes en España, que permitan analizar los cambios en la enculturación a lo largo del tiempo, como han estudiado Portes y Hao (2004), indicando la importancia que los lazos transnacionales y los modos de asimilación segmentada o la asimilación descendente presentan en la segundas y terceras generaciones. También habría que considerar otras formas más creativas de identidades biculturales que ya están siendo exploradas por investigadoras como Benet-Martínez, et al. (2002).

El estudio tres trata de analizar, desde una óptica menos usual en las investigaciones de aculturación, el proceso de adaptación de dos grupos relativamente equiparables, vascos en Brasil y brasileños en el País Vasco, lo que creemos añade originalidad al trabajo. Sin

embargo, dicha comparación tiene sus inconvenientes, por ejemplo, ha sido difícil hacer una equiparación total por tiempo de estancia medio en el país de acogida, debido a que la inmigración brasileña en el País Vasco es relativamente reciente en tanto que la diáspora vasca en América Latina, y en Brasil, tiene una larga historia (Olaran, 2007, Ormazábal 2004).

El estudio cualitativo, como es habitual, aporta evidencias de colectivos específicos, que no siempre pueden representar bien a las poblaciones de las que proceden. Así y todo, se intentó que los participantes representasen los segmentos del colectivo brasileño residente en el País Vasco, en edad y sexo, y que incluyeran personas de distintos estatus sociales y profesiones.

En conclusión, esta tesis responde a la cuestión sobre el proceso de aculturación y enculturación en la inmigración desde una cultura a otra, manifestada en la percepción de diferencias culturales, el aprendizaje sociocultural y las dificultades asociadas al mismo, y la experiencia de minoría étnica y las formas de afrontar el estrés aculturativo y el estigma del inmigrante. Para ello se han presentado cuatro estudios, que han combinado metodologías, muestras, y técnicas diversas. Se han destacado las diferencias del colectivo migrante brasileño en comparación con otros colectivos inmigrantes en el País Vasco. Se ha validado una escala de adaptación sociocultural, en una versión relativamente corta y simple de aplicar, que ha permitido contrastar las principales fuentes de choque y dificultades de adaptación, que son especialmente importantes durante el primer año de llegada al nuevo contexto cultural. El contraste entre brasileños y vascos migrantes ha mostrado las fuentes de choque cultural en función de la cultura de origen, la fuerza de la identidad étnica y el estatus del grupo migrante en la sociedad receptora. Especialmente el estudio cualitativo, ha podido desvelar aspectos sustanciales de la experiencia de minoría étnica gracias al apoyo de los estudios precedentes en el País Vasco sobre dicha cuestión realizados con métodos cuantitativos (Bobowik, et al. 2014), lo que ha permitido orientar el análisis desde hipótesis específicas y no meramente exploratorias como suele ser habitual en los estudios cualitativos. Se ha seguido una metodología rigurosa que buscaba validar y fiabilizar las categorías de análisis, se ha ido más allá del análisis descriptivo, por medio de la creación de redes de ideas (networks) que han posibilitado ver las conexiones de ideas, explicaciones y justificaciones que los participantes emplean para racionalizar y dar sentido a su experiencia migratoria.

CONCLUSÕES: DISCUSSÃO GERAL

Adaptação Sociocultural se entende como um processo de aprendizagem social e se refere às habilidades sociais, capacidade de integrar-se bem ou de manejar diferentes aspetos da cultura de acolhida (Ward & Kennedy, 1993). Sua avaliação é feita através das dificuldades de interação social que são experimentadas na nova sociedade e se associa positivamente ao tempo de residência, a uma boa capacidade linguística, as estratégias de aculturação, a um alto contato com as pessoas nativas, a uma menor distância cultural assim como a um maior conhecimento cultural (Basabe, et al. 2004, 2009; Zlobina, et al. 2006; Searle & Ward, 1990; Ward & Kennedy, 1993, 1999; Ward & Searle, 1991).

Esta tese buscou explorar as fontes de choque cultural e as dificuldades de adaptação nas esferas sociais e culturais que afetam pessoas que migram, principalmente, por motivos de trabalho. Os imigrantes de origem brasileira que se estabeleceram no País Vasco, entre o final do século XX e princípio do século XXI, constituíram a parte central dos quatro estudos realizados. Também fizeram parte outros coletivos migrantes de distintas procedências residentes no País Vasco e de vascos residentes no Brasil.

O primeiro estudo proporcionou uma visão geral das fontes de choque e dificuldades com as quais se deparam os diversos grupos de imigrantes para adaptar-se na sociedade vasca. Nesse sentido, foi possível também realizar um mapeamento inicial da realidade do coletivo brasileiro no referido contexto, situando-lhes em relação aos demais coletivos (originários da África, Latino América, Europa do Este e países árabes). (Basabe & de Luca, 2004).

No segundo estudo, realizado no ano de 2009, foi aplicada uma escala para medir especificamente as dificuldades socioculturais de adaptação e o choque cultural dos imigrantes brasileiros. A referida escala foi elaborada por Basabe e de Luca, a partir de um exaustivo estudo de instrumentos anteriores, consta de 19 itens e propõe duas dimensões básicas que aglutinam distintas formas de choque e adaptação sociocultural (de Luca, et al. 2011).

Com o fim de analisar as mudanças aculturativas sob um novo ponto de vista e o contraste entre grupos equiparáveis. Para o terceiro estudo, se há selecionado um grupo de pessoas de origem vasca instaladas no Brasil e um grupo equivalente, sócio-demograficamente, de pessoas brasileiras residentes no País Vasco; isso possibilitou uma visão em espelho do processo de aculturação e permitiu constatar as semelhanças e diferenças que surgem em função do *status* do grupo dentro da sociedade majoritária (brasileira ou vasca).

Para explorar de maneira mais exaustiva que permitisse compreender a visão dos imigrantes sobre o choque cultural e a adaptação no novo entorno, propôs-se um estudo qualitativo com grupos de discussão. Esse quarto estudo contou com a participação de imigrantes brasileiros instalados no País Vasco. Com o objetivo de acrescentar rigor nas análises do conteúdo dos discursos feitos pelos participantes, foram estabelecidas categorias que possibilitaram estruturar de forma sistemática as ideias expressas nos grupos e constituir redes de relações formadas por tais ideias. Revelando, assim, distintas facetas do choque cultural, das estratégias de aculturação e também as formas de afrontar as novas identidades surgidas através da adaptação ao novo contexto.

Os resultados de maior relevância dos quatro estudos estão expostos nessas conclusões e foram articulados visando a uma triangulação entre os resultados dos estudos quantitativos, correlacionais e longitudinais, com os resultados qualitativos resgatados dos grupos de discussão.

Diferenças culturais e choque cultural

Os resultados derivados tanto dos estudos quantitativos (1, 2 e 3) como do estudo qualitativo (4) revelaram que a percepção das diferenças culturais é uma fonte de choque cultural de significativa importância nos primeiros estágios da instalação do imigrante na sociedade receptora, e essa importância tende a diminuir conforme passa o tempo e aumenta a adaptação ao novo meio. Mais especificamente após o primeiro ano, conforme demonstram os resultados dos estudos 2 e 3.

A contribuição referente às dificuldades socioculturais comparadas com outros fatores indicou, conforme já havia sido indicado em estudos prévios (Ataca & Berry, 2002; Basabe & Bobowik, 2013; Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2006), que os elementos vinculados com a experiência de minoria étnica, a percepção de discriminação e o *status* grupal afetam com mais intensidade a adaptação psicossocial. Dessa forma, nos grupos de discussão, a maior parte das ideias (70%) correspondeu a experiências de minoria étnica frente aos 2,6% que se referiram à percepção das diferenças culturais.

Também é importante ressaltar que quanto maior a distância cultural, mais intensa é a experiência de minoria étnica e a discriminação experimentada pelos imigrantes (Campos, et al. 2003; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubietta, 2006; Zlobina, et al. 2004, 2006). Nesse sentido, o estudo 1 indicou que a distância cultural entre os países de origem e acolhida, medida pelos índices médios de valores por países (índice contextual) afetava a adaptação, sendo mais árdua para as pessoas procedentes de contextos culturais muito divergentes em relação à sociedade de acolhida, porque se associava a uma menor

identificação com o país receptor (País Vasco), maior percepção de discriminação e mais dificuldades de adaptação. Dessa forma, o coletivo brasileiro demonstrou menos dificuldades de adaptação sociocultural que os coletivos africanos, árabes e inclusive outros grupos de latino-americanos, como de equatorianos e colombianos. A experiência de minoria étnica, no estudo 4, foi também uma das questões mais destacadas nos grupos de discussão, conforme se poderá apreciar mais abaixo.

Apesar disso é necessário ressaltar a importância que representam as dificuldades socioculturais no ajuste psicossocial. Os resultados do estudo quantitativo (estudo 2) revelaram que as dificuldades socioculturais se associaram com as dificuldades socioeconômicas, com menos ajuste psicológico (índice de bem estar hedônico) e com o menor domínio ou controle sobre a própria vida. Evidenciando a existência de um laço de união entre as dificuldades de adaptação sociocultural e o bem estar social, entendido como dificuldades socioeconômicas. Além disso, a associação entre esses dois tipos de dificuldades demonstrou que integração em nível sociocultural não é necessariamente independente do *status* socioeconômico do imigrante, sendo esses resultados coerentes com os resultados dos estudos prévios sobre imigrantes no País Vasco e na Espanha. No estudo feito por Basabe, et al. (2004) o “status de imigrante” funcionava como um dos prognósticos das dificuldades socioculturais, ou seja, os problemas relacionados com a obtenção da autorização para residência e trabalho na Espanha implicavam mais problemas em nível sociocultural. Nesse estudo (estudo 2), a relação entre dificuldades socioculturais e socioeconômicas apresentou maior vinculação no caso da aprendizagem cultural e na comunicação, que na segunda *dimensão* (manejo da distância social), indicando que os imigrantes brasileiros com *status* melhor e mais estável são mais aceitos pela sociedade de acolhida e, como consequência, encontram mais facilidades para comunicar-se e fazer amizades com os autóctones.

Uma das explicações para que os brasileiros instalados na Espanha tenham indicado experimentar menos dificuldades que os outros coletivos de imigrantes estudados, pode atribuir-se ao fato de que a distância cultural entre Espanha e Brasil é menor comparada com distância que diz respeito a outros países como, os países africanos e inclusive os latino-americanos, caso se tome como critério, por exemplo, os índices culturais de Hofstede (2001). Essa relativa pouca distância cultural entre Espanha e Brasil poderia, também, ser uma explicação do porquê no estudo 4 a percepção das diferenças culturais tenha sido pouco mencionada nos grupos de discussão (2,6% das ideias narradas foram possíveis de serem classificadas nessa categoria).

Os discursos proferidos nos grupos de discussão (estudo 4) recolheram vários elementos que refletiram o porquê da preferência por Espanha como destino da imigração brasileira, como por exemplo, são as motivações culturais (atração cultural por Europa, o contato cultural prévio com a Espanha, a proximidade cultural e idiomática entre os dois países), as representações sociais positivas em relação à Espanha (percepção de maior receptividade e hospitalidade por parte da sociedade espanhola, em comparação com outros

países) e as maiores facilidades de entrada na Espanha (espaço Schengen¹) em comparação com outros países tradicionais de imigração, como os Estados Unidos, que exige visto de entrada para os cidadãos brasileiros (Masanet, 2012). Essas vantagens também foram assinaladas por Santiago e Zubieta, (2006). Assim mesmo, outros estudos destacaram que esta semelhança de percepção entre os dois países se associava com uma expectativa positiva, na qual se esperava uma maior facilidade de adaptação ao novo contexto (Masanet & Baeninger, 2010). Como citado no estudo de Masanet (2009, pp.354), são percebidas semelhanças culturais entre ambos os países, que compartilham a ideia de uma sociedade relaxada, que valoriza a festa, a diversão e a alegria, além dos espanhóis apresentarem uma atitude mais aberta e receptiva que outros estrangeiros europeus.

Dimensões da escala de adaptação sociocultural (SCAS) e efeitos do tempo de residência.

De acordo com linha proposta por Ward e Kennedy (1999), foram encontradas no estudo 2, duas dimensões dentro do contexto da adaptação sociocultural. A primeira dimensão, denominada no referido estudo como *Aprendizagem Cultural e Comunicação*, a qual se relaciona por um lado com a cognição, em termos de aprendizagem cultural e, por outro, com as formas de comunicação. Pode ser considerada semelhante ao conceito de aprendizagem cultural proposto por Moghaddam, et al. (1993), que abarca a importância da aquisição das habilidades sociais para manejar-se na nova cultura e a realização de condutas para estabelecer boas relações com as pessoas nativas da cultura de acolhida; é também similar à dimensão empatia cultural e a dimensão que trata das relações, encontradas por Ward e Kennedy (1993). Por outro lado, a segunda dimensão “Manejo da Distância Social” é de caráter da conduta e se associa ao manejo da distância social e das situações “especiais” e desagradáveis, referindo-se a aspectos como conhecer pessoas desconhecidas e de outro sexo, tratar com pessoas que olham fixamente ou relacionar-se com pessoas de maior *status*. Esta dimensão apresenta correspondência com o fator conduta “*Esforços e riscos Impessoais*” proposto por Ward & Kennedy (1999), vinculado a situações impessoais relacionadas com a distância hierárquica (tratar com a burocracia ou a autoridade) e relacionar-se em possíveis situações desagradáveis com outras pessoas.

As duas dimensões que aglutinam os tipos de dificuldades de adaptação (SCAS) são:

(F1) *Relações interpessoais e de comunicação*: a) Aprendizagem cultural ou choque cultural (acostumar-se ao ritmo de vida, à comida e ao clima, compreender o ponto de vista da cultura local, praticar as crenças religiosas e viver longe da família); b) Comunicação (fazer-se entender, tratar com a burocracia, sair para comprar, entender as brincadeiras, entender o sotaque local, fazer amigos e ir ao médico).

(F2) *Manejo da distância social*: Relações hierárquicas ou de distância interpessoal (tratar com pessoas de maior *status*, relacionar-se com pessoas do outro sexo, tratar com pessoas

¹ Os brasileiros não necessitam de visto para entrar no espaço Schengen, e permanecer durante 3 meses como turistas. Este espaço esta constituído pelos Estados membros da União Europeia e Estados Associados.

que olham fixamente, ser entrevistado, tratar com alguém desagradável e conhecer novas pessoas).

No início da experiência migratória (no primeiro ano da migração), tanto no estudo 2 como no estudo 3, as dificuldades resultaram ser altas em quase todas as esferas, existindo, porém, uma predominância dos aspectos relativos à dimensão de manejo das relações interpessoais. Com o passar do tempo, o choque diminui e a dimensão manejo da distância social adquire mais importância. No estudo 3, essa situação resultou ser mais acentuada no caso do coletivo vasco. Especificando, durante o primeiro ano de residência, os aspectos que representaram maiores dificuldades foram os seguintes: captar o sentido de humor dos autóctones, as saudades da família, a compreensão do idioma, o trato com a burocracia, compreender a cultura local, fazer-se entender, a diferença de comida, enfrentar o clima, fazer amigos nativos, ser entrevistado por alguém, conhecer novas pessoas e a relacionar com alguém desagradável. Os aspectos menos importantes foram: ir ao médico, tratar com pessoas que olham fixamente, sair para comprar, relacionar-se com pessoas do outro sexo, maior *status*, mais velhas e comparecer em lugares de culto religioso. Portanto, como também demonstrado em estudos precedentes (Basabe, et al. 2009; LaFromboise, et al. 1993; Ward, et al. 1998; Ward & Kennedy, 1999), conforme aumenta o tempo de residência, gera-se uma maior adaptação ao novo contexto. Do mesmo modo, a adaptação é variável dependendo do grupo de imigrante conforme se demonstrou no estudo 3, no qual ambos coletivos de imigrantes destacaram que viver distante da família, ir a compras e acostumar-se ao ritmo de vida são dificuldades que diminuem pouco a pouco, com o passar do tempo. Apesar do domínio linguístico que se adquire com o passar do tempo, os brasileiros residentes no País Vasco apresentaram mais dificuldades que os vascos residentes no Brasil para se fazerem entender e compreender pelos nativos, captar seu sentido de humor e seus pontos de vista.

Fontes de choque cultural: contraste entre dados quantitativos e qualitativos

No estudo 4, foram contempladas dez categorias de análises em função das dimensões culturais de Hofstede (2001) e outras facetas destacadas por estudos sobre choque cultural (Trompenaars, 1994; Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2004). Os relatos das pessoas que participaram nos grupos de discussão referiram-se, em sua maior parte, às diferenças culturais em individualismo e coletivismo, em relação a evitar as incertezas e a orientação a curto e longo prazo. Quase não foram mencionados os aspectos relacionados com a distância hierárquica, com a masculinidade e feminilidade, com o estilo comunicativo, com a planificação do tempo, com o ritmo de vida, com a separação entre as esferas públicas ou privadas, com a distância física e ou emocional, nos encontros sociais em ambientes diversos, com o clima ou com a ecologia.

Sem embargo, nos resultados quantitativos referentes à escala SCAS (estudo 3), o *Manejo da Distância Social* relacionado com os valores hierárquicos e a distância social representou uma dimensão que surgia quando se colocava em contraposição à experiência dos imigrantes vascos no Brasil e dos imigrantes brasileiros no País Vasco, de forma que

foram precisamente os vascos que manifestaram dificuldades no trato com a burocracia e no tratamento com pessoas de diferente *status*, em especial com pessoas de mais idade. No que diz respeito à dimensão feminilidade e individualismo cultural, é necessário destacar que algumas ideias que foram classificadas na categoria de estereótipos se relacionam com a percepção de maior expressividade emocional atribuída aos brasileiros. Essas diferenças também foram destacadas nos grupos de discussão (estudo 4), conforme indicam as ideias manifestadas relativas à percepção que se mantém sobre os estereótipos dos brasileiros.

As diferenças percebidas podem ser explicadas pelos estilos comunicativos dos dois países em questão. De maneira comparativa, por um lado a Espanha e o País Vasco apresentam uma cultura mais individualista (Hofstede, 2001), que se caracteriza por um estilo mais explícito e direto, na qual os pontos de vista são manifestados de forma clara e direta. Por outro lado, no Brasil é mais comum um estilo mais implícito e indireto, no qual a maior parte da informação reside no contexto e não na palavra, e onde as pessoas, que compartilham um forte familismo cultural, tentam evitar a confrontação e os desacordos (Gudykunst, Yoon & Nishida, 1987; Hall & Hall, 1990; Trompenaars, 1994). No estudo 3, os vascos que residem no Brasil destacaram dificuldades para entrar em relações em função da idade (com pessoas idosas) e do sexo (com pessoas de outro sexo). Essas diferenças podem por um lado ter sua origem na maior hierarquia e no tratamento diferente para com as pessoas idosas na cultura brasileira, enquanto que a maior expressividade emocional desta sociedade pode chocar com um estilo mais controlado das emoções e a uma segregação de gêneros nas atividades de ócio no País vasco (Basabe, et al. 2004; Hofstede, 2001; Goicoechea, 1984; Páez, et al. 2003).

Referente à forma de lidar com distância social, existem outros aspectos que podem se relacionar não somente com os estilos de comunicação, mas também com as experiências de discriminação. Dessa forma, para os brasileiros, resultou ser uma experiência negativa mais frequente o trato com pessoas mal humoradas e desagradáveis tanto no estudo 3 como em outros estudos qualitativos com imigrantes brasileiros na Espanha (Masanet, 2009). Essa situação pode relacionar-se com a maior percepção de discriminação e a maior dificuldade para fazer amigos, expressada pelos participantes brasileiros em comparação com os participantes vascos, o que pode indicar que a integração na sociedade de acolhida parece ser mais resistente para os imigrantes brasileiros que para os imigrantes vascos que participaram deste estudo.

Para os imigrantes brasileiros, os problemas referentes às formas *manejar a distância social*, no estudo 2, relacionavam-se sobretudo com as dificuldades socioeconômicas e com o controle percebido, e não se associavam com o bem estar hedônico nem com o apoio social. Enquanto que no estudo 3, vinculavam-se com o conceito de hierarquia e como os valores de poder e logro (realização), confirmando os resultados do estudo precedente (Basabe, et al. 2009), onde os valores hierárquicos de poder e logro (realização) se associavam positivamente ao controle percebido. Desse modo, os imigrantes brasileiros residentes no País Vasco, quando enfrentavam dificuldades relacionadas com a distancia social e com o manejo da hierarquia, percebiam que suas dificuldades de adaptação impediam-lhes de atuar

de maneira competente e, conseqüentemente, sua percepção de controle se encontraria ameaçada (estudo 2).

Por outro lado, o choque pelo contraste entre a climatologia do País Vasco e do Brasil marcou diferenças importantes entre os dois grupos migrantes, de maneira que representou maior dificuldade, para os brasileiros, no início do estabelecimento na sociedade de acolhida. Nesse sentido, é relevante considerar que o sudeste brasileiro, onde se encontra o Estado de São Paulo, origem migratória da totalidade dos brasileiros e destino dos imigrantes vascos deste estudo, o clima é tropical atlântico, caracterizado por ser quente e úmido a maior parte do tempo (Schneeberger & Farago, 2003), condição que contrasta com as características climáticas da província de Álava, na qual o clima predominante é mediterrâneo continental, com quentes e secos verões e frios e nevados invernos (Climatología del País Vasco, 2011). Essas diferentes respostas frente ao clima também foram apontadas em estudos prévios, como por exemplo, no de Ángel (2007), no qual os imigrantes estrangeiros procedentes de países coletivistas encontravam mais dificuldades em adaptar-se ao clima e ao ritmo de vida, que os estudantes, turistas ou trabalhadores vascos expatriados.

O alto controle da incerteza (Hofstede, 2001) é uma das dimensões que compartilham as culturas mediterrâneas e latinas, e por extensão da Colonização, os países latino-americanos. Nessa dimensão, segundo os estudos de Hofstede, Portugal ocupa a 2ª posição, Espanha ocupa a 15ª e Brasil ocupa a 21ª. Ainda que nos grupos de discussão (estudo 4) não foram mencionadas muitas ideias que poderiam classificar-se nesta dimensão, as poucas mencionadas foram importantes já que se associaram com motivações que impulsaram a emigração (a sair do país de origem), ou seja, com ideias que refletem o medo pela insegurança social existente no país de origem.

Por outro lado, a orientação a curto e longo prazo, foi outra diferença cultural destacada no estudo 4. Os participantes dos grupos de discussão indicaram compartilhar uma visão imediatista relativa às relações interpessoais e planificação econômica (com ênfases em desfrutar o momento presente), em comparação com a sociedade anfitriã que se percebe como mais planificada. Ideias parecidas foram destacadas também em estudos prévios, nos quais diferentes grupos de imigrantes reconheceram que os autóctones planificam mais a vida social que eles (Zlobina, et al. 2004). Esses resultados são congruentes com os índices culturais que descrevem o Brasil como uma cultura relaxada e indulgente, que valoriza o presente e o curto prazo, onde a felicidade se consegue cultivando laços com os próximos - familiares e amigos (Hofstede, et al. 2010). É interessante também ressaltar que a orientação em curto prazo se associa com a estratégia de mobilidade individual, acentuando a situação presente e os ganhos econômicos que podem obter-se através do estabelecimento na Espanha que, por sua vez, indica a existência de uma vinculação entre os valores do tipo materialistas e orientação em curto prazo.

Resultados de estudos prévios, tanto qualitativos quanto quantitativos, identificaram fontes de choque cultural relacionadas com dimensões como a planificação do tempo e o ritmo de vida (González, et al. 2009; Zlobina, et al. 2004). Nessa linha, no estudo 4, não surgiram de forma espontânea esse tipo de ideias nos grupos de discussão, pelo que se supõe que essa relação não ocupa um lugar de destaque na percepção desses imigrantes brasileiros.

Além disso, quando foram analisadas as diferenças por grupos étnicos, pôde-se verificar que o coletivo de brasileiros apenas percebiam diferenças culturais relacionadas com a planificação da vida, logro e formalidade nas relações, enquanto que os coletivos procedentes da África e de outros países latino-americanos, como Colômbia e Equador, destacavam essas diferenças. Em conjunto e comparando com os outros coletivos, os imigrantes brasileiros ressaltaram perceber que, na Espanha, a importância dispensada aos valores familistas é menor, é mais baixa a expressividade emocional assim como o aconchego e a proximidade nas relações interpessoais (Zlobina, et al. 2004). Os resultados do estudo 4 também se ajustam a esse perfil. Cabe mencionar que, quando se interroga por meio de questionário, como no caso dos estudos 2 e 3, as respostas indicam que as dificuldades para acostumar-se ao ritmo de vida são mais destacadas no início da instalação no país de acolhida (pontuações médias) e, com o passar do tempo, vão perdendo a importância.

Coletivismo e Familismo latino

Um dos temas de interesse nos estudos sobre a aculturação em populações latinas está constituído por diferenças entre o individualismo e o coletivismo, em especial pelas diferenças que se referem à importância da família (familismo latino) (Chun, et al. 2003; Páez, et al. 2003). Nas sociedades latino-americanas e nas sociedades africanas, a importância atribuída para as relações familiares e para a lealdade ante seus membros é alta (Hofstede, 2001, Páez, et al. 2003). Tanto o Brasil quanto a Espanha são considerados através da Pesquisa Mundial de Valores como países fortemente familistas, porém a Espanha com um número um pouco menor, assim a família é muito importante para os 93% dos brasileiros e para os 86% dos espanhóis (Inglehart, et al. 2004).

Nesse sentido, um dos resultados mais relevantes desta tese é a importância que os valores familistas representam entre os imigrantes brasileiros. Comparando os resultados quantitativos (estudos 2 e 3) e qualitativo (estudo 4) sobre essas diferenças culturais percebidas, infere-se que aspectos como a importância dos laços familiares e a saudade da família foram manifestados através dos dois métodos de estudo, sendo mais destacadas na categoria de coletivismo e familismo nos grupos de discussão, e constituído a segunda dificuldade de maior importância nos resultados obtidos pela escala SCAS. Assim mesmo, incide na dificuldade de estabelecer laços com a sociedade de acolhida (fazer amigos nativos), tanto quando se fala de estratégias de separação ou quando se destacam as experiências da minoria étnica nos grupos de discussão.

Os estudos sobre os valores culturais das nações (Hofstede, 2001) indicaram que países como a Espanha e o Brasil são culturas divergentes, sendo Espanha mais individualista e Brasil mais coletivista e hierárquico. Assim, os resultados do Estudo 3 indicaram que os imigrantes brasileiros apresentam um perfil de desenvolvimento pessoal, são mais coletivistas do que os vascos, são fortemente familistas, mais conformistas com o grupo, mantêm as redes familiares de apoio mútuo e valorizam a hierarquia e a obediência. Especificamente, os imigrantes brasileiros veteranos têm uma orientação mais coletiva, já que o tempo de permanência no país de acolhida reforça a identidade de origem, as práticas culturais de

origem e as tradições. Em quanto que os imigrantes vascos compartilham valores individualistas da promoção pessoal e de poder, ao mesmo tempo em que são muito tradicionalistas e possuem uma identidade étnica forte, na realidade a maior diferença nos valores entre os vascos e os brasileiros se apresentaram nos valores de tradição.

Em estudos sobre a emigração em direção a América Latina, foi cunhado o termino de patriotismo retrospectivo para explicar o apego desenvolvido pela cultura natal, nos imigrantes de origem vasco, galego, espanhol ou italiano, entre outros, devido à nostalgia do país de origem (Zubieta, 2004).

Os imigrantes vascos na América promoveram, através da criação de casas vascas e de associações similares, diversas atividades culturais tradicionais, tais como descritas por Douglass e Bilbao (1986, 141 pp.) : "... O amor dos vascos (por seu país) crescia por causa das distâncias de sua Pátria". No caso do País Vasco, se conjuga que sua alta identidade étnica e os fortes sentimentos tradicionalistas, que provavelmente são reforçadas pela emigração, aumentam os laços com a cultura de origem (por exemplo, através das casas vascas), e mistifica um passado idealizado pela nostalgia.

Os resultados do estudo 3 mostraram que os vascos e os brasileiros compartilham valores familistas, ambos os grupos valorizam fortemente os laços familiares assim como passar tempo com a família, porém o grupo brasileiro deu um pouco mais de ênfase na dimensão de assistência e apoio, que se entende por seu maior acordo com uma concepção hierárquica da família, na qual é importante praticar e ensinar a obediência e o respeito relativos aos idosos. Também se deve advertir que não foram encontradas diferenças na satisfação com a família entre o grupo de imigrantes vascos e brasileiros.

Os resultados do estudo qualitativo (4) permitiram explorar as conexões entre valores familistas e os motivos migratórios. Deste modo, um facilitador da migração é a concepção familista e coletivista, como uma rede de obrigações mútuas, que está associado com a busca de segurança na migração. As ideias co-ocorrentes (redes), permitiram concluir que as principais diferenças culturais destacadas referem-se à dimensão coletivismo-familismo latino, que aparece também ligada à motivação materialista como impulsora do projeto migratório, e ao mesmo tempo com a busca de segurança. As ideias expressas nos grupos refletem os valores materialistas orientados para promoção da família, que permitam, por um lado melhorar a qualidade de vida da família no país de acolhida, a situação econômica e o acesso ao trabalho, e ao mesmo tempo é uma imigração visa manter os laços com a origem, sustentando e apoiando a família extensa que permaneceu no Brasil. Assim, os fatores econômicos (materialismo) e os facilitadores constituíram os principais motivos de migração, mas nem por isso deve ser negligenciado outras motivações expressas pelos participantes como foram os motivos do autodesenvolvimento, o idealismo, o reagrupamento familiar e o desejo de retornar. A análise das ideias co-ocorrentes indicaram que os motivos se combinam, de modo que o materialismo está vinculado com motivos de autopromoção e desenvolvimento pessoal, o que mostra que as motivações coletivas e individuais não são se excluem entre si, e que associados com as motivações familistas e coletivistas também a buscam vantagens para o desenvolvimento pessoal. Outros estudos também mostraram que

sendo os motivos econômicos e familiares uma das principais causas da emigração existem também outros motivos associados (Zlobina, et al. 2004).

Saudades: viver longe da família

As pessoas que deixam sua cultura de origem para se estabelecer em uma diferente, se encontram em situações desconhecidas, muitas vezes ambíguas, conflitantes e de solidão (Ward, et al. 2001; Zlobina, et al. 2004).

A saudade da família ou o duelo pela separação é uma das respostas mais comuns e entre os imigrantes e expatriados, a separação da família e dos entes queridos, em muitas vezes significa para estas pessoas um forte sentimento de solidão e de sofrimento especialmente quando crianças ou pais idosos e doentes são deixados para trás (Achotegui, 2002; Ángel, 2007). No Estudo 3, viver longe da família representou para ambos os grupos, especialmente no início da experiência de migração uma considerável dificuldade, que vai diminuindo de importância após o primeiro ano de residência, e ao longo dos anos para os grupos. Esta mudança pode ser considerada parte do processo de adaptação, de modo que o sentimento de nostalgia em relação à família ou as pessoas próximas que permaneceram no país de origem vai diminuindo à medida que o imigrante adquire maior domínio da cultura de acolhida. Nos grupos de discussão também surgiu a ideia da "saudade da família" que é deixada para trás na migração, nesse tipo de migração materialista – família que mantém os laços com a origem, os imigrantes experimentam estranheza com o país e família de origem, especialmente sentida quando visitam o Brasil novamente após um tempo de ausência. O mito do retorno e a saudade do que foi deixado para trás é uma ideia que costuma ser frequentemente descrita como uma característica do duelo migratório (Achotegui, 2002). No entanto, essa ideia foi pouco mencionada nos discursos dos grupos. Associou-se com a comparação social em relação à situação no país de origem, onde surgiu o desejo, por um lado, de retorno e sua impossibilidade, em segundo lugar, porque os filhos já estão integrados ou assimilados na sociedade receptora e não desejam retornar. Este é um acontecimento recorrente em matéria de migração em que o retorno se converte em um "sonho" insatisfeito (Páez, et al. 2000).

Familismo, aculturação e bem estar subjetivo

De acordo com o maior familismo presente nas culturas latinas, esperava-se que a importância dada às relações familiares e, especialmente, a dimensão da "obediência e respeito em relação aos idosos" estivessem mais relacionadas com as estratégias de aculturação caracterizadas pela separação e pelo biculturalismo entre os brasileiros do que entre os vascos (efeito da interação do grupo e tipo de estratégia de aculturação), mas não foi constatada esta hipótese.

Para a amostra total de vascos e de brasileiros o familismo, e suas dimensões não se correlacionaram com as medidas SCAS. Apenas resultaram significativas as correlações entre valores e SCAS em manejo da distância social e da hierarquia, no caso de os vascos, que

confirmam que um perfil de valores individualista, de abertura e de promoção do Eu está associada com menor SCAS (universalismo, estimulação, autodireção, hedonismo, logro e poder) e, pelo contrario, os valores de conservação e coletivistas, como a tradição se associa com mais dificuldades, em especial no campo das relações interpessoais e comunicação.

Por outro lado, a relação entre as estratégias de aculturação e familismo não mostrou efeito de interação significativo, unicamente observou-se que as estratégias de separação são caracterizados por valores familistas em comparação com estratégias biculturais e de assimilação (efeitos diretos) tanto para os vascos como para os brasileiros, também não se encontraram associações significativas entre o familismo e as dificuldades de adaptação cultural (SCAS).

Nos grupos de discussão (estudo 4) os relatos dos participantes expressaram esta concepção familista de uma rede de obrigações e cuidado mútuo, citando elementos idealistas familista, que prescrevem o dever em relação à família e aos amigos, que se expressa em uma obrigatoriedade na prestação de ajuda para com os familiares e amigos que se encontram também no país de acolhida. As redes de ideias indicaram que esse idealismo - familista é uma forma de lealdade familiar que normativiza a necessidade de ajudar os próximos como uma maneira de afrontar e superar o estresse de aculturação (por dificuldades de linguagem, situações de discriminação, e associada à mobilidade individual, de modo que as normas culturais ditam que as redes familiares devem ser um apoio à mobilidade social dos imigrantes na sociedade de acolhida). De acordo com os estudos que encontraram que o familismo se associava a um maior bem estar subjetivo em um coletivo amplo de imigrantes (Basabe, et al. 2009); se planteava que os valores familistas, os valores de promoção do Eu e individualistas jogariam um papel importante como proteção contra a experiência de discriminação, preconceito e as SCAS. Sem embargo, não foi possível constatar o papel moderador para o ajuste psicológico, porém os valores de abertura para a experiência, em especial a motivação de estimulação apresentavam menos SCAS totais, menos dificuldades no manejo da distancia social e da hierarquia e menores no âmbito das relações interpessoais e de comunicação. Também se pode apreciar que quando a estimulação era alta, as pessoas pareciam estar protegidas contra os efeitos nocivos do estresse de aculturação, pois é neste grupo, onde uma atitude positiva por parte dos moradores foi associada com menos dificuldades no Manejo da Distância social e hierarquia, e não sucedia o mesmo nas pessoas que apresentaram baixa pontuação na estimulação. Por outro lado, embora as narrativas dos grupos de discussão enfatizassem o papel protetor da rede de cuidado mútuo do familismo, o estudo quantitativo não constatou essa hipótese. Também não foi encontrado que os valores que podem considerar-se relativamente opostos, como os valores individualistas da abertura e da autopromoção afetasse a relação entre SCAS e bem estar subjetivo (medido pela balança de afetos). Pelo contrário, observou-se que os valores de conservação tiveram um papel moderador na relação do SCAS com a Balança de afetos. Deste modo, as dificuldades de adaptação se associam com uma pior balança de afetos quando os valores de conservação são de baixos ou médios, ou seja, uma baixa conservação e conformidade impedem que a proteção do grupo amortença os efeitos negativos das dificuldades de adaptação sobre o estado afetivo. O que pode sugerir que, pelo

menos em parte, os valores coletivistas podem ter um efeito protetor contra o estresse de aculturação. No entanto, resultados de estudos anteriores apoiam os possíveis efeitos ambivalentes que poderiam derivar-se das redes de obrigações e lealdades familiares. Assim, o estudo do País Vasco, em 2007/08 (Basabe, et al. 2009) constatou que de acordo com os valores familistas correlacionavam positivamente e com baixas associações com o afeto positivo, ao mesmo tempo em que se associavam com mais afeto negativo. Foram os valores individualistas que apresentavam associações mais fortes com o afeto positivo, enquanto que os valores coletivistas mostraram associações positivas, porém muito débeis, ademais os valores individualistas se vinculavam também com outras dimensões do bem estar subjetivo como com a satisfação com a vida, com a sensação de liberdade e controle, com o apoio social percebido por parte dos nativos, todas as dimensões relacionadas bem estar eudemônico, que promove o desenvolvimento pessoal (Bobowik, et al. 2014) As relações entre conformidade, familismo e afeto negativo, por um lado e familismo e acontecimentos negativos por outro, parecem indicar que a lealdade endogrupal e as redes de relações próprias de uma cultura fortemente familista são uma fonte de stress e mal estar ao mesmo tempo em que proporcionam proteção.

Estratégias de Adaptação

Em termos gerais, a aculturação é um processo de mudança cultural e psicológica resultante do contacto permanente entre as pessoas de diferentes culturas (Liebkind, 2001; Berry, 2005; Sam & Berry, 2006).

Sintetizando os elementos antecedentes e consequentes da aculturação, pode-se dizer que o processo de aculturação ocorre em determinadas condições (objetivas e subjetivas, pessoais e sociais) que determinam as orientações de aculturação, tanto para a cultura dominante como para a cultura herdada e os resultados, tanto para o bem estar e o mal estar psicológico como para a competência sócio cultural, que ocorre no marco das interações entre pessoas de distintas procedências. No entanto, o ajuste ou adaptação a uma nova cultura envolve basicamente três aspectos: a) adaptação psicológica, concebida como manter uma boa balança de afetos, a satisfação com o novo ambiente cultural e sua aceitação ; b) a aprendizagem cultural, aquisição de competências sociais que permitam manejar-se na nova cultura, ter boas relações com as pessoas da sociedade de acolhida, e c) a realização de comportamentos adequados para a realização de condutas adequadas para a resolução exitosa das tarefas sociais (Moghaddam, Taylor & Wrigth, 1993). Adaptar-se a um novo meio, é portanto o resultado de um processo complexo, que além de englobar diversos aspectos da sociedade de origem e de acolhida requer o uso de diferentes formas de afrontamento por parte dos grupos e ou dos indivíduos. Estas formas de afrontamento são denominadas estratégias de aculturação.

Como uma maneira de conhecer as estratégias de adaptação dos imigrantes, vascos e brasileiros, em seu processo de aculturação na sociedade de acolhida (Brasil e País Vasco), nos quatro estudos que compõem esta tese, considerou-se : (1) o modelo bidimensional de aculturação proposto por Berry, que combina duas dimensões de atitudes, uma orientada

para a cultura de origem e outra dirigida para a sociedade de acolhida, e enfoca quatro estratégias aculturação: assimilação, separação, integração ou biculturalismo e marginalização (Berry, 2003; Berry, et al. 2003); (2) a proposta de Bourhis, et al. (1997), que acrescentam a essas duas dimensões duas outras, uma em relação às políticas adotadas pelo Estado em matéria de imigração e de integração, e outra em relação preferências adotados pelo grupo de acolhida para grupos específicos de imigrantes; (3) a aportação de Navas, et al. (2007), que considera não somente as preferências de aculturação dos imigrantes, mas também as preferências das pessoas autóctones, no plano ideal (atitudes) e no plano real (práticas), acrescentando também os âmbitos de socialização (política, laboral, econômica, social, família, religião e maneiras de pensar). Nesta linha, tanto quando se aplicou a metodologia quantitativa (estudos 1, 2 e 3) como a qualitativa (estudo 4), os resultados encontrados indicam que a assimilação e integração, são estratégias preferidas pelos dois grupos de imigrantes (vascos e brasileiros), e são menos comum a marginalização e a separação, isso sim, com nuances de diferenças entre os grupos de migrantes.

Deste modo no estudo 1, o grupo de brasileiros optava, em sua maioria pelo biculturalismo e pela assimilação. No entanto em comparação com outros grupos étnicos, como os colombianos ou os equatorianos, a orientação do grupo de brasileiros estava mais dirigida para a sociedade de acolhida destacando a preferência assimilacionista deste coletivo. É importante ressaltar que neste estudo não se diferenciaram os âmbitos públicos e privados da socialização, que conforme foi visto, introduz variações importantes com uma clara preferência bicultural e ou de separação no âmbito privado e uma tendência para a assimilação nas esferas publicas, como mais adiante se manifestou nos grupos de discussão e também se corroborou em estudos por meio de questionários fechados (Basabe, et al. 2009).

Através do estudo 3, foi possível constatar a influencia do tempo de residência como uma variável importante que afeta as praticas culturais de origem e de acolhida (Briones, et al. 2005; Zlobina, et al. 2004) em função do grupo e a cultura. O grupo de brasileiros apresenta uma forte orientação em relação ao país de acolhida especialmente nos primeiros tempos, em quanto que os brasileiros veteranos orientam-se mais para as suas origens e, pelo contrario os vascos recém-chegados permanecem mais centrados nas suas origens, enquanto que os vascos com mais de um ano de residência se movem entre as duas culturas e vão adotando com mais força as praticas do país de acolhida.

No estudo 2, se encontrou que as estratégias orientadas para a sociedade de acolhida, isso é o biculturalismo e a assimilação, são mais vantajosas para o ajuste sociocultural dos brasileiros no País Vasco. Assim, as estratégias associadas com uma forte identificação com o país de acolhida ajudam a estes imigrantes superar problemas de adaptação sociocultural, enquanto que as relacionadas com a não aceitação da cultura de acolhida implicam em uma pior adaptação sociocultural, tal como também se encontrou nos estudos de Ward e Rana-Deuba (1999), e Ward e Kennedy (1993; 1994). Em relação ao ajuste psicológico, se encontrou que ambas as estratégias estavam associadas com um maior afeto positivo, dimensão de bem estar que por sua vez está relacionada com a obtenção de reforços sociais e com a integração social (suporte social como, por exemplo). Porém, nos estudos com questionário (Basabe, et al. 2009), o efeito negativo (a ansiedade) foi maior entre os

assimilados e menor entre os biculturais entretanto os assimilados apresentaram um nível de afeto positivo igual aos biculturais, o que sugere, por um lado que a assimilação tem um custo, e por outro lado o apego e as redes de origem dos biculturais podem funcionar como amortecedor frente ao stress. Desta forma se pode dizer que as dificuldades de adaptação sociocultural podem variar segundo a estratégia de aculturação escolhida pelos imigrantes. Nesta mesma linha, o estudo 3 constatou o papel do mediador positivo que a percepção de apoio da sociedade de acolhida tem para amortecer o efeito nocivo do preconceito, assim mesmo se viu que o apoio das redes de origem representadas pelos valores familistas não moderavam o ajuste sociocultural.

Nos quatro estudos realizados, pode-se constatar que entre os imigrantes brasileiros residentes no País Vasco, existe uma preferência pelas estratégias assimilacionistas e bicultural, ou seja, parte dos imigrantes conservam as duas culturas e a outra parte adota a de acolhida esquecendo a de origem, enquanto que os vascos residentes no Brasil expressam sua preferência pela integração ou biculturalismo, conservando a sua própria cultura e adotando a cultura do país de acolhida na maior parte dos casos (81%). Assim mesmo, as atitudes positivas em relação à sociedade de acolhida se incrementam com o tempo de residência.

Diversos estudos quantitativos revelaram resultados similares, sendo dominantes as estratégias de assimilação e bicultural dominantes, e minoritárias as estratégias de separação e a marginal ou difusa (Basabe, et al. 2009; Berry, et al. 2003; Bourhis, et al. 2009; Navas, et al. 2004, 2010), este perfil de preferência costuma dar-se em grupos que não sofrem grande estigma ou discriminação e em contextos multiculturais, como pode ser o caso da grande parte do coletivo brasileiro na Espanha (Basabe, et al. 2006; Masanet, 2009; Santiago & Zubieta, 2006; Techio, 2011; Zlobina, et al. 2004), no entanto outros grupos estigmatizados adotam estratégias de separação ou marginalização, como no caso dos turcos na Alemanha (Piontkowski, et al. 2000) ou no caso espanhol os africanos e magrebinos (Navas, et al. 2004).

Outros estudos, como o realizado em Lós Angeles (Bourhis, et al. 2013), na França por Barrette, et al. (2004) e na Espanha (Briones, et al. 2005; Navas, et al. 2004), demonstraram que além do status do grupo, as orientações preferidas pelos grupos majoritários e minoritários influem diretamente no tipo de relação que se pode originar entre eles. Já que a concordância ou não nas preferências de orientação determinará o tipo de relação que será estabelecida entre eles, podendo ser harmoniosas, problemáticas ou conflitantes. Assim mesmo, estas relações se vêm mediadas pela origem étnica e cultural dos imigrantes, considerando, por uma parte que os diferentes grupos de imigrantes adotam distintas orientações de aculturação segundo os diversos fatores, entre eles a origem, da idade, sexo, o nível social, o grau de identificação cultural e a geração de imigração. E por outro lado que as pessoas do grupo autóctone adotam distintas orientações de aculturação frente aos grupos minoritários em função da origem dos imigrantes e das circunstâncias políticas, demográficas ou socioeconômicas do país de acolhida. Neste sentido, a sociedade de acolhida inicialmente pode estar a favor da integração de um grupo de imigrantes e mais tarde passar a querer sua exclusão, sejam pelo incremento de novos imigrantes do mesmo grupo, ou por câmbios na política de trabalho ou de imigração (Bourhis, et al. 1997). Assim, como consequência da crise

econômica na Espanha, como em outros países da Europa, se incrementou a percepção das ameaças perante a imigração e as atitudes de xenofobia (Cea & Vallés, 2013), assim se constata que o índice de tolerância com a imigração evoluciona em paralelo com a evolução do PIB, e quando o crescimento é negativo diminui também o índice de tolerância (Ikuspegi, 2013).

Ademais, as orientações da aculturação da sociedade de acolhida podem variar em função das atitudes positivas ou negativas referentes ao grupo minoritário (Bourhis & Dayan, 2004). De acordo com os resultados de estudos realizados com estudantes em Quebec (Montreuil & Bourhis, 2001) as preferências pela integração o pelo individualismo resultou ser comum entre os grupos que foram avaliados positivamente pela sociedade dominante, pelo contrario, a segregação e a exclusão social foram mais frequentes para as minorias desvalorizadas. Estes resultados foram confirmados em nossos estudos, principalmente no estudo 3, onde as características dos tipos de imigrantes e das sociedades de acolhida permitem uma comparação em espelho. Encontrou-se que a população brasileira percebe de maneira positiva o grupo minoritário vasco que reside no Brasil, o que facilita que a orientação de aculturação preferida por estes imigrantes seja a integração, e que o relacionamento entre eles e nativos provavelmente ocorram de maneira harmoniosa. Em quanto que, a minoria brasileira constitui um coletivo relativamente pouco desvalorizado na Espanha em comparação com outros grupos étnicos instalados neste país, e esta situação pode favorecer que suas preferências de orientação oscilem entre a integração, a assimilação e que as relações entre a maioria e minoria sejam relativamente harmoniosas. Os resultados do estudo 1 corroboravam que a situação do grupo brasileiro era mais positiva que a de outros coletivos imigrantes. Estes resultados são similares aos encontrados em estudos realizados com populações de estudantes brasileiros e espanhóis e com pessoas imigrantes brasileiras residentes na Espanha e autóctones espanhóis, que indicavam que o grau de confiança no Brasil ocupava o quarto lugar na imagem da população espanhola, em quanto que a Espanha ocupava o primeiro lugar no imaginário dos brasileiros, assim mesmo os brasileiros valoravam algo mais os espanhóis que a inversa (Masanet, 2009; Santiago & Zubietta, 2006b). Tudo isto apoia que o valor outorgado pela sociedade de acolhida ao grupo minoritário influi na adoção de uma ou outra orientação de aculturação e na qualidade da relação estabelecida com o grupo dominante (Barrette, et al. 2004; Bourhis, et al. 2009; Bourhis & Bougie, 1998; Bourhis & Dayan, 2004; Briones, et al. 2005; Montreuil & Bourhis, 2001).

Considerando as estratégias de adaptação em função das esferas sociais, a adoção de uma ou outra orientação de aculturação depende de duas dimensões básicas (a da origem ou a da acolhida) e da combinação criativa dos distintos âmbitos de socialização (Berry, et al. 2003). Em concordância com esta proposição, os resultados do estudo 4, revelaram que as preferências por uma ou outra estratégia depende do âmbito de socialização em que se desenvolve a aculturação. Segundo os relatos das pessoas brasileiras, que participaram nos grupos de discussão, existe uma predominância na esfera privada pelo biculturalismo (39%) e na esfera pública pelo assimilacionismo (64%). Por outro lado, em similar proporção, existe menor tendência para a marginalização, tanto no âmbito público como no privado (14%), e

uma maior preferência pela separação no âmbito privado (35%) que no público (4.5%). Congruentemente com isto, outros estudos realizados no contexto espanhol com diferentes grupos étnicos, encontraram que as estratégias gerais biculturais e de assimilação eram majoritárias (Zlobina, et al. 2004); desta maneira os estudos de Navas, et al. (2004, 2010) encontravam uma preferência tanto dos imigrantes como dos autóctones pela assimilação nos âmbitos periféricos (político, tecnológico e econômico), o que indica um alto consenso neste campo, de maneira que nos âmbitos centrais (familiares, sociais, em crenças religiosas e formas de pensar) os imigrantes demonstraram preferências pelas estratégias de separação ou integração em quanto que os autóctones esperavam deles a assimilação, detectando-se assim possíveis fontes de conflitos e relações problemáticas no processo de aculturação (destaca-se que estes últimos estudos não incluíam população brasileira e sim africana e romena).

Os resultados do estudo qualitativo também consideraram esta especificidade em relação aos âmbitos de socialização, assim se encontrou, por um lado, *os tipos puros*, que adotam a assimilação na esfera pública e a separação na esfera privada, a assimilação nas esferas pública e privada, a separação nas esferas pública e privada, e a bicultural nos âmbitos público e privado. E por outro lado, encontrou-se os *tipos mistos* mais criativos, que preferem a assimilação no âmbito público e o biculturalismo na esfera privada, como no caso dos imigrantes brasileiros que revelam ter assimilado muitos aspectos da cultura de acolhida, o que lhes permite comportar-se e atuar como os vascos nas esferas públicas, no trabalho ou na escola, e transportar para a vida privada muitos destes aspectos que compaginam com os vínculos que conservam com o Brasil; e, também os que adotam o biculturalismo nas pautas culturais junto com a assimilação nas esferas privadas e públicas, conforme expressado em alguns relatos, círculo de amizades, de determinados brasileiros, no País Vasco está composto somente por pessoas nativas com as que compartilham os costumes das duas culturas (vasca e brasileira).

Seguindo com o estudo 4 e considerando as ideias co-ocorrentes entre as estratégias de adaptação e outras macro categorias, se encontrou que *a assimilação privada* responde a uma motivação coletivista, materialista e familista. Neste sentido, os imigrantes brasileiros que adotam a estratégia de assimilação no âmbito privado, expressam o desejo de melhorar as condições de vida familiar, as oportunidades para o progresso dos filhos, ao mesmo tempo em que busca evitar o isolamento fazendo um esforço por contatar com os autóctones. Por sua parte, *a assimilação pública* pode compreender-se como uma estratégia defensiva, de distanciamento do estereótipo negativo do brasileiro adotada com o objetivo de evitar a discriminação. No entanto, através dos relatos dos brasileiros pode-se observar que a assimilação pública e a separação privada estão associadas ao desejo destes imigrantes em receber apoio da sociedade de acolhida. Ademais, no âmbito público, as estratégias de assimilação frente à estratégia de assimilação representam dois polos opostos, onde o polo assimilacionista busca o apoio da sociedade de acolhida distanciando-se do estereótipo negativo do brasileiro, enquanto que o outro polo, a separação, não aceita ao mesmo tempo em que reproduz o estereótipo negativo dos brasileiros. Também por meio dos relatos foi possível constatar que os imigrantes brasileiros que percebem a discriminação se sentiram

acolhidos e receberam apoio por parte dos vascos demonstrando assim sua preferência pelas estratégias biculturais.

No âmbito privado, em relação com o idioma existe uma divisão entre os brasileiros. No estudo 4, 25% indica adotar uma estratégia de separação, falando seu idioma nativo, 19% prefere a assimilação adotando a língua autóctone e 56% se orienta de uma forma bicultural falando os dois idiomas, porém estes últimos se subdividem entre os que se manejam perfeitamente entre o espanhol e o português e os que manifestam uma nova identidade, uma mistura entre as identidades de origem e de acolhida resultando na criação de um novo modo de linguagem oral o “portunhol”. Como propõe Benet-Martínez (2007, 2010) não é uma regra geral que as pessoas biculturais internalizem e façam uso ao mesmo tempo da cultura de origem e da cultura de acolhida de maneira global e uniforme. As mudanças experimentadas podem dar-se em diferentes domínios da vida: uso das línguas, afiliação social, estilo de comunicação, identidade cultural e orgulho, crenças, conhecimentos culturais e valores (Nguyen & Benet-Martínez, 2007, 2010). Podem existir variações nas identidades biculturais, por um lado estão às pessoas que alteram uma identidade e outra, adaptando suas condutas em respostas as demandas do contexto, e por outro lado existem pessoas que fusionam as duas culturas, elaborando uma mescla que resulta em um novo estilo ou uma nova identidade (LaFromboise, et al. 1993), como pode ser a mistura de idiomas como no caso do “chicano” nos EEUU (espanhol falado pelos mexicanos e o inglês), do “spanglish” (espanhol e o inglês), ou do “portunhol” (qualquer mistura entre os grupos que falam o português e o espanhol). Expressões comuns relatadas pelos participantes são as seguintes: “Voi a tirar una fuetto” (português: Vou tirar uma foto – español: Vou sacar una foto), “cocacuela” (coca-cola), “puerco” (português: porca ou leitão – español: cerdo), “Vou a sacar la bazura” (português: Vou jogar o lixo – español: Voi tirar la basura), “Ja hablei com ela” (português: Ja falei com ela – español: ya he hablado con ella), “O tchico esta em una situación mutcho embaraçada (português: O rapaz esta em uma situação muito complicada ou embaraçada– español: El chico está en una situación muy difícil), el trien sale aora as dies ueras (português: O trem sai agora às dez horas– español: El trién sale ahora, a las diez horas) “É ido levar mi pierrita para tomar banho e cortar el pelo en la peluquería da plaza pierto del ciento de la cidade. Encuanto esperaba, apareceu una tchica con un cachuerro con lo rabo cuerto...cuerto” (transcripción literal).

Esta mistura idiomática tem como finalidade proporcionar uma comunicação pontual, mas quando se transforma em um “idioma de uso frequente”, pode adquirir características prejudiciais importantes para a integração no novo contexto pela falta de domínio linguístico em varias esferas da vida cotidiana. (Fernández García, 2006; García, 1988). De maneira diferente ao relatado no estudo 4, onde o “portunhol” é utilizado no âmbito privado, no estudo 3, esta a mistura sobrepassa do âmbito privado ao publico, podendo causar problemas de comunicação entre os imigrantes brasileiros e os autóctones vascos. Também, como são expressões compreendidas somente pelas pessoas procedentes do Brasil, que estão instaladas no País Vasco (no caso deste estudo), quando viajam a seu país a comunicação com os outros brasileiros, que não tiveram contato com a língua espanhola, se torna menos fluida. Este desajuste no domínio da língua pode acarretar conseqüências para os filhos dos

imigrantes. Neste sentido os estudos sobre as gerações de imigrantes destacam o efeito negativo que a falta de ajuste cultural e linguístico dos pais pode ter sobre o ajuste sociolinguístico dos filhos na esfera escolar (Polek & Coen, 2013). Porém, em outros estudos como o de Briones (2008) com os adolescentes de 1ª e 2ª geração não foram encontradas diferenças significativo no domínio linguístico do espanhol e no uso da língua de origem em função dos perfis de aculturação.

Experiência de Minoria Étnica

No estudo 4, o discurso dos participantes dos grupos de discussão, centrou-se principalmente em torno à experiência no país de acolhida e nas relações intergrupais (nativos e imigrantes); com menor intensidade sobre as orientações de aculturação, e em último lugar se evidenciavam ideias relativas aos motivos migratórios e as diferenças culturais. Neste sentido, revelou-se nos relatos a importância que adquire para os imigrantes as formas de afrontar a experiência migratória, e a estreita relação que apresentam com a discriminação percebida e os estereótipos com os quais são categorizados pela sociedade de acolhida. O 69.9% do conjunto total das ideias (267 ideias) se trataram sobre a *Experiência de minoria étnica*, referida aos Estereótipos 15%, a discriminação 43%, e as formas de afrontar a experiência 42%.

Estereótipos

As pessoas que migram de seu lugar de origem para instalar-se em uma sociedade diferente da sua, passam a constituir um coletivo minoritário, exposto a situações que nem sempre resultam ser agradáveis e podem estar associadas com alguns estereótipos negativos, que a sociedade de acolhida lhes atribuem por pertencer a um determinado grupo étnico. Quando este é o caso, as pessoas enfrentam situações de preconceito e de discriminação. Neste sentido, através do estudo 3 quantitativo e do estudo 4 qualitativo, foi possível vislumbrar diferentes formas, através dos quais os imigrantes brasileiros residentes no País Vasco e os imigrantes vasco residentes no Brasil, experimentaram e fazem uso de recursos individuais, grupais, cognitivos e condutuais para afrontar sua condição de minoria e conviver no contexto de acolhida.

No caso da imigração, os estereótipos exercem uma importante influência nos contatos intergrupais, já que podem chegar a estimular a intensidade e marcar os limites das relações entre pessoas de distintas origens em função das crenças compartilhadas. As imagens sociais da imigração maioritariamente incluem estereótipos negativos, assim por exemplo, diferenciam-se os turistas e os imigrantes, como expressam Rodríguez, et al. (2005) “os turistas nos visitam enquanto que os imigrantes nos invadem”, a imagem dos turistas se associa com atributos positivos como a simpatia, a beleza, ou a maior educação, enquanto que a imagem dos imigrantes se associa com adjetivos opostos (Cuadrado, et al. 2003). Os meios de comunicação representam uma fonte importante de propagação de imagens estereotipadas, que reforçam o preconceito negativo e a exclusão social, como por exemplo,

quando se vincula os términos “imigrantes” com “ilegais ou sem documentos”, ativa no imaginário coletivo ideias que definem os imigrantes como “ociosos”, “não trabalham”, “são pessoas tristes e que caminham à margem da sociedade” (González-Castro, et al. 2011; Gorham, 2006; Martínez, 2008).

No estudo qualitativo, foram exploradas duas dimensões do estereótipo, o *auto estereótipo* e o *hetero estereótipo*. Em geral, o *auto estereótipo* se inclina a ser positivo, no sentido de que o coletivo se auto atribui traços e adjetivos que geram imagens favoráveis sobre si mesmos, enquanto que o *hetero estereótipo* ou seja as crenças outorgadas a outros coletivos tende a conter aspectos mais negativos e menos favoráveis (Triandis, 1982; Marín, 1975). Neste sentido, os participantes dos grupos de discussão, fizeram referência ao *hetero estereótipo* e ao *preconceito percebido (meta estereotipo)*, ou seja, a imagem que os brasileiros percebiam que os espanhóis apresentavam a respeito deles (dos brasileiros), deixando ao margem qualquer forma de *auto estereótipo*. Deste modo, os relatos reportaram um conjunto de atributos e imagens que os imigrantes brasileiros, percebiam que os meios comunicação transmitiam e que os autóctones tinham em relação a eles. Estes *estereótipos* foram classificados em seis tipos, que englobam características tanto negativos como positivas: (1) *ameaça realista*, percepção de ameaça que os autóctones creem que os brasileiros representam para eles; (2) *ameaça simbólica*, percepção de que a presença dos brasileiros e uma possível mistura étnica ou cultural pode destruir a cultura autóctone; (3) *traços negativos*, as imagens que os autóctones atribuem aos brasileiros; (4) *expressividade frente à instrumentalidade*, os autóctones consideram e descrevem do Brasil como um país de “festa”; (5) *sexismo*, os autóctones atribuem características pejorativas, com conotações sexistas, tanto aos homens como às mulheres brasileiras; (6) *traços positivos*, as qualidades positivas que destacam os autóctones com relação aos brasileiros.

Desta maneira, as generalizações que compõem o imaginário que os imigrantes brasileiros descrevem em respeito aos estereótipos e preconceitos dos autóctones coincidem em parte com o encontrado em outros estudos (Masanet, 2009; Santiago & Zubieta, 2006a). Estes estudos revelam que o Brasil causa muita curiosidade e interesse, porque é percebido como um país alegre, divertido, festeiro, rico em recursos naturais, onde sempre brilha o sol e faz calor, seus habitantes nativos são hospitaleiros, acolhedores, simpáticos e alegres; é um destino excelente para ir de férias e desfrutar dos seus recursos naturais e da expressividade de seu povo. Porém, quando o brasileiro decide emigrar e se instala na Espanha, a perspectiva do autóctone adquire diferentes tonalidades com relação à atribuição destes atributos. Em concordância com os outros estudos (González & Ubillos, 2011, 2011; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006b, Techio, 2011), os brasileiros instalados no País Vasco através de seus relatos indicam, por um lado que percebem ser reconhecidos como parte de um coletivo que provoca ameaça e insegurança para a sociedade de acolhida, porque “tiram” trabalho, se aproveitam das ajudas sociais, da educação e da saúde, são pobres, cometem delitos e podem representar uma ameaça cultural, já que a mistura entre os costumes pode prejudicar suas tradições.

Assim mesmo, expressam que os autóctones apresentam uma imagem do Brasil, principalmente reforçada pelos meios de comunicação, como o país do carnaval, das mulatas,

do samba, do futebol e das favelas. Imagem que induz uma visão dos brasileiros como pessoas pobres, que não fazem nada, que não são responsáveis, que sua vida gira em torno à praia, jogar futebol, dançar samba e tomar cerveja. Além disso, os brasileiros relatam ter ouvido expressões sexistas que definem os homens como “folgados”, “futebolistas”, “ladrões” e “alcoólatras”; e as mulheres como “oferecidas”, “quentes”, “prostitutas” ou “lagartas”; estas expressões têm uma repercussão mais negativa com referencia às mulheres relacionando-as como pessoas “proveitadoras”, que gostam da “vida fácil” e são “rouba maridos”. Masanet e Baeninger (2010) num estudo que realizaram sobre as imagens recíprocas e os estereótipos entre um grupo de brasileiros e outro de autóctones no contexto multicultural espanhol, identificaram a existência de uma representação social diferenciada por razão de gênero, onde predominam atitudes negativas com relação à mulher brasileira através de representações baseadas na sensualidade, o que provoca que a mulher brasileira seja alvo de preconceito com bastante frequência que os homens brasileiros na sociedade espanhola. Segundo Malheiros (2007), estes estereótipos podem levar a que a mulher brasileira que seja objeto de hostilidade, antipatia e aversão por parte das mulheres espanholas e, por outro lado, sofrer situações de assédio sexual por parte dos homens espanhóis e por parte de homens de outras nacionalidades. Esta dupla consequência foi saliente no estudo 4, onde por um lado, as mulheres brasileiras com companheiro autóctone expressam ter sofrido hostilidade e repulsa por parte das mulheres espanholas e de suas famílias, e por outro lado às mulheres solteiras declararam ter sido vítimas de assédio sexual.

Apesar destes estereótipos e preconceitos negativos, os imigrantes brasileiros também destacam que os nativos percebem que eles (os brasileiros) são pessoas “honradas”, “dignas de admiração”, “normais”, “simpáticas” e “trabalhadoras”, *“inclusive, mais trabalhadoras que os espanhóis”*. Porém existe um duplo sentido nestas atribuições, um sentido no qual os autóctones reconhecem favoravelmente os valores éticos e laborais dos brasileiros, e outro sentido utilitarista no qual os consideram como pessoas que executam os trabalhos que os espanhóis não querem e ou não gostam de realizar. Como também se identificou em outros estudos realizados no contexto espanhol e português (Machado, 2007, 2003; Masanet, 2009; Masanet & Baeninger, 2010; Silva & Schiltz, 2007), estes estereótipos positivos com relação ao coletivo brasileiro carregam implicitamente uma atitude negativa para com este coletivo, principalmente no âmbito profissional. Conforme Masanet (2009) as imagens positivas com relação aos imigrantes brasileiros se mesclam com as percepções sociais com relação a uma escassa formação profissional e educacional deste grupo que se deriva de uma imagem do Brasil vinculada a subdesenvolvimento e a pobreza. Para os autores como Machado (2007, 2003) e Silva e Schiltz (2007), o subdesenvolvimento se associa com a sobrevivência, o que pode levar a que os nativos percebam os brasileiros como pessoas serviçais, pouco cultas, que passam necessidades e que se adaptam a qualquer situação, o que facilita para estes imigrantes acesso ao “setor de serviços”, mantendo um alto índice de empregabilidade no setor doméstico e de hotelaria à custa de não concluir ou deixar outros sonhos como acabar os estudos universitários. É importante recordar, que grande parte do grupo brasileiro, 36% da mostra do estudo 3, não havia concluído os estudos universitários e não estava estudando,

ao contrario do grupo vasco, que o 8% da mostra que indicou não haver concluído os estudos universitários estava por concluí-los.

Por outro lado, os estudos sobre o conteúdo dos estereótipos dos grupos sociais e étnicos encontraram duas dimensões básicas que são competência e a sociabilidade. Estas dimensões variam em função do status do grupo (Fiske, 1998; Glick & Fiske, 1999), de maneira que os grupos de alto status são considerados mais competentes e aos de baixo status mais sociáveis, o que serve para justificar as diferenças sociais de poder (Betancur, et al. 2005; Techio, 2011). Os resultados do estudo 3 se assemelham aos resultados de outros estudos nos quais os vascos são considerados pelos latinos como pessoas competentes, empreendedoras e inovadoras, enquanto que os brasileiros são considerados pelos espanhóis como pessoas sociáveis, simpáticas e sem compromisso (Masanet, 2009; Masanet & Baeninger, 2010; Santiago & Zubieta, 2006). Desta forma, na relação entre grupos majoritários e minoritários, estes grupos étnicos diferem em seu status social, assim a posição dos imigrantes vascos no Brasil é mais favorável, eles percebem baixo preconceito em relação a eles, atitudes positivas, alto apoio por parte dos nativos, baixa experiência de discriminação, melhor posição social, mais prestígio e dominância sobre as pessoas e os recursos (Poder). Por outro lado, os imigrantes brasileiros ocupam um status menos favorável na sociedade vasca, percebem um preconceito negativo com relação ao seu endogrupo, e discriminação, que ainda sendo baixa é maior que no caso dos imigrantes vascos. Não obstante, os imigrantes brasileiros avaliam sua vida, e consequentemente seu projeto de vida, de maneira mais positiva que os vascos imigrantes e que os vascos nativos ou grupo majoritário. Esta resposta também encontrada no estudo 2, pode interpretar-se como uma forma de crescer psicologicamente com a experiência migratória, ou também reavaliar positivamente a experiência difícil (estressante) que significa a migração (Bobowik, 2013; Bochner, 2003).

Discriminação

Enquanto que os estereótipos são crenças generalizadas, em sua maioria negativas, em relação aos grupos e seus integrantes, os preconceitos vão um pouco mais além, somando a estas crenças, sentimentos como o desprezo, aversão ou repulsa. Por sua vez, a discriminação implica em ações e sentimentos, que colocam em situação de desvantagem e tratam de maneira injusta as pessoas que formam parte de um coletivo afetado pelo estigma (Blanz, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, et al. 2009). No estudo 4, analisaram-se dez categorias de discriminação: (1) trabalho, econômica, (2) moradia, (3) mobilidade, (4) contato social informal, família nuclear e extensa, (5) contato social formal, (6) fenótipo, cor da pele, feições (7) idioma, (8) vestimenta, (9) denúncias e (10) a não percepção de discriminação, trato positivo. Um terço dos imigrantes brasileiros disse não ter sofrido discriminação e sim uma “boa acolhida” por parte dos vascos. Entretanto, os demais indicaram ter recebido algum trato injusto dos autóctones ou das instituições. Maioritariamente, estas experiências desagradáveis ocorriam nos *contatos sociais formais* (21%) com organismos públicos, entidades privadas ou comércio, nos quais foram dificultados ou negados o acesso a informações e serviços. As situações derivadas do *fenótipo* (16%),

expressadas pelas pessoas mulatas, ocuparam o segundo lugar no posto dos “ataques discriminatórios” sofridos por estes imigrantes. Outras formas que foram poucas mencionadas (entre 8% e 5%), como o *trabalho*, o *contato com a família política*, *vizinhos e conhecidos*, as situações relativas ao *idioma*, o *assedio sexual* e as *formas de vestir*. Assim mesmo, não se mencionaram outros tipos de discriminação como a relacionada com *moradia* e com a possibilidade de *deslocamento ou mobilidade* pela situação legal. As características dos participantes nos grupos de discussão podem explicar que estas dificuldades não tenham sido mencionadas dado que se trata de pessoas que em sua maioria tem a situação legalizada; da mesma forma que a *não percepção de discriminação* no contato com autóctones pode estar relacionada à situação de legalidade documental e laboral desse coletivo específico de brasileiros que chegaram com contratação em origem, no caso dos técnicos, o com proposta de trabalho conseguida por seus compatriotas como no caso da construção civil, hotelaria ou serviços domésticos.

Experiência de Minoria Étnica

No estudo 4, o discurso dos participantes dos grupos de discussão, centrou principalmente em torno à experiência no país de acolhida e nas relações intergrupais (nativos e imigrantes) com menor intensidade se tratava sobre as orientações de aculturação, e em último lugar se evidenciavam ideias relativas aos motivos migratórios e as diferenças culturais. Neste sentido, se revelou nos relatos a importância que adquire para os imigrantes as formas de afrontar a experiência migratória, e a estreita relação que apresentam com a discriminação percebida e os estereótipos com os quais são categorizados pela sociedade de acolhida.

Analisaram-se as experiências de minoria étnica de acordo com a tipologia das formas de afrontamento retomadas dos estudos sobre afrontamento da identidade social minoritária (Blanz, et al. 1998; Crocker, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999) e que foi sido validada por (Bobowik, et al. 2014). Classificaram-se as estratégias segundo a tipologia de formas Individuais versus Coletivas e Cognitivas versus Condutuais.

Formas de afrontamento da experiência de minoria étnica

Com relação às ideias que surgiram nos grupos de discussão, as respostas de afrontamento do tipo Individual foram mais frequentes que as do tipo Coletivo, assim mesmo predominaram as formas a nível cognitivo em comparação com as condutuais. Destacando-se, por um lado, respostas do tipo individual (cognitivo) como a *Diferenciação do Eu*, a *Comparação social vantajosa*, a *Regulação e controle emocional* e, (condutual) a *Mobilidade individual*; e, por outro lado, as respostas do tipo coletivo como: a *Atribuição de responsabilidade ao preconceito grupal* (cognitivo), a *Mobilização social* e a *Competição realista* (condutual).

O contraste entre os resultados dos estudos prévios que haviam empregado instrumentos fechados e escalas em imigrantes e coletivos em geral (Basabe, et al. 2009;

Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Bobowik, et al. 2014; Mummendey, et al. 1999; Skinner, et al. 2003), destacaram-se algumas formas de afrontamento do stress que não foram expressas de modo espontâneo nos grupos de discussão. Entre elas estão as forma individuais e condutuais como a Distração, cognitivas como o Desenganche Psicológico ou Individualização, e a Recategorização Supraordenada; formas coletivas cognitivas como a Criatividade cognitiva (Novo grupo de comparação / Comparação social vantajosa entre grupos), e a Deprivação Relativa Sócio central, ou condutuais de Oposição e Participação Social.

Assim mesmo no estudo 4 foram encontradas diversas formas de afrontamento assinaladas nos estudos precedentes (Basabe & Bobowik, 2010, 2011; Bobowik, et al. 2014). Nos grupos de discussão destacou-se a necessidade de diferenciação do Eu, distanciando o indivíduo da categoria de “imigrante”, do estigma ou identidade social negativa, enquanto que estudo realizado com questionários fechados, aplicados em grupos de imigrantes de diversas origens, predominaram as respostas coletivas de defesa da identidade social. Em segundo lugar, as estratégias de mobilidade individual e a coletiva de atribuição ao preconceito foram importantes em ambos os estudos. Assim mesmo, as formas de evitar (distanciar e ocultar a origem) e a interiorização do preconceito foram mencionadas com uma frequência media segundo ambos os métodos.

Por último, as pesquisa por meio de questionários e escalas destacam respostas que não são salientes para os participantes dos grupos tal como a desidentificação e a recategorização. Como se observou, e em concordância com os resultados sobre as estratégias de aculturação adotadas pelos brasileiros, as respostas marginais ou de falta de identificação grupal não foram mencionadas, o que corrobora que a estratégia difusa ou marginal seja pouco relevante para descrever a este coletivo. Também não foi significativamente assinalado nos grupos formas de comparação social vantajosa geralmente do tipo cognitivo.

De acordo com as hipóteses, as *respostas individuais condutuais* (24.4%) tem como objetivo afrontar as situações adversas da imigração por meio da integração e minimizar as distancias com relação ao grupo maioritário (ou receptor) e, assim alguns dos participantes expressam a “sorte” de ter “a pele branca” e poder distanciar-se do estigma que representa pertencer à raça negra, outros evitam o contato com os autóctones, e outros se assimilam nas formas externas, “vestindo-se como os espanhóis” para receber seu apoio. Se pode então apreciar que estas respostas individuais buscam distanciar-se do estigma mediante a evitação ou a assimilação camaleônica, assumindo a aparência externa dos espanhóis. Uma resposta similar foi encontrada no estudo espanhol de Briones (2008) com os adolescentes africanos que buscavam a assimilação.

Outras formas, que foram mais destacadas, fazem referência as *respostas do tipo individual cognitiva* (55%). Igual no caso anterior, o individuo se diferencia do endogrupo, em um dos casos movendo-se entre a assimilação e a mobilidade ascendente, em outros preferem mudar a percepção de uma realidade que os impulsionava ao isolamento. Outras respostas se baseiam na reinterpretção para aceitar a situação, e em outros casos se apta por controlar as emociones frente situações imutáveis como o fenótipo. Também cabem outras respostas individuais como a comparação temporal, que ressalta os ganhos alcançados

na sociedade receptora, considerando que seria praticamente impossível de conseguir em seu país de origem.

As formas coletivas foram menos prevalentes que as individuais. As *respostas coletivas do tipo cognitivo* (15.4%), incluíram a comparação social vantajosa, considerando o endogrupo como mais capaz que o grupo dominante da sociedade de acolhida, e formas criativas que atribuem ao endogrupo aspectos mais atrativos e de valor desconhecido pelo exogrupo. Assim mesmo, outras respostas expressam que os acontecimentos negativos que passam com o endogrupo são de responsabilidade do exogrupo. No entanto outros participantes se distanciam da “má imagem e opiniões negativas” que a sociedade de acolhida outorga ao endogrupo admitindo um núcleo de verdade no estereótipo negativo.

Foram pouco mencionadas as formas de afrontamento *coletivas e condutuais* (5%), que tratam dos comportamentos coletivos como instrumentos de mudanças sociais. Estas respostas se associam com a atribuição ao preconceito (responsabiliza-se as imagens que transmitem os *meios de comunicação* pelo estigma, e o baixo status que a sociedade de acolhida atribui ao endogrupo), e enfatiza a necessidade de conscientizar e lutar contra os preconceitos e pela igualdade. Igualmente se reivindica a igualdade de oportunidades (“as oportunidades são para todos”).

Formas de afrontamento do estigma e discriminação

As formas de afrontamento dominantes no discurso dos participantes se associam com outras crenças relacionadas com a identidade endogrupal (ideias co-ocorrentes).

La estratégia de Mobilidade individual (MI) se associa com distintos conglomerados de ideias. Por um lado, se relaciona com as respostas de evitação, distanciar-se do hetero estereótipo negativo, com a internalização da culpa-vergonha, e o medo ao preconceito e de ser excluído. Outra segunda resposta relaciona a MI com a reinterpretação e reavaliação positiva da situação. Em outros casos as experiências de discriminação, incitam respostas de defesa no âmbito laboral para buscar a promoção pessoal e familiar. Por outro lado, a MI esta vinculada a por distância entre o Eu e o grupo, a não percepção pessoal de discriminação e a possibilidade de não ser afetado pelo preconceito grupal, na medida em que se assume que “as oportunidades são iguais para todos”. Em outros relatos a MI admite as diferenças de status a favor do grupo dominante (os espanhóis /nativos) e acredita na possibilidade de crescer no âmbito laboral através da realização pessoal, para a qual é preciso regular as emoções. Em conjunto, a MI se associa com a *evitação do preconceito* assumindo “a igualdade de oportunidades”.

A estratégia de diferenciação – Eu/nós (diferenciação do estigma) se associa com outras formas cognitivas próximas como a *desidentificação*, e ao mesmo tempo com a percepção de discriminação grupal (nós) e a não discriminação pessoal (Eu), que é uma forma de distanciar-se do preconceito. Nesta linha, uma das constantes encontradas com relação à percepção de discriminação é a diferença entre a percepção pessoal e a grupal, que como neste estudo tende a minimizar ou negar as experiências de discriminação (Páez, et al. 2003),

pode responder a uma motivação para manter uma imagem positiva do Eu (Molero, et al. 2013), e também dar explicações baseadas no preconceito que favoreçam a autoestima pessoal ou coletiva como indica estudos realizados neste âmbito (Blanz, et al. 1998; Mummendey, et al. 1999; Outten, et al. 2009).

As explicações baseadas na *comparação social vantajosa intra grupos* se associam com outras respostas cognitivas individuais, como é a *diferenciação Eu/Nós e com a mudança de expectativas*. Implica também em uma maneira de *distanciar-se do hetero estereótipo negativo* como uma *forma de responder ante a discriminação laboral*.

A *regulação e o controle emocional (RE)* se aplicam ante as situações de discriminação e se associa a outras respostas do tipo individual e cognitivas. A mudança das expectativas leva a regular as emoções, a princípio a pessoa sente uma forte discriminação pelo descenso social (ocupando postos de trabalho duros “na construção civil” por debaixo da sua formação) porém com o tempo estes sentimentos negativos desaparecem porque percebe-e que na sociedade de acolhida as barreiras social são permeáveis. A *mobilidade individual (MI)* se associa também com a regulação emocional, admitindo as diferenças de status e compartilhando a crença na possibilidade de crescer no âmbito laboral (ver também na parte sobre MI). Ao chegar ao país de acolhida necessita-se regular as emoções e os sentimentos de culpa e vergonha por ser imigrante (que implica uma sorte de internalização) e evita-se o contato por medo da discriminação. Em resumo, a regulação das emoções é necessária tanto nas formas cognitivas de mudanças de expectativas, de afrontar a discriminação e sua evitação e reinterpretação, à mobilidade individual (MI), a internalização do estigma, como frente à resposta coletiva de atribuição ao preconceito grupal.

A *estratégia coletiva de atribuição ao preconceito* é oposta a *estratégia individual de mobilidade* (associada a não percepção discriminação) e descarta a explicação das diferenças intergrupais pelo preconceito. Pelo que corrobora que as *respostas individuais se separam das coletivas*. Em relação às *formas coletivas*, conforme foi mencionado mais cima, a experiência de discriminação (fenótipo) se explica pelo *preconceito grupal* e supõe para a pessoa ter que *regular suas emoções negativas*. Assim mesmo a *atribuição ao preconceito grupal* se associa com a *rejeição do estigma e do hetero estereótipo negativo*, em alguns casos vinculados também com a estratégia de *criatividade cognitiva*, destacando novas *dimensões de comparação social*: reivindicam interculturalidade e afirmam que existem excelentes profissionais brasileiros que contribuem para desenvolvimento tecnológico da sociedade de acolhida.

Contribuições e Limitações

Finalmente, uma das contribuições substanciais desta tese consiste na análise qualitativa da experiência do choque cultural, das estratégias de aculturação e, em especial, das formas de afrontar a experiência de minoria étnica derivada do status do imigrante que é adquirido pela migração. Os estudos permitiram observar como as formas de afrontamento se relacionam entre si, e como os modos individuais e coletivos se combinam o que possibilitou compreender, por exemplo, que uma estratégia tipicamente definida como

individual, como é a mobilidade individual, como é a mobilidade individual, constitui um modo de evitar o preconceito e a discriminação, ou que a regulação emocional é uma resposta central para fazer frente ao descenso de status que muitas vezes acarreta a imigração e ao reajuste que isto exige nas expectativas laborais, a regulação dos sentimentos de culpa e vergonha, ou medo ante a discriminação.

Esta tese tinha como objetivo analisar as fontes de choque cultural, as dificuldades de adaptação associadas com a aculturação, assim como os modos de afrontar o status de minoria étnica, principalmente em um coletivo específico de origem brasileira que migrou para a Espanha, especialmente para o País Vasco, nos anos noventa e começo de dois mil. Evidentemente, se trata de um coletivo específico, e que não representa a população brasileira, difícil de considerar como um coletivo homogêneo dada à heterogeneidade desta sociedade (Girard, 2009). Não se pretendeu representar todo o grupo da população migrante brasileira na Espanha, recordando que a mostra deste estudo estava composta maioritariamente por pessoas que chegaram com contratação na origem e por reagrupação familiar, conforme foi visto no estudo 1, que marcava diferenças importantes com os outros coletivos de imigrantes. Tudo isso faz com que a generalidade destes resultados seja limitada.

Por outro lado, a natureza retrospectiva dos estudos 2 e 3 é uma limitação para a análise evolutiva da adaptação ao largo do tempo das primeiras gerações de imigrantes. São necessários estudos longitudinais por um lado e por outro, estudos das sucessivas gerações de filhos e netos de imigrantes na Espanha, que permitam analisar as modificações na aculturação ao largo do tempo, como estudaram Portes e Hao (2004), indicando a importância que os laços transnacionais e os modos de assimilação segmentada ou a assimilação descendente apresentam nas segundas e terceiras gerações. Também deveriam ser consideradas outras formas mais criativas de identidades biculturais que já estão sendo exploradas por investigadoras como Benet-Martínez, et al. (2002, 2005).

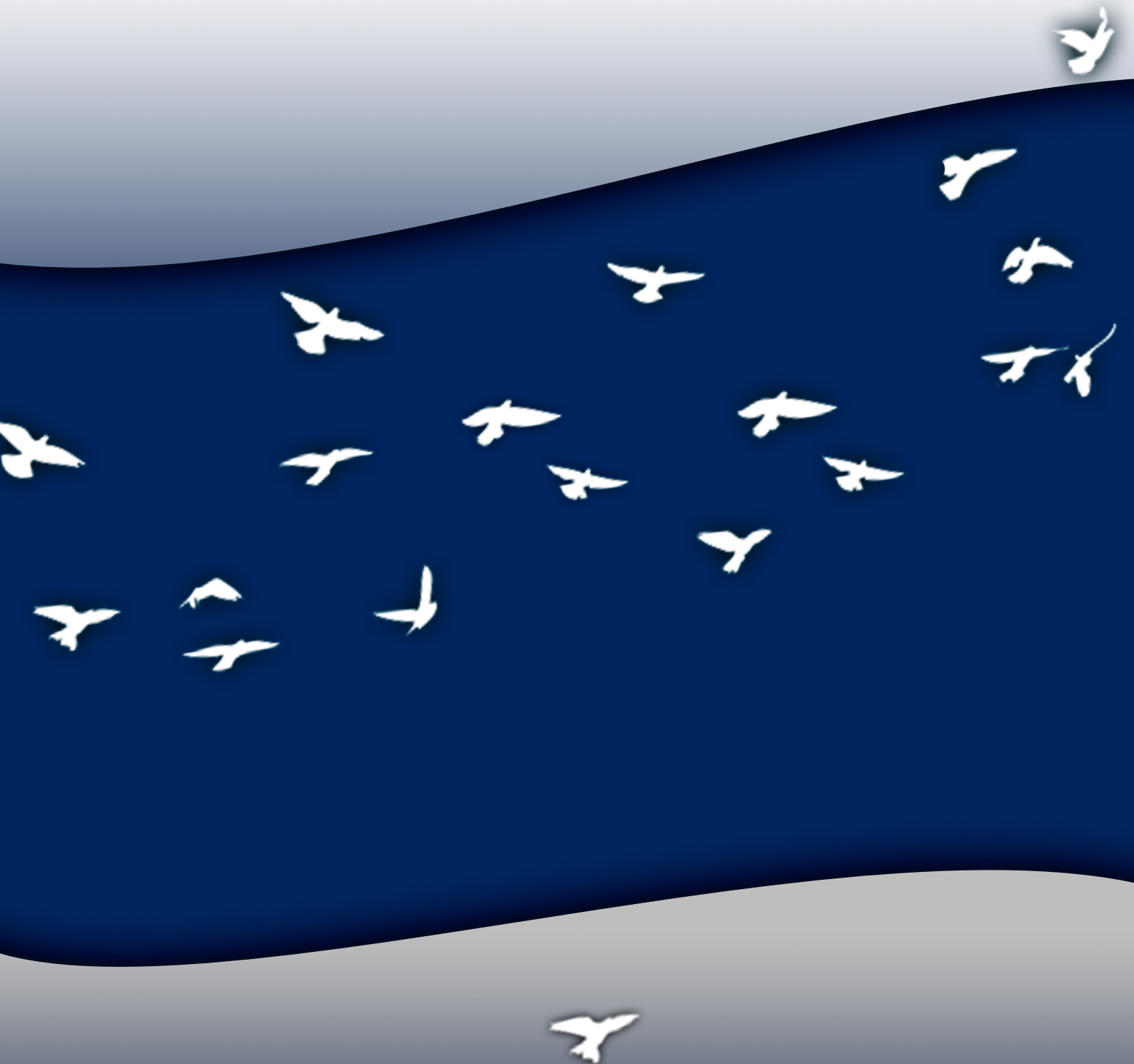
O estudo 3 trata de analisar, através de uma ótica menos usual nas investigações de aculturação, o processo de adaptação de dois grupos relativamente equiparáveis, vascos no Brasil e brasileiros no País Vasco, o que cremos que acrescenta originalidade ao trabalho. No entanto, esta comparação tem seus inconvenientes, por exemplo, foi difícil fazer uma equiparação total por tempo de residência media no país de acolhida, devido a que a imigração brasileira no País Vasco, é relativamente recente e a diáspora vasca na América Latina, e no Brasil, conta com uma longa existência (Olaran, 2007, Ormazábal 2004).

O estudo qualitativo, como é habitual, proporciona evidencias de coletivos específicos, que nem sempre podem representar bem as populações das quais procedem. Assim que se tentou que os participantes representassem os seguimentos do coletivo brasileiro residente no País Vasco, na idade, sexo e que incluíssem pessoas de distintos status sociais e profissões.

Em conclusão, esta tese responde a questão sobre o processo de aculturação e enculturação na imigração de uma cultura à outra, manifestada na percepção das diferenças culturais, da aprendizagem sociocultural e das dificuldades associadas a esta aprendizagem, na experiência de minoria étnica, nas formas de afrontar o stress aculturativo e no estigma do imigrante. Para isso apresentou-se quatro estudos, que se combinaram metodologias, amostras e diversas técnicas. Destacaram-se as diferenças do coletivo imigrante brasileiro em

comparação com outros coletivos imigrantes no País Vasco. Validou-se uma escala de adaptação sociocultural, em uma versão relativamente curta e simples de aplicar, que permitiu contrastar as principais fontes de choque e dificuldades da adaptação, que são especialmente importantes durante o primeiro ano de chegada ao novo contexto cultural. O contraste entre brasileiros e vascos imigrantes mostrou as fontes de choque cultural em função da cultura de origem, da força da identidade étnica e do status do grupo de migrante na sociedade receptora. Especialmente pelo estudo qualitativo, foi possível desvelar aspectos substanciais da experiência de minoria étnica graças ao apoio dos estudos precedentes no País Vasco sobre a referente questão realizadas com métodos quantitativos (Bobowik, et al. 2014), o que permitiu orientar as análises desde hipóteses específicas e não meramente exploratórias como costuma ser habitual nos estudos qualitativos. Seguiu-se uma metodologia rigorosa que buscou validar e fiabilizar as categorias de análises e ir além das considerações descritivas, por meio da criação de redes de ideias (networks), as quais possibilitaram observar as conexões de ideias, explicações e justificações que os participantes utilizaram para racionalizar e dar sentido a sua experiência migratória.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abu-Rayya, H. M. (2007). Acculturation and its determinants among adult immigrants in France. *International Journal of Psychology*, 43 (1), 1-9.
- Achotegui, J. (2002). *La depresión en los inmigrantes: una perspectiva transcultural*. Barcelona: Mayo.
- Agencia Europea de Derechos Fundamentales (2010). European Union Minorities and Discrimination Survey (EU-MIDIS) (Data in focus report 5: multiple discrimination). Vienna: disponible en <http://dx.doi.org/10.2811/9515>
- Aierdi, X., Basabe, N., Blanco, C., & Olegada, J. A. (2008). *Población Latinoamericana en la CAPV 2007*. Bilbao: Ikuspegi & UPV/EHU.
- Albert-Guardiola, M. C. (2006). *Aculturación y competencia intercultural*. Presupuestos teóricos y modelos empíricos. Universidad de Alicante. Servicio de Publicaciones.
- Almeida, R. C. (2011). El ocio como ámbito de integración; La percepción de las mujeres inmigrantes brasileñas que viven matrimonio mixto o en parejas con hombres del País Vasco. *Anais do Seminário Internacional NEHO 20 anos*, 201-222. São Paulo: USP.
- Almeida, Ronaldo R. M., & Montero, P. (2000). O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. En Rattner, H. (Eds.), *Brasil no limiar do século XXI*, (pp.325-339). São Paulo: EDUSP.
- Andreazza, M. L. (1994). O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante, *Revista Brasileira de Estudos de População*, 11(1), 61-87.
- Ángel, O. (2007). *Diferencias culturales y choque cultural: adaptación socio-cultural de migrantes* (Suficiencia Investigadora no publicada). Universidad del País vasco, Donostia-San Sebastián.
- Arizcun, J. F. G. (2001). Orígenes e ideología del nacionalismo vasco. *Anales de la Fundación Francisco Elías de Tejada*, 7, 161-244.
- Asensi, F. D. (2010). Indo além da judicialização: o Ministério Público e a saúde no Brasil. In *Indo além da judicialização: o Ministério Público e a saúde no Brasil*. FGV.
- Asensi, F. D., & Pinheiro, R. (2013). Indo além da judicialização: o Ministério Público e o direito à saúde. Confluências. *Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 11 (2), 27-68.
- Azurmendi, M. J. (2000). *Psicosociolingüística*. Bilbao: UPV/EHU.

- Azurmendi, M. J., Bourhis, R. Y., Ros, M., & García, I. (1998). Identidad etnolingüística y construcción de ciudadanía en las Comunidades Autónomas Bilingües (CAB) de España. *Revista de Psicología Social, 13*(3), 559-589.
- Badi, M. K. (2000). *Derechos Humanos en África*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Barrette, G., Bourhis, R. Y., Personnaz, M., & Personnaz, B. (2004). Acculturation orientations of French and North African undergraduates in Paris. *International Journal of Intercultural Relations, 28*(5), 415-438.
- Basabe, N. (2007). Diferencias culturales y comunicación: integración socio-cultural de los inmigrantes extranjeros en el País Vasco. En: Igartua, J.J., & Muñiz, C. (Eds.). *Medios de comunicación, inmigración y sociedad*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Basabe, N., & Bobowik, M. (2011). Aculturación, Identidad étnica y afrontamiento de la inmigración: el caso de España. En E.M. Techio & M. E. Lima (Coord.). *Cultura e Produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha, e Portugal*, (pp. 311-362). Brasilia: Tecno-Politik.
- Basabe, N., & De Luca, S. (2004). Transculturación e identidad étnico-cultural: inmigración extra-comunitaria el País Vasco. *INGURUAK (Revista Vasca de Sociología), 38*, 157-182.
- Basabe, N., Páez, D., Aierdi, X., & Jiménez-Aristizabal, A. (2009). *Calidad de vida, Bienestar subjetivo y Salud: inmigrantes en la CAPV*. Zumaia: Ikuspegi- Observatorio Vasco de Inmigración. ISBN: 978-84-9860-215-9.
- Basabe, N., Páez, D., Valencia, J., Rimé, B., Pennebaker, J., Diener, E. & Gonzalez, J. L. (2000). Sociocultural factors predicting subjective experience of emotion. *Psicothema, 12*, 55-69.
- Basabe, N., Páez, D., Valencia, J., González, J.L, Rimé, B., & Diener, E. (2002). Cultural dimensions, socioeconomic development, climate and emotional hedonic level. *Cognition and Emotion, 16*, 103-126.
- Basabe, N., & Ros, M. (2005). Cultural Dimensions and social behavior correlates: Individualism-Collectivism and Power Distance. *International Review of Social Psychology, 18*(1/2), 189-193.
- Basabe, N., Valencia, J. & Bobowik, M. (2011). Valores y actitudes: Cultura de violencia y paz. En D. Páez, C. Martin Beristain, J. L. González, J. de Rivera, y N. Basabe (Eds.), *Superando la Violencia Colectiva y Construyendo Cultura de Paz* (pp. 69-101). Madrid: Fundamentos.
- Basabe, N., Zlobina, A., & Páez, D. (2004). Integración sociocultural y adaptación psicológica de los inmigrantes extranjeros en el País vasco. *Cuadernos Sociológicos Vascos, 15*, Vitoria: Gobierno vasco. Disponibles en http://gvas.euskadi.net/pub/gv/estudios_sociologicos/csv15.pdf
- Basabe, N., Zlobina, A., & Páez, D. (2004a). *Biculturalismo sociocultural y adaptación psicológica de los inmigrantes extranjeros en el País Vasco. Cuadernos Sociológicos Vascos, 15*.
- Bassanezi, M. S. (2008). *Atlas da imigração internacional em São Paulo*. São Paulo: FAPESP/Editora da UNESP.
- Benet-Martínez, V., & Haritatos, J. (2005). Bicultural identity integration (BII): Components and psychosocial antecedents. *Journal of personality, 73*(4), 1015-1050.

- Benet-Martínez, V., Leu, J., Lee, F., & Morris, M. W. (2002). Negotiating biculturalism cultural frame switching in biculturals with oppositional versus compatible cultural identities. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 33*(5), 492-516.
- Ben-Shalom, U., & Horenczyk, G. (2003). Acculturation orientations. A Facet Theory Perspective on the Bidimensional Model. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 34* (2), 176-188.
- Berry, J. W. (1980). Ecological analyses for cross-cultural psychology. *Studies in cross-cultural psychology, 2*, 157-189.
- Berry, J. W. (1990). Understanding Individuals Moving Between Cultures. *Applied cross-cultural psychology, 14*, 232.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied psychology, 46*(1), 5-34.
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Studies, 57*(3), 615-631.
- Berry, J. W. (Ed.). (2002). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. Cambridge University Press.
- Berry, J. W. (2003). Conceptual Approaches to Acculturation. In K.M. Chun, P.B. Organista & G. Marin (Eds). *Acculturation. Advances in Theory, Measurement, and Applied Research Paz* (pp. 17-37). Washington: APA.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International journal of intercultural relations, 29*(6), 697-712.
- Berry, J. W., Bujaki, M., Kim, U., Power, S., & Young, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies, *Applied Psychology: An International Review, 38*(2), 185-206.
- Berry, J. W., & Kim, U. (1988). *Acculturation and mental health*. Sage Publications, Inc.
- Berry, J. W., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied psychology, 38*(2), 185-206.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative Studies of Acculturative Stress. *International Migration Review, 21*, 491-511.
- Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). Immigrant Youth: Acculturation, Identity and Adaptation. *Applied Psychology: an International Review, 55*(3), 303-332.
- Berry, J. W., Poortinga, Y.H., Segall, M.H., & Dasen, P.R. (1998). *Cross-cultural psychology: Research and application*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Berry, J. W., Poortinga, H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2003). *Cross-cultural Psychology* (2^a Ed.). Cambridge: Cambridge Univeristy Press.
- Betancor, V., Rodríguez - Pérez, A., Rodríguez - Torres, R., Leyens, J. D., & Quiles, M. N. (2005). El efecto del estatus en la atribución de las dimensiones estereotípicas de sociabilidad y competencia. *Psicothema, 17*, 297-302
- Blanz, M., Mummendey, A., Mielke, R., & Klink, A. (1998). Responding to negative social identity: A taxonomy of identity management strategies. *European Journal of Social Psychology, 28*(5), 697-729.
- Bobowik, M. (2013). *The Bright side of migration. From identity management to happiness* (Tesis doctoral no publicada). Universidad del País vasco, Donostia-San Sebastián.

- Bobowik, M., Basabe, N., Páez, D., Jiménez, A., & Bilbao, M. Á. (2011a). Personal values and well-being among Europeans, Spanish natives and immigrants to Spain: Does the culture matter?. *Journal of Happiness Studies*, 12(3), 401-419.
- Bobowik, M., Basabe, N., & Páez, D. (2014). Wellbeing and Personal Values of Immigrants to Spain (pp. 7074-7079). In A. C. Michalos (Ed.), *Encyclopaedia of Quality of Life Research*. Springer.
- Bobowik, M., Paez, D., Liu, J. H., Licata, L., Klein, O., & Basabe, N. (2014). Victorious justifications and criticism of defeated: Involvement of nations in world wars, social development, cultural values, social representations of war, and willingness to fight. *International journal of intercultural relations*, 43, 60-73.
- Bobowik, M., van Oudenhoven, J. P., Basabe, N., Telletxea, S., & Páez, D. (2011b). What is the better predictor of students' personal values: Parents' values or students' personality?. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(4), 488-498.
- Bochner, S. (2003). Culture shock due to contact with unfamiliar cultures. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 7), (<http://www.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Whashington USA.
- Bourhis, R. Y., & Bougie, É. (1998). Le modèle d'acculturation interactif: Une étude exploratoire. *Revue québécoise de psychologie*, 19(3), 75-114.
- Bourhis, R. V., & Dayan, J. (2004). Acculturation orientations towards Israeli Arabs and Jewish immigrants in Israel. *International Journal of Psychology*, 39(2), 118-131.
- Bourhis, R. Y., Barrette, G., El-Geledi, S., & Schmidt, R. (2009). Acculturation orientations and social relations between immigrant and host community members in California. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(3), 443-467.
- Bourhis, R.Y., & Gagnon, A. (1994). Les préjugés, la discrimination et les relations intergroupes (pp.707-773). En: R.J. Vallerand (Coord.) *Les Fondements de la Psychologie Sociale*. Quebec, Canadá: Gaetan.
- Bourhis, R., & Leyens, J.P. (1996). *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos*. Madrid: McGraw Hill.
- Bourhis, R. Y., Moïse, L. C., Perreault, S., & Senécal, S. (1997). Towards an Interactive Acculturation Model: A Social Psychological Approach. *International Journal of Psychology*, 32(6), 369-386.
- Brambilla, M., Rusconi, P., Sacchi, S., & Cherubini, P. (2011). Looking for honesty: The primary role of morality (vs. sociability and competence) in information gathering. *European Journal of Social Psychology*, 41(2), 135-143.
- Branscombe, N. R., & Ellemers, N. (1998). Coping with group-based discrimination: Individualistic versus group-level strategies. In J. K. Swim, & C. Stangor (Eds.), *Prejudice: The target's perspective* (pp. 243-266). New York: Academic Press.
- Brasilecola.(2009). Imigração no Brasil. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/imigracao-no-brasil.htm> >. Acesso em: 20 mar.

- Briones, E. (2008). *Proceso de aculturación de adolescentes inmigrantes residentes en España: estudio longitudinal de su identidad cultural y adaptación psicosocial* (Tesis Doctoral no publicada). Universidad de Salamanca, Salamanca.
- Briones, E., Tabernero, C., & Arenas, A. (2005). Variables psicosociales implicadas con el proceso de integración social de los estudiantes inmigrantes. *Cultura y Educación*, 17, 337–347.
- Briones, E., Tabernero, C., Tramontano, C., Caprara, G. V., & Arenas, A. (2009). Development of a cultural self-efficacy scale for adolescents (CSES-A). *International Journal of Intercultural Relations*, 33(4), 301-312.
- Campbell, M., Curry, P., Garrard, C., Guillebaud, J., Nagarajah, R., O'Sullivan, J., & Stevens, V. (2015). *World population*. Recuperado el 23 de enero de 2015, de population matters: <http://populationmatters.org/>.
- Campo, M., Basabe, N., Zlobina, A., & de Luca, S. (2003). Inmigración en España: diferencias culturales y estrategias de adaptación. *Encuentros de Psicología social*, 1(3), 204-209.
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: a theoretically based approach. *Journal of personality and social psychology*, 56(2), 267.
- Cea, M. A. (2004). *La activación de la xenofobia en España: ¿Qué miden las encuestas?*. Madrid. Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo XXI. Colección Monografías nº 210.
- Cachón, R. L. (2003). La inmigración en España: los desafíos de la construcción de una nueva sociedad. *Migraciones*. Publicación del Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones, (14), 219-304.
- Chen, C. (2010). Minority on Minority Discrimination: Impact of Majority Social Norm Perception. *Dietrich College Honors Theses*, 76. Available on: <http://repository.cmu.edu/hsshonors/76>
- Chen, N.Y., Shaffer, D.R., & Wu, C. (1997). On Physical Attractiveness stereotyping in Taiwan: A revised sociocultural perspective. *Journal of Social Psychology*, 137, 117-124.
- Chun, K. M., Organista, P. B., & Marín, G. (Eds.) (2003). *Acculturation. Advances in theory, measurement, and applied research*. Washington, DC: APA.
- Climatología del País Vasco. (2011). *Clasificación de Territorios Climáticos*. Recuperado el 09 de 02 de 2015, de EUSKALMET: http://www.euskalmet.euskadi.eus/s07-5921/es/contenidos/informacion/cla_sificacion/es_7264/es_clasificacion.html.
- Colectivo IOE (Actis, W.; Pereda, C. & de Prado, M.A.) (2002). *Inmigración, escuela y mercado de trabajo. Una radiografía actualizada*. Colección Estudios Sociales nº 11. Barcelona: Fundación La Caixa (edición electrónica: www.estudios.lacaixa.es).
- Crocker, J., Major, B., & Steele, C. (1998). Social stigma. In D. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 2) (4th ed., Vol. 2, pp. 504–553). New York: McGraw Hill.
- Cuadrado, I., López-Rodríguez, L., & Navas, M. La perspectiva de la minoría: estereotipos y emociones entre grupos inmigrantes. No publicado Aceptado para su publicación en la revista Anales de Psicología el 29 de diciembre de 2014.

- Cuadrado, I., Molero, F., Navas, M., & García, M. (2003). Inmigración y turismo: diferencias en percepciones y actitudes hacia los extranjeros en una muestra de niños-as almerienses. *Revista de Psicología Social, 18*, 121-140
- Cuddy, A. J., Fiske, S. T., Kwan, V. S., Glick, P., Demoulin, S., Leyens, J. P., & Ziegler, R. (2009). Stereotype content model across cultures: Towards universal similarities and some differences. *British Journal of Social Psychology, 48*(1), 1-33.
- da Silva Guimarães, F. X. (2002). *Nacionalidade: aquisição, perda e reaquisição*. São Paulo: Editora Forense.
- de Luca, S. (2003). *Migración: Identidad social e inmigración en el País Vasco*. Trabajo de Suficiencia de Doctorado. Dpto. Psicología Social, UPV/EHU (no publicado).
- de Luca, S., Bobowik, M., & Basabe, N. (2011). Adaptación sociocultural de inmigrantes brasileños en el País Vasco: Bienestar y aculturación. *Revista de Psicología Social, 26*(2), 275-294.
- Diener, E. Lucas, R. E., & Oishi, E. (2005). *Handbook of Positive Psychology*. Oxford: Oxford University Press.
- Díez Nicolás, J. (1999). *Los españoles y la inmigración*. Madrid: IMSERSO.
- Díez Nicolás, J., & Ramírez, M. J. (2001). *La inmigración en España una década de investigaciones*. Madrid: IMSERSO.
- Dovidio, J. F., Gaertner, S. L., & Validzic, A. (1998). Intergroup bias: status, differentiation, and a common in-group identity. *Journal of personality and social psychology, 75*(1), 109.
- Echevarría, A., & Páez, D. (1989). *Emociones: Perspectivas psicosociales*. Madrid: Fundamentos (pp.486-7).
- Escorel, S., Giovanella, L., Magalhaes de Mendonça, M. H., & De Castro Maia Senna, M. (2007). O programa de Saúde da Família e a construção de um novo modelo para a atenção básica no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública, 21*(2/3), 164-176.
- El País (2003). El censo revela que en enero de 2002 había 462.957 "sin papeles". *El País, martes 18 de marzo de 2003*, 33.
- Fernández García, M. J. (2006). Portuñol y literatura. *Revista de estudios extremeños, 62*(II), 555-577.
- Fernández, I. (2007). El estudio de la cultura en Psicología Social. En: Cuadrado, G. I. y Fernández, S.I. (Eds) *Psicología Social* (pp. 31-62). Madrid: Sanz y Torres.
- Fernández, I., & Basabe, N. (2007). Psicología social y Cultura. En F. J. Morales et al. (Eds.). *Psicología social* (pp. 63-95). Madrid: McGraw Hill.
- Fiske, S. T. (1998). Stereotyping, prejudice and discrimination. En: D.T. Gilbert, S.T. Fiske & G. Lindzey (Eds) *Handbook of Social Psychology* (pp. 357-414). Nueva York: MacGraw-Hill.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (1991). *Social cognition*. MacGraw-Hill series in social psychology Show all parts in this series.
- Flannery, W., Reise, S., & Yu, J. (2001). An empirical comparison of acculturation models. *Personality and Social Psychology Bulletin, 27*, 1035-1045.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of health and social behavior, 21*9-239.

- Freire, J. M., & Navarro-Lopez, V. (2004). La atención primaria de la salud y los hospitales en el Sistema Nacional de Salud. *El estado de bienestar en España*. Madrid: Tecnos, 239-91.
- Fuligni, A. J., Tseng, V., & Lam, M. (1999). Attitudes towards family obligation among American adolescents with Asian, Latinoamerican and European background. *Child development, 70*, 1030-1044.
- Furnham, A. & Bochner, S. (1982). Social difficulty in a foreign culture: An empirical analysis. En Bochner, S. (Ed.). *Cultures in contact: Studies in cross-cultural interaction* (pp.161-198). Oxford: Pergamon.
- Furnham, A. & Bochner, S. (1986). *Culture shock: Psychological reactions to unfamiliar environments*. London: Methuen.
- Gaines, S.O., Larbie, J., Patel, S., Pereira, L., & Sereka_Melake, Z. (2005). Cultural Values Among African-Descended Persons in the United Kingdom: Comparisons With European-Descended and Asian-Descended Persons. *Journal of Black Psychology, 31*(2), 130-151.
- García, L. (2005). La migración de brasileños en el contexto. *Migraciones Internacionales. 1* , 165-163. Tijuana
- García, M. J. F. (1988). ¿Qué es el Portugués?. *Letras, 36*.
- Giles, H., & Coupland, N. (1991). *Language: context and consequences*. Milton Keynes: Open University Press.
- Gil, A. G., Wagner, E.F., & Vega, W.A. (2000) Acculturation, Familism, and alcohol use among Latino adolescent males: Longitudinal relations. *Journal of Community Psychology, 28*, 443-458.
- Girard, L. L. (2009). *A inserção de imigrantes europeus na cidade de Brasília*. Acedido em, 10. <http://www.urbanidades.unb.br/artigo_1_luana_girard.pdf>.
- Gives, M. (2013). Emigración española contemporánea. San Juan de Pasto. http://ceilat.udenar.edu.co/wpcontent/uploads/2014/05/EMIGRACION_ESPA%C3%91OLA_CONTEMPORANEA.pdf.
- Glick, P., & Fiske, S.T. (1999). Sexism and other «isms»: interdependence, status and the ambivalent content of stereotypes. En W.B. Swann, Jr., J.H. Langlois y L.A. Gilbert (Eds.): *Sexism and stereotypes in modern society: the gender science of Janet Taylor Spence* (pp. 193-221). Washington, D.C: American Psychological Association.
- Goicoechea, E. R. (1984). Cuadrillas en el País Vasco: Identidad local y revitalización étnica. *REIS Revista Española de Investigaciones Sociológicas, 25*, 213-222.
- Gómez, A. (2002). If my group stereotypes others, others stereotype my group... and we know. Concept, research lines and future perspectives of meta-stereotypes. *Revista de Psicología Social, 17*(3), 253-282.
- Gómez, A., Huici, C., & Morales, J.F. (2004). ¡Nos gusta que nos vean... como somos! Implicaciones de la teoría de la autoverificación a nivel intergrupar. *Revista de Psicología Social, 19*(2), 139-157.
- González, J. L., & Ubillos, S. (2011). Estereotipos de la inmigración en España: influencia de los agentes de socialización de masas. En E. M. Techio & M. E. (Eds.), *Cultura e produção*

- das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp.173-214). Brasília: TechoPolitik.
- González, J.L., Ubillos, S., Bilbao, M., Techio, E., & Basabe, N. (2009). A focus-group research into the lives of members of four immigrant groups in Spain. *Revista de Psicología Social*, 24(3), 381-398.
- Gorham, B. W. (2006). News media's relationship with stereotyping: The linguistic intergroup bias in response to crime news. *Journal of communication*, 56(2), 289-308.
- Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. South Wester. *Journal of Anthropology*, 23, 337-350.
- Gudykunst, W. B., Yoon, Y. C., & Nishida, T. (1987). The influence of individualism-collectivism on perception of communication in in-group and out-group relationships. *Communication Monographs*, 54, 296-306.
- Guimarães, A. S. A. (2000). O preconceito contra os baianos. Comunicação ao Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Session: Lo afro em America latina: debates sobre cultura, política y poder, Miami, EE.UU. <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Guimaraes.PDF>
- Guimond, S. (1999). Le multiculturalisme comme politique de gestion de la diversité culturelle (pp.173-181). In J.L.Beauvois, N.Dubois & W.Doise (Eds.). *La construction sociale de la personne(Tome 4)*: Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Haig, N. (2008). Inaugurado Sukal Leku, el primer centro vasco de innovación, desarrollo e investigación gastronómica. *Sustrai: revista agropesquera*, 83, 12-13.
- Hall, E. T., & Hall, M. R. (1990). *Understanding cultural differences* (Vol. 12). Yarmouth, ME: Intercultural press.
- Hallowell, A. I. (1945). "Popular" Responses and Cultural Differences: An Analysis Based on Frequencies in a Group of American Indian Subjects. *Rorschach Research Exchange*, 9(4), 153-168.
- Haslam, S. A., Jetten, J., Postmes, T., & Haslam, C. (2009). Social identity, health and well-being: an emerging agenda for applied psychology. *Applied Psychology*, 58(1), 1-23.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: A Regression-Based Approach*. London: The Guildford Press.
- Hayes A. F., & Krippendorff, K. (2007). Answering the Call for a Standard Reliability Measure for Coding Data. *Communication Methods and Measures*, 1(1), 77-89.
- Hayes, A. F., & Matthes, J. (2009). Computational procedures for probing interactions in OLS and logistic regression: SPSS and SAS implementations. *Behavior research methods*, 41(3), 924-936.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's consequences: Comparison values, behaviours institutions and organizations across nations*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hofstede, G., & Bond, M. H. (1988). The Confucius connection: From cultural roots to economic growth. *Organizational dynamics*, 16(4), 5-21.
- Hofstede, G., Hofstede, J. G., Minkov, M. (2010). *Cultures and Organizations: software of the mind: Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*, (3 rd ed.). McGrawHill.

- Igartua, J. J., Muñiz, C., Otero, J., Cheng, L., & José Gómez-Isla (2008). Recepción e impacto socio-cognitivo de las noticias sobre inmigración, *Revista de Psicología Social: International Journal of Social Psychology*, 23 (1), 3-16.
- Inglehart, R., Basáñez, M., Díez-Medrano, J., Halman, L., & Luijkx, R. (World Values Survey) (2004). *Human beliefs and values*. México: S.XXI.
- Itamaraty. (2013). *Brasileiros no mundo*. Recuperado el 09 de 02 de 2015, de Ministerio das relações exteriores: <http://WWW.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/>.
- Javaloy, F., Bechini, A., & Cornejo, J. M. (1990). *España vista desde Cataluña: Estereotipos étnicos en una comunidad plural*. Barcelona: PPU.
- Jost, J. T., & Kay, A. C. (2005). Exposure to benevolent sexism and complementary gender stereotypes: consequences for specific and diffuse forms of system justification. *Journal of personality and social psychology*, 88(3), 498.
- Kasser, T., & Ahuvia, A. C. (2002). Materialistic values and well-being in business students. *European Journal of Social Psychology*, 32, 137-146.
- Keyes, C., Ryff, C., & Shmotkin, D. (2002). Optimizing well-being: Rhe empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 1007-1022.
- Krishnan, A., & Berry, J. W. (1992). Acculturative stress and acculturation attitudes among Indian immigrants to the United States. *Psychology and Developing Societies*, 4, 187-212.
- Klein, H. S. (1996). *La inmigración española en Brasil:(siglos XIX y XX)*. Asturias: Colombres.
- Knight, B. G., Robinson, G. S., Longmire, C. V. F., Chun, M., Nakao, K., & Kim, J. H. (2002). Cross cultural issues in caregiving for persons with dementia: Do familism values reduce burden and distress?. *Ageing International*, 27(3), 70-94.
- Krippendorff, K. (2011). *Computing Krippendorff's Alpha-Reliability*. Retrieved from http://repository.upenn.edu/asc_papers/43.
- La Fromboise, T., Coleman, H. L. K., & Gerton, J. (1993). Psychological Impact of Biculturalism: Evidence and Theory. *Psychological Bulletin*, 114, 395-412.
- Leach, C. W., Ellemers, N., & Barreto, M. (2007). Group virtue: the importance of morality (vs. competence and sociability) in the positive evaluation of in-groups. *Journal of personality and social psychology*, 93(2), 234.
- Lee, T. L., & Fiske, S. T. (2006). Not an outgroup, not yet an ingroup: Immigrants in the stereotype content model. *International Journal of Intercultural Relations*, 30(6), 751-768.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2005). A cor do sucesso: Efeitos da performance social e econômica no branqueamento e no e na infra humanização de negros no Brasil. *Psicologia USP*, 16(3), 143-165.
- Lippmann, W. (1992). *Public opinión*. New York: Harcourt Brace.
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 616-628.

- Luz, A., Sierra, J., & Andrade, A. (2015). *En tierra hostil - Brasil*. Recuperado el 2015, de Antena 3: <http://www.antena3.com/programas/en-tierra-hostil/programas/programa-6-rio-de-janeiro>
- Machado, I. J. (2003), *Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto*. Tesis doctoral en Ciencias Sociales, IFCH, UNICAMP.
- Machado, I. J. (2007), "Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal", en Malheiros, Jorge [org.], *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).
- Major, B., & O'Brien, L. T. (2005). The social psychology of stigma. *Annu. Rev. Psychol.*, 56, 393-421.
- Marin, G., & Gamba, R. J. (2003). Acculturation and changes in cultural values. En K. M. Chun, Organista, P. B. & G. Marin. (Eds.), *Acculturation. Advances in theory, measurement, and applied research* (pp. 83-93). Washington: American Psychological Association.
- Marin, G., & Vanoss-Marin, B. (1991). *Research with Hispanic Populations*. Newbury Park: Sage.
- Martínez, M. (2008). Las relaciones entre las características lingüísticas y visuales de las noticias sobre la inmigración en la prensa gratuita y su relación con la audiencia. *Discurso & Sociedade*, 4, 799-815.
- Martínez-Taboada, C., Arnosó, A., & Elgorriaga, E. (2006). *Estudio del choque psicosocial de las personas inmigradas en Donostia. Síntesis y Propuestas*. Ayuntamiento de San Sebastián.
- Markus, H., & Kitayama, S. (1991). Culture and the Self: Implications for Cognition, Emotion, and Motivation. *Psychological Bulletin*, 98(2), 224-253.
- Masanet, E. (2009). *De Brasil a España: un estudio sobre la migración desde una perspectiva integrada de los lugares de origen y de destino* (Tesis Doctoral no publicada). Universidad de Alicante: Alicante.
- Masanet, E., Baeninger, R., & Mateo, M. Á. (2012). La inmigración brasileña en España: características, singularidades e influencia de las vinculaciones históricas. *Papeles de población*, 18(71), 87-119.
- Masanet-Ripoll, E., & Baeninger, R. (2010). Imágenes recíprocas y estereotipos entre la población brasileña y autóctona en el contexto multicultural español. *Convergencia*, 17(53), 151-175.
- Masanet, E. R., & Padilla, B. (2010). La inmigración brasileña en Portugal y España: ¿ Sistema migratorio ibérico?. *OBETS: Revista de Ciencias Sociales*, (5), 49-86.
- Medina, V. (1999). *La emigración familiar española a América Latina, 1956-1964*. Gran Canaria: Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria ISBN: 84-8103-197-6
- Miller, C. T., & Kaiser, C. R. (2001). A theoretical perspective on coping with stigma. *Journal of Social Issues*, 57(1), 73-92.
- Ministerio del Interior. Anuario estadístico de extranjería (www.mir.es).
- Ministerio de Trabajo y Asuntos sociales. Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMSERSO). Observatorio Permanente de la Inmigración (www.seg-social.es/imserso/)

- Minkov, M. (2007). *What makes us different and similar: A new interpretation of the World Values Survey and other cross-cultural data*. Klasika i Stil Publishing House.
- Moghaddam, F.M. (1998). *Social Psychology: exploring universals across cultures*. New York: W.H. Freeman and Co. Pub.
- Moghaddam, F. M., Taylor, D. M., & Wright, S. C. (1993). *Social psychology: A cross-cultural perspective*. Nueva York: W. H. Freeman.
- Montreuil, A., & Bourhis, R. Y. (2001). Majority acculturation orientations toward “valued” and “devalued” immigrants. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(6), 698-719.
- Montupil, F. (Coord.) (1995). *Exilio, Derechos Humanos y democracia: el exilio chileno en Europa*. Bruselas/Santiago de Chile: Casa de América Latina/Serv. Gráficos Caupolicán.
- Morales, J. C. (2012). Euskadi, referente mundial del turismo enogastronómico. Recuperado el 11 de 02 de 2015, de Actualidades gastronómicas, noticias y comunicación: <http://actualidadgastronomica.es/Euskadi-referente-mundial-del-turismo-enogastronomico/>.
- Mullor, M. (2011). España después de la gran inmigración: Balances y perspectivas. *Simposiun Internacional: Inmigración y Globalización*. Madrid: Fundación Ciudadanía y Valores.
- Mummendey, A., Kessler, T., Klink, A., & Mielke, R. (1999). Strategies to cope with negative social identity: Predictions by social identity theory and relative deprivation theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 229–245.
- Nacionalidad. (s.f.). ¿Cómo se adquiere la nacionalidad española?. Recuperado el 09 de 02 de 2015, de Ministerio de Justicia: <http://www.mjusticia.gob.es/cs/Satellite/Portal/es/areastematicas/nacionalidad/nacionalidad/como-adquiere-nacionalidad/residencia>
- Navas, M. N., Fernández, M. C. G., Tejada, A. J. R., Fernández, P. P., & Guirado, I. C. (2006). Actitudes de aculturación y prejuicio: la perspectiva de autóctonos e inmigrantes. *Psicothema*, 18(2), 187-193.
- Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). Relative Acculturation Extended Model (RAEM): New contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(1), 21-37.
- Navas, M. S., Cuadrado, I., & López-Rodríguez, L. (2012). Escala de Percepción de Amenaza Exogrupal (EPAE): fiabilidad y evidencias de validez [Out-group Threat Perception Scale: Reliability and validity evidences]. *Psicothema*, 24, 477-482.
- Navas, M., Pumares, P., Sánchez, J., García, M. C., Rojas, A., Cuadrado, I., Asensio, M., & Fernández, J.S. (2004). *Estrategias y actitudes de aculturación: la perspectiva de los inmigrantes y de los autóctonos en Almería*. Sevilla: DGCPM, Junta de Andalucía.
- Navas, M., Rojas, A. J., García, M., & Pumares, P. (2007). Acculturation strategies and attitudes according to the Relative Acculturation Extended Model (RAEM): The perspectives of natives versus immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 31(1), 67-86.
- Navas, M., Rojas, A. J., Pumares, P., Lozano, O. M., & Cuadrado, I. (2010). Perfiles de aculturación según el Modelo Ampliado de Aculturación Relativa: autóctonos, inmigrantes rumanos y ecuatorianos. *Revista de Psicología Social*, 25(3), 295-312.

- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism unpacked: Components, measurement, individual differences, and outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 101-114.
- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2010). Multicultural identity: What it is and why it matters. *The psychology of social and cultural diversity*, 87-114.
- Nguyen, A. M. D., & Benet-Martínez, V. (2013). Biculturalism and Adjustment: A Meta-Analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(1), 122-159.
- Niemann, Y. F., Jennings, L., Rozelle, R. M., Baxter, J.C., & Sullivan, E. (1994). Use of Free Responses and Cluster Analysis to Determine Stereotypes of Eight Groups. *Society for Personality and Social Psychology*, 20(4), 379-390.
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Blackwell Publishing.
- Öberg, K. E. (1961). The site of the action of rotenone in the respiratory chain. *Experimental cell research*, 24(1), 163-164.
- Olaran, M. I. (2007). *Emigración Vasco-Navarra a São Paulo, Brasil 1880-1930*. Hidalguía. Año LIV, 320. 1ª parte, 17-32.
- Organista, P.B., Organista, C. K., & Kurasaki, K. (2003). The Relationship Between Acculturation and Ethnic Minority Mental Health. En K. M. Chun, Organista, P. B. & G. Marin. (Eds.), *Acculturation. Advances in theory, measurement, and applied research* (pp. 139-161). Washington: American Psychological Association.
- Ormazabal, I. E. en Urgatetxea, A., et al. (2004). Lectura pedagógica de la realidad "vasco brasileña". En *Ikastaria. Cuadernos de Educación/Eusko Ikaskuntza, Donostia*, 13, 55-137.
- Outten, H. R., Schmitt, M. T., García, D. M., & Branscombe, N. R. (2009). Coping options: missing links between minority group identification and psychological well-being. *Applied psychology*, 58(1), 146-170.
- Oyserman, D., Coon, H. M., & Kemmelmeier, M. (2002). Rethinking Individualism and Collectivism: Evaluation of Theoretical assumptions and meta-analyses. *Psychological Bulletin*, 128, 3-72.
- Páez D., González, J. L., & Aguilera, N. (2000). *Identidad cultural, Aculturación y Adaptación de los Inmigrantes Latinoamericanos en el País Vasco*. Getxo, Centro Cultural Chileno Pablo Neruda.
- Páez, D., Fernández, I., Ubillos, S., & Zubieta, E. (2003) (Eds.). *Psicología social, Cultura y Educación*. Madrid: Prentice-Hall.
- Pascoe, E. A., & Smart Richman, L. (2009). Perceived discrimination and health: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 135(4), 531.
- Penley, J. A., Tomaka, J., & Wiebe, J. S. (2002). The association of coping to physical and psychological health outcomes: A meta-analytic review. *Journal of Behavioral Medicine*, 25(6), 551-603
- PERE. (2014). *Estadística del Padrón de Españoles residentes en el extranjero a 1 de enero de 2014*. Recuperado el 09 de 02 de 2015, de INE: Instituto Nacional de Estadística: <http://www.ine.es/prensa/np833.pdf>.

- Phinney, J. S. (1996). When we talk about american ethnic groups, what do we mean?. *American Psychologist*, 51(9), 918-927.
- Phinney, J. S. (2003). Ethnic Identity and Acculturation. In K. M. Chun, P. B. Organista & G. Marin (Eds). *Acculturation. Advances in Theory, Measurement, and Applied Research*. Washington, APA.
- Piontkowski, U., Florack, A., Hoelker, P., & Obdrzalek, P. (2000). Predicting acculturation attitudes of dominant and non-dominant groups. *International Journal of Intercultural Relations*, 24(1), 1-26.
- Polek, E., & Coen, M. (2013). Parental Linguistic Adjustment or Social Status: What is More Important for Sociolinguistic Adjustment in Migrant Children in Ireland? En R. Dimitrova, M. Bender, & F. J. van de Vijver,(Eds.). *Global Perspectives on Well-Being in Immigrant Families* (Vol. 1) (pp. 171-188). Springer Science & Business Media.
- Portes, A., & Hao, L. (2004). The schooling of children of immigrants: Contextual effects on the educational attainment of the second generation. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 101(33), 11920-11927.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in multiple-mediator models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 37, 717-731.
- Prestes, T. E. M. (2006). Los estereotipos nacionales: Brasil. En En G.A. Santiago, & I.J.C. Zubieta (Eds.), *Los estereotipos nacionales de las poblaciones Del MERCOSUL y España* (pp. 83-102). Santander: T.G.D.
- Rico, A., Freire, J. M., & Gérvas, J. (2007). El sistema sanitario español (1976-2006): factores de éxito en perspectiva internacional comparada. In *Estado de bienestar y competitividad: la experiencia europea* (pp. 401-444). Fundación Carolina.
- Rodriguez, A., Betancour, V., Delgado, N.,Rodríguez, R., & Pacios, A. (2008). Los turistas nos visitan los inmigrantes nos invaden. Un estudio de la percepcion de amenaza desde el concepto de la grupalidad percibida. *Revista de Psicología Social*, 23, 41-52.
- Rodríguez, N., Bingham, C., Paez, N. D., & Myers H.F. (2007). Exploring the Complexities of Familism and Acculturation: Central Constructs for People of Mexican Origin. *American Journal of Community Psychology*, 39, 61-77.
- Rodríguez, V. B., Leyens, J. P., Pérez, A. R., & Torres, R. R. (2005). El efecto del estatus en la atribución de las dimensiones estereotípicas de sociabilidad y competencia. *Psicothema*, 17(2), 297-302.
- Rodríguez, R., & Moya, C. M. (1998). España vista desde Andalucía: estereotipos e identidad. *Psicología Política*, 16, 27-48.
- Romero, J. M. V, Capitán, A. L. H., de Menezes, L. M., da Silva, E. S., & de Matos, M. I. S. (2013). Migraciones iberoamericanas: Las Migraciones España-Brasil (fines del siglo XIX-actualidad). Universidad de Huelva. ISBN: 978-84-15633-38-9.
- Ros, M., & Gouveia, V. V. (Eds.) (2001). *Psicología social de los valores humanos. Desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Rozario, P. A., & DeRienzi, D. (2008). Familism beliefs and psychological distress among African American women caregivers. *The Gerontologist*, 48(6), 772-780.

- Ruiz Olabuénaga, J. I. (2000). *Inmigrantes*. Madrid: Acento Editorial.
- Rudmin, F. W. (2003). Critical History of the Acculturation Psychology of Assimilation, Separation, Integration, and Marginalization. *Review of General Psychology*, 7(1), 3-37.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist*, 55, 68-78.
- Sabatier, C., & Berry, J. W. (1996). Inmigración y aculturación. En R. Bourhis & J.P. Leyens, (Eds.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos* (pp. 217-240). Madrid: McGraw Hill.
- Saenger, G., & Flowerman, S. (1954). Stereotypes and Prejudicial Attitudes. *Human Relations*, 7(2), 217-238.
- Sallé, M. (2009) (Ed.). *La emigración española en América: historias y lecciones para el futuro*. Madrid: Gobierno de España, Ministerio de Trabajo y Migración.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2006). *The Cambridge handbook of Acculturation psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sangrador, G. J. L. (1996). *Identidades, actitudes y estereotipos en la España de las autonomías (resultados del estudio 2123)*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS).
- Santana, F. M. J., Lacerda, I. F., & Fontenele, J. H. (2012). Preconceito regional nas redes sociais: São Paulo x Nordeste. Disponível em [http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/B10641DE99625E3A832579DB006EED60/\\$File/Preconceito.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/B10641DE99625E3A832579DB006EED60/$File/Preconceito.pdf)
- Santiago, G. A., & Zubieta, I. J. C. (2006a). Los estereotipos nacionales: España. En G. A. Santiago, & I. J. C. Zubieta (Eds.), *Los estereotipos nacionales de las poblaciones Del MERCOSUL y España* (pp.165-206). Santander: T.G.D.
- Santiago, G. A., & Zubieta, I. J. C. (2006b). Resultados Globales. En G.A. Santiago, & I.J.C. Zubieta (Eds.), *Los estereotipos nacionales de las poblaciones Del MERCOSUL y España* (pp. 268-303). Santander: T.G.D.
- Santos de Matos, M. I. (2013). La inmigración española en São Paulo y Río de Janeiro. En J. M. Romero Valiente & L. A Hidalgo Capitán (Eds.), *Migraciones Iberoamericanas. Las Migraciones España – Brasil (fines del siglo XIX – actualidad) [Migrações Iberoamericanas. As Migrações Espanha - Brasil (final do século XIX até a atualidade)]* (pp. 75-103). Huelva/Río de Janeiro: Bonanza.
- Sanz, P. B. (2005). El nuevo reglamento de extranjeros español: el proceso de normalización (sic). *Migraciones*, 17, 252-269.
- Sarriera, J. C. (2003). Estudios actuales sobre aculturación en latinos: revisión y nuevas perspectivas. *Revista interamericana de psicología = Interamerican journal of psychology*, 37(2), 341-364.
- Schneeberger, C. A. (2003). *Minimanual Compacto de Geografia do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Rideel.
- Schneeberger, C. A., & Farago, L. A. (2003). *Minimanual compacto de geografia do Brasil: teoria e prática*. São Paulo: Rideel.

- Schwartz, S. H. (1990). Individualism–collectivism: critique and proposed refinements. *Journal of Cross-cultural Psychology, 21*, 139–157.
- Schwartz, S. H. (2001a). Value hierarchies across cultures. Talking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*(3), 268-290.
- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Value Hierarchies Across Cultures. Talking a Similarities Perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*(3), 268-290.
- Schwartz, S. J. (2007). The applicability of familism to diverse ethnic groups: A preliminary study. *The Journal of social psychology, 147*(2), 101-118.
- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations, 14*, 449-464.
- Sevillano, V., Basabe, N., Bobowik, M., & Aierdi, X. (2014). Health-related quality of life and perceived discrimination among immigrants and natives in Spain. *Ethnicity & Health, 19*(2), 178-197. doi: 10.1080/13557858.2013.797569.
- Shinnar, R. S. (2008). Coping with negative social identity: The case of Mexican immigrants. *The Journal of social psychology, 148*(5), 553-576.
- Silva, S., & Schiltz, A. (2007). A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses a construção de imagens recíprocas. In *Imigração Brasileira em Portugal*. Observatório da Imigração: ACIDI. (pp. 155-170).
- Skinner, E. A., Edge, K., Altman, J., & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin, 129*(2), 216-269.
- Smith, P.B., Dugan, S., & Trompenaars, F. (1996). National culture and the values of organizational employees: A dimensional analysis across 43 nations. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 27*, 231-264.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1993). *Social Psychology across cultures*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1998). *Social Psychology across cultures* (2a ed.). London: Prentice Hall.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1999). *Social Psychology across cultures*. London: Prentice Hall.
- Smith, T. B., & Silva, L. (2011). Ethnic identity and personal well-being of people of color: a meta-analysis. *Journal of Counseling Psychology, 58*(1), 42.
- Stefanenko, T. (1991). *Etnopsicología*. Moscú: RAN.
- Solé, C., Cavalcanti, L., & Parella, S. (2011). 27 *La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España*. Madrid: Grafo.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *The social psychology of intergroup relations, 33*(47), 74.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. En E. M. Techio & M. E. Oliveira Lima (Eds.), *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 21-75). Brasília: TechoPolitik.
- Teixeira, F. (2005). Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista Usp, 67*, 14-23.

- Triandis, H. C. (1982). Review of culture's consequences: International differences in work-related values. *Human organization*, 41(1), 86-90.
- Triandis, H. C. (1995). Individualism and Colectivism. Boulder CO: Westview Press.
- Trompenaars, F. (1994). *Riding the waves of culture. Understanding cultural diversity in business*. London: Nicholas Brealey Pub.
- Turner, J. C., Brown, R., & Tajfel, H. (1979). Social comparison and group interest in ingroup favouritism. *European Journal of Social Psychology*, 9, 187-204.
- van Oudenhoven, J. P., Mol, S., & Van der Zee, K. I. (2003). Study of the adjustment of Western expatriates in Taiwan ROC with the Multicultural Personality Questionnaire. *Asian Journal of Social Psychology*, 6(2), 159-170.
- Vázquez, C., & Hervás, G. (2009). *La ciencia del bienestar: Fundamentos de una Psicología Positiva*. Madrid: Alianza Editorial.
- Yoon, E., Chang, C. T., Kim, S., Clawson, A., Cleary, S. E., Hansen, M., & Gomes, A. M. (2013). A meta-analysis of acculturation/enculturation and mental health. *Journal of counseling psychology*, 60(1), 15.
- Ward, C. (1996). Acculturation. En D. Landis & R. Bhagat (Eds.), *Handbook of intercultural training* (pp. 124-147). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ward, C. (2008). Thinking outside the Berry boxes: New perspectives on identity, acculturation and intercultural relations. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 105-114.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1993). Where's the culture in cross-cultural transition? Comparative studies of sojourner adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 24, 221-249.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1994). Acculturation strategies, psychological adjustment, and sociocultural competence during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 18, 329-343.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. *International Journal of Intercultural Relations*, 23, 659-678.
- Ward, C., & Rana-Deuba, A. (1999). Acculturation and Adaptation Revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 422-442.
- Ward, C., & Rana-Deuba, A. (2000). Home and host culture influences on sojourner adjustment. *International Journal of Intercultural Relations*, 24, 291-206.
- Ward, C., & Searle, W. (1991). The impact of value discrepancies and cultural identity on psychological and sociocultural adjustment of sojourners. *International Journal of Intercultural Relations*, 15, 209-225.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The psychology of Culture Chock*. East Sussex: Routledge.
- Ward, C., Okura, Y., Kennedy, A., & Kojima, T. (1998). The U-curve on trial: A longitudinal study of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transition. *International Journal of Intercultural Relations*, 22, 277-291.
- Ware, J. E. , Kosinski, M. A., Turner, D. M., & Gandek, B. (2005). *How to score Version 2 of the SF-12 Health Survey*. Lincoln, Rhode Island: Quality Metric Incorporated.

- Ware, J. E., Kosinski, M. A., & Keller, S. D. (1996). A 12-Item Short-Form Health Survey: Construction of scales and preliminary tests of reliability and validity. *Medical Care*, 34(3), 220-233.
- Williams, C. L., & Berry, J. W. (1991). Primary Prevention of Acculturative Stress among Refugees: Application of Psychological Theory and Practice. *American Psychologist*, 6(46), 632-641.
- Williams, D. R., & Mohammed, S. A. (2009). Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. *Journal of Behavioral Medicine*, 32(1), 20-47.
- Willis, J., & Todorov, A. (2006). First impressions making up your mind after a 100-ms exposure to a face. *Psychological science*, 17(7), 592-598.
- Zagefka, H., & Brown, R. (2002). The relationship between acculturation strategies, relative fit and intergroup relations: immigrant-majority relations in Germany. *European Journal of Social Psychology*, 32(2), 171-188.
- Zlobina, A. (2004). Estereotipos nacionales y regionales en Europa y España [National and regional stereotypes in Europe and Spain]. In D. Páez, I. Fernández, S. Ubillos & E. Zubieta (Eds.). *Psicología social, cultura y educación* (pp. 776-789). Madrid: Prentice Hall.
- Zick, A., Wagner, U., van Dick, R., & Petzel, T. (2001). Acculturation and Prejudice in Germany: Majority and Minority Perspectives. *Journal of Social Issues*, 57(3), 541-557.
- Zlobina, A., & Paez, D. (2003). Choque cultural y percepción de las diferencias culturales en la población inmigrante en España: análisis cualitativo. *Encuentros de Psicología social*, 1(3), 210-216.
- Zlobina, A., Basabe, N., & Páez, D. (2004). Adaptación de los inmigrantes extranjeros en España: superando el choque cultural. *Revista Migraciones*, 15, 43-84.
- Zlobina, A., Basabe, N., Páez, D., & Furnham, A. (2006). Sociocultural adjustment of the immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 30(2), 195-211.



ANEXOS



Anexo 1 *Escala de Adaptação Sócio Cultural (SCAS) Reduzida*

<i>Durante sua estância na Espanha: Indique o grau de dificuldade que tem sentido ou sentiu nas seguintes situações ou aspectos: 1 (nenhuma dificuldade) a 5 (dificuldade extrema)</i>										
(1) NENHUMA DIFICULDADE	(2) ALGUMA	(3) POUCA			(4) BASTANTE		(5) EXTREMA DIFICULDADE			
<i>Época de sua chegada</i>						<i>Atualmente</i>				
1 - Fazer amigos nativos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2 – Fazer-se entender	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3 - Acostumar-se ao ritmo de vida	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4 - Fazer compras	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5 - Ir a lugares de culto religioso (igreja, templo, mesquita), praticar suas crenças religiosas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6 - Entender as brincadeiras e o sentido do humor dos brasileiros	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7 - Lidar com alguém desagradável, mal-humorado ou agressivo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8 - Acostumar-se à comida local, encontrar comida do seu gosto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9 - Lidar com a burocracia	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10 - Relacionar-se com pessoas do outro sexo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11 - Afrontar o clima	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
12 - Lidar com pessoas que te olham fixamente	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13 - Entender o acento local, a língua, o idioma	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
14 - Viver longe da sua família	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15 - Lidar com pessoas de maior status que você	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
16 - Compreender o ponto de vista da cultura local	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
17 - Conhecer pessoas desconhecidas e que te apresentem novas pessoas	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
18 - Ir ao médico	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
19 - Ser entrevistado para algo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

Fonte: de Luca et al., 2011

Dígame el nivel más alto que haya llegado usted en sus estudios:

Ninguno (no sabe leer ni escribir)	1
Estudios primarios incompletos y completos	2
Estudios secundarios incompletos y completos	3
Universitarios incompletos	4
Universitarios completos (con título)	5

¿Podría decirme cuál es su **situación** actualmente?

Aún sin permiso de Residencia	1
Con permiso de Residencia	2
Nacionalizado	3

Trabajador/a	1
Ama de casa	2
Estudiante	3
Jubilado, pensionista o rentistas	4
en paro	5
otros	6
NS/NC	7

¿Cuál su **ocupación** actual, y cual era su trabajo ahí, antes de emigrar?

	Aquí	Allí
Empresario(a)/Directivo(a) de establecimiento con 10 o más empleados		
Empresario(a)/Directivo(a) de establecimiento menos de 10 empleados		
Profesional liberal: abogado, contable, profesor etc.		
Empleado no-manual que supervisa a otros (administración y servicios)		
Empleado no-manual que no supervisa a otros (administración y servicios)		
Trabajador manual especializado (administración y servicios)		
Trabajador manual semi cualificado		
Trabajador sin cualificar		
Agricultor por cuenta propia		
Trabajador agrícola (o jornalero, temporero)		
Nunca ha tenido un trabajo		

¿Con **quién** vive aquí?:

solo	1
con otras personas o amigos	2
con familiares	3
otro	4

¿Podrías decirme cuántas personas viven en su hogar?

¿Podrías decirme cuántas personas aportan ingresos en su hogar?

Ingresos económicos de la unidad familiar:

¿Podría decirme, aproximadamente, cuáles son los ingresos que entran al mes en su hogar por todos los conceptos? Fíjese que no le pido una cifra exacta sino que se sitúe en estos intervalos:

Menor de 600 Euros (unas 100.000 pts)	1
Menor de 600 Euros (unas 100.000 pts)	2
De 1201 a 1800 Euros (entre 200.000 y 300.000 pts)	3
Más de 1801 Euros (más de 300.000 pts)	4
NS / NC	99

¿Pertenece Ud. a alguna religión?

Musulmán	1
Ortodoxo	2
Católico	3
Protestante	4
Budista	5
Hindú	6
Religión tradicional	7
Agnóstico o Indiferente	8
Ateo	9
Otro: _____	10

¿Con qué frecuencia reza a Dios fuera de los servicios religiosos? Diría usted que...

Todos los días	1
Una vez por semana	2
Mas de una vez por semana	3
Al Menos una vez al mes	4
Varias veces al año	5
Con menas frecuencia	6
Nunca	7

¿En qué medida está de acuerdo o en desacuerdo con la afirmación: "Se puede confiar en la mayoría de las personas"?:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Totalmente en Desacuerdo					Totalmente de Acuerdo						

"Algunas personas sienten que tienen completa libertad de elección y control sobre la manera en que se desarrolla su vida mientras que otras piensan que lo que hacen no produce ningún efecto real sobre lo que les sucede". Por favor, marque en la escala: ¿Cuánta libertad y control piensa Ud. que tiene sobre la manera en que se desarrolla su vida?

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ninguna en absoluto					Mucha						

En general, ¿hasta qué punto está Ud. satisfecho o insatisfecho con su vida actualmente? Por favor, marque en la escala su grado de satisfacción con la vida.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Insatisfecho					Satisfecho						

A continuación le pedimos que evalúe el grado de satisfacción que Ud. siente en relación con los siguientes aspectos, teniendo en cuenta que 1 es muy insatisfactoria y 10 muy satisfactoria.

	1= Muy Insatisfactoria				Intermedia		10= Muy satisfactoria			
1) Familia	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2) Dinero e Ingresos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3) Amigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4) Trabajo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5) Tu persona	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6) Tu Salud	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7) La vida en general	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

¿Cómo se ha sentido en el último mes?:	POCO O NUNCA	ALGUNAS VECES	BASTANTE S VECES	CASI SIEMPRE
1. ¿Se ha sentido molesto por alguien?	1	2	3	4
2. ¿Se ha sentido muy solo o distante de la gente?	1	2	3	4
3. ¿Ha sentido que las cosas sucedían como usted quería?	1	2	3	4
4. ¿Se ha sentido muy preocupado?	1	2	3	4
5. ¿Se ha sentido contento por tener amigos?	1	2	3	4
6. ¿Ha tenido miedo por lo que le pudiera suceder?	1	2	3	4
7. ¿Se ha sentido particularmente estimulado o interesado por algo?	1	2	3	4
8. ¿Se ha sentido infeliz o deprimido?	1	2	3	4
9. ¿Se ha sentido lleno de energías, plétórico?	1	2	3	4
10. ¿Se ha sentido realmente cansado?	1	2	3	4
11. ¿Se ha sentido tan inquieto que era incapaz de estar parado?	1	2	3	4
12. ¿Ha sentido que se estaba divirtiendo mucho?	1	2	3	4
13. ¿Se ha sentido realmente alegre?	1	2	3	4
14. ¿Se ha sentido con ganas de llorar?	1	2	3	4
15. ¿Se ha sentido eufórico/a?	1	2	3	4
16. ¿Se ha sentido seguro/a y confiado/a de su futuro o porvenir?	1	2	3	4
17. ¿Se ha sentido aburrido/a?	1	2	3	4
18. ¿Se ha sentido satisfecho/a por haber logrado algo?	1	2	3	4

CUESTIONARIO SF-12 SOBRE EL ESTADO DE SALUD (VERSIÓN ESTANDAR)

INSTRUCCIONES: Las preguntas que siguen se refieren a lo que usted piensa sobre su salud. Sus respuestas permitirán saber como se encuentra usted y hasta qué punto es capaz de hacer sus actividades habituales.

Por favor, conteste cada pregunta marcando una casilla. Si no está seguro/a de cómo responder a una pregunta, por favor, conteste lo que le parezca más cierto.

	1 Excelente	2 Muy Buena	3 Buena	4 Regular	5 Mala
1. En general, usted diría que su salud es:					

Las siguientes preguntas se refieren a actividades o cosas que usted podría hacer en un día normal. Su salud actual, ¿le limita para hacer esas actividades o cosas? Si es así, ¿cuánto?

	Sí Me limita mucho	Sí Me limita un poco	No, no me limita nada
2. Esfuerzos moderados , como mover una mesa, pasar la aspiradora, jugar a los bolos o caminar más de 1 hora	2	1	0
3. Subir varios pisos por la escalera	2	1	0

Durante las 4 últimas semanas, ¿ha tenido alguno de los siguientes problemas en su trabajo o en sus actividades cotidianas, a causa de su salud física?

	Sí	No
4. ¿Hizo menos de lo que hubiera querido hacer?	1	0
5. ¿Tuvo que dejar de hacer algunas tareas en su trabajo o en sus actividades cotidianas?	1	0

Durante las 4 últimas semanas, ¿ha tenido alguno de los siguientes problemas en su trabajo o en sus actividades cotidianas, a causa de algún problema emocional (como estar triste, deprimido, o nervioso)?

	Sí	No
6. Hizo menos de lo que hubiera querido hacer, por algún problema emocional?	1	0
7. No hizo su trabajo o sus actividades cotidianas tan cuidadosamente como de costumbre, por algún problema emocional?	1	0

8. Durante las 4 últimas semanas, ¿hasta qué punto el dolor le ha dificultado su trabajo habitual (incluido el trabajo fuera de casa y las tareas domésticas)?

1 Nada	2 Un poco	3 Regular	4 Bastante	5 Mucho
-----------	--------------	--------------	---------------	------------

Las preguntas que siguen se refieren a cómo se ha sentido y cómo le han ido las cosas durante las 4 últimas semanas. En cada pregunta responda lo que se parezca más a cómo se ha sentido usted. Durante las 4 últimas semanas ¿cuánto tiempo...

Casi Muchas Algunas Sólo
Siempre Siempre Veces Veces Alguna vez Nunca

9. Se sintió calmado y tranquilo?	1	2	3	4	5	6
10. Tuvo mucha energía?	1	2	3	4	5	6
11. Se sintió desanimado y triste?	1	2	3	4	5	6

12. Durante las 4 últimas semanas, ¿con qué frecuencia la salud física o los problemas emocionales le han dificultado sus actividades sociales (como visitar a los amigos o familiares)?

1 Siempre	2 Casi siempre	3 Algunas veces	4 Solo alguna vez	5 Nunca
--------------	-------------------	--------------------	----------------------	------------

Durante su estancia en el país de acogida: indique en que medida se ha sentido apoyado en sus problemas:

	NADA	ALGO	POCO	BASTANTE	MUCHO
1.- ¿Por personas de su país que viven aquí?	1	2	3	4	5
2.- ¿Por personas vascas y/o españolas?	1	2	3	4	5

Tiene amistades:

	NADA	ALGO	POCO	BASTANTE	MUCHO
1.- Tengo amistades de mi propio país, grupo cultural, étnico, etc.	1	2	3	4	5
2.- Tengo amistades de otros países, grupos étnicos, culturales (europeos de otros estados, gitanos, asiáticos, africanos, árabes, latinoamericanos de origen africano, indígena, mestizo)	1	2	3	4	5
3.- tengo amistades con españoles	1	2	3	4	5

Durante su estancia en el país de acogida: ¿Con qué frecuencia?

	NADA	POCO	REGULAR	BASTANTE
1.- ¿Se le ha hecho notar que es Ud. una amenaza económica para los españoles (quita trabajo, se aprovecha de la ayuda social etc.)?	1	2	3	4
2.- ¿Ha sido objeto de conductas hostiles que los vascos o españoles nunca utilizarían con otros vascos o españoles?	1	2	3	4
3.- ¿Se ha sentido discriminado, ha notado miradas, ha oído expresiones negativas u otras actitudes de rechazo por su aspecto físico por parte de gente vasca o española?	1	2	3	4

¿Qué opinión cree que tienen los vascos o españoles de los inmigrantes de su país?

1 Muy negativa	2 negativa	3 Regular	4 positiva	5 Muy positiva
-------------------	---------------	--------------	---------------	-------------------

¿Se considera usted desde el punto de vista del aspecto físico (piel, rasgos cara, tipo corporal, pelo, etc.) similar o parecido a las personas del país en el que reside?

1 Nada	2 Poco	3 Regular	4 Bastante	5 Mucha
-----------	-----------	--------------	---------------	------------

<i>¿Cómo le gustaría que fuesen las cosas, le gustaría mantener las costumbres de su país en:</i>	1 NADA	2 ALGO	3 POCO	4 BASTANTE	5 MUCHO
1) El Trabajo (tipo de trabajo, ritmo, horarios...),	1	2	3	4	5
2) La Familia (relaciones con la pareja, cómo se educa a los hijos los hijos/as)	1	2	3	4	5
3) Las Amistades	1	2	3	4	5
4) Creencias y costumbres religiosas	1	2	3	4	5
5) En el sistema de bienestar social (asistencia sanitaria, acceso a la educación, la sanidad y la vivienda)	1	2	3	4	5
6) En el sistema político y de gobierno (como se eligen los gobiernos, cómo se reparte la riqueza y el poder)	1	2	3	4	5

<i>Y respecto al país en el que vive ¿le gustaría adoptar y mantener de las costumbres de Aquí en:</i>	1 NADA	2 ALGO	3 POCO	4 BASTANTE	5 MUCHO
1) El Trabajo (tipo de trabajo, ritmo, horarios, condiciones laborales...),	1	2	3	4	5
2) La Familia (relaciones con la pareja, cómo se educa a los hijos los hijos/as, personas mayores de la familia)	1	2	3	4	5
3) Las Amistades	1	2	3	4	5
4) Creencias y costumbres religiosas	1	2	3	4	5
5) En el sistema de bienestar social (asistencia sanitaria, acceso a la educación, la sanidad y la vivienda)	1	2	3	4	5
6) En el sistema político y de gobierno (como se eligen los gobiernos, cómo se reparte la riqueza y el poder)	1	2	3	4	5

Viviendo en el País Vasco:	1 NADA	2 ALGO	3 POCO	4 BASTANTE	5 MUCHO
1. ¿Consume comida y bebidas de su país de origen?	1	2	3	4	5
2. ¿Habla el idioma de su país, al hablar utiliza los giros y la entonación como lo hace la gente en su país de origen?	1	2	3	4	5
3. ¿Se relaciona, pasa su tiempo libre con la gente de su país?	1	2	3	4	5
4. ¿Escucha, baila o canta música de su país?	1	2	3	4	5
5. ¿Celebra las fiestas de su país de origen?	1	2	3	4	5
6. ¿Se viste como la gente en su país de origen?	1	2	3	4	5
1) ¿Consume comida y bebidas de aquí?	1	2	3	4	5
2) ¿Habla en español, al hablar utiliza los giros y la entonación de la gente de aquí?	1	2	3	4	5
3) ¿Se relaciona, pasa su tiempo libre con la gente de aquí?	1	2	3	4	5
4) ¿Escucha, baila o canta la música de aquí?	1	2	3	4	5
5) ¿Celebra las fiestas de aquí?	1	2	3	4	5
6) ¿Se viste como la gente de aquí?	1	2	3	4	5

<i>¿Con qué frecuencia ha sentido Vd. los siguientes sentimientos o emociones por los vascos y/o españoles?</i>	NUNCA	ALGUNA VEZ	POCAS VECES	BASTANTES VECES	MUCHAS VECES
1.- Admiración	1	2	3	4	5
2.- Miedo	1	2	3	4	5
3.- Simpatía	1	2	3	4	5
4.- Inseguridad	1	2	3	4	5
5.- Desconfianza	1	2	3	4	5
6.- Incomodidad	1	2	3	4	5
7.- Indiferencia	1	2	3	4	5

Indica en qué medida está de acuerdo con la siguiente afirmación:

"Las personas de su país que viven aquí tienen la posibilidad de participar como uno más en la vida de la sociedad española"	Muy en desacuerdo 1	Poco 2	Regular 3	Bastante 4	Muy de acuerdo 5
--	------------------------	-----------	--------------	---------------	---------------------

Durante este año: ¿Ha tenido problemas, dificultades?

	NADA	POCO	REGULAR	BASTANTE	MUCHO
1.- Tramitar documentación para la Residencia en España (permiso, nacionalidad, etc.)	1	2	3	4	5
2.- Tramitar, legalizar sus papeles de estudio, trabajo, licencia conducir, etc.?	1	2	3	4	5
3.- Tramitar la documentación para la residencia en España (permisos, nacionalidad, etc.)?	1	2	3	4	5
4.- Obtener asistencia médica?	1	2	3	4	5
5.- Obtener asistencia social?	1	2	3	4	5
6.- Conseguir el trabajo que quería?	1	2	3	4	5
7.- Obtener / alquilar vivienda?	1	2	3	4	5
8.- Obtener información o asistencia en los organismos oficiales (ambulatorio, juzgado, INEM, ayuntamiento, etc.)?	1	2	3	4	5

Durante su estancia en España: Indique el grado de dificultad que ha sentido o sintió en las siguientes situaciones o aspectos: 1 (ninguna dificultad) a 5 (dificultad extrema).

1 NINGUNA DIFICULTAD	2 ALGUNA	3 POCA	4 BASTANTE	5 EXTREMA DIFICULTAD
-------------------------	-------------	-----------	---------------	-------------------------

Hasta un año - Después de un año

	Hasta un año					Después de un año				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1 Hacer amigos nativos (autóctonos)	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2 Hacerse entender	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3 Acostumbrarse al ritmo de vida	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4 Ir de compras	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5 Acudir a lugares de culto religioso (iglesia, templo, mezquita), practicar sus creencias religiosas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6 Entender las bromas y el sentido del humor de las personas autóctonas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7 Tratar con alguien que es desagradable, malhumorado o agresivo	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8 Acostumbrarse a la comida local, encontrar comida de su gusto	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
9 Tratar con la burocracia	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
10 Relacionarse con personas del otro sexo	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
11 Afrontar el clima	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
12 Tratar con personas que lo miran fijamente	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
13 Entender el acento local, la lengua, el idioma	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
14 Vivir lejos de su familia	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
15 Tratar con personas de mayor estatus que usted	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
16 Comprender el punto de vista de la cultura local	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
17 Conocer a personas desconocidas y que le presenten a nuevas personas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
18 Ir al médico	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
19 Ser entrevistado para algo	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Indique con qué frecuencia son importantes para Usted las siguientes cuestiones:

	NUNCA	ALGUNA VEZ	ALGUNAS VECES	MUCHAS VECES	CASI SIEMPRE	SIEMPRE
1. Hacer sacrificios por su familia	1	2	3	4	5	6
2. Ayudar a su familia: padres, abuelos, primos, etc.	1	2	3	4	5	6
3.- Tener a sus padres viviendo con usted cuando sean mayores	1	2	3	4	5	6
4.- Respetar y valorar a los mayores y ancianos	1	2	3	4	5	6
5.- Que los padres enseñen a los niños a respetar a los mayores	1	2	3	4	5	6
6.- Mantener las costumbres y las tradiciones de sus antepasados	1	2	3	4	5	6
7.- Pasar tiempo junto con sus familiares	1	2	3	4	5	6

Para usted, ¿qué personas forman parte de su familia? _____

Indique aquellas situaciones o acontecimientos que le han sucedido en el último año:

	SI	NO
1-Comenzó a trabajar por 1ª vez o después de largo tiempo en el paro	0	1
2-Tuvo problemas en el trabajo y/o con el jefe.	0	1
3-Fue despedido del trabajo	0	1
4-Rompió con su novio/a o relación amorosa o Separación matrimonial	0	1
5-Murió un miembro cercano de su familia (alguien con quien vivía o tenía una relación muy importante), o Murió un amigo íntimo	0	1
6-Enfermedad o accidente grave de algún miembro de su familia o de una persona cercana	0	1
7-Sufrió alguna enfermedad o accidente grave	0	1
8-Tuvo muchas discusiones o problemas con sus padres o con algún otro miembro de su familia, pareja o amigos	0	1
9-Se trasladó de domicilio, cambió de ciudad o barrio de residencia	0	1
10-Tuvo Ud. o su familia dificultades económicas importantes como una disminución de ingresos familiares, pérdida del trabajo del padre o de la madre, ruina económica, etc. Trabajador agrícola (o jornalero)	0	1
11-Fue atacado, o Sufrió alguna agresión física, sexual	0	1

Piense en el problema más importante que haya tenido en los últimos tiempos y señale qué ha hecho o hizo ante el mismo, para afrontarlo. Primero señale el tipo de problema de que se trata, relacionado con:

El trabajo	1
La regularización de su situación – papeles, etc....	2
El Racismo, Sexismo, Discriminación, Prejuicios	3
Las Dificultades culturales – diferentes formas de ver las cosas	4
Problemas personales o de salud	5
Otros _____	6

Especifique el problema: Descríbalo brevemente

¿Qué hizo para enfrentarlo?	POCO O NUNCA	ALGUNAS VECES	BASANTES VECES	CASI SIEMPRE
1. Concentre mis esfuerzos en hacer algo, intente luchar contra mi problema	1	2	3	4
2. Desarrolle un plan de acción sobre mi problema y lo seguí	1	2	3	4
3. Hable con alguien que tenía un problema similar para saber que hizo el o él/ella	1	2	3	4
4. Trate de obtener apoyo afectivo de amigos y gente próxima. Busqué simpatía y comprensión	1	2	3	4
5. Oculté a los demás lo mal que me iban las cosas	1	2	3	4
6. Me volqué en el estudio o trabajo para olvidarme de todo, actué como sino pasara nada	1	2	3	4
7. Intente guardar para mí mis sentimientos	1	2	3	4
8. Disfruté más que antes de las cosas, sucesos y experiencias diarias, busqué distraerme con ellas	1	2	3	4
9. Salí a potear o tomar unas copas para olvidar el problema o pensar menos en él.	1	2	3	4
10. Pensé y enfatice los aspectos positivos de lo ocurrido en torno al problema	1	2	3	4
11. Aprendí algo de la experiencia, crecí o mejoré como persona	1	2	3	4
12. Repasé mentalmente lo que haría o diría	1	2	3	4
13. Pensé sobre cómo podría haber hecho las cosas de forma diferente	1	2	3	4
14. Analicé mi responsabilidad en el problema y me criticqué por lo ocurrido	1	2	3	4
15. Admití que no era capaz de enfrentar o de hacer nada ante el problema y dejé de intentar resolverlo o enfrentarlo	1	2	3	4
16. Evité estar con la gente en general	1	2	3	4
17. Expresé y dejé descargar mis sentimientos y emociones	1	2	3	4
18. Intenté reducir la tensión: Bebiendo, comiendo, tomando más medicamentos o sustancias (drogas) o durmiendo más de lo habitual	1	2	3	4
19. Expresé calmada y ordenadamente lo que sentía para que los otros entendieran mi problema	1	2	3	4
20. Intenté informarme sobre mi problema para superarlo mejor	1	2	3	4
21. Trabajé para alcanzar un trato o compromiso para cambiar las cosas	1	2	3	4
22. Manifesté mi enojo a las personas responsables del problema	1	2	3	4
23. Me impliqué en actividades políticas y/o sociales relacionadas con mi problema	1	2	3	4
24. Participé en ceremonias, ritos, fiestas, conmemoraciones ...	1	2	3	4
25. Me puse en manos de otras personas para que solucionaran mi problema	1	2	3	4
26. Recé (más de lo habitual)	1	2	3	4

A continuación describimos brevemente a algunas personas. Por favor, lea cada descripción y piense hasta qué punto se parece o no se parece a usted cada una de esas personas. Ponga una "X" en la casilla de la derecha que muestre cuánto se parece a usted la persona descrita.

¿EN QUÉ GRADO SE PARECE ESTA PERSONA A USTED?						
	No se Parece a mí			Se parece a mí		
	Nada					Mucho
Tener ideas nuevas y ser creativo/a es importante para él o ella. Le gusta hacer las cosas de manera propia y original.	1	2	3	4	5	6
Para él/ella es importante mandar y decir a los demás lo que tienen que hacer. Desea que las personas hagan lo que les dice.	1	2	3	4	5	6
Piensa que es importante que a todos los individuos del mundo se les trate con igualdad. Cree que todos deberían tener las mismas oportunidades en la vida.	1	2	3	4	5	6
Para él/ella es muy importante mostrar sus habilidades. Quiere que la gente le/la admire por lo que hace.	1	2	3	4	5	6
Le importa vivir en lugares seguros. Evita cualquier cosa que pudiera poner en peligro su seguridad.	1	2	3	4	5	6
Es muy importante para él/ella la seguridad de su país. Piensa que el estado debe mantenerse alerta ante las amenazas internas y externas.	1	2	3	4	5	6
Piensa que es importante hacer muchas cosas diferentes en la vida. Siempre busca experimentar cosas nuevas.	1	2	3	4	5	6
Es importante para él/ella comportarse siempre correctamente. Procura evitar hacer cualquier cosa que la gente juzgue incorrecta.	1	2	3	4	5	6
Le parece importante escuchar a las personas que son distintas a él/ella. Incluso cuando está en desacuerdo con ellas, todavía desea entenderlas.	1	2	3	4	5	6
Cree que es mejor hacer las cosas de forma tradicional. Es importante para él conservar las costumbres que ha aprendido.	1	2	3	4	5	6
Busca cualquier oportunidad para divertirse. Para él/ella es importante hacer cosas que le resulten placenteras.	1	2	3	4	5	6
Es importante para él/ella tomar sus propias decisiones acerca de lo que hace. Le gusta tener la libertad de planear y elegir por sí mismo/a sus actividades.	1	2	3	4	5	6

¡GRACIAS POR SU COLABORACION!

Gustaríamos de invitarlo/a a participar en nuestros grupos de discusión, donde tendrán un espacio especialmente reservado para que profundicemos en temas relativos a su experiencia migratoria. Informaciones y contacto con la persona que le haya entrevistado.

Anexo 1. Estudo 4 *Sistema inicial de categorização*

Macros Categorias	Categorias	Códigos	Subcódigos	
I. PERCEÇÃO DE DIFERENÇAS	I. 1. Distancia de hierarquia	I. 1.1. Família: relação entre pais e filhos		
		I.1.2. Educação: relação entre professores e alunos		
		I.1.3. Trabalho: relação entre chefe e subordinado		
		I.1.4. Estado: relação entre funcionário, governo e cidadãos		
		I.1.5. Respeito: pelos mais velhos, anciões		
		I.1.6. Respeito: pelas pessoas com maior status social		
	I.2. Masculinidade/feminilidade	I. 2.1. Feminilidade:		I. 2.1.2. Igualdade entre mulheres e homens na sociedade (família, trabalho)
				I. 2.1.2. Valorização da harmonia interpessoal
		I. 2.2. Masculinidade		I. 2.2.1. Papéis sexuais fixos, rígidos, segregação de gênero
				I. 2.2.2. Valorar êxito, instrumentalidade
	I. 3.1. Coletivismo		I. 3.1.1. Familiaridade: valorar a família: auxilio (ajuda), obrigações, coesão	
			I. 3.1.2. Valorar o endogrupo (amigos, compatriotas) auxilio, obrigações, coesão	

1.3. Individualismo/coletivismo		I. 3.1.3. Tradição: respeito e compromisso em relação aos costumes e a cultura
		I. 3.1.4. Conformidade: seguir as normas. I. 3.1.5. Benevolência: preocupação pelas pessoas próxima.
	I. 3.2. Individualismo	I. 3.2.1. Priorizar as metas pessoais
		I. 3.2.2. Independência do grupo
		I. 3.2.3. Universalismo
I. 4. Evitar a incerteza	I. 4.1. Medo ao conflito	I. 4.1.1. Insegurança social: roubo, violações, outros
		I. 4.1.2. Insegurança emocional: medo ao desconhecido, medo de passar necessidades financeiras, outros
		I. 4.1.3. Necessidade de regras: formais e Informais
		I.4.1.4. Tolerância ou medo à diferença
I. 5. Estilo comunicativo		I. 5.1. Direto
		I. 5.2. Indireto
I. 6. Planificação do tempo e Ritmo de vida:		I. 6.1. Tempo Policrônico – esfera pública e privada
		I. 6.2. Tempo Monocrônico – esfera pública e privada
I. 7. Separação		I. 7.1. Esfera pública

		I. 7.2. Esfera privada	
	I. 8. Distância	I. 8.1. Distância física I. 8.2. Distância emocional	
	I. 9. Ambiente: clima, altura de voz, outros		
	I. 10. Orientação a curto e longo prazo		
Macros Categorias	Categorias	Códigos	Subcódigos
II. MOTIVOS PARA EMIGRAR OU PERMANECER NO PAÍS DE ACOLHIDA	II. 1. Materialismo: melhorar a situação econômica, êxito, poder		
	II. 2. Auto-desenvolvimento: aventura, novos horizontes, viagens, conhecer países		
	II. 3. Idealismo: ajudar as outras pessoas		
	II. 4. Facilitadores e inibidores: amigos, qualidade de vida, estudos, planificação familiar, etc.		
	II. 5. Reagrupação: matrimônio; filhos, esposa, outros		
	II. 6. Retorno: saudades, perda do status, outros		
Macros Categorias	Categorias	Códigos	Subcódigos
	III.1. Assimilação	III.1.1. Estratégias: Assimilação-público	
		III.1.2. Estratégias: Assimilação-privado	
		III.1.3. Estratégias: Assimilação-pautas	

III. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO		culturais
		III.1.4. Estratégias: Assimilação-linguagem
		III.1.5. Estratégias: Assimilação-outros
	III.2. Separação	III.2.1. Estratégias: Separação-público
		III.2.2. Estratégias: Separação-privado
III.2.3. Estratégias: Separação-pautas culturais		
III.2.4. Estratégias: Separação-linguagem		
III.2.5. Estratégias: Separação-outros		
III.3.1. Bicultural	III.3.1. Estratégias: Bicultural-público	
	III.3.2. Estratégias: Bicultural-privado	
	III.3.3. Estratégias: Bicultural-Pautas culturais	
	III.3.4. Estratégias: Bicultural-linguagem	
	III.3.5. Estratégias: Bicultural-outros	
III.4. Difuso - Marginado	III.4.1. Difuso - Marginado -público	
	III.4.2. Difuso - Marginado -privado	
	III.4.3. Difuso - Marginado -Pautas culturais	
	III.4.4. Difuso - Marginado -linguagem	
	III.4.5. Difuso - Marginado	

Macros Categorias	Categorias	Códigos	Subcódigos
		-outros	
IV. EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA	IV. 1. Estereótipos	IV. 1.1. Auto-estereótipo: Instrumental – Formalismo, materialismo. IV. 1.2. Auto-estereótipo: Emocional – expressividade IV. 1.3. Hetero- estereótipo/Meta- estereótipo: O que se diz de nós; percepção de prejuízo – o que eles pensam	
	IV. 2. Prejuízo e Discriminação	IV. 2.1. Trabalho, econômica IV. 2.2. Moradia IV. 2.3. Mobilidade IV. 2.4. Contato social informal; família, marido IV. 2.5. Contato social formal IV. 2.6. Fenótipo – cor da pele – traços físicos IV. 2.7. Idioma IV. 2.8. Vestimenta IV. 2.9. Denúncia - Violência IV. 2.10. Não percepção de discriminação; trato positivo, boa acolhida, etc.	
	IV. 3. Afrontamento e Atribuições: IV. 3.1 à IV. 3.5. Formas de afrontamento individual condutal	IV.3.1. Desenganche Condutual: Distanciamento do estereótipo IV. 3.2. Desenganche de comportamento - Distração IV. 3.3. Mobilidade Individual IV. 3.4. Evitar o Contato com (Prejuízo); distancia - trato frio. IV. 3.5. Busca de apoio social	

	<p>IV. 3.6. à IV. 3.14. Formas de enfrentamento individuais cognitivas</p>	<p>IV. 3.6. Desenganche Psicológico: Des-identificação</p> <hr/> <p>IV. 3.7. Desenganche Psicológico: Individualização</p> <hr/> <p>VI. 3.8. Recategorização Supra-ordenada</p> <hr/> <p>IV. 3.9. Recategorização Subordinada / Diferenciação eu/nós</p> <hr/> <p>IV. 3.10. Comparação Social Vantajosa Intra - grupo e Intra - pessoal (temporal ou não temporal)</p> <hr/> <p>IV. 3.11. Mudança de expectativa: (+ cognitiva)</p> <hr/> <p>IV. 3.12. Regulação e / ou Controle Emocional</p> <hr/> <p>IV. 3.13. Reinterpretação da realidade (como regulação emocional)</p> <hr/> <p>IV. 3.14. Internalização: Núcleo de verdade - Culpa/vergonha</p>	
	<p>IV. 3.15. à IV. 3.20. Formas de enfrentamento coletivas cognitivas</p>	<p>IV. 3.15. Criatividade cognitiva: Novo Grupo de Comparação / Comparação social vantajosa entre grupos</p> <hr/> <p>IV. 3.16. Criatividade cognitiva: Reavaliação da Dimensão de Comparação</p> <hr/> <p>IV. 3.17. Criatividade cognitiva: Novas Dimensões de Comparação</p>	

	<p>IV. 3.18. Recategorização Subordinada / Diferenciação e expulsão.</p> <p>IV. 3.19. Atribuição da Casualidade e Responsabilidade ao Prejuízo Grupal</p> <p>IV. 3.20. Privação Relativa Social central</p>	
<p>IV. 3.21. à IV. 3.23 . Formas de afrontamento coletivas condutuais</p>	<p>IV. 3.21. Competição Social / Mobilização</p> <p>IV. 3.22. Competição Realista</p> <p>IV. 3.23. Oposição / Participação Social</p>	



Universidad
del País Vasco

Euskal Herriko
Unibertsitatea

MDe

Master eta Doktorego Eskola
Escuela de Máster y Doctorado
Master and doctoral School

This dissertation examines cultural shock and socio-cultural adaptation of immigrants, particularly, Brazilians in the Basque Country. Four studies that combine quantitative and qualitative methodologies are presented. The first study analyzes the process of transculturation in foreign immigrants in the Basque Country ($N = 642$). In the second, retrospective study, with a sample of Brazilian immigrants ($N = 91$), a scale of socio-cultural adaptation difficulties (SCAS) is presented. The third study, with a design of cases and controls ($N = 94$), compares the experience of Brazilian residents in the Basque Country and Basque residents in Brazil. The fourth study analyzes the experiences reported by Brazilian immigrants in the Basque Country in three discussion groups ($N = 16$, segmented by age). A categorization system was developed with four macro-categories resulting in 267 ideas that were codified based on an inter-rater reliability (.863) and subsequently analyzed to establish the relationship between them. The results indicate a strong ethnic identification in all groups and high adjustment effort in the early stages of the migration process. Furthermore, two basic types of socio-cultural adaptation difficulties were identified: "cultural learning and communication" and "management of social distance". Time was found to be a key element in the adaptation to the new environment. That is, socio-cultural adaptation difficulties decrease with time and are associated with socioeconomic difficulties, social support and hedonic well-being. Sources of culture shock vary depending on the context and ethnic group. Brazilian minority demonstrates more difficulties in social integration. Moreover, although Brazilian and Basque immigrants share similar values such as openness to change, they have different cultural profiles. Brazilians are more collectivistic and familistic; they rely on family networks of mutual support and value hierarchy and obedience more than the Basques. Basque immigrants are more individualistic, prioritize personal promotion and power, and they are simultaneously more traditional and share a stronger ethnic identity compared to Basques. In general, individual coping strategies are more frequent than collective ones; similarly cognitive strategies are more predominant than behavioral ones. In conclusion, this thesis seeks to examine the differing perceptions of cultural differences, the process of socio-cultural learning, and ways to face acculturative stress and stigmatization among immigrants.